LEV

TOLSTOI



ANA KARENINA

KTK

Lev Tolstoi

ANA KARENINA

título original | ANNA KARÉNINA

autor | LEV TOLSTOI

tradução | VASCO VALDEZ

capa | KTTK EDITORA

imagem da capa | KONSTANTIN MAKOVSKY: RETRATO DE MARIA FEODOROVNA

paginação | KTTK EDITORA

copyright | 2018 © KTTK EDITORA PARA A PRESENTE TRADUÇÃO

isbn | 9789897786730

ESTA EDIÇÃO RESPEITA O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PERIGOSAS

Índice

PARTE 1
PARTE 2
PARTE 3
PARTE 4
PARTE 5
PARTE 6
PARTE 7
PARTE 8

Parte 1

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 1

Todos os géneros de felicidade se parecem, mas cada desgraça tem o seu caráter peculiar.

Andava em alvoroço a casa dos Oblonsky. A princesa tinha descoberto as relações amorosas de seu marido com uma precetora francesa despedida há pouco da casa e declarara que não queria viver mais sob o teto conjugal. Prolongava-se já há três dias esta situação que pesava cruelmente entre os dois esposos, sobre todos os membros da família e até chegava aos criados.

Era opinião geral, depois do que sucedera, de que devia haver mais harmonia entre a gente estranha que o acaso reúne num hotel do que entre as pessoas que compunham a família Oblonsky.

A senhora não saía dos seus aposentos; o marido passava os dias fora; os meninos corriam por toda a casa, brincando, abandonados a si próprios; a inglesa zangara-se com a aia dos pequenitos e escrevera a uma amiga para que lhe arranjasse outros alunos; o cozinheiro despedira-se no dia anterior, sem aviso prévio, à hora de servir uma refeição; a criada de quarto e o cocheiro reclamavam o pagamento dos ordenados atrasados.

Três dias depois da violenta altercação com a esposa, o príncipe Stepane Arcadievitch Oblonsky despertou à hora do costume, pelas oito da manhã, no divã do seu escritório e não no leito conjugal. Cerrou de novo os olhos, voltou-se, aconchegou os cobertores e puxou as almofadas, estendendo-se voluptuosamente; mas, de repente, sentou-se na improvisada cama esfregando os olhos com força.

Como era?... Como era?, dizia para si, tentando recordar o sonho delicioso que acabava de ter. *Alabine oferecia uma grande festa, um banquete, em Darmstadt; não, não era em Darmstadt, era numa cidade americana. Sim... muito longe... mas Darmstadt ficava na América... E Alabine oferecia um banquete em mesas de cristal, que cantavam em italiano* Il mio tesoro *e havia garrafas bojudas que eram mulheres.*

Os olhos de Stepane Arcadievitch brilharam de júbilo enquanto balbuciava sorrindo:

Era delicioso, era... mas não se consegue exprimir claramente, com palavras, ao acordar-nos. E olhando a poeira luminosa de um raio de sol que penetrava por baixo da cortina de damasco da janela, pôs os pés no chão e procurou, como de costume, as suas chinelas de cetim, recamadas de ouro, presente da sua mulher em dia de anos.

Depois, hábito antigo de nove anos, estendeu o braço, sem se levantar, para as imaginárias guardas do leito, onde devia estar estendido o seu roupão. Só então, espantado, recordou, como e porque se encontrava naquele macio divã do seu escritório; o sorriso de boa disposição desapareceu como por encanto, e começou a esfregar o nariz, preocupado.

Ah!, suspirou, ao recordar o que se tinha passado. A imaginação representava-lhe com todos os pormenores a desagradável cena que tivera com a esposa, a situação irremediável em que se encontrava por culpa sua. *Não, não me perdoa... não me pode perdoar... E o que há de mais aborrecido nisto é que fui eu a causa de tudo e não me sinto culpado. Que drama!*

Na verdade, o primeiro momento tinha sido o mais doloroso. Voltava do teatro, feliz, satisfeito, trazendo para a mulher uma gulodice, uma pera doce das que ela apreciava tanto; não a encontrara na sala, fora depois ao quarto, e, dera com ela, transtornada, a ler a carta fatal que tudo lhe havia revelado.

Ela, a sua Dolly tão ocupada sempre na direção da casa, ela que parecia tão ingénua, tão pouco perspicaz, estava sentada, a carta na mão, olhando-a, revirando-a nos dedos, com uma expressão de terror, de desespero, de indignação.

— Que é isto? — perguntou-lhe, mostrando a carta, amarfanhada pelos seus dedos nervosos.

Stepane Arcadievitch ficara aterrado e hesitante. Não era o facto, em si, que agora o impressionava, mas a forma como se defendera daquela falta aos olhos da mulher. Como quem recebe, de súbito, uma notícia trágica, faltara-lhe o tempo para tomar uma expressão própria do momento. Assim, em vez de se mostrar ofendido, de negar, de justificar-se, de pedir perdão, de ficar indiferente — o que seria preferível — a sua fisionomia tomou involuntariamente um ar alegre, (a ação reflexa, pensou Stepane Arcadievitch, que gostava de psicologia) um sorriso amorável veio-lhe aos lábios.

Era precisamente este sorriso idiota que ele não podia perdoar-se nunca.

Dolly também estremecera ao observá-lo, como ferida por uma dor intensa, e depois recriminara-o num impulso colérico, numa voz angustiosa, para novamente se exaltar e correr para os seus aposentos onde se isolara. Não queria tornar a vê-lo.

A minha desgraça foi aquele sorriso!, pensou Stepane. *Mas que hei de eu fazer?... Que hei de eu fazer?*, repetia sem encontrar solução.

Capítulo 2

Stepane Arcadievitch era sincero para consigo e incapaz de sentir remorsos pelo seu procedimento: como podia um homem de trinta e quatro anos, como ele, arrepender-se de não estar já apaixonado pela mulher, mãe dos seus cinco filhos vivos e companheira dedicada, embora de muitos anos? Não; só se arrependia de uma coisa estúpida: de não ter sabido ocultar a sua infidelidade. Stepane Arcadievitch supusera sempre que Dolly de nada suspeitava ou que sabia tudo mas fechava os olhos.

Por um sentimento de justiça, poderia ter-se tornado indulgente, porque na verdade não devia ignorar que estava velha, e pouco de apetecer, com os seus achaques e as suas rabugices. Todo o valor de Dolly consistia em ser uma boa mãe, qualidade que não é rara, sem possuir nenhum desses dotes que elevam uma mulher e a destacam das outras.

Julgara tudo isto, mas enganara-se redondamente.

— É terrível! — soltava agora com um suspiro, sem encontrar nada que o consolasse. — E afinal éramos tão felizes! Ela vivia contente, tranquila com os filhos e eu deixava-a em completa liberdade na direção da casa. Era uma rainha. Foi pena que a *outra* viesse para precetora dos pequenos. Foi pena!

Realmente não é decente fazer a corte à professora dos nossos filhos... Mas... que mulher!, recordava desvanecido os olhos negros perturbadores e o sorriso provocante de Mlle. Roland. De resto enquanto ela estivera no palácio não se tinha permitido nenhum atrevimento grande... fora depois! Entretanto era preciso tomar uma resolução.

— Que devo fazer agora?...

A resposta que se lhe oferecia era a que sugere, naturalmente, a vida às perguntas mais difíceis e complicadas depois de uma catástrofe: esquecer. Mas não podendo encontrar nos sonhos esquecimento mais que para a noite, era preciso, durante o dia, converter a vida nalguma coisa parecida com um sonho.

Veremos mais tarde, pensou, decidindo-se a deixar o leito daquela noite. Vestiu o roupão cinzento guarnecido com seda azul, atou os cordões na cintura, aspirou com força o ar num espreguiçamento e com o passo seguro que lhe era habitual aproximou-se da janela, levantou as cortinas para a luz entrar francamente na confortável sala e tocou para o criado.

Matvei, criado e velho amigo da casa, entrou imediatamente trazendo o fato do príncipe, as botas e um telegrama; logo atrás assomou à porta o barbeiro com o estojo dos apetrechos debaixo do braço.

— Trouxeram alguma coisa do Tribunal? — perguntou Stepane Arcadievitch, tomando das mãos do velho o telegrama, enquanto se sentava diante do espelho.

— Uns papéis que deixei sobre a mesa — respondeu Matvei, dirigindo ao amo um olhar cheio de simpatia; e ao cabo de uma pausa, esboçando um sorriso de inteligência: — Vieram da parte das carruagens...

Stepane não respondeu; olhou no espelho fixamente o criado, de um modo que mostrava, como se compreendiam bem.

Porque me dizes isso?, parecia Oblonsky perguntar.

Matvei, com as mãos nos bolsos do seu casaco muito curto respondeu alto, sorrindo:

— Aconselhei-os a voltarem no próximo domingo e a que não incomodassem o senhor inutilmente.

Stepane abriu então o telegrama e ao lê-lo o rosto iluminou-se-lhe de júbilo:

— Matvei, minha irmã Ana Arcadievna, chega amanhã — disse segurando um momento a mão do barbeiro que já lhe penteava a barba loura, cuidadosamente.

— Bendito seja Deus! — exclamou o velho servo, com um tom de voz que se percebia como compreendera a importância daquela notícia.

Ana Arcadievna, a irmã mais querida de Stepane, poderia contribuir poderosamente para a reconciliação dos patrões.

— Vem só, ou vem também o senhor?... — informou-se Matvei.

Stepane não podia responder neste momento porque o barbeiro se tinha apoderado do seu lábio superior, mas levantou um dedo. Matvei fez um sinal de compreensão, olhando o amo no espelho.

— Sozinha. Será preciso preparar os seus aposentos no segundo andar?

— Onde Daria Alexandrovna mandar.

— Daria Alexandrovna? — repetiu Matvei com ar de dúvida.

— Sim, leva-lhe este telegrama; veremos o que diz.

Quer sondá-la, pensou Matvei enquanto respondia simplesmente:

— Está bem.

Stepane, já penteado e lavado, dispunha-se a vestir depois da saída do barbeiro, quando Matvei voltou com o telegrama na mão e um ar desapontado:

— Daria Alexandrovna encarregou-me de dizer que vai partir e que o senhor pode dispor da casa como lhe aprouver.

E o velho servo, depois de ter terminado, ficou-se a olhar para o amo com as mãos nas algibeiras, abanando a cabeça ligeiramente. Este ficou um momento silencioso. Um sorriso condescendente veio-lhe depois aos lábios.

— O que pensas tu de tudo isto? — interrogou meneando um pouco a cabeça.

— Não se apoquente o senhor; tudo se arranjará — respondeu Matvei com firmeza.

— Parece-te?

— Tenho a certeza, senhor.

— Também creio — exclamou o príncipe. Depois sentindo que pela porta roçava um vestido de mulher: — Quem é?

— Sou eu, senhor — cantou prontamente uma voz feminina, aguda e agradável, ao mesmo tempo que aparecia o rosto gracioso da aia dos pequenitos.

— O que é, Matrona? — inquiriu Stepane aproximando-se dela.

Matrona Filomenovna hesitou um momento e logo com timidez:

— O senhor devia ir ter com a senhora e pedir-lhe perdão; talvez que Deus se mostrasse misericordioso e tudo ficasse em bem. A senhora está desesperada, faz pena vê-la; ninguém nesta casa tem alegria. É preciso pensar nos meninos, senhor!

— Bem, bem. E ela receber-me-á?

— Em todo o caso o senhor fará tudo o que puder. Deus é misericordioso. Peça o senhor a Deus!

— Pois seja. Eu vou daqui a pouco — prometeu Stepane ruborizando-se, enquanto se desembaraçava do roupão num movimento brusco.

Matvei que tinha nas mãos já preparada a camisa do amo e que assoprava do peitilho reluzente umas manchas imaginárias de pó, ajudou a vestir

Stepane, ansioso pelo que ia suceder.

PERIGOSAS

Capítulo 3

Apenas se aprontou, Stepane começou a perfumar-se, endireitou os punhos da camisa, meteu nos bolsos os cigarros, a carteira, os fósforos, o relógio, impregnou do mesmo perfume delicado o lenço e apesar dos seus desgostos sentiu-se animado e bem-disposto. Dirigiu-se à casa de jantar onde o aguardava o café a fumegar na chávena junto de um monte de cartas e jornais.

Abriu as cartas. Uma delas, um tanto desagradável, era de um negociante que comprava a lenha de uma das propriedades de sua esposa; urgia vender aquela lenha, mas sem que se fizesse a reconciliação, era isso impossível pela falta da assinatura de Dolly. A ideia dos interesses que vinha assim confundir-se nos seus desgostos domésticos irritou-o.

Depois de ter lido toda a correspondência, Stepane tomou algumas notas no seu livro de lembranças e começou a sorver o café a pequenos tragos, passando os olhos pelos jornais da manhã que costumava ler.

O jornal que Stepane Arcadievitch assinava era liberal e, sem pecar por avançado, afirmava uma tendência que dizia bem com as aspirações da maioria do público. Embora Oblonsky não se preocupasse seriamente com as artes nem com a política, não deixava de concordar com a opinião do seu jornal em todas as questões e não mudava de modo de ver senão quando a opinião geral variava.

Adotava opiniões como se adota a moda de um chapéu, ou de um fato, indiferentemente, porque todos as tinham adotado também, e porque vivendo numa sociedade em que é necessária uma certa atividade intelectual, as opiniões lhe eram tão indispensáveis como os chapéus. Se se inclinava para as ideias liberais e combatia os defensores das conservadoras, não era porque achasse mais razoáveis os liberais, mas porque as opiniões destes se coadunavam melhor com o seu género de vida.

O partido liberal sustentava que ia tudo muito mal na Rússia e era este

precisamente o caso de Stepane, que tinha muitas dívidas e pouco dinheiro. O partido liberal pretendia que o matrimónio é uma instituição caduca, que necessita de uma reforma urgente e, para Oblonsky, realmente, a vida conjugal oferecia poucos atrativos, o que o obrigava a ser infiel, a mentir e a dissimular, duas coisas que repugnavam ao seu caráter. Os liberais diziam ou davam a entender que a religião é apenas um freio para a parte inculta da sociedade e Stepane, que não podia assistir a nenhuma solenidade religiosa sem se aborrecer, não compreendia como se se podia preocupar tanto com a vida futura quando a presente é tão bela.

Por isto, por esta grande afinidade de sentimentos, inclinava-se para os liberais e lia um periódico liberal. As tendências liberais chegavam a ser para ele um hábito; queria ao seu jornal como aos seus cigarros.

Desdobrado o periódico, percorreu-o com prazer e começou a ler o artigo de fundo, todo doutrinário, acerca do injustificado alarme que produz na nossa época a marcha triunfante do radicalismo e afirmando a falta de razão dos que entendem que o governo deve tomar enérgicas medidas para aniquilar a *hidra revolucionária.* Leu depois com menos atenção outros artigos. Preocupado como estava pela sua difícil situação, pensando no conselho de Matrona, tomava pouco interesse pela leitura e quase percorria as linhas com os olhos, materialmente. Saber que o conde de Beust tinha partido para Wiesbaden; que «só tem cabelos brancos quem quer»; que se vendia um ótimo trem etc., nenhuma destas bisbilhotices lhe davam a satisfação tranquila e ligeiramente irónica que de ordinário sentia. Terminada a leitura tomou outra chávena de café com *kallatch* e manteiga, levantou-se, sacudiu as migalhas que lhe tinham caído sobre o fato e sorriu satisfeito, ainda que não tivesse motivo para contentamento. Era aquele sorriso resultado de uma boa digestão, mas depressa voltou à consciência dos seus desgostos e começou a refletir. As vozes argentinas dos pequenitos que se acercavam da porta distraíram-no, por um momento, dos seus pensamentos. Reconheceu a voz de Gricha, seu filho primogénito, e a de Tânia, a mais pequena. Arrastavam pelo chão, preso por um cordel, um brinquedo que até ali não lhes tinham facultado.

Isto vai mal, já os pequenos fazem o que querem; não têm cuidado com eles.

Chamou-os. Eles deixaram por um instante a brincadeira e correram para o pai, mais vivamente Tânia, que era a preferida. A pequenina abraçou-o

muito, beijou-o, divertindo-se a aspirar o perfume, bem seu conhecido, da sua barba loura. Depois numa reviravolta fez um movimento para se desprender e fugir para junto do irmão. Stepane deteve-a.

— O que faz a mamã? — perguntou-lhe, acariciando-a. E para o pequeno que se tinha aproximado: — Bons dias!

O príncipe gostava muito mais da filha, mas fazia sempre por dissimular essa preferência, que, no entanto, não escapava ao pequeno.

— A mamã já se levantou — disse Tânia.

Stepane deixou escapar um suspiro.

Não dormiu, provavelmente, pensou.

— Está bem-disposta?

Tânia sabia que se tinha passado qualquer coisa séria entre seus pais, que a mãe não podia estar alegre e notou que seu pai fingia ignorá-lo fazendo aquela pergunta. Ruborizou-se e Stepane, que a fitava, corou também, compreendendo-a.

— Não sei — respondeu passado um momento a pequenita. — Não quer que tenhamos hoje as nossas lições e mandou-nos com *miss* Hill para casa da avozinha.

— Pois vai, minha filha... Mas espera — acrescentou acarinhando-a e procurando sobre o fogão uma caixa de doces que deixara ali a noite anterior. Tirou dois bombons dos maiores, dos mais apetitosos, e deu-lhos.

— Para mim e para Gricha? — interrogou Tânia.

— Sim, sim. — E depois de lhe afagar as faces e beijar os cabelos deixou-a ir.

Matvei entrou.

— Veio uma senhora, de carruagem, que deseja falar ao senhor...

— Há muito tempo?

— Há meia hora.

— Quantas vezes te tenho dito que me avises logo, quando alguém me procure?

— Ainda o senhor não tinha tomado o café — justificou, imperturbável, o criado.

— Bem, manda entrar — disse Oblonsky aborrecido.

A visita, mulher de um capitão do exército, pedia uma coisa impossível e que nada tinha com Stepane, mas este, que a recebera cortesmente, mandando-a sentar, ouviu-a até ao fim sem a interromper. Disse-lhe a quem

se devia dirigir e escreveu-lhe uma carta de recomendação para quem podia servi-la.

Quando a mulher do capitão saiu, Arcadievitch tomou o chapéu, mas deteve-se antes de sair como que perguntando a si próprio se tinha esquecido alguma coisa importante. Tinha-se esquecido, com efeito, daquilo de que não desejava recordar-se: a visita a sua mulher. A sua simpática fisionomia carregou-se, verdadeiramente descontente.

— Devo ou não devo ir? — perguntou para si, baixando a cabeça. Uma voz interior dizia-lhe que não fosse porque não havia a esperar de semelhante entrevista mais do que mentira e falsidade. Poderia acaso conseguir que Dolly se mostrasse para ele como era dantes ou, pela sua parte, comprometer-se a deixar de ser rapaz e de amar?

— No entanto isto assim não pode continuar — pensou esforçando-se por cobrar ânimo.

Puxou de um cigarro, acendeu-o, deu-lhe duas chupadas com vontade, atirou-o depois para um cinzeiro de madrepérola e, atravessando o salão a largos passos, abriu uma porta que comunicava com os aposentos de sua mulher.

Capítulo 4

Daria Alexandrovna, vestida com simplicidade, ainda em traje matinal, procurava qualquer coisa num armário aberto; as gavetas de todos os móveis haviam sido despejadas, no chão havia montes de objetos variados, numa confusão enorme. Daria não se penteara; compusera rapidamente os cabelos para não a incomodarem, apesar de muito menos fartos do que tinham sido. Estava visivelmente agitada e nos seus olhos encovados de um círculo vermelho, de chorarem tanto, pairava uma expressão de terror. Quando pressentiu o passo do marido, mordeu os lábios com força e voltou-se para a porta numa atitude altiva, resolvida a ocultar, sob uma expressão severa e de desprezo, a perturbação que a sua presença lhe ia causar.

Havia três dias que procurava em vão reunir as suas roupas e as dos filhos para ir refugiar-se em casa da mãe, compreendendo que era indispensável castigar de algum modo o infiel, ou pelo menos humilhá-lo, fazê-lo compartilhar do mal que lhe tinha feito. Mas se mil vezes repetia que o desprezava e o queria abandonar, não se sentia com forças para executar esta decisão, conhecendo que não podia deixar de o considerar seu marido e que nunca deixaria de o amar.

Para mais pensava que, se em sua casa já tinha não poucas dificuldades para educar devidamente os pequenos, estas dificuldades aumentariam onde quer que fosse refugiar-se. O mais pequenino estava um pouco indisposto por causa da desordem que reinava em casa e os outros andavam moles porque no dia anterior quase não tinham comido.

Apesar de tudo, mesmo sabendo que lhe faltaria coragem para partir, Daria tratava de distrair-se arrumando as suas roupas e as dos filhos.

Ao abrir-se a porta do quarto onde se encontrava, continuou a sua incerta e confusa tarefa sem levantar a cabeça até que o marido se lhe colocou ao lado. Então em vez de lhe mostrar a expressão severa com que tinha resolvido recebê-lo, voltou para o outro lado o rosto, que empalidecera

subitamente numa impressão dolorosa e indecisa.

— Dolly — disse-lhe o marido docemente, com ar submisso.

Ela dirigiu-lhe um olhar rápido e, ao vê-lo tão jovem, tão elegante, pensou, mortificada, que enquanto ela sofria ele não perdera a tranquilidade habitual, antes parecia alegre. Contraíram-se-lhe os lábios nervosamente.

— O que quer o senhor? — perguntou-lhe em tom áspero.

— Dolly! — repetiu ele, comovido. — Ana chega hoje.

— Não me importa. Não a recebo.

— No entanto é preciso, Dolly!...

— Deixe-me, senhor... Deixe-me! — gritou sem o olhar e como se aquele grito procedesse de uma dor que subitamente a ferisse.

Stepane tinha podido ficar tranquilo, longe da esposa, com as suas esperanças de êxito quando tentasse a reconciliação, mas ao vê la assim de perto, com o rosto transtornado e a garganta apertada pela comoção, ao ouvir aquele grito de desespero, sentiu o peito oprimido. Atravessou-o um arrepio de pesar e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

— Por amor de Deus, Dolly, que te fiz eu?! — E não pôde continuar porque um soluço deixou-o sem alento.

Ela fechou violentamente o armário e olhou-o com demora, sem uma palavra.

— Dolly! O que posso dizer-te?! Perdoa-me! Repara que não se podem esquecer num minuto os nove anos da nossa vida que decorreram depois de nos casarmos!...

Daria baixou os olhos e ficou-se a escutá-lo com o ar de quem espera ser convencido.

— Foi um momento de exaltação... — acrescentou ele e quis continuar, mas os lábios de Dolly tremeram convulsivamente, todo o seu corpo vibrou.

— Deixe-me! Saia daqui — gritou ela com mais força — e não me fale dos seus desvarios, das suas baixezas.

Ficou esgotada com o esforço e teve de apoiar-se a um móvel para não cair. O rosto de Oblonsky também se anuviou, acusando uma comoção mais intensa, e duas lágrimas começaram a descer vagarosamente pelas suas faces descoradas até se perderem na barba lustrosa.

— Dolly! — tornou numa súplica. — Por amor de Deus pensa nos nossos filhos; eles não têm culpa; castiga-me só a mim, diz-me como poderei expiar a minha falta, estou disposto a tudo. Vês? Não sei mesmo como dizer-

te o meu remorso por te fazer sofrer! Dolly, peço-te perdão...

A pobre senhora sentou-se e ele, ouvindo a sua respiração alta, anelante, sentiu-se movido de piedade.

A aflição não a deixava falar. Arcadievitch também ficara silencioso.

— Não te preocupas com os filhos senão quando te convém lembrar-me dessa prisão; já eu tenho sempre pensado neles porque sei o que perderiam — disse ela por fim, repetindo uma das frases de efeito que tinha preparado durante os seus três dias de isolamento.

Tratava-o por tu e ele, animado, fez um movimento para lhe tomar a mão. Daria retirou-a vivamente.

— Farei toda a espécie de sacrifícios por meus filhos, mas ainda não tomei uma resolução. Devo acaso levá-los para longe de seu pai? Poderei deixá-los junto de um desgraçado? Depois do que sucedeu, diga-me o senhor se podemos viver juntos. É possível? Fale — disse-lhe levantando mais a voz.

— Mas... que fazer? — balbuciou Stepane desconsolado, desorientado, baixando a cabeça sem saber o que dizia.

— Inspira-me ódio e repugnância — gritou Dolly animando-se cada vez mais. — As suas lágrimas são fingidas, porque o senhor nunca me teve amor. É um homem sem honra e sem coração. O senhor, para mim, não é mais do que um estranho, nada mais do que um estranho!...

E repetia, acentuando todas as sílabas, a palavra *estranho*, tão terrível para ela.

Stepane olhava-a surpreendido e cada vez mais assustado, sem compreender que era a sua compaixão que a irritava. Dolly sabia muito bem o que era o sentimento que lhe demonstrava, porque todo o amor que ele lhe tivera se tinha desvanecido. Daí aquela dor desesperada. Naquele momento um dos pequenitos começou a chorar no quarto ao lado e a fisionomia de Daria Alexandrovna dulcificou-se como se andasse longe da realidade e voltasse a ela de repente; titubeou um instante e logo, levantando-se de pronto, correu para a porta.

Adora o meu *filho,* pensou Oblonsky observando o efeito produzido pelo pranto do pequenino. *Como poderá odiar-me?*

— Dolly, uma palavra! — insistiu, seguindo-a.

Ela então estacou, numa atitude severa.

— Se me segue chamarei os criados, os pequenos, e todos saberão que o

senhor é um miserável. Vou partir hoje mesmo para o deixar aqui à vontade com a sua amante! — E saiu fechando a porta com estrondo atrás de si.

Stepane suspirou, limpou o suor das fontes e saiu cabisbaixo do aposento.

Matvei diz que tudo se arranjará, mas eu não sei como. Isto é terrível! Que gritos e que linguagem tão ordinária, disse para si recordando as palavras «miserável» e «amante». *Contanto que os criados não tenham ouvido nada disto!*

Seguiu pensando: *Se Matvei se engana! Se isto não se* arranjasse *nunca!* E chamou alto:

— Matvei, manda preparar os aposentos para minha irmã!

— Perfeitamente — respondeu o velho servo que acorrera logo ao chamamento. — O senhor janta em casa? — perguntou enquanto o ajudava a vestir o sobretudo de peles.

— Não sei; pega lá para os gastos! — disse tirando da carteira uma nota de dez rublos. — Chega?

— Se não chegar remediar-nos-emos — tranquilizou Matvei fechando a portinhola da carruagem onde o amo entrara. E voltou para casa.

A este tempo, Dolly que notara a saída do marido, voltou para o seu quarto onde estava mais ao abrigo das impertinências da criadagem. A inglesa e a aia dos filhos tinham-na moído com perguntas logo de manhã: como deviam vestir os meninos; se podiam dar leite ao pequerrucho; como se havia de tomar outro cozinheiro; etc. «Deixem-me sossegada, deixem-me!» era a única resposta de Daria.

Sentada agora na mesma cadeira em que falara ao marido, com as mãos cruzadas sobre o peito começou a relembrar o borrascoso colóquio de momentos antes, e a meditar na sua situação.

Teria ele rompido com *ela?* Voltaria a vê-la? Foi tolice não lho ter perguntado!

Mas em todo o caso não podiam viver juntos mais um dia. Ainda que fossem forçados a isso... pelas conveniências e se abrigassem sob o mesmo teto, ficariam para sempre separados.

Repetia alto com uma insistência firme estas últimas palavras tão cruéis para o seu coração de amorosa:

— Quanto o amava! Quanto o amo ainda! Infelizmente talvez nunca o amasse tanto. E o pior...

A entrada de Matrona Filomenovna interrompeu as suas meditações.

— Senhora, pelo menos mande chamar meu irmão, que ele se encarregará da comida! Não vá acontecer como ontem que os meninos não puderam comer às suas horas...

— Está bem — fez Dolly mais aliviada — vou dar as ordens necessárias. Mandas comprar leite fresco?

E levantando-se resoluta entregou-se às suas ocupações caseiras, como qualquer burguesinha, procurando esquecer assim as suas grandes mágoas.

Capítulo 5

Stepane Arcadievitch tinha estudado bastante, mas, ainda que inteligente, fora sempre o último da classe, pelo seu génio folgazão e distraído.

Uma vez terminada a sua carreira, apesar de ter sido um libertino, conseguiu um bom lugar na magistratura, devido à proteção do seu cunhado Alexei Alexandrovich Karenine, um dos membros mais influentes do ministério; fora logo nomeado presidente de um tribunal de Moscovo, um dos lugares mais altos e rendosos da escala.

Mas apesar dos seus belos honorários, do seu património opulento e ainda do magnífico dote de sua mulher, Stepane estava sempre sem dinheiro e crivado de dívidas. Vivia na melhor sociedade da Rússia e estava aparentado ou era amigo de metade da população elegante de S. Petersburgo e de Moscovo. Uma parte da gente da corte tinha sido amiga de seu pai e conhecia-o de pequeno, outra parte era do seu tempo e tratava-o por tu, a última formava o poderoso núcleo dos «seus bons amigos».

Contava pois com o apoio e a dedicação de todos os que poderiam distribuir os bens deste mundo na forma de empregos, pensões, mercês benéficas, etc. Assim, não encontrou dificuldade nenhuma em alcançar uma posição vantajosa. Não havia mais do que evitar as invejas pela sua nomeação de favor, mas isso não lhe era difícil atendendo ao seu feitio cativante. Ninguém lhe podia recusar neste caso o cargo ou rendimento que pretendia.

O que pedia de extraordinário? Nem mais nem menos do que obtinham os outros e sentia-se tão capaz como eles de cumprir com as suas obrigações.

Stepane Arcadievitch não era só estimado pelo seu caráter jovial e pela sua franqueza, mas porque cultivava mesmo o cumprimento, agradando a todos pela sua delicadeza e pelo seu físico simpático.

Depois de ocupar por três anos o cargo de presidente do tribunal, tinha conquistado não só a amizade, mas também a consideração dos seus colegas

inferiores e superiores e de todas as pessoas com quem estava em contacto pelas suas ocupações.

As qualidades, que principalmente lhe acarretavam a estima geral, eram em primeiro lugar uma grande indulgência para todos, fundada no sentimento dos próprios afetos; em segundo lugar um liberalismo absoluto que o fazia agradável para todas as pessoas sem distinção de categorias; em terceiro lugar uma completa imparcialidade, ou melhor, indiferença pelos assuntos de que se ocupava, o que lhe permitia não se apaixonar nunca e, portanto, ser justo.

Ao chegar ao tribunal, naquele dia, dirigiu-se imediatamente para o seu gabinete seguido por um oficial de diligências que com a maior gravidade lhe levava a sua pasta e o ajudou a vestir a toga antes de passar à sala das sessões. Os empregados de serviço levantaram-se todos à sua passagem e saudaram-no respeitosamente. Stepane apressou-se como sempre a tomar o seu lugar enquanto apertava cordialmente as mãos dos seus colegas do Conselho. Disse uma frase a um, uma palavra a outro e abriu a sessão.

O secretário acercou-se então respeitoso, mas à vontade, e apresentou-lhe uns documentos dizendo no tom *familiar e liberal* em que ele queria que se lhe dirigissem:

— Conseguimos por fim os esclarecimentos que desejávamos da administração do governo de Penza; se mo permitis, dou-vo-los a ler.

— Finalmente! — exclamou rasgando a cinta. — Vamos agora, meus senhores...

Começou a sessão. Stepane, que mantinha a sua linha impecável de sempre, pensou um momento, preocupado: *Se pudessem imaginar a situação em que se encontrava, há meia hora, o seu presidente!* Mas logo se desvanecia a ligeira preocupação, voltando-lhe a serenidade.

O Conselho devia durar, sem interrupção, até às duas horas da tarde, mas ainda elas não tinham batido quando se abriram as altas portas do Tribunal e uma pessoa apareceu nos umbrais.

Todos os membros do Conselho, ante este pequeno incidente que os distraia da sua grave tarefa se tinham voltado para aquele ponto, mas já o oficial de serviço na sala tinha feito sair o intruso fechando a porta sobre ele.

Terminada a sessão, Stepane ergueu-se, puxou dos cigarros e ofereceu-os aos seus colegas mesmo na sala, antes de voltar ao seu gabinete. Dois dos magistrados acompanharam-no; um era Nikitine, veterano na Administração e o outro Grinevitch gentil-homem da Câmara.

— Podemos terminar depois de tomarmos alguma coisa — disse Oblonsky.

— Está claro — apoiou Nikitine.

— Esse Famine deve ser um grande patusco — disse Grinevitch aludindo a uma das personagens do processo que tinham examinado.

Stepane fez um movimento como para dar a entender que não era conveniente emitir juízos antecipados e, sem lhe retorquir, perguntou para o oficial:

— Quem foi que entrou na sala?

— Um importuno que perguntava por S. Exa....

— Onde está?

— Provavelmente no vestíbulo, porque o vi ali há pouco... Ah! Ele aí vem — acrescentou o oficial designando um homem robusto de barba frisada, muito crescida, que subia a escada sem ter tirado o boné de peles.

Um amanuense que levava uma pasta debaixo do braço olhou-o dos pés à cabeça e voltou-se para interrogar Oblonsky com um olhar.

Este, que se tinha detido junto da escada, pareceu reconhecer o visitante.

— É ele, sem dúvida! — exclamou com um sorriso afetuoso, ainda que levemente irónico. — Levine! Como te lembraste de vir procurar-me aqui? — disse-lhe abraçando-o com efusão. — Há muito tempo que me esperas?

— Não há muito; tinha grande vontade de te ver — respondeu Levine, timidamente, olhando em volta com ar de desconfiança.

— Vamos para o meu gabinete — propôs Stepane, que conhecia a rústica timidez e ao mesmo tempo o orgulho do seu amigo; e como se fosse livrá-lo de um perigo, conduziu-o pela mão.

Stepane Arcadievitch tratava por tu quase todos os seus conhecidos, tanto aos velhos de sessenta anos como aos jovens de vinte, aos atores como aos ministros, aos comerciantes como aos generais.

Quando em presença dos seus subordinados via um dos seus amigos, desses que chamava a sorrir *vergonhosos,* empregava sempre a maior cautela para os furtar a uma impressão desagradável. Levine não entrava no número dos seus amigos *vergonhosos* sendo um seu companheiro de infância num meio aristocrático; mas Oblonsky conhecia que não era de boa política fazer-lhe grandes demonstrações de intimidade diante de todos e por isso apressou-se a conduzi-lo ao seu gabinete.

Levine tinha pouco mais ou menos a idade de Oblonsky e tratava-o

familiarmente, não só pela sua longa convivência, mas porque se estimavam muito a despeito da diferença dos seus carateres e costumes. Como sucede amiúde com homens cuja esfera de ação é muito diferente, cada um, sem se atrever a condenar em absoluto o caminho seguido pelo outro, censurava-o no fundo na sua alma, acreditando que a vida por ele adotada era a única razoável.

Ao ver Levine, Oblonsky não pôde reprimir um sorriso irónico. Sempre que o via vir do campo onde se ocupava «nalguma coisa», não sabia bem em quê, lamentando-se sempre de imaginárias dificuldades, trazendo sempre pontos de vista e ideias novas e inesperadas sobre todas as coisas e sobre a vida em geral, Stepane ria-se enquanto Levine, enojado censurava pela sua parte o género de vida que o outro levava em Moscovo.

Oblonsky ouvia-o sempre alegremente, acolhendo os seus sarcasmos com o aprumo de um homem que sabe ter escolhido o melhor caminho, deixando-o pelo contrário a rir com certa inquietação quando se voltava contra ele.

— Esperávamos-te há muito tempo! — disse Stepane ao entrar no seu gabinete — Mas como estás? Que fazes? Quando chegaste?

Levine ficou silencioso, observando os dois colegas de Oblonsky. As mãos do elegante Grinevitch, muito brancas e macias, dedos afilados, unhas róseas, e os grandes botões de diamantes que brilhavam nos punhos da sua camisa absorviam-lhe visivelmente toda a atenção.

Oblonsky, notando-o, sorriu.

— Permiti-me, senhores, que vos apresente os meus dois colegas Felipe Ivanitch Nikitine e Miguel Stonilavovitch Grinevitch — e voltando-se para designar Levine: — Um grande proprietário rural, um homem que se ocupa dos negócios do *Semstvo*, um ginasta que levanta enormes pesos com uma só mão, um caçador famoso, o meu amigo Konstantin Dmitrievitch Levine, irmão de Sergei Ivanitch Kosnichev.

— Muito gosto em conhecê-lo — fez o mais velho dos magistrados.

— Tenho a honra de conhecer seu irmão Sergei Ivanitch — disse Grinevitch, estendendo-lhe a mão.

O rosto de Levine carregou-se; tocou aquela carne branca e mole da mão que o outro lhe estendera e voltou-se para Oblonsky. Ainda que tivesse grande respeito a seu irmão, escritor conhecido em toda a Rússia, não deixava de lhe desagradar que se dirigissem a ele não por ele mesmo, mas por

seu irmão, o célebre Kosnichev.

— Enganaste estes senhores; já não me meto nesses assuntos do *Semstvo,* estou em oposição com toda a gente e não assisto a nenhuma sessão — disse olhando Oblonsky.

— Deveras? — exclamou este sorrindo. — Mas porque motivo?

— Oh, meu caro, são contos largos, outro dia falaremos. — Mas foi sempre explicando a sua conduta: — Convenci-me de que não há, nem pode haver seriedade alguma nas nossas discussões sobre os assuntos provinciais. Por um lado, querem dar-se ares, rodearem-se de todo o aparato de um Parlamento e eu não sou tão velho, nem tão idiota para ir com essas fantochadas; por outro lado, muitos deles querem fazer daquilo modo de vida, servindo os interesses pessoais; os caciques do distrito sabem levar a água ao seu moinho. Noutro tempo era nas eleições que se reuniam para beber uns copitos de vinho fino; agora é nas Deputações que se reúnem para repartirem entre si os bons bocados que vão apanhando aos tolos. Não quero nada com semelhante gente.

— Olá! Entras numa nova fase de vida! Fazes-te conservador! — disse Arcadievitch. — Havemos de falar disso mais tarde...

— Pois sim, mais tarde. Agora tenho eu necessidade de te falar — interrompeu Levine, olhando com repulsão as mãos de Grinevitch.

Stepane sorriu impercetivelmente.

— É verdade? Não dizias que o trajo europeu não se tinha feito para ti? — soltou ele maliciosamente examinando o fato do amigo, que parecia talhado pela melhor tesoura francesa. — Bem se vê que entraste numa vida nova.

Levine ruborizou-se como um colegial tímido que teme parecer ridículo; e para sair daquele embaraço:

— Onde podemos ver-nos? Tenho necessidade absoluta de te falar...

Oblonsky refletiu um momento.

— Que te parece? Queres almoçar em casa de Gourine? Até às três estou livre.

— Não — respondeu Levine depois de vacilar um segundo. — Tenho agora que fazer.

— Bem. Então jantaremos juntos.

— Olha, são apenas duas palavras, porque do mais falaremos depois...

— Sendo assim, diz o que é...

— Ora... afinal não é coisa de importância — titubeou Levine fazendo esforços para vencer a sua timidez e tomar uma expressão indiferente. — Os Cherbatzky?... Estão bem?... Como dantes?...

Stepane Arcadievitch que sabia há muito da paixão de Levine por sua cunhada Kitty, sorriu e os seus olhos brilharam de júbilo.

— Sim... mas não te posso dizer precisamente... Tem paciência, espera um momento.

Entrava naquele momento o secretário com a submissão própria de todos os secretários quando se encontram na presença do superior e sobretudo diante de estranhos. Aproximou-se de Oblonsky e em forma de interrogativa começou a explicar-lhe uma dificuldade que lhe tinha surgido. Arcadievitch não esperou o fim da explicação e, pondo-lhe amigavelmente a mão no ombro, disse:

— Não, faça-o como está indicado — disse, suavizando a observação com um sorriso. Depois de ter explicado brevemente o seu modo de ver sobre o assunto devolveu-lhe os papéis, acrescentando: — Faça-o assim, Sr. Zahar Nikitich.

Afastou-se, confuso, o secretário. Durante o rápido colóquio, Levine tinha readquirido a sua calma e em pé, apoiado nas costas de uma cadeira, seguia-os com uma atenção irónica.

— Não percebi nada — disse ao amigo.

— Não percebeste o quê? — inquiriu Oblonsky acendendo um cigarro.

— Não compreendo isto que fazem! — exclamou encolhendo os ombros. — Como podem fazer tudo isto com gravidade, seriamente?

— Mas porquê?...

— Porque isso não significa nada e, no entanto, havia muito que fazer!

— Julgas tu isso.

— Tens um dom especial para estas coisas. Em todo o caso, não deixo de admirar a tua seriedade imponente. Mas com tudo isso não respondeste à minha pergunta...

— Meu filho, algum dia me darás razão — respondeu Oblonsky. — É verdade que tens três mil *deciatines* no distrito de Karasinsk, que os teus músculos são de aço e que conservas a frescura de uma moça de 15 anos; mas cá chegarás, também. Enquanto ao que me perguntas não houve novidade; tenho pena que estivesses tanto tempo sem vir...

— Porquê? — interrogou, perturbado, Levine.

— Porque... — soltou Oblonsky — mas deixemos isso para mais tarde. Que assunto te traz por cá, afinal?

— Deixemos também isso para mais tarde — respondeu Levine sorrindo novamente.

— Está bem. Já compreendi — fez Stepane. — Com todo o gosto te levaria a jantar comigo em casa... mas minha mulher está indisposta. Se queres *vê-las,* podes encontrá-las no Jardim Zoológico das quatro para as cinco. Kitty vai patinar. Se queres aparecer, eu vou lá buscar-te e jantaremos depois onde quiseres.

— Perfeitamente. Até logo.

— Não esqueças que vou buscar-te. Eras capaz de voltar ao campo sem dizer nada — gritou rindo Oblonsky.

— Podes ficar tranquilo.

Levine saiu do gabinete do amigo e só quando se encontrou na rua se recordou que esquecera de se despedir dos colegas de Oblonsky.

— Parece um bom caráter — disse Grinevitch depois de Levine ter saído.

— É um bom amigo — acrescentou Stepane Arcadievitch movendo a cabeça. — Três mil *deciatines* no distrito de Karasinsk, uma vigorosa juventude e um futuro admirável!

— Não se parece connosco!

— Pela sua parte não tem de que se queixar, Stepane!

— Tenho, tenho — respondeu ele num profundo suspiro. — Tudo me vai mal!

Capítulo 6

Quando Oblonsky lhe perguntou o motivo da sua vinda a Moscovo, Levine, que se ruborizara, teria podido responder-lhe: «Venho pedir a mão de tua cunhada.»

Com efeito era este o fim da sua vinda.

As duas famílias de Levine e de Cherbatzky, duas famílias nobres de Moscovo, estiveram sempre ligadas por estreitas relações de amizade.

Esta amizade nascera na época em que Levine estudava na Universidade de Moscovo, por causa da sua amizade com o jovem príncipe de Cherbatzky, irmão de Dolly e de Kitty que estudava as mesmas disciplinas que ele. Naquele tempo Levine ia muito amiúde a casa dos Cherbatzky e estimava verdadeiramente toda a família, as mulheres especialmente. Todos os membros daquela família lhe apareciam circundados de uma auréola poética e misteriosa que o encantava.

Não só não lhes encontrava o menor defeito; supunha-os a todos dotados dos mais elevados sentimentos, da perfeição mais ideal; e tudo isto porque as meninas eram obrigadas a falar francês e inglês duas horas por dia, tinham de dar lições de piano a horas marcadas e porque os professores de literatura, de música, de baile, etc., se sucediam nas salas de estudo. Tendo perdido sua mãe muito novo, Konstantin Levine ficara só com sua irmã muito mais velha e a velha casa de seus antepassados não o prendia. Naquela família regrada e bondosa parecia-lhe que havia o que faltava à sua vida.

Começara, enquanto estudante, por se apaixonar por Dolly, a mais velha, mas esta casou com Oblonsky. Fez a corte à segunda porque sentia a necessidade de amar uma das três sem saber precisamente qual; mas Natália, muito nova ainda, apenas se apresentou na sociedade, nos salões, nos bailes e nas festas da aristocracia, casou-se com o diplomata Lvov. Quando Levine terminou os seus estudos depois destes insucessos amorosos, Kitty era uma criança. O príncipe Cherbatzky, o seu grande amigo, pouco depois da sua

entrada na marinha foi tragado pelas águas do Báltico num desastre pavoroso a bordo do navio-escola; e as relações de Levine com a sua família afrouxaram, começaram as visitas a ser mais raras apesar da amizade que o ligava a Oblonsky.

Nos princípios do inverno seguinte, vindo a Moscovo depois de ter vivido um ano no campo tornou a ver os Cherbatzky e compreendeu então qual das três irmãs devia amar.

Nada mais simples neste caso do que pedir a mão da jovem princesa de Cherbatzky. Um homem de trinta e dois anos, de boa família, possuidor de uma fortuna regular, podia aspirar a um bom casamento e o seu pedido teria sido certamente bem acolhido, mas o pobre Levine estava apaixonado. Kitty parecia-lhe uma criatura perfeitíssima, de uma superioridade ideal, e ele, ao contrário, julgava-se tão desfavoravelmente que se encontrou indigno de aspirar à mão da jovem.

Depois de passar dois meses em Moscovo, como num sonho, vendo todos os dias Kitty, numa sociedade que frequentava por amor dela, partiu para o campo quando menos se esperava, convencido de que aquele casamento era impossível.

Que posição na sociedade, que posição conveniente e definida, podia oferecer aos pais da sua Kitty?

Enquanto os seus camaradas da Universidade tinham concluído cursos distintos, eram coronéis do exército, oficiais de marinha, professores célebres, diretores de Bancos ou magistrados, como Oblonsky, o que era ele com os seus trinta e dois anos saudáveis?

Sabia cuidar das suas terras, criar gados, construir granjas e serras de palha, casar éguas, isto é: tinha adotado o caminho de todos os que aos olhos do mundo não servem para outra coisa.

Não tinha ilusões sobre o modo como podia ser julgado e convencia-se de que passava por «um pobre rapaz».

Demais, como podia aquela criaturinha delicada e poética amar «um selvagem» como ele?

As suas antigas relações com Kitty, que em vida do irmão eram as que podem existir entre um homem leito e uma criança, pareciam-lhe mais um obstáculo. Para merecer a sincera amizade da princesinha era indispensável — pensava ele — ser belo e distinto, possuir todas as qualidades do homem superior. Tinha ouvido dizer que as mulheres se enamoram às vezes de

homens rústicos e vulgares, mas não acreditava nisso e julgava os outros por si, sentindo que não poderia amar senão uma mulher superior, formosa e poética.

Às vezes, depois de viver dias, meses, no campo sem vir à cidade certificava-se de que o sentimento que o absorvia não se assemelhava aos entusiasmos fáceis da adolescência e que não poderia viver sem Kitty. Mas seria bem-recebido o seu pedido? Afinal nada lhe provava que seria malsucedido!

Fora depois de um raciocínio semelhante que partira de novo para Moscovo com a firme resolução de se declarar e de casar sem delongas, se o recebessem bem. No caso contrário, não podia mesmo imaginar o que seria dele.

Capítulo 7

Tendo chegado a Moscovo no comboio da manhã, Levine, foi para casa de seu irmão Kosnichev. Depois de sacudir o pó da viagem, e de recompor o vestuário tinha entrado no gabinete de trabalho de Sergei disposto a contar-lhe tudo. Queria ouvir o seu parecer, mas não era boa ocasião.

Kosnichev discutia acaloradamente com um célebre professor de filosofia da Universidade de Kharkov, que viera expressamente desta cidade para aclarar certos pontos nebulosos de uma questão científica suscitada entre ambos.

O professor guerreava encarniçadamente o materialismo e Sergei Kosnichev, que seguia o assunto com interesse, dirigira-se-lhe fazendo algumas objeções sobre o seu último artigo publicado.

Kosnichev censurava o célebre professor por ter feito concessões demasiado amplas talvez ao materialismo e o próprio sábio tinha julgado oportuno vir explicar-lhe verbalmente as suas doutrinas.

Quando Levine entrou estavam no mais interessante da discussão: Há um limite entre os fenómenos físicos e fisiológicos nas ações humanas? Onde está esse limite?

Sergei Kosnichev acolheu seu irmão com o sorriso indiferente que lhe era habitual e depois de o ter apresentado ao professor, continuou a conversar com este.

O professor, um homenzinho chupado de rosto comprido, nariz agudo, óculos quadrados, deteve-se um momento apenas para saudar Levine e prosseguiu apresentando os seus argumentos.

Levine sentou-se decidido a esperar que ele saísse, mas bem depressa se interessou vivamente pelo assunto que discutiam.

Tinha lido nalgumas revistas os artigos de que falavam fi tinha-os lido com o interesse superficial que pode ter pelas ciências naturais um homem, que estudou os seus princípios elementares.

Nunca tinha pensado em estabelecer os laços que devem unir com as questões concernentes à origem do homem, as ações reflexas, a biologia, a sociologia, e sobre tudo a que o preocupava tanto, a questão do objeto da vida e da significação da morte.

Levine, escutando atentamente, notou que no decurso da conversação, os dois interlocutores estabeleciam certas relações entre as questões científicas e as que se referem à alma. Em certos momentos julgou que iam por fim discutir sobre este ponto, mas a sua expectativa foi vã. Sergei e o professor não saiam nunca do campo das distinções subtis, dos subterfúgios, das minúcias e das citações. A cada passo aludiam a este ou àquele sábio e Levine mal conseguia entendê-los.

— Não posso aceitar a teoria de Keis — dizia Sergei Ivanitch, na sua linguagem fácil e correta —, não posso admitir que toda a minha conceção do mundo exterior derive unicamente das minhas sensações. O princípio de todos os conhecimentos, a consciência do *ser,* da existência, não procede dos sentidos e não existe um órgão especial que nos dá esta conceção.

— Sim, de acordo; mas Wurst, Knaust e Pripasof responder-vos-ão que adquiris o conhecimento da vossa existência por uma acumulação de sensações; numa palavra, esta conceção do *ser* não é mais do que o resultado das sensações. Wurst diz, decerto, que onde não existe a sensação falta a consciência da existência.

— Eu dizia, ao contrário... — atalhou Sergei Ivanitch.

Levine que notava que em vez de chegarem ao ponto capital retrocediam de novo, não pôde conter-se e interrompeu-os perguntando ao professor:

— Nesse caso, quando as minhas sensações desaparecerem, quando o meu corpo estiver morto, não será já possível a existência?

O professor olhou Levine, deixando escapar um gesto de contrariedade, quase ofendido pela interrupção. O que queria aquele intruso que mais parecia um lavrador do que um filósofo?

Levine voltou-se para Sergei e este, que não era tão exclusivista como o professor, ainda que absorvido na discussão, compreendeu o ponto de vista claro e racional que tinha sugerido a pergunta do irmão.

— Ainda não nos é permitido resolver essa questão.

— Não temos bastantes dados para chegar a uma conclusão positiva — acrescentou o professor voltando depois ao ponto em que tinha ficado. — Creio, como diz claramente Pripasof, que se as sensações estão fundadas nas

impressões devemos distinguir estas duas noções.

Levine não quis escutar mais, mas como estava resolvido a esperar que o professor saísse, deixou-se ficar silencioso e indiferente.

Capítulo 8

Quando o sábio partiu, Sergei voltando-se para ele tomou uma expressão mais afetuosa.

— Muito me alegra a tua chegada. Demoras-te? Como vão os negócios?

Levine conhecendo o pouco interesse que o irmão tomava pelos assuntos agrícolas, limitou-se a falar vagamente sobre a venda do trigo e sobre a soma que lhe pertencia, dividindo os lucros em partes iguais. Tencionava pedir o seu conselho sobre os projetos que lhe ferviam no cérebro; mas depois da conversa com o professor e diante do ar protetor que Sergei tinha tomado, talvez involuntariamente, ao falar-lhe dos negócios, não se sentia já com forças de lhe falar em tal, temendo que ele não visse as coisas pelo lado razoável.

— O que se diz no *Semstvo* do teu distrito? — perguntou Sergei, que se interessava por aquelas assembleias provinciais a que dava grande importância política.

— Não sei nada.

— Como? Já não fazes parte da Administração?

— Renunciei ao meu cargo. Não frequento nenhuma assembleia.

— É pena — disse Sergei esfregando as mãos.

E Levine, para se desculpar, contou o que se passava no distrito e a insignificância das reuniões.

— Sempre o mesmo! — interrompeu Kosnichev. — Eis o que somos, os russos. Talvez seja uma qualidade mostrarmos os nossos defeitos, mas exageramo-los muito e sentimo-nos demais inclinados para a ironia. Se se outorgassem os nossos direitos, as nossas instituições provinciais, em qualquer outro país da Europa, com os ingleses, com os alemães, por exemplo, eles saberiam conquistar as suas liberdades e as suas regalias por esses meios, enquanto nós não sabemos mais do que rirmo-nos uns dos outros!

— Eu não tive outro remédio senão abandoná-los — respondeu Levine, irritado. — Fiz uma última tentativa... Pus nela toda a minha boa vontade... agora não posso mais... sou incapaz de...

— Incapaz! — fez Sergei em tom de mofa.

— Não consideras as coisas como devias.

— Pode ser — aquiesceu Levine, intimidado.

Fez-se um silêncio.

— Sabes que nosso irmão Nicolau está outra vez cá?

Nicolau, irmão de Konstantin pela parte de seu pai e amigo de infância de Sergei, era um falhado e um perdido. Tendo desbaratado a maior parte da sua fortuna separara-se dos irmãos para viver num meio vicioso com gente duvidosa.

Entretanto, Levine, impressionado perguntou com certa ansiedade:

— O quê! Nicolau está aqui... em Moscovo?... Como soubeste?

— Encontrou-o Prokofi na rua.

— Mas... onde vive? — instou Levine levantando-se, como se quisesse correr em busca dele.

— Já estou arrependido de to ter dito — disse Sergei notando a comoção do irmão.

— Mandei saber onde vivia e depois enviei-lhe uma letra sacada contra Trubine que eu tinha pago. Aqui tens a resposta que me deu — acrescentou, tomando uma carta de sobre a mesa.

Levine abriu-a nervosamente.

Continha apenas o seguinte:

> Peço-vos humildemente que me deixeis em paz. É tudo o que reclamo dos meus queridos irmãos.
>
> *Nicolau Levine.*

Konstantin ficou imóvel um momento, com a cabeça baixa.

— É fora de dúvida que me quis ofender com isso — prosseguiu Sergei — mas não o conseguiu. Queria de todo o coração auxiliá-lo e trazê-lo para uma vida melhor, mas vou chegando à conclusão de que todos os esforços serão inúteis.

— Sim — confirmou Levine — compreendo a tua conduta para com ele... eu, porém, quero vê lo!

— Se isso te agrada muito, vai... mas não to aconselho. Não porque tema que possa indispor-nos um com o outro, mas porque estou convencido de que não conseguirás nada dele. De resto és senhor dos teus atos...

— Não sei, talvez não vá... todavia não estou tranquilo...

— Depois de o ver no extremo a que chegou, considero-o perdido. Não sabes o que ele tem feito?

— Deixá-lo! É horrível!

E Levine, não obstante essas lembranças vergonhosas, pediu a morada de Nicolau antes de sair, disposto a ir buscá-lo ao antro em que estivesse. Mudou depois de resolução e deixou para a noite essa visita. Antes de tudo para tranquilizar o seu coração queria decidir o assunto que o trouxera a Moscovo. Foi procurar Oblonsky e, depois de saber onde encontraria os Cherbatzky, dirigiu-se ao sítio em que devia encontrar Kitty.

Capítulo 9

Cerca das quatro horas, Levine apeou-se do seu *isvotchik* à entrada do jardim Zoológico e, com o coração sobressaltado, tomou a avenida que conduzia aos lagos gelados onde se patinava. Tinha a certeza de encontrá-la, porque tinha visto à porta, numa fila de carruagens, o *landau* dos Cherbatzky.

O dia estava claro e transparente apesar do frio intenso; de manhã tinha caído neve e dos galhos delgados das árvores, entrelaçados estreitamente, pendiam flocos ainda frescos, como estalactites daquela abóbada húmida e melancólica do caminho; nos espaços em que era mais ralo o arvoredo, ficava a descoberto o céu, de cor desmaiada e triste, à luz doce da tarde. Entretanto o jardim estava concorridíssimo, vendo-se grupos por todos os lados.

Enquanto caminhava, Levine, procurava tranquilizar-se; dizia mentalmente, sentindo o coração oprimido: «Cala-te, imbecil! Porque te sobressaltas!» mas cada vez se ia apoderando dele uma comoção maior. Um conhecido chamou-o, mas ele passou adiante sem o ouvir em direção à patinagem.

Pouco distante já distinguia os patinadores correndo velozmente pela superfície espelhante do gelo e chegaram aos seus ouvidos risadas de alegria, gritinhos de medo das senhoras. Viu-a, reconheceu-a no meio de uma multidão e uma impressão estranha tomou-o todo, quedando-se a olhá-la sem poder mover-se, por momentos. Kitty, aos seus olhos, entre aquela gente, era uma rosa num monte de ortigas, alegrando tudo com a sua presença, o seu perfume e a sua graça. Ficou hesitante sobre se deveria aproximar-se dela.

O sítio em que ela se encontrava parecia-lhe um santuário de que temia acercar-se com seus pés profanos e debatendo-se neste receio, esteve a ponto de voltar atrás. Fazendo um esforço sobre si mesmo viu então melhor que ela estava rodeada de gente de toda a espécie e que ele também tinha o direito de patinar como os outros. Desceu, pois, para o campo de gelo evitando voltar os olhos para ela como se fosse para o sol; mas, como sucede com a luz

muito viva, não tinha necessidade de olhá-la para a ver.

Nicolau Cherbatzky, primo de Kitty, vestindo jaqueta e calção justo, estava sentado num banco ajustando às botas os patins quando viu Levine.

— Ah! — gritou ele. — O primeiro patinador da Rússia! Então estás aqui há muito tempo? Põe os patins, anda; o gelo está magnífico.

— Não trouxe os meus — disse Levine, assombrado de ver a forma desenvolta com que toda aquela gente deslizava junto de Kitty, falando-lhe alegremente como se bastasse, para a sua bela disposição, estar o gelo sólido e o tempo esplêndido.

Ela que o tinha visto, apesar da sua pouca segurança ainda naquele exercício, correu para ele, seguida por um rapaz elegante vestido de peles que se esforçava por lhe passar adiante fazendo gestos desesperados de patinador inexperiente. À medida que avançava fixava-se melhor em Levine e ria do seu próprio medo. Quando reconquistou o equilíbrio, deslizou direita a Nicolau Cherbatzky apoiando-se-lhe ao braço para parar e cumprimentou então Levine amigavelmente.

O pobre rapaz ficara deslumbrado. Nunca a tinha visto tão bela, quando reconstituía na sua imaginação apaixonada a figurinha ideal da jovem. Longe no isolamento das suas campinas, andava sempre com ela no pensamento e facilmente evocava com a maior perfeição a sua imagem, a sua bonita cabeça loura, de expressão tão pura, tão cândida, tão bondosa e aquele sorriso que o transportava a um mundo encantador no qual se sentia tão feliz e tão inocente como nos primeiros anos da sua vida.

— Quando chegou? — perguntou Kitty, estendendo-lhe a mão. E recebendo o lenço que ele apanhara do chão: — Obrigada.

Levine não estava em si e disse:

— Eu? Cheguei há pouco tempo, ontem... não, hoje... Queria ir a sua casa... Não sabia que patinava tão bem!...

Kitty olhou-o atentamente como para descobrir a causa do seu embaraço.

— O seu elogio é uma lisonja. Demais há a tradição da sua incomparável habilidade neste exercício — disse ela, sacudindo com a mão enluvada alguns flocos de neve que tinham ficado no lencinho de rendas.

— Sim, noutro tempo fui um entusiasta; aspirei chegar à perfeição.

— Parece-me que a tudo o que se dedica é com paixão — disse ela sorrindo. — Gostaria que patinasse agora; dávamos uma volta juntos.

Levine olhou-a com espanto: «Patinar juntos!» Pois era possível. E

voltando à realidade disse-lhe:

— Vou pôr os patins.

O encarregado de alugar os patins, enquanto tomava o pé do freguês, dizia-lhe, contente de o ver:

— Tanto tempo sem vir por cá! Desde que senhor não patina, não há ali ninguém que se possa ver!

Levine mal ouvia.

— Apressa-te, homem — e pensava: *Isto é que é vida, isto é que é felicidade!* Depois voltaram-lhe os receios, todo o seu acanhamento de provinciano e não resolvia se havia ou não de lhe falar no assunto que o trouxera a Moscovo. Julgava-se demasiado feliz naquele momento, feliz pela esperança que tinha, quanto mais não fosse... e não se atrevia a tomar uma resolução. Mas era necessário, era indispensável. Não podia ter fraquezas. Partiu resoluto, depois de ensaiar umas voltas próximo do quiosque onde alugara os patins, em direção ao lago onde Kitty o esperava.

Aproximou-se dela com timidez, mas um sorriso da jovem tranquilizou-o. Estendeu-lhe a mão e ambos começaram a correr sobre o gelo, ao lado um do outro, aumentando gradualmente a velocidade da carreira. Quanto mais velozmente deslizavam, mais ela lhe apertava a mão.

— Aprenderia muito depressa consigo — disse Kitty — sinto-me tão bem, apoiada no seu braço!

— Eu também me sinto mais firme, assim próximo de si — respondeu Levine ruborizando-se, quase assustado do seu atrevimento. Efetivamente, apenas tinha pronunciado estas palavras, o rosto alegre da jovem princesa tomou um ar contristado, como quando uma nuvem passa diante do sol e o dia escurece subitamente.

— Parece que não está bem? — interrogou vivamente Levine. — Que eu não sei se deveria fazer-lhe esta pergunta...

— Porquê? Mas não tenho nada... É verdade, já viu Mme. Linou? — acrescentou ao cabo de um instante para saírem do silêncio embaraçoso que se fizera.

— Ainda não a vi.

— Então vamos vê-la. Ela estima-o muito.

E enquanto corriam para junto da velha precetora de cabelos brancos, Levine pensava que tinha deitado tudo a perder, sem compreender bem aquela súbita mudança.

A senhora Linou recebeu-o como a um velho amigo, num sorriso aberto.

— Crescemos, não é verdade? — disse Levine indicando Kitty. — Já me pôs velho.

— Como passam os anos! *Tiny bear* desenvolveu-se, hein? — continuou a velha precetora, rindo, ao recordar um dito engraçado acerca das três princesas de Cherbatzky às quais ele uma vez tinha chamado os três ursinhos da lenda inglesa. — Não se lembra?

Levine não se recordava e a boa francesa reconstituía com minuciosos pormenores essas cenas de dez anos antes quando todos brincavam como crianças que eram.

— Mas vão patinar que quero vê-los! Não é verdade que a nossa Kitty já é forte?

Levine levantou então os olhos para a princesinha e encontrou-a tão sorridente como quando se tinham avistado. Os olhos tinham recuperado aquela expressão acariciadora que tanto o perturbava, mas pareceu-lhe que naquela tranquilidade havia alguma coisa de forçado.

Por isso ficou triste, sem coragem para a convidar a correr de novo sobre o gelo. Falaram do passado.

Depois, ela mesma avançou um passo e começaram *um* a volta larga, lado a lado.

— Não se aborrece do campo?

— Não, Kitty, estou sempre muito ocupado.

— Vem por muito tempo, agora?

— Não sei — respondeu ele sem pensar o que dizia.

— Como? Não sabe?

A ideia de voltar de novo para o campo sem ter resolvido nada animou Levine, que disse com certa firmeza:

— Não sei porque isso depende de si...

Ela, porém, não o ouviu ou fingiu não o compreender. Tropeçou no gelo que tinha naquele ponto uma pequena depressão e, fazendo uma volta rápida, voltou para junto de Mme. Linou, a quem fez algumas perguntas, indo em seguida ao quiosque tirar os patins.

Meu Deus, o que fiz eu?!, pensou Levine lançando o corpo para a frente para dar mais velocidade e começando a descrever sobre o gelo curvas muito rápidas.

Naquele momento, um rapaz, o mais ágil dos patinadores do Jardim, saiu

do café com os patins, fumando um cigarro; chegou à escada, desceu com saltos seguros os degraus e, chegando ao gelo, deslizou com celeridade.

Uma novidade, disse para si Levine, subindo a escada para o imitar.

— Cuidado, não vás cair! — gritou-lhe Nicolau Cherbatzky. — É preciso muita prática para fazer isso.

Mas ele não se intimidou. Tomou um pouco de impulso e começou a descer as escadas equilibrando-se com os braços até ao último degrau, onde tropeçou; porém logo recuperou o equilíbrio num movimento rápido e lançou-se sobre o gelo afoitamente.

Kitty, que estava com Mme. Linou junto do quiosque, seguiu-o com a vista, interessada, tendo um gesto de contentamento quando o viu seguir garbosamente depois de executar a difícil prova. E quando ele se encontrava já longe seguindo-o com um sorriso como a um irmão querido, sentiu o coração confrangido pela pena que lhe causara pouco antes. Mas tinha ela a culpa? Tinha-o animado porventura, tinha sido *coquette* com ele? Chegava a lastimar que não fosse a ele quem ela amasse, tanto lhe custava vê-lo triste.

Depois, quando já saía com a mãe, corada pelo violento exercício, e ele viera despedir-se dela e cumprimentar a princesa respeitosamente, sorriu-lhe com ternura.

— Muito prazer em o ver — dizia a princesa do alto da sua majestade. — Recebemos às segundas...

— Hoje? — fez Levine.

— Honra-nos muito com a sua presença — continuou a aristocrática senhora, com a sua frieza natural.

Já na carruagem, Kitty, para de algum modo o compensar de tudo o que o tivesse magoado, sorria-lhe de novo com amizade.

— Até logo.

Era quando aparecia Stepane Arcadievitch, com o seu ar triunfante e o chapéu um pouco de lado. Vendo a sogra, compôs rapidamente uma expressão triste para responder às perguntas que lhe faziam acerca da saúde de Dolly. Por fim, depois de falar com a princesa a meia voz, tomou o braço de Levine.

— Vamo-nos. Não tenho pensado senão em ti. Não calculas quanto me alegra a tua vinda.

— Sim, vamo-nos — acedeu Levine, que se sentia feliz recordando o último sorriso de Kitty e o seu delicioso *até logo.*

— Ao hotel de Inglaterra ou ao Ermita?

— É-me indiferente.

— Vamos então ao de Inglaterra — resolveu Stepane, que preferia este por ter nele maior conta e ser conveniente mostrar-se. — Trouxeste o *isvotchik*! Tanto melhor, porque mandei embora o meu trem.

Durante o trajeto os dois amigos guardaram silêncio. Levine pensava na mudança que se operara em Kitty e com isso se tranquilizava por alguns minutos; mas logo caía no maior desespero repetindo mentalmente que era uma loucura pensar em conseguir alguma coisa. Sentia-se outro homem que não era antes daquele acariciante sorriso e das palavras *até logo,* que não podia esquecer.

Stepane ia de todo absorvido na escolha do *menu.*

— Gostas de robalo, não é verdade?

— O quê? — perguntou Levine.

— Robalo...

— Sim, gosto muito — murmurou quase inconsciente, preso na sua meditação.

Capítulo 10

Levine não pôde sequer notar quando entravam no restaurante a expressão de alegria que iluminava o rosto de Stepane Arcadievitch. Apenas no vestíbulo, o príncipe despiu o sobretudo e, sempre de chapéu um pouco descaído para o lado, entrou na sala de jantar dando de passagem ordens ao criado que o seguia atencioso, muito correto na sua casaca preta, peitilho reluzente e gravata branca. Stepane, cumprimentando à direita e à esquerda pessoas conhecidas, aproximou-se do bufete, tomou um copo de aguardente como aperitivo e disse duas graças à «caixa», uma francesa desdentada, muito gasta, com uma pintura escandalosa. Ao amigo inspirou repugnância aquela criatura ordinária de cabelos postiços, na disposição feliz em que vinha, com a alma cheia de recordações desses momentos que acabava de passar com Kitty.

Seguiram, guiados pelo criado, para o outro extremo da sala.

— Queira sentar-se, excelência — disse a Levine numa reverência, dando-lhe este tratamento por consideração para com o príncipe e para com o seu convidado.

Aproximara duas cadeiras de veludo vermelho e estendia sobre a toalha que tomava toda a mesa dois guardanapos alvíssimos.

— Se sua excelência deseja, dentro de alguns minutos posso pôr à sua disposição um gabinete. O príncipe Golitzine terminou agora a sua refeição e vai sair com a senhora que o acompanha... Se sua excelência quer fazer um pouco de tempo, temos ostras frescas.

— Ah, temos ostras!

Stepane refletiu um momento.

— E se nós alterássemos o programa? Que te parece? — disse para Levine, pondo um dedo sobre a lista. E logo, para o criado: — Mas são realmente frescas as ostras?

— Chegaram ontem de Fleusburh, excelência...

— Então o que dizes?... Levine! Começamos pelas ostras?

— Como queiras, é-me indiferente. Pela minha parte se tivesse *chtchi y kacha* já não ficava mal; mas aqui não há disso.

— Se o ordenais faz-se rapidamente, excelência — disse o criado, inclinando-se.

— Não, eu estou por tudo. Patinei muito e tenho fome — remediou, vendo o gesto de contrariedade de Stepane. — Não julgues que eu não sei apreciar o teu menu; vou fazer-lhe as honras.

— Diabo! Este é um dos prazeres melhores da nossa vida! — E Stepane decidiu-se, finalmente. — Rapaz, traz-nos então essas ostras e depois uma sopa de legumes.

— *A la jardinière* — observou o criado.

— Sim. — Começou a compor o resto da lista e demorou-se especialmente nos vinhos. — Não sei bem o que devemos escolher para o primeiro prato...

— O que quiseres. Eu começo já pelo champanhe...

— Já. Pois seja. Marca branca?

— *Cachet blanc* — fez o criado.

— Bem, mas depois?... Traz-nos o clássico *Chablis.*

O criado desapareceu e cinco minutos depois apareceu com um prato de ostras e uma garrafa.

Stepane Arcadievitch começou logo a sorvê-las com apetite, arrancando-as da concha com um garfo de prata.

— Excelentes!

Levine ainda teria preferido um pedaço de pão e queijo, mas provou uma e olhou com espanto para Oblonsky, admirado de que ele pudesse apreciar tanto aquele desagradável marisco de mau aspeto.

— Não gostas das ostras? Estás preocupado?

Tinha Oblonsky o maior empenho em alegrar Levine, mas este, sem estar triste, não se encontrava à vontade. Com a alma cheia de recordações agradáveis, naquele meio de pessoas desconhecidas, ouvindo as gargalhadas que saiam dos gabinetes reservados, impressionado pela luz crua do gás e pelos reflexos dos espelhos, sentia-se mal. Temia como que manchar naquele meio impuro, vicioso, a imagem cândida que tinha no pensamento.

— Realmente estou preocupado — respondeu ele a Stepane — não estou à minha vontade. Não podes calcular quanto custa a um homem habituado à

vida livre do campo encontrar-se num recinto como este. Parece-me tudo aqui ridículo, como as unhas daquele cavalheiro que estava no teu gabinete.

— Sim, já tinha notado que as unhas do pobre Grinevitch te impressionavam.

— Como não queres que me choquem aquelas mãos de seda, de unhas crescidas e lustrosas, quando nós os camponeses temos as mãos grosseiras e as unhas curtas para podermos trabalhar? Aqui na cidade enchem as mãos de anéis e perfumes para fazerem vista simplesmente.

Stepane Arcadievitch sorriu.

— Isso prova que não necessitamos das mãos. O que trabalha é o cérebro.

— É possível. Mas não é só isso que eu estranho. Ora diz-me o que fazemos aqui duas horas? No campo as nossas refeições são mais salutares e mais rápidas porque não temos tempo a perder; aqui pelo contrário passamos a maior parte do tempo a comer e sem apetite, ainda quando se trate de ostras...

— O fim da civilização não é passarmos esta vida o mais alegremente possível?

— Se a civilização é isso, meu caro Stepane, prefiro ser bárbaro.

— E és um bárbaro, verdadeiramente. Na tua família todos foram montanheses.

Levine suspirou. Lembrou-se de seu irmão Nicolau e sentiu-se mortificado.

Oblonsky começara, porém, uma conversa que podia distraí-lo.

— Esta noite vais a nossa casa, ou melhor, à dos Cherbatzky? Deves ir, porque já sabem...

— Vou, ainda que a princesa me convidasse por simples formalidade.

— Que ideia! Aquilo são os modos de todas as senhoras da sociedade. Como queres tu que não te chame montanhês? Ainda ninguém sabe o motivo daquela tua fuga de Moscovo sem dizeres nada aos melhores amigos. Os Cherbatzky por mais de uma vez me atormentaram com perguntas, como se eu soubesse alguma coisa dos teus negócios. De ti, o que sei é que fazes sempre o que ninguém fazia no teu lugar.

— Sim — respondeu Levine lentamente — sou um montanhês, um selvagem, mas não é a minha fuga, é a minha volta, este regresso inesperado que o atesta. Mas agora já é tarde para reconsiderar. Já cá estou...

— És feliz! — interrompeu Oblonsky fitando-o com demora.

— Porque dizes isso?

— Porque estás apaixonado. Conheço-te nos olhos. És feliz...

— E tu?

— Eu?

— Que penas te afligem?

— Muitas, mal tu pensas. Mas não quero falar-te de mim porque não te posso dizer tudo — soltou Stepane com uma sombra de melancolia. — Diz-me tu por uma vez, porque vieste a Moscovo...

— Não adivinhas?

— Adivinho, mas não devo ser o primeiro a falar-te nisso. Por isto compreenderás se acerto ou não...

— E... que me dizes? — perguntou Levine com a garganta apertada e a voz trémula.

Stepane bebeu lentamente com prazer um copo de chablis e, sem deixar de fitar Levine, chamou o criado para levar os últimos pratos e por fim respondeu:

— Eu... não desejaria melhor para mim.

— Mas sabes o que quero dizer — insistiu Levine febrilmente — julgas que é possível?

— Porque o não há de ser?

— Sim? Diz-me sinceramente o que pensas, Stepane! E se eu sofro uma desilusão! Para mim o mais certo é uma recusa.

— Mas porquê, porquê? — disse Oblonsky, sorrindo ao notar a perturbação do amigo.

— Não sei. Eu julgo-o pelo efeito que tudo me produz. Seria terrível para mim... e para ela!

— Em todo o caso não vejo nada de terrível para ela. Todas as moças ficam lisonjeadas quando as pedem em casamento, ainda que não aceitem.

— Todas... mas ela...

Stepane sorriu. Conhecia bem Levine e a sua ingénua convicção de que todas as mulheres do mundo se dividiam em duas classes: uma compreendendo todas as existências, vítimas da fraqueza do seu sexo; outra que era composta exclusivamente por *Ela,* a criatura perfeita, ideal, muito acima de toda a humanidade.

E, pegando na mão de Oblonsky que ia servir-se de doce, disse, fitando-o

nos olhos:

— Espera; para mim isto é questão de vida ou de morte. Nunca falei a ninguém neste assunto e não posso abrir-me senão contigo. Temos caracteres muito diferentes, diferentes gostos, pontos de vista diversos, mas sei que me tens amizade e que me compreendes; por isso te estimo muito. Por tudo o que mais adoras, sê sincero comigo, Stepane.

— Digo-te apenas o que penso. E minha mulher... — Calou-se um instante ao recordar a sua situação para com a esposa e depois concluiu: — Ela tem como que vista dupla e sabe ler o que vai no coração dos outros; sobretudo quando se trata de casamentos, não falha. Predisse o enlace da Chahavoskoi com Brenteln; ninguém o queria acreditar e, todavia, realizou-se. Pois bem, minha mulher declarou-se em teu favor.

— O que dizes?

— Que não só percebeu o teu amor, mas assegura que Kitty será tua esposa.

Levine sorriu com uma expressão suave.

— Ela disse isso? Eu já sabia que ela era um anjo!

— Espera, senta-te — disse Stepane.

Levine não podia ficar sossegado; deu duas voltas pela sala agora mais tranquila, enxugando às escondidas duas lágrimas que estavam para lhe saltar dos olhos.

— Ouve-me com atenção. Não se trata de um amor vulgar. Tenho estado apaixonado, mas nunca assim. O que eu sinto é mais do que amor, é uma força misteriosa que me domina por completo. Parti daqui, porque estava convencido de que semelhante felicidade não pode existir, porque não tem nada de humana. Lutei, mas cada dia me convenci mais que a minha vida depende dela. É preciso decidir isto. Se soubesses como os pensamentos tumultuam no meu cérebro, quantas coisas tinha a perguntar-te! Escuta-me. Não podes imaginar o bem que me fazes; sinto-me tão feliz que me torno egoísta e esqueço tudo o mais. Hoje soube que meu irmão Nicolau está aqui e esqueci-me dele. Pobre louco, talvez seja feliz! Há uma coisa que me infunde terror. Tu que és casado deves ter experimentado este sentimento. Nós que somos já relativamente velhos e com um passado de pecados, como podemos atrever-nos a associar à nossa vida um ser puro e inocente? Não é espantoso? Não te parece justo que me reconheça indigno dela?

— Não creio que tenhas grandes culpas de que te penitenciar.

— Entretanto — insistiu Levine — ao recordar a minha vida, tremo... tive, como todos, amores fáceis de que me arrependo amargamente...

— Que queres! A vida é assim.

— Para estas minhas recriminações não tenho mais do que um consolo, o desta petição religiosa: «Ó Deus, perdoa-nos pela grandeza da tua misericórdia e não pelos nossos merecimentos!» Só deste modo ela poderia também perdoar-me.

PERIGOSAS

Capítulo 11

Levine encheu um copo de vinho, bebeu-o de um trago e os dois amigos ficaram silenciosos alguns minutos!

— Tenho agora que te dizer uma coisa — lembrou Oblonsky. — Conheces Vronsky?

— Não. Porque perguntas?

— Porque é o teu rival, ou melhor, um deles.

— E quem é esse Vronsky? — inquiriu subitamente Levine, mudado e inquieto.

— Vronsky é filho do conde Cirilo Vronsky e «um dos mais brilhantes ornamentos» da fidalguia de S. Petersburgo. Conheci-o em Tver, quando eu estava no exército. É riquíssimo, elegante, da casa civil do Imperador, conta com boas relações e deve chegar aos mais altos postos, porque é inteligente e sabe viver.

Levine, que ficava cada vez mais triste, não disse uma palavra. Stepane continuou:

— Apresentou-se aqui pouco antes da tua partida e segundo dizem apaixonou-se por Kitty; compreendes que a mãe...

— Deixa-me; não compreendo nada — rompeu Levine, cada vez mais sombrio.

E voltou a lembrar-se de Nicolau com certo remorso de se ter esquecido dele.

— Escuta-me — pediu Stepane pondo-lhe a mão no ombro e sorrindo. — Eu disse-te o que sabia, mas, repito, estou convencido de que todas as probabilidades estão da tua parte.

Levine empalideceu, apoiando-se nas costas de uma cadeira. Depois mudando de assunto:

— Porque não vais um dia às minhas propriedades para caçarmos, como me prometeste? Vai na próxima primavera.

Intimamente arrependia-se da conversa que tivera com Oblonsky; sentia-se ferido nos seus mais delicados sentimentos, não só pelo que tinha sabido do rival, como pelos conselhos e pereceres do amigo.

Este compreendeu o que se passava naquele espírito revolto e sorriu como sempre protectoramente, para logo se tornar sério e um pouco pensativo.

— Convence-te, amigo, as mulheres são o eixo em torno do qual giram todas as coisas deste mundo. Por causa das mulheres tenho contraído muitos compromissos. Ora dá-me francamente a tua opinião — disse acendendo um charuto e acenando ao criado para trazer mais vinho.

— Sobre o quê?

— Supõe que és casado, que queres muito a tua esposa e que te deixas prender por outra mulher...

— Não compreendo isso, não posso pensar semelhante coisa! É o mesmo que se fosse roubar um pão a uma padaria, depois de sair de um banquete admirável.

Os olhos de Arcadievitch brilharam.

— E porque não? O pão mole tem um aspeto tão agradável que às vezes não podemos resistir à tentação! Depois é uma aventura... Mas deixando os gracejos — continuou Oblonsky — imagina uma mulher formosa, modesta, amável, que tudo tivesse sacrificado por ti, que fosse pobre e estivesse só no mundo. Poderias deixá-la, depois de feito o mal? Suponhamos que seja preciso romper estas relações para não perturbar a tranquilidade da família; mas pode-se acaso deixá-la sem pena? Não se deverá procurar que a separação seja o menos cruel possível? Não se deverá cuidar dalguma forma do seu futuro?

— Perdoa-me, mas já sabes que para mim as mulheres dividem-se em duas classes, ou dizendo melhor, há mulheres e... Nunca encontrei belas Madalenas sinceramente arrependidas. As criaturas semelhantes àquela francesa da caixa repugnam-me tanto como as que caíram na mais baixa prostituição.

— E onde deixas o Evangelho?

— Deixa-me em paz com o teu Evangelho. Deus não teria nunca pronunciado tais palavras se adivinhasse o mau uso que se lhes havia de dar. Eis o único fruto que arrancaram do Evangelho. Compreendo que é uma opinião pessoal, sem valor, mas não posso dominar a minha repugnância

pelas mulheres perdidas como tu pelas aranhas. Não precisaste de estudar os costumes das aranhas para fugir delas como eu fujo dessas mulheres sem as conhecer.

— É muito cómodo discutir por esse processo. Lembras-me uma personagem de Dickens que não ouvia nenhuma pergunta que a incomodasse. Negar um facto não é responder. O que fazer no caso que te apresentei, diz-me?

— Não roubar o pão mole.

Stepane Arcadievitch riu perdidamente.

— Mas ouve, moralista! Encara bem a situação. Temos aqui duas mulheres: uma exige-te pelos seus direitos um amor que tu não podes já dar-lhe; a outra sacrifica-te tudo e não te pede nada. O que se deve fazer neste caso? É um conflito terrível!

— Se queres que te diga como penso, não vejo o conflito. Eu me explico: a meu ver, o amor, os dois amores, como os pinta Platão no *Banquete*, são a pedra de toque dos homens. Uns não compreendem mais do que um daqueles amores enquanto outros não compreendem nenhum. Todos aqueles que não fazem ideia do que seja o amor platónico não têm direito algum de falar de conflitos. Pode existir este em semelhantes condições? Não. Contento-me com o prazer que me proporcionas. Aqui está todo o drama. O amor platónico não quer outra coisa, porque nele tudo é claro e puro, porque…

Naquele momento recordou-se Levine das próprias faltas e das lutas íntimas que tinha sustentado, e acrescentou sem transição numa conclusão inesperada:

— Pode ser que tenhas razão. É possível, quem sabe? Por mim não sei nada, absolutamente nada.

— És um homem são! — exclamou Arcadievitch. — A tua melhor qualidade é o teu maior defeito. Queres endireitar o mundo. Censuras a administração do Estado porque não vês nela nenhuma influência social útil e segundo as tuas convicções, cada ação deveria corresponder a um fim preciso; exiges que o amor e o casamento sejam sempre a mesma coisa quando isto não se pode dar na realidade. A graça, a variedade, a beleza da vida está nas graduações...

Levine não respondeu; não o ouvira pensando no que mais o preocupava e quando os dois voltaram a encarar-se de frente tiveram ambos o mesmo pressentimento. Compreenderam que aquele jantar que devia fortificar a sua

amizade, os afastara mais um do outro. Cada um pensava nos seus interesses sem se importar com o outro. Oblonsky conhecia este fenómeno que tinha experimentado muitas vezes em circunstâncias análogas e sabia o que lhe restava fazer.

— A conta! — gritou ao criado, levantando-se e dirigindo-se à sala contígua.

Encontrou ali um conhecido com quem se pôs a falar de uma atriz da moda e do seu protetor. Em poucos minutos sentiu-se livre da má impressão que lhe ficara da conversa que tinha sustentado com Levine. O amigo obrigara-o a uma tensão de espírito fastidiosa.

Quando o criado trouxe a conta de vinte e oito rublos, fora a gorjeta, Levine, que como bom provinciano se teria assustado noutra ocasião, não fez a menor observação. Pagou e saiu imediatamente porque tinha apenas tempo de chegar a casa e vestir-se. Queria ir à receção das Cherbatzky, onde devia decidir-se o seu futuro.

Capítulo 12

A princesinha de Cherbatzky tinha dezoito anos. Era o primeiro inverno que se apresentava nos salões da sociedade, com êxito brilhante, maior até do que a sua mãe o supusera. Sem falar na mocidade galanteadora de Moscovo toda mais ou menos apaixonada por Kitty, tinham-se-lhe apresentado logo dois partidos bons: Levine e pouco depois o conde de Vronsky.

As frequentes visitas de Levine e o seu evidente amor por Kitty tinham sido o assunto das primeiras conversações sérias, entre o príncipe e a princesa, sobre o futuro da filha, conversações que degeneravam às vezes em discussões vivíssimas.

O príncipe era por Levine, julgando-o o melhor partido para Kitty. A princesa, ao contrário, com esse espírito de contradição vulgar na mulher, sustentava que a filha era ainda muito nova, que não mostrava muita inclinação para Levine e que este afinal não parecia animado de formais propósitos... Mas este não era o seu pensamento. Desejava, mas era uma escolha mais brilhante, porque não gostava de Levine; e quando este subitamente partiu para o campo ficou satisfeitíssima.

— Vês como eu tinha razão? — disse com ar triunfante ao marido.

Vronsky agradou-lhe logo que se apresentou e encheu-se da esperança de casar a filha não só muito bem, mas admiravelmente. Não havia para ela comparação possível entre os dois pretendentes. O que mais lhe desagradava em Levine era o seu modo brusco e franco, e as ideias originais que apresentava julgando as coisas e as pessoas ao contrário de toda a gente, o que ela atribuía à sua pouca civilização, à vida que levava entre gados e labregos. Demais também a ofendia a irresolução de Levine que, tendo frequentado a casa seis semanas, mostrando-se apaixonado por Kitty, não se tinha declarado francamente como era seu dever. E depois aquela partida incompreensível sem se despedir...

É uma fortuna, pensava, *que seja pouco simpático e que Kitty não*

demonstre grande predileção por ele.

Vronsky, esse, preenchia todas as suas aspirações: era rico, inteligente e nobre, ocupava um lugar de honra na corte e tinha diante de si uma brilhante carreira militar. Com uma figura insinuante e uma grande distinção, que mais podia desejar-se?

Fazia a corte a Kitty nos salões, dançava sempre com ela e tinha pedido que o apresentassem aos pais. Podia neste caso duvidar-se das suas intenções?

Entretanto a pobre mãe passava um inverno agitado. O seu casamento, que datava quase de trinta anos, fora combinado por intermédio de uma tia casamenteira, que preparara os dois isoladamente, mostrando-os depois um ao outro no momento oportuno, fazendo os pedidos oficiais, etc. Conhecendo, pois, por experiência quanto é difícil e de responsabilidade um assunto de ordem, a princesa, quando se tratou de casar as filhas, passou dolorosos momentos de ansiedade e de dúvida, sustentou lutas íntimas e questões lamentáveis com o marido. Os casamentos de Dolly e de Natália tinham sido um verdadeiro inferno na casa Cherbatzky.

Agora era preciso voltar às mesmas inquietações e desesperos, a questões mais dolorosas talvez porque o príncipe, esquisito e exigente como nenhum outro pai, tratando-se de Kitty, a sua filha predileta, redobraria de zelos e cuidados para a casar bem.

Muitas vezes a própria princesa ouvia sérias reprimendas pela educação que dava à filha. Lamentava-se das exageradas suscetibilidades do marido, mas no fundo não deixava de reconhecer que ele tinha razão. De resto os costumes e usos da sociedade tinham mudado muito e cada dia se tornavam mais diferentes, tornando consequentemente mais difícil o papel de uma boa mãe.

As meninas da sociedade tinham agora uns hábitos e umas liberdades, que seriam noutros tempos escandalosos. Reuniam-se para discutir assuntos graves, seguiam todas as loucuras da moda, adotavam gestos desenvoltos e conversavam familiarmente com os homens, passeavam de trem sozinhas e muitas tinham até abolido as clássicas reverências de cortesia.

No que respeitava a casamentos estavam todas unicamente persuadidas de que a escolha de marido só a elas próprias competia e não aos pais: «Já não nos casam como antigamente.»

E a princesa pensava nisto tudo muito a sério: «Mas como se casam elas

hoje!» O costume francês que dá aos pais o direito de decidir a sorte dos filhos estava fora de moda. O hábito inglês que deixa aos filhos toda a liberdade de escolha não estava ainda consagrado. E o uso da Rússia, o casamento por meio de intermediários, era considerado como uma herança dos bárbaros!

As pessoas a quem disfarçadamente interrogavam respondiam-lhe, inclinando-se para o costume inglês:

— Chegamos ao tempo de acabar com as velharias absurdas. São os filhos que casam e não os pais; logo os filhos é que devem escolher a seu gosto.

Inquietava-se a princesa ante estas razões muito cómodas para os que não têm filhas. O que faria ela se Kitty, frequentando a sociedade, se apaixonasse por alguém que ela e o marido não pudessem aceitar por não corresponderem aos seus desejos a família e a posição social escolhida? Felizmente Vronsky não estava nesses casos.

O único receio que tinha era que o conde se limitasse a cortejá-la porque a filha estava verdadeiramente apaixonada segundo a sua opinião. Na semana anterior tinha-lhe contado Kitty uma conversa que tivera com Vronsky durante um «cotillon» e essa conversa pareceu satisfatória à princesa sem, contudo, a tranquilizar de todo. Vronsky tinha dito à filha que tanto ele como seu irmão estavam habituados a obedecer cegamente à mãe e que não tomavam resolução alguma sem a consultarem. Neste momento tinha acrescentado: «Espero a vinda de minha mãe a Moscovo como uma felicidade muito grande para mim.»

Kitty repetira estas palavras sem lhes dar nenhuma importância especial, mas a mãe atribuiu-lhes um sentido conforme os seus desejos. Provavelmente era pela vinda da mãe que Vronsky esperava para se declarar. Para cuidar do casamento de Kitty, a princesa esquecia agora tudo, até a infelicidade de Dolly, que pensava em separar-se do marido. A chegada de Levine veio perturbá-la um tanto. Teve medo de que Kitty, ao recordar o afeto que noutro tempo lhe tinha dedicado, o preferisse ao conde. Parecia-lhe enfim que aquele regresso lhe embrulharia todos os projetos acerca do casamento em que tinha tanto gosto.

— Ele chegou há muito tempo? — perguntou à filha quando voltavam do jardim.

— Hoje mesmo, mamã — respondeu a jovem ruborizando-se. — Peço-

lhe que não me diga nada; sei o que vai dizer-me...

Participava das ideias da mãe, mas os motivos destas ideias comoviam-na vivamente.

— Queria dizer-te que, tendo dado esperanças a um...

— Mamã, por amor de Deus, cale-se. Tenho medo de falar nisso...

— Pois sim, minha filha — aquiesceu a princesa, vendo Kitty a ponto de chorar. — Mas ouve só isto, querida: prometeste-me não ter segredos para mim...

— Nenhuns! — exclamou Kitty olhando-a fixamente. — Não tenho nada que lhe ocultar... nada!

A mãe, olhando-a carinhosamente, certa de que não a podia enganar com aquela expressão tão cândida, tranquilizou-a.

Capítulo 13

Kitty passou toda a tarde muito nervosa, sobressaltada, cheia de ansiedade. Naquela noite, ao encontrar-se com os dois pretendentes à sua mão, pela primeira vez ia decidir-se a sua sorte. Recordando o passado, detinha-se com prazer, quase com ternura, nos momentos que passara junto de Levine; lembrava-se da grande amizade dele por seu irmão e dos brinquedos infantis em que se entretinha com ela — uma criança. Sentia um suave prazer em pensar nele e em confessar a si própria que lhe dedicava uma estima pura e fraternal.

Ao contrário sentia um certo mal-estar quando lhe acudia ao espírito a lembrança de Vronsky, adivinhando nas suas relações alguma coisa de falso de que se acusava a si mesma. Vronsky era um homem imperturbável, sempre calmo e amável, sempre natural. Levine, uma criatura nervosa, irregular, que lhe prometia arrebatamentos felizes. Comparou os dois insensivelmente e, apesar disto tudo, sentia-se mais atraída para o jovem conde, sonhando envolto numa névoa pesada o futuro ao lado de Levine. Depois do jantar subiu logo ao seu quarto de vestir para fazer a *toilette* da noite. De pé diante do espelho notou que estava bela como nunca e sorriu, satisfeita. Quando desceu ao salão, por volta das sete e meia, um criado anunciou logo:

— O Sr. Konstantin Dmitrich Levine!

O príncipe e a princesa estavam ainda nos seus aposentos e tinha, portanto, que o receber sozinha.

Corou intensamente. Compreendia que Levine viera propositadamente cedo para se encontrar a sós com ela e poder declarar-se, e esta situação apareceu-lhe pela primeira vez sob um novo aspeto. Não se tratava dela simplesmente, nem de saber com quem poderia ser feliz e a quem devia dar a preferência. Kitty compreendia que dentro de alguns instantes se veria forçada a ferir um homem a quem estimava muito, e a feri-lo cruelmente.

Meu Deus! Terei de ser eu mesma a desiludi-lo, a dizer-lhe que não o amo? Não será talvez verdade! Mas que lhe direi? Que o amo? Não posso. Não lhe apareço antes...

E dirigia-se trémula para a porta, quando ouviu na alcatifa da sala imediata os passos de Levine.

Não procedia lealmente, pensou. *Suceda o que suceder... Com ele não tenho acanhamento de falar...*

Neste momento já ele entrava, desempenado, elegante, mas tímido com os olhos brilhantes fitos nela. Kitty olhou-o nos olhos como se pedisse o seu auxílio e estendeu-lhe a mão.

— Vim um pouco cedo, parece-me — disse Levine dirigindo por todo o salão um olhar rápido.

— Não... eu já tinha descido — respondeu a princesinha sentando-se junto da mesa.

— Era precisamente o que eu desejava, encontrá-la só — disse ele sem se sentar e sem se atrever a olhá-la para não perder o ânimo.

— A mamã não se demora... Está muito fatigada...

Kitty falava sem saber o que dizia e continuava olhando-o numa expressão suave e suplicante. Levine olhou-a por sua vez, o que o fez corar e deter-se um momento. E chamando todas as suas forças:

— Disse-lhe esta manhã que não sabia se me demorava aqui porque isso dependia de si, Kitty...

Ela baixou a cabeça sem saber o que responder.

— Que dependia de si... queria dizer... que vim para saber se queria ou não... ser minha esposa — murmurou ele sem consciência do que dizia, mas com a convicção de que vencera a maior dificuldade.

Kitty não levantou a cabeça. Respirava dificilmente e uma espécie de felicidade enchia-lhe o coração. Nunca julgara que a confissão daquele amor pudesse produzir nela uma impressão tão viva; mas essa impressão não durou mais do que um minuto. Lembrou-se de Vronsky e erguendo o seu olhar límpido e sincero para Levine, respondeu-lhe:

— É impossível! Perdoe-me!

— Não podia ser! — balbuciou Levine, fazendo menção de se retirar depois de ter saudado a jovem.

Como estava perto dela pouco antes e como era necessária à sua vida! Como estava longe agora e como a perdera para sempre!

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 14

A princesa entrou naquele instante e o seu rosto transtornou-se pelo receio de vê-los sós. Levine inclinou-se sem poder soltar uma palavra e Kitty continuou silenciosa com os olhos baixos.

Graças a Deus, recusou, pensou a mãe voltando a si e recuperando a sua polidez das receções,

Depois sentou-se, perguntando a Levine futilidades sobre a sua vida no campo.

Ele sentara-se também, esperando que chegassem algumas visitas para sair.

Cinco minutos depois anunciaram uma amiga de Kitty, casada no inverno anterior, a condessa de Nordstone.

Era uma criaturinha de carnes enxutas, amarelenta, nervosa, enfermiça, com grandes olhos negros muito brilhantes. Gostava muito de Kitty e o seu afeto por ela, como o de toda a mulher casada por uma solteira, traduzia-se no vivo desejo de lhe dar um marido, conforme as suas ideias sobre a felicidade conjugal.

Para ela era Vronsky que mais se aproximava do ideal. Levine, que encontrara algumas vezes ali em casa no princípio do inverno, desagradara-lhe sempre e, ao vê-lo, contradizia-o em tudo por um prazer muito especial.

— Prefiro — dizia-lhe quando falavam dele — vê-lo sempre de longe para que não me fale com a sua insuportável filosofia, pois sinto-me muito ignorante para poder compreendê-la; quanto a saber que não lhe é muito agradável a minha presença, isso pode crer que não me molesta...

A condessa tinha razão de acreditar que Levine não podia aturá-la, porque ele de facto sentia por ela verdadeira antipatia.

Entretanto na sociedade falavam sempre com a maior cordialidade e delicadeza. A condessa, entrando e vendo-o no salão dos Cherbatzky, dirigira-se-lhe logo:

— Como? Está de volta a esta *abominável Babilónia?* — disse maliciosamente oferecendo-lhe a mão e aludindo a uma frase dele. — Foi a *Babilónia* que se converteu ou é o senhor que se converte? — acrescentou deitando um olhar irónico para Kitty e sorrindo.

— Muito honrado me julgo, condessa, por se recordar tão bem das minhas palavras — respondeu Levine que, tendo recobrado a sua presença de espírito, encontrara o tom agridoce dos seus diálogos com a condessa. — Faz-me crer que essas pobres palavras a impressionaram vivamente.

— Não, recordo-as por acaso! — E começou com Kitty uma animada conversa.

Ainda que não lhe parecesse conveniente a sua saída naquele momento, Levine preferia passar por mal-educado a ter de sofrer o suplício de ver Kitty toda a noite a evitar o seu olhar. Assim, ia levantar-se para sair quando a princesa, notando a sua impaciência, se lhe dirigiu:

— Pensa demorar-se muito em Moscovo? Não é do *Semstvo?* Este cargo naturalmente impede-o de permanecer aqui muito tempo...

— Não, princesa, demiti-me; mas estarei muito poucos dias.

Alguma coisa sucedeu, pensou a condessa de Nordstone observando a seriedade com que Levine falava. *Ele não é expansivo, mas procurarei que fale; nada me diverte mais do que confundi-lo aos olhos de Kitty.*

— Senhor Levine — disse lhe — o senhor que sabe tudo, explique-me, por favor, porque é que nas nossas terras de Kaluga os campónios e suas mulheres bebem quanto ganham e se negam a pagar as contribuições.

— Desculpe-me V. Exa., senhora condessa, mas não sei nada, não posso responder-lhe — disse ao mesmo tempo que reparava muito numa senhora que entrava seguida por um oficial.

Levine erguera-se para cumprimentar a senhora e, fitando muito o oficial, disse depois para consigo: *Deve ser o tal Vronsky!* E para certificar-se olhou para Kitty. Esta já tinha tido tempo de olhar para os dois rapidamente. Mas Levine percebeu que ela amava o outro pelo brilho dos olhos...

Então quis conhecer bem aquele homem. Muitas pessoas à vista de um rival afortunado negam todas as qualidades que lhe renderam o seu bom êxito e, com o coração dilacerado, julgam-se inferiores a ele.

Levine era assim e atentou na fisionomia insinuante e simpática de Vronsky que, a par da senhora que entrara, se dirigiu à princesa, e logo a Kitty. Pareceu-lhe que ao inclinar-se diante dela os seus olhos tomavam uma

expressão de ternura e que o seu sorriso revelava a maior felicidade.

Depois de se ter inclinado para saudar todas as pessoas presentes, o conde sentou-se sem ter reparado em Levine, que não deixava de o fitar.

— Permitam-me que os apresente — disse a princesa indicando Levine com um gesto. — Konstantin Dmitrich Levine; o conde Alexei Kirilovitch Vronsky.

O conde levantou-se e foi apertar cordialmente a mão de Levine.

— Se não me engano, este inverno fui convidado para jantar com V. Exa. — disse-lhe com um sorriso franco. — Mas partiu tão depressa para o campo...

— O Sr. Konstantin Dmitrich foge da cidade e despreza os seus habitantes — disse a condessa.

— Agora convenço-me de que realmente a impressionaram as minhas palavras — fez Levine, ruborizando-se.

Vronsky olhou os dois e sorriu.

— De modo que V. Exa. vive sempre no campo? Deve ser aborrecido no inverno!

— Não é, quando temos de que nos ocupar e estamos em boa companhia — obtemperou Levine secamente.

— Na primavera gosto do campo — opinou Vronsky fingindo não perceber o tom áspero em que falara Levine.

— Mas creio que não seria capaz de viver muito tempo fora da cidade — observou a condessa.

— Não posso assegurá-lo; mas nunca tive tantas saudades dos nossos campos russos com os seus mujiques, como naquele inverno que passei em Nice com minha mãe. Os senhores sabem como Nice é triste. Sem falar de Nápoles e de Sorrento, que não são melhores; ali é onde se recordam com mais viveza as nossas campinas russas.

Enquanto falava, o conde dirigia-se ora a Kitty ora a Levine, fixando seus olhos tranquilos e doces num o noutro com a maior naturalidade. A condessa, que tinha querido dar o seu parecer, interrompera-o numa frase e ele tinha-se detido, sem terminar, escutando-a com a maior atenção.

Continuava animada a conversação e a princesa não teve necessidade de intervir com as suas máximas sobre o serviço militar obrigatório e sobre a educação antiga, guardando-as para quando o silêncio se prolongasse mais do que o conveniente. Só Levine a inquietava um tanto porque esquivava-se a

tomar parte na conversa, deixando escapar momentos de impaciência.

Porfiava em sair; entretanto continuava sentada como se esperasse alguma coisa para se decidir de pronto.

Falava-se então dos espíritos precursores, das célebres mesas falantes e a condessa, que era lida nestas matérias e verdadeiramente crente, porque dizia ter presenciado maravilhas de fenómenos, defendia encarniçadamente as teorias do espiritismo.

— Condessa, por tudo quanto lhe é querido, faça-me presenciar esses fenómenos — pediu Vronsky sorrindo. — Na minha vida nunca vi nada de extraordinário e Deus sabe que não me falta vontade...

— Pois bem. Prometo-lhe uma sessão para o próximo sábado — assentiu a condessa. — E o Sr. Levine acredita no espiritismo?

— Não sei por que mo pergunta sabendo perfeitamente o que lhe responderei...

— Queria saber a sua opinião...

— A minha opinião — respondeu Levine — é que as tais mesas falantes mostram bem como está atrasada a alta sociedade, que nisto está num plano perfeitamente igual ao dos camponeses mais ignorantes. Estes acreditam no mau olhado, em sortilégios de bruxas, em metamorfoses e...

— Então não acredita?...

— Não, condessa.

— Mas se eu disse que tinha, eu mesma, presenciado...

— Também os camponeses asseguram que têm visto nas suas casas os *Damavoi*.

— Quer dizer com isso que não falo verdade? — gargalhou a condessa ironicamente.

— Não, Maria — interveio Kitty, ruborizando-se por Levine. — O Sr. Konstantin Dmitrich diz simplesmente que não acredita no espiritismo.

Levine compreendeu a intenção da jovem e dispunha-se a continuar em tom ainda mais áspero quando Vronsky, com o seu sorriso amável, fez voltar a conversa aos limites de uma cortesia que parecia desaparecer.

— Não crê V. Exa. na possibilidade desses factos? — perguntou. — E porquê? Todos admitimos a existência da eletricidade sem compreender a sua essência. Forque não há de existir uma força nova, desconhecida ainda, que...

— Quando se descobriu a eletricidade — atalhou vivamente Levine — não se observava mais do que os fenómenos sem se saber como eram

produzidos e donde procediam; passaram muitos séculos sem que se pensasse na sua aplicação. Os espiritistas, ao contrário, começaram por fazer escrever as mesas e evocar os mortos, e só muito depois nos veem falar numa força desconhecida.

Vronsky, que escutara atentamente segundo o seu costume, pareceu deveras interessado por aquelas palavras.

— Sim, mas os espiritistas dizem: Nós ignoramos ainda no que consiste essa força; só afirmamos que existe porque se manifesta e opera em circunstâncias determinadas; aos homens da ciência cumpre a tarefa de descobrir a sua existência. E, repito, porque não há de existir uma força nova?

— É simples — respondeu Levine sem hesitar. — Quando se esfrega numa almofada de lã uma barra de resina pode produzir-se em seguida um fenómeno de efeito seguro conhecido por todos, ao passo que o espiritismo não dá nenhum resultado positivo e, por conseguinte, os seus efeitos não devem considerar-se como fenómenos naturais.

Vendo que a discussão tomava uma feição demasiado séria para um salão da sociedade, Vronsky não replicou e disse, sorrindo para as senhoras:

— Porque não fazemos agora mesmo uma experiência, condessa?

Mas Levine queria ir até ao fim da sua demonstração e continuou, sem ouvir:

— As tentativas que têm feito até hoje os espiritistas para explicar os seus *milagres* por meio de uma força desconhecida têm sido infrutíferas, a meu ver. Creem numa força sobrenatural e pretendem submetê-la a uma força material.

Todos esperavam, porém, que ele acabasse de falar, e ele notou-o, reprimindo-se.

— Estou convencida de que o senhor seria um excelente *médium* — disse-lhe a condessa. — Toma tanto calor em tudo!

Levine abriu a boca para responder, mas ficou confuso sem dizer nada.

— Vamos, minhas senhoras, experimentemos a mesa — insistiu Vronsky. — Consente, princesa? — Erguera-se e procurava com os olhos uma mesita redonda.

Kitty também se levantara e os seus olhos chocaram-se de súbito com os de Levine, e ficaram presos neles um momento, sem conseguir desprende-los.

Perdoa-me se podes!, diziam os olhos dela. *Sou tão feliz...*

Tenho ódio a todo o mundo, a ti e a mim próprio!, faiscavam os dele. Fez um gesto para tomar o chapéu e sair, mas não o conseguiu ainda desta vez, porque entrara o príncipe que, depois de um cumprimento às senhoras, se apoderara dele.

— Ah! — exclamou sinceramente satisfeito. — Não te esperava aqui! Quando chegaste? Ora o Levine! Não calculas como estou satisfeito!

Tomou-lhe o braço, sem fazer caso de Vronsky, que aguardava tranquilamente que se voltasse para o cumprimentar.

Kitty ficara mais inquieta. Sentia que a amizade afetuosa de seu pai mortificaria Levine depois do que sucedera. Demais notou, sobressaltada, que o príncipe correspondia friamente ao cumprimento de Vronsky, que ficara um pouco surpreendido daquele acolhimento glacial, perguntando a si mesmo se acaso todos não se inclinariam a seu favor.

— Príncipe, restitua-nos o Sr. Konstantin Dmitrich — disse a condessa — queremos fazer uma experiência...

— Que experiência? Fazer falar a mesa? Enfim, lá sabem! Mas na minha opinião a *cabra cega* tem mais senso comum... — fez o príncipe num meio sorriso e fitando Vronsky, a quem atribuía a ideia daquele passatempo.

Todos perderam o entusiasmo. Depois de olhar tranquilamente para o velho príncipe, sem o compreender bem, Vronsky voltou-se para a condessa e pôs-se a falar com ela acerca de um grande baile anunciado para a próxima semana.

— Espero que não falte — disse para Kitty.

Assim que Levine conseguiu desembaraçar-se do príncipe, saiu. E a última impressão que levou daquela noite foi a do sorriso de Kitty quando respondia à pergunta de Vronsky sobre o baile.

Capítulo 15

Naquela mesma noite Kitty contou à mãe o que se passara com Levine e, apesar do desgosto que tinha de o ter feito sofrer, sentia-se lisonjeada de ter sido pedida em casamento.

Mesmo convencida de que tinha procedido bem esteve às voltas no leito muito tempo, sem poder dormir. Uma recordação da *soirée* oprimia-a: era a expressão triste e desolada de Levine quando estava ao lado de seu pai, pouco antes de sair, olhando para ela e para Vronsky. Saltou-lhe uma lágrima para o travesseiro.

— Isto é triste, muito triste, mas não tem remédio... — murmurava ainda que uma voz interior lhe dissesse o contrário.

Devia censurar-se afinal por tê-lo atraído a si ou por recusar o seu pedido? Sabia apenas que a sua felicidade estava perturbada agora pela inquietação.

— Senhor, tende piedade de mim! — exclamou começando a rezar, até que adormeceu.

Entretanto passava-se no gabinete contíguo ao quarto do príncipe uma das cenas que se repetiam muitas vezes entre marido e mulher, desde que se tratava do casamento e do futuro da filha predileta.

— Aqui está o que tu fazes! — exclamou o príncipe cruzando os braços e atravessando a passos largos os aposentos. — Parece que não tens orgulho, nem dignidade! E estragas tua filha com essa teimosia ridícula de lhe buscares marido.

— Em nome Deus, o que fiz eu? — dizia a princesa quase a chorar.

Depois de dar as boas noites ao marido para se dirigir ao seu quarto, voltara atrás para lhe dizer que o pedido de Vronsky não devia demorar-se em vista da próxima chegada da condessa. Isto produzira logo a irritação do príncipe e aquela amarga reprimenda.

— Pergunto-te o que fizeste?! Trouxeste aqui um rapazola, meteste-o na

nossa intimidade de um modo que dará que falar, e com razão, a toda a Moscovo. É pouco! Mas isto não pode continuar! Se queres reuniões, não tas proíbo; convida à tua vontade quem melhor te parecer, mas por amor de Deus não chames a elas os pretendentes à mão de tua filha, escolhidos por ti! Não me ofereças o dissabor de outra reunião como a desta noite. Bem sabias que me desgostavas, mas não olhas a nada quando se trata de conseguir os teus desejos, os teus grandes projetos, transtornando a cabeça da nossa Kitty... Levine vale mil vezes mais do que esse pintassilgo de S. Petersburgo, um manequim de loja de nobreza avariada e que tem nas veias sangue de príncipe; a minha filha não necessitava dele para se enobrecer...

— Por piedade, sê razoável...

— Tens a culpa de tudo isto!

— Se fosse a dar-te ouvidos — disse a princesa timidamente — não casaríamos nunca a nossa filha. Para isto melhor seria estarmos no campo.

— Era melhor, era...

— Ouve lá. Asseguro-te que não tenho preferência alguma... parece-me todavia que um rapaz distinto... e demais ela...

— Tudo isto te parece a ti. Kitty está tão apaixonada e pensa tanto em casar como eu. O espiritismo... Nice... o baile! — arremedava com voz pretensiosa. — Tudo isto o que pode é fazer perder a cabeça à nossa filha. Olha que depois é que não tem remédio!

— Mas que ideias as tuas!

— Tenho razões para pensar assim. São ideias que se realizarão fatalmente. Nós temos olhos para ver, enquanto as mulheres nunca veem nada. A questão é esta: de um lado um homem com boas intenções, que é Levine; do outro um fedelho, um galã adocicado que não pensa senão em divertir-se.

— Suposições tuas!

— Hás de dar-me razão quando já for tarde. Vai acontecer-nos exatamente o mesmo que a Dashinka.

— Pois bem, não falemos por hoje mais nisto — disse a princesa a quem a recordação da pobre Dolly cortou a vontade de falar.

— Tanto melhor. Boas noites!

Os dois esposos beijaram-se, fazendo reciprocamente o sinal da cruz, segundo o costume russo, e depois cada um tomou em direção aos seus aposentos, com a sua convicção cada vez mais arreigada.

A princesa que pouco antes julgava ter assegurado a felicidade de Kitty, sentiu-se, porém, um pouco abalada pelas palavras do marido quando já estava no quarto de dormir. Começou a refletir e vendo por fim o futuro ainda incerto para Kitty disse como ela do fundo do coração:

— Senhor! Tende piedade de nós!

PERIGOSAS

Capítulo 16

Vronsky não conhecera nunca a vida da família. Sua mãe, senhora da melhor sociedade, tinha tido antes do casamento, e sobretudo depois, muitas aventuras galantes que eram conhecidas por toda a gente menos por ele, Vronsky, que não tinha conhecido o pai e fora educado no Colégio militar. Terminados os estudos saiu com a classificação de oficial e entrou no Círculo Militar mais conhecido de S. Petersburgo. Começou então a frequentar os salões da sociedade com sucesso, pondo sempre o coração ao abrigo de todos os perigos. Sempre indiferente, sempre frívolo, em Moscovo foi onde, pela primeira vez, experimentou as delícias de uma intimidade depois de se *apaixonar* por Kitty.

Aquele contraste com a vida mais buliçosa, mas mais material de S. Petersburgo, encantou-o e nem sequer lhe ocorreu a ideia de que poderia nascer algum inconveniente do seu *flirt* com Kitty.

Convidava-a a dançar de preferência a todas, ia a casa dos seus pais para falar de futilidades e o que lhe dizia a ela própria no redopio das valsas, todas as pessoas podiam ouvir. Longe de supor que aquela sua conduta sem intenção de casamento podia qualificar-se como tentativa de sedução, imaginava simplesmente que tinha descoberto um prazer novo naquele amor conferido por olhares e silêncios expressivos.

Se lhe dissessem que não casando com Kitty a fazia sofrer, não acreditaria. Não podia admitir que aquela situação deliciosa pudesse ocultar um perigo ou importar a obrigação de pedi-la em casamento.

Nunca pensara na possibilidade de casar-se. Considerava a família, e os maridos em especial, como uma raça particularmente antipática e ridícula.

Naquela noite, ainda que não pudesse suspeitar a conversa a que tinha dado lugar, saiu da casa Cherbatzky com o pressentimento de que o misterioso laço que o unia a Kitty se tinha apertado tão fortemente que era preciso tomar uma resolução.

O que há de interessante na nossa amizade, pensava quando saía, *é justamente esta indecisão, este amor apenas esboçado e compreendido sem pronunciarmos uma palavra, nessa linguagem que só nós dois conhecemos*. Como ela lhe tinha manifestado o seu amor, momentos antes, pela simples inflexão da voz! E reconhecia-se também influenciado por ela; sentia-se melhor do que era junto dela.

Saiu destes pensamentos para decidir onde devia passar o resto da noite.

Jogar uma partida no Clube e tomar uma taça de champanhe com Ignatine? Não. Ir ao *Castelo das Flores* para chalacear com Oblonsky e ouvir um pouco de música? Também se aborreceria ali e resolveu secretamente ir para casa. Tomou uma refeição leve, deitou-se e adormeceu com tranquilidade.

Capítulo 17

Às onze da manhã do dia seguinte, Vronsky dirigiu-se à estação de S. Petersburgo para receber sua mãe, que devia chegar àquela hora, e a primeira pessoa que viu na *gare* foi Oblonsky, que esperava a irmã.

— Bons dias, conde! — gritou-lhe Oblonsky. — Que faz por aqui?

— Espero minha mãe — respondeu com um sorriso amável, apertando-lhe a mão. — Chega de S. Petersburgo.

— É verdade! Esperei-te até às duas da madrugada. Onde foste depois de sair de casa dos Cherbatzky?

— Para casa. Não me sentia com vontade de ir a parte nenhuma. Sinto-me tão bem naquelas reuniões!

— Conheço as paixões nos olhos e no penteado — disse Stepane Arcadievitch, repetindo o que dissera a Levine no dia anterior.

Vronsky sorriu sem protestar, mas mudou de conversa.

— E tu quem esperas?

— Eu? Vim pelos belos olhos de uma senhora!

— A sério?

— *Honni soit qui mal y pense!* Essa formosa dama é minha irmã.

— Ana Karenina? — perguntou Vronsky.

— Conhece-la?

— Creio que sim, mas não estou certo...

— Mas conheces meu cunhado, o célebre Alexei Alexandrovich, conhecido em todo o mundo.

— Sim, conheço-o de nome e também de vista. Sei que é um homem de valor, um sábio; mas bem sabes que não é essa a minha especialidade; *not in my line!*

— É um homem notável, um pouco conservador, mas notável, famoso!

— Bom. Tanto melhor para ele — disse Vronsky sorrindo. E vendo próximo um velho criado da mãe. — Ah! Estás aí? A senhora não tarda.

Recomeçou a conversa com Stepane, por quem sentia uma simpatia especial.

Estar junto dele parecia-lhe estar próximo de Kitty; por isso, tomando-lhe o braço, alegremente convidou:

— Queres jantar comigo no domingo?

— Porque não? Ora diz-me uma coisa: viste o meu amigo Levine ontem à noite?

— Sim. Saiu muito cedo...

— É bom rapaz — continuou Oblonsky. — Não te parece?

— Não sei porquê, mas todos os moscovitas (à exceção dos meus amigos, claro) têm um ar *doutoral;* entusiasmam-se facilmente, e quando não se concorda com eles irritam se; querem dar lições a todo o mundo.

— É verdade — confirmou Stepane rindo.

— O comboio demora ainda muito? — perguntou o conde a um empregado.

— Acaba de partir da estação mais próxima.

O movimento crescia na *gare;* os *artelchiks* andavam numa contínua correria, os empregados superiores punham os bonés agaloados e saíam dos seus gabinetes, os agulheiros corriam aos postos; a polícia passeava tranquilamente, fumando para entreter as horas de serviço, e as pessoas que iam partir ou que esperavam os passageiros chegavam-se para a beira do pavimento asfaltado onde os estribos das carruagens viriam encostar.

Já se ouvia, longe, o silvo prolongado da locomotiva e em breve apareceu na bruma da manhã fria um corpo monstruoso que avançava rapidamente e com ruído.

— Pois és injusto com o meu amigo — disse Stepane reatando a conversa sobre Levine. — É um homem nervoso, mas muito agradável e atencioso; dá gosto conversar com ele. Ontem estava incomodado e com razão — frisou com um olhar significativo, esquecendo a sua amizade por Levine ante a simpatia que Vronsky lhe inspirava.

Este deteve-se e perguntou bruscamente:

— Queres dizer que pediu tua cunhada em casamento?

— Pode ser — respondeu Stepane observando-o. — Pelo menos assim me pareceu ontem à noite; e como dizes que saiu de lá muito cedo e de mau humor... é que se declarou!... O pobrezinho está apaixonado há tanto tempo! Faz-me pena!

— Certamente! Nunca passei por isso, mas deve ser uma situação aborrecida. Por isso há muitos que preferem a vida divertida dos solteirões. Mas aí está já o comboio.

O comboio entrava na estação, com efeito. A cobertura envidraçada da *gare* pareceu que ia fundir-se e a locomotiva, lançando jorros de vapor que no ar frio se condensava numa chuvinha poeirenta, arrastou pesadamente as rodas, abalando tudo até que estacou noutros resfolgos de vapor.

Tinham passado primeiro o tênder, os vagões de mercadorias e bagagens, onde se ouvia os latidos furiosos de um cachorro, e agora com lentidão vinham as carruagens dos passageiros, levemente sacudidos pelos últimos arrancos da máquina.

Um condutor de modos desembaraçados saltou ainda com o comboio em movimento e fez ouvir um pequeno silvo. As portinholas começaram a abrir-se, e aqui e ali os viajantes mostraram-se. O primeiro foi um oficial da Guarda, de aspeto carregado, depois um caixeiro-viajante, bem-disposto de mala na mão, logo um camponês de saco às costas e varapau.

Vronsky, que observava junto de Stepane todo aquele movimento curioso, tinha esquecido para que viera ali.

Ficara impressionado com o que tinha sabido acerca de Kitty e, com os olhos brilhantes, saboreava a prova do seu triunfo.

O condutor aproximou-se dele e disse-lhe, indicando um vagão:

— A senhora condessa de Vronsky está naquela carruagem.

Voltou à realidade e lembrou-se da mãe. Ainda que o não dissesse, nem grande respeito, nem grande afeto tinha por ela. Mas a sua boa educação e a sua natural amabilidade cativante não lhe permitiam mostrar-se menos atencioso; não perdia nunca a sua linha e, quanto menor era o seu carinho de filho, mais exagero tinha nas demonstrações exteriores de homem de sociedade.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 18

Vronsky seguiu o condutor e ao entrar na carruagem deteve-se para dar passagem a uma senhora que logo reconheceu, com o seu tato de homem de sala, como uma grande senhora. Depois de uma frase cortês, voltou-se para a ver melhor não porque a sua beleza, a sua graça e a sua elegância o atraíssem extraordinariamente, mas pela expressão doce e acariciadora que lhe tinha notado.

Ela voltou também a cabeça no momento em que ele a seguia com interesse e os seus olhos verdes fitaram-no amigável e benevolamente, como se o tivessem reconhecido; depois pareceu que procurava alguém na multidão.

Por muito rápido que fosse, aquele olhar bastou a Vronsky para notar no rosto da viajante uma vivacidade reprimida que se notava sobretudo na curva provocante dos seus lábios e no brilho dos olhos. Havia em toda a sua figura um todo de mocidade e alegria que ela procurava dissimular.

Vronsky chegou por fim até junto da mãe, velha senhora de aspeto severo que o acolheu benevolamente. Levantou-se do seu lugar, entregando à criada que a acompanhava um elegante saco de viagem, e estendeu ao filho uma mão branca e flácida que ele beijou.

— Recebeste o meu telegrama? Como estás?

— Fez boa viagem? — interrogou Vronsky enquanto prestava ouvidos a uma voz de mulher que atribuiu sem hesitação à senhora que descera da carruagem.

«— Não concordo — dizia a voz.

«— É uma consideração petersburguesa, minha senhora — dizia outra voz.

«— Nada disso. É uma consideração feminina.

«— Bem. Permita-me V. Exa. que lhe beije a mão.

«— Adeus, Ivan Petrovitch. Se vir meu irmão mande-mo à carruagem.

E voltava para o vagão.

— Não encontrou seu irmão? — perguntou-lhe a condessa de Vronsky.

O conde reconheceu então a senhora Karenina.

— O irmão de V. Exa. veio à estação. Queira desculpar-me, minha senhora, não a ter reconhecido logo. Também tive tão poucas vezes a honra de lhe falar que certamente não se recorda de mim.

— Lembro-me bem. Além disso vim toda a viagem falando de V. Exa. com sua mãe.

E a alegria que até ali ela tinha tentado esconder iluminou plenamente o seu rosto.

— Mas meu irmão não aparece!

— Vai procurá-lo, Aléxis — disse a condessa.

Vronsky saiu da carruagem e deu logo com os olhos em Stepane.

— Oblonsky! — chamou sem avançar mais.

A senhora Karenina, ao divisar o irmão, não esperou que ele chegasse junto dela, desceu rapidamente, correu ao seu encontro e, com um gesto gracioso, abraçou-o e beijou-o carinhosamente.

Vronsky, que não deixava de a fitar sem saber porquê, sorria.

Por fim lembrou-se da mãe e voltou para junto dela.

— Não é verdade que é muito interessante? — disse-lhe a condessa. — Foi uma verdadeira felicidade para mim tê-la como companheira de viagem. Falámos de mil coisas... E tu que fazes? Disseram-me que estás apaixonado. Tanto melhor.

— Não sei a que se refere, mamã! — fez o filho com frieza.

— Bem. Saímos, não?

Naquele momento voltou a senhora Karenina para se despedir da condessa.

— Condessa, já encontrou seu filho e eu o meu irmão... O meu repertório de anedotas esgotou-se a tempo...

— Com a minha amiguinha teria feito a viagem à volta do mundo sem me aborrecer um instante. É uma das senhoras mais amáveis com quem se pode conversar. Que eu pouco mais fiz do que ouvi-la, encantada! Quanto ao seu filhinho, não se preocupe, alguma vez teria de deixá-lo...

A irmã de Stepane esboçava um sorriso enquanto a escutava. A condessa continuou, dirigindo-se ao filho:

— Deixou em S. Petersburgo um filhito de oito anos de quem nunca se

separou...

— O mais que falámos foi dos nossos filhos — disse Ana Arcadievna. — Eu do meu e a condessa do seu...

— Decerto que V. Exa. se aborreceu muito — interrompeu Alexei Vronsky, galanteador.

Mas ela não respondeu e voltou-se para a condessa, que lhe dizia, despedindo-se:

— Adeus. Não esquecerei tão depressa este admirável dia que passámos juntas.

— Adeus, condessa.

— Permita-me que lhe dê um beijo — disse ainda a velha senhora — e que lhe diga que me conquistou inteiramente, se me é permitida a expressão.

Por extravagante que fosse a frase, Ana mostrou-se agradecida, ruborizou-se um pouco e estendeu a mão a Vronsky, inclinando-se levemente com aquele seu sorriso que se mostrava tanto nos olhos como nos lábios. Ele apertou-lhe a mão, cheio de felicidade ao sentir a sua expressão firme e amigável.

Ana Karenina afastou-se depois num passo breve e elegante.

— É bonita — exclamou a condessa.

O filho, que pensava da mesma forma, seguiu-a com os olhos até perdê-la de vista. Viu-a chegar-se ao irmão e falar-lhe com vivacidade. Era evidente que aquela conversa não tinha nenhuma relação com ele e Vronsky sentiu-se um tanto contrariado.

— Então, mamã, estão todos bons? — perguntou para a condessa.

— Felizmente, Alexandre, muito bem. Maria está lindíssima, desenvolveu-se muito.

Falou depois do batismo do seu neto e da benevolência honrosa do imperador para com o seu primeiro filho.

— Aqui está o Lourenço — disse Vronsky ao ver aproximar-se o velho criado. — Podemos sair. Já não há confusão.

Ofereceu o braço à mãe; o criado, a criada de quarto e um carregador tomaram conta das bagagens. Quando desciam do vagão toda a gente que se conservava ainda na gare e muitas pessoas que entravam corriam atrás do chefe da estação na direção da cauda do comboio. Tinha sucedido alguma desgraça e todos se precipitavam para aquele ponto.

— O que há? Onde foi? Caiu? Morreu?! — era o que se ouvia de todos

os lados.

Stepane Arcadievitch e a irmã tinham também voltado atrás, acercando-se de novo da carruagem para fugirem ao tumulto.

As senhoras tornaram a subir enquanto Vronsky e Stepane iam informar-se do que sucedera.

Um fator de serviço, muito bêbedo, com o capote sobre a cabeça para se resguardar do frio cortante, atravessara a linha no momento em que o comboio entrava na estação e fora colhido, morrendo instantaneamente. Só depois dos primeiros momentos de confusão com a descida dos passageiros se tinha dado pelo desastre.

Antes ainda da chegada de Vronsky e de Stepane as senhoras foram informadas pelo criado. Eles tinham mesmo ido ver o cadáver despedaçado. Oblonsky vinha muito impressionado.

— Que aspeto horrível! Se visses, Ana, que horror!

Vronsky, silencioso e sério, ficara todavia tranquilo.

— Se visse, condessa!... — continuava Arcadievitch. — Está aí a mulher. É horrível! Atirou-se sobre o cadáver, sobre aquela carne ensanguentada, um horror! Dizem que o desgraçado era o único amparo de uma família numerosa. Que desgraça!

— Não se poderia fazer alguma coisa por essa pobrezinha? — perguntou Ana Karenina.

Vronsky fixou-a um segundo.

— Eu volto já, mamã — disse à condessa.

Afastou-se. Quando voltou, pouco depois, Stepane falava a sua mãe da nova cançonetista do casino, referindo com um sorriso picante a escandalosa aventura que lhe dera nome.

— Agora vamo-nos — disse o conde.

Saíram juntos da gare. Vronsky adiante com a mãe, Stepane atrás com a irmã pelo braço. O chefe da estação, que corria atrás deles, alcançou-os mesmo ao transporem a porta.

— O senhor entregou ao subchefe duzentos rublos — disse a Vronsky — mas esqueceu-se de dizer para quê...

— São para a viúva desse pobre homem — respondeu-lhe, encolhendo os ombros.

— Deste essa quantia? — perguntou Oblonsky, premindo o braço da irmã. E logo mais baixo: — Tem bom coração.

A condessa subiu com o filho para o trem que a esperava e despediram-se de vez.

Stepane ficou ainda um momento.

De todos os lados ouviam-se ainda pormenores do desastre. Todos os que passavam haviam de deixar perceber um comentário ou uma exclamação de pesar.

— Que espantosa morte! — dizia um sujeito de idade que passou junto deles.

— Ficou feito em salada!

— Uma morte linda! Nem soube de que morria!

— E tem filhinhos...

— Não há cuidado nenhum, nestas linhas!

Ana Karenina subiu para a carruagem e o irmão observou com espanto que toda ela tremia sem poder conter as lágrimas.

— O que é isso, Ana? — perguntou quando os cavalos largaram a trote largo.

— Um pressentimento mau!

— Que loucura! Tu estás aqui sem uma beliscadura e é o que importa. Não calculas as esperanças que tenho com a tua vinda...

— Conheces Vronsky há muito tempo? — interrompeu ela.

— Conheço. Esperamos que ele case com a nossa Kitty.

— Sim? Falemos agora de ti! — disse ela numa transição brusca, como para afugentar um pensamento doloroso.

— Falemos da tua situação... Recebi a tua carta e aqui me tens.

— Todas as minhas esperanças estão em ti — repetiu Arcadievitch.

— Conta-me então isso tudo...

Stepane começou a sua história.

Capítulo 19

Quando Ana entrou, estava Dolly na saleta próxima do seu quarto entretida a emendar a tradução de francês de um pequenito de cabeça loura, vivo retrato de Stepane. Enquanto ela lia alto, distraía-se o pequeno em arrancar do casaco um botão preso apenas por dois ou três pontos. A mãe tinha-o repreendido muitas vezes já, mas a mãozinha teimosa voltava à carga contra o pobre botão. Foi preciso arrancar-lho de todo e guardá-lo no cesto da costura.

— Está quieto com as mãos, Grisha — dizia-lhe a mãe, recomeçando o seu trabalho numa colcha de *croché,* trabalho difícil e demorado que Dolly suportava apenas nos momentos embaraçosos. Fazia girar com ligeireza a agulha de ouro entre os dedos, juntando as malhas e contando os pontos cuidadosamente.

Ainda que tivesse dito ao marido no dia anterior que pouco se importava com a chegada de Ana, tinha preparado tudo para a receber como ela merecia.

Absorvida nos seus pensamentos, anestesiada pela sua dor enorme, não esquecia em todo o caso que Ana era a esposa de uma personagem que ocupava um elevado cargo oficial, que era uma grande senhora da corte.

E de resto Ana não tem culpa!, dizia para si. *Sempre nos temos dado perfeitamente apesar da frieza natural dos Karenine para todas as pessoas.*

Dolly não ficara com impressões muito agradáveis dos dias que passara com eles em S. Petersburgo. Tinha julgado descobrir um quê de falso na sua aparente amabilidade. Entretanto tinha de receber a cunhada convenientemente.

Contudo que não pense em querer consolar-me!, pensava, refletindo ao mesmo tempo que era indispensável dizer-lhe pela sua parte o que se passava e sentindo um alívio antecipado em poder desabafar com alguém as suas mágoas, porque a ninguém vira senão aos filhos depois da terrível cena.

Esperava, pois, a cada minuto encontrar-se em presença da cunhada e dirigia de instante a instante os olhos para o relógio, mas como sucede muitas vezes nestes casos, esqueceu-se por fim, absorta nos seus pensamentos, e nem ouviu o toque de campainha que anunciava a sua chegada. Assim, quando um passo ligeiro e o frufru de um vestido junto da porta lhe fizeram levantar a cabeça, o seu rosto fatigado apresentava mais uma expressão de enfado do que de bom acolhimento.

— Não te esperava já! Chegaste bem? — disse levantando-se para abraçar a cunhada.

— Quanto me alegro de te ver, Dolly!

— E eu, minha querida — fez Dolly procurando adivinhar na expressão do rosto de Ana o que ela sabia.

E percebendo a compaixão da cunhada convenceu-se de que sabia tudo.

— Vou conduzir-te ao teu quarto — disse para retardar as explicações.

— Mas que vejo! Grisha? Meu Deus, como cresceu! — exclamou abraçando o pequenito sem deixar de fitar Dolly. Depois acrescentou: — Se me permites fico aqui um pouco. — Desembaraçou-se do xaile, sacudindo a cabeça com graça, e despregou o chapéu deixando em liberdade os seus belos cabelos negros e frisados.

— Como estás bonita! Como estás nova! — murmurou Dolly quase com inveja.

— Eu sim, filha... — E tomando a pequenita que se aproximara: — Vem cá, Tânia! É da idade do meu Sergei! — Beijou-lhe as mãos carinhosamente e replicou para a mãe: — Quero vê-los todos, chama-os. Que linda está a pequenita!

Recordava não só os nomes, mas as idades, os gostos, as fraquezas e doenças dos sobrinhos. Dolly agradecia-lhe do coração aquele interesse afetuoso pelos filhos.

— Vamos ver. Ora, vamos... Mas Vasia está dormindo.

Depois de terem visto todos os pequenitos voltaram à saleta onde foi servido café. Ana sentou-se diante da bandeja do serviço e afastando-a um pouco, disse para a cunhada:

— Dolly, ele contou-me...

Dolly olhou-a friamente; esperava alguma frase banal de fingida estima, mas Ana disse-lhe apenas:

— Não o defendo, nem pretendo consolar-te porque sei que é inútil, mas

fazes-me pena, muita pena!

Tinha uma lágrima presa nas pálpebras; acercou-se de Dolly e prendeu-lhe a mão, passando-lhe a sua por cima numa carícia.

— Ninguém poderia consolar-me; tudo acabou para mim.

Ao pronunciar estas palavras o seu rosto suavizou-se; Ana chegou a mão aos lábios e beijou-lha.

— Mas o que pensas fazer? Como sair desta terrível posição?

— Tudo acabou entre nós, não me resta nada que fazer. O pior para mim é sentir-me presa pelos meus filhos. Compreendes que não posso deixá-los. Mas viver com ele também é impossível; vê-lo a meu lado é um tormento para mim!

Ana fez um gesto interrogativo, deixando perceber nos olhos o mais sincero afeto.

— Sim — continuou Dolly. — Necessito desabafar. Depois te contarei tudo do começo. Não. hei de dizer-te agora... Tu sabes como eu era quando casei. Pela educação que recebi de minha mãe era não só inocente, mas nesciamente ignorante... Não sabia nada. Dizem que os maridos contam o passado às mulheres, mas o Stepanezinho — deteve-se de repente como que arrependida de ter empregado o diminutivo carinhoso e emendou — mas Stepane Arcadievitch nunca me disse nada. Continuei quase tão ignorante como era em solteira. Não acreditarás em mim, mas asseguro-te que imaginei que ele não tinha conhecido outra mulher... Assim vivi oito anos! Não só o julgava incapaz de me enganar, mas julgava semelhante coisa impossível. Imagina, pois, o que terei sofrido passando de súbito da minha inocente tranquilidade ao conhecimento da sua infâmia!... da sua baixeza! Sentia-me feliz sem a menor suspeita da sua infidelidade e encontro inesperadamente uma carta dirigida à sua amante, uma carta miserável que ele esquecera sobre um móvel. Não, não... isto é muito cruel!...

Amarfanhou o lenço de rendas e cobriu a cara, escondendo o seu desespero, o seu despeito.

— Teria podido perdoar-lhe um momento de loucura, mas aquela dissimulação estudada, aquela astúcia criminosa para me enganar, não posso! Não posso!

— Compreendo-te, minha amiga — disse Ana, acabrunhada, apertando-lhe a mão.

— E julgas que ele ao menos se incomoda por me ver assim? Pois não.

Nem pensa em tal... Anda muito feliz, muito bem-disposto.

— Não, isso não — interrompeu Ana Karenina — não digas isso! Custou-me vê-lo até, porque está muito arrependido, podes crer...

— Será capaz de ter remorsos? — insistiu Dolly, perscrutando o rosto da cunhada.

— Sim. Eu conheço-o e percebi que estava muito agitado. De resto conhece-lo como eu! É bom, mas orgulhoso. Não vês que se sente humilhado? O que mais o oprime — disse conhecendo o fraco de Dolly — são os filhos, que ele adora. Sente que te feriu cruelmente e arrepende-se porque te ama... Sim, ama-te, ama-te muito — continuou vivamente para que a não interrompesse. — Na carruagem não cessava de me repetir, desalentado: «Nunca me perdoará!»

Dolly ouvia-a sem responder.

— Compreendo a sua dor — disse depois. — O culpado deve sofrer mais do que o inocente. Se reconhece que é ele a causa de todo o mal... mas, como posso ser sua esposa depois do sucedido?

Os soluços cortaram-lhe a voz e chorou sentidamente, ficando um pouco aliviada. Voltou entretanto a revolver a ferida.

— Ela é nova e bonita, mas por quem perdi eu a minha mocidade e a minha beleza? Por ele e por meus filhos. O que sou agora no mundo, se sacrifiquei por ele tudo o que tinha de bom? A paga que me dá é trocar-me por outra com mais frescura... Provavelmente troçam de mim os dois! — E os olhos da mortificada senhora chispavam de indignação. — O que virá ele dizer-me que eu possa acreditar? Não. Tudo acabou. Estou aborrecida de tudo, acreditas? Há pouco explicava a lição a Grisha... Era uma ocupação agradabilíssima para mim, noutro tempo... Pois aborreci-me!

— Querida Dolly, sossega; não te entregues ao desespero; estás muito agitada e não podes ver as coisas como elas realmente são.

Dolly tranquilizou-se mais e ficaram as duas caladas um momento.

— Que devo fazer, Ana? Pensa bem e diz-me o que te parece. Estou cansada de pensar e não vejo remédio a isto...

Ana demorou a responder. Comovia-se mais a cada olhar suplicante da cunhada, mas não encontrava também uma solução.

— Eis o que penso — disse por fim. — Conheço o caráter de Stepane e sei que está arrependido. Neste momento talvez não saiba mesmo como pôde fazer o que fez... Confesso-te que quando ele me falou não medi bem a

imensidade da tua desgraça. Via apenas a desarmonia do lar e tive pena de Stepane. Agora, depois de ter falado contigo, vejo como mulher outra coisa: vejo como sofres com razão e sinto verdadeiramente as tuas lágrimas. No entanto há ainda nisto tudo um ponto escuro para mim. Se me esclareceres posso então dizer-te como deves proceder. Ama-lo ainda? Se o amas, perdoa-lhe.

— Não... — começou Dolly, mas Ana, compreendendo-a, beijou-lhe as mãos, interrompendo.

— Conheço o mundo melhor do que tu e o modo de ser dos homens como Stepane. Julgas que ele se ria com *ela* de ti, da tua velhice precoce... eu não penso assim. Os homens podem cometer quantas infidelidades queiram, mas a esposa e o lar são sempre sagrados para eles. Não sei porquê, mas é assim.

— Esqueces que ele a abraçava, beijava, que tinha ternuras ridículas com ela.

— Escuta. Recordo-me ainda perfeitamente de quando Stepane te namorava. Lembro-me dos tempos em que ele chorava e te elevava aos céus, freneticamente, quando me falava de ti. Depois de casado parece que, quanto mais te conhece, mais te admira. Quantas vezes nos temos rido do seu costume de dizer a cada passo: «A minha Dolly é uma mulher admirável.» Tu sempre tens sido para ele um objeto de admiração. O mais são inclinações passageiras...

— E se tornasse?

— Não creio!

— Tu perdoar-lhe-ias?

— Não sei... não posso dizer-to... mas... creio que sim — respondeu Ana depois de considerar que poderia achar-se no mesmo caso. — Talvez que não continuasse a mesma para ele, mas perdoava-lhe se me convencesse de que estava arrependido.

— Mas sem um arrependimento sincero quem perdoaria? Mas esqueci-me de ti, no meu egoísmo de te falar destas coisas. Vamos ao teu quarto — disse numa transição, levantando-se.

Ao transporem a porta, lançou-lhe os braços ao pescoço e, beijando-a, acrescentou:

— Minha querida Ana, que bem me faz a tua visita! Agora sofro menos!

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 20

Ana ficou todo o dia em casa e recusou-se a receber todas as pessoas que ao saberem da sua chegada iam visitá-la. Passou a manhã junto de Dolly e dos sobrinhos e escreveu uma carta ao irmão, aconselhando-o a jantar em casa. «Vem. Deus é misericordioso!», dizia-lhe unicamente.

Oblonsky jantou com a família; a mulher tratou-o por tu à mesa, conquanto as suas relações continuassem frias; mas já não se falava de separação e Stepane teve esperança na reconciliação. Kitty chegou depois do jantar. Conhecia Ana muito pouco e entrou inquieta, pensando como seria recebida por aquela grande senhora de S. Petersburgo tão falada em todos os salões. Apenas a viu, sentiu-se à vontade com ela. Ana surpreendeu-se da frescura e da beleza da jovem, e esta pela sua parte sentiu logo viva simpatia por ela. Nada revelava em Ana a grande senhora ou sequer a mãe de família. Pela sua elegância admirável, pela animação do seu rosto, pela sua graça julgar-se-ia uma moça de vinte anos, se uma expressão séria e quase triste não lhe nublasse o olhar. Ainda assim muito simples e cheia de naturalidade, o seu porte revelava, para quem atentasse bem nela, uma distinção superior inacessível para uma menina.

Quando terminou o jantar, Ana aproximou-se do irmão, que fumava um cigarro na janela, enquanto Dolly se dirigia para os seus aposentos, e disse-lhe rapidamente ao ouvido:

— Stepane, vai e que Deus te ajude.

Indicava-lhe a porta por onde saíra Dolly. Arcadievitch compreendeu, atirou fora o cigarro e saiu da sala.

Ana Karenina recostou-se num divã rodeada pelos pequenitos, que não a deixavam já. Corriam atrás dela, demonstrando-lhe a sua satisfação, tomando-lhe a mão, querendo abraçá-la, jogando às escondidas agarrados às pregas fartas do seu vestido.

— Quando é o baile? — perguntou a Kitty.

— Na próxima semana. Deve ser esplêndido! Uma destas festas onde nos divertimos sempre...

— Sim? Há festas onde nos divertimos? — perguntou Ana num tom de leve ironia.

— É curioso, mas na casa de Bobristchiff sucede assim sempre e o mesmo em casa de Nikitine; em compensação aborrecemo-nos invariavelmente em casa de Vejekof. Nunca notou isto?

— Não, queridinha. Para mim não há baile que seja divertido; para mim só há os que são mais ou menos aborrecidos.

— Mas como pode aborrecer-se num baile?

— Porque não hei de aborrecer-me?

— Porque será sempre a rainha da noite...

Ana ruborizava-se facilmente, mas aquela resposta alusiva à sua formosura fê-la ficar roxa.

— Antes de mais nada, isso não é assim; mas ainda que fosse não me importava.

— Mas em todo o caso vai a este baile?

— Creio que não poderei recusar-me...

E voltando-se para a pequenina Tânia, que se entretinha a tirar-lhe dos dedos afilados os anéis de brilhantes:

— Toma este que é mais bonito...

— Tinha tanto gosto em lá a ver!...

— Pois bem. Se for, consolar-me-á a ideia de lhe dar esse prazer — disse-lhe, compondo com uma travessa os cabelos que o pequenito desmanchara. — Grisha, não me despenteies! — admoestou suavemente, voltando-se para ele.

— Eu vou de cor-de-rosa — disse Kitty.

— Porquê? — perguntou Ana sorrindo, enquanto se voltava para os sobrinhos**:** — Os meninos não ouvem *miss* Hull chamar? — E logo depois dos pequenitos partirem a correr: — Adivinho porque quer que eu vá a esse baile. É porque espera nele grande sucesso.

— Como sabe?...

— Linda idade a sua! — continuou Ana— Involuntariamente comparo-a com essas nuvens azuis que se veem sobre as montanhas da Suíça. Através delas tudo é azul e nesta idade feliz em que termina a infância tudo se vê cor-de-rosa, tudo é belo e delicioso! Quem não passou por isso?!

Kitty escutava-a sorrindo: «Também ela passou por aquilo.» Quanto daria por conhecer a sua novela amorosa.

— Sei tudo — disse-lhe Ana. — Stepane contou-me tudo. Vi Vronsky na estação, esta manhã; gosto muito dele.

— Ah, viu-o? — perguntou Kitty ruborizando-se. — Mas o que lhe disse Stepane?

— Falámos muito. Gostava que isso se realizasse. Vim toda a viagem com a mãe dele, que não cessou de me falar a seu respeito.

— O que disse a mãe?

— Muitas coisas. Trata-se do seu filho preferido. Tem um feitio cavalheiresco. Contou-me entre outras coisas que ele quis deixar quanto possuía ao irmão e que na infância salvou uma pobre mulher de morrer afogada. É um herói! — acrescentou sorrindo ao recordar os duzentos rublos que ele tinha dado por esmola na estação.

Não quis referir-se a este rasgo de generosidade porque adivinhava nele um fim que lhe dizia respeito.

— A condessa pediu-me que a visitasse e tenho realmente vontade de vê-la. Vou amanhã... Mas como Stepane está com Dolly há muito tempo! — disse levantando-se e disfarçando certa comoção que não escapou a Kitty.

Entravam a correr neste momento os pequenitos e, dirigindo-se à tia, gritavam entusiasmados:

— Eu chego primeiro, eu chego primeiro!

— Chegam todos ao mesmo tempo! — disse ela caminhando direita a eles e recebendo-os nos braços; depois deitou-os sobre um divã, rindo-se com as suas risadas de alegria.

Capítulo 21

Dolly saiu do seu quarto só à hora do chá. Stepane entrou na sala, pouco depois, por outra porta.

— Temo que não fiques bem lá em cima — disse Dolly, dirigindo-se a Ana. — Queria instalar-te aqui; ficaríamos mais perto.

— Não te incomodes por minha causa — replicou Ana, procurando adivinhar no rosto de Dolly o que se tinha passado.

— Receio que tenhas frio...

— Asseguro-te que durmo bem em qualquer parte, filha.

— De que se trata? — perguntou Stepane à esposa.

Pelo tom destas palavras, compreenderam Ana e Kitty que os dois esposos se tinham reconciliado.

— Queria instalar Ana aqui; mas seria necessário colocar umas cortinas naquela porta. Ninguém saberá fazer isso com jeito senão eu...

Deus queira que ficassem perfeitamente bem, disse Ana para si notando a frieza de Dolly.

— Não te incomodes por isso — disse Stepane. — Se queres eu...

— Sim. Já sei como te arranjarás — respondeu Dolly com um sorriso. — Chamas Matvei e ele, que não tem jeito nenhum para isto, faz para aí qualquer trapalhada quando voltes as costas.

Estão perfeitamente, disse Ana consigo, satisfeita por ter conseguido os seus desejos. Acercou-se de Dolly e abraçou-a.

— Não sei porque desprezas tanto os meus serviços e os de Matvei — disse Stepane, sorrindo impercetivelmente.

Durante toda a noite Dolly esteve ainda um pouco reservada com o marido, enquanto ele se mostrava contente, com moderadas expansões para indicar que o perdão não lhe tinha feito esquecer os seus erros.

Por volta das nove e meia estavam conversando animadamente em volta da mesa, onde fora servido o chá, quando sobreveio um incidente que a todos

pareceu estranho.

Ana erguera-se para ir buscar umas fotografias do filhinho, que não podia esquecer, e subia já as escadas para o segundo andar onde ficara instalada quando se ouviu um toque de campainha no vestíbulo.

Quem será?, pensou Dolly.

— É cedo para virem buscar-me — observou Kitty.

— Talvez venham com algum documento para mim — lembrou Stepane.

Ana, já na escada, viu que o criado se dirigia à sala a anunciar a visita enquanto esta aguardava na antecâmara iluminada por uma lâmpada de vidros coloridos. Apoiou-se no corrimão e debruçou-se para ver o visitante. Era Vronsky.

Uma estranha sensação de alegria e temor entrou-lhe no coração.

O conde ficara em pé, sem se desembaraçar do sobretudo de peles, e procurava nos bolsos alguma coisa. Quando Ana chegou ao meio da escada, levantou os olhos, reconheceu-a e a sua fisionomia tomou uma expressão humilde e indecisa.

Ana saudou-o com um ligeiro movimento de cabeça e ouviu que Stepane chamava Vronsky em voz alta sem este parecer ouvir, não se movendo de onde estava.

Quando Ana voltou com as suas fotografias já ele tinha partido e Stepane Arcadievitch explicava que tinha vindo para se informar da hora a que se dava no dia seguinte um banquete em honra de uma celebridade, que estava de passagem em Moscovo.

— Não quis entrar! É estranho!

Kitty corou. Julgava adivinhar ela só a causa do retraimento de Vronsky. Pensou que ele tivesse ido a sua casa e, não a encontrando ali, procurasse aquele pretexto para a ver, hesitando depois em entrar por causa de Ana.

Não havia nada de extraordinário naquele facto, mas, examinando o álbum de Ana Karenina, todos pensavam ainda nele, achando-o estranhável. Parecia-lhes aquilo uma inconveniência.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 22

Tinha começado o baile quando Kitty e a princesa subiram a escada brilhante de iluminação, ornamentada com sedas e verduras, e tapetada de veludo ao fundo da qual estavam postados, para abrirem as carruagens e fazerem as cortesias do estilo, alguns lacaios de libré cor-de-rosa e cabelos empoados.

No vestíbulo onde as senhoras compunham os penteados antes de entrar ouvia-se um zumbido semelhante ao de uma colmeia e os acordes apagados dos violinos que os músicos afinavam para a primeira valsa. Um velhote que alisava diante de um espelho alto os poucos cabelos brancos que lhe restavam olhou Kitty com admiração. Tinha-a encontrado na escada e ficara encolhido a um lado para a deixar passar com a mãe. Um elegantezinho daqueles a que o príncipe Cherbatzky chamava *pintassilgos,* com o *smoking* decotado em forma de coração, cumprimentou-as e pediu a Kitty «a honra da primeira contradança.» A jovem estava comprometida com Vronsky, mas concedeu-lhe a segunda. Um oficial que estava à porta do salão abotoando as luvas lançou a Kitty um olhar ardente e torceu os bigodes, arrogante.

Ela estava graciosa, na verdade. O vestido, o penteado e todas as pequeninas minúcias da *toilette* tinham-lhe custado uma noite de insónia e grandes preocupações, mas ninguém o diria ao vê-la tão simples, tão fresca, no seu trajo de tule cor-de-rosa. O que lhe dava sobretudo mais encanto era a fitinha de veludo preto no pescoço alvíssimo. Viu-se num espelho, de passagem apenas, e sorriu; sentia nos braços quase nus uma frescura marmórea agradável; os olhos brilhavam estranhamente e sem querer os lábios entreabriram-se-lhe num sorriso de satisfação.

Apenas entrou no salão e se aproximou de um grupo de senhoras que esperavam que as convidassem para a valsa, Kitty foi logo abordada por Jorge Korsunsky, o primeiro valsista dos salões, um rapaz muito elegante apesar de casado e marcado pelos anos com cabelos grisalhos e rugas. Era ele

sempre quem marcava os *cotillons* fosse onde fosse, a tanto subira a sua reputação na arte coreográfica.

Acabava de deixar a condessa de Bonine com quem tinha aberto o baile quando viu Kitty; imediatamente se dirigiu para ela com o seu passo cadenciado e saltitante e, sem lhe perguntar sequer se queria dançar, cingiu-lhe a cintura com o braço e apartou-a das outras senhoras. Kitty olhou então em volta para procurar uma pessoa a quem confiar o leque de madrepérola. Tomou-lho, sorrindo, a dona da casa e ela começou o seu elegante passo de valsa.

— Fez V. Exa. muito bem em vir cedo — disse-lhe Korsunsky. — Não compreendo o prazer dos que chegam sempre depois de terem começado os bailes.

Kitty descansava o braço sobre o seu ombro, deslizando graciosamente na sala encerada, nos bicos dos sapatinhos cor-de-rosa.

— Descansa-se quando se dança com V. Exa. — disse-lhe galantemente o par depois dos primeiros passos. — Que ligeireza, que precisão! É delicioso!

Dizia aquilo a todas as senhoras com quem dançava, mas Kitty sorriu-lhe de novo, lisonjeada, e começou então a examinar a sala. Não tinha assistido a muitos bailes e com a sua pouca prática da sociedade ainda não conhecia o que há de ridículo e frívolo nas reuniões aristocráticas. Na embriaguez das suas primeiras impressões confundia todos os assistentes sem os observar, vendo apenas nele a flor da primeira sociedade: lá estava a bela Lídia, a esposa de Korsunsky, escandalosamente decotada no meio de um grupo de homens e, a outro lado, numa conversa animada, a dona da casa e o calvo e elegante Krivine, que nunca faltava nas mais brilhantes festas.

Pouco depois Kitty viu o cunhado, que acompanhava a irmã, a distinta Ana Karenina. *Ele* também estava no grupo. Não o tinha tornado a ver depois da noite em que Levine lhe fizera a sua declaração. De longe pregou os olhos nele e reparou que ele também a seguia com a vista.

— Damos ainda outra volta, ou V. Exa. está cansada? — interrogou Korsunsky, um pouco fatigado.

— Sim, é melhor descansarmos.

— Onde quer que a conduza?

— Está ali, se não me engano, Ana Karenina; acompanhe-me lá.

— Com todo o gosto.

Korsunsky, mais devagar, mas sem deixar de dançar, dirigiu-se para o grupo dizendo de vez em quando para um e outro lado:

— Perdão, perdão...

E deslizando por entre os outros pares foi parar numa última volta diante de Ana, ficando a calva de Krivine sob as rendas e tules do vestido de Kitty.

A jovem, um pouco confundida, descobriu a cabeça do velho elegante e avançou para Ana depois de se ter desculpado com um sorriso adorável.

A irmã de Stepane vestia um trajo de veludo negro, que lhe desenhava as formas esculturais, e pelo decote mostrava os ombros opulentos e um começo alvíssimo do seio. O veludo era simplesmente guarnecido com rendas de Veneza. Sobre os cabelos ostentava uma grinalda de miosótis que dava extraordinária graça ao seu penteado simples.

Em volta do pescoço, liso como marfim, apenas um cordão de magníficas pérolas.

Kitty via-a todos os dias e cada vez admirava mais a sua graça e a sua beleza. Naquela noite achava-a tão encantadora, foi tão viva a sua impressão que julgava vê-la pela primeira vez. Compreendera que o segredo da fascinação que exercia sobre todos os olhos que a viam consistia unicamente na arte de ocultar o artifício da *toilette.*

O colar de pérolas e o vestido negro pareciam não existir, ou quando muito eram uma insignificante minúcia da sua deslumbrante beleza, cheia de alegria e de vida.

Quando Kitty se aproximou dela, Ana falava com o dono da casa, dizendo-lhe muito aprumada, rematando uma discussão:

— Não; eu não atiraria a pedra ainda que o não aprove...

Vendo a jovem dirigiu-se para ela com um sorriso afetuoso e de benevolência. Num rápido olhar observou-lhe a *toilette*, fazendo com a cabeça um leve sinal de aprovação, que não escapou a Kitty.

Depois para Korsunsky:

— O senhor entrou, dançando, no baile!

— Um baile onde se encontre a princesa anima-se logo. Dá-me a honra de uma valsa?

— Ah, conhecem-se! — fez o dono da casa.

— A quem não conheço eu e minha mulher? Somos como o lobo branco da fábula. — E insistindo: — Dá-me a honra de uma valsa?

— Quando posso escusar-me, não danço...

— Hoje não pode recusar-me esse prazer...

Vronsky chegava-se ao grupo nesse momento. Ana tomou o braço de Korsunsky sem fazer caso da saudação do conde.

— Nesse caso dancemos...

Porque o tratará assim?, pensou Kitty quando notou que Ana não correspondera à profunda reverência de Vronsky.

Entretanto ele acercava-se dela, recordando-lhe o compromisso de dançar com ele a primeira contradança e para lhe exprimir o seu pesar por não a ter visto antes.

Kitty, ouvindo Vronsky, seguia sempre Ana com os olhos, admirando a sua elegância incomparável. Esperava que ele lhe fizesse o convite para a valsa, mas como Vronsky não tocasse no assunto olhou-o com estranheza.

O conde ruborizou-se, compreendendo-lhe o pensamento, e convidou-a com certa confusão, mas apenas tinham dado alguns passos a música cessou. Kitty, com a cara muito chegada à do par, olhou-o suavemente por alguns segundos.

Muitos anos depois não podia recordar ainda aquele olhar cheio de amor, ao qual ele não correspondeu, sem que um sentimento de vergonha lhe não oprimisse o coração.

Capítulo 23

Vronsky deu umas voltas à sala valsando com Kitty e depois conduziu-a para junto da princesa. Mas mal ela tinha trocado algumas frases com a condessa Nordstone, voltou ele a buscá-la para a contradança. Falaram muito de Korsunsky e da esposa — os rapazinhos de quarenta anos sempre apaixonados, agora metidos na maravilhosa empresa de organizar um teatro elegante, nos salões.

Em certa altura Vronsky perturbou profundamente a jovem, perguntando-lhe se Levine estava ainda em Moscovo e acrescentando que lhe agradava muito o caráter do provinciano. Kitty aborrecia-se. Não tinha posto grandes esperanças na contradança; o que esperava com uma forte palpitação de coração era o *cotillon.* Parecia-lhe que naquele momento ia decidir-se a sua sorte. Ainda que Vronsky não a tivesse convidado para esse número, como nos bailes anteriores, estava tão segura de dançar com ele que recusou cinco ou seis convites, pretextando um compromisso.

Todo o baile, com a sua movimentação estranha, dava a Kitty a impressão de um sonho encantador. Só deixava de dançar quando lhe faltavam de todo as forças e se via obrigada a implorar um momento de repouso. Ao terminar o último número com um par, que lhe era de todo indiferente, fez *vis-à-vis* com Vronsky e com Ana.

Não a tinha visto desde que a cumprimentara à entrada e aparecia-lhe agora sob um aspeto novo e inesperado. Julgou notar-lhe sintomas de uma excitação que conhecia por experiência: a do sucesso. Ana aparecia-lhe no auge da embriaguez. Kitty sabia a que atribuir aquele olhar brilhante, aquele sorriso alegre de triunfo, aquela expressão dos lábios entreabertos e o gesto cheio de graça e nobreza.

Por quem é?, perguntou a si mesma.

Foi obrigada então a responder ao cavalheiro, que lhe dava o braço, e a escutar alguns minutos as suas banalidades! Entretanto o que os seus olhos

observaram oprimia-lhe cada vez mais o coração.

Não é a admiração de todos que a embriaga assim; deve ser a admiração de uma pessoa só. Quem é? Quem será?

Mas a senhora Karenina dançava nesse momento com Vronsky. Cada vez que lhe dirigia a palavra os seus olhos iluminavam-se e um sorriso de felicidade entreabria-lhe os lábios.

Parecia querer dissimular aquela alegria, mas a felicidade espalhava-se-lhe no rosto.

Será ele?, pensou Kitty com um aperto de coração.

Olhou-o e ficou aterrada. A expressão, que se refletia no rosto de Ana, era igualmente visível em Vronsky.

Onde estava aquele seu habitual sangue frio, a sua calma expressão fisionómica? Agora enlaçando, a perturbadora Ana inclinava-se por vezes como se quisesse cair-lhe aos pés e o seu olhar sempre frio tomava um lampejo estranho de humildade e de paixão ao mesmo tempo.

Não quero ofendê-la, dizia aquele olhar, *queria dominar-me, mas acaso posso!*

A conversação corria sobre coisas indiferentes, mas a cada palavra colhida ao acaso por Kitty, julgava a pobre menina ouvir a sua sentença de morte.

Também para eles — falando do extravagante francês de Ivan Ivanitch, do matrimónio infeliz da menina Elitzky, de todas as futilidades — cada palavra tomava um valor muito particular cujo alcance eles tanto compreendiam como Kitty.

No espírito da pobre menina, há pouco ainda deslumbrada, o baile, os pares, tudo se confundia agora numa névoa triste. Só a força da sua vontade e a educação a contiveram e lhe permitiram cumprir os deveres da sociedade, como dançar, responder às perguntas que lhe dirigiam e sorrir-se.

No momento em que começaram os preparativos do *cotillon* e toda a gente se juntou no salão grande, ficando todas as salas desertas, Kitty sentiu um acesso de desespero e terror. Tinha recusado cinco convites e não via probabilidades de ser convidada a dançar naquela altura, pois que o seu êxito fazia julgar impossível que estivesse ainda sem par.

Poderia dizer a sua mãe que estava indisposta e abandonar o baile, mas sentia-se aniquilada e sem forças. Refugiou-se num gabinete e deixou-se cair sobre uma poltrona. As ondas vaporosas do vestido rosa envolviam-lhe o

corpito ideal como uma nuvem; abanava nervosamente o rosto a arder, como uma rosa vermelha entre flocos de neve.

E talvez me engane!, pensava, como para tranquilizar-se.

Meditava em tudo o que vira para arrancar uma conclusão segura quando a voz da condessa de Nordstone a sobressaltou.

— Kitty, que tens?

A condessa tinha-se aproximado sem que se lhe notasse os passos abafados da alcatifa.

Os lábios de Kitty agitaram-se convulsivamente e levantou-se num movimento rápido.

— Não danças o *cotillon,* minha filha?

— Não... não... — respondeu com voz trémula.

— Convidou-a na minha presença! — disse a condessa com intenção, sabendo que Kitty a compreenderia perfeitamente. — Ela respondeu-lhe, maliciosa: «Como! Não dança com a princesa de Cherbatzky?»

— Não me importa! — exclamou Kitty com amargura na voz.

E pensou que no dia anterior tinha sacrificado àquele ingrato um homem a quem talvez amasse.

A condessa foi procurar Korsunsky, com quem devia dançar o *cotillon*, e suplicou-lhe que convidasse Kitty.

Vronsky e Ana ficaram quase defronte deles.

Kitty não podia despegar os olhos dos dois; seguia-os a maior ou menor distância, segundo as combinações do baile, e quanto mais os olhava mais negra via a sua desgraça.

No meio da multidão *os dois* sentiam-se como sós e no rosto sempre impassível de Vronsky observou Kitty aquela expressão de humildade ou de temor que só notamos num ser inteligente que se sente culpado. Se Ana sorria, se parecia refletir, ele conservava-se sério. Uma força irresistível atraía os olhares de Kitty para Ana. Estava sedutora com o seu vestido negro, os deliciosos braços cobertos de braceletes ricos, o mórbido colo jaspeado afogado em pérolas finíssimas e os cabelos negros e frisados numa desordem provocante. Os movimentos ligeiros e graciosos do seu peito, o seu rosto de uma animação perturbadora, tudo era simpático e atraente nela, mas tudo também tinha alguma coisa de terrível e de cruel.

Kitty admirava-a agora ainda mais, por mais que sentisse crescer a sua dor. Sentia-se desfalecer e o rosto denotava uma fadiga enorme.

Num momento, ao passar junto dela numa das figuras da dança, Vronsky não a reconheceu logo tal era a alteração das suas feições.

— Que lindo baile! — disse-lhe então para dizer alguma coisa.

— É verdade — respondeu ela.

E a meio do *cotillon,* por ordem do diretor Korsunsky, Ana, saindo do círculo, tinha de escolher dois cavalheiros e duas senhoras: uma delas foi Kitty, que se acercou toda perturbada. Ana, cerrando um pouco os olhos, fixou-a e apertou-lhe a mão com um sorriso, mas percebendo a expressão de surpresa e de desconsolo com que lhe respondeu Kitty, dirigiu-se a outros pares e começou a falar animadamente.

Sim. Há nela uma estranha sedução quase infernal, pensou Kitty.

Ana não queria ficar para a ceia e o dono da casa insistia com ela.

— Fique, fique — pedia-lhe também Korsunsky, tomando-lhe o braço. — E que diz ao meu *cotillon?* Não é um verdadeiro *bijou?*

O dono da casa procurava distraí-la enquanto insistia sempre com um sorriso.

— Não, não posso ficar — respondeu Ana sorrindo também.

Mas apesar do sorriso, compreenderam o tom resoluto da sua voz.

— Não, não! — continuava ela. — Estou fatigadíssima. Numa só noite bailei mais que todo o inverno em S. Petersburgo. — Depois, voltando-se para Vronsky que estava a seu lado: — E preciso descansar antes da partida.

— Parte amanhã? — perguntou ele.

— Sim. Pelo menos estou resolvida a isso! — respondeu Ana, como assombrada do atrevimento daquela pergunta.

Enquanto falava, o esplendor do seu olhar e do seu sorriso abrasaram o coração de Vronsky. E partiu sem assistir à ceia.

Capítulo 24

Deve haver em mim alguma coisa de repugnante, pensava Levine ao sair da casa dos Cherbatzky para se dirigir à moradia do irmão. *Dizem que sou orgulhoso, mas não é verdade. Ter-me-ia colocado na situação em que estou se o fosse?*

E via, em contraste com a sua fraqueza, Vronsky feliz, sossegado, cheio de confiança e bastante hábil para se livrar de chegar ao ponto em que ele se encontrava.

Forçosamente, que ela devia preferi-lo. É natural e não tenho o direito de me queixar de nada nem de ninguém. Quem não é razoável sou eu. Afinal o que sou eu? Um homem inútil para si e para outros.

A lembrança do irmão Nicolau assaltou-o de novo.

Não tem Nicolau razão para dizer que tudo é mau e detestável no mundo? Temos nós mesmos sido justos a julgá-lo? Certamente que aos olhos de Prokofi, que o encontrou bêbedo e esfarrapado, é um ser desprezível; mas o meu modo de ver é diferente: conheço o seu coração e sei que nos parecemos. E eu, em lugar de correr a vê-lo, fui para o restaurante e depois vim para aqui!

Levine aproximou-se de um candeeiro para ler a direção do irmão, que lhe tinham dado de manhã, e chamou um *isvostchik.* Durante o trajeto, muito curto, foi recordando um a um todos os incidentes da vida de Nicolau.

Recordou que na Universidade, um ano depois de ter acabado os estudos, seu irmão levara uma vida sedentária, sem fazer caso dos divertimentos dos companheiros e cumprindo rigorosamente todos os preceitos da religião, assistindo a todos os ofícios do templo, observando os jejuns e a Quaresma e fugindo enfim de todos os prazeres, especialmente da mulher. Depois, sem a menor transição, havia travado relações com gente da pior espécie, que em breve o arrastou a uma vida de dissipação.

Lembrou-se Levine, para marcar o seu génio irrascível, do que se passou

com um rapazote camponês que Nicolau levara consigo para educar e a quem num acesso de cólera maltratou por tal forma que teve um processo no tribunal e foi condenado.

Veio-lhe à lembrança, a seguir, a vergonhosa questão sustentada com um agiota, a quem Nicolau assinara uma letra de câmbio para pagamento de uma dívida de jogo, que lhe rendera uma exautoração nos tribunais, sendo condenado por burla. Era a letra que Ivanitch tinha pago para ele não cumprir a sentença.

Igualmente se lembrou da noite em que Nicolau dormiu no calabouço de um posto de polícia por ter feito escândalo nas ruas fora de horas, do ruidoso pleito levantado com seu irmão Sergei a pretexto de não lhe entregar a parte que lhe cabia da herança materna: e por fim da sua última aventura, quando empregado do governo de Oeste, em que foi a um conselho de disciplina por ter agredido um superior.

Tudo isto era odioso, mas para Levine a impressão era tão severa como para as outras pessoas que não conheciam Nicolau como ele, que julgava conhecê-lo até ao fundo do coração.

Não esquecia que no tempo em que o irmão se entregava às práticas religiosas, que buscara como um freio para as suas terríveis paixões, ninguém o tinha aplaudido; antes pelo contrário, todos o tinham troçado sem piedade. Ele mesmo o ridicularizou. Depois, quando começou a sua vida desregrada, ninguém se chegou a ele para o trazer ao bom caminho; todos fugiram dele com horror e desprezo, prevendo o fim natural do seu desequilíbrio. Levine sentia que Nicolau, na sua consciência, não devia julgar-se mais culpado do que os que o censuravam. Era ele acaso responsável pelos impulsos do seu temperamento indominável? Tinha culpa de ser pouco inteligente? Não tinha procurado seguir uma conduta reta?

E Levine dizia para si: *hei de falar-lhe com o coração nas mãos e obrigá-lo a falar-me do mesmo modo. hei de convencê-lo de que o compreendo, porque o estimo.*

Fez-se conduzir rapidamente à morada indicada. Seriam onze horas da noite.

— Lá em cima, nos números 12 e 13 — indicou-lhe o porteiro do prédio.

— Está em casa?

— Provavelmente.

A porta indicada com o n.º 12 estava entreaberta e de dentro saía um rolo

de fumo de tabaco ordinário.

Levine ouviu uma voz desconhecida e depois reconheceu a presença do irmão pela tosse.

Quando entrava numa espécie de saleta a voz desconhecida dizia:

— Tudo depende do modo razoável e discreto por que o negócio seja tratado...

Levine deitou um olhar rápido pela porta mal fechada do compartimento imediato e viu que a pessoa que falava era um rapazola vestido como um operário, com um enorme gorro na cabeça; no divã, com o estofo rasgado, estava sentada indolentemente uma mulher nova, franzina, vestida com uma bata de lã desbotada. O coração de Konstantin Levine oprimiu-se à vista da companheira do irmão. Nenhum dos três o pressentira e, enquanto se desembaraçava da capa, ouviu o que dizia o desconhecido, ainda sobre o negócio a que se referira:

— Que o diabo leve os ricos! — disse a voz de seu irmão, depois de um acesso de tosse, como resposta ao rapazola. — Macha, dá-nos a ceia e vinho, se há; senão trata de ir buscá-lo.

A mulher levantou-se e, ao sair, viu Konstantin a pouca distância da porta.

— Procuram-no aqui, Nicolau Dmitrievitch — disse para dentro.

— Que me importa — gritou Nicolau de mau modo.

— Sou eu — disse Konstantin mostrando-se entre a porta.

— Quem és tu? — replicou Nicolau irritado.

Levine notou que se levantava apoiando-se a uma bengala e viu diante de si a figura emagrecida e curvada do irmão, cujo aspeto triste e doentio lhe fez medo.

Tinha descaído muito desde a última vez que o vira, havia três anos.

Vestia um gabão de peles que avolumava a sua estatura; as mãos descarnadas pareciam mais compridas. Os cabelos rareavam-lhe e o bigode sem tratamento emaranhava-se em volta da boca negra do tabaco. Os olhos tinham uma expressão incerta de terror ao fixarem-se em qualquer parte.

— Ah! Kostia! — gritou ao reconhecer o irmão.

E os seus olhos brilharam de alegria. Depois voltando-se para o companheiro fez com a cabeça um movimento, como se a gravata o afligisse.

Mas uma expressão completamente distinta, cruel e selvagem, seguiu-se logo no seu rosto macilento.

— Escrevi a Sergei Ivanitch e também a si, mas já não os conheço. Que queres? O que exiges de mim?

Konstantin esquecia-se o que havia de ríspido naquele caráter intratável mesmo na família; via-se em frente do irmão e, se bem que procurasse esquecê-lo, aqueles modos e o aspeto do interior em que estava lembravam-lhe todo o seu passado.

— Não quero nada — respondeu-lhe passado um momento, com certa timidez. — Vinha unicamente para te ver.

O ar humilde do irmão tranquilizou Nicolau.

— Ah, se é assim entra e senta-te — disse-lhe. — Queres cear? Macha, três doses... Não, espera... Sabes quem é este? — disse para o irmão designando-lhe o rapazola que falara no negócio misterioso. — É o senhor Kritzky, um amigo meu; conheci-o em Kiev e é um homem de valor. A polícia persegue-o por isso mesmo, que não é um idiota.

E logo voltando-se para a mulher que ia a sair, gritou-lhe:

— Espera, já te disse!

Olhou demoradamente todas as pessoas presentes e começou a referir com certa dificuldade de palavra toda a história de Kritzky: como ele tinha sido expulso da Universidade por ter querido fundar uma caixa de socorros e inaugurar umas conferências dominicais; como depois tinha sido nomeado professor de instrução primária e quase em seguida demitido e substituído, sendo ainda por cima de tudo isto processado sem saber porquê.

— O senhor é da Universidade de Kiev? — perguntou Konstantin para dizer alguma coisa e com o fim de romper o silêncio penoso que se fez sobre a última frase do irmão.

— Sim, pertencia a *isso* — respondeu Kritzky, esfregando os olhos, aborrecido.

— E esta mulher — tornou Nicolau, apontando-a — é Maria Nicolaevna, a companheira da minha vida. Tirei-a de um lupanar, mas amo-a e estimo-a; todos os que queiram viver bem comigo devem respeitá-la. Considero-a como minha esposa. Agora já sabes com quem falas: se julgas rebaixar-te podes muito bem retirar-te. — E dirigiu a todos um olhar interrogativo.

— Não compreendo porque hei de rebaixar-me! — fez Levine.

— Então manda cá para cima três doses, aguardente e vinho — disse para a mulher. — Não, espera... não... é inútil...

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 25

— Vês aquilo? — continuou Nicolau mudando de assunto e agitando-se na sua cadeira sem saber como começar. — Vês aquilo? — e apontava-lhe com o dedo uma porção de barras de ferro ligadas umas às outras por correias num canto do quarto. — É o começo de uma obra nova que empreendemos. Trata-se de um sindicato profissional.

Konstantin olhava aquele rosto pálido e o sentimento que lhe oprimia o coração impedia-o de o ouvir. Sabia, contudo, que aquela empresa era uma âncora de salvação que havia de impedir que o irmão se degradasse por completo.

Ele continuava, entretanto:

— Já sabes que o capital esmaga sempre o trabalhador. Entre nós o trabalhador é o labrego, o camponês. Carrega sempre com todo o peso do trabalho e por mais que faça não logra sair da sua condição de besta de carga. Todos os benefícios, tudo o que poderia melhorar a sorte dos trabalhadores, proporcionar-lhes algumas vantagens e dar-lhes, por conseguinte, alguma instrução, tudo isso absorve o capitalista. A sociedade está disposta de tal modo que, quanto mais trabalham os pobres, mais engordarão os proprietários e os negociantes com o seu trabalho, enquanto eles permanecem sempre no estado de bestas de carga.

Parou cansado, olhou o irmão com uma expressão interrogativa.

— Tens razão — respondeu Konstantin observando-lhe as nódoas roxas da cara.

— Estamos organizando um sindicato de serralheiros no qual os lucros serão comuns.

— E onde se estabelecerá esse *sindicato?* — perguntou Levine.

— Na aldeia Vasdrem, departamento de Kasan.

— Porquê numa aldeia? Parece-me que no campo não faltaria trabalho. Para quê estabelecer lá um sindicato de serralheiros?

— Porque o lavrador é ainda um criado dos outros, como no passado, e porque não te agradaria a ti, nem a Sergei que arrancássemos os trabalhadores dos campos da sua escravidão — respondeu Nicolau, contrariado por aquela observação.

Enquanto falava, Konstantin examinava a habitação triste e miserável, não podendo conter um suspiro. Nicolau, que o notou, irritou-se.

— Bem conheço as predileções aristocráticas de vocês. Sei que Sergei emprega todas as forças da sua inteligência sustentando os males que nos oprimem.

— A que propósito falas de Sergei?

— De Sergei? Vais ver porque falo dele — gritou irritado ao pronunciar-lhe o nome. — Porque... mas não o devo dizer. Seria inútil. Mas diz-me cá: afinal o que vens fazer aqui? Sei que desprezas esta miséria. Tanto melhor. Vai-te para o diabo, vai-te.

Ergueu se na cadeira, encolerizado!

— Vai-te daqui! Sai!

— Eu não desprezo nada — replicou Konstantin docemente. — Nem sequer discuto...

Maria Nicolaevna entrou naquele momento; Nicolau encarou-a furioso, mas a moça deslizou diante dele e, inclinando-se-lhe ao ouvido, murmurou algumas palavras sem se ter perturbado.

— Estou doente e exalto-me facilmente — disse Nicolau mais tranquilo, respirando com dificuldade. — Depois falaste-me em Sergei e nos seus artigos! Disparates e mentiras! Como se atreve a falar daqueles assuntos um homem que não sabe o que é justiça?! Leu o artigo dele? — perguntou a Kritzky.

Depois acercou-se da mesa e pôs-se a limpá-la das pontas de cigarro que a cobriam.

— Não li — respondeu Kritzky com uma mesura, não se atrevendo a tomar parte na conversa.

— Porquê? — perguntou Nicolau, subitamente exasperado.

— Porque julgo inútil perder tempo.

— Como pode saber que seria perder tempo? Para muitos aquele artigo é maçador, porque não o compreendem; para mim é diferente, porque adivinho o seu fim e sei onde está o seu erro capital.

Nicolau ficou sem resposta. Kritzky ergueu-se lentamente e tomou o

gorro.

— Como? Não quer cear? Bem, como queira. Boas noites! Apareça amanhã com o serralheiro.

Apenas ele saiu, Nicolau piscou o olho, sorrindo.

— Este tem pouca energia!

Kritzky, voltando atrás, chamou-o ao umbral da porta.

— Que queres? — interrogou Nicolau, levantando-se e indo até ele, que o puxou para o corredor.

Ficando só com Maria Nicolaevna, Levine dirigiu-se-lhe:

— Há muito tempo que está com meu irmão?

— Há quase dois anos. Ele está muito *arrombado.* Bebe muito.

— O que diz?

— Bebe aguardente e faz-lhe muito mal.

— Mas bebe muito? — perguntou Levine a meia voz.

— Sim — disse a moça, olhando com receio a porta por onde entrava naquele momento Nicolau.

— De que falavam? — inquiriu com os olhos injetados, esfregando as sobrancelhas.

— De nada — fez Konstantin um tanto confuso.

— Não respondem. Bem. Fica calado, mas já sabes que não tens nada que lhe dizer, porque Maria é uma mulher do povo e tu um cavalheiro...

— Nicolau, Nicolau! — murmurou Maria aproximando-se do amante.

— Está bem, está bem! Mas a ceia? Ah! — exclamou vendo entrar um criado da taberna com uma bandeja. — Venha isso — continuou mais bem-disposto, enchendo um copo de aguardente e sorvendo-o de um trago. — Queres também? — perguntou ao irmão em tom amigável. — Não falemos mais de Sergei. A ti vejo-te sempre com muito gosto. Por mais que se diga nunca seremos inimigos. Conta-me agora como vives, o que fazes — prosseguiu mordendo um pedaço de pão e bebendo sofregamente outro copo de aguardente.

— Sempre a mesma coisa. Vivo no campo. Dediquei-me à agricultura — respondeu Konstantin, observando assombrado como o irmão comia e bebia com avidez.

— Porque não te casas?

— Não pensei ainda nisso — disse Levine, ruborizando-se.

— Porquê? Estás na idade de começar a viver! Para mim é que tudo

acabou. Mas digo e sustento que se me tivessem dado a minha parte da herança quando necessitava, a minha vida teria sido muito diferente.

Konstantin apressou-se a mudar de conversação.

— Sabes que a tua Vanioucha está comigo em Pakrofsky, na administração?

Nicolau refletiu um momento.

— Conta-me o que se passa em Pakrofsky. A casa está na mesma? E o nosso quarto de estudo? Filipe, o jardineiro ainda é vivo? Como tenho saudades do pequeno pavilhão e do grande divã! Não mudes em nada a casa. Casa-te e segue a tua vida começada. Irei ver-te se a tua mulher for boa.

— E porque não vens agora? Estaríamos também juntos!

— Iria se não receasse encontrar Sergei Ivanitch.

— Não o encontrarás. Estou separado dele.

— Sim, mas seja como for preferes a sua companhia — disse Nicolau com voz menos áspera, levantando os olhos com esforço e observando o irmão timidamente.

Levine comoveu-se.

— Se queres que te diga a verdade, nesta questão não tomei o partido de um nem de outro. A meu ver nenhum de vocês tem razão; com a diferença que em ti o erro é interior e o dele exterior.

— Ah, vejo que compreendeste! Sim, compreendeste — gritou Nicolau com expressão de alegria.

— E se queres que te fale com franqueza, prefiro a tua amizade pessoal, porque...

— Porquê, porquê?

Konstantin não se atreveu a dizer que se inclinava para Nicolau porque ele era desgraçado e tinha necessidade do seu afeto; mas este compreendeu-o e começou de novo a beber, com gesto sombrio.

— Basta, Nicolau! — disse Maria Nicolaevna, estendendo os braços e apoderando-se da garrafa de aguardente.

— Julgas que esta moça não o compreende? — soltou Nicolau. — Compreende, sim. Não é verdade que há nela alguma coisa de afetuoso e bom?

— A senhora nunca foi a Moscovo? — perguntou-lhe Konstantin para não ficar calado.

— Não a trates por senhora porque ela não gosta disso. Excetuando o juiz

de paz, que a julgou de uma vez que pretendeu fugir da casa em que a tinham metido, nunca ninguém lhe deu esse tratamento. Meu Deus! — exclamou mudando de tom. — Quanto falta a este mundo para ser bom! Estas novas instituições, estes juízes de paz, esses *semstvos*! Que monstruosidade! — E pôs-se a dizer tudo o que pensava contra as novas instituições.

Konstantin ouvia-o, penalizado; aquela necessidade de contradizer e de criticar que lhe era natural com o outro irmão e que se manifestava sempre nele pareceu-lhe desagradável observando-a em Nicolau.

— No outro mundo compreendê-lo-emos talvez! — disse em tom de brincadeira.

— No outro mundo! Oh! Não gosto do outro mundo — replicou Nicolau fixando os olhos assustados no irmão. — Seria uma grande coisa poder sair deste caos, de todas estas penas; mas tenho medo da morte, um medo terrível...

E todo ele tremia.

— Mas tu não bebes? Queres champanhe, Konstantin? Ou preferes sair? Vamos a ver as ciganas. Gosto de as ouvir cantar...

A voz enrouquecia-lhe, entaramelava-se-lhe a língua, deixava de fazer-se compreender. Konstantin, com o auxílio de Macha, conseguiu persuadi-lo de que devia ficar em casa. Depois também os dois deitaram-no sobre o leito completamente ébrio.

Macha prometeu a Levine que lhe escreveria quando necessitassem alguma coisa e que procuraria dispor Nicolau a ir viver com ele.

Capítulo 26

No dia seguinte de manhã, Levine saiu de Moscovo e ao anoitecer estava de volta a sua casa. Durante o trajeto entabulou conversa com os companheiros de viagem; falou de política, de assuntos comerciais, de caminho de ferro e, como em Moscovo, sentiu-se perturbado na confusão de tantas opiniões diferentes, descontente de si mesmo, aborrecido sem saber porquê. Ao chegar a casa, quando viu Inácio, o cocheiro, torto do olho, com a gola do casaco de pele grosseira levantada até às orelhas; quando viu o seu carro bem aparelhado, com a manta para cobrir os pés e os fogosos cavalos com as suas cabeçadas de cascavéis; quando o cocheiro contou as novidades sucedidas na sua ausência, que Simão tinha chegado, que *Pava,* a mais formosa das suas vacas, tinha parido, que se tinham feito as sementeiras — então, pareceu-lhe que saía, pouco a pouco, daquela tristeza que o embrutecia e amesquinhava.

A vista só de Inácio e dos seus cavalos, na estação, tinha-lhe sido um pretexto de satisfação. Depois enquanto o levavam a trote largo para a habitação, ia já mais bem-disposto, pensando nas ordens que havia de dar ao chegar a casa.

Agora já não desejava ser outro; propunha-se somente ser melhor do que tinha sido até então. Propôs-se resistir às violentas paixões que o dominavam no dia em que pediu a mão de Kitty e por último prometeu a si mesmo não esquecer Nicolau, ajudando-o sempre que ele consentisse e quando piorasse a sua saúde, o que desgraçadamente não viria longe. A discussão sobre o comunismo que havia tratado ligeiramente com o irmão veio-lhe à lembrança e fê-lo refletir.

Considerava absurda uma reforma das condições económicas, mas não o preocupava menos o injusto contraste da miséria do povo com a abundância de que ele gozava. Desde aquele dia assentou em trabalhar mais do que costumava trabalhar e suprimir todo o supérfluo na sua vida. Absorto nestas

reflexões fez o trajeto desde a estação até casa debaixo da melhor impressão, animado pelos mais doces pensamentos.

Uma débil claridade notava-se ainda na janela do quarto da sua velha aia e refletia-se na pedra da escadaria da porta principal coberta de neve. Kousma, o criado, despertando de sobressalto, precipitou-se descalço e estremunhado pelos degraus para abrir a porta. *Laska,* a cadela, correu também ao encontro do dono, quase derrubando o criado.

— Voltou muito depressa, meu senhor — disse Ágata Mikhailovna.

— Aborrecia-me em Moscovo, Ágata; em casa dos outros pode estar-se muito bem, mas na nossa casa estamos melhor — disse Levine, entrando no seu gabinete, que logo se iluminou.

Rodeavam-no todos os objetos familiares. As grandes pontas de veado das paredes, as estantes cheias de livros, o espelho, o calorífero a necessitar conserto, o velho divã onde seu pai se sentava, um cinzeiro partido e, sobre a secretária, um grande livro de registo escrito pelo seu punho.

Ao ver-se ali começou a duvidar da possibilidade de uma mudança na sua existência, como facilmente planeara na viagem. Todas aquelas testemunhas mudas da sua vida passada pareciam dizer-lhe: «Não. Tu não sairás daqui, não mudarás e serás o mesmo que tens sido até agora, com as tuas dúvidas, os teus desgostos, as tuas estéreis tentativas de melhoramentos, as tuas recaídas no desalento e a tua eterna esperança numa felicidade que não foi feita para ti.»

Diziam-lhe isto os objetos da sua intimidade, mas uma voz interior gritava-lhe, que é preciso não ser escravo do passado e que cada um deve fazer de si o que quiser.

Dirigiu-se então a um banco, a um canto, onde estavam dois pesos de um *poud* cada um, e levantou-os para fazer um pouco de ginástica, mas logo os deixou cair ouvindo um rumor de passos próximo da porta.

Era o feitor, que vinha dizer-lhe que, graças a Deus, tudo tinha corrido bem, só o trigo mourisco se tinha queimado um pouco quando pretendia secá-lo no forno novo.

Levine incomodou-se: aquele forno construído e em parte imaginado por ele não tinha nunca merecido a aprovação do feitor e Levine julgou observar-lhe certa expressão de triunfo nos olhos. Estava convencido de que não se tinham tomado as devidas precauções, recomendadas cem vezes por ele.

Censurou com aspereza o feitor, mas acalmou-se quando ele lhe

anunciou também um acontecimento agradável: *Pava,* a melhor das suas vacas, por ele comprada na última exposição de gado, tinha parido.

— Kousma — gritou para o criado — traz-me um casaco e acende uma lanterna. — E para o feitor: — Vamos ver a cria.

O estábulo das vacas de preço encontrava-se a pouca distância da porta da casa.

Levine atravessou o pátio e dirigiu-se ao curral das vacas, cuja porta coberta de neve deslizou a custo, rangendo nos gonzos. Um hálito quente, que se levantava do esterco, bateu-lhe no rosto e as vacas assustadas ante a insólita luz das lanternas, moveram-se nas suas camas de palha fresca. A garupa negra e reluzente, com uma pequena malha branca da vaca holandesa, destacava-se na penumbra; *Berkut,* o touro pai da cria, preso à manjedoura, quis levantar-se, mas desistiu e não fez mais do que mugir ruidosamente quando Levine passou junto dele. A formosa *Pava,* volumosa como um hipopótamo, repousava junto do filho, cheirava-o e lambia-o procurando abrigá-lo com o seu corpo.

Levine entrou na divisão em que estava a vaca, examinou-a, levantou o bezerro e olhou-o como entendedor. *Pava* mugiu inquieta, mas tranquilizou-se ao ver que Levine lhe devolvia a cria e pôs-se a lambê-la, suspirando ruidosamente. O bezerrinho como que se escondeu debaixo do ventre da mãe, procurando-lhe as tetas com o focinho, sofregamente.

— Alumia para aqui, Fedor — disse Levine examinando ainda o animal. — É igual à mãe; apenas tem o lombo malhado como o pai. Mas que bonito e que forte. Não é verdade que é uma boa estampa, Vassili Fedorovitch? — disse depois, voltando-se para o feitor, esquecendo, com o prazer que lhe dava a vista do bezerro, a contrariedade que lhe tinha causado o trigo queimado.

— Nem podia deixar de ser — confirmou Fedorovitch. E passado um instante: — Simão, o maquinista, apresentou-se no dia seguinte àquele em que o senhor partiu. Seria talvez preciso o senhor falar com ele... Já tive a honra de falar a V. Exa. na máquina...

Aquelas palavras recordaram a Levine todos os pormenores da direção da sua casa, que era difícil e complicado; do estábulo dirigiu-se à oficina, onde falou com o maquinista e combinou vários assuntos com o feitor. Depois, fatigado, recolheu aos seus aposentos.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 27

A casa de Levine era grande como todas as casas antigas, mas, ainda que vivesse só, ele ocupava-a toda. Isto era absurdo e muito contrário aos seus novos projetos, mas por outro lado não deixava de crer que naquela casa encontrava todo um mundo, um mundo em que tinham vivido e tinham morrido seus pais.

Levine, verdadeiramente, mal se recordava da mãe, mas aquela recordação era-lhe sagrada e pensava que a casar-se um dia, a esposa devia ser como aquele saudoso ideal materializado. Para ele não podia existir o amor fora do matrimónio e ainda ia mais longe; pensava antes de tudo na família, nos filhos e em segundo lugar na mulher que lhos havia de dar.

As suas ideias sobre o matrimónio eram muito diferentes das que se observam nas pessoas normais da sociedade de hoje, para as quais o matrimónio é um ato como outro qualquer da vida social. Levine considerava-o o ato principal da existência; aquele de que havia de depender toda a sua felicidade. E, contudo, era preciso renunciar a ele!

Quando entrou na pequena sala onde ordinariamente tomava o chá e ao sentar-se numa poltrona com um livro na mão, enquanto a velha aia lhe punha diante uma chávena, sentiu — coisa estranha! — que ainda não tinha renunciado às suas ideias e que não podia viver sem as realizar.

Ou Kitty ou outra; necessitava de uma mulher. Os atrativos da vida da família ocupavam constantemente a sua imaginação, ainda que o distraísse um pouco a tagarelice de Ágata Mikailovna. Sentia penetrar um pouco de calma no seu espírito ao deter-se naquela resolução.

Ágata Mikailovna contava-lhe que Prokhor andava por mau caminho; em vez de comprar um cavalo com o dinheiro que ele lhe tinha dado, entregara-se à bebida e todas as noites embriagado maltratava a mulher.

Levine escutava-a com os olhos presos num livro, mas seguia ao mesmo tempo o curso dos seus pensamentos.

Aquela obra da Tyndall sobre o calor recordava-lhe que tinha criticado o autor pelo orgulho com que fala dos êxitos dos seus empreendimentos, e também pela carência de intenções filosóficas levantadas. E repentinamente uma ideia feliz atravessou-lhe o cérebro: *Dentro de dois anos poderei ter mais duas holandesas e* Pava *viverá ainda; poderei acrescentar umas doze crias de* Berkut *à manada.*

E continuou lendo: «Bem; suponhamos que a eletricidade e o calor não são a mesma coisa; poderiam empregar-se as mesmas unidades que servem para resolver aquele teorema? Não. Pois bem, o laço de união que existe entre as forças da natureza, sente-se instintivamente, ainda que fique muito por explicar...» *Que bela manada, quando a filha de* Pava *se tiver convertido numa linda vaca vermelha e branca!... Minha mulher e eu, convidaremos os amigos a vê las, quando vierem para o estábulo. Minha mulher dirá: «Kostia e eu criámos esta bezerra como uma filha.» Como pode interessá-los estas coisas? — dirá algum amigo — O que o interessa a ele, interessa me também a mim; dirá ela. Mas quem será* Ela*?*

E recordou o que tinha ocorrido em Moscovo.

Que hei de fazer? Não posso remediá-lo, mas para o futuro tudo me correrá melhor. É uma tolice deixar-me dominar pelo passado: é preciso lutar para viver melhor, muito melhor...

Levantou a cabeça do livro e perdeu-se na corrente dos seus pensamentos.

Laska, que não estava muito satisfeita por não ver o dono e que tinha ido dar uma volta pelo pátio a ladrar, entrou de novo na sala meneando a cabeça de contentamento e trazendo consigo o ar fresco do exterior. Abeirou-se dele, pousou-lhe a cabeça sobre a mão e reclamou, ganindo, uma carícia.

— Só lhe falta falar — disse a velha Ágata. — Não passando de um cão, compreende que o dono regressou e que está triste.

— Triste! Porquê?

— Não estou eu a ver? Conheço os senhores há muito tempo; não fui eu criada nesta casa? Enfim, quando a saúde não falta e a consciência está sossegada, o resto nada vale.

Levine olhou-a atentamente, assombrado de a ver adivinhar-lhe os pensamentos.

— Quer outra chávena?

E saiu para trazer mais chá.

Laska continuava com a cabeça sobre a mão do dono. Este acariciou-a; depois a cadela enroscou-se-lhe aos pés, abrindo a boca num espreguiçamento. Levine, seguindo-lhe os movimentos, pensou: *Terei que resignar-me; tudo pode remediar-se ainda!*

PERIGOSAS

Capítulo 28

No dia seguinte ao baile, Ana Arcadievna mandou um telegrama ao marido, anunciando-lhe que partia de Moscovo.

— Não; é preciso que parta, é indispensável! — dizia à cunhada para lhe explicar aquela súbita mudança nos seus projetos.

Stepane Arcadievitch jantava no restaurante, mas prometeu-lhe que voltaria para a acompanhar à estação às sete horas. Kitty, pretextando uma enxaqueca, não apareceu.

Dolly e Ana jantaram sós com os pequeninos e a inglesa. As crianças já não faziam tanta bulha para despertar a tia. Por inconstância ou por instinto, a ternura que lhe tinham demonstrado à chegada desvanecera-se e até parecia que as preocupava muito pouco a sua partida.

Ana passara a manhã fazendo os seus preparativos. Escreveu algumas cartas de despedida, pôs em ordem as suas contas e fechou as malas.

Dolly notou que ela não estava muito tranquila e que semelhante agitação, que conhecia por experiência, tinha a sua razão num descontentamento geral de si mesma. Depois do jantar acompanhou-a ao quarto de vestir.

— Não te encontro hoje como sempre! — disse lhe.

— Eu! Parece-te? Não sou a mesma; é que sou muito caprichosa! Sucede-me isto às vezes, e até me ponho a chorar sem ter de quê... É uma tolice... mas passa. — E ocultou o rosto que se tinha ruborizado, baixando-o para uma mala da mão em que estava metendo uns lenços de assoar. Nos olhos brilhavam-lhe algumas lágrimas que se esforçava por conter. — Senti muito ter de sair de S. Petersburgo e agora oprime-se-me o coração ao partir daqui.

— Vieste praticar uma bela ação! — disse Dolly, olhando-a comovida.

Ana, com os olhos cheios de lágrimas, fixou-a também.

— Não digas isso, Dolly. Não fiz nada; não podia fazer nada. Muitas

vezes pergunto por que razão todos parecem dispostos a adular-me. Que fiz eu?... Unicamente tu encontraste no teu coração bastante amor para perdoar...

— Deus sabe o que teria sucedido, se não fosses tu! Que feliz deves ser, Ana! Na tua alma tudo é pureza.

— Cada um tem os seus *skeletons* na alma, dizem os ingleses.

— Que *skeleton* podes tu ocultar? Em ti tudo é transparente.

— Tenho o meu, tenho! — exclamou Ana e, um sorriso que não era seu, irónico e doloroso, contraiu-lhe os lábios enquanto as lágrimas lhe saltavam dos olhos.

— Nesse caso será um *skeleton* agradável e não triste — respondeu Dolly, sorrindo.

— Oh, não; bem triste! Sabes porque parto hoje em vez de amanhã? É uma confissão que me dói, mas hei de dizer-ta — disse, sentando-se, com ar resoluto e fitando Dolly no rosto.

Com grande espanto observou esta que Ana se tinha posto vermelha como uma criança envergonhada.

— Sim — continuou Ana — sabes porque Kitty não veio? Tem ciúmes de mim... Eu fui a causadora de que o baile, em vez de ser para ela um prazer, tenha sido um tormento. E, todavia, eu não tenho culpa ou, se a tenho, é muito pequena.

— Como te pareces com Stepane dizendo isto! — exclamou Dolly, rindo-se.

Ana pareceu ofender-se.

— Oh, não, não; eu não sou Stepane — acrescentou em tom firme. — Conto-te isto porque nem por um só instante me permito duvidar de mim mesma.

Mas pronunciando estas palavras, Ana sentia que elas não eram sinceras. Não só duvidava de si mesma, mas a recordação de Vronsky perturbava-a tanto que resolvera partir precipitadamente para não o tornar a ver.

— Sim; Stepane disse-me que dançaste o *cotillon* com ele e que...

— Não calculas como isto foi... Pensava contribuir para o casamento deles e em vez de o ajudar... embora contra a minha vontade, eu...

Ruborizou-se de novo e calou-se.

— Estas coisas adivinham-se logo! — murmurou Dolly.

— Desgostar-me-ia que tomasses o caso muito a sério. Estou convencida de que tudo esquecerá e que Kitty me não ficará odiando.

— Em resumo e para falar-te com franqueza não me ficaria nenhuma pena, se este casamento se fizesse em fumo. Não podia ser bom esposo um homem que só num dia se apaixonou por ti.

— Deus meu! Mas isso seria uma coisa tão estranha! E vou partir deixando em Kitty uma inimiga! Eu que lhe queria tanto! Mas tu justificar-me-ás a seus olhos, não é verdade, Dolly?

Dolly reprimiu a custo um sorriso. Queria muito a Ana, mas não desgostava de lhe descobrir uma fraqueza.

— Receias ter-te tornado uma inimiga de Kitty? É impossível.

— Desejava fazer-me estimar de vocês todas, como eu as estimo! Agora ainda lhe quero mais — disse com as lágrimas nos olhos. — Meu Deus! Que louca sou!

Passou o lenço pelos olhos e começou a compor o penteado.

No momento de partir chegou Stepane Arcadievitch, com o rosto corado e cheio de animação, cheirando a vinho e a tabaco.

O enternecimento de Ana tinha-se comunicado a Dolly que, no momento de a abraçar, murmurou:

— Acredita, Ana, que nunca esquecerei o que fizeste por mim e que te estimo e estimarei sempre como à minha melhor amiga.

— Não vejo porquê — respondeu, abraçando-a contendo as lágrimas.

— Só tu me compreendeste e me compreendes. Adeus, minha amiga.

Capítulo 29

Acabou-se tudo, graças a Deus!, pensou Ana depois de dizer o último adeus ao irmão, que se conservara no estribo do vagão até ao terceiro toque de campainha. Ana sentou-se sobre o estofo, junto da sua criada de quarto, Annouchka, e pôs-se a examinar o compartimento debilmente iluminado. *Graças a Deus!*, disse ainda num suspiro de alívio, *amanhã voltarei a ver Sergei e Alexei e voltarei assim à minha vida ordinária*.

Devido à mesma agitação que a havia tomado toda a manhã, Ana fez minuciosamente todas as disposições de viagem: tirou da pequena mala de couro vermelho um *plaid* que desdobrou sobre os joelhos, envolvendo depois os pés. Defronte dela uma senhora doente preparava-se para passar a noite. Outras duas senhoras dirigiram-lhe a palavra e uma velha muito gorda, ao envolver as pernas numa manta, fez algumas observações sobre os caloríferos.

Ana respondeu-lhes, mas, prevendo que a conversação seria de pouco interesse, pediu o Annouchka a sua pequenina lanterna de viagem, enganchou-a nas costas do assento acolchoado e, tirando da mala uma novela inglesa, pôs-se a ler. Como havia um certo movimento entre as senhoras que estavam em volta de si e se dispunham a dormir foi-lhe difícil prestar atenção à leitura, a princípio. Quando o comboio se pôs em marcha começou a notar involuntariamente o que ia passando pelas vidraças; a neve que chicoteava os vidros, o condutor que passava coberto de uma camada branca de gelo luzidio e as conversas das companheiras de viagem que lamentavam o mau tempo, tudo isso a distraia. Depois começou a sentir a monotonia da viagem; sempre as mesmas sacudidelas, o mesmo ruido, a mesma neve a bater nos vidros, as mesmas mudanças de temperatura, as mesmas caras entrevistas na meia sombra, as mesmas vozes. Por fim conseguiu ler e compreender o que lia.

Annouchka tinha adormecido já, com a malinha de couro sobre os joelhos, segura pelas suas mãos grossas vestidas de luvas de malha, uma das

quais esburacada.

Ana lia e compreendia, mas aborrecia-a a vida de outro ser e deixava de interessar-se pelas personagens da novela: tinha demasiada necessidade de viver para si mesma. A heroína curava os doentes cheia de abnegação? Também ela desejaria encontrar-se num hospital prestando socorros a todos os doentes. Um membro do Parlamento fazia um discurso? Desejaria ela também ter discursado na câmara. Lady Mary montava a cavalo assombrando toda a gente com o seu garbo e com a sua audácia? Ela desejaria fazer outro tanto. Era-lhe preciso, sem embargo, estar sossegada e com as mãozitas agitava e dava mil voltas à faca de marfim com que abria as folhas.

O herói da novela chegara ao apogeu da felicidade inglesa obtendo o título de barão e umas terras em doação. Ana desejaria encontrar-se naquelas terras.

Mas de repente pareceu-lhe que tinha razão para se envergonhar daquele barão e de si própria. E de que podia envergonhar-se? Porque havia de corar?, perguntava a si mesma apoiando-se sobre o cotovelo, atónita e descontente, apertando entre os dedos nervosos a faca de cortar papel. O que tinha ela feito? Passou revista às suas recordações de Moscovo; eram boas e agradáveis. Lembrou-se do baile, de Vronsky, das suas conversas com ele, da sua fisionomia humilde e amorosa. Havia em tudo isto alguma coisa que lhe ficasse mal? E, contudo, aumentava o seu sentimento de vergonha com estas recordações e parecia-lhe que uma voz interior lhe dizia, a propósito de Vronsky: «Estás em fogo! Tu ardes».

Que significa tudo isto?, perguntava-se, mudando de posição com um movimento resoluto. *Terei eu medo de manter e minha fronte levantada diante de alguém? O que há de mau nos meus atos? Existe alguma coisa, pode existir alguma coisa de comum entre aquele oficial e eu além das triviais relações que se tem com qualquer pessoa?*

Sorriu com desdém e voltou a tomar o livro, mas também não compreendeu nada. Esfregou a faca de marfim sobre o vidro gelado para pousar aquela superfície fria sobre as fontes em brasa e pôs-se a rir de um modo estranho, quase inconveniente.

Sentia que os nervos se lhe apertavam cada vez mais, os olhos abriam-se desmesuradamente, os dedos crispavam-se-lhe, sufocava-a fosse o que fosse; as imagens e os sons tomavam um vulto exagerado na penumbra do vagão.

A cada instante perguntava a si própria em que sentido marchava o

comboio, se para diante se para trás, ou se estava parado. Era Annouchka que estava defronte dela ou uma estranha? O que estava pendurado no cabide, uma peliça ou um animal?

Teve medo de se deixar arrastar por aquele estado de semi-inconsciência e procurou resistir-lhe ainda com a força da sua vontade. Para voltar à posse de si mesma, Ana levantou-se, tirou o *plaid,* depois a romeira de peles e por um momento julgou que se tinha acalmado. Um homem moreno, vestido como um labrego com uma larga blusa amarela em que faltava um botão, entrou nesse momento na carruagem. Reconheceu nele o empregado que tratava do calorífero, viu-o olhar o termómetro e sentiu que o vento, o frio e a neve entravam no vagão; depois tudo se confundiu de novo no seu espírito. O camponês que ia recostado num canto começou a morder com vontade um pedaço de pão com um conduto qualquer; a velha senhora gorda estendeu as pernas, com as quais parecia encher todo o compartimento; depois, Ana julgou ouvir um rumor estranho no exterior, alguma coisa parecida com um silvo estridente; de repente brilhou como um relâmpago uma luz avermelhada, deslumbrante que desapareceu detrás de um muro.

Ana sentiu que caía num abismo, mas esta sensação era mais agradável do que aterrorizadora. A voz do homem coberto de neve gritou-lhe ao ouvido um nome e então ergueu-se, recobrou os sentidos e compreendeu que estavam próximo de uma estação e que aquele homem era o condutor. Pediu logo a sua romeira de peles a Annouchka e, embrulhando-se, dirigiu-se para a portinhola.

— A senhora vai sair? — perguntou Annouchka.

— Sim. Tenho necessidade de respirar o ar da noite. Faz calor aqui!

Abriu a portinhola. A neve e o vento impediam-lhe a saída e teve de fazer grandes esforços para descer. O vento parecia esperar para a envolver num redemoinho e levá-la, silvando alegremente. Segurando-se ao guarda-mão e levantando os vestidos, saltou ligeiramente para o pavimento da estação.

Resguardada pelo vagão, conseguiu recobrar um pouco de calma, respirando com força o ar frio da noite tempestuosa.

Olhou então envolta o asfalto coberto de neve e a estação resplandecente de luz.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 30

O vento soprava com fúria, metendo-se entre as rodas, silvando em volta dos postes telegráficos e arrastando a neve que cobria os vagões e os passageiros. Alguns empregados corriam de cá para lã, abrindo e fechando as grandes portas da estação, conversando alegremente e esmigalhando debaixo dos pés a neve endurecida no pavimento.

— Mandem um telegrama! — gritava uma voz irritada da escuridão tenebrosa, para lá da linha.

— Por aqui, 28 — gritaram mais adiante.

E outras vozes se ouviam numa confusão enorme.

Dois cavalheiros com cigarros acesos na boca passaram ao lado de Ana quando esta se dispunha a voltar ao seu compartimento depois de ter aspirado amplamente o ar de fora, como se quisesse fazer provisão dele para a viagem.

Já tinha posto o pé no estribo para subir quando a luz vacilante do farol foi intercetada pela sombra de um homem com capote militar que se acercou dela. Era Vronsky; reconheceu-o logo. Vronsky cumprimentou-a delicadamente, levando a mão ao quépi e perguntou-lhe se desejava alguma coisa. Ana olhou-o e por alguns instantes não pôde encontrar palavras para lhe responder; ainda quando aquele rosto estava na sombra tinha notado dois olhos brilhantes, com a expressão de entusiasmo que tanto tinha prendido a sua atenção no dia anterior. Quantas vezes tinha dito a si mesma que Vronsky não era para ela senão um desses peralvilhos que se encontram às centenas na sociedade, no qual era até indigno pensar? E agora, ao reconhecê-lo, sentia um prazer orgulhoso.

Era inútil pensar porque se encontrava ele ali; Ana sabia com a mesma certeza, que ele lho tivesse dito, que se encontrava ali por ela.

— Não sabia que vinha a S. Petersburgo. O que o leva lá? — perguntou com o rosto iluminado por uma alegria que não podia ocultar.

— Porque vou? — disse ele fitando-a persistentemente. — Já sabe bem

que vou unicamente para estar perto de si, que não vou por mais nada.

Naquele instante, o vento, como se depois de breve resistência tivesse vencido todos os obstáculos, varreu a neve do teto dos vagões e agitou triunfalmente uma lâmina de zinco que se havia desprendido. O apito da locomotiva lançou na escuridão da noite como um grito triste e lúgubre. Ana estremeceu e nunca achou tão bela uma noite de tempestade. Escutava comovida aquelas palavras que a sua razão temia ouvir e que o coração desejava.

Ficou silenciosa; Vronsky compreendeu o que lhe ia na alma.

— Perdoe-me se disse alguma coisa que lhe desagradou — murmurou humildemente.

Falava com respeito, mas num tom tão decidido que ela permaneceu muito tempo sem lhe responder.

— Não devia ter dito o que disse — respondeu por fim a custo — e se o senhor é um cavalheiro esquecerá tudo como eu esqueço.

— Não esquecerei nada, não poderei esquecer nunca uma só das suas palavras, nem um só dos seus sorrisos.

— Basta, basta! — exclamou, procurando dar à fisionomia, que ele observava com paixão, um ar de severidade; e subiu rapidamente para a carruagem. Uma vez dentro deteve-se, procurando recordar o que tinha ocorrido, sem poder encontrar na memória as palavras que tinham trocado. Sentia que aquela conversação rápida os tinha aproximado mais um do outro e não sabia se devia assustar-se ou alegrar-se.

Ao cabo de alguns segundos avançou até ao seu lugar e deixou-se cair no assento. O estado nervoso que a tinha atormentado antes recrudescia, e pareceu-lhe que os seus nervos iam rebentar. Não podia conciliar o sono, não podia ler, mas aquela tensão de espírito, aquelas imaginações fantásticas não tinham nada de penoso; sentia uma deliciosa perturbação.

Pela madrugada adormeceu e só despertou já dia claro, com sol, muito próximo de S. Petersburgo. A lembrança do marido, do filho, da casa com as ocupações que a esperavam naquele dia e no seguinte prenderam a sua imaginação.

Apenas o comboio parou na estação, Ana desceu da carruagem e o primeiro rosto que viu foi o do marido.

Ao ver a mulher, o Sr. Karenine foi ao seu encontro, olhando-a fixamente com os seus grandes olhos fatigados e com o sorriso irónico que não

abandonava nunca a sua boca. Este olhar produziu em Ana um estremecimento desagradável; pareceu-lhe encontrar o esposo debaixo de aspeto que não lhe conhecia e um sentimento de pesar invadiu-lhe o coração; não só não estava contente consigo mesma, como julgava que ia sentir certa hipocrisia nas suas relações com Alexei Alexandrovich, sentimento que tinha notado outras vezes sem lhe dar nenhuma importância. Agora reconhecia-o perfeitamente e isso desgostava-a profundamente.

— Aqui tens um marido extremoso, tão meigo como no primeiro ano de matrimónio — disse com a sua voz lenta e no tom de ironia que sempre o acompanhava, como se quisesse troçar dos que o escutavam. — Ardia em desejos de tornar a ver-te.

— Como está Sergei? — perguntou Ana.

— Assim recompensas o meu amor? — respondeu o marido. — Sergei está bem, muito bem.

Capítulo 31

Vronsky nem sequer tinha procurado dormir naquela noite; tinha-a passado toda sentado no seu lugar, com os olhos muito abertos, olhando sem ver as pessoas que entravam e saíam da carruagem. Para ele os homens não valiam mais do que as coisas, mas naquele dia estava mais orgulhoso e mais impassível que de ordinário.

Um rapazola nervoso empregado no tribunal do distrito, sentado a seu lado, fez o possível para dar-lhe a entender que pertencia ao género dos seres falantes: pediu-lhe lume para o cigarro, dirigiu-lhe várias vezes a palavra e até o pisou para encontrar um pretexto de conversa. Nada valeu e Vronsky notou apenas a sua presença, prestando tanta atenção como à luz trémula que os alumiava frouxamente. O jovem começou a aborrecê-lo ao vê-lo tão indiferente e taciturno.

Vronsky não via, não ouvia nada. Parecia-lhe que se tinha tornado um herói, não porque julgasse ter conquistado o coração de Ana, mas porque a violência do sentimento que experimentava o fazia orgulhoso e feliz.

O que lhe reservava o futuro? Não sabia, não pretendia adivinhá-lo: sentia somente que todas as suas forças até ali dispersas ao acaso da vida corrente convergiam com terrível energia para um só objeto.

Ao descer da carruagem na estação de Bologoi para beber um copo de soda tinha divisado Ana e, desde as primeiras frases, dissera-lhe involuntariamente o que sentia o seu coração. Estava contente. Agora estava seguro de que ela o sabia e pensava nele.

De volta ao compartimento foi passando em revista as suas recordações, até as mais triviais, e a imaginação pintou-lhe vivamente um quadro de felicidade que lhe transtornava o coração e o cérebro.

Ao chegar a S. Petersburgo, apesar da noite de vigília que tinha passado, sentiu-se tão fresco e bem-disposto como depois de um duche. Aproximou-se do compartimento de Ana para a ver sair e pensou, a sorrir, que talvez lhe

dissesse alguma coisa ou lhe sorrisse.

Viu primeiro o marido acompanhado pelo chefe da estação, que lhe abria passagem respeitosamente através da multidão.

O marido!, pensou Vronsky, despeitado.

Até então não tinha pensado que o marido era uma parte essencial da vida de Ana. Não ignorava sem dúvida que tinha esposo, mas não tinha acreditado até ao momento em que o viu. Encolhido no seu capote, Vronsky viu-o aproximar-se tranquilamente de Ana e tomar-lhe a mão como quem tinha o direito de o fazer, direito que lhe custava a reconhecer.

A figura de Alexei Alexandrovich, aquele rosto severo e senhor de si mesmo, aquele chapéu alto, aquelas costas ligeiramente curvadas do hábito da carteira... Era necessário crer nele. Mas esta certeza produziu-lhe uma sensação semelhante à que experimentaria um homem morto de sede que, ao chegar a um manancial de água fresca e pura, a encontrasse turvada pelo cadáver de um cão.

O modo de andar rígido e desmazelado de Alexei Alexandrovich foi o que mais desagradou a Vronsky. Não concedia a ninguém o direito de amar Ana, mas quando ela apareceu tudo esqueceu, reanimando-se com a sua presença. Enquanto a contemplava, cheio de emoção, mandou o criado tratar das bagagens. Via perfeitamente, com a perspicácia que o amor oferece, que ela dava o braço ao marido com um certo aborrecimento e contrariedade.

Ela não gosta dele, não pode gostar, pensou radiante.

Avançou para o grupo e quando se aproximava notou que ela, depois de o ter pressentido, continuava a dirigir-se ao marido.

— Passou bem a noite? — perguntou-lhe Vronsky, cumprimentando ao mesmo tempo o marido para que ele correspondesse.

— Muito bem... obrigada.

Mas tinha o rosto pisado, sem a habitual frescura, ainda que nos seus olhos brilhasse um relâmpago que bastou a Vronsky para se sentir feliz.

Ana olhou o marido para ver se ele conhecia o conde; Alexei fixara-o, mal-humorado, parecendo conhecê-lo vagamente.

O aprumo de Vronsky fazia um contraste enorme com a calma glacial do Sr. Karenine.

— O conde Vronsky — disse Ana, apresentando-o ao marido.

— Parece-me que nos conhecemos — disse ele com indiferença, estendendo a mão ao oficial. — É verdade, foste daqui com a mãe deste

senhor. — Falava lentamente, como se pesasse as palavras, e voltando-se para a mulher, em tom irónico: — Que tal? Chorou-se muito em Moscovo à despedida?

Esta maneira de falar exclusivamente para a mulher indicava a Vronsky que Karenine desejava ficar só com ela. Um ligeiro toque no chapéu e um movimento brusco completaram a intenção, mas Vronsky não se deu por despedido e dirigiu-se à senhora.

— Espero que me concederá a honra de ir cumprimentá-la em sua casa...

Alexei Alexandrovich dirigiu-lhe um olhar frio e disse lentamente:

— Com muito gosto: recebemos às segundas-feiras.

Dito isto cumprimentou Vronsky, afastando-se com a esposa, a quem disse com o seu acento irónico:

— Que felicidade ter tido meia hora livre para te vir esperar...

— Insiste na tua ternura para que te agradeça — respondeu Ana no mesmo tom sarcástico.

Depois perguntou-lhe por Sergei, o que tinha feito na sua ausência.

— Muito bem! Marieta diz que se portou como um homenzinho. Mas sinto dizer-te que não manifestou muita pena pela tua ausência... Não é como eu. Se soubesses como te agradeço por teres vindo um dia antes! Que contente não estará o nosso querido *Samovar*.

Dava este nome à célebre condessa Lídia Ivanovna por causa do seu estado de agitação contínuo.

— Perguntou-me muitas vezes por ti e, se me permites um conselho, digo-te que vás vê-la hoje mesmo. Sabes que o seu terno coração sofre por qualquer coisa e está muito inquieta com o que se passou entre Dolly e o marido.

— Mas escrevi-lhe...

— Não ficará tranquila enquanto não conhecer todos os pormenores da conciliação. Vai visitá-la se não te sentes muito fatigada. Preparar-te-ão o carro enquanto eu vou ao Conselho. E já hoje não jantarei só! Não podes imaginar quanto me contrariava a tua ausência...

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 32

O primeiro rosto que Ana viu ao entrar em casa foi o de seu filho. Precipitou-se pela escada apesar dos esforços da aia para o conter, gritando com alegria:

— Mamã! Mamã!

E saltou-lhe ao pescoço com entusiasmo.

Ana achou o filho diferente do que o deixara, assim como o marido; teve uma espécie de desapontamento. Imaginava-o longe, mais formoso do que era na realidade e, sem embargo, ele era bem gracioso com a sua cabeleira frisada, os seus límpidos olhos azuis e a sua pele macia e fresca.

Sentiu, contudo, um grande bem-estar encontrando-se perto dele, recebendo as suas caricias; sentiu-se numa grande e doce paz moral fitando aqueles olhos de uma expressão tão terna, tão cândida, tão confiada. Escutava as suas perguntas infantis ao mesmo tempo que ia desfazendo os embrulhos dos brinquedos oferecidos pelos filhos de Dolly ao priminho e lhe contava que havia em Moscovo uma menina chamada Tânia que já sabia ler e ensinava a ler os outros meninos.

— Gostava mais dessa menina do que de mim? — perguntou Sergei.

— Para mim não há nada no mundo mais querido do que tu, meu filho!

— Bem sei — respondeu o pequeno sorrindo satisfeito.

Apenas Ana acabava de almoçar anunciaram-lhe a visita da condessa Lídia.

Era uma mulher alta e robusta, de tez amarelada, com uns esplêndidos olhos negros. Ana estimava-a muito, mas agora apareciam-lhe mais evidentes todos os seus defeitos.

— Então, minha amiga, levou-lhes o ramo de oliveira? — perguntou logo ao entrar.

— Sim, tudo está resolvido — respondeu-lhe Ana. — Mas não se tratava de assunto tão grave como tínhamos julgado. Minha cunhada tem um génio

muito exaltado e toma subitamente uma resolução extrema.

A condessa Lídia, uma criatura verdadeiramente original, interessava-se demasiadamente por tudo que não lhe dizia respeito, desleixando tudo quanto de perto a tocava. Interrompeu Ana, suspirando:

— Sim; há muitos males neste mundo, tantos que morre uma pessoa de tristeza.

— Mas o que tem? — interrogou Ana, sorrindo involuntariamente.

— Começo a cansar-me de lutar em vão em prol da verdade. A obra das nossas Irmãzinhas (tratava-se de uma instituição filantrópica e religiosa) marchava admiravelmente, mas com estes senhores nada se pode fazer. O seu modo de julgá-la é mesquinho e carece de senso comum. Duas ou três pessoas, entre as quais está seu marido, compreende o sentido desta Obra Pia; os demais desacreditam-na.

Contou depois os infinitos ataques dirigidos contra a Obra Pia, *A União das Igrejas,* descrevendo os dissabores que lhe causavam e terminou por se despedir apressada, porque tinha de assistir naquela tarde a uma reunião do Comité Eslavo.

Depois da condessa Lídia veio outra amiga sua, mulher de um alto funcionário, que a informou dos assuntos palpitantes da capital.

Alexei estava no ministério e Ana ficou depois só até à tarde, empregando o tempo a pôr um pouco em ordem a casa e a sua correspondência, muito atrasada.

A perturbação e o sentimento de pudor que tinha experimentado durante a viagem iam-se extinguindo lentamente à medida que se distraia nas ocupações da sua vida de sempre. Encontrava-se já irrepreensível e assombrava-se do seu estado moral da véspera.

Que lhe tinha acontecido? Uma coisa sem importância. Vronsky tinha-lhe dito uma loucura que não oferecia a menor gravidade. Era inútil mesmo falar disso a seu marido.

E lembrou-se de um pequeno incidente sucedido com um secretário dele que se viu obrigada a participar-lhe. Alexei Alexandrovich disse-lhe então que toda a senhora de uma boa sociedade devia desprezar esses episódios e que a sua confiança nela era muito grande para que tivesse ciúmes humilhantes.

O melhor é nada dizer! Por outro lado, pensou: *Também nada tenho a confessar, graças a Deus!*

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 33

Alexei Alexandrovich voltou do ministério cerca das quatro e, como lhe sucedia de ordinário, faltou-lhe o tempo para ir ver a mulher aos seus aposentos. Teve que entrar no gabinete para dar audiência a algumas personagens e para assinar alguns documentos que lhe apresentava o seu chefe de gabinete.

À hora do jantar chegaram os convidados (os Karenine sentavam à mesa quatro amigos cada dia). Eram eles uma velha prima de Alexei, um diretor geral com a esposa e um rapaz elegante, recomendado do Sr. Karenine.

Ana recebeu-os no salão.

Quando o velho relógio de bronze, magnifica obra de arte que remontava à época de Pedro I, tocava as cinco, Alexei Alexandrovich de casaca, peitilho reluzente e gravata branca saía de seu gabinete e dirigia-se à sala de jantar. Imediatamente depois da refeição saía para fazer visitas. Os seus momentos estavam contados; para poder despachar num dia todos os afazeres tinha necessidade de uma regularidade, de uma pontualidade rigorosa: «sem pressa, mas sem descanso» era a sua divisa.

Entrou, cumprimentou um por um os seus convidados e pôs-se à mesa, sorrindo a sua mulher.

— Até que se acabou a minha solidão! Não podes imaginar como é aborrecido comer só! — disse sublinhando a frase.

Terminado o jantar demorou-se duas horas com os seus visitantes e partiu depois para o Conselho, despedindo-se da mulher com um aperto de mão. Ana tinha recebido convite para uma *soirée* no palácio da princesa Betsy Tverskoi, mas não quis ir; não quis sequer aproveitar-se de um camarote que tinha no primeiro teatro. Para mais a modéstia tinha faltado à palavra dada: não achava nada melhor do que ficar em casa. Depois de saírem os convidados ocupou-se a examinar os vestidos e teve um grande desgosto ao saber que a modista tinha inutilizado completamente uma *toilette,* das três

que lhe deixara para modificar.

A costureira veio desculpar-se como pôde, mas Ana irritou-se e ficou de mau humor. Para se acalmar passou a noite junto do filho, deitou-o ela mesma e arranjou-lhe as roupas, não saindo de junto dele sem o deixar a dormir, abençoando-o e benzendo-se sobre o seu pequeno leito.

Isto tranquilizou-a e, com a consciência aliviada de um grande peso, esperou o marido sentada junto do fogão com uma novela inglesa aberta sobre os joelhos.

A cena do caminho de ferro, que tão grave lhe parecera, não era já a seus olhos mais do que um episódio insignificante da sua vida mundana.

Às nove e meia soou a campainha e Alexei Alexandrovich entrou em casa.

— Até que chegaste! — disse Ana estendendo-lhe a mão que ele beijou, sentando-se a seu lado.

— De modo que a tua viagem teve um resultado feliz? — perguntou ele.

— É verdade...

E Ana começou a contar-lhe todos os Incidentes da viagem: a partida com a condessa, a chegada, o incidente ocorrido na estação de Moscovo, a compaixão que sentiu diante do irmão e a comoção que lhe causou a dor de Dolly.

— Não admito desculpas para um homem semelhante, ainda que seja teu irmão — disse Alexei serenamente.

Ana sorriu. Sabia que o marido se esforçava por lhe provar com esta severidade que nem as relações de parentesco podiam influir na equidade do seu juízo. Era uma particularidade do seu caráter que apreciava.

— Alegro-me — continuou ele — de que tudo tenha terminado bem e de te ver de volta. Que se diz por lá da reforma que introduziu no Conselho?

Ana não tinha ouvido dizer nada e ficou um tanto confusa por ter esquecido uma coisa a que seu marido dava tanta importância.

— Pois aqui, pelo contrário, fala-se muito dela — acrescentou Alexei com satisfação.

Ana adivinhou que ele tinha alguns pormenores lisonjeiros a contar-lhe e com discretas perguntas levou-o ao terreno em que também desejava entrar.

— Estou contentíssimo. Tudo isto para que por fim comecem a prevalecer entre nós as opiniões razoáveis e sérias. Vamo-nos formando, eis tudo.

Depois de ter tomado chá com leite e torradas, levantou-se para ir trabalhar no seu cartório.

— Não quiseste sair esta noite? Deves ter estado aborrecida!

— Não! — respondeu Ana levantando-se para o acompanhar.

— O que estás lendo? — inquiriu depois.

— «A Poesia do Inferno» do duque de Lille, um belo livro!

Ana sorriu e, dando-lhe o braço, acompanhou-o até à porta do gabinete. Sabia que era para ele uma necessidade imperiosa ler algumas horas antes de adormecer para se manter ao corrente de tudo o que julgava interessante no mundo literário, apesar dos deveres do seu cargo que lhe absorviam por completo as horas do dia.

Sabia também que Alexei, sem descuidar todo o movimento filosófico e religioso da sua época, não deixava de ler todos os livros de arte e de poesia, precisamente porque o seu temperamento era contrário à arte e à poesia. E se em política, em filosofia, em religião tinha alguma vez alguma dúvida e vacilava em dizer a sua opinião, ao contrário em matéria de poesia e sobretudo em música falava sempre com segurança.

Deleitava-se a discutir Shakespeare, Rafael, Beethoven, a falar das escolas poéticas e musicais. Classificava estas escolas com uma lógica vigorosa, ainda que na sua vida não tivesse nunca aprendido uma nota de música.

— Vou escrever para Moscovo — disse Ana à porta do gabinete onde já estavam preparadas as lâmpadas com *abat jours* verdes e uma garrafa com água.

Com todos os defeitos que tem é um homem honrado, leal e de grande valor na sua esfera, pensava Ana Karenina dirigindo-se para os seus aposentos como se tivesse que defendê-lo contra um inimigo que sustentasse que era impossível amar um homem semelhante.

À meia-noite Ana estava ainda escrevendo a Dolly quando sentiu os passos de Alexei. Vinha com o seu roupão e com sapatos de quarto, lavado, penteado e perfumado, com um livro debaixo do braço. Ao aproximar-se da esposa disse-lhe com um sorriso antes de se ir deitar:

— Faz-se tarde!

Com que direito o olhou daquele modo?, pensou neste momento Ana ao recordar o olhar com que Vronsky tinha fulminado Alexei.

Foi despir-se e depois entrou no quarto.

Mas onde estava aquele fogo que animava toda a sua fisionomia em Moscovo e tornava tão esplêndidos os seus olhos e o seu sorriso? Apagado sem dúvida... pelo menos tão oculto!...

Capítulo 34

Ao partir de S. Petersburgo, Vronsky tinha cedido a sua soberba instalação de Marskaia ao seu amigo Petritzky, um jovem tenente que nada tinha de ilustre. Muito longe de ser rico, estava afogado em dívidas. Todas as noites recolhia ou recolhiam-no ébrio. Passava uma grande parte da vida na sala de correção cumprindo castigos aplicados por causa das suas escandalosas aventuras, nem sempre honrosas para a farda. Mas apesar disto sabia fazer-se estimar dos camaradas e até dos superiores.

Ao entrar em casa, por volta das onze horas da manhã, Vronsky viu à porta uma carruagem que muito bem conhecia. Ainda à distância ouviu risadas de muitos homens e a voz de uma mulher. Depois reconheceu a voz de Petritzky chamando a sua ordenança.

Vronsky entrou na antecâmara sem se fazer anunciar.

A baronesa Shilton, amante de Petritzky, vestida espaventosamente com os seus caracóis louros quase a mergulharem na taça de café que tinha diante de si e enchendo todo o salão com a sua vozita alegre de parisiense, Petritzky, de capote, e o capitão Kamerovsky, de grande uniforme, estavam sentados a uma mesa redonda.

— Bravo, Vronsky! — gritou Petritzky, levantando-se de um salto. — É o patrão! Baronesa, sirva-lhe o café! Não te esperávamos, filho. Espero que estejas satisfeito por ver o teu salão tão honrado. — Apontou para a baronesa. — Conhecem-se, não é verdade?

— Se nos conhecemos? — perguntou o conde, sorrindo alegremente e estreitando a mão da baronesa. — Somos antigos amigos.

— Vem de alguma viagem? — perguntou ela. — Então retiro-me. Deve querer repousar.

— Faça de conta que está em sua casa, baronesa. Bons dias, Kamerovsky — acrescentou apertando friamente a mão do capitão.

— Vou preparar-lhe o café enquanto muda de fato — disse a baronesa,

sentando-se de novo e dando com muito cuidado uma volta à máquina do café. — Pedro, dá-me o café — acrescentou dirigindo-se a Petritzky, a quem chamava pelo nome próprio sem dissimular a intimidade das relações que os uniam.

— Não vão estragar o café!

— Não lhe dê cuidado. — E numa reviravolta: — É verdade, Vronsky, sua esposa? Sabe que o casámos?

— Não, baronesa; casei na *boémia* e morrerei nela.

— Tanto melhor, tanto melhor!

E sem o deixar, a baronesa começou a contar-lhe os seus planos de futuro, pedindo-lhe conselhos, mas conservando sempre o seu habitual ar de troça.

— *Ele* teima em não consentir no divórcio. Que devo fazer? — *Ele* era o marido. — Que lhe parece? Devo intentar sempre o processo? Kamerovsky, tenha você cuidado com o café! Não vê que estou tratando de negócios? Pois, meu caro Vronsky, vou mover-lhe o processo para reaver o meu dote. Com o pretexto de que lhe sou infiel quer ficar com ele, o sujeito!

Vronsky divertia-se a ouvi-la. Dava-lhe conselhos e gracejava, sentindo-se perfeitamente no seu meio.

Segundo as ideias da sociedade de S. Petersburgo, a Humanidade dividia-se em duas classes muito distintas: a primeira composta de gente insípida, néscia, sobretudo ridícula, que imagina que um marido deve viver somente para a mulher com quem casou, que as jovens devem ser puras, mulheres castas, os homens honrados, sóbrios e aplicados, que é preciso dar uma boa educação aos filhos, ganhar a vida com trabalho e pagar as dívidas. Esta é a gente estúpida e aborrecida. Na segunda categoria, aquela em que estão estas personagens, exige-se para formar parte dela ser, antes de tudo, elegante, dissipador, audaz e simpático, apaixonado e divertido, e rir de todos os que assim não sejam.

Vronsky, influenciado ainda pela atmosfera tão diferente de Moscovo, ficou um pouco desorientado ao cair de novo e de improviso na sua vida antiga, mas soube logo adaptar-se a ela como se adaptam aos pés os sapatos velhos.

O famoso café não chegou a servir-se. Ferveu de mais a água e entornou-se tudo pelo tapete riquíssimo e pelo vestido da baronesa.

— Bem, agora sim, que me vou deveras — disse a baronesa. — Se me

demorasse, você não fazia a sua *toilette* e eu ficaria com a consciência pesada por o obrigar a cometer um dos piores delitos que pode praticar um homem *comme il faut*... o de não se lavar. Mas, enfim, você aconselha-me a que ponha o punhal na garganta a meu marido?

— Decerto... Mas de modo que seu lindo braço fique ao alcance da boca dele. Beijá-lo-á e tudo terminará com satisfação para toda a gente — respondeu Vronsky de bom humor.

— Até logo, no teatro Francês.

E a baronesa retirou-se arrastando a cauda do vestido.

Kamerovsky levantou-se também e Vronsky, sem esperar a sua partida, estendeu-lhe a mão e passou ao seu gabinete.

Enquanto se lavava, Petritzky contou-lhe em poucas palavras a situação em que se encontrava. Nem um cêntimo; um pai que já estava farto de pagar dívidas, um agiota decidido a comprometê-lo e outro com intenções pouco melhores; um coronel que o intimara a terminar com os escândalos amorosos sob pena de expulsão do regimento. Sobre tudo isto duas mulheres, a baronesa aborrecida sobretudo pelas suas frequentes ofertas de dinheiro e outra, uma beleza oriental, «género Rebeca», que um dia ou outro lhe apresentaria. Uma questão de honra com Berkashei que o ameaçava com um duelo — e tudo o mais perfeitamente!

Depois Petritzky pôs-se a falar das notícias do dia sem dar tempo ao amigo de refletir em nada.

— Será possível? — disse Vronsky mergulhando a cabeça na água fria. — Será possível?

O amigo acabava de participar-lhe que Laura tinha deixado Fertinghof por Mileef.

— E está contente com ele? Continua então perdida como sempre? E Bousulkof?

— Ah! Bousulkof! É uma história muito comprida — disse Petritzky. — Conheces a sua paixão pelos bailes? Não deixa passar um na corte. Há uns poucos de dias foi lá com um chapéu do último modelo. Ainda não viste os chapéus novos? São muito elegantes, muito leves. Ficam muito bem com trajes de gala. Mas escuta a história...

— Escuto, escuto — fez Vronsky farto de ouvir tanta coisa e secando a pele com a toalha de felpa.

— Uma grã-duquesa, que passava pelo braço de um embaixador

estrangeiro e que por desgraça do nosso amigo falava dos chapéus último modelo, ao ver Bousulkof de pé, com um na cabeça, suplicou-lhe que lho mostrasse. O nosso amigo não se moveu. Os camaradas começaram a fazer-lhe sinais para que mostrasse o chapéu. Ele, imóvel como se estivesse morto. Imagina a cena! Todos começaram a rir e ele encavaca. Por fim querem arrancar-lho da cabeça e ele defende-se. Infelizmente um convidado mais ágil do que ele consegue deitar-lhe a mão num salto e apresenta-o à grã-duquesa. «Ah! É este o novo modelo!», diz ela voltando-o para baixo. Movimento de sensação. Do chapéu do nosso pobre amigo despenha-se uma verdadeira cascata de doces, rebuçados e bombons! Pobre rapaz!

Vronsky riu até lhe saltarem as lágrimas, e ainda passado algum tempo e falando de outra coisa se ria de novo ao pensar na história daquele mal-aventurado chapéu, mostrando numa franca gargalhada os seus dentes brancos e iguais.

Uma vez informado das notícias do dia vestiu o uniforme, ajudado pelo impedido, e foi apresentar-se ao governo militar. Queria depois ir a casa do irmão, a casa de Betsy e a outras visitas para aparecer na sociedade frequentada pelos Karenine. Como é costume em S. Petersburgo, saiu de casa não pensando voltar a ela senão a altas horas da noite.

Parte 2

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 1

No fim daquele inverno os Cherbatzky consultaram vários médicos sobre a saúde de Kitty.

A pobre menina estava doente havia muito e a proximidade da primavera agravava-lhe o mal. O médico da casa receitara-lhe óleo de fígado de bacalhau, depois ferro e por último nitrato de prata, mas como nenhum destes remédios tinha sido eficaz aconselhara-lhe uma viagem ao estrangeiro.

Foi então que a família resolveu consultar uma grande sumidade médica. Esta celebridade era um rapaz de aspeto petulante que exigiu um exame demorado à enferma, insistindo que o pudor das donzelas não era mais do que um resto de costumes bárbaros e que nada era mais natural do que a auscultação de uma senhora seminua.

Foi preciso resignarem-se, porque se é certo que todos os médicos se formavam na mesma escola, tendo estudado pelos mesmos livros e possuindo os mesmos conhecimentos, no entanto por uma qualquer razão aquele médico célebre possuía a mais a ciência especial que devia salvar Kitty.

Depois de uma série de auscultações à enferma, sempre confusa e envergonhada, o médico lavou as mãos com cuidado e voltou ao salão com o príncipe.

Este escutou-o sorrindo, mas maldisposto. Como todas as pessoas que nunca estiveram doentes, não acreditava na medicina, e como homem sério irritava-se tanto mais com aquela comédia quanto era talvez ele a única pessoa a saber das causas do mal da filha.

Outro que amarrou*!*, pensou ele expressando com um termo de caçador a sua opinião sobre o diagnóstico do médico célebre.

Este, por seu lado, condescendia de má vontade em dirigir-se à mediana inteligência daquele velho. Parecia-lhe inútil falar ao príncipe sendo a princesa a alma da casa. Diante dela podia soltar melhor a corrente da sua eloquência.

A princesa entrava naquele momento com o médico da casa e o marido aproveitou a ocasião para sair dali, sem dúvida para não manifestar mais rudemente os seus pensamentos.

A princesa, muito inquieta, não sabia já que fazer; sentia-se muito culpada para com Kitty.

— Então, doutor, decida da nossa sorte; diga-nos tudo! — «Há alguma esperança?», quereria ela acrescentar, mas os lábios tremeram-lhe e emudeceu.

— Estarei às suas ordens, princesa, depois de ter conferenciado com o seu colega. Só então teremos a honra de lhe dar a nossa opinião.

— É preciso deixá-los sós?

— Se não se importar, minha senhora.

A princesa deu um suspiro e saiu.

O médico da família emitiu timidamente a sua opinião fundada numa predisposição tuberculosa, porque...

O médico célebre escutou-o, mas a meio do discurso, tirando da algibeira o relógio de ouro, interrompeu:

— Sim, mas...

O colega calou-se respeitosamente.

— O meu amigo sabe que não é muito fácil precisar o princípio da tuberculose; antes da aparição das cavernas nada há de positivo. No presente, temos a temê-la em presença dos sintomas, que já temos, como por exemplo a má digestão, o nervosismo e outros. A questão assenta, pois, nestas bases; o que devemos fazer para manter uma boa digestão, ficando estabelecido que há razões para temer uma tuberculose?

— Mas com certeza sabe que aqui deve haver também uma causa moral!... — permitiu-se dizer o médico da família com um fino sorriso.

— Sim, sem dúvida... — respondeu o médico célebre, olhando de novo para o relógio... E mudando de assunto perguntou: — Mil desculpas, mas sabe-me dizer se a ponte sobre o Yaousa já está estabelecida ou se é preciso dar a volta?

— Já está pronta.

— Nesse caso, ainda tenho vinte minutos. Dizíamos há pouco que a questão se apresentava neste pé: regularizar a digestão e fortificar os nervos. Já sabemos que ambos caminham a par e, portanto, precisamos atuar sobre os dois.

— E quanto à viagem ao estrangeiro?

— Sou contra essas viagens ao estrangeiro. Queira seguir o meu raciocínio. Se há princípio de tuberculose, o que nós não podemos saber, para que servirá a viagem? O essencial é achar o meio de a robustecer com boa alimentação.

E desenvolveu o seu plano de uma cura de águas de Soden, cura cujo principal mérito, a seus olhos, estaria em serem perfeitamente inofensivas.

O médico da família escutava com atenção e respeito, mas ajuntou:

— Em favor da viagem ao estrangeiro convém citar a mudança de hábitos e o afastamento de lugares, que lhe podem despertar recordações tristes. De resto é esse o desejo da mãe...

— Nesse caso, que partam, mas que os charlatães alemães lhe não agravem a doença; é preciso que elas sigam à risca as nossas prescrições. Pois sim, eles que partam!

E olhou de novo para o relógio.

— É tempo de o deixar, caro colega!

E dirigiu-se para a porta, declarando à princesa — provavelmente por um sentimento de conveniência — que desejava ver mais uma vez a doente.

— Como! Recomeçar o exame? — gritou com terror a princesa.

— Oh, não! Para fazer unicamente umas observações!

E a princesa introduziu o doutor nos aposentos de Kitty. A pobre criança, muito magra, com os olhos brilhantes e vermelha da emoção que a visita do médico lhe causara, estava de pé no meio do quarto.

Quando o viu entrar, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e ruborizou-se ainda mais. A doença que lhe atribuíam e a cura que lhe ordenavam pareciam-lhe ridículas. Que significava semelhante cura? Não era o mesmo que juntar os cacos de uma vasilha quebrada e querer recompô-la? Por acaso o seu coração podia curar-se com pílulas e pós? Mas não se atrevia a contradizer a mãe, tanto mais que a sentia culpada.

— Queira sentar-se, princesa! — disse-lhe o médico.

Sentou-se também defronte dela, tomou-lhe o pulso e recomeçou, sorrindo, uma série de fatigantes perguntas.

Kitty respondeu às primeiras, até que, impacientando-se, se levantou:

— Desculpe, doutor, mas tudo isto não serve para nada. É a terceira vez que me faz a mesma pergunta.

O médico não se ofendeu.

— É uma irritação mórbida — explicou à mãe quando Kitty saiu. — Para mais já concluí as minhas observações.

E o doutor explicou à princesa, como a uma pessoa excecionalmente inteligente, o estado da filha, e concluiu fazendo-lhe recomendações precisas sobre a maneira de beber as águas, cujo mérito, segundo o seu modo de ver, estava na sua inutilidade. À pergunta — será bom ir viajar? — o doutor refletiu profundamente e o resultado das suas reflexões foi de que o podiam fazer, com a condição de se não entregarem nas mãos de charlatães e de não seguirem senão os seus conselhos.

Quando o médico partiu, sentiram-se aliviados e até mesmo felizes, como se tivessem recebido uma boa nova. A mãe, já tranquila, voltou para junto da filha, que estava mais sossegada ou pelo menos assim o parecia, pois conhecia a arte de dissimular as suas impressões.

— Mas, mamã, eu sinto-me bem. No entanto, se quer, partamos — disse.

E para dar uma prova do interesse que tinha pela viagem, falou dos seus preparativos para a partida.

Capítulo 2

Dolly sabia que a conferência médica devia efetuar-se naquele dia e ainda que se não encontrasse restabelecida por completo — tinha dado à luz uma menina no fim do inverno — e tivesse um dos pequenitos adoentado, esqueceu tudo para vir saber do estado de Kitty.

— Então que há? — disse ao entrar, sem mesmo tirar o chapéu. — Estão alegres? Tudo correu bem?

Repetiram-lhe o que o médico tinha dito, mas se bem que este tivesse falado largamente, usando frases de grande efeito, ninguém pôde resumir exatamente o seu discurso. O ponto interessante era a decisão com respeito à viagem.

Dolly suspirou involuntariamente; ia perder a irmã, a sua melhor amiga, e afligiu-se. A vida era para ela tão aborrecida! As relações com o marido pareciam-lhe cada vez mais humilhantes; a reconciliação que Ana tinha negociado entre eles havia durado pouco e a união de família ameaçava desfazer-se nos mesmos escolhos.

Stepane Arcadievitch nunca parava em casa e deixava-lhe pouco dinheiro. A suspeita da sua infidelidade ia corroendo o coração de Dolly, mas ao recordar com terror os sofrimentos que lhe tinham ocasionado os ciúmes, e procurando não abandonar a vida da família, preferia deixar-se enganar, desprezando o seu marido e desprezando se a si própria por esta fraqueza.

Os cuidados de uma família numerosa davam-lhe por outro lado uma responsabilidade tão grande!...

— Como estão os pequenos? — perguntou a princesa.

— Ah, mamã, nunca me faltam preocupações e desgraças! Lili está de cama e temo que se declare a escarlatina. Saí hoje para saber como estão todos, receando não o poder fazer em qualquer outro dia.

O velho príncipe entrou naquele momento, apresentou a face ao beijo da filha, trocando com ela algumas frases; e depois dirigindo-se à mulher:

— O que decidiram? Partem? E eu, o que farei?

— Creio que o melhor será ficares.

— Como quiserem.

— Porque não vem o papá connosco? — disse Kitty. — Seria mais agradável para nós e para ele.

O velho príncipe acercou-se de Kitty e passou-lhe a mão pelos cabelos, carinhosamente. Ela levantou a cabeça, sorrindo ao olhá-lo; parecia-lhe que só o pai, ainda que falasse pouco, a compreendia.

Ela era a mais nova e, por conseguinte, a preferida do pai. O seu extremo afeto por ela tornava-o mais perspicaz, pensava ela.

Quando o seu olhar encontrou o do pai, que a fitava atentamente, pareceu-lhe que ele estava lendo na sua alma e que aí via tudo o que lá havia de mau. Ruborizou-se e, inclinando-se para ele, esperou um beijo; mas o pai contentou-se em brincar com os cabelos, dizendo:

— Estúpidos *chignons!* Nunca deixam a um pai tocar na cabeça de sua filha. Parece que se toca na cabeça de alguma linda morta. Então, Dolinka, o que faz o teu *mais que tudo?*

— Nada, papá — respondeu Dolly, compreendendo que se tratava do marido. — Anda sempre em viagem. Mal o consigo ver — ajuntou ela com um sorriso irónico.

— Ele ainda não foi ao campo vender o bosque?

— Não, mas está sempre a dizer que o vai fazer.

— Na verdade — disse o príncipe — é preciso dar-lhe um exemplo. E tu, Kitty — continuou dirigindo-se à filha mais nova — sabes o que tens a fazer? É preciso que uma manhã cedo, ao levantar, tu digas: «Mas eu estou boa e bem-disposta! Porque não começarei os meus passeios matinais com o papá?» Achas bem?

A estas palavras tão simples, Kitty perturbou-se como se lhe lançassem em rosto um grande crime. *Sim, ele sabe tudo, ele compreende tudo e estas palavras significam que, por maior que seja a minha humilhação, a devo suportar*, pensou.

E sem forças para responder, debulhou-se em lágrimas e recolheu-se a chorar convulsivamente no seu quarto.

— Vês o que fizeste com as tuas coisas? — disse a princesa encolerizada contra o marido. E dirigiu-lhe um discurso cheio de censuras.

A princípio o príncipe acolheu tranquilamente as reprimendas da mulher,

mas depois o rosto tornou-se-lhe sombrio.

— Causa tanta pena, coitadinha; tu não vês como ela sofre à menor alusão à causa do seu mal? Ah, como nós nos enganamos ao julgar o mundo! — disse a princesa. E pela mudança de voz, Dolly e o príncipe compreenderam que ela falava de Vronsky. — Eu não compreendo como não haja leis para castigar ações tão vis e tão baixas.

O príncipe levantou-se da cadeira com o rosto sombrio e dirigiu-se para a porta, como se quisesse evitar a discussão, mas ao chegar ao limiar deteve-se exclamando:

— Leis, há-as sim, mãe insensata, e visto que me forças a falar, far-te-ei notar que a verdadeira e única culpada de tudo isto foste tu e só tu. Há leis contra todos esses adventícios e há de havê-las sempre! Velho como sou, eu teria sabido castigar esse se não fosse a senhora a primeira a trazê-lo para casa. E agora cure-a, mostre-a a todos esses charlatães.

E o príncipe teria continuado neste tom se a princesa, como fazia em todas as questões graves, se não tivesse submetido e humilhado.

— Alexandre, Alexandre! — murmurou banhada em lágrimas e aproximando-se dele.

O príncipe calou-se, mal a viu chorar.

— Sim, bem sei que para ti também é muito cruel. Basta, não chores mais. O mal não é grande e Deus é misericordioso — acrescentou, não sabendo bem o que estava dizendo por causa da comoção. E sentindo sobre a mão um beijo húmido que a princesa lhe dera, saiu rapidamente.

Dolly, com o seu instinto maternal, teria querido seguir Kitty até ao seu quarto, compreendendo bem que ela necessitava os carinhos de uma mulher; mas ouvindo as recriminações da mãe e as palavras coléricas do pai, procurara intervir tanto quanto lho permitia o seu respeito filial.

Quando o príncipe saiu, disse à mãe:

— Tenho andado para lhe dizer, mamã, não sei se já sabe, que Levine tinha intenção de pedir a mão de Kitty quando aqui veio a última vez. Disse-o a Stepane...

— Mas... não compreendo...

— Talvez que Kitty lhe dissesse que não? Ela não lhe falou a esse respeito?

— Não, não me disse nada. É muito orgulhosa, mas eu sei donde tudo isso vem...

— Mas acredita que ela tenha dito que não a Levine? Eu sei bem que ela o não faria se não tivesse outro. Para ser depois tão abominavelmente traída!

A princesa sentia-se muito culpada para não tomar o partido de se encolerizar.

— Não percebo nada! Cada um é senhor dos seus pensamentos e creio que já nada se diz à mãe...

— Eu vou falar com ela, mamã.

— Vai, não to proíbo! — respondeu a mãe.

PERIGOSAS

Capítulo 3

Ao entrar no quarto de Kitty, todo tapetado de rosa, e cheio de *bibelots* de Saxe, Dolly recordou o prazer que ambas tinham experimentado o ano passado, quando andavam a decorá-lo. Que felizes e alegres eram então!

Agora sentia frio no coração ao olhar a irmã imóvel, sentada sobre uma cadeira baixa, perto da porta, com os olhos no chão.

Kitty viu Dolly entrar e a expressão fria e severa do rosto desapareceu-lhe,

— Receio muito que ao voltar a casa não torne a poder sair — disse Dolly sentando-se a seu lado. — Foi por isso que quis vir falar um pouco contigo.

— De quê? — perguntou vivamente Kitty levantando o rosto.

— De que há de ser senão do teu mal?

— Eu não tenho males.

— Deixa-me concluir, Kitty. Tu imaginas que eu não sei nada? Sei tudo e, se quiseres acreditar em mim, tudo isso vale pouco. Quem é que não passou pelo que estás passando agora?

Kitty calara-se: o seu rosto tomara uma expressão severa.

— Esse homem não vale o desgosto que te está causando — continuou Daria Alexandrovna indo direita ao fim.

— Desprezou-me — murmurou Kitty com voz trémula. — Mas, suplico-te, não falemos mais nele.

— Quem te disse isso? Eu estou persuadida de que estava apaixonado por ti e que o está ainda, mas...

— Nada me exaspera mais do que essas consolações — gritou Kitty num súbito acesso de cólera. E voltou-se na cadeira, brincando com os dedos trémulos com a fivela do cinto.

Dolly conhecia este gesto habitual da sua irmã, logo que tinha qualquer desgosto. Sabia-a capaz de dizer coisas cruéis e desagradáveis num momento

de vivacidade e procurou acalmá-la: mas era já muito tarde.

— Que queres tu fazer-me acreditar? — perguntou Kitty vivamente. — Que estou apaixonada por um homem que não quer saber de mim e que morro por amor dele? E é minha irmã que me vem dizer isto, uma irmã que julga mostrar assim a sua simpatia? Não, não quero essa compaixão hipócrita.

— Kitty, tu és injusta!

— Mas porque me atormentas?

— Não tinha a menor intenção de o fazer... vejo-te tão triste!

Kitty, na sua cólera, nada queria ouvir.

— Não tenho nada de que me afligir e, portanto, não necessito de consolações. Sou muito altiva para amar um homem que me não ama.

— Não é isso que eu quero dizer... Escuta, diz-me a verdade — continuou Daria Alexandrovna tomando-lhe a mão — diz-me se Levine te falou.

Ao ouvir o nome de Levine, Kitty perdeu todo o seu sangue frio. Sem poder dominar-se, levantou-se da cadeira com ímpeto, atirou a fivela do cinto para o chão e, com gestos precipitados, exclamou:

— A que propósito me vens falar de Levine? Eu não sei bem que prazer sentem em torturar-me. Já disse e repito-o que sou muito altiva e incapaz de fazer nunca, ouviste, nunca o que tu fizeste: Voltar para um homem que me tivesse traído. Tu resignas-te, mas eu não o poderia fazer.

Ao dizer isto olhou para a irmã, que baixou a cabeça tristemente sem responder. Mas Kitty, em lugar de deixar o gabinete como era sua intenção, foi sentar-se junto da porta e ocultou o rosto no lenço.

O silêncio prolongou-se durante alguns minutos.

Dolly pensava nos seus desgostos; a sua humilhação, que não avaliava bem, parecia-lhe mais cruel recordada assim por sua irmã. Nunca a tinha julgado capaz de uma tal maldade!

De repente ouviu o frufru de um vestido, um soluço reprimido e dois braços lhe apertaram o pescoço; era Kitty, que estava de joelhos diante dela.

— Dolinka, sou tão desgraçada! Perdoa-me! — murmurou escondendo o seu lindo rosto cheio de lágrimas no peito de Dolly.

Estas lágrimas eram necessárias para a reconciliação completa das duas irmãs e, contudo, depois de chorarem muito tempo assim abraçadas, não voltaram a falar do que tanto interessava a uma e a outra.

Kitty sentia-se perdoada, mas sabia que as cruéis palavras que lhe tinham

escapado sobre a situação de Dolly tinham ficado gravadas no coração de sua pobre irmã. Esta, por sua vez, compreendeu que lhe tinha tocado na ferida e que o que afligia a irmã era ter desprezado Levine para ser depois assim tratada por Vronsky, encontrando-se agora no caminho de amar o primeiro e odiar o segundo.

Kitty contentou-se em falar do estado geral do seu espírito.

— Não é que eu sofra uma grande dor — disse um tanto tranquilizada. — Mas não podes imaginar que mesquinho, repugnante e banal me parece tudo e eu própria mais do que ninguém! Não podes imaginar que maus pensamentos me assaltam.

— Que maus pensamentos podes tu ter? — disse Dolly sorrindo.

— Os piores. Não posso dizer-tos. Não é tristeza isto que me oprime, é enfado, é tédio! Dir-se-ia que tudo o que em mim havia de bom se evaporou, ficando-me apenas o que era mau. Como explicar isto? O papá falou-me há pouco e julguei compreender que pensa arranjar-me um marido. A mamã leva-me aos bailes para se desembaraçar de mim, casando-me o mais depressa possível. Eu odeio toda essa gente, todos esses rapazes que vão aos bailes para procurarem uma esposa. Dão-me ideia de um sapateiro que vem tomar medida de umas botas e que anda em volta do nosso pé, cheio de estúpidas delicadezas. Dantes era para mim um prazer frequentar a sociedade, divertia-me, gostava do luxo. Agora parece-me isso um pecado e ando ali contrafeita. Todos me aborrecem. Que queres que te diga? O doutor é...

Kitty deteve-se. Queria acrescentar que, desde que se sentia assim transformada, não podia ver Stepane Arcadievitch sem que as mais estranhas conjeturas se lhe apresentassem ao seu espírito.

— Então! E tudo toma aos meus olhos o aspeto mais repugnante — continuou. — É uma verdadeira doença! É possível que passe. Só me encontro bem agora junto de ti e dos teus filhinhos.

— Que pena que não possas agora ir para lá! — lamentou Dolly.

— Irei. Já tive escarlatina, não há perigo. Saberei convencer a mamã.

Com efeito Kitty insistiu tanto que a deixaram ir para casa da irmã.

Os pequenos tiveram escarlatina e ela foi uma excelente enfermeira até eles convalescerem. Só ela não melhorou.

Pela quaresma os Cherbatzky partiram para o estrangeiro.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 4

A verdadeira sociedade elegante de S. Petersburgo não é muito numerosa. Todos os que dela fazem parte se conhecem mais ou menos e se visitam; mas, como numa classe, há sempre divisões.

Ana Karenina tinha relações em três dos círculos mais elegantes da cidade. Um era o círculo oficial a que pertencia seu marido, composto pelos seus colegas e subordinados, unidos ou separados entre si pelas mais caprichosas relações sociais.

Ana esforçava-se por explicar a si própria o sentimento de respeito, quase religioso, que experimentou a princípio para com todas aquelas personagens. Agora conhecia-as como se conhecem todos numa cidade de província, com as suas fraquezas e as suas extravagâncias. Sabia que relações existiam entre eles, que laços os ligavam ao centro comum.

Aquele conventículo oficial a que a ligavam os interesses do marido não logrou nunca as suas simpatias e desde o princípio fez todo o possível por fugir dele.

O segundo círculo, que Ana frequentava com mais prazer, era o que havia contribuído mais para a carreira de Alexei Alexandrovich e cujo núcleo, por assim dizer, era a condessa Lídia.

Compunha-se de senhoras já avançadas em idade, caritativas e devotas, e de homens inteligentes, instruídos e ambiciosos. Chamavam-lhe numa pose intelectual *A Consciência da Sociedade de S. Petersburgo.*

Karenine apreciava muito aquele círculo e Ana, cujo caráter bastante fraco se habituava facilmente ao meio ambiente em que se encontrava, nele arranjara depressa amigos.

Mas depois da sua volta de Moscovo achou-o insuportável. Pareceu-lhe que nele, como nos outros, não se encontrava à vontade e abandonou-o quase indo lá apenas de tempos a tempos para ver a condessa Lídia.

Finalmente Ana tinha também relações de amizade com a sociedade mais

alta, a sociedade que dá bailes e festas, a sociedade das *toilettes* brilhantes e do luxo que tem entrada na corte, sociedade que se esforça por não se confundir com a sociedade equivoca dos adventícios, que parece desprezar, mas cujas tendências são as suas até ao ponto de chegarem a identificar-se. O laço que prendia Ana a esta sociedade era a princesa Betsy Tverskoi, esposa de um primo seu, com cento e vinte mil rublos de renda anual e uma grande paixão por ela desde que aparecera em S. Petersburgo. Betsy constantemente troçava com Ana das pessoas que se reuniam em casa da condessa Lídia.

— Quando eu for velha e feia, como ela — dizia Betsy — farei o mesmo. Mas uma senhora nova e formosa como Ana está deslocada naquela sociedade de caturras.

Ana fizera todo o possível para evitar a intimidade da princesa Tverskoi, porque o modo de viver na sua casa exigia, a quem queria emparelhar com ela, gastos muito superiores à sua fortuna. Mas à volta de Moscovo mudou por completo de ideias e, ao passo que abandonava os seus verdadeiros amigos, lançava-se inteiramente no grande mundo.

Foi nele que gozou a embriagadora alegria de encontrar Vronsky. Viam-se sempre em casa de Betsy, ainda que Vronsky procurasse todos os sítios em que podia encontrá-la e falar-lhe do seu amor. Ana não o animava, mas ao vê-lo o seu coração experimentava os mesmos sentimentos de alegria que a tinham surpreendido na carruagem do caminho de ferro durante a viagem. Esta alegria que sentia revelava-se-lhe nos olhos e no sorriso, sem poder conseguir dissimulá-la.

A princípio, Ana julgou-se descontente com a perseguição que Vronsky se permitia fazer-lhe; mas uma noite em que foi a uma casa onde julgava encontrá-lo e não o encontrou, compreendeu claramente pela dor que se apoderou do seu coração quanto eram vãs as suas ilusões e como aquela obsessão em vez de a desgostar se tornara para ela a maior satisfação da sua vida.

Apresentava-se por essa ocasião em S. Petersburgo uma cantora célebre e toda a alta sociedade se encontrava na Ópera. Vronsky, que lá fora também, viu a prima num camarote e, sem esperar o intervalo, foi cumprimentá-la.

— Porque não foi jantar connosco? — perguntou-lhe, acrescentando depois em voz baixa: — Os amantes têm vista dupla... *Ela* também não foi... Esperamo-lo depois da Ópera.

Vronsky olhou-a como para a interrogar e Betsy fez um sinal de

inteligência. Estendeu-lhe a mão com um sorriso de agradecimento e sentou-se ao lado dela.

— Onde estão os seus escrúpulos de outro tempo? — continuou a princesa que seguia com particular interesse os progressos daquela paixão. — Não se arranjou mal... mesmo assim.

— Que mais posso desejar? — perguntou Vronsky sorrindo de bom humor. — Se me queixo não é por ter escolhido mal, mas por começar a perder as esperanças.

— E que espécie de esperança pode o senhor ter? — disse Betsy tomando a defesa da amiga. — Entendamo-nos.

Mas os seus olhos cheios de malícia diziam claramente que compreendia tão bem como ele em que consistia aquela esperança.

— Nenhuma esperança — respondeu Vronsky, rindo e mostrando os dentes brancos e iguais. — O que temo é cair no ridículo.

E tomou o binóculo das mãos da prima para examinar por sobre o ombro dela um dos camarotes fronteiros.

Sabia bem que aos olhos de Betsy como aos de todas as pessoas da sua esfera não corria risco nenhum por questões deste género; sabia perfeitamente que se um rapaz podia cair no ridículo por amar sem esperança uma menina solteira ou uma viúva não lhe aconteceria o mesmo perseguindo uma mulher casada para a seduzir. A empresa que se propunha era grande; aos seus olhos figurava-se no pior dos casos e, satisfeito, olhava a prima com um sorrisinho expressivo.

— Mas, diga-me, porque não foi jantar? — interrogou esta, olhando-o.

— Tive que fazer. Nem calcula o que foi! Aposto o que quiser em como não adivinha... Estive reconciliando um marido com o galanteador da mulher!

— E conseguiu?

— Quase.

— Quero que me conte isso no primeiro intervalo.

— Impossível! Vou para o Teatro Francês.

— E deixa de ouvir a Nilson por isso?

— Não posso deixar de o fazer. Tenho uma entrevista aprazada precisamente por causa dessa reconciliação.

— Bem-aventurados os que amam a Justiça! — disse Betsy, recordando ter ouvido alguma vez, sem saber onde, uma frase semelhante.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 5

— A aventura é um pouco escabrosa, mas tão estranha que não posso resistir ao desejo de lha contar — disse Vronsky fitando os maliciosos olhos da prima. — Demais não direi os nomes próprios.

— Adivinhá-los-ei... Melhor ainda!

— Então, escute! Dois rapazes um tanto alegres...

— Oficiais do seu regimento, pode dizer...

— Não disse que eram oficiais, mas dois rapazes que acabavam de cear bem...

— Nesse caso traduza: bêbedos.

— Pode ser... Tinham ceado em casa de um camarada e estavam bastante alegres. Agora imagine que na rua passa numa carruagem uma senhora nova que olha para eles e sorri. Naturalmente seguem-na a galope. Com grande espanto veem que a beldade se detém precisamente defronte da casa a que se dirigiam. Ela sobe a escada e eles só veem uns lábios muito vermelhos debaixo de um véu e dois lindos pezitos debaixo do vestido.

— Fala com tanta precisão que me vai fazer crer que era um dos atores dessa comédia.

— Já se esqueceu da sua acusação de há pouco!... mas prossigamos. Os dois rapazes sobem a escada da casa do seu camarada, que oferecia um banquete de despedida, e esta circunstância obriga-os a beber talvez um pouco mais do que deviam. Informam-se dos habitantes da casa e sobretudo se no andar superior há «senhoras novas». Respondem-lhes que sim. Os dois rapazes entram no gabinete de trabalho do amigo e escrevem uma carta apaixonadíssima à moça, cheia de protestos de um amor eterno, e vão eles mesmos entregá-la, porventura para explicarem de viva voz o que na carta tinham escrito.

— Que me conta? E depois?

— Batem à porta. Uma criada vem abrir e entregam-lhe a carta

declarando-lhe que estão dispostos a morrer ali. A criada assustada põe-se a falar com eles e nisto aparece um cavalheiro vermelho, como um caranguejo cozido e com umas barbas que pareciam de estopa, que sem nenhuma cerimónia lhes fecha a porta na cara, declarando que ali só há uma mulher, que é a sua.

— E como sabe que as barbas eram de estopa?

— Fui encarregado de negociar a paz.

— Mas como?

— Aí é que está o mais interessante do caso. Acontece que aquele casal é formado por um respeitável conselheiro e uma senhora titular. O marido apresentou queixa e eu tive que me tornar o advogado dos meus amigos. Digo-lhe que em diplomacia, Talleyrand comparado comigo era um pateta.

— Houve então grandes dificuldades?

— Ora veja. Começámos por nos desculpar do melhor modo possível, como era nosso dever: «Sentimos infinitamente este equívoco deplorável.» O conselheiro titular parece mais razoável, mas quer por sua vez exprimir o seu modo de pensar. A cólera domina-o de novo, pronuncia umas tantas palavras ásperas e vejo-me obrigado a recorrer ao meu talento diplomático. «Convenho que a sua conduta tenha sido irregular — disse-lhe — mas note V. Exa. que se trata de um equívoco; demais são rapazes e acabam de cear alegremente. Compreende V. Exa.? Agora estão profundamente arrependidos e suplicam-lhe do fundo do coração que lhes perdoe o seu erro.» O conselheiro suaviza-se de novo. «De acordo, senhor Conde, e estou disposto a perdoar, mas deve também compreender que minha esposa, uma senhora honesta, esteve exposta aos vexames, às vilanias, aos insultos daqueles trastes, daqueles miseráveis...» E como «aqueles trastes» estavam presentes, aqui tenho eu agora de os acalmar por sua vez, empregando dobrada ciência diplomática. E assim sucessivamente. Cada vez que a minha eloquência estava a ponto de dar um desenlace feliz, o conselheiro voltava a encolerizar-se, punha-se de novo com os olhos em chama, as barbas eriçavam-se-lhe e eu via perdidas todas as minhas subtilezas diplomáticas... Dessa vez não fizemos nada.

— Ah, minha querida! — exclamou Betsy para uma senhora que entrava no seu camarote. — É preciso que lhe conte este caso! Não imagina! — E voltando-se para Vronsky: — Então felicidades!

Estendeu-lhe dois dedos, que o leque lhe deixava livres, e colocou-se

bem à frente do camarote para ser bem vista.

Vronsky dirigiu-se para o Teatro Francês em busca do coronel do seu regimento, que não faltava a uma única representação. Tinha de falar-lhe sobre aquela missão conciliadora, que havia três dias o ocupava e divertia. Os dois heróis desta história eram Petritzky e um rapazito novo no regimento, o príncipe Kedrof, um camarada amável e simpático. Tratava-se sobretudo dos interesses do regimento, porque ambos os oficiais faziam parte do esquadrão de Vronsky.

Venden, o conselheiro titular, tinha apresentado a queixa contra os oficiais ao coronel, acusando-os de terem insultado sua mulher. Esta, segundo contava o esposo, casada apenas havia cinco meses, já no seu estado interessante, tinha estado na igreja com a mãe e, sentindo-se indisposta, tomara um trem para voltar mais depressa a casa; e ficara pior em consequência da comoção causada pelo procedimento dos dois oficiais, que a obrigaram a subir a escada correndo. Venden saía do seu gabinete quando ouviu gritos que se seguiram ao toque da campainha e, vendo que tinha de se haver com dois oficiais bêbedos, pusera-os na rua. Agora exigia que fossem severamente castigados.

— Por mais que o senhor queira desculpá-lo, Petritzky vai-se tornando insuportável — tinha dito o comandante a Vronsky quando este fora por encargo dos amigos falar com ele. — Não se passa uma semana sem fazer uma das suas. Este cavalheiro, ofendido como está, não se contentará com simples desculpas e levará a sua queixa por diante.

Vronsky, vendo a impossibilidade de um duelo em semelhantes circunstâncias, compreendeu a necessidade de acalmar o conselheiro. O coronel mandara-o chamar porque era ele um homem digno e brioso, capaz de velar pela honra e bom nome do regimento.

A consequência deste colóquio foi Vronsky, acompanhado de Petritzky e de Kedrof, irem a casa do queixoso apresentar desculpas, com a esperança de que o seu nome e o seu lugar de ajudante de campo contribuíssem para acalmar o conselheiro.

Vronsky só o tinha conseguido em parte, como dissera à prima, e a conciliação parecia-lhe duvidosa ainda.

No teatro levou o coronel para o *foyer* e deu-lhe parte do resultado da sua missão. Depois de refletir o coronel decidiu deixar o assunto no estado em que se encontrava. E não pôde deixar de rir-se ao conversar com Vronsky.

— Um caso desagradável, mas tão singular! Kedrof não pode bater-se com esse homem! — Depois deixou este assunto e, falando de uma atriz francesa, disse a Vronsky:

— Como acha a Clara esta noite? Está preciosa... Por mais que se veja todas as noites, parece sempre uma novidade. Só as francesas sabem fazer milagres desta espécie.

PERIGOSAS

Capítulo 6

A princesa Betsy saiu do teatro antes do fim do último ato. Apenas teve tempo de entrar no quarto de *toilette* para passar sobre o rosto pálido uma ligeira camada de pó de arroz, ordenar que preparassem o chá e compor ligeiramente os cabelos.

Os convidados iam chegando de trem ao seu palácio em Morskaia. O porteiro, figura monumental, abria sem ruído a porta enorme e os visitantes penetravam na vasta escadaria de pedra.

A dona da casa, com a pele e o penteado já arranjados, veio receber os convidados; as paredes do salão eram cobertas de estofos escuros e o chão de um tapete macio e grosso. Sobre uma mesa alumiada por muitas luzes achava-se um serviço de chá de prata e porcelana transparente.

A princesa sentou-se junto da mesa e tirou as luvas. Os criados, aproximando as cadeiras sem o menor ruído, ajudavam parte das pessoas a sentar-se junto da mesa e a dividirem-se em dois grupos. De um lado a princesa e do outro, num canto do salão, uma linda embaixatriz de negras e lustrosas tranças, vestida de veludo negro.

A conversação interrompida a cada passo pela chegada de novas personagens, como sucede sempre no começo destas festas, pelas ofertas de chá e pela troca de amabilidades, parecia fixar-se.

— É uma atriz muito formosa e de valor; vê-se que estudou Kaulbach — dizia um diplomata no grupo da embaixatriz.

— Suplico-lhes, não falem mais de Nilson. É sempre a mesma coisa — fez, enfadada, uma gorda senhora loura sem sobrancelhas e com poucos cabelos, vestindo uma *toilette* já velha, de seda.

Era a princesa Miagkaia, célebre pelo modo de exprimir os seus pensamentos e conhecida por *enfant terrible* por causa da sua sem-cerimónia em dizer as coisas mais desagradáveis.

A princesa Betsy, que estava sentada entre os dois grupos, escutando o

que se dizia num e noutro, acrescentou:

— Já três pessoas hoje falaram em Kaulbach. É preciso acreditar que foi propositadamente lançada a frase para estar tão espalhada.

Esta observação cortou a conversa e a embaixatriz, voltando-se para o diplomata, disse:

— Conte-nos alguma coisa divertida, mas sem malícia.

Ela possuía essa arte de conversar a que os ingleses chamam *small talk.*

— Diz-se que só é divertida a malícia — respondeu o diplomata com um sorriso. — Entretanto procurarei, sem usar dela, conseguir o efeito desejado. Mas haveis de dar-me o tema. Sem assunto é difícil. Já tenho pensado que os célebres faladores do século passado se encontrariam em sérias dificuldades no nosso tempo. Agora o *espírito* tornou-se fastidioso.

— Não é o senhor o primeiro a confessá-lo — interrompeu rindo a embaixatriz.

A conversação começava muito frouxa para que pudesse demorar muito e recorriam ao único meio infalível para a reavivar, a maledicência.

— Não parece que Toushkevitch tem alguma coisa de Luís XV? — disse alguém indicando com os olhos um formoso mancebo louro, que estava junto da mesa.

— Sim, sim. É do mesmo estilo do salão e por isso não falta nunca.

E a conversa deteve-se, porque se entrava em alusões e não podia ser tratada claramente em virtude da ligação de Toushkevitch com a dona da casa. À volta do samovar a conversação hesitou durante muito tempo entre os três assuntos inevitáveis: a última notícia, o teatro e os escândalos recentes. Este último prevaleceu, como sempre.

— Não ouviram dizer que a Maltishef, a mãe e não a filha, se vestiu de diabo cor-de-rosa?

— É possível? Devia estar deliciosa.

— Admira-me como não compreendeu ainda, inteligente como é, que assim cai no ridículo.

E todos, uns atrás dos outros, tiveram uma palavra para ferir a pobre Maltishef, animando-se a conversação subitamente.

O marido da princesa Betsy, um pobre diabo, colecionador apaixonado de estampas e gravuras, entrou naquele momento. Sabendo que a mulher recebia naquela noite, quis dar umas voltas pelas salas antes de ir para o clube. Acercou-se da princesa Miagkaia, que o não tinha sentido chegar,

dizendo-lhe de chofre:

— Ficou contente com a Nilson?

— É permitido assustar uma senhora, caindo assim do céu sem gritar? — exclamou ela. — Não me fale da ópera, peço-lho. E sobretudo o senhor que não entende nada de música. Prefiro descer até si e falar-lhe das suas gravuras e majólicas. Ora diga lá qual foi o último tesouro que descobriu?

— Se o deseja, mostrar-lho-ei. Mas a senhora não entenderá nada.

— Não importa, mostre-mo. Faço a minha aprendizagem com os... como se chamam... os banqueiros. Têm gravuras soberbas, que me mostraram.

— O quê, esteve em casa dos Schutzbourg? — perguntou do seu lugar a dona da casa.

— Sim, minha querida. Convidaram-nos para jantar e apresentaram-nos um prato cozinhado com um molho que nos disseram ter custado mil rublos — respondeu a princesa Miagkaia em voz alta, sabendo que todos a escutavam. — E contudo era um molho péssimo, uma coisa esverdeada. Ontem recebi-os por minha vez e apresentei-lhes um molho de oitenta e cinco kopechs; toda a gente gostou muito. Eu não posso fazer molhos de mil rublos!

— É única! — disse Betsy.

— Espantosa! — ajuntou outro.

A princesa Miagkaia não deixava de alcançar sempre o efeito desejado que consistia em dizer de uma forma agradável e sensata coisas extraordinárias, que ela se não incomodava a guardar para ocasião asada, como agora; mas na sociedade em que vivia, essa maneira agradável de dizer produzia o efeito de finas graças: o seu sucesso admirou-a a ela própria, o que a não impediu de se considerar satisfeita.

Aproveitando o silêncio que se seguiu, a dona da casa quis promover uma conversação geral e, dirigindo-se à embaixatriz, disse-lhe:

— Decididamente não quer uma chávena de chá? Venha para aqui.

— Não, estamos bem aqui no nosso canto — respondeu esta com um sorriso, retomando uma conversa interrompida que a interessava muito; tratava-se dos Karenine, marido e mulher.

— Ana mudou muito depois da sua viagem a Moscovo. Há nela alguma coisa de estranho — dizia uma amiga.

— A mudança consiste apenas em ter trazido consigo a sombra de Alexei Vronsky — disse a embaixatriz.

— Isso não prova nada. Há um conto de Grimm em que um homem, por castigo, não sei de que crime, fica privado da sua sombra. Nunca compreendi bem este género de castigo. Mas para uma mulher deve talvez ser muito doloroso estar privada da sombra.

— Sim, mas as mulheres que têm sombras acabam ordinariamente mal — acudiu a amiga de Ana.

— Vamos, menos má-língua! — exclamou a princesa Miagkaia ouvindo estas palavras. — A Karenina é uma mulher amável, a quem eu estimo bastante. A quem não posso ver é ao marido.

— E porque? — interrogou a embaixatriz. — É um homem de valor. Meu marido diz que há poucas pessoas que o igualem na Europa.

— Também o meu diz o mesmo; mas não acredito — redarguiu a princesa. — Se os nossos maridos não tivessem tido essa ideia, teríamos classificado Alexei Alexandrovich tal como ele é e, segundo o meu modo de ver, não passa de um idiota; digo-o em voz baixa, mas isto alivia-me. Noutro tempo, quando me via obrigada a achar-lhe espírito, considerava-me muito estúpida, porque não sabia descobrir onde se albergava esse talento. Mas apenas disse para comigo que ele era um parvo, tudo se explicou! Quanto à Ana, penso exatamente o contrário e não quero abandoná-la à vossa maledicência voraz. É uma excelente senhora. Tem alguma culpa de que todos andem apaixonados por ela e a sigam, como se fossem a sua sombra?

— Não me permito julgá-la — disse a amiga de Ana para se desculpar.

— Pelo facto de ninguém nos seguir, como a nossa sombra, não estamos autorizados a condenar as outras.

Depois de ter dado esta lição à amiga de Ana, a princesa e a embaixatriz aproximaram-se da mesa e tomaram parte na conversação geral, que versava sobre o rei da Prússia.

— Sobre quem têm os senhores falado? — perguntou Betsy.

— Dos Karenine. A princesa desenhou-nos Alexei Alexandrovich de corpo e alma — respondeu a embaixatriz, sentando-se junto da mesa e sorrindo.

— Sinto muito não ter podido ouvi-las — respondeu Betsy olhando para a porta. E voltando-se: — Ah, até que enfim!

Era Vronsky que entrava naquele momento. Conhecia a sociedade que se reunia em casa da prima e, por isso, entrou com a segurança de um homem que volta a encontrar pessoas que deixou não há muito tempo.

— Donde venho? — respondeu ele à embaixatriz. — Será preciso dizer-vos? Pois bem, venho da Opereta; é a centésima vez que lá vou e cada dia com maior prazer. É humilhante confessá-lo, na ópera adormeço. Ali não, sinto-me bem. Hoje...

Vronsky nomeou uma atriz francesa, mas a embaixatriz deteve-o com uma expressão burlesca de pavor.

— Não me fale desse horror.

— Calo-me, porque vós todos já conheceis esse horror.

— Se fosse moda, corriam todos a ouvi-la, como correm para a ópera — observou a princesa Miagkaia.

Capítulo 7

Ouviram-se passos próximo da porta e Betsy, que sabia que Ana estava para chegar de um instante para o outro, fitou Vronsky. Também ele olhava para a porta e a sua fisionomia tinha uma expressão de estranha alegria, de esperança e de temor ao mesmo tempo: e levantou-se lentamente da cadeira.

Ana tinha aparecido à porta. Com o seu passo largo e ligeiro que tanto a distinguia, atravessou a pequena distância que a separava da dona da casa, com os olhos fitos nela, e apertou-lhe a mão sorrindo. Depois com o mesmo sorriso voltou-se para Vronsky, que a saudou profundamente e lhe ofereceu uma cadeira,

Ana inclinou a cabeça ligeiramente num agradecimento e ruborizou-se um tanto contrariada. Algumas pessoas amigas foram cumprimentá-la; acolheu-as com vivacidade e depois, dirigindo-se a Betsy, disse-lhe:

— Venho de casa da condessa Lídia. Quis vir mais cedo, mas não me deixaram. Estava lá sir John; como é interessante!

— Ah, o missionário?

— Conta coisas curiosíssimas sobre a vida dos índios.

A conversação interrompida pela chegada de Ana vacilou de novo, como a chama de uma lâmpada que está para se apagar.

— Sir John!

— Sim, já o vi. Fala bem. A Vlatief está positivamente apaixonada por ele.

— Sempre é verdade que a mais nova das Vlatief vai casar com Tapof?

— Dizem que é coisa decidida.

— Admiro-me de que os pais consintam.

— É um casamento de amor, segundo se diz.

— De amor? Onde vai buscar essas ideias tão antediluvianas? Quem fala de amor hoje em dia? — disse a embaixatriz.

— No entanto, apesar de velha e ridícula, essa moda usa-se sempre.

— Tanto pior para os que a seguem. Em matéria de casamentos felizes, só admito a conveniência.

— Sim, mas não sucede às vezes que esses casamentos de conveniência fracassam por lhes faltar essa paixão em que não crê?

— Entendamo-nos. O que eu chamo casamento de conveniência verifica-se sempre entre pessoas que já não são novas. O amor é uma enfermidade, que se sofre como a escarlatina.

— Nesse caso seria prudente recorrer a um meio artificial de inoculação para se preservar dele como das bexigas.

— Na minha mocidade cheguei a estar apaixonada por um sacristão — disse uma senhora. — Gostava de saber de que é que isso me serviu.

— Não, sem gracejar, eu creio que para conhecer com proveito o amor seria necessário, depois de nos termos enganado uma vez, podermos reparar o erro.

— Ainda depois do casamento? — perguntou a embaixatriz, sorrindo.

— *It is never too late to mend* — disse o diplomata, citando um provérbio inglês.

— Decerto — interrompeu Betsy — erra-se primeiro para depois se encontrar o bom caminho. Não lhe parece? — E voltava-se para Ana, que escutava a conversação com um sorriso.

Vronsky olhou-a também e esperou a sua resposta com um aperto de coração. E, quando ela falou, respirou amplamente como que aliviado de um enorme peso.

— Creio — disse a senhora Karenina, brincando com uma luva — que se há tantas cabeças quantas sentenças, há também tantos diferentes modos de amar quantos os corações. — E voltando-se bruscamente para Vronsky, disse-lhe: — Recebi uma carta de Moscovo. Dizem-me que Kitty Cherbatzky está muito doente.

— Sim? — exclamou Vronsky com a fisionomia ensombrada.

Ana olhou-o severamente.

— É-lhe indiferente?

— Ao contrário, penaliza-me muito. Se me é permitido, perguntar-lhe-ei o que lhe escreveram a esse respeito.

Ana levantou-se e aproximou-se de Betsy, apoiando-se-lhe na cadeira.

— Dá-me uma chávena de chá?

E enquanto a serviam, Vronsky aproximou-se, insistindo:

— O que lhe escreveram?...

— Tenho pensado muitas vezes que é uma pretensão vã a de querer que os homens procedessem bem — disse Ana sem lhe responder diretamente. — Há muito tempo que lho queria dizer.

E dirigiu-se para uma mesa cheia de álbuns.

— Não posso compreender bem o sentido das suas palavras, minha senhora — disse-lhe ele, oferecendo-lhe a chávena.

Ana olhou para o sofá em que estava sentada e Vronsky, compreendendo-a, sentou-se-lhe ao lado.

— Sim, queria dizer-lho — continuou sem o olhar. — O senhor procede mal, muito mal.

— Julga que não o sinto? Mas de quem é a culpa?

— Porque me diz isso? — perguntou Ana com um olhar severo.

— Bem sabe porquê! — respondeu ele, afrontando-lhe o olhar.

E foi ela quem se perturbou.

— Isso prova simplesmente que o senhor não tem coração — disse ela enquanto, com os olhos, exprimia o contrário.

— Não. O que me recordou há bocado foi um engano e não o amor.

— Lembre-se de que o proíbo de pronunciar essa palavra tão banal — atalhou ela estremecendo e notando que com a palavra proibida se arrogava certos direitos sobre ele e ao mesmo tempo o encorajava a falar. — Há muito tempo que lhe desejava falar — continuou ela, olhando-o bem de frente, embora as faces corassem intensamente. — Vim hoje de propósito por saber que o encontrava. É preciso que isto acabe. Até agora não tive nunca motivo para corar diante de ninguém e o senhor causa-me o desgosto de me sentir culpada sem o ser.

Ele contemplava-a, embevecido pela expressão da sua beleza.

— Que quer que eu faça? — respondeu com gravidade.

— Quero que vá a Moscovo implorar o perdão de Kitty.

— E é a senhora que quer isso?

Sentia que ela pensava uma coisa enquanto lhe pedia outra.

— Se me ama, como diz — murmurou ela — deixe-me tranquila.

O rosto de Vronsky iluminou-se.

— Não sabe então que é a minha vida? Como posso eu proporcionar-lhe a tranquilidade se a não conheço há muito tempo? Diga-me que me sacrifique inteiramente por si e fá-lo-ei sem hesitar, porque nem com o pensamento me

posso separar de si. A meus olhos não somos mais do que uma única pessoa. Não vejo possibilidade alguma de sossego no futuro, nem para mim nem para si. Em perspetiva só vejo a desdita, o desespero ou talvez a felicidade, e que felicidade! Acaso é impossível? — murmurou muito baixo, sem se atrever quase a pronunciar as palavras.

Mas foi compreendido. Todas as forças de Ana se concentravam para um só fim: responder como o seu dever exigia. Mas em vez de falar, olhou-o irresistivelmente com uma expressão amorosa e ficou muda.

Extasiado, Vronsky reconheceu que no momento em que desesperava, em que se julgava perdido para sempre, o amor dela se manifestava.

— Faça isso por mim. Fiquemos bons amigos e não volte a falar-me desse modo.

Os lábios diziam isto, mas os olhos, contra todos os esforços, diziam o contrário.

— Não podemos ser simplesmente amigos, sabe-o bem. A questão está em saber se havemos de ser os mais felizes ou os mais desgraçados deste mundo, e a resposta depende unicamente de si.

Ela quis falar, mas ele interrompeu-a:

— Tudo o que peço é o direito de sofrer e de esperar como até aqui. Se isto é impossível, diga-me que desapareça e desaparecerei. Não voltará a ver-me se a minha presença a incomoda.

— Eu não o mando.

— Então não queira mudar nada, deixe as coisas como estão — disse ele com voz trémula. — Olhe, aí vem seu marido.

Com efeito, Alexei Alexandrovich entrava naquele momento no salão com a sua habitual aparência de tranquilidade e o seu modo de andar pouco elegante. Aproximou-se da dona da casa, lançou de passagem um olhar a Ana e a Vronsky, sentou-se à mesa do chá e, com a sua voz lenta e bem acentuada, sorrindo com aquele sorriso irónico com que parecia estar troçando sempre de alguém, disse, deitando os olhos pela sociedade ali reunida:

— O Rambouillet de V. Exa. está cheio. As graças e as musas!

Mas a princesa Betsy, que não podia suportar aquele tom irónico, *sneering* como ela lhe chamava, levou-o bem depressa a entabular uma conversação séria. Começaram a falar do serviço militar obrigatório e Alexei defendeu-o contra os ataques de Betsy.

Vronsky e Ana continuavam sentados ao lado um do outro, junto da mesa.

— Isto torna-se inconveniente — disse uma senhora em voz baixa, designando com o olhar Karenine, Ana e Vronsky.

— O que lhe dizia eu? — acrescentou a amiga de Ana.

E não foram as únicas pessoas a fazer semelhante observação. A princesa Miagkaia e Betsy lançaram também por mais de uma vez os olhares para o sítio onde eles estavam isolados. Só Alexei Alexandrovich não os olhou nem se distraiu da conversação, que parecia interessá-lo extraordinariamente.

Betsy, ao notar o mau efeito que aquilo estava produzindo, operou de maneira a fazer-se substituir momentaneamente na resposta a dar a Alexei Alexandrovich e aproximou-se de Ana.

— Eu admiro sempre a lucidez e a precisão das palavras de seu marido. As questões mais transcendentes parecem-me claras quando expostas por ele.

— Ah, sim! — respondeu Ana, que não compreendera nada do que Betsy lhe dizia. E radiante de contentamento levantou-se, aproximando-se da mesa para tomar parte na conversação geral.

Ao cabo de meia hora Alexei propôs à esposa saírem, mas ela respondeu sem o olhar que desejava ficar para a ceia. Alexei despediu-se e saiu.

Mais tarde o velho cocheiro dos Karenine, um tártaro alto e forte, vestido com o seu impermeável, continha com dificuldade os cavalos excitados pelo frio diante da escadaria. O porteiro, de pé junto da porta aberta de par em par, esperava que os convidados saíssem. Um criado segurava a porta do trem enquanto Ana escutava com entusiasmo o que Vronsky lhe murmurava, enquanto com a mão distraída e nervosa ia desenredando a renda que se embaraçara no colchete da peliça.

— Nada a obriga, bem sei — dizia-lhe Vronsky, acompanhando-a à carruagem — mas bem sabe que não é amizade que eu peço; para mim, a única felicidade da vida está contida nessa palavra que tanto lhe desagrada: o amor.

— O amor — repetiu ela lentamente, como se falasse consigo mesma. Depois, tendo conseguido soltar a renda, disse bruscamente: — Essa palavra desagrada-me porque tem para mim um sentido mais profundo e mais grave do que o senhor pode imaginar! Até à vista! — ajuntou, olhando-o de perto.

Estendeu-lhe a mão e, com passo rápido, passou diante do porteiro e desapareceu na carruagem.

Esse olhar e esse aperto de mão transtornaram Vronsky. Beijou a palma da mão que os *seus* dedos tinham apertado e voltou para casa com a feliz convicção de que essa noite o tinha aproximado mais do fim sonhado do que os dois meses precedentes.

Capítulo 8

Alexei Alexandrovich nada achou de extraordinário que sua mulher se entretivesse numa conversação animada com Vronsky; mas pareceu-lhe que outras pessoas tinham parecido admiradas e resolveu-se a fazer umas observações a esse respeito a Ana.

Como de costume, entrando em casa, Alexei foi para o escritório; instalou-se no seu *fauteil,* abrindo um livro na página marcada pela faca de papel, e leu um artigo sobre papismo até à uma hora da manhã. De vez em quando passava a mão pela testa e sacudia a cabeça como para repelir uma ideia importuna.

À hora habitual fez a sua *toilette* da noite. Ana ainda não voltara. Com o livro debaixo do braço, dirigiu-se para o quarto, mas, em lugar das suas preocupações ordinárias sobre os negócios, pensava na mulher e na impressão desagradável que experimentara. Impossibilitado de se deitar, pôs-se a passear ao longo do quarto, com as mãos cruzadas atrás das costas, não podendo resolver-se a ir para o leito sem ter primeiramente pensado a sério nos incidentes dessa noite.

À primeira impressão, Alexei Alexandrovich achara simples e natural dirigir observações a sua mulher; mas agora, depois de refletir, parecia-lhe que isso seria de uma complicação enorme. Karenine não era ciumento. Um marido, segundo pensava, ofendia sempre a mulher mostrando-se ciumento. Mas em que baseava a confiança que depositava em sua mulher e porque devia estar convencido que ela o amaria sempre? E era isto o que não perguntava a si próprio.

Não tendo nunca até então conhecido as suspeitas nem as dúvidas, continuava a manter a mesma confiança. Contudo, continuando a refletir, sentia-se diante de uma situação ilógica e absurda que o vinha encontrar desarmado. Até aí só se defrontara com as dificuldades da vida na esfera dos seus serviços oficiais; e a impressão que agora experimentava era a de um

homem que passasse tranquilamente por uma ponte sobre um precipício e se apercebesse repentinamente de que a ponte estava desmontada e o abismo a seus pés. O abismo era para ele a vida real e a ponte a existência artificial, que só tinha conhecido até àquele dia. A ideia, que o assaltava pela primeira vez, de que a mulher pudesse amar um outro aterrava-o.

Sem pensar em se despir, continuava a caminhar com um passo regular sobre o sobrado alcatifado, atravessando sucessivamente a sala de jantar iluminada por uma única lâmpada, o salão às escuras, onde uma fraca nesga de luz vinha cair sobre o seu retrato recentemente pintado, o quarto de *toilette* da mulher, onde ardiam duas velas por sobre os *bibelots* caros da sua escrevaninha e os retratos dos parentes e amigos. Voltando à porta do quarto de dormir, tornava a voltar para trás.

De tempos a tempos parava e pensava: *Sim, é preciso acabar com tudo isto, tomar uma resolução, dizer-lhe a minha maneira de ver. Mas o que lhe hei de dizer? Que partido tomar? E afinal de contas o que se passou? Nada. Esteve muito tempo a falar com ele... Mas com quem é que uma mulher não fala encontrando-se num salão? Mostrando-me ciumento por tão pouco é realmente muito humilhante para nós dois.*

Mas este raciocínio, que à primeira vista lhe parecera concludente, parecia-lhe pouco depois sem valor nenhum.

Da porta do quarto dirigiu-se para a casa de jantar e depois, atravessando o salão às escuras, julgou ouvir uma voz que lhe segredava: *Mas se os outros parecem admirados é porque há qualquer coisa... Sim, é preciso acabar com tudo isso, tomar uma resolução... Mas qual?*

Os pensamentos, como o corpo, descreviam o mesmo círculo e ele não era capaz de encontrar uma ideia nova.

Teve a noção disso e, passando a mão pela testa, sentou-se no *boudoir*.

Aí, olhando a escrevaninha de Ana que tinha em cima um bilhete não acabado, os seus pensamentos tomaram um outro rumo: pôs-se a pensar nela, no que ela poderia experimentar. Na imaginação revia a vida da mulher, as necessidades do seu espírito e do coração, os seus gostos e os seus desejos, e a ideia de que podia, de que devia ser uma existência própria, independente da sua, chocou-o tão vivamente que se apressou a repeli-la. Era o abismo que ele não ousava olhar. Entrar pela reflexão e pelo sentimento na alma de quem quer que fosse era para ele uma coisa desconhecida e parecia-lhe perigosa.

E o que há de mais terrível em tudo isto, pensava ele, *é que esta*

insensata inquietação me embaraça no momento em que devo dar os últimos retoques na minha obra (o projeto que tinha acabado de aprovar), *quando tenho mais necessidade de todas as forças do meu espírito, de todo o meu sossego. Que fazer? Eu não sou desses, que não sabem olhar o mal bem de frente.*

— É preciso refletir, tomar uma resolução, livrar-me deste embaraço — disse em voz alta. — Não me reconheço o direito de perscrutar os seus sentimentos, de me intrometer no que se passa ou se não passa na sua alma: isso pertence à consciência dela e é dos domínios da religião.

E ficou aliviado por ter achado uma lei que podia aplicar às circunstâncias que acabavam de surgir.

Assim, continuou, *o que diz respeito aos seus sentimentos é negócio de consciência em que não tenho de tocar. O meu dever está claramente desenhado. Obrigado, como chefe da família, a dirigi-la e a indicar-lhe os perigos que estou entrevendo, responsável como sou, pela sua conduta, devo necessariamente usar dos meus direitos.*

E Alexei Alexandrovich estabeleceu mentalmente um plano para o que devia dizer a sua mulher, lamentando o ter de empregar o seu tempo e as suas forças intelectuais em negócio caseiro; mas, apesar de tudo, esse plano tomou-lhe na cabeça a forma nítida, precisa e lógica de um relatório.

Devo fazer-lhe sentir o seguinte: 1.º, a significação e a importância da opinião pública; 2.º, o sentido religioso do casamento; 3.º, as desgraças que podem ir incidir sobre o filho; 4.º, as desgraças que a podem atingir a ela própria.

E Alexei apertou as mãos, uma contra a outra, fazendo estalar os dedos. Este gesto, um mau hábito, acalmava-o e ajudava-o a restabelecer o equilíbrio moral de que ele tanto necessitava.

Ouviu-se o ruído da carruagem próximo da casa e Alexei deteve-se no meio da sala de jantar. Passos femininos subiam a escada. Com o discurso engatilhado, ficou de pé, imóvel, apertando os dedos para os fazer estalar: uma porta bateu. E embora se sentisse satisfeito com o seu discurso, teve medo, ouvindo-a vir, do que se iria passar.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 9

Ana entrou a brincar com as rendas do seu roupão e de cabeça baixa; o rosto brilhava-lhe, mas não de alegria; era antes o brilho de um incêndio numa noite escura. Quando deu pelo marido, levantou a cabeça e sorriu como se fosse despertada.

— Ainda te não deitaste? Que milagre! — disse, desembaraçando-se do roupão e, sem se deter, passou ao gabinete de *toilette,* gritando para o marido do limiar da porta: — É tarde, Alexei Alexandrovich.

— Tenho necessidade de falar contigo, Ana.

— Comigo! — disse admirada, entrando novamente na sala e olhando-o. — O que há? A que propósito? — perguntou-lhe, assustada. — Pois bem, falemos, visto que é necessário, mas o melhor seria irmos dormir.

Ana dizia o que lhe vinha à cabeça, admirando-se de mentir tão facilmente; as palavras saíam-lhe naturalmente e parecia realmente ter vontade de dormir: sentia-se sustentada, impelida por uma força invisível e revestida de uma impenetrável couraça de mentira.

— Ana, é preciso que te acauteles.

— Acautelar-me? Porquê?

Olhou-o tão sorridente, com tanta simplicidade, que para alguém que não a conhecesse como o marido o tom da voz teria parecido perfeitamente normal. Mas para ele, que sabia que não podia alterar nenhum dos seus hábitos sem que ela lhe perguntasse a razão, que sabia que os primeiros movimentos de Ana eram sempre para lhe comunicar as suas alegrias e os seus pesares, para ele o facto de ela não querer ver a sua agitação nem falar de si própria era muito significativo. Essa alma, outrora aberta para ele, estava-lhe agora fechada. Ele sentia mesmo, no tom que ela estava tomando e que não dissimulava, que isso queria dizer abertamente: «Sim, é assim que deve ser e será daqui para o futuro».

Deu-lhe isto o efeito de um homem que voltasse para casa e a fosse

encontrar barricada.

Talvez a chave ainda se possa encontrar!, pensou ele.

— Quero acautelar-te — continuou Alexei Alexandrovich em tom calmo — contra a interpretação que se poderá dar à tua imprudência e ao teu estouvamento; a tua conversação muito animada desta noite com o conde de Vronsky — e pronunciou este nome muito lentamente e com firmeza — atraiu sobre ti a atenção de toda a gente.

E, falando, ele ia fitando os olhos risonhos, mas impenetráveis de Ana, sentindo com terror que as suas palavras caiam inúteis e ociosas.

— És sempre o mesmo! — disse ela como se não compreendesse nada e não ligasse importância senão a uma parte daquilo que o marido lhe dissera. — Tanto te faz que eu me aborreça como me divirta, mas hoje como me senti bem mostras-te sentido.

Alexei Alexandrovich continuava a apertar as mãos para as fazer estalar.

— Deixa as mãos quietas, peço-te. Bem sabes que detesto isso — disse ela.

— És bem tu, Ana? — interrogou Alexei, fazendo lentamente um esforço sobre si próprio para parar o movimento da mão.

— Mas afinal o que há? — perguntou ela com uma admiração sincera e quase cómica. — O que queres de mim?

Alexei Alexandrovich calou-se, passando a mão pela fronte e por sobre as pálpebras. Sentia que, em vez de precaver a mulher dos seus erros contra os olhares do mundo, se estava inquietando contra vontade com o que se estava passando na consciência dela e se debatia talvez contra um obstáculo imaginário.

— Eis o que te queria dizer — continuou fria e tranquilamente — e peço que me escutes até ao fim. Eu considero, tu bem o sabes, o ciúme como um sentimento mau e humilhante pelo qual nunca me deixaria arrastar; mas há certas barreiras sociais que se não transpõem impunemente. Hoje, a julgar pela impressão que produziste (não fui eu, foi toda a gente que o notou), tu não mantiveste uma conduta regular.

— Decididamente não consigo perceber — disse Ana encolhendo os ombros. *Isto é-lhe perfeitamente indiferente*, pensava ela, *e do que ele tem medo é do que possam dizer*. E levantando-se para se ir embora ajuntou: — Tu estás doente, Alexei.

Mas ele deteve-a, avançando até junto dela. Nunca Ana lhe vira o rosto

tão sombrio e tão transtornado; ficou de pé, baixando a cabeça de lado para tirar com mão ágil os ganchos do cabelo.

— Pois bem, estou à escuta — disse ela tranquilamente, num tom levemente irónico — e escutarei com o mesmo interesse, porque quero compreender de que se trata.

E Ana espantava-se do tom firme e naturalmente calmo que tomava, e ao mesmo tempo da escolha das palavras que ia dizendo.

— Eu não tenho o direito de penetrar os teus sentimentos íntimos. Creio isso mesmo inútil e perigoso — começou Alexei. — Mergulhando profundamente de mais nas nossas almas, poderíamos ir aí encontrar qualquer coisa que poderia bem passar despercebida. Os teus sentimentos pertencem à tua consciência; mas sou obrigado perante ti, mim e Deus de te lembrar os teus deveres. As nossas vidas estão ligadas, não pelos homens, mas por Deus. Só um crime pode quebrar estes laços e um tal crime exige depois o castigo.

— Não compreendo absolutamente nada e infelizmente já vou tendo sono! — disse Ana continuando a desenrolar os cabelos e a tirar os últimos ganchos.

— Em nome do céu, Ana, não me fales assim — exclamou Alexei docemente. — Pode ser que me engane, mas o que te estou dizendo, creio-o bem, é mais por ti do que por mim; eu sou o teu marido e amo-te.

O rosto de Ana anuviou-se por um momento e o riso irónico dos seus olhos apagou-se; a palavra «amor» tinha-a irritado. *Amor*, pensava, *sabe ele ao menos o que isso é? Pode ele amar? Se nunca tivesse ouvido falar de amor, ignoraria sempre essa palavra*.

— Alexei Alexandrovich, na verdade não te compreendo. Explica-me o que achaste de...

— Deixa-me acabar. Eu amo-te, mas não falo de mim; os principais interessados és tu e o teu filho. É muito possível, repito-o, que as minhas palavras te pareçam inúteis e despropositadas, talvez que o resultado de um erro da minha parte; nesse caso peço-te que me desculpes; mas se tu própria sentes que há um fundamento qualquer nas minhas observações, suplico-te que reflitas e que, se o teu coração o ditar, te abras comigo.

Alexei Alexandrovich, sem o notar, ia dizendo coisas completamente diferentes daquelas que tinha preparado.

— Nada tenho a dizer-te — respondeu ela vivamente, dissimulando a custo um sorriso. — Vamos, é tempo de nos deitarmos.

Alexei Alexandrovich respirou e, sem dizer nada mais, dirigiu-se para o quarto de dormir.

Quando ela entrou, já ele estava deitado. Com os lábios cerrados num ar severo, nem ao menos lhe dirigiu um olhar para a ver. E ela deitou-se, pensando sempre que ele continuaria a falar; temia-o e desejava-o ao mesmo tempo; mas ele conservou-se calado.

Esperou durante muito tempo sem se mexer e no final acabou por o esquecer; estava pensando num outro, cuja imagem lhe enchia o coração de comoções e de prazeres culpados.

Bruscamente, no meio dos seus pensamentos, ouviu um ressonar regular e calmo; Alexei Alexandrovich pareceu também senti-lo e deteve-se. Mas, ao fim de uns momentos, o ressonar continuou de novo, tranquilo e regular.

É muito tarde, é muito tarde!, pensou ela com um sorriso.

E ficou muito tempo assim, imóvel, com os olhos abertos, julgando senti-los brilhar na obscuridade.

Capítulo 10

A partir dessa noite, uma nova vida começou para Alexei Alexandrovich e sua mulher. Na aparência, nada de anormal. Ana continuava a frequentar a sociedade, principalmente a casa da princesa Betsy, e a encontrar Vronsky em toda a parte; Alexei Alexandrovich via-o claramente sem o poder impedir. A cada uma das suas tentativas de explicação, ela opunha-lhe um espanto cómico absolutamente impenetrável.

Nada mudara exteriormente, mas as suas relações resumiam-se ao que não podia deixar de ser. Alexei Alexandrovich, tão forte e enérgico quando se tratava dos negócios do Estado, sentia-se agora impotente. Esperava o golpe final com a cabeça baixa e resignada, como um boi no matadouro.

Quando os seus pensamentos lhe voltavam, dizia que era preciso tentar ainda uma vez ver se a bondade, a ternura e o raciocínio poderiam salvar Ana e trazê-la ao bom caminho; todos os dias se propunha falar-lhe, mas mal ele tentava abordar o assunto, o mesmo espírito de mal e de mentira que a possuía se apoderava dele e falava-lhe de maneira diversa da que lhe tinha querido faiar. Involuntariamente, tomava aquele tom de ironia que parecia troçar daqueles que falavam com ele.

Não era esse o tom com que as coisas que ele tinha a dizer deviam ser ditas!

Capítulo 11

O que para Vronsky tinha sido durante um ano o fim único e supremo da sua vida, e para Ana um sonho de felicidade, tanto mais encantador quanto lhe parecia inverosímil e terrível, tinha-se realizado. Pálido e trémulo, ele estava de pé diante dela e suplicava-lhe que se acalmasse sem ter de quê, nem para quê.

— Ana, Ana! — dizia-lhe numa voz comovida. — Ana, em nome do céu!

E quanto mais ele elevava a voz, mais ela baixava a cabeça, essa cabeça outrora tão altiva e alegre, e agora tão humilhada. De bom grado ela a teria baixado até ao chão, desde o divã em que estava sentada, e teria caído sobre o tapete se ele a não amparasse.

— Meu Deus, perdoa-me! — soluçava ela apertando-lhe a mão contra o peito.

Achava-se tão culpada e criminosa que só lhe restava humilhar-se e pedir perdão, e era a ele que ela o pedia, não tendo mais ninguém no mundo. Olhando-o, o seu aviltamento aparecia-lhe de uma forma tão palpável que não podia pronunciar uma palavra. Quanto a ele, sentia-se igual a um assassino diante do corpo ainda com vida da sua vítima. O corpo violado por eles era o seu amor, a primeira fase do seu amor. Havia alguma coisa de terrível e de odioso na lembrança de que tinham pago isso com o preço da sua vergonha.

O sentimento de decadência moral que esmagava Ana ia-se apossando de Vronsky. Mas, fosse qual fosse o horror do assassino diante do cadáver da sua vítima, era preciso escondê-lo e aproveitar-se ao menos do crime cometido. E, como o culpado que se lança sobre o cadáver com raiva e o arrasta para o cortar em bocados, ele cobria de beijos a cabeça e as costas da amante. Ela continuava a segurar-lhe a mão, sem se mexer. Sim, esses beijos tinham-nos comprado com o preço da sua honra e essa mão, que lhe pertencia

para sempre, era a do seu cúmplice! E levantou-a e levou-a aos lábios.

Vronsky caiu de joelhos diante dela procurando ver-lhe o rosto, que ela escondia sem querer falar. Por fim, Ana levantou-se com dificuldade e repeliu-o.

— Está tudo acabado; nada me resta a não seres tu, nunca o esqueças!

— Como poderia eu esquecer aquilo que é a minha vida! Por um instante desta felicidade...

— Qual felicidade! — exclamou ela com um sentimento de desgosto e de terror tão grande e profundo que lho comunicou a ele. — Em nome do céu, não digas mais nada!

E levantou-se vivamente e afastou-se.

— Não digas mais nada! — repetiu ela com uma melancólica expressão de desespero que o chocou estranhamente. E saiu.

No começo desta nova vida, Ana sentia a impossibilidade de exprimir a vergonha, o medo e a alegria que experimentava; entre exprimir o seu pensamento por palavras insuficientes e banais, preferia calar-se. Mais tarde as palavras próprias para definir a complexidade dos seus sentimentos não lhe pareceram melhores; os seus próprios pensamentos não traduziam as impressões da sua alma. *Não*, pensava, *não posso refletir nisto tudo agora; mais tarde, quando estiver mais calma.*

Mas essa calma de espírito não se produzia; todas as vezes que lhe voltava a ideia de tudo quanto se tinha passado, de tudo quanto se viria a passar, e no que ela se tornaria sentia-se novamente cheia de medo e repelia os seus pensamentos.

Mais tarde, mais tarde, quando estiver mais sossegada.

Pelo contrário, quando, durante o sono, ela perdia todo o império sobre a sua reflexão, a situação aparecia-lhe em toda a sua terrível realidade; quase todas as noites sonhava a mesma coisa.

Sonhava que os dois eram maridos dela e dividiam entre si as suas carícias. Alexei Alexandrovich chorava, beijando-lhe as mãos e dizendo: «Como nós somos agora felizes». E Alexei Vronsky, ele também era seu marido. Ela espantava-se de ter julgado que isso fosse impossível e ria-se explicando-lhes que tudo se ia simplificar e que ambos daí para o futuro estariam contentes e felizes.

Mas este sonho oprimia-a e acordava sobressaltada.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 12

Nos primeiros tempos que se seguiram ao seu regresso de Moscovo, todas as vezes que acontecia a Levine corar lembrando-se da vergonha da recusa que tinha recebido, pensava: *Era assim que eu sofria e me julgava um homem perdido, quando fiquei reprovado no meu exame de física e depois mais tarde quando comprometi o negócio que minha irmã me tinha confiado. E depois? Depois os anos passaram e agora lembro-me desses desesperos com assombro. Sucederá o mesmo com a minha dor de hoje: o tempo passará e tornar-me-á indiferente.*

Mas três meses se passaram e a indiferença não vinha e, como nos primeiros dias, as recordações eram-lhe dolorosas. O que o perturbava era o facto de tanto ter sonhado com a vida da família, de se julgar tão bem preparado para ela e afinal não se tinha casado e agora achava-se mais longe do que nunca do casamento. Era de uma maneira quase doentia que ele sentia, assim como todos os que o rodeavam, que não era bom para um homem viver só.

Lembrava-se que antes de partir para Moscovo tinha dito uma vez ao seu vaqueiro Nicolau, um camponês são com quem gostava de conversar: «Sabes, Nicolau, estou com vontade de casar». Ao que Nicolau tinha imediatamente respondido sem hesitações: «Há já muito tempo que isso se devia ter realizado, Konstantin Dmitritch».

E nunca ele tinha estado tão afastado do casamento como agora! É porque o lugar estava tomado, e se por acaso lhe acontecia pensar em qualquer moça do seu conhecimento, sentia a impossibilidade de substituir Kitty no seu coração e as recordações do passado atormentavam-no mais ainda. Por mais que dissesse que, apesar de tudo, nenhum crime cometera, sentia-se corar das suas recordações pondo-as a par daquelas que lhe pareciam mais reprováveis em toda a sua vida. O sentimento da sua humilhação, por menos grave que fosse, pesava-lhe tanto na consciência

como qualquer das más ações do seu passado. Era uma ferida que não queria cicatrizar.

O tempo e o trabalho fizeram, no entanto, a sua obra; as impressões desagradáveis foram pouco a pouco apagando-se diante de acontecimentos importantes — apesar da sua aparência modesta — da vida do campo; cada semana lhe levava alguma coisa das recordações de Kitty; chegou mesmo a esperar com impaciência a notícia do casamento dela, esperando que essa notícia o curasse pela mesma forma que um dente que se arranca.

A primavera chegou, bela, amiga, sem falsas promessas; uma dessas Primaveras com que se rejuvenescem tanto as plantas e os animais como os homens. Esta estação nova deu a Levine um ardor novo, confirmando a sua resolução de se arrancar ao passado para organizar a sua vida solitária nas condições de fixidez e independência. Os planos, que formara voltando para o campo, não tinham todos sido realizados, mas o ponto essencial, a pureza da sua vida, não tinha recebido nenhum golpe; ousava olhar aqueles que o rodeavam sem que a vergonha de uma queda o humilhasse na sua própria estima.

Pelo mês de fevereiro, Maria Nicolaevna escrevera-lhe a dizer que o estado do irmão era pior, sem que fosse possível resolvê-lo a tratar-se. Essa carta fê-lo partir imediatamente para Moscovo, onde convenceu Nicolau a consultar um médico e depois a ir para o estrangeiro para uma cura de águas; fez-lhe mesmo aceitar algum dinheiro para a viagem. A esse respeito podia, pois, estar contente consigo mesmo.

Além da exploração agrícola e das suas leituras habituais, Levine começou durante o inverno um estudo sobre a economia rural, estudo no qual partia do princípio de que o temperamento do trabalhador é um facto tão absoluto como o clima e a natureza do solo; a ciência agronómica, segundo ele, devia contar no mesmo grau com estes três elementos.

A vida então tornou-se-lhe cheia, apesar da sua solidão; a única coisa que lhe faltava era a possibilidade de poder comunicar as ideias, que se lhe iam desenrolando no pensamento, a alguém mais do que à sua velha ama; assim tinha acabado por discutir com ela sobre física, sobre teorias de economia rural e principalmente sobre filosofia, que era o assunto favorito de Ágata Mikhailovna.

A primavera veio muito tardia. Durante as últimas semanas da Quaresma, o tempo esteve claro, mas frio. Embora o sol durante o dia trouxesse um certo

degelo, à noite havia pelo menos sete graus e a crosta que o gelo formava sobre a neve era tão dura que não havia estradas que se vissem.

O dia de Páscoa passou-se todo com neve; subitamente, no dia seguinte, um vento quente se levantou, as nuvens acumularam-se e durante três dias e três noites uma chuva tépida e grossa não cessou de cair; o vento acalmara na quinta-feira e sobre a terra estendeu-se então um nevoeiro espesso e cinzento como para esconder os mistérios que se desenvolviam na natureza; os gelos estalavam e fundiam-se por toda a parte, os rios corriam cheios de água e torrentes escumantes e turvas escapavam-se com violência. À tarde viu-se sobre a colina Vermelha o nevoeiro rasgar-se, as nuvens dissiparem-se em farrapos brancos e a primavera, a verdadeira primavera, apareceu esplêndida. No dia seguinte pela manhã um sol brilhante acabou de fundir as ligeiras coberturas de gelo que havia ainda sobre as águas e o ar morno encheu-se de vapores que se levantavam da terra; a erva seca tomou logo tons verdes, a nova começou a brotar do solo, semelhante a milhares de pequeninas agulhas; os botões das árvores enchiam-se de seiva e sobre os ramos cheios de sol caíram os enxames de abelhas num zumbido alegre.

Invisíveis tordos entoavam os seus cantos joviais à vista do campo já sem neve; arvéolas pareciam chorar os seus pântanos submersos pelas águas torrenciais; as cegonhas e os patos bravos elevavam-se no céu com o seu grito primaveril.

As vacas, cujo pelo crescia irregularmente, mostrando aqui e ali lugares despelados, mugiam deixando os estábulos; à volta das ovelhas com a lã farta, os cordeiros saltavam desastradamente; os rapazitos corriam com os pés nus por sobre a erva húmida, onde se imprimia o traço dos seus passos; as camponesas palravam alegremente sobre os bordos dos tanques, ocupadas em lavar a roupa; de todos os lados ressoava o machado dos camponeses reparando as grades e os arados.

De facto, a primavera voltara.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 13

Pela primeira vez, Levine não tomou a sua peliça, mas vestido mais ligeiramente e com as suas botas grossas saiu saltando por entre os regatos que o sol tornava brilhantes, colocando os pés ora sobre um pedaço de gelo, ora sobre um monte de lama espessa.

A primavera é a época dos projetos e dos planos. Ao sair, Levine não sabia ainda o que ia empreender, assim como a árvore não adivinhava como e em que sentido cresceriam os seus ramos cheios de botões; mas sentia que os mais belos projetos e os mais sábios nasciam nele.

Foi primeiro ver os estábulos. As vacas tinham saído; aqueciam-se ao sol mugindo, como a implorar a graça de as deixarem ir para os campos. Levine conhecia-as a todas nos seus menores pormenores. Examinou-as com satisfação e deu ordem ao pastor, todo satisfeito de as levar ao pasto e de fazer sair os vitelos. Os vaqueiros, arregaçando as calças e remexendo na água, com os pés nus ainda não queimados do sol, perseguiam com os paus na mão os vitelos que a primavera enchia de alegria e impediam-nos de sair do pátio.

Os nascidos naquele ano eram de uma beleza pouco comum, os mais velhos já tinham o tamanho e o aspeto de vacas. Levine admirou-os e deu ordem para os deixarem sair do curral e lhes darem o feno cá fora, junto dos arados portáteis, que lhes serviam de resguardo.

As grades que tinham sido feitas no outono estavam em mau estado porque não tinham feito serviço. Foram em busca do carpinteiro, que devia estar a reparar a máquina de debulhar, mas ele não estava lá, estava a arranjar as grades, que deveriam ter sido arranjadas durante a Quaresma.

Levine zangou-se. Era sempre o mesmo desleixo contra o qual desde muito tempo ele lutava em vão! As grades, conforme averiguou, não tendo servido durante o inverno, tinham sido levadas para a casa dos operários, onde se tinham quebrado em virtude da sua construção ligeira.

Quanto às grades e aos outros instrumentos de lavoura, que deveriam ter sido reparados e postos em estado de poderem servir durante o inverno, para o que tinham sido contratados três carpinteiros, nada estava feito; estavam agora reparando as grades no próprio momento em que elas eram necessárias. Levine mandou procurar o feitor e depois, já impaciente, foi ele próprio procurá-lo. O feitor, risonho como todo o universo nesse dia, veio ao chamamento do patrão, vestido com um casaco pequeno guarnecido de pelo frisado, batendo com uma palhazita nos dedos.

— Porque é que o carpinteiro não está na máquina?

— É o que eu lhe vinha dizer, Konstantin Dmitritch. Foi preciso arranjar as grades. É tempo de lavrar.

— Então o que se fez durante o inverno?

— Mas para que era preciso um carpinteiro?

— Onde estão as grades da malhada para os vitelos?

— Eu tinha dado ordem para as guardarem. O que quer que eu faça com esta gente? — respondeu o feitor fazendo um gesto desesperado.

— Não é com esta gente, mas com o feitor, que não tem nada que fazer — disse Levine exaltando-se. — Para que lhe pagam? — gritou ele, mas lembrando-se a tempo de que os gritos não valiam de nada, deteve-se e contentou-se em suspirar. — Pode semear-se? — perguntou ele depois de um momento de silêncio.

— Amanhã ou depois de amanhã deve poder-se, atrás de Fourkins.

— E o trevo?

— Já mandei Varsili e Mishka para o semear; mas não sei se eles o poderão fazer, porque o chão está ainda muito molhado.

— E quantos hectares?

— Seis.

— Porque não todos? — gritou Levine cheio de cólera.

Estava furioso por saber que em lugar de vinte e quatro hectares só se semeavam seis; a sua própria experiência, ajudada pela teoria, tinha-o convencido da necessidade de semear trevo tanto quanto possível, mesmo sobre a neve, e nunca o podia fazer.

— Faltam-nos trabalhadores, o que quer o senhor que eu faça com essa gente? Três não vieram e Simão...

— Teria feito melhor em não os mandar descarregar palha.

— Mas também não estão lá.

— Então onde estão?

— Cinco estão com o *esturme* — o feitor queria dizer *estrume* —, quatro estão a dar volta à aveia; oxalá que ela se não estrague, Konstantin Dmitritch.

Para Levine isto significava que a aveia inglesa, destinada às sementeiras, estava já estragada. Tinha ainda infringido as suas ordens!

— Mas eu não lhe disse durante a Quaresma que era preciso pôr chaminés a arejar? — gritou ele.

— Não se zangue que tudo se fará a seu tempo.

Levine, furioso, fez um gesto de descontentamento e foi examinar a aveia ao celeiro e depois ao estábulo. A aveia ainda não estava estragada, mas o trabalhador remexera-a com uma pá em lugar de a descer simplesmente de um andar para outro. Levine chamou dois trabalhadores e mandou-os para o trevo. Pouco a pouco ia-se acalmando à conta do seu feitor; de resto fazia um tempo tão belo que ninguém de facto se podia encolerizar.

— Inácio! — gritou ele para o cocheiro, que com as mangas arregaçadas estava lavando a caleche junto do poço. — Sela-me um cavalo.

— Qual?

— Kolpik.

Enquanto lhe aparelhavam o cavalo, Levine chamou o feitor, que andava às voltas em roda dele a fim de ser desculpado, e falou-lhe dos trabalhos a executar durante a primavera e dos seus projetos agronómicos; era preciso levar o estrume o mais depressa possível, de modo que esse trabalho estivesse terminado antes da primeira ceifa; era preciso lavrar o campo o mais tarde possível, depois pôr a erva a secar e não ceifar a meias com os trabalhadores.

O feitor escutava-o atentamente com o ar de um homem que faz esforços para aprovar os projetos do patrão; tinha essa fisionomia insossa e abatida que Levine lhe conhecia e que o irritava ao mais alto grau. «Tudo isso é muito bom», parecia ele estar sempre a dizer, «mas nós veremos o que Deus dará».

Este tom contrariava e quase que desesperava Levine; mas ele era comum a todos os feitores que tinham estado ao seu serviço; todos eles acolhiam os seus projetos com o mesmo ar aflito e, por isso, resolvera não se zangar nunca. No entanto não punha menos ardor em lutar contra esse terrível «o que Deus dará» que ele considerava como uma espécie de força elementar destinada a criar-lhe obstáculos por toda a parte.

— Veremos se o tempo nos chegará, Konstantin Dmitritch.

— E porque não há de chegar?

— É preciso contratar quinze trabalhadores a mais e eles não veem. Hoje vieram uns que pedem 70 rublos pelo verão!

Levine calou-se. Era sempre o mesmo obstáculo! Sabia que por mais esforços que se fizessem, nunca era possível contratar mais de trinta e sete ou trinta e oito trabalhadores a um salário razoável; acontecia algumas vezes arranjarem-se até quarenta, mas nunca passavam disto; agora queria tentar.

— Mande a Tsuri, a Fchefiroflea: se eles não vêm, é preciso procurá-los.

— Por mandar, mandava — disse Vassili Fedorovitch com um ar contristado — mas os cavalos estão bem fracos.

— Compraremos outros; mas eu bem sei — ajuntou Levine rindo-se — que há de apresentar as coisas o pior possível. De resto, previno-o que este ano não o deixarei tratar das coisas à sua vontade. Encarregar-me-ei de tudo.

— Não é por dizer que dorme até tarde! Quanto a nós, é preferível trabalharmos sob os olhares do patrão.

— Assim, vá mandar semear o trevo, que eu próprio irei ver — disse montando sobre o cavalito que o cocheiro lhe acabava de trazer.

— Não vá pelos ribeiros, Konstantin Dmitritch — gritou o cocheiro.

— Está bem, irei pelo bosque.

Montado sobre o cavalo bem descansado, que aspirava fortemente todos os charcos de água e remordia o freio com a alegria de deixar a cavalariça, Levine saiu do pátio e achou-se em pleno campo.

A impressão de prazer que experimentava em casa aumentou. O passo do seu excelente cavalo balançava-o suavemente; bebia a longos custos o ar já tépido, mas ainda impregnado de uma frescura de neve de que ainda havia vestígios de longe em longe; todas as árvores com o musgo a renascer e os botões prestes a rebentarem lhe davam um enorme prazer à vista.

Saindo do bosque, a extensão enorme dos campos patenteava-se-lhe à vista, semelhante a um imenso tapete de veludo verde; nenhum sítio estava mal semeado ou mal lavrado, mas só de espaço a espaço havia porções de neve nas poças. Pastando num campo ele viu o cavalo e um potro de um camponês; sem se zangar, mandou o trabalhador que ia passando para os enxotar e, com a mesma resignação, recebeu a resposta negativa e irónica do camponês, a quem perguntou:

— Então, Inácio, dentro em breve teremos tudo semeado?

— É preciso primeiro lavrar, Konstantin Dmitritch.

Quanto mais avançava, mais o seu bom humor aumentava e os seus planos agrícolas pareciam exceder-se uns aos outros em melhoria: proteger os campos das bandas do sul por plantações, que impedissem a neve de se demorar muito tempo; dividir as terras aráveis em nove partes, das quais seis seriam para os cereais e as três restantes destinadas à cultura de forragens; construir uma vacaria na parte mais afastada do domínio e aí construir um tanque; ter grades portáveis para os rebanhos a fim de utilizar o estrume nos campos; chegar assim a cultivar trezentos hectares de trigo, cem de batatas e cento e cinquenta de trevo sem desperdiçar a terra...

Mergulhado nestas reflexões e dirigindo com segurança o cavalo de modo a não calcar o campo, chegou ao sítio onde os trabalhadores andavam a semear o trevo. O carro carregado de semente, em vez de ter parado no limite do campo, tinha enterrado as rodas por sobre o trigo de inverno, que o cavalo calcava com os pés. Os dois trabalhadores, sentados na borda da estrada, acendiam os cachimbos. A semente do trevo, em lugar de ter sido passada pelo crivo, era lançada de mistura com a terra, formando pequenos pedaços duros e secos.

Vendo vir o patrão, Varsili dirigiu-se para o carro e Mishka pôs-se a semear. Nada daquilo estava em ordem, mas Levine só raramente se zangava com os trabalhadores. Quando Varsili se aproximou, mandou-o pôr o cavalo do carro sobre a estrada.

— Não faz mal; tornará a nascer — disse Varsili.

— Dá-me o gosto de obedecer sem fazer reflexões — disse Levine.

— Pronto! — respondeu Varsili indo puxar o cavalo pelo freio. — Que sementeira, Konstantin Dmitritch! — disse para lhe cair em graça. — Nada de mais belo! Mas não se avança com facilidade! A terra está tão macia que se traz uma arroba em cada pé.

— Porque é que o trevo não foi crivado? — perguntou Levine.

— Não faz mal, tudo se arranja — respondeu Varsili, agarrando as sementes e triturando-as com as mãos.

Varsili não era o culpado, mas a contrariedade não era menor para o patrão. Desceu do cavalo, tirou o semeador das mãos de Varsili e pôs-se ele próprio a semear.

— Onde ficaste?

Varsili indicou o sítio com o pé e Levine continuou a semear o melhor que podia; mas a terra estava parecida com um charco e, ao fim de algum

tempo, teve que parar, todo molhado, para entregar o semeador ao camponês.

— A primavera está bela — disse Varsili — é uma primavera que os velhos não esquecerão. O nosso velho já semeou também trigo. Pretende ele que não se distingue de cevada.

— Há já muito tempo que por aqui se semeia trigo?

— Mas foi o senhor o próprio que nos ensinou a semeá-lo: o ano passado deu-me duas medidas.

— Pois bem, tem cuidado — disse Levine voltando para o cavalo — e tu, Michka, faz isso com cautela. Se a semente nascer bem terás cinquenta kopechs por hectare.

— Agradecemos-lhe muito; ficaríamos contentes mesmo sem isso.

Levine montou a cavalo e foi visitar o seu campo de trevo do ano passado, e depois o que se andava lavrando para trigo de verão.

O trevo crescia admiravelmente e a lavra era excelente; em dois ou três dias as sementeiras podiam começar.

Satisfeito, Levine voltou pelas ribeiras, esperando que a água tivesse baixado; efetivamente pôde atravessá-las e na passagem espantou duas aves.

Deve por aqui haver galinholas, pensou ele, e um guarda que encontrou próximo de casa confirmou-lhe esta suposição.

Levine apressou o passo do cavalo a fim de ir jantar e de preparar a espingarda para a tarde.

Capítulo 14

No momento em que Levine entrava em casa na melhor disposição do mundo, ouviu um som de campainha do lado do portão da entrada.

É alguém que chega do caminho de ferro, pensou. *É a hora do comboio de Moscovo... Mas quem será? Será meu irmão Nicolau? Não me disse ele que talvez em lugar de ir para o estrangeiro viesse para minha casa?*

E por um momento teve medo de que esta visita viesse interromper os seus planos de primavera; mas, envergonhado com este sentimento egoísta, abriu imediatamente no pensamento os braços ao irmão e pôs-se a esperar com uma ternura alegre que fosse bem ele que a campainha anunciava.

Apressou o cavalo e, ao voltar uma rua de acácias que lhe encobria a casa, distinguiu num trem de aluguer um viajante com peliça. Não era o irmão.

— Mas é o mais amável dos hóspedes! — gritou Levine conhecendo Stepane Arcadievitch. — Como estou contente em te ver. — *Vou saber ao certo por ele se ela já se casou*, pensava.

A própria lembrança de Kitty não lhe fazia mal por esse esplêndido dia de primavera.

— Tu não me esperavas? — disse Stepane Arcadievitch saindo do trenó com o rosto cheio de pó, alegre e bem-disposto.

— Vim, em primeiro lugar para te ver, em segundo lugar para dar uns tiros e em terceiro lugar para vender o bosque de Yergoushovo.

— Muito bem! O que me dizes a este tempo? Como pudeste chegar até aqui de trenó?

— Em carro era ainda mais difícil, Konstantin Dmitritch — disse o cocheiro, um velho conhecimento.

— Seja como for, sinto-me muito feliz por te ver — disse Levine sorrindo com uma alegria infantil.

E levou o hóspede para o quarto destinado às visitas, para onde foi

também transportada a bagagem, um saco, uma espingarda metida no estojo e uma caixa de charutos. Depois Levine foi ter com o feitor para lhe fazer umas observações sobre o trevo e a lavoura.

Ágata Mikhailovna, que tomava a peito a honra da casa, deteve-se ao passar no vestíbulo para lhe fazer algumas perguntas com respeito ao jantar.

— Faça o que quiser, mas não se demore — respondeu continuando a andar.

Quando voltou, Stepane Arcadievitch, já lavado e penteado, saía sorridente do quarto. Subiram juntos para o primeiro andar.

— Como estou satisfeito de ter vindo ter contigo! Vou por fim ser iniciado nos mistérios da tua existência! Na verdade, tenho-te inveja. Que casa! Como tudo aqui é cómodo, claro e alegre! — dizia Stepane Arcadievitch, esquecendo-se de que nem sempre havia dias claros. — E a tua velha ama! Que santa mulher! Só falta uma gentil criadinha de avental branco; mas isso não se quadra com o teu estilo severo e monástico.

Entre outras notícias interessantes, Stepane contou que Sergei Ivanitch contava vir passar esse verão ao campo; nada disse a respeito dos Cherbatzky e contentou-se unicamente em transmitir-lhe os cumprimentos da mulher; Levine apreciou esta delicadeza. Como sempre, este tinha amontoado durante a sua solidão uma multidão de ideias e de impressões que não podia comunicar aos que com ele conviviam e que lançou no seio de Stepane Arcadievitch. Foi tudo; a sua alegria primaveril, os seus planos e os seus processos agrícolas, as observações sobre os livros que tinha lido e principalmente a ideia fundamental do trabalho que resolvera escrever, o qual, sem que houvesse uma dúvida, iria ser a crítica de todas as obras sobre a economia rural. Stepane Arcadievitch, amável e sempre pronto para tudo, mostrou-se particularmente cordial desta vez; Levine julgou mesmo notar uma certa consideração para com ele, conjuntamente com um pouco de ternura amiga, que o envaideceu.

Os esforços combinados de Ágata Mikhailovna e do cozinheiro tiveram por resultado que os dois amigos, mortos de fome, se atiraram, enquanto esperavam pela sopa, ao pão e à manteiga. Por fim Levine mandou vir a sopa sem esperar pelos pastéis confecionados pelo cozinheiro, na esperança de espantar o hóspede; mas Stepane Arcadievitch, habituado a outros jantares, não cessou de gabar tudo, achando-o excelente: os licores feitos em casa, o pão, a manteiga, as sopas de ortigas, a galinha com molho branco, o vinho da

Crimeia, tudo foi julgado delicioso.

— Muito bom, muito bom! — disse ele acendendo um grosso charuto depois do assado. — Isto dá-me a ideia de ter escapado aos encontrões e ao naufrágio de um navio para abordar a uma praia hospitaleira. Assim tu dizias, há pouco, que o elemento representado pelo trabalhador deve ser estudado fora de todos os outros e servir de guia na escolha dos processos económicos? Eu sou um profano nessas questões, mas parece-me que essa teoria e as suas aplicações terão uma grande influência sobre o trabalhador...

— Sim, mas espera; eu não falo de economia política, mas da economia rural considerada como uma ciência. É preciso estudar-lhe os dados, os fenómenos pela mesma forma que nas ciências naturais, e o trabalhador sob o ponto de vista económico e etnográfico...

Ágata Mikhailovna entrou nesse momento com os bolos.

— Os meus cumprimentos, Ágata Mikhailovna — disse Stepane Arcadievitch beijando-lhe a ponta dos dedos secos. — Que carnes e que licores! Então, Kostia, não é já tempo de partirmos?

Levine lançou um olhar pela janela para o sol, que desaparecia por cima da ramaria das árvores ainda nuas.

— É já tempo, é. Vai engatar, Kousma — gritou ele descendo a escada a correr.

Stepane Arcadievitch desceu também e foi ele próprio tirar a espingarda do estojo com todo o cuidado; era uma arma cara de um modelo novo.

Kousma, que previa uma boa gorjeta, não o abandonava; ajudou-o a calçar as meias e as botas de caça e Stepane Arcadievitch deixava-o ajudá-lo com complacência.

— Se o negociante Rebenine vier na nossa ausência, Kousma, faz o favor de lhe dizer que espere um pouco que nós voltaremos em breve.

— É a ele que vais vender o teu bosque?

— Sim, conhece-lo?

— Pois então. Tive com ele negócios *positivos* e *definitivos.*

Stepane Arcadievitch pôs-se a rir. «Positivo» e «definitivo» eram as palavras preferidas do negociante.

— Sim, ele fala muito mal. Olha, como ela compreende para onde vai o dono! — E acariciava Laska, a cadela, que andava à volta de Levine, dando à cauda e cheirando-lhe ora as mãos, ora as botas e a espingarda.

Uma pequena equipagem de caça esperava-os à porta.

— Mandei engatar, embora seja muito próximo daqui; mas se quiseres, podemos ir a pé.

— Nada, gosto mais do carro — disse Stepane sentando-se no trem; e, envolvendo os pés numa manta, ia acendendo um charuto. — Como podes tu passar sem fumar, Kostia! O charuto não nos dá só um prazer, é como o coroamento do nosso bem-estar. Eis a verdadeira vida! Era assim que eu queria viver.

— Mas quem to impede? — perguntou Levine sorrindo.

— Sim, tu és um homem feliz, porque possuis tudo aquilo de que gostas; gostas de cavalos, tem-los; gostas de cães, também os tens, assim como uma caça excelente; enfim tu adoras a agronomia e podes-te ocupar dela.

— É talvez porque eu aprecio o que possuo e não desejo muito vivamente o que não tenho — respondeu Levine, pensando em Kitty.

Stepane Arcadievitch compreendeu-o e olhou-o sem dizer palavra.

Levine estava-lhe reconhecido por não ter ainda falado dos Cherbatzky e de ter adivinhado, com o seu tato ordinário, que isso era um assunto que lhe não agradava; mas nesse momento teria querido, sem fazer perguntas, saber o que havia.

— Como vão os teus negócios? — perguntou por fim, repreendendo-se de não pensar senão no que o interessava pessoalmente.

Os olhos de Stepane Arcadievitch iluminaram-se.

— Tu não admites que se possa desejar pão quente quando se tem o necessário para viver; pelo teu pensar é um crime e eu não admito que se possa viver sem amar — respondeu ele compreendendo a seu modo a pergunta de Levine. — Não posso, sou feito assim, e na verdade, quando se pensa nisto, dá-se tão pouca razão aos outros quanto prazer sentimos para nós.

— O quê? Há alguma coisa de novo? — perguntou o amigo.

— Sim, meu irmão! Tu conheces o tipo das mulheres de Ossian, essas mulheres que só se veem em sonhos? Pois bem, elas existem às vezes na realidade e então são terríveis. A mulher, vê-la, é um tema inesgotável: por mais que se estude sempre se encontram coisas novas.

— Então não merece a pena estudá-las.

— Sim, eu não sei qual foi o grande homem que disse que a felicidade consistia em procurar a verdade e não em a achar...

Levine estava-o escutando sem dizer nada, mas por mais que fizesse não

podia penetrar a alma do seu amigo e compreender o encanto que ele experimentava nesse género de estudos.

PERIGOSAS

Capítulo 15

O sítio onde Levine conduziu Oblonsky não era longe; era num pequeno bosque de choupos. Colocou-o num canto coberto de musgo que ainda estava molhado, embora sem neve, e ele foi-se pôr do lado oposto, junto de uma árvore, e apoiou a espingarda nos ramos inferiores. Tirou o casaco, apertou o cinto à volta do corpo e fez um movimento com os braços para se assegurar de que nada o impedia de atirar.

A velha Laska, que o seguia sempre, tinha-se sentado junto dele e na sua frente, com as orelhas fitas. O sol escondia-se por detrás do grande bosque e do lado do nascente as árvores pequenas desenhavam-se nitidamente com os seus ramos caídos e os botões quase abertos,

No bosque, nos sítios onde a neve não tinha desaparecido completamente, ouvia-se a água correr num murmúrio leve de numerosos regatos; e as aves trinavam saltando de árvore para árvore. Por vezes o silêncio parecia completo; então ouvia-se o ruído das folhas secas levadas pelo degelo ou pela erva que crescia.

— Na verdade vê-se e sente-se a erva a crescer!... — disse Levine, notando uma folha de choupo, húmido e cor da ardósia, que a ponta de uma erva saindo do solo levantava. Estava de pé, escutando e olhando ora a terra coberta de musgo, ora Laska, agora o cimo ainda nu das árvores da floresta que se estendia como um mar aos pés da colina, logo o céu escurecido, que se ia cobrindo de pequenas nuvens brancas. Uma águia levantou voo no ar, agitando lentamente as asas por sobre a floresta; uma outra tomou a mesma direção e desapareceu. No mais compacto do bosque o movimento das aves tornou-se mais vivo e mais animado; uma coruja elevou o seu grito ao longe; Laska arrebitou as orelhas, avançou uns passos com prudência e baixou a cabeça para ouvir melhor. Do outro lado da ribeira, um cuco lançou duas vezes o seu canto rouco e depois deteve-se.

— Ouves? Já o cuco! — disse Stepane Arcadievitch, deixando o seu

lugar.

— Sim, ouvi — disse Levine descontente por ter de quebrar o silêncio. — Agora atenção: isto vai começar.

Stepane Arcadievitch voltou para o esconderijo e não se viu mais do que a chama de um fósforo, seguida da pequena claridade vermelha do seu cigarro e um ligeiro fumo azulado. Tchik, tchik; era Stepane que armava a espingarda.

— O que é aquilo que está gritando para ali? — perguntou ele, chamando a atenção do companheiro para um ruído surdo que parecia a voz de uma criança divertindo-se a imitar o relinchar de um cavalo.

— Não sabes o que é? É uma lebre-macho. Mas atenção, não fales — quase que gritou Levine, armando por sua vez a espingarda.

Um silvo se ouviu ao longe conjuntamente com o ritmo tão conhecido do caçador e dois ou três segundos depois esse silvo repetiu-se e tornou-se um grito rouco. Levine olhou para a direita e para a esquerda, e viu enfim por cima da cabeça, no azul um pouco obscurecido do céu, por sobre a copa suavemente balanceada das árvores, uma ave que voava na sua direção; o seu grito, bastante semelhante ao ruído que fazia um tecido que se estivesse rasgando, ressoou-lhe aos ouvidos; via-lhe já o grande bico e o pescoço comprido das galinholas; mas mal lhe tinha apontado a espingarda quando um clarão vermelho brilhou do lado onde se escondia Oblonsky; a ave agitou-se no ar, como atravessada por uma flecha. Um segundo clarão e ela, procurando em vão sustentar-se, bateu as asas durante um segundo e caiu pesadamente em terra.

— Acertei-lhe? — gritou Stepane Arcadievitch, que nada via através do fumo.

— Olha — respondeu Levine, apontando-lhe Laska, que com uma orelha levantada e o pássaro na boca mexia a cauda e trazia a caça ao dono com uma espécie de sorriso, como para fazer durar o prazer.

— Sinto-me feliz por lhe teres tocado — disse Levine, experimentando, no entanto, um certo sentimento de inveja.

— A espingarda falhou-me do cano direito; estúpida coisa! — respondeu Stepane carregando a arma. — Olha uma outra.

Efetivamente os silvos sucediam-se, rápidos e precisos. Duas galinholas iam voando por cima dos caçadores, perseguindo-se uma a outra; quatro tiros partiram e as aves, como andorinhas, voltearam sobre si mesmas e caíram.

***

A caçada foi excelente. Stepane Arcadievitch matou ainda mais duas peças e Levine outras tantas, mas de uma não se acharam vestígios. O dia cada vez ia escurecendo mais; ao luar argênteo viu-se Vénus no ocidente e a oriente Arcturo brilhava com o seu fogacho vermelho, um pouco sombrio. Levine, a intervalos, apercebia a Grande Ursa. As galinholas já se não viam, mas Levine resolveu-se a esperá-las até que Vénus, que ele distinguia através dos ramos das árvores, se elevasse no céu e que a Grande-Ursa fosse inteiramente visível. A estrela tinha ultrapassado as árvores e o carro da Grande-Ursa já se via no céu e ele esperava ainda.

— Não é tempo de voltarmos para casa? — perguntou Stepane Arcadievitch.

Estava tudo silencioso na floresta; nem um pássaro chilreava.

— Espera um pouco! — respondeu Levine.

— Como quiseres.

Continuavam ainda a quinze passos um do outro.

— Stira — gritou de repente Levine — não me disseste nada a respeito de tua cunhada! Já se casou ou o casamento está para breve?

Sentia-se tão calmo, tinha tão resolutamente tomado o seu partido que nada, julgava ele, o poderia comover. Mas não esperava a resposta que Stepane Arcadievitch lhe deu.

— Não se casou, nem já pensa no casamento. Está muito doente e os médicos mandam-na para o estrangeiro. Há muito receio pela vida dela.

— Que dizes tu? — exclamou Levine. — Doente... mas o que tem?...

Enquanto falavam assim, Laska, com as orelhas fitas, examinava o céu por cima da cabeça e olhava-os com olhos de repreensão.

Escolheram uma boa ocasião para conversar, pensava Laska. *Olha, aí vem uma... E deixam-na.*

Ao mesmo tempo um silvo agudo chamou a atenção dos dois caçadores que, apontando as espingardas, atiraram ao mesmo tempo; os dois tiros e os dois clarões foram simultâneos. A galinhola, ferida na asa, dobrou as patas e caiu na erva.

— Foi bonito, os dois... — exclamou Levine, correndo com Laska à procura da caça. — Mas o que é que me causou tanta pena, há bocado? Ah,

sim! Kitty está doente — recordou-se ele. — Que fazer! Como isto é triste!

— Já a achámos! Bonito animal! — exclamou, tirando a ave da boca de Laska para a meter na bolsa quase cheia.

Capítulo 16

Voltando para casa, Levine interrogou o amigo sobre a doença de Kitty e os projetos de Cherbatzky; ouviu sem desprazer as respostas de Oblonsky, sentindo, sem ousar confessá-lo, que ainda lhe ficava uma esperança qualquer e quase satisfeito de que aquela, que tanto o fizera sofrer, sofresse por sua vez. Mas quando Stepane Arcadievitch lhe falou das causas da doença de Kitty e pronunciou o nome Vronsky, interrompeu-o:

— Eu não tenho nenhum direito a ser iniciado nesses segredos de família, que nada me interessam.

Stepane sorriu imperceptivelmente, notando a transformação brusca de Levine que, num segundo, tinha passado da alegria à tristeza, como a ele lhe acontecia muitas vezes.

— Concluíste o teu negócio do bosque com Kebenine? — perguntou-lhe.

— Sim; dá-me um preço excelente: 38000 rublos, oito mil adiantados e o resto em seis anos. Mas custou-me; ninguém me oferecia mais.

— Dás o teu bosque de graça! — disse Levine com um ar sombrio.

— Como é isso, de graça! — disse Stepane com um sorriso de bom humor, sabendo de antemão que Levine estaria descontente com tudo.

— O teu bosque vale pelo menos 500 rublos por hectare.

— É bem o tom desprezador de vocês, agricultores, quando se trata de nós, pobres diabos de cidade! E, contudo, quando se trata de um negócio, nós sempre alcançamos melhor lucro do que vocês. Acredita em mim, calculei tudo; o bosque foi vendido em muito boas condições a só receio uma coisa, que o comprador se desdiga. É de madeira boa só para queimar e ele dá-me 200 rublos por hectare.

Levine sorriu desdenhosamente.

Eis a espécie destes senhores da cidade, pensava ele, *porque uma vez em dez anos veem ao campo e por duas ou três palavras de vocabulário agrícola, que empregam a propósito de tudo, imaginam já conhecer a*

questão a fundo: «É de madeira boa só para queimar...» está a falar sem saber uma palavra do que avança.

E falando-lhe em voz alta disse-lhe:

— Eu não me permito de te mostrar o teu erro quando se trata de negócios só teus, mas se algum dia tivesse necessidade de ti, com certeza que te ia pedir conselhos. Então imaginas compreender o caso dos bosques. Ele não é tão simples como isso. De resto tu contaste as tuas árvores?

— Como é isso, contar as minhas árvores? — disse Stepane Arcadievitch rindo-se e procurando tirar o amigo do seu acesso de mau humor. — Contar as areias do mar, contar os raios dos planetas, só um génio...

— Está bem, está bem, mas respondo-te que o génio de Rebenine o fez; não há comprador que compre sem contar, a menos que lhe não deem o bosque por nada, como tu. Eu conheço o teu bosque por lá ir caçar todos os anos; vale 500 rublos o hectare, dinheiro na mão, enquanto ele te oferece 200 com prazo. Tu fazes-lhe um presente de 25000 rublos pelo menos.

— Deixa essas contas imaginárias — disse Stepane Arcadievitch. — Porque é que então ninguém me ofereceu esse preço?

— Porque os compradores se entendem entre si e dão compensações uns aos outros. Eu conheço bem essa gente. Tenho tido negócios com eles; não são compradores, mas revendedores à moda de ciganos; esperar até que possa comprar por vinte kopechs o que vale um rublo.

— Tu estás a ver as coisas muito negras!

— Não tanto como te parece! — disse tristemente Levine no momento em que se aproximavam de casa.

Um carro sólido, atrelado a um cavalo bem gordo, estava parado diante do portão; o enorme empregado de Rebenine, embrulhado no seu capote, segurava as rédeas. O negociante tinha já entrado em casa e veio ao encontro dos dois amigos até à porta do vestíbulo. Rebenine era um homem de meia-idade, alto e magro, com o bigode e o queixo proeminente completamente rapado; os olhos ternos estavam à flor do rosto. Vestido com um comprido casaco azul-escuro com botões até abaixo trazia umas botas altas tapadas por umas galochas grandes. Avançou para os recém-chegados com um sorriso, limpando o rosto com um lenço e procurando abotoar o casaco de que não tinha necessidade; depois estendeu a mão a Stepane Arcadievitch, uma mão que parecia querer atrair qualquer coisa.

— Já chegou! — disse Stepane dando-lhe também a mão. — Está muito

bem.

— Eu não me atreveria a desobedecer às ordens de Vossa Excelência, embora os caminhos estejam muito maus. Fiz o caminho a pé, mas cheguei no dia combinado. As minhas homenagens, Konstantin Dmitritch — disse ele voltando-se para Levine com a intenção de lhe atrair também a mão; mas este fez que não via esse gesto e tirou tranquilamente as galinholas da bolsa. — Foram divertir-se a caçar? Que pássaro é este? — ajuntou Rebenine olhando as galinholas com desprezo. — Que gosto tem isso?

E franziu a testa num ar desaprovador, como se tivesse dúvidas sobre a possibilidade de se preparar uma tal ave para a tornar comestível.

— Queres vir para o meu gabinete? — disse Levine em francês... — Entrem! Aí discutirão melhor o negócio.

— Onde lhes aprouver — respondeu o negociante com um tom de desdenhosa indiferença, querendo fazer compreender que se os outros podiam experimentar dificuldades em concluir um negócio, ele não as conhecia nunca.

No gabinete, Rebenine procurou maquinalmente com os olhos a imagem do Cristo, mas ao vê-la não se persignou: lançou depois um olhar para as estantes carregadas de livros, o mesmo olhar de dúvida e desdém que lançara para as galinholas.

— Então! Trouxe o dinheiro? — perguntou Stepane Arcadievitch.

— Ainda não é tarde para o dinheiro, é melhor conversarmos primeiro um pouco.

— O que temos de falar? Mas sente-se.

— Sim, é melhor sentarmo-nos — disse Rebenine sentando-se e recostando-se na cadeira do modo mais cómodo. — É preciso ceder alguma coisa, príncipe; era um pecado não o fazer... Quanto ao dinheiro, está prontinho, definitivamente até ao último kopek; por esse lado não haverá demora.

Levine, que estava guardando a espingarda num armário e se preparava para deixá-los sós, deteve-se às últimas palavras do negociante e disse:

— O senhor compra o bosque por um preço ridículo; ele veio ter comigo muito tarde. Eu tê-lo-ia levado a pedir muito mais.

Rebenine levantou-se e olhou para Levine atentamente.

— Konstantin Dmitrich é muito áspero — disse ele dirigindo-se a Stepane Arcadievitch — ninguém é capaz de lhe comprar definitivamente

nada. Tentei comprar-lhe o queijo e dava-lhe um bom preço, mas nada!

— Porque é que eu lhe devia dar de presente o que era meu e que me custou a ganhar? Eu não o achei, nem o roubei.

— Desculpe, mas no tempo que vai correndo é impossível roubar; tudo se faz honradamente e às claras. Quem é que poderia roubar? Nós falamos honradamente. O bosque é muito caro, por isso devo pedir ao príncipe para ceder um pouco.

— Mas o negócio não está concluído? Se já está, nada mais há a tratar; se o não está, sou eu que compro o bosque.

O sorriso desapareceu dos lábios de Rebenine. Uma expressão de ave de rapina, rapace e cruel, substituiu-o. Com os dedos ossudos desabotoou rapidamente o casaco, mostrando a camisa, o colete com botões de cobre, a cadeia do relógio e tirou uma grande carteira usada.

— O bosque é meu, se faz favor — e rapidamente fez o sinal da cruz e estendeu a mão. — Tome o meu dinheiro que eu tomo o seu bosque. Eis como Rebenine entende os negócios; ele não conta os kopeks — resmungou ele agitando a carteira com ar descontente.

— No teu lugar não teria tanta pressa — disse Levine dirigindo-se a Stepane.

— Mas se lhe dei a minha palavra — respondeu este.

Levine saiu do escritório, fechando violentamente a porta; o negociante viu-o sair e alçou os ombros, sorrindo.

— Tudo isto são efeitos da mocidade! Absolutamente uma criancice. Acredite-me, eu compro só pela glória de ouvir dizer: «Foi o Rebenine que comprou a floresta de Oblonsky» e Deus sabe se o poderia! Quer escrever o nosso contrato?

Uma hora mais tarde o negociante voltava para casa no carro, bem embrulhado no seu capote, já com a compra feita.

— Oh! Estes senhores — disse ele ao empregado — são sempre os mesmos!

— É sempre o mesmo! — respondeu este cedendo-lhe as rédeas para puxar a capota do carro. — E a respeito do negócio de Miguel Ignatich?

— Oh! Oh!...

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 17

Stepane Arcadievitch entrou no salão com as algibeiras cheias de maços de letras que só se venceriam daí a três meses, mas que o comprador lhe fez aceitar por conta. A venda estava concluída, tinha o dinheiro na carteira e a caçada tinha sido boa: estava pois completamente contente e feliz, e queria distrair o amigo da tristeza que o invadia; um dia tão bem começado devia terminar pela mesma forma.

Mas Levine, por mais desejos que tivesse de se mostrar amável para com o hóspede, não podia expulsar o seu mau-humor; a espécie de bebedeira que experimentara ao saber que Kitty não tinha casado foi de curta duração. Não casada e doente! Doente de amor talvez por aquele que a desdenhava! Era quase uma injúria pessoal. Vronsky tinha de algum modo adquirido o direito de o desprezar a ele, Levine, pois que desdenhava aquela que o tinha repelido! Era, pois, um inimigo! Ele não raciocinava sobre esta impressão, mas sentia-se ferido, amarrotado, descontente com tudo e particularmente com esta estúpida venda da floresta, que se fizera debaixo de um teto seu sem que ele pudesse impedir Oblonsky de ser enganado.

— Então, está acabado! — disse ele pondo-se diante de Stepane Arcadievitch. — Queres jantar?

— Não digo que não! Que apetite que o campo faz! É espantoso! Porque não ofereceste qualquer coisa a Rebenine?

— Que o diabo o leve!

— Sabes que essa maneira de o tratares me espanta? Tu nem mesmo lhe apertas a mão! Porquê?

— Pela mesma razão porque a não dou ao meu criado e este vale cem vezes mais do que ele.

— Que ideias tão atrasadas! E a fusão de classes, que lhe fazes tu?

— Eu deixo essa fusão para as pessoas a quem ela é agradável! A mim, desgosta-me.

— Decididamente és um *retrógrado.*

— Na verdade nunca me dei ao trabalho de saber o que sou: sou simplesmente Konstantin Levine e nada mais.

— E Konstantin Levine de bem mau-humor — disse Oblonsky sorrindo.

— É verdade e sabes porquê? Por causa dessa venda ridícula, desculpa o termo.

Stepane Arcadievitch tomou um ar de inocência caluniada e respondeu com uma careta prazenteira.

— É sempre o mesmo! Quando se vende seja o que for, há sempre alguém que nos diz que podíamos ter vendido mais caro, mas ninguém pensa em nos oferecer esses bons preços antes da venda. Não! Tu tens outra razão de queixa contra esse infeliz Rebenine.

— É possível e dir-te-ei porquê. Tu vais-me tratar ainda de atrasado e de qualquer outro nome feio, mas eu não posso deixar de me afligir vendo a nobreza, essa nobreza à qual, a despeito da fusão das classes, me sinto feliz de pertencer, cada vez ir-se empobrecendo mais. Ainda se este empobrecimento fosse devido a prodigalidades, a uma vida de gasto, nada diria; viver como grandes senhores é próprio dos nobres, e só eles o sabem. Também me não incomoda ver os camponeses comprar as nossas terras; o proprietário nada faz, o camponês trabalha e, portanto, é justo que o trabalhador tome o lugar daquele que é inútil. Tudo isto está na lógica. Mas o que me vexa, o que me aflige é ver despojar a nobreza por causa, como direi, por causa da sua *inocência.* Aqui é um polonês que compra por metade do seu valor a uma dama, que habita em Nice, uma terra soberba. Além é um negociante que arranja por um rublo o hectare o que valia dez. Hoje és tu que, sem motivo nenhum, fazes a este maroto um presente de uma trintena de mil rublos.

— E então? Era preciso contar as árvores uma a uma?

— Certamente, se tu as não contaste contou-as o comprador por ti; e os filhos dele terão meios suficientes para viver e instruírem-se enquanto os teus talvez os não tenham.

— Que queres? A meus olhos há mesquinhice nessa maneira de calcular. Nós temos os nossos negócios, eles têm os deles e é bem preciso que eles tenham os seus benefícios. De resto, é uma coisa que já não tem remédio... E eis a minha omelete favorita que chega, e Ágata Mikailovna dar-nos-á certamente um copo da sua boa aguardente.

Stepane Arcadievitch pôs-se à mesa, gracejou alegremente com Ágata Mikailovna e assegurou não ter comido havia muito tempo um jantar e uma sopa iguais.

— Ao menos o senhor sempre tem uma palavra amável para dizer — exclamou ela — enquanto Konstantin Dmitritch só come uma côdea de pão e, sem dizer nada, vai-se.

Levine, apesar dos seus esforços para dominar o seu mau-humor, continuava triste e sombrio; havia uma pergunta que ele se não decidia a fazer, não encontrando a ocasião certa para se dirigir ao amigo nem a forma de o fazer. Stepane Arcadievitch tinha ido para o seu quarto, tinha-se despido, lavado e vestido uma bela camisa encanudada e deitara-se, enquanto Levine rondava à volta dele, falando de mil bagatelas sem ter a coragem de lhe perguntar o que tinha no coração.

— Como isto é bem arranjado — disse tirando do invólucro um sabonete perfumado, atenção de Ágata Mikailovna de que Oblonsky não se aproveitara. — Repara, na verdade é uma obra de arte.

— Sim, tudo se aperfeiçoa no nosso tempo — disse Stepane Arcadievitch com um espreguiçamento de beatitude. — Os teatros, por exemplo e essas divertidas luzes elétricas!

— Sim, as luzes elétricas — repetiu Levine. — E esse Vronsky onde está agora? — perguntou de repente, deixando o sabonete.

— Vronsky? — disse Stepane, cessando de se espreguiçar. — Está em S. Petersburgo. Partiu pouco depois de ti e não voltou mais a Moscovo. Sabes tu, Kostia — continuou ele, fincando os cotovelos na mesa que estava perto da cama e apoiando nas mãos o rosto, que os olhos meigos e sonolentos iluminavam como duas estrelas — se queres que te diga, tu em parte és culpado de toda essa história; tu tiveste medo de um rival, repito-te agora o que dizia então, e eu não sei a qual de vocês dois ela preferia. Porque não foste o primeiro? Eu bem te dizia que... — e bocejou interiormente, procurando não abrir a boca.

Ele sabe ou não sabe o que dizia?, perguntou Levine a si mesmo, olhando-o. *Há muita finura e diplomacia no seu rosto.*

E sentindo que corava, olhou Oblonsky sem nada dizer.

— Se ela experimentou um sentimento qualquer — continuou Stepane Arcadievitch — foi uma coisa muito ligeira, uma revivescência dessa alta aristocracia e dessa posição na sociedade que a mãe sentiu mais do que ela.

Levine franziu as sobrancelhas! A injúria da recusa voltou-lhe à memória como uma ferida fresca. Felizmente ele estava em sua casa e aí sentiu-se mais forte.

— Espera, espera! — interrompeu ele. — Tu falas de aristocracia? Não me dirás em que consiste a de Vronsky ou a de qualquer outro, e que justificação pode ter o desprezo com que me trataram? Tu considera-lo um aristocrata. Eu não sou dessa opinião. Um homem cujo pai saiu do nada graças à intriga, cuja mãe teve relações Deus sabe com quem! Oh, não. Aristocratas são para mim aqueles que podem mostrar na sua ascendência três ou quatro gerações de gente honrada pertencendo às classes mais altas (não falo de qualidades intelectuais, isso é um outro caso), nunca se tendo rebaixado diante de ninguém, de ninguém precisando, como meu pai. E eu conheço muitas famílias assim. Para ti, que fazes presentes de trinta mil rublos, pareço-te mesquinho contando as minhas árvores; mas tu receberás ordenados e o que sei mais, o que eu nunca farei. Eis porque aprecio o que meu pai me deixou e o que me dá o meu trabalho, e digo que somos nós os aristocratas e não aqueles que vivem à custa dos poderosos do mundo e que se deixam comprar por vinte kopechs!

— Mas para que é isso? Eu sou da tua opinião — respondeu alegremente Oblonsky, rindo-se com a saída do amigo, sentindo que ele o visava. — Tu não és justo com Vronsky; mas não se trata dele. Digo-to com franqueza, no teu lugar, partiria para Moscovo...

— Não, eu não sei se tens conhecimento do que se passou e de resto tudo isso me é indiferente... Fui procurar Catarina Alexandrovna e recebi uma recusa que me torna a sua recordação penosa e humilhante.

— Mas porquê? Que loucura!

— Não falemos mais nisso. Desculpa-me se fui brusco contigo. Agora tudo está explicado!

E retomando os seus modos ordinários, tomou-lhe a mão e disse:

— Não me queiras mal, Stiva! Peço-te, que me não guardes rancor.

— Nem penso nisso: pelo contrário, sinto-me bastante satisfeito por nos termos aberto um com o outro. E sabes? A caça é boa de manhã. Se nós voltássemos lá? Ficaria bem sem dormir e iria logo em seguida direito à estação.

— Está bem.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 18

Vronsky, embora absorto na sua paixão, nada mudara na sua vida exterior. Tinha conservado todas as suas relações mundanas e militares. O regimento ocupava-lhe um lugar importante na existência, primeiro porque gostava dele, depois porque lá era adorado: não se contentavam de o admirar, respeitavam-no, sentiam-se orgulhosos de ver um homem da sua estirpe e do seu valor intelectual colocar os interesses do regimento e dos camaradas acima dos sucessos de vaidade ou de amor-próprio a que tinha direito. Vronsky sabia dos sentimentos que inspirara e julgava-se de algum modo obrigado a mantê-los. De resto a vida militar agradava-lhe.

Também a ninguém falara do seu amor; nunca uma palavra imprudente se lhe escapara quando tomava parte em qualquer pândega entre camaradas — de resto bebia muito moderadamente — e sabia fechar a boca aos indiscretos que se permitiam a menor alusão aos negócios do seu coração. No entanto a sua paixão era conhecida pela cidade inteira e os mancebos invejavam-lhe precisamente o que para o seu amor era o mais pesado fardo, a alta posição de Karenine, o que contribuía para pôr a sua ligação em evidência.

A maior parte das mulheres, com ciúmes de Ana, a que estavam fartas de ouvir sempre chamar «séria», não se tinham zangado ao verem as suas predições realizadas e só esperavam a sanção da opinião pública para a esmagarem com o seu desprezo; tinham mesmo já reservada a pedra que lhe haviam de atirar quando chegasse a ocasião. As pessoas de experiência e as da alta sociedade viam com pesar esboçar-se um escândalo mundano.

A mãe de Vronsky tinha no entanto sabido da ligação de seu filho com um certo prazer; segundo o pensar dela, nada podia acabar melhor de formar um mancebo do que um amor na alta sociedade; de resto não era sem um certo prazer que ela constatava que essa Karenina, que parecia tão atraída por seu filho, não era senão uma mulher como qualquer outra, coisa de resto

muito natural para uma mulher bela e elegante, pensava a velha condessa. Mas essa maneira de ver mudou quando soube que o filho, para não abandonar o regimento e a vizinhança de Karenina, recusara uma promoção importante para a sua carreira; então em lugar de ser a ligação brilhante e mundana que ela teria aprovado, compreendeu que essa paixão caía no trágico, à Werther, e receava ver o filho cometer qualquer tolice.

Depois da partida imprevista deste de Moscovo, não o tornara a ver e tinha-o feito prevenir pelo irmão de que desejava a sua visita. O irmão mais velho também não estava satisfeito, não porque se inquietasse em saber se esse amor era profundo ou efémero, calmo ou apaixonado, inocente ou culpado — ele próprio, embora pai de família, mantinha uma dançarina e não tinha, pois, o direito a ser severo — mas porque sabia que esse amor estava desagradando em alto grau e, por consequência, fazia mal ao irmão.

Vronsky, apesar das relações mundanas e do serviço, tinha uma paixão que o absorvia, a dos cavalos. Nesse verão devia haver corridas de oficiais; inscreveu-se e comprou uma égua inglesa *pur sang:* apesar do seu amor, essas corridas tinham para ele uma atração muito viva. De resto porque é que essas paixões se prejudicariam? Era-lhe preciso um interesse qualquer, fora de Ana, para o repousar das emoções violentas que o agitavam.

Capítulo 19

No dia das corridas de Krasnoé-Selo, Vronsky veio mais cedo do que de costume comer um bife à sala dos oficiais; não se resolvera a restringir a sua alimentação em virtude do seu peso corresponder ao exigido; não queria engordar e por isso se abstinha de comer açúcar e farináceos. Sentou-se à mesa com a casaco desabotoado deixando ver o colete branco e abriu um romance francês; com os dois braços apoiados na mesa, parecia absorvido pela leitura, mas só tomara esta atitude para se esquivar às conversações dos que iam e vinham; o seu pensamento estava longe.

Pensava no encontro que Ana lhe marcara para depois das corridas; havia três dias que ele a não via e perguntava a si mesmo se ela poderia cumprir a sua promessa, porque o marido acabava de voltar para S. Petersburgo depois de uma viagem pelo estrangeiro. Como sabê-lo? Era na vila de Betsy, a prima dele, que se tinham encontrado pela última vez; a casa dos Karenine ia o menos possível; atrever-se-ia agora a lá ir?

Direi unicamente que fui encarregado por Betsy de saber se ela conta ir às corridas... sim, está bem!, decidiu ele consigo mesmo; e a sua imaginação pintou-lhe tão vivamente a felicidade dessa entrevista que o rosto lhe brilhou de alegria por cima do livro.

— Vai dizer a minha casa que atrelem a caleche — disse ao criado que lhe servia o bife quente numa travessa de prata. Depois chegou o prato para si e serviu-se.

Na sala de bilhar, que era próxima, ouviu-se o ruído das bolas e vozes que conversavam e riam; dois oficiais apareceram à porta; um deles, muito novo e com o rosto delicado, saíra recentemente do corpo dos pajens: o outro, gordo e velho, tinha uns olhitos húmidos e uma pulseira no braço.

Vronsky olhou para eles e continuou a comer e a ler ao mesmo tempo, com um ar descontente, como se os não tivesse notado.

— Estás a tomar força, hein? — perguntou o oficial gordo, sentando-se

ao pé dele.

— É como vês — respondeu Vronsky limpando a boca e franzindo a testa, sempre sem olhar para eles.

— Não tens medo de engordar? — continuou o oficial gordo, avançando uma cadeira ao mais novo.

— O quê? — perguntou Vronsky descobrindo os dentes numa careta de enjoo e aversão.

— Tu não tens medo de engordar?

— Rapaz, Xerez! — gritou Vronsky sem responder ao oficial, e pôs o livro do outro lado do prato para continuar a ler.

O oficial gordo pegou na lista dos vinhos, estendeu-a ao mais novo e disse-lhe:

— Vê o que nós havemos de beber.

— Vinho do Reno, se quiseres — respondeu este procurando retorcer o impercetível bigode e olhando timidamente Vronsky pelo canto do olho.

Vendo que ele se não mexia, levantou-se e disse:

— Vamos até à sala de bilhar.

O oficial gordo levantou-se também e dirigiram-se para o lado da porta.

Nesse momento entrou um capitão de cavalaria, alto, chamado Yashvine, que fez uma pequena saudação aos dois oficiais e se aproximou de Vronsky.

— Ah, estás aqui! — gritou ele dando-lhe uma grande palmada nas costas.

Descontente, Vronsky voltou-se, mas o rosto tomou imediatamente uma expressão doce e amiga.

— É bem feito, Alexei — disse o capitão com a sua voz sonora — come e depois bebe-lhe um copito por cima.

— Não tenho fome.

— São os inseparáveis — disse Yashvine olhando com um ar trocista os dois oficiais, que se afastavam, e sentou se, dobrando as enormes pernas, estreitamente apertadas nas calças do uniforme e compridas para a altura das cadeiras. — Porque não foste ao teatro ontem? A Numerof não foi mal de todo. Onde foste?

— Demorei-me em casa dos Tverskoi.

— Ah!

Yashvine era no regimento o melhor amigo de Vronsky, se bem que ele fosse tão debochado como jogador. Não se podia dizer dele que era um

homem sem princípios; tinha-os, mas eram profundamente imorais. Vronsky admirava a sua força física excecional, que lhe permitia beber como uma esponja sem se notar, e de passar em caso de necessidade noites sem dormir; não era de admirar menos a sua força moral, que o tornava temível tanto dos chefes, de quem sabia fazer-se respeitar, como dos camaradas. No clube inglês passava pelo primeiro jogador porque, sem nunca deixar de beber, arriscava somas consideráveis com uma calma e presença de espírito imperturbáveis.

Se Vronsky experimentava por Yashvine amizade e uma certa consideração, era porque sabia que a sua fortuna e a sua posição social em nada contribuíam para a amizade que aquele lhe testemunhava. Por isso Yashvine era o único homem a quem Vronsky teria querido falar de seu amor, certo de que ele era o único, apesar do seu afetado desprezo por toda a espécie de sentimento, capaz de compreender a sua paixão no que ela tinha de sério e de absorvente. Além disso sabia-o incapaz de bravatas e de intrigas, e estas razões juntas tornavam-lhe sempre a sua presença agradável.

— Ah, sim! — disse o capitão quando o nome dos Tverskoi foi pronunciado; e mordeu as pontas do bigode, olhando-o com os seus olhos brilhantes.

— E tu, o que fizeste? Ganhaste?

— Oito mil rublos, dos quais três mil nunca talvez os verei.

— Então, posso fazer-te perder — disse Vronsky rindo-se; o camarada tinha apostado por ele uma soma grande.

— Não penso em perder. Mahotine é o único de recear.

E a conversa versou sobre as corridas, o único assunto interessante na ocasião.

— Vamos, acabei — disse Vronsky levantando-se. Yashvine levantou-se também estendendo as suas compridas pernas.

— Eu não posso comer tão cedo, mas vou beber qualquer coisa. Já vou. Rapaz, vinho — gritou ele com a sua voz sonora. Essa voz era uma celebridade no regimento.

— Não, é inútil — gritou ele logo depois. — Se vais a casa, acompanho-te.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 20

Vronsky ocupava um grande compartimento muito asseado e dividido em dois por um tabique. Petritzky morava juntamente com ele no campo e em S. Petersburgo; estava ainda a dormir quando Vronsky e Yashvine entraram.

— Basta de dormir, levanta-te! — disse Yashvine, indo sacudir o dorminhoco pelas costas, por detrás do biombo, onde ele estava deitado com o nariz metido no travesseiro.

Petritzky pôs-se de joelhos o olhou à volta.

— O teu irmão veio cá — disse para Vronsky. — Acordou-me, diabos o levam, e disse que havia de voltar.

Depois atirou-se sobre o travesseiro puxando os cobertores.

— Deixa-me sossegado, Yashvine — gritou ele com cólera ao camarada, que se divertia em lhe puxar a roupa; depois voltando-se para ele e abrindo os olhos: — Fazias melhor dizendo-me o que eu devia beber para tirar da boca este gosto tão desagradável.

— Primeiro, aguardente — ordenou Yashvine com a sua voz grossa. — Tereshtehenko, depressa um copo de aguardente para o teu patrão! — gritou gozando com a sonoridade da sua voz.

— É verdade? — perguntou Petritzky esfregando os olhos numa careta. — Também bebes? Se é a dois está bem. Vronsky, também queres?

E saltando da cama, veio pela casa embrulhado numa ligeira cobertura, com os braços de fora, cantando em francês:

Houve outrora um rei em Tule...

— Também bebes, Vronsky?

— Vai passear — respondeu este, que estava vestindo um casaco que o criado lhe trouxera.

— Onde vais tu? — perguntou-lhe Yashvine vendo aproximar-se da casa uma caleche com três cavalos atrelados. — Olha o carro!

— À cocheira e, de lá, a casa de Bransky, com quem tenho um negócio a tratar — disse Vronsky.

Com efeito, prometera levar dinheiro a Bransky, que morava a dez verstas de Peterhof, mas os camaradas compreenderam que ele ia ainda a outra parte.

Petritzky piscou os olhos com uma careta, que significava: «Nós bem sabemos o que Bransky quer dizer!» e continuou a cantar.

— Não te demores — contentou-se Yashvine em dizer, e mudando de conversa perguntou, vendo pela janela o cavalo do meio que tinha sido vendido por ele: — E o meu baio, que tal se porta?

No momento em que Vronsky ia a sair, Petritzky deteve-o gritando:

— Espera, teu irmão deixou-me uma carta e um bilhete para ti. Que lhe fiz eu? É o caso — declamou, levando o indicador à testa.

— Fala, estás estúpido! — disse Vronsky sorrindo.

— Eu não acendi o fogão. Deve estar por aqui em qualquer lado.

— Nada de contos, onde está a carta?

— Asseguro-te que me esqueci; talvez tudo isto fosse um sonho! Mas espera, não te zangues; se tu tivesses bebido tanto como eu ontem bebi nem saberias onde tinhas dormido. Vou ver se me lembro.

Petritzky voltou para trás do biombo e tornou a deitar-se.

— Era assim que eu estava deitado, e ele estava ali, sim, sim, é isto.

E tirou uma carta de baixo do cobertor.

Vronsky pegou na carta, que acompanhava um bilhete do irmão; era bem o que ele supunha: a mãe repreendia-o de não a ter ido ver e o irmão dizia-lhe que tinha de lhe falar.

— Mas o que têm eles com isso? — murmurou, pressentindo do que se tratava; e dobrou os dois papéis, que meteu entre os botões do casaco com a intenção de os tornar a ler no caminho com mais atenção.

No momento de deixar o quarto, encontrou dois oficiais, um dos quais pertencia ao seu regimento. A habitação de Vronsky servia de bom grado de lugar de reunião.

— Onde vais?

— A Peterhof por causa de um negócio.

— O cavalo já veio?

— Sim, mas ainda o não vi.

— Dizem que o Gladiador de Mahotine coxeia.

— Tolices! Mas como fazem vocês correr uma coisa semelhante?

— Eis os meus salvadores! — gritou Petritzky vendo entrar os recém-chegados. O impedido, de pé diante dele, segurava num prato a aguardente. — Foi Yashvine que me mandou beber para refrescar.

— Você deu-nos ontem à noite uma *soirée* muito agradável — disse um dos oficiais. — Graças a você não pudemos dormir a noite inteira.

— É preciso que eu lhes diga como isso foi! — pôs-se Petritzky a contar. — Volkof subiu para um telhado e anunciou-nos de lá que estava triste. «Cantemos uma marcha fúnebre», propus eu. E ao som da marcha fúnebre ele adormeceu no telhado.

— Bebe a tua aguardente e, por cima, água de Seltz com um pouco de limão — disse Yashvine encorajando Petritzky como uma mãe que quer fazer beber um remédio ao filho. — Depois podes beber um pouco de champanhe; para aí uma meia garrafa.

— Isto é que é senso comum! Espera um pouco, Vronsky, e bebe connosco.

— Não, meus senhores, adeus. Hoje não bebo nada.

— Porquê? Com medo de te embruteceres? Então bebamos sem ele: tragam água de Seltz e limão.

— Vronsky! — gritou alguém quando ele ia a sair.

— O que é?

— Tu devias ir cortar o cabelo com medo de te embruteceres, na testa sobretudo.

Vronsky, com efeito, começava a perder o cabelo; pôs-se a rir e, puxando o chapéu para a testa, onde os cabelos eram mais raros, saiu e subiu para a caleche.

— Para a cocheira!

E ia a retomar as cartas para as reler, mas a fim de não pensar em mais nada a não ser no cavalo, deixou a leitura para mais tarde.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 21

A cocheira provisória, uma barraca de madeira, estava localizada nas proximidades do campo de corridas. Como só o tratador tinha montado o cavalo para o passear, Vronsky não sabia bem o estado em que o ia encontrar. Um rapazito, que fazia o lugar de *groom,* reconheceu ao longe o carro e foi logo chamar o tratador, um inglês de rosto esguio com o queixo coberto pelos cabelos de um sinal. Este veio ao encontro do patrão, bamboleando-se à moda de jockey, com os cotovelos afastados do corpo; estava vestido com uma jaqueta curta e com botas altas à cavaleira.

— Como vai a Froufrou? — perguntou Vronsky em inglês.

— *All right, sir* — respondeu o inglês do fundo da garganta. — É melhor não entrar — ajuntou tirando o chapéu. — Pus-lhe uma focinheira e isso torna-a agitada. Se alguém se aproxima, põe-se logo inquieta.

— Não faz mal, quero vê-la.

— Então vamos — respondeu o inglês, sem abrir a boca; e com o seu passo gingado dirigiu-se para a cocheira; um rapaz de fato branco com uma escova na mão, limpo e atento, introduziu-os. Cinco cavalos ocupavam a cocheira, cada um no seu compartimento; o de Mahotine, o concorrente mais sério de Vronsky, um alazão, devia lá estar. Vronsky estava mais ansioso de o ver do que ao seu próprio cavalo, mas segundo o regulamento das corridas não lho podiam mostrar, nem mesmo permitir perguntas a seu respeito. Sempre andando ao longo do corredor, o *groom* abriu a porta do segundo compartimento e Vronsky entreviu um vigoroso cavalo, calçado de branco. Era o Gladiador; sabia-o, mas voltou-se imediatamente para o lado da Froufrou, como se tivesse olhado para uma carta aberta que lhe não era dirigida.

— É o cavalo de Mak... Mak — disse o inglês sem chegar a pronunciar o nome e apontando com os seus dedos de unhas sujas para o compartimento do Gladiador.

— De Mahotine! É sim. É o meu único adversário sério.

— Se for o senhor que a montar, aposto por si — disse o inglês.

— Froufrou é mais nervosa, aquele é mais sólido — respondeu Vronsky sorrindo com o elogio do *jockey*.

— Nas corridas de obstáculos, tudo está na arte de montar, no *pluck* — disse o inglês.

O *pluck* queria dizer audácia e sangue-frio. Vronsky sabia que ambas lhe não faltavam e, o que é mais, estava firmemente convencido de que ninguém as teria mais do que ele.

— Está certo de que uma forte transpiração não é necessária?

— Perfeitamente certo — respondeu o inglês. — Não fale alto, por favor, que a égua inquieta-se — ajuntou apontando com o dedo para o lado do compartimento fechado, onde se ouvia o patear de um cavalo sobre o chão.

Abriu a porta e Vronsky entrou no compartimento fracamente iluminado por uma pequena fresta. Um cavalo baio escuro, com uma focinheira, estava roendo nervosamente a palha fresca.

A conformação um pouco defeituosa do seu cavalo favorito saltou aos olhos de Vronsky. Froufrou era de corpulência média, de ossatura estreita e o peito também, embora o peitoral fosse saliente; a anca era ligeiramente escorregadia e as pernas um pouco cambaias.

Os músculos das pernas pareciam fracos e os flancos muito largos, apesar do treino que suportara e da estreiteza do ventre. Abaixo do pescoço, as pernas, vistas de frente, pareciam verdadeiros fusos; vistas do lado contrário, eram enormes. À exceção das ancas, dir-se-ia aberta dos dois lados. Mas tinha um mérito que fazia esquecer todos estes defeitos: tinha *raça, sangue,* como dizem os ingleses. Os músculos faziam saliência sob um emaranhado de veias cobertas de uma pele lisa e macia como veludo; a cabeça afilada, olhos à flor, brilhantes e animados, as narinas salientes e móveis, parecendo injetadas de sangue, todo o contorno deste bonito animal tinha alguma coisa de decidido, de enérgico e de fino. Era um desses animais a que a palavra parece faltar em consequência de uma conformação mecânica incompleta.

Vronsky teve a intuição de que era compreendido por ela enquanto a olhava. Quando entrou, a égua aspirou o ar fortemente, olhou de lado, mostrando o branco dos olhos injetados de sangue, procurou deitar fora a focinheira e movimentou-se sobre os pés como movida por molas.

— Vê como ela está agitada? — disse o inglês.

— Oh, minha bela, oh! — murmurou Vronsky aproximando-se para a sossegar; mas quanto mais se aproximava mais ela se tornava agitada. Só se tranquilizou quando ele lhe acariciou a cabeça e o pescoço; via-se-lhe os músculos perfeitamente desenhados e salientes sob o pelo suave. Vronsky endireitou-lhe uma mecha de crina, que saltara para o outro lado, e aproximou-lhe o rosto das narinas, que ela inchava como asas de morcego; respirou alto e arrebitando as orelhas, estendeu o beiço preto para lhe morder a manga, mas, presa pela focinheira, pôs-se a bater com as patas no chão.

— Sossega, minha bela, sossega! — disse Vronsky ameigando-a. E deixou o compartimento na segura convicção de que o animal estava em perfeito estado.

Mas a agitação da égua tinha-se comunicado ao dono; também ele sentia o sangue a afluir-lhe ao coração e uma necessidade grande de ação, de movimento, se apossou violentamente dele; teria querido morder, como a égua. Era uma impressão estranha e divertida.

— Então conto consigo — disse ao inglês. — Às seis horas e meia no campo.

— Tudo estará a postos. Mas onde vai o senhor, milorde? — perguntou o inglês servindo-se do título de lorde, que nunca empregava.

Espantado desta audácia, Vronsky levantou a cabeça com surpresa e olhou o inglês como ele o sabia fazer, não nos olhos, mas no alto da testa; e compreendeu logo que o tratador lhe não tinha falado como se ele fosse o patrão, mas um jockey, e respondeu:

— Preciso de ir ter com Bransky e dentro de uma hora estarei de volta.

Quantas vezes me fizeram já hoje esta pergunta!, pensou e, o que lhe acontecia raras vezes, sentiu-se corar. O inglês olhava-o com toda a atenção; tinha o aspeto de quem sabia onde o patrão ia.

— O essencial é conservar-se tranquilo antes da corrida; não arranje mau sangue, não se apoquente com coisa nenhuma.

— *All right!* — respondeu Vronsky sorrindo; e, saltando para o carro, mandou seguir para Peterhof.

Mal tinha dado alguns passos, o céu, sombrio desde a manhã, escureceu por completo e pôs-se a chover.

Que aborrecido!, pensou Vronsky levantando a capota do carro. *Já havia lama, agora será um lamaçal.*

E aproveitando este momento de solidão pôs-se a ler as cartas da mãe e

do irmão.

Era sempre a mesma história; ambos, tanto a mãe como o irmão, achavam necessário imiscuírem-se nos seus negócios do coração, e ele sentia-se irritado até à cólera, sentimento que lhe não era habitual.

Que têm eles que ver com isto? Porque se julgam obrigados a ocuparem-se de mim? De se meterem comigo? É porque sentem que há alguma coisa que não podem compreender. Se fosse uma ligação vulgar, deixar-me-iam tranquilo; mas adivinham que não é nada disso, que esta mulher não é uma brincadeira para mim, que ela me é mais cara que a própria vida! Isto parece-lhes incrível e estúpido. Seja qual for a nossa sorte, fomos nós que a criámos e não a choraremos. E unia-se a Ana na palavra «nós». *Mas não, eles pretendem ensinar-nos a vida, eles, que não têm uma única ideia do que é a felicidade, que não sabem que sem este amor não haveria para mim nem alegria, nem dor neste mundo: que a vida não existiria.*

No fundo se se irritava mais contra os seus era porque a sua própria consciência lhe dizia que eles tinham razão. O seu amor por Ana não era um divertimento passageiro destinado, como tantas ligações mundanas, a desaparecer não deixando outros vestígios além de umas recordações boas ou desagradáveis. Ele sentia vivamente todas as torturas da sua situação, todas as suas dificuldades aos olhos do mundo, de quem era preciso esconder tudo, preparando-se para mentir, para enganar, para inventar mil estratagemas. E enquanto a sua paixão mútua era tão violenta que nada mais viam a não ser ela própria, tinham de pensar nos outros.

Essas frequentes necessidades de dissimilar e de fingir voltaram-lhe vivamente à memória. Nada era mais contrário ao seu génio; e lembrou-se também do sentimento de vergonha que tantas vezes surpreendera em Ana quando ela era também forçada a mentir. Desde a sua ligação com ela que sentia por vezes uma estranha sensação de desgosto e de repulsão que não podia definir. Porque a experimentar?... Por Alexei Alexandrovich, por si próprio, pelo mundo inteiro?... Não o sabia. E tratava de a repelir o mais possível.

Sim, outrora ela era infeliz, mas altiva e tranquila; hoje não o pode ser por mais esforços que faça para o parecer.

E pela primeira vez a ideia de acabar imediatamente com essa vida de dissimulação lhe apareceu clara e precisa; o mais cedo possível seria o melhor.

É preciso que abandonemos tudo, ela e eu, que sozinhos com o nosso amor nos vamos esconder em qualquer lado.

PERIGOSAS

Capítulo 22

A chuva foi de curta duração. Quando Vronsky chegou ao trote largo do cavalo do meio, enquanto os dos lados galopavam na lama, o sol tinha já reaparecido e fazia cintilar os telhados das vilas e a folhagem molhada das velhas tílias, cuja sombra se projetava dos jardins para a rua. A água corria das goteiras e os ramos das árvores pareciam repelir alegremente as gotas da chuva. Ele nem pensava no mal que a chuva podia fazer no campo de corridas, mas alegrava-se ao pensar que, graças à chuva, *ela* estaria sozinha; sabia que Alexei Alexandrovich, tendo voltado de uma viagem de alguns dias, ainda não deixaria S. Petersburgo para vir para o campo.

Vronsky fez parar os cavalos a uma pequena distância da casa e, a fim de atrair o menos possível a atenção, entrou no pátio de serviço em lugar de bater à porta principal que dava para a rua.

— O senhor já chegou? — perguntou a um jardineiro.

— Ainda não, senhor, mas a senhora está. Queira bater para lhe abrirem a porta.

— Não, prefiro entrar pelo jardim.

Sabendo-a sozinha, queria surpreendê-la; não lhe tinha anunciado a visita e ela não o podia esperar por causa das corridas. Avançou, pois, com precaução ao longo das ruas areadas e bordadas de flores, levantando a espada para não fazer barulho; foi andando assim até ao terraço, que da casa descia para o jardim. As precauções, que o tinham assaltado no caminho, as dificuldades da situação, tudo tinha esquecido; só pensava na felicidade de a ver dentro em pouco, na felicidade de a ver *realmente* e não apenas na sua imaginação. Quando ia já subindo os degraus do terraço o mais suavemente possível é que se lembrou daquilo de que sempre se esquecia e que formava um dos lados mais dolorosos das suas relações com Ana: a presença do filho dela, dessa criança de olhos inquisitoriais.

A criança era o principal obstáculo às suas entrevistas. Nunca na sua

presença Vronsky e Ana se tinham permitido uma palavra que não pudesse ser ouvida por toda a gente, a menor alusão que a criança não compreendesse. E não tinham tido necessidade de se entenderem sobre isso; cada um deles teria julgado uma injúria pronunciar uma palavra que enganasse a criança; diante dela falavam como simples conhecidos. Apesar destas precauções, Vronsky encontrava muitas vezes fixos sobre eles os olhos perscrutadores e um pouco desconfiados de Sergei; umas vezes achava-o tímido, outras meigo, nunca o mesmo. A criança parecia instintivamente compreender que entre este homem e a mãe existia uma ligação séria cuja significação lhe escapava.

Com efeito, Sergei fazia esforços vãos para compreender como devia comportar-se com esse senhor: tinha adivinhado, com a agudeza de intuição que é própria das crianças, que o pai, a governanta e a ama o consideravam com horror, enquanto a mãe o tratava como se ele fosse o seu melhor amigo.

O que é que isto significa? Quem é? É preciso que o ame? E se eu, não percebendo nada, cometo uma má ação, serei um mau rapaz?, pensava a criança.

Daí a sua timidez, o seu ar interrogativo e desconfiado, e essa mobilidade de aspeto que tanto amedrontava Vronsky. De resto, em presença da criança ele sentia sempre o mesmo ímpeto de repulsão, sem causa aparente, que o perseguia havia um certo tempo. Vronsky e Ana eram comparáveis a navegantes a quem a bússola indicasse que iam ao acaso, sem que eles pudessem opor um obstáculo; cada minuto os ia afastando do caminho reto e conhecer esse movimento que os arrastava era reconhecer também a sua perda! A criança, com o seu olhar ingénuo, era essa bússola implacável; ambos o sentiam sem o quererem dizer.

Nesse dia, porém, Sergei não estava em casa; Ana estava sozinha, sentada no terraço, esperando a volta do filho, que a chuva surpreendera durante o passeio. Tinha mandado um criado e uma criada à procura dele.

Com um vestido branco guarnecido de rendas caras, estava sentada num canto do terraço, encoberta pelas plantas e pelas flores. Não tinha sentido Vronsky e, com a cabeça pendida, apoiava a fronte num regador esquecido num dos bancos: com as suas mãos tão belas, cheias de anéis, que ele tão bem conhecia, ia-o movendo em movimentos compassados.

A beleza da cabeça, com as ondas dos cabelos negros, a beleza dos braços, das mãos, de todo o conjunto da sua pessoa, chocava Vronsky todas

as vezes que a via, causando-lhe sempre uma nova surpresa. Parou a olhá-la, enlevado. Instintivamente ela sentiu a sua aproximação e mal ele tinha dado um passo quando ela repeliu o regador e voltou para ele o rosto afogueado.

— O que tem? Está doente? — perguntou-lhe ele em francês, aproximando-se. Teria querido correr, mas com receio de ser visto lançou à volta e para a porta um olhar que o fez corar, como tudo aquilo que o obrigava a temer e a dissimular.

— Não, estou bem — respondeu Ana, levantando-se e apertando-lhe vivamente a mão que ele lhe estendia. — Não te esperava.

— Santo Deus, que mãos tão frias!

— Assustaste-me; estava sozinha à espera de Sergei, que foi passear; voltarão por aqui.

Apesar da calma que ela fingia ter, os lábios tremiam-lhe.

— Perdoe-me ter vindo, mas eu não podia passar todo este dia sem a ver — continuou ele em francês, evitando assim a *senhora* e o *tu* impossíveis e perigosos em russo.

— Nada tenho a perdoar; sou até muito feliz.

— Mas está doente ou triste? — perguntou-lhe Vronsky, inclinando-se para ela sem lhe deixar a mão. — Em que pensava?

— Sempre na mesma coisa — respondeu Ana sorrindo.

E dizia a verdade. A qualquer hora do dia, a todos os momentos que a interrogassem, teria invariavelmente respondido que estava pensando na felicidade e na sua desgraça. No momento em que ele entrara, estava perguntando a si própria porque é que uns, Betsy por exemplo, cuja ligação com Toushkevitch conhecia, tomavam tão ligeiramente aquilo que para ela era tão cruel? Esse pensamento tinha-a atormentado particularmente nesse dia.

E para mudar de assunto falou das corridas, e ele, para a distrair, contou-lhe os preparativos que se estavam fazendo; o tom da voz era perfeitamente calmo e natural.

Devo ou não devo dizer-lhe?, pensava ela olhando-o com os seus olhos tranquilos e meigos. *Ele tem um ar tão feliz, sente-se tão satisfeito ao falar da corrida que não compreenderá talvez a importância do que nos acontece.*

— Ainda me não disse em que é que pensava quando eu entrei — perguntou ele, interrompendo a narração que estava fazendo das corridas. — Diga-o, peço-lhe.

Ela não respondia. Com a cabeça baixa, levantava para ele os seus olhos belos; o seu olhar era cheio de interrogações, enquanto com as mãos estava brincando com uma folha. O rosto de Vronsky tomou imediatamente a expressão de humilde adoração, de dedicação absoluta, que a tinha conquistado.

— Sinto que aconteceu qualquer coisa. Posso eu estar tranquilo um momento quando sei que há para si um desgosto de que eu não compartilho? Em nome do céu, fale.

Se ele não vê toda a importância do que tenho para lhe dizer sei que nunca lhe perdoarei: será melhor calar-me do que querer experimentá-lo, pensava ela, continuando a olhá-lo; a mão tremia-lhe.

— Meu Deus! Mas o que há? — continuou ele tomando-lhe a mão.

— Devo dizer-lho?

— Sim, sim e sim.

— Estou grávida — murmurou ela lentamente.

A folha, que ela segurava entre os dedos, tremeu ainda mais, mas não deixou de o olhar, porque estava procurando ler no rosto dele como suportaria essa prova.

Vronsky empalideceu, quis falar, mas deteve-se e baixou a cabeça, deixando cair a mão dela, que segurava entre as suas.

Sim, ele sente bem o alcance deste acontecimento, pensou ela, e agarrou-lhe a mão.

Mas enganava-se julgando que ele sentia como ela. A essa nova, a estranha impressão de horror que o perseguia tinha-o tomado tão vivamente como nunca, e compreendeu que a crise que ele desejava tinha chegado. Daí para o futuro já nada se podia ocultar ao marido e era preciso sair o mais cedo possível, fosse por que preço fosse, daquela situação odiosa e insustentável. A perturbação de Ana comunicava-se-lhe. Olhou-a com os seus olhos humildemente submissos, beijou-lhe a mão, levantou-se e pôs-se a andar ao longo do terraço sem dizer uma palavra.

Quando enfim se aproximou dela, disse num tom decidido:

— Nem eu, nem a senhora considerámos a nossa ligação como uma felicidade passageira; agora a nossa sorte está definida. É absolutamente preciso pôr fim às mentiras em que vivemos.

E olhou à volta dele.

— Pôr fim? Como é que lho havemos de pôr, Alexei? — perguntou ela

meigamente.

Tinha-se acalmado e sorria-lhe ternamente.

— É preciso deixar seu marido e unir as nossas existências.

— Não estão elas já unidas? — respondeu ela em voz baixa.

— Não completamente.

— Mas como fazê-lo, Alexei? Ensina-mo — disse ela numa ironia, pensando no que a sua situação tinha de irresolúvel. — Não sou eu a mulher de Karenine?

— Por mais difícil que uma situação seja, tem sempre uma resolução qualquer; trata-se unicamente de tomar um partido... Tudo vale mais do que a vida que tu levas. Julgas tu que eu não vejo quanto tudo é tormento para ti: teu marido, teu filho, a sociedade, tudo?!

— Meu marido não — respondeu ela num sorriso. — Eu não o conheço, nem nele penso. Não sei se ele existe.

— Tu não és sincera. Conheço-te bem; tu também te atormentas por causa dele.

— Mas ele não sabe nada — disse ela. E, no entanto, o rosto cobriu-se-lhe de uma viva vermelhidão; o pescoço, a fronte, as faces, tudo corou e lágrimas vieram-lhe aos olhos. — Não falemos nele.

Capítulo 23

Não era a primeira vez que Vronsky lhe procurava fazer compreender e julgar o falso da sua posição, embora nunca o tivesse feito com intimativa, limitando-se às mesmas apreciações superficiais e quase fúteis. Parecia-lhe que ela estava então sob o império de sentimentos, que não queria ou não podia aprofundar, e então a verdadeira Ana desaparecia para dar lugar a um ser estranho e indecifrável que ele não chegava a compreender e que se lhe tornava quase repulsivo. Nesse dia, porém, quis-se explicar por completo.

— Que o saiba ou não — disse Vronsky com voz calma, mas firme — pouco importa. Nós não podemos, a *senhora* não pode manter-se nesta situação, sobretudo agora.

— Que lhe parece que devo fazer? — perguntou ela com a mesma ironia cruel. E ela, que tinha receado tão vivamente que ele acolhesse a sua confissão com indiferença, sentia-se agora descontente por ele lhe mostrar a necessidade absoluta de uma resolução enérgica.

— Confesse-lhe tudo e deixe-o.

— Suponhamos que eu o faço, sabe o que acontecerá? Vou dizer-lho. — E um clarão áspero brilhou nos seus olhos, há pouco tão ternos. — Ah, a senhora ama um outro e tem uma ligação criminosa? — disse ela imitando o marido e acentuando a palavra *criminosa* como ele. — Eu tinha-a prevenido das consequências que isso teria sob o ponto de vista da religião, da sociedade e da família. Não me quis ouvir e agora não posso livrar da desonra o meu nome e... — Ela ia dizer *o meu filho,* mas deteve-se, porque lhe repugnava brincar com o nome do filho. — Numa palavra, dir-me-á claramente, no mesmo tom que discute os negócios de Estado, que me não pode dar a liberdade, mas que irá tomar as suas precauções para evitar o escândalo. Eis o que se passará, porque ele não é um homem, é uma máquina, e quando se zanga é uma máquina muito má.

E pela mente passaram-lhe os menores detalhes de linguagem e da

fisionomia do marido, pronta a reprovar-lhe interiormente tudo o que ela podia achar de mau nele, com tanto menos indulgência quanto se sentia mais culpada.

— Mas, Ana — disse-lhe Vronsky com doçura, na esperança de a convencer e de a acalmar — primeiro é preciso confessar-lhe tudo e depois nós procederemos, conforme o que ele fizer.

— Então será preciso fugir?

— Porque não? Eu não vejo possibilidade de continuarmos a vida assim: não se trata de mim, mas do que a senhora sofre.

— Fugir! Tornar-me ostensivamente a sua amante! — replicou com maldade.

— Ana! — gritou ele ofendido.

— Sim, a sua amante e perder tudo... — Ela queria ainda dizer o *meu filho,* mas não pôde pronunciar essa palavra.

Vronsky era incapaz de compreender que essa forte e leal natureza de mulher aceitava a situação falsa em que se encontrava sem procurar sair dela; ele não duvidava de que o obstáculo era a palavra «filho», que ela não se podia resolver a articular.

Quando Ana imaginava a vida da criança com o pai, que ela tinha abandonado, o horror da sua falta parecia-lhe de tal ordem que, como verdadeira mulher, já não se encontrava em estado de raciocinar e só procurava certificar-se e persuadir-se de que tudo poderia ainda continuar como dantes; era-lhe preciso então esquecer o terrível pensamento: «Em que se tornará o meu filho?»

— Peço-te, peço-te! — implorou ela num tom diferente de ternura e sinceridade. — Não me fales mais neste assunto.

— Mas, Ana!

— Nunca, nunca. Deixa-me ser o juiz da situação. Eu bem lhe compreendo a baixeza e o horror, mas não é tão fácil como tu julgas mudar coisa alguma. Tem confiança em mim e não me tornes a falar disso. Prometes-mo?

— Prometo tudo, mas como queres tu que eu esteja tranquilo depois do que me acabas de confiar?! Posso eu andar sossegado, quando tu o estás tão pouco?

— Eu? — repetiu ela. — É verdade que me tenho atormentado, mas tudo isto passará se não me falares de mais nada.

— Não compreendo...

— Eu bem sei — interrompeu ela — quanto o teu caráter leal sofre em mentir; fazes-me dó e muitas vezes eu digo para mim que tu sacrificaste a tua vida por mim.

— É precisamente o que eu dizia de ti! A todas as horas eu perguntava como te tinhas podido imolar a mim! Nunca me perdoarei o ter-te tornado infeliz!

— Eu, infeliz! — exclamou aproximando-se dele com um sorriso cheio de amor. — Eu! Mas se eu sou semelhante a um ser que morria de fome e a quem deram de comer! Esquece-se de que tem frio e de que está coberto de farrapos, e não se sente desgraçado. Eu desgraçada! Não, eis a minha felicidade...

A voz de Sergei, que vinha entrando, já se ouvia. Ana deitou um rápido olhar à volta do terraço, levantou-se vivamente e lançou rapidamente as suas belas mãos cheias de anéis à cabeça de Vronsky: olhou-o longamente, aproximou-lhe o rosto do seio, beijou-o nos lábios e nos olhos e depois quis repeli-lo e deixá-lo, mas ele deteve-a.

— Quando? — murmurou olhando-a com arrebatamento.

— Hoje há uma hora — respondeu ela num suspiro, e correu ao encontro do filho. Sergei tinha sido surpreendido pela chuva no meio do parque e refugiara-se num pavilhão com a aia. — Então até logo — acrescentou ela. — Vou-me arranjar para as corridas: Betsy prometeu vir buscar-me.

Vronsky olhou para o relógio e partiu precipitadamente.

Capítulo 24

Vronsky estava tão comovido e tão preocupado que, tendo olhado para o relógio, não vira as horas.

Todo cheio com o pensamento de Ana, dirigiu-se para a caleche, avançando com precaução pelo caminho cheio de lama. A sua memória era já instintiva e recordava-lhe somente o que tinha resolvido fazer, sem que a reflexão interviesse. Aproximou-se do cocheiro adormecido na almofada, acordou-o maquinalmente, observou as nuvens de mosquitos que voejavam por cima dos cavalos cobertos de suor, saltou para a caleche e mandou seguir para casa de Bransky; tinha já feito seis a sete verstas quando a presença de espírito lhe voltou; compreendeu então que já estava atrasado e olhou de novo para o relógio. Eram cinco horas e meia.

Nesse dia devia haver muitas corridas. Primeiro os cavalos de tiro; depois uma corrida para oficiais de duas verstas e uma segunda de quatro; aquela em que ele devia entrar era a última. Em rigor podia chegar a tempo sacrificando Bransky, senão arriscava-se a chegar ao campo quando a corrida tivesse acabado, o que não era conveniente. Infelizmente tinha prometido ir a casa de Bransky: continuou, pois, dirigindo-se para lá, recomendando ao cocheiro para apressar os cavalos. Cinco minutos de demora em casa de Bransky e partiu imediatamente a galope; esse movimento rápido fez-lhe bem. Pouco a pouco ia esquecendo os seus cuidados para só sentir a emoção da corrida e o prazer de não faltar; passava à frente de todos os carros que vinham de S. Petersburgo ou dos arredores.

Em casa não encontrou ninguém a não ser o criado, que o esperava no limiar da porta; já todos tinham partido.

Enquanto mudava de fato, o criado teve tempo de lhe contar que a segunda corrida tinha começado e que muitas pessoas tinham vindo informar-se dele.

Vronsky vestiu-se sem pressa — porque sabia conservar a calma

necessária — e fez-se conduzir de carro às cocheiras. Era um oceano de equipagens de todos os feitios, peões, soldados e todas as tribunas cheias de espectadores — a segunda corrida devia com efeito estar-se realizando, porque ele ouviu um toque de sineta. Tinha encontrado junto da cocheira o alazão de Mahotine, o Gladiador, que era levado à mão, tapado com uma cobertura alaranjada e azul com enormes orelhas.

— Onde está Cord? — perguntou ao palafreneiro.

— Na cocheira, está a aparelhar.

Froufrou estava já selada no seu compartimento aberto e iam tirá-la para fora.

— Não cheguei tarde?

— *All right, all right* — respondeu o inglês. — Não se inquiete.

Vronsky lançou um último olhar para as formas belas da égua e deixou-a com pesar: toda ela tremia. O momento era propício para se aproximar das tribunas sem ser notado; a corrida de duas verstas estava a acabar e todos os olhos estavam fitos num cavaleiro da guarda e num hússar que vinha logo atrás dele, os quais chicoteavam desesperadamente os cavalos aproximando-se da meta. De todos os lados corria gente e um grupo de soldados e oficiais da guarda saudavam com gritos de triunfo o seu oficial e camarada.

Vronsky misturou-se na multidão no momento em que a sineta anunciava o fim da corrida, enquanto o vencedor coberto de lama se sentava sobre a sela e deixava cair a rédea do seu cavalo baio, esbofado e cheio de suor.

O cavalo, fincando com custo as pernas, deteve com dificuldade a sua carreira rápida; o oficial, como se saísse de um sonho, olhava à volta de si e sorria com esforço. Uma multidão de amigos e curiosos rodeava-o.

Era a custo que Vronsky evitava as pessoas da sociedade elegante, que circulavam tranquilamente à volta da galeria, conversando; tinha já visto Ana, Betsy e a mulher do irmão, e não queria aproximar-se delas para evitar toda a distração. Mas a cada passo encontrava gente conhecida que o demorava e lhe contava alguns pormenores da última corrida, ou lhe perguntava a causa da demora dele.

Enquanto se distribuíam os prémios no pavilhão e que cada um se dirigia para seu lado, Vronsky viu aproximar-se seu irmão Alexandre; como Alexei era um homem de meio corpo e um pouco gordo; mas era mais belo, embora o rosto fosse mais corado, com um nariz de bebedor; trazia vestido o uniforme de coronel com as agulhas de ajudante.

Alexandre Vronsky, apesar da sua vida debochada e da sua predileção pelo vinho, frequentava unicamente a sociedade da corte. Enquanto ia falando com o irmão de um assunto desagradável, sabia conservar a fisionomia sorridente de um homem que estivesse gracejando de uma maneira inofensiva e isto por causa dos olhares que sentia pousados sobre eles.

— Recebi, sim, mas não compreendo porque é que tu te inquietas.

— Inquieto-me com isso que, conforme mo fizeram notar, te fez agora demorar e que te levou a Peterhof segunda-feira.

— Há coisas que não podem ser julgadas senão por aqueles a quem elas interessam diretamente e o negócio, com que tu te preocupas, é de tal natureza...

— Sim, mas nesse caso não se fica ao serviço, não se...

— Deixa-me isso a mim... é o que te peço.

Alexei Vronsky empalideceu e o rosto contraído teve um estremeção; raramente se encolerizava, mas quando isso acontecia o queixo punha-se-lhe a tremer e tornava-se perigoso. Alexandre sabia-o e sorriu alegremente.

— Eu só te quis entregar a carta da nossa mãe; responde-lhe e não estejas a criar mau sangue antes da corrida. *Bonne chance!* — ajuntou em francês, afastando se.

— Tu já não conheces os amigos? Bons dias, meu caro!

Era Stepane Arcadievitch com o rosto animado, as suíças perfumadas e bem penteadas, tão brilhante no mundo elegante de S. Petersburgo como em Moscovo.

— Cheguei ontem e eis-me entusiasmado para assistir ao teu triunfo. Quando nos tornaremos a ver?

— Amanhã no jantar dos oficiais — disse Vronsky. E desculpando-se por o deixar, apertou-lhe a mão e dirigiu-se para o sítio onde os cavalos tinham sido levados para a corrida de obstáculos.

Os palafreneiros traziam os cavalos esfalfados pela última corrida, enquanto os da corrida seguinte iam aparecendo uns atrás dos outros. Eram na maior parte cavalos ingleses, com as pernas apertadas em faixas e tapados de coberturas — dir-se-iam enormes aves.

Froufrou, bela na sua magreza, aproximava-se, colocando um pé depois do outro num passo elástico; não longe estavam já tirando ao Gladiador a sua cobertura; as formas soberbas, regulares e robustas do cavalo, com a sua anca esplêndida e as pernas admiravelmente talhadas, atraíram a atenção de

Vronsky.

Quis aproximar-se de Froufrou, mas alguém deteve-o ainda na passagem.

— Olha, Karenine anda à procura de mulher, que está no pavilhão. Viu-a?

— Não — respondeu Vronsky sem voltar a cabeça para o lado, onde lhe apontavam Karenine, e aproximou-se do cavalo.

Mal tinha tido tempo de examinar o que faltava arranjar na sela quando chamaram os que deviam correr para lhes distribuir os números de ordem. Aproximaram-se todos sérios, quase solenes, e muitos dentre eles bastante pálidos; eram ao todo dezassete. Vronsky foi o n.º 7.

— A cavalo! — gritaram.

Vronsky aproximou-se do seu cavalo; sentia-se, como os camaradas, o ponto de mira de todos os olhares e, como sempre, o mal-estar que sentia tornava-lhe os movimentos mais demorados.

Cord tinha vestido o seu fato melhor em honra da corrida; trazia casaco preto abotoado até ao pescoço; o colarinho da camisa, muito engomado, fazia-lhe salientar as faces; as botas eram de cavalaria e na cabeça exibia um chapéu redondo. Calmo e importante, segundo o costume, estava junto da cabeça da égua, segurando ele próprio as rédeas. Froufrou tremia e parecia presa de um acesso de febre; os olhos cheios de fogo olhavam Vronsky de lado. Este passou a mão pela cilha da sela — a égua recuou arrebitando as orelhas e o inglês esboçou um sorriso à ideia de que alguém pudesse duvidar da forma como ele selava um cavalo.

— Monte, que estará mais sossegado — disse ele.

Vronsky lançou um último olhar sobre os concorrentes: sabia que já não os tornaria a ver durante a corrida. Dois dentre eles dirigiam-se já para o ponto de partida. Goltzem, um amigo e um dos melhores corredores, andava às voltas do seu cavalo baio sem o poder montar. Um hússar pequeno da guarda, com calças de cavalaria e dobrado em dois sobre o cavalo para imitar os ingleses, andava galopando. O príncipe Kouzlof, branco como linho, montava uma égua *pur sang,* que um inglês levava à mão. Vronsky conhecia, como todos os seus camaradas o amor-próprio feroz de Kouzlof, junto à fraqueza dos seus nervos. Todos sabiam que tinha medo de tudo — mas por causa desse medo, tinha resolvido correr, e porque se arriscava a quebrar a cabeça tinha junto de cada obstáculo um cirurgião com enfermeiros e macas.

Vronsky sorriu-lhe com ar de aprovação; mas o rival mais terrível de

todos, Mahotine, não estava lá.

— Não tenha pressa — dizia Cord a Vronsky — e não esqueça uma coisa importante: diante de cada obstáculo é preciso que não repuxe nem lance o cavalo. Deixe-o saltar à vontade e como ele quiser.

— Está bem — respondeu Vronsky tomando as rédeas.

— Não perca a coragem, mesmo que seja o último.

Sem deixar à égua o tempo de fazer o menor movimento, Vronsky saltou ligeiramente para a sela, acertou as rédeas entre os dedos e Cord deixou o animal. Froufrou alongou o pescoço a repuxar a rédea; parecia perguntar com que pé devia partir e balanceava o cavaleiro com o dorso flexível, avançando num passo elástico. Cord seguia-a com grandes passadas. A égua agitada procurava enganar o cavaleiro e ora se lançava para a direita, ora para a esquerda; Vronsky procurava sossega-la inutilmente com a voz e com as mãos.

Aproximava-se da ribeira, do sítio onde era o ponto de partida; Vronsky precedido de uns, seguido por outros, ouviu atrás de si, sobre a lama do caminho, o galope de um cavalo. Era o Gladiador, montado por Mahotine; este sorriu ao passar, mostrando os dentes grandes. Vronsky respondeu-lhe num olhar irritado. Não gostava de Mahotine e essa maneira de galopar junto dele e de excitar o cavalo desagradou-lhe; de resto sentia nele o seu único rival sério.

Froufrou partiu a galope com a mão direita, deu dois pulos e, zangada por se sentir sopeada pelo bridão, mudou de passo e tomou um trote que sacudia fortemente o cavaleiro.

Descontente, Cord corria ao lado de Vronsky quase tão depressa como ele.

Capítulo 25

O campo das corridas, uma elipse de quatro verstas que se estendia diante do pavilhão principal, tinha nove obstáculos: a ribeira, uma barreira alta defronte do pavilhão, um fosso, um outro cheio de água, uma cancela, uma banqueta irlandesa (o mais difícil obstáculo) isto é, uma paliçada coberta de verde por detrás da qual um segundo fosso invisível obrigava o cavalo a saltar dois obstáculos ao mesmo tempo com risco de se matar, e depois da banqueta ainda três fossos dos quais dois cheios de água, e finalmente a chegada diante do pavilhão. Não era no próprio círculo que começava a corrida, mas a uma centena de metros, e neste espaço é que se encontrava o primeiro obstáculo, a ribeira, que se podia à vontade saltar ou passar a pé.

Os cavaleiros alinharam-se ao sinal, mas três vezes a fio partiram sem ele ser ainda dado; foi preciso recomeçar. O coronel que dirigia a corrida começava a impacientar-se quando enfim à quarta vez os cavaleiros partiram.

Todos os olhos e todos os binóculos se tinham dirigido para os corredores.

— Partiram! Lá vão! — gritava-se de todos os lados.

E para melhor os verem, os espectadores precipitaram-se isoladamente ou em grupos para o sítio donde os podiam ver melhor. A princípio, os cavaleiros dispersaram-se um pouco; de longe pareciam correr todos juntos, mas as distâncias que os separavam tinham sua importância.

Inicialmente, Froufrou, agitada e muito nervosa, perdeu terreno, mas Vronsky, sempre aguentando-a, tomou facilmente a dianteira a dois ou três cavalos, e dentro em pouco só tinha diante de si o Gladiador, que a precedia em todo o seu comprimento, e a linda Diana à cabeça de todos, levando a cavalo o infeliz Kouzlof, meio morto de medo.

Durante esses primeiros minutos, Vronsky não pôde ser senhor de si nem da montada.

Gladiador e Diana aproximaram-se e saltaram a ribeira quase num

mesmo pulo; Froufrou elevou-se ligeiramente atrás deles como levada por asas; no momento em que Vronsky se sentia no ar, viu sob os pés da égua Kouzlof debatendo-se com Diana do outro lado da ribeira (tinha largado as rédeas depois de ter saltado, de modo que o cavalo caíra com ele); Vronsky só notou estes pormenores muito tarde; então só viu que Froufrou ia cair sobre o corpo de Diana, mas Froufrou, semelhante a um gato que cai, fez um esforço com o dorso e com os pés no salto e veio cair em terra para além do cavalo caído.

Oh, minha linda!, pensou Vronsky.

Depois da ribeira tornou-se senhor do cavalo e demorou-o mesmo um pouco com a intenção de saltar a grande barreira atrás de Mahotine, que ele contava vencer no terreno livre de obstáculos.

Essa grande barreira elevava-se mesmo em frente do pavilhão imperial; o próprio imperador, a corte, uma multidão imensa os via aproximar.

Vronsky sentia todos esses olhares fixos nele, mas só via as orelhas da égua, a terra desaparecendo diante dele, a garupa do Gladiador e os seus pés brancos batendo o solo cadenciadamente e conservando sempre a mesma distância à frente de Froufrou. Gladiador avançou para a barreira, agitou a cauda cortada e desapareceu aos olhos de Vronsky sem ter tocado o obstáculo.

— Bravo! — gritou uma voz.

No mesmo momento as grades da barreira passavam como um relâmpago diante de Vronsky, o cavalo saltou sem mudar de andamento, mas ele ouviu atrás de si um ruído: Froufrou, animada pela vista do Gladiador, saltara antes de tempo e tocara a barreira com as ferraduras dos pés; o andamento no entanto não variou e Vronsky, com o rosto salpicado de lama, compreendeu que a distância não tinha diminuído, vendo diante dele a garupa de Gladiador, a cauda curta e os seus rápidos pés brancos.

Froufrou parecia fazer as mesmas reflexões que o dono porque, sem ser excitada, aumentou sensivelmente de velocidade e aproximou-se de Mahotine obliquando para a corda, que Mahotine continuava a conservar. Vronsky ia perguntando a si mesmo se não poderia passar-lhe adiante do outro lado da pista quando Froufrou, mudando de mão, tomou ela mesmo essa direção. A espádua, brilhante de suor, aproximou-se da garupa do Gladiador. Durante alguns segundos correram um perto do outro, mas para se aproximar da corda Vronsky excitou o cavalo e vivamente na descida passou à frente de

Mahotine, cujo rosto coberto de lama entreviu; pareceu-lhe que ele sorria. Embora ficasse para trás estava próximo e Vronsky ouvia sempre o mesmo galope regular e a respiração cansada, mas nada precipitada do cavalo dele.

Os dois obstáculos seguintes, o fosso e a barreira, foram bem saltados, mas o galope e a respiração do Gladiador aproximavam-se; Vronsky forçou o andamento de Froufrou e sentiu com alegria que ela aumentava facilmente a velocidade; o som das ferraduras do Gladiador afastava-se.

Era ele agora que dirigia a corrida como o tinha desejado e como lhe tinha sido recomendado por Cord; estava certo do sucesso. A sua comoção, a alegria e a ternura por Froufrou iam crescendo sempre. Teria querido voltar-se, mas não ousava olhar para trás e procurava acalmar-se e não desnortear a montada. Um único obstáculo sério, a banqueta irlandesa, lhe faltava para saltar; se ao passá-lo ainda fosse o primeiro, o seu triunfo tornava-se infalível. Ele e Froufrou viram a banqueta ao longe e ambos, cavalo e cavaleiro, experimentaram um momento de hesitação. Vronsky notou essa hesitação nas orelhas da égua e ia a levantar já o chicote quando compreendeu a tempo que ela bem sabia o que tinha a fazer. O bom animal continuou e, como ele o previra, abandonou-se à velocidade adquirida que o transportou para além do fosso; depois retomou a carreira sem esforço, sem ter mudado de mão.

— Bravo, Vronsky! — gritaram.

Ele sabia que os camaradas e os amigos estavam junto do obstáculo e distinguiu a voz de Yashvine, mas sem o ver.

Oh, minha bela!, pensava ele de Froufrou, escutando o que se passava atrás dele.

— Saltou — disse, ouvindo aproximar-se o galope do Gladiador.

Um último fosso, não muito largo, faltava ainda; Vronsky pouca atenção lhe ligava, mas querendo chegar muito primeiro que os outros pôs-se a esporear a égua. A égua esgotava-se; o pescoço e as espáduas estavam molhados, o suor corria-lhe das orelhas e da cabeça; a respiração tornava-se curta e exausta. No entanto ele sabia que ela teria forças para ganhar a distância que a separava do fim e só notava a aceleração da velocidade porque ele quase que tocava no chão. O fosso foi saltado sem que ele desse por isso. Froufrou mais se elevou no ar, como uma ave, do que saltou; mas nesse momento Vronsky sentiu com horror que em lugar de acompanhar o andamento do animal, o peso do seu corpo tinha caído em falso sobre a sela

por um movimento inexplicável e imperdoável. Como tinha sido isso? Não o podia saber, mas compreendeu que uma coisa terrível lhe tinha acontecido; o alazão de Mahotine passou por diante dele, como um raio.

Vronsky tocara com um pé no chão; a égua tombou sobre este pé e ele mal tinha tido tempo de se soltar quando ela caiu por completo, soprando com dificuldade e fazendo com o pescoço delicado e coberto de suor inúteis esforços para se levantar, revolvendo-se no chão e debatendo-se como uma ave ferida.

Vronsky, com o movimento que tinha feito na sela, tinha-lhe quebrado a espinha; mas só mais tarde é que compreendeu a sua falta. Agora só via uma coisa: era o Gladiador que se afastava rapidamente e ele que para ali estava, só, sobre a terra lamacenta, diante de Froufrou caída, que dirigia para ele os seus olhos lindos. Ainda sem compreender, puxou-lhe pela rédea. O pobre animal novamente se agitou como um peixe preso no anzol e procurou levantar-se sobre as patas dianteiras; mas impotente para levantar as detrás, caiu a tremer sobre o chão. Vronsky, pálido e desfigurado pela cólera, deu-lhe um pontapé no ventre para a forçar a erguer-se; ela nem se mexeu e lançou ao dono olhares que falavam, mergulhando o focinho no chão.

— Meu Deus, o que fiz? — quase que uivou Vronsky agarrando a cabeça com as duas mãos. — Que fiz eu?

E o pensamento da corrida perdida, da sua falta humilhante e imperdoável, do infeliz animal inutilizado, tudo o acabrunhou num momento.

— Que fiz eu?

Vinha gente correndo em direção a ele; o cirurgião e o seu ajudante, e alguns camaradas. Com grande pesar seu sentia-se são e salvo.

A égua tinha a espinha dorsal quebrada, era preciso matá-la. Incapaz de proferir uma só palavra, Vronsky não pôde responder às perguntas que lhe fizeram; deixou o campo das corridas sem levantar o boné caído no chão, caminhando ao acaso sem saber para onde ia. Estava desesperado! Pela primeira vez na sua vida, era vítima de uma infelicidade a que não podia dar remédio e de que era só ele o único culpado!

Yashvine correu para junto dele com o boné e levou-o para casa; ao cabo de uma meia hora, acalmou-se e tornou-se senhor de si; mas essa corrida foi durante muito tempo uma das recordações mais desagradáveis, mais cruéis da sua vida.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 26

As relações entre Alexei Alexandrovich e sua mulher pareciam não ter mudado exteriormente; em todo o caso poder-se-ia notar que Karenine estava mais sobrecarregado de trabalho do que nunca.

Depois da primavera partiu segundo o costume para o estrangeiro a fim de descansar das fadigas do inverno, fazendo uma cura de águas.

Voltou em julho e retomou as funções do seu cargo com uma nova energia. A mulher instalara-se no campo dos arredores de S. Petersburgo, como de costume; ele ficara na cidade.

Desde a conversa que tinham tido, depois da *soirée* da princesa Tverkoi, nunca mais entre ambos se tratara de suspeitas nem de ciúmes; mas o tom de ironia habitual a Alexei Alexandrovich foi-lhe muito cómodo nas suas relações de então com a mulher; a sua frieza aumentou, embora parecesse só conservar uma certa contrariedade; era só uma sombra, nada mais.

«Tu não te quiseste explicar comigo», parecia ele dizer, «tanto pior para ti; hás de ser tu que agora virás ter comigo e então chegará a minha vez de me não querer explicar».

E dirigia-se à mulher em pensamento, como um homem furioso que, não podendo extinguir um incêndio, dissesse ao fogo: Vá, arde, tanto pior para ti!

Ele, esse homem tão fino e tão sensato, quando se tratava de questões do seu cargo, não via o que essa sua conduta tinha de absurda, e se o não via era porque a situação lhe parecia muito terrível para se atrever a avaliá-la. Preferiu ocultar o seu amor pela mulher e pelo filho num recanto da sua alma, como num cofre bem selado, e tomou até para com a criança uma atitude singularmente fria, só o tratando por «mancebo» com esse mesmo tom irónico que empregava com Ana.

Alexei Alexandrovich pretendia não ter tido nunca uns negócios tão importantes a tratar como nesse ano; mas não confessava que era ele próprio que os criava para não ter de abrir esse cofre secreto que continha

sentimentos tanto mais perturbadores quanto mais tempo estavam guardados.

Se alguém se tivesse arrogado o direito de lhe perguntar o que pensava acerca da conduta da mulher, esse homem calmo e pacífico ter-se-ia encolerizado em lugar de responder. Também o seu rosto tomava um ar digno e severo todas as vezes que lhe perguntavam noticias de Ana. E à força de não querer pensar em nada que dissesse respeito à conduta de sua mulher, Alexei Alexandrovich não pensava.

A casa de verão dos Karenine era em Peterhof e a condessa Lídia Ivanovna, que aí morava quase sempre, mantinha frequentes relações de boa vizinhança com Ana. Nesse ano, porém, a condessa não tinha querido habitar Peterhof e falando um dia com Karenine fez-lhe algumas alusões aos inconvenientes da intimidade de Ana com Betsy e Vronsky.

Alexei Alexandrovich fê-la deter severamente, declarando-lhe que para ele sua mulher estava acima de toda a suspeita; desde esse dia procurou evitar a condessa. Decidido a nada ver, não notava que muitas pessoas começavam a falar de mais de sua mulher, não procurando compreender a razão por que esta tinha insistido para se mudar para Tsarskoi, onde morava Betsy, não longe do campo de Vronsky.

Ele não se permitia refletir e não refletia; mas apesar de tudo, sem mesmo se explicar consigo próprio, sem ter nenhuma prova em que se apoiasse, sentia-se enganado, não o duvidava, e por isso sofria profundamente.

Quantas vezes lhe não sucedera durante os oito anos da sua harmonia conjugal perguntar, vendo casais desunidos: «Como acontece isto? E como esta gente não procura sair por todo o preço de uma situação assim tão absurda?»

E agora que a desgraça batia à sua própria porta, não somente não pensava em se tirar dessa situação, como nem sequer o queria admitir, e isso pelo que ela lhe oferecia de espantosamente terrível e contranatura.

Depois do seu regresso do estrangeiro, Alexei Alexandrovich fora duas vezes ter com a mulher ao campo; uma vez para jantar e a outra para lá passar a noite destinada à receção, mas sem se deitar, como o fazia nos outros anos.

O dia das corridas tinha sido para ele um dia cheio; contudo pela manhã, fazendo o programa do seu dia, decidira-se a ir a Peterhof depois de jantar cedo e daí às corridas, onde se devia encontrar a corte e onde era conveniente aparecer. Também por conveniência resolveu ir todas as semanas a casa da

mulher; estava então no dia quinze do mês e estava combinado mandar-lhe nesse dia o dinheiro necessário para as despesas da casa.

Tudo isto tinha sido decidido com a força de vontade que ele possuía e sem que permitisse ao pensamento avançar mais.

A manhã tinha sido muito ocupada; na véspera recebera uma brochura de um viajante célebre pelas suas viagens na China, acompanhada de uma carta da condessa Lídia, pedindo-lhe que recebesse esse viajante, que lhe parecia por muitas razões ser um homem útil e interessante.

Alexei Alexandrovich, não tendo podido acabar a leitura do livro de noite, acabou-a de manhã. Depois vieram os pedidos, os relatórios, as receções, as nomeações, as demissões, as distribuições de recompensas, a correspondência, todo o «trabalho dos dias úteis», como ele dizia.

Em seguida vinha o seu trabalho pessoal, a visita do médico e do seu procurador. Este último tomou-lhe pouco tempo; veio-lhe unicamente entregar dinheiro e um relatório muito conciso sobre o estado dos seus negócios, que nesse ano não eram muito brilhantes; as despesas tinham sido muito fortes e havia um deficit.

O doutor, um médico célebre em relações de amizade com Karenine, tomou-lhe pelo contrário um tempo considerável. Tinha vindo sem ser chamado. Alexei Alexandrovich ficou admirado com a sua visita e com a sua atenção escrupulosa com que o auscultou e o interrogou: ignorava que, chocado pelo seu estado pouco normal, a sua amiga, a condessa Lídia, tivesse ido pedir ao médico que o viesse examinar bem.

— Faça-o por mim — tinha dito a condessa.

— Fá-lo-ei pela Rússia, condessa — replicou o doutor.

— Que excelente homem! — exclamou a condessa.

O doutor ficou descontente com o seu exame. O fígado estava congestionado, a alimentação era má e o resultado das águas nulo. Ordenou mais exercício físico, menos tensão de espírito e sobretudo nenhuma precaução moral; isto era tão fácil como não respirar.

O médico foi-se, deixando Alexei Alexandrovich sob a impressão desagradável de que tinha um princípio de doença a que não podia dar remédio.

Deixando o doente, o doutor encontrou cá fora o chefe do gabinete de Alexei Alexandrovich, Studine, um colega da Universidade; esses senhores encontravam-se raramente, mas nem por isso deixavam de ser bons amigos;

também o doutor não teria falado a outros com a mesma franqueza que a Studine.

— Estou muito satisfeito por ter vindo vê-lo — disse este — isto não vai bem, parece-me; o que diz?

— O que digo! — respondeu o doutor, fazendo por cima da cabeça de Studine um sinal ao cocheiro para aproximar a carruagem. — Eis o que eu digo — e puxou com as mãos brancas um dedo da sua luva. — Se o senhor quiser partir uma corda que esteja muito tensa, dificilmente o conseguirá; mas se a apertar o mais que puder, quebrá-la-á só com um leve toque de um dedo. É o que lhe acontece a ele com a sua vida muito sedentária e o seu trabalho muito conscienciosо; há também uma pressão violenta de cá de fora — concluiu o doutor, levantando as pálpebras num ar significativo. — Vai logo às corridas? — ajuntou entrando para o trem. — Sim, com certeza, isso toma muito tempo — respondeu a algumas palavras de Studine, que não chegaram até ele.

Logo depois do doutor veio o célebre viajante e Alexei Alexandrovich, ajudado pelo livro que tinha lido na véspera e por algumas noções anteriores sobre o assunto, espantou o visitante pela extensão dos seus conhecimentos e pela largueza das suas vistas. Ao mesmo tempo anunciavam-lhe o marechal do governo, que havia pouco tinha chegado a S. Petersburgo, com o qual teve de falar.

Depois da partida do marechal foi preciso acabar o trabalho do dia com o chefe de gabinete, depois fazer uma visita importante e grave a uma personagem oficial.

Alexei Alexandrovich só teve ocasião de ir a casa para jantar às cinco horas com o seu chefe de gabinete, que convidou para o acompanhar ao campo e às corridas.

Sem que ele desse por isso, procurava agora sempre um terceiro que assistisse às suas entrevistas com a mulher.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 27

Ana estava no quarto, em pé diante do espelho, dando um último nó no vestido com a ajuda de Annouchk, quando um ruído de rodas no pátio se ouviu.

É muito cedo para ser Betsy, pensou ela e, olhando pela janela, viu uma carruagem e, dentro, o chapéu e as orelhas bem conhecidas de Alexei Alexandrovich. *Que aborrecimento! Não podia vir só à noite?*, pensou ela, e os resultados que esta visita podia ter espantaram-na; sem se dar um minuto de reflexão e sob o império desse espírito de dissimulação e mentira, que lhe era familiar e que a dominava, desceu, radiante de alegria, a receber o marido, pondo-se a falar sem saber o que dizia.

— Como é amável! — disse ela estendendo a mão a Karenine enquanto sorria para Studine como a um familiar da casa. — Espero que fiques cá esta noite. — O demónio da mentira soprava-lhe estas palavras. — Iremos juntos às corridas, sim? Que pena que me tenha comprometido com Betsy, que me há de vir buscar!

Alexei Alexandrovich fez uma careta ligeira a este nome.

— Oh! Por forma nenhuma quero ir separar as inseparáveis — disse ele num tom irónico. — Iremos os dois, eu e Miguel Varsilievitch. O doutor recomendou-me exercício; farei parte do caminho a pé; até me julgarei ainda nas águas.

— Mas não há pressa — disse. — Quer chá?

E tocou a campainha.

— Sirva o chá e vá prevenir Sergei de que Alexei Alexandrovich chegou. E a tua saúde?... O senhor ainda não tinha vindo a minha casa, Miguel Varsilievitch: vejam como eu arranjei bem a minha janela — disse ela dirigindo-se ora ao marido, ora ao visitante.

Falava simples e naturalmente, mas muito, muito depressa, o que ela percebeu surpreendendo o olhar curioso de Miguel Varsilievitch, que a estava

observando às furtadelas.

Este afastou-se para o lado do terraço e ela foi sentar-se junto do marido.

— Tu não tens boa cara — disse ela.

— Sim, o doutor veio esta manhã e tomou-me uma hora; estou persuadido de que foi mandado por um dos meus amigos; a minha saúde é tão preciosa!

Ela fez-lhe perguntas sobre a saúde dele, sobre os seus trabalhos, aconselhando-lhe repouso e convidando-o a vir instalar-se no campo. Tudo isto era dito alegremente, com vivacidade e animação; mas Alexei Alexandrovich não ligava importância especial a esse tom; só ouvia as palavras e tomava-as no seu sentido próprio, respondendo simplesmente, embora um pouco ironicamente. Essa conversa nada tinha de particular, mas, no entanto, Ana não podia mais tarde lembrar-se dela sem sentir um verdadeiro sofrimento.

Sergei entrou acompanhado da perceptora; se Alexei Alexandrovich se permitisse observar, teria notado o ar timorato com que a criança olhou os pais, primeiro o pai, depois a mãe; mas ele nada queria ver e não viu nada.

— Olá! Bons dias, mancebo! Como temos crescido! Daqui a pouco estamos um homem.

E estendeu a mão à criança perturbada. Sergei tinha sido sempre tímido com o pai, mas depois que este lhe chamava «mancebo» e desde que atormentava a cabeça para saber se Vronsky era um amigo ou um inimigo tornara-se mais tímido ainda. Voltou-se para a mãe como a procurar proteção; só ao pé dela se sentia bem à vontade. Durante esse tempo Alexei Alexandrovich agarrava o filho pelo ombro e interrogava a perceptora sobre a sua conduta. Ana previu chegado o momento em que a criança, sentindo-se mal, se iria debulhar em lágrimas. Tinha corado vendo-o entrar e, notando-lhe o embaraço, levantou-se vivamente, tirou das costas da criança a mão de Alexei Alexandrovich, beijou-a e mandou-a para o terraço. Depois veio juntar-se ao marido.

— Está a fazer-se tarde — disse ela olhando para o relógio. — Porque não veio ainda Betsy?

— É verdade — disse Alexei Alexandrovich fazendo estalar os nós dos dedos e levantando-se. — Vim também trazer-te dinheiro. Deves precisar, porque não se comem canções de rouxinol.

— Não... sim... preciso — disse Ana corando até à raiz dos cabelos e sem

olhar o marido. — Mas não voltas depois das corridas?

— Sim — respondeu Alexei Alexandrovich. — Eis a glória de Peterhof, a princesa Tverskoi! — ajuntou vendo pela janela aproximar-se do portão uma caleche inglesa. — Que elegância! É encantadora! Vamos também!

A princesa não deixou o trem; o trintanário de libré e chapéu à inglesa saltou diante da porta.

— Adeus, vou-me embora! — disse Ana beijando o filho e estendendo a mão ao marido. — Foste muito amável em vir.

Alexei Alexandrovich beijou-lhe a mão.

— Até logo. Voltas a tomar chá, sim? — disse ela afastando-se com um ar radiante e alegre. Mas mal ficou ao abrigo dos olhares deles, estremeceu com repugnância, sentindo sobre a mão os vestígios desse beijo.

Capítulo 28

Quando Alexei Alexandrovich apareceu no campo das corridas, já Ana estava sentada junto de Betsy no pavilhão principal, onde a alta sociedade se encontrava reunida: ela viu de longe o marido e seguiu-o involuntariamente com os olhos no meio da multidão. Viu-o avançar para o pavilhão, correspondendo com um desprendimento um pouco altivo aos cumprimentos daqueles que lhe procuravam chamar a atenção, trocando saudações com os seus iguais e procurando o olhar dos poderosos da terra, aos quais correspondia tirando o seu grande chapéu de coco, que lhe tocava a ponta das orelhas. Ana conhecia todas estas maneiras de cumprimentar e todas lhe eram igualmente antipáticas.

Só ambição, raiva de sucesso, nada mais; é tudo o que essa alma contém!, pensava. *Enquanto às vistas elevadas, ao amor da civilização, à religião, tudo isso são meios para atingir o seu fim, nada mais!*

Pelos olhares que Karenine deitava para o pavilhão, parecia que ele ainda não descobrira a mulher nessas ondas de musselina, de peles, de plumas, de flores e de chapéus. Ana percebeu que ele a procurava, mas fez que o não via.

— Alexei Alexandrovich — gritou a princesa Betsy — anda à procura de sua mulher? Está aqui.

Ele sorriu com o seu riso glacial.

— Tudo aqui é tão brilhante que os olhos se sentem espantados — respondeu ele aproximando-se do pavilhão.

Sorriu para Ana, como o deve fazer um marido, que há pouco acabou de deixar a mulher; cumprimentou Betsy e as outras pessoas conhecidas, galanteador com as mulheres, delicado para com os homens.

Um general célebre pelo seu espírito e pelo seu saber estava também junto do pavilhão; Alexei Alexandrovich, que o estimava muito, foi ter com ele e puseram-se a conversar.

Era no intervalo de duas corridas e o general atacava este género de

divertimento, enquanto Alexei o defendia.

Ana ouvia a voz áspera e pausada do marido, não perdendo uma só das palavras, que lhe ressoavam desagradavelmente ao ouvido.

Quando a corrida de obstáculos começou, inclinou-se para diante, não deixando Vronsky com os olhos; viu-o aproximar-se do cavalo e depois montar; a voz do marido continuava a chegar até ela, parecendo-lhe odiosa. Sofria por Vronsky, mas sofria mais ainda por causa dessa voz de que conhecia todas as entonações.

Sou uma má mulher, uma mulher perdida, acusava-se, *mas odeio as mentiras, não as suporto, enquanto ele* (o seu marido) *fazia o seu principal fito. Ele sabe tudo, vê tudo; o que poderá sentir, se é capaz de falar com esta tranquilidade? Eu teria algum respeito por ele se me matasse, se matasse Vronsky. Mas não, o que prefere é a mentira, são as conveniências!*

Ana não sabia o que teria querido encontrar da parte do marido, e não compreendia que a volubilidade de Alexei Alexandrovich, que a irritava tão vivamente, não era mais do que a expressão da sua agitação interior; era-lhe preciso um movimento intelectual qualquer, como à criança que acaba de se magoar é preciso um movimento físico para abrandar o seu mal; também Karenine precisava de se aturdir para abafar as ideias que o oprimiam em presença de sua mulher e de Vronsky, cujo nome lhe voltava constantemente à boca.

— O perigo — dizia ele — é uma condição indispensável para as corridas de oficiais; se a Inglaterra pode mostrar na sua história feitos de armas gloriosos para a cavalaria, deve-o unicamente ao desenvolvimento histórico da força nos seus homens e nos seus cavalos. O desporto, na minha opinião, tem um sentido profundo e, como sempre, nós só lhe vemos o lado superficial.

— Superficial, não tanto como isso — disse a princesa Tverskoi. — Diz-se que um dos oficiais partiu duas costelas.

Alexei Alexandrovich sorriu friamente sem expressão, mostrando os dentes.

— Admito, princesa, que esse caso é interno e não superficial, mas agora não se tratava desses casos.

E voltando-se para o general, o seu interlocutor sério, continuou:

— Não esqueça que aqueles que correm são militares, que essa carreira foi escolhida por eles e que toda a vocação tem o seu reverso de medalha:

isso entra nos deveres militares; se o desporto, as lutas de soco ou os combates de touros espanhóis são indícios de barbárie, o desporto especializado é pelo contrário um indício de desenvolvimento.

— Oh, nunca mais cá voltarei — disse a princesa Betsy. — Isto comove não é verdade, Ana?

— É verdade que comove, mas também fascina — disse uma outra senhora. — Se eu tivesse vivido no tempo dos romanos, teria frequentado o circo assiduamente.

Ana não falava, conservando o seu binóculo apontado sempre para o mesmo lado.

Nesse momento um general alto e espadaúdo atravessa o pavilhão: Alexei Alexandrovich, interrompendo bruscamente a conversa, levantou-se com dignidade e fez um respeitoso cumprimento.

— Então o senhor não corre? — disse-lhe gracejando o general.

— A minha corrida é de um género mais difícil — respondeu respeitosamente Alexei Alexandrovich. E embora esta resposta não tivesse nenhum sentido, o militar teve o ar de recolher uma sentença profunda de um homem de espírito, e de compreender a alusão. — Nesta questão há dois aspetos — continuou Alexei Alexandrovich — o do espectador e o do ator, e convenho que o amor destes espetáculos é um sinal evidente de inferioridade num público... Mas...

— Princesa, uma aposta! — gritou uma voz, a de Stepane Arcadievitch dirigindo-se a Betsy. — Por quem vai?

— Ana e eu apostamos por Kouzlof — respondeu Betsy.

— Eu por Vronsky... um par de luvas.

— Está bem.

— Como é encantador... não é verdade?

Alexei Alexandrovich calara-se durante as conversas que ouvia à volta dele, depois continuou:

— Concordo que os jogos viris...

Nesse momento ouviu-se o sinal da partida e todas as conversações acabaram.

Alexei Alexandrovich calou-se também; todos se levantavam para olhar para o lado da ribeira; como as corridas não o interessavam, em lugar de seguir os cavaleiros pôs-se a percorrer a assistência com olhares distraídos; os seus olhos detiveram-se sobre sua mulher.

Pálida e grave, nada existia para Ana fora daquilo que estava seguindo com os olhos; a mão segurava convulsivamente um leque e a sua respiração quase desaparecia de comoção. Karenine voltou-se para examinar outros rostos de mulheres.

Eis outra senhora muito comovida e acolá uma outra, é muito natural, pensou Alexei Alexandrovich: mas, mau grado seu, o seu olhar foi outra vez atraído para esse rosto onde ele lia muito claramente e com horror tudo o que ele queria ignorar.

À primeira queda, a de Kouzlof, a comoção foi geral, mas pela expressão triunfante do rosto de Ana, ele viu bem que aquele que ela olhava não tinha caído.

Quando um segundo oficial caiu sobre a cabeça, depois de Mahotine e Vronsky terem saltado a barreira grande, e que o julgaram morto, um murmúrio de horror passou na assistência; mas Alexei Alexandrovich viu que Ana nada tinha notado e que ela mal tinha compreendido a comoção geral. Alexei ia-a olhando com uma insistência crescente.

Por mais absorta que estivesse, Ana sentiu o olhar frio do marido pesar sobre ela e voltando-se para ele um momento num ar interrogador, com um ligeiro franzido de sobrancelhas, pareceu dizer-lhe: «Tudo me é indiferente!»

E não deixou mais o binóculo.

A corrida foi desastrosa: sobre dezassete cavaleiros, mais de metade tinha caído. No fim, a comoção tornou-se tão viva que o imperador testemunhou o seu descontentamento.

Capítulo 29

De resto a impressão de desgosto era unânime e toda a gente repetia a frase de um dos espectadores: «Agora só fica a arena e os leões.» O terror causado pela queda de Vronsky foi geral e o grito de horror lançado por Ana não admirou ninguém. Infelizmente o seu rosto exprimiu em seguida sentimentos mais vivos que o decoro não justificava; perdida, cheia de comoção, como uma ave presa pelo pé, queria levantar-se, fugir, voltando-se para Betsy e repetindo sempre:

— Partamos! Partamos!

Mas Betsy não a escutava. Inclinada para um militar que se tinha aproximado do pavilhão, falava-lhe com animação. Alexei Alexandrovich veio então até junto da mulher e ofereceu-lhe cortesmente o braço.

— Partamos, se o quer — disse-lhe em francês.

Ana nem mesmo deu pela sua presença, tão presa estava da conversa de Betsy e do general.

— Há quem diga que ele partiu também uma perna, mas isso não tem senso comum.

Ana, sem responder ao marido, olhava sempre com o binóculo para o sítio onde Vronsky caíra, mas era tão longe e a multidão era tanta que ela não distinguia nada; deixara cair o binóculo e estava para se ir quando um oficial a galope veio trazer notícias ao imperador.

Ana inclinou-se para a frente para ouvir.

— Stiva, Stiva! — gritou ela para o irmão, mas este não a ouviu. Então quis ainda descer, deixar aquela tribuna.

— Aqui tem o meu braço, se quer partir — repetiu Alexei Alexandrovich tocando-lhe na mão.

Ana afastou-se dele com repulsão e respondeu sem o olhar.

— Não, não, deixe-me, ficarei.

É porque acabava de ver um oficial que, do local do acidente, se dirigia a

toda a brida cortando caminho pelo campo de corridas.

Betsy fez-lhe um sinal com o lenço; o oficial vinha dizer que o cavaleiro não ficara ferido, mas que o cavalo tinha a espinha partida.

A esta notícia, Ana sentou-se e ocultou o rosto por detrás do leque: Alexei Alexandrovich notou que ela não só chorava, mas que não podia também reprimir os soluços, que lhe elevavam o seio. Colocou-se diante dela para a encobrir dos olhares do público e dar-lhe tempo para recobrar serenidade.

— Pela terceira vez lhe ofereço o meu braço — disse ele alguns instantes depois, voltando-se para ela.

Ana olhava-o não sabendo o que responder. Betsy veio em seu auxílio.

— Não, Alexei Alexandrovich; fui eu que a trouxe, sou eu quem a deve levar.

— Desculpe, princesa — respondeu Alexei sorrindo cortesmente e olhando-a bem de frente — mas vejo que Ana está incomodada e quero ser eu próprio a acompanhá-la.

Espantada, Ana levantou-se submissamente e tomou o braço do marido.

— Vou saber notícias, que mandarei a sua casa — murmurou lhe Betsy em voz baixa.

Alexei Alexandrovich, saindo do pavilhão, pôs-se a conversar da forma mais natural com todos os conhecidos que ia encontrando e Ana foi obrigada a escutar, até mesmo a responder; ela não estava em si e julgava caminhar num sonho ao lado do marido.

Está ferido? Tudo isto é verdadeiro? Virá ele? Vê-lo-ei hoje?, pensava ela consigo.

Silenciosamente subiu para o trem e abandonaram o campo. Apesar de tudo o que tinha visto Alexei Alexandrovich ainda se não permitia julgar sua mulher; para ele só os sinais exteriores tinham consequências; sua mulher não se portara convenientemente e julgava-se obrigado a fazer-lhe umas observações. Mas como dirigir-lhas sem ir muito além? Alexei Alexandrovich abriu a boca para falar, mas involuntariamente disse uma coisa completamente diferente da que queria dizer.

— Como é que nós podemos admirar espetáculos tão cruéis? Noto...

— O quê? Não compreendo — disse Ana com um ar de soberano desprezo.

Esse tom chocou Karenine.

— Devo dizer-lhe... — começou ele.

Eis a explicação, pensou Ana, e então teve medo.

— Devo dizer-lhe que hoje a sua conduta foi muito inconveniente — continuou ele em francês.

— Em quê? — perguntou Ana voltando-se vivamente para ele e olhando-o bem de frente, não já com a falsa alegria sob que se dissimulavam os seus sentimentos, mas com uma segurança que ocultava mal o terror que a oprimia.

— Tome cuidado — disse-lhe ele mostrando-lhe que a vidraça do trem por detrás do cocheiro estava caída. E inclinou-se para a fechar.

— O que achou de inconveniente? — interrogou ela.

— O desespero que não conseguiu dissimular quando um dos cavaleiros caiu.

E ficou esperando uma resposta, enquanto ela se calava e olhava fixamente para diante.

— Eu já lhe disse para se comportar na sociedade de uma maneira tal que as más-línguas a não possam atacar. Já houve tempo em que eu lhe falava de sentimentos Íntimos, mas hoje deixemos isso; agora só tratamos de factos exteriores; a senhora portou-se hoje de uma forma inconveniente e desejo que isto se não repita mais.

Essas palavras só dificilmente chegaram aos ouvidos de Ana: esta sentia-se aniquilada pelo terror e, contudo, só pensava em Vronsky, perguntando a si própria se era possível que ele estivesse ferido, se era bem dele que falavam quando diziam que o cavaleiro ficara são e salvo, mas que o cavalo tinha a espinha quebrada.

Quando Alexei Alexandrovich se calou, ela olhou-o com um sorriso de ironia fingida, sem responder; nada tinha compreendido. O terror que ela experimentava, comunicara-se também a ele; tendo começado, com firmeza, e depois sentindo todo o alcance das suas palavras, teve medo; o sorriso de Ana fê-lo cair num estranho erro.

Ela sorri das minhas suspeitas, com certeza que me vai dizer, como da outra vez, que elas nenhum fundamento têm, que são absurdas.

Era o que ele ardentemente desejava; tanto medo tinha de ver os seus receios confirmados que acreditaria tudo a que ela tivesse querido; mas a expressão desse rosto sombrio e aterrorizado não prometia mentir.

— Talvez me enganasse; nesse caso desculpe-me.

— Não, o senhor não se enganou — disse ela lentamente, lançando um olhar desesperado para o rosto impassível do marido. — Não se enganou: tive um desespero enorme que ainda agora não me posso impedir de sentir. Escuto-o a si e só nele é que posso pensar. Amo-o, sou sua amante e ao senhor não o posso sofrer, receio-o e abomino-o. Faça de mim o que quiser.

E lançando-se para o fundo da carruagem, cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar.

Alexei Alexandrovich não se mexeu, não mudou a direção do seu olhar, mas a expressão solene da sua fisionomia tomou uma rigidez de morte que conservou durante todo o percurso. Quando estavam próximos de casa, voltou-se para Ana e disse-lhe:

— Entendamo-nos; exijo que até ao momento em que eu tenha tomado as medidas que o caso reclama — e aqui a voz tremeu-lhe — para salvaguardar a minha honra, medidas que lhe serão comunicadas, exijo que as aparências sejam conservadas.

Saiu da carruagem e fez descer Ana; e diante dos criados apertou-lhe a mão, tornando a subir para o trem para tomar o caminho de S. Petersburgo. Mal ele tinha partido chegou um mensageiro de Betsy trazendo um bilhete.

Mandei saber notícias suas; respondeu-me que está bem, mas muito desesperado.

Então ele virá!, pensou Ana. *Foi melhor confessar tudo.*

E olhou para o relógio; faltavam ainda três horas, mas a lembrança da sua última entrevista fez-lhe bater o coração.

— Meu Deus! Como ainda está claro! É terrível, mas gosto de ver o rosto a esta luz fantástica, que amo tanto. Meu marido! Ah, sim! Tanto melhor! Tudo acabou entre nós...

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 30

Por toda a parte onde os homens se reúnem e na pequena vila de águas alemã escolhida pelos Cherbatzky forma-se sempre uma espécie de cristalização social que coloca cada um no seu lugar; tal como uma gotinha de água exposta ao frio toma invariavelmente e para sempre uma certa forma cristalina, assim cada novo banhista se encontrava invariavelmente colocado no local que lhe pertencia na sociedade.

Furst Cherbatzky sammt Gemahlin und Tochter cristalizaram imediatamente no lugar, que lhe era devido segundo a sua hierarquia social, com a casa que foram ocupar, com o seu nome e com as relações que arranjaram.

Este trabalho de estratificação operara-se contudo nesse ano com maior seriedade, porque uma verdadeira *Furstin* alemã honrava as águas com a sua presença. A princesa julgou-se obrigada a apresentar-lhe a filha e esta cerimónia teve lugar dois dias depois da sua chegada. Kitty, com uma *toilette* muito simples, isto é, muito elegante e vinda de Paris, fez uma profunda e graciosa reverência à grande dama.

— Espero — dissera-lhe ela — que as rosas renasçam bem depressa nesse lindo rosto.

E imediatamente a família Cherbatzky foi classificada de uma maneira definitiva.

Travaram também conhecimento com um lorde inglês e sua família, com uma *Grafin* alemã e seu filho, ferido na última guerra, com um sábio sueco e com o Sr. Canot e sua irmã.

Mas a sociedade íntima dos Cherbatzky formou-se quase espontaneamente com banhistas russos; eram Maria Evguenievna Rtichef e sua filha, que desagradava a Kitty porque também estava doente por causa de um amor contrariado, e um coronel moscovita que ela vira sempre fardado e a quem as gravatas de cor e o pescoço descoberto faziam achar soberanamente

ridículo. Essa sociedade pareceu tanto mais insuportável a Kitty quanto não podia pensar em desembaraçar-se dela.

Ficando só com a mãe depois da partida do velho príncipe para Carlsbad, Kitty procurou, para se distrair, observar as pessoas desconhecidas que ia encontrando; o seu génio levava-a a ver toda a gente pelo lado bom, de modo que as suas observações sobre os caracteres e as situações, que ela se divertia a adivinhar, eram imaginados com uma benevolência exagerada.

Uma das pessoas que lhe inspirou um interesse muito vivo foi uma donzela vinda às águas com uma dama russa que se chamava Stahl e que se dizia pertencer à alta nobreza. Essa senhora, muito doente, só raras vezes aparecia, arrastada num pequeno carro; a princesa assegurava que ela se afastava mais por orgulho do que por doença. A donzela, que a acompanhava, tratava-a carinhosamente e, segundo Kitty, ocupava-se dela com o mesmo zelo simples e natural de muitas outras pessoas seriamente doentes.

A senhora Stahl tratava a sua companheira por Varinka, mas Kitty assegurava que ela não a tratava nem como parente, nem como enfermeira paga; uma irresistível simpatia atraía Kitty para essa donzela e quando os seus olhares se encontravam ela imaginava agradar-lhe também.

Mademoiselle Varinka, embora jovem, parecia não ter mocidade; tanto parecia ter dezanove anos, como trinta. Apesar da sua palidez doentia, era bonita analisando-se as linhas do rosto, e teria passado por elegante e bem-feita se a cabeça não fosse grande de mais para a sua magreza. Mas não devia agradar aos homens; fazia pensar numa bela flor que, conservando sempre as suas pétalas, já estivesse fanada e sem perfume.

Varinka parecia andar sempre absorta por qualquer dever importante e não tinha ocasião para se ocupar de coisas fúteis; o exemplo dessa vida ocupada fazia pensar Kitty que, imitando-a, acharia aquilo, que andava buscando com dor: um interesse, um sentimento de dignidade pessoal, que nada tivesse de comum com essas relações mundanas de moças e de rapazes, cujo pensamento lhe parecia uma coisa vazia. Quanto mais estudava a sua desconhecida amiga, mais a desejava conhecer, persuadida de ir encontrar nela uma criatura perfeita.

As duas donzelas encontravam-se muitas vezes ao dia e os olhos de Kitty pareciam sempre dizer: «Quem é? Eu não me engano julgando-a uma alma encantadora, não é verdade?» «Eu não teria a indiscrição de solicitar a sua amizade: contento-me em admirá-la e amá-la!» «Também eu a amo e acho

encantadora», respondia o olhar da desconhecida, «ainda mais a amaria se tivesse tempo».

E na verdade estava sempre ocupada. Agora eram os filhos de uma família russa, que ela tirava do banho, logo um doente, que era preciso embrulhar num cobertor, um outro que se esforçava por distrair, ou então os doces, que ia comprar para um ou outro dos seus protegidos.

Uma manhã, pouco depois da chegada dos Cherbatzky, viram aparecer um casal, que se tornou objeto de uma atenção pouco benévola.

O homem era de estatura alta e arqueada, com umas mãos enormes, olhos negros, ao mesmo tempo simples e terríveis: trazia um casaco velho muito curto; a mulher andava também tão malvestida, com o rosto picado das bexigas e uma fisionomia muito suave.

Kitty reconheceu-os logo como Russos e já a sua imaginação esboçava um romance tocante, em que eles eram uns heróis, quando a princesa soube pela lista dos banhistas que os recém-chegados se chamavam Nicolau Levine e Maria Nicolaevna; e imediatamente pôs fim ao romance da filha explicando-lhe que este Levine era um homem muito mau.

O facto de ele ser irmão de Konstantin Levine tornou o casal mais particularmente desagradável a Kitty do que as palavras da mãe. Esse homem com movimentos esquisitos de cabeça tornou-se-lhe odioso e julgava ler nos seus olhos grandes, que a seguiam com obstinação, sentimentos irónicos e maldosos.

Por isso evitava o mais possível encontrá-los.

Capítulo 31

Como o dia estivesse chuvoso, Kitty e a mãe andavam a passear na galeria acompanhadas pelo coronel, fazendo de elegante no seu casaquinho europeu comprado em Frankfurt.

Caminhavam por um dos lados da galeria procurando evitar Nicolau Levine, que andava pelo outro. Varinka, com um chapéu preto de abas caídas para a cara, acompanhava uma francesa cega; todas as vezes que Kitty e ela se encontravam, trocavam um olhar amigo.

— Mamã, posso ir falar-lhe? — perguntou Kitty vendo a sua desconhecida aproximar-se da fonte e achando a ocasião favorável para a abordar.

— Se tens grande desejo de a conhecer, deixa-me primeiro tirar informações; mas o que lhe achas tu de notável? É uma dama de companhia. Se queres, travarei conhecimento com a Stahl. Conheci sua cunhada — ajuntou a princesa, levantando a cabeça com dignidade.

Kitty sabia que a mãe estava zangada com a atitude da Sra. Stahl, que parecia evitá-la; por isso não insistiu.

— Na verdade é encantadora! — disse Kitty vendo Varinka dar um copo de água à francesa. — Veja como tudo o que ela faz é amável e simples.

— Tu divertes-me com os teus exageros — respondeu a princesa — mas agora afastemo-nos — ajuntou vendo aproximar-se Levine, a mulher e um médico alemão, a quem ele vinha falando em voz alta e desagradável.

Quando voltavam para trás, ouviram falar alto; Levine tinha parado e gesticulava gritando; o doutor por seu turno gritava também e à volta deles fazia-se um círculo de curiosos. A princesa afastou-se rapidamente com Kitty, mas o coronel misturou-se a multidão para saber a causa da discussão.

— O que foi? — perguntou a princesa quando, depois de alguns minutos, o coronel se lhes veio reunir.

— Uma vergonha! — respondeu este. — Não há nada pior do que

encontrar russos no estrangeiro. Este senhor zangou-se com o doutor, censurou-o grosseiramente de não tratar dele como queria e por fim atreveu-se a levantar a bengala. É uma vergonha.

— Meu Deus! Como isso é desagradável! — exclamou a princesa. — E como acabou isso tudo?

— Graças à intervenção dessa rapariguita com um chapéu em forma de cogumelo; uma russa, creio eu; foi ela a primeira a agarrar esse senhor pelo braço e a levá-lo.

— Veja, mamã! — disse Kitty à mãe. — E então admira-se do meu entusiasmo por Varinka?

No dia seguinte Kitty notou que Varinka já estava relacionada com Levine e a mulher como com os seus outros protegidos; aproximava-se deles para conversar e servia de intérprete à mulher, que não falava nenhuma língua estrangeira. Kitty pediu mais uma vez à mãe para a deixar travar conhecimento com ela, e ainda que para a princesa fosse desagradável parecer ter o aspeto de se rebaixar diante da Sra. Stahl, que se permitia pôr nas tamanquinhas, edificada pelos factos que tinha presenciado, escolheu um momento em que Kitty estava na fonte para abordar Varinka diante de todos.

— Permita que me apresente eu mesma — disse ela com um sorriso de condescendência. — A minha filha simpatizou muito consigo; talvez não me conheça... Eu...

— É uma simpatia recíproca, princesa — respondeu rapidamente Varinka.

— Ontem praticou uma boa ação para com um nosso triste compatriota — disse a princesa.

Varinka corou.

— De nada me lembro; parece-me que nada fiz.

— Sim, fez; salvou esse Levine de um negócio desagradável.

— Ah, sim! A sua companheira chamou-me e eu procurei acalmá-lo; está muito doente e cheio de descontentamento com o médico. Estou habituada a tratar esse género de doenças.

— Sei que vive em Menton com a Sra. Stahl, sua tia, creio. Conheci a cunhada.

— A Sra. Stahl não é minha tia. Chamo-lhe mamã, mas ela não me é nada; fui unicamente educada por ela — respondeu Varinka corando.

Tudo isto era dito simplesmente e a expressão desse rosto encantador era

tão aberta e tão sincera que a princesa compreendeu por que razão Varinka agradava tanto a Kitty.

— E o que vai fazer esse Levine? — perguntou a princesa.

— Vai-se embora! — respondeu Varinka.

Kitty, voltando da fonte, viu nesse momento a mãe a conversar com a sua amiga; o rosto brilhou-lhe de alegria.

— O teu ardente desejo, Kitty, de conhecer a senhora...

— Varinka — disse a donzela. — É assim que me tratam.

Kitty corou de prazer e apertou por muito tempo e em silêncio a mão da sua nova amiga, que lha abandonou sem responder a esta pressão. Mas o rosto iluminou-se-lhe num sorriso feliz, ainda que melancólico, descobrindo uns dentes grandes, mas belos.

— Há muito tempo que eu também o desejava — disse.

— Mas está sempre tão ocupada...

— Eu? Pelo contrário, nada tenho que fazer — respondeu Varinka.

Mas no mesmo instante duas pequenas russas, filhas de um doente, correram para ela.

— Varinka! A mamã está a chamá-la — gritaram.

E Varinka seguiu-as.

Capítulo 32

Eis o que a princesa soube do passado de Varinka e das suas relações com a Sra. Stahl. Esta, uma mulher má e exaltada, que uns acusavam de ter sido o tormento da vida do marido pela sua má conduta, enquanto outros acusavam o marido de a ter tornado infeliz, tinha, depois da sua separação, dado à luz uma criança que logo tinha morrido. A família da Sra. Stahl, conhecendo a sua sensibilidade e receando que esta notícia a matasse, tinha substituído a criança morta pela filha de um cozinheiro da corte, nascida na mesma noite e na mesma casa de S. Petersburgo: era Varinka. A Sra. Stahl soube depois que a pequena não era sua filha, mas continuou a ocupar-se dela, tanto mais que a morte dos diversos parentes da criança a deixou completamente na orfandade.

Havia mais de dez anos que a Sra. Stahl vivia no estrangeiro, no Sul, sem quase deixar o leito. Uns diziam que ela criara no mundo um pedestal de caridade e de piedade. Outros viam nela um ser superior, de uma grande elevação moral, e asseguravam que só vivia para as boas obras: numa palavra, que era na realidade o que parecia ser. Ninguém sabia se era católica, protestante ou ortodoxa; o que era certo é que mantinha boas relações com as sumidades de todas as igrejas e de todas as confissões.

Varinka vivia sempre junto dela e todos os que conheciam a Sra. Stahl, conheciam-na também.

Kitty cada dia se ligava mais à sua amiga e sempre lhe ia descobrindo uma nova qualidade. A princesa, tendo sabido que Varinka cantava, pediu-lhe que fosse ter com eles uma tarde.

— Kitty toca piano, e se bem que o instrumento seja mau, teríamos grande prazer em a ouvirmos — disse a princesa num sorriso forçado que desagradou a Kitty, a quem o pouco desejo que Varinka tinha de cantar não escapava.

No entanto nessa mesma tarde ela veio e trouxe músicas.

A princesa convidou Maria Evguenievna, sua filha e o coronel; Varinka pareceu indiferente com a presença dessas pessoas, estranhas para ela, e aproximou-se do piano sem se fazer rogar; não sabia acompanhar-se, mas lia perfeitamente a música; foi Kitty, que tocava muito bem, que a acompanhou.

— Tem um talento notável! — disse a princesa depois do primeiro trecho, que Varinka cantou com prazer.

Maria Evguenievna e a filha juntaram os seus cumprimentos e os seus agradecimentos aos da princesa.

— Olhe o público que conseguiu atrair — disse o coronel que estava olhando pela janela.

Efetivamente junto da casa reunira-se um grande número de pessoas.

— Estou encantada por lhe ter causado este prazer — respondeu Varinka simplesmente.

Kitty olhava para a sua amiga com orgulho; era uma admiradora do seu talento, da sua voz, de toda a sua pessoa, mas mais ainda da sua conduta; era claro que Varinka não considerava digno de tal mérito o seu canto e ficava completamente indiferente aos cumprimentos: tinha simplesmente o ar de quem pergunta: «É preciso cantar mais ou não?»

Se eu estivesse no seu lugar, pensava Kitty, *como estaria altiva! Como estaria contente de ver esta multidão debaixo da janela! E a ela tudo é indiferente! Só parece sensível ao prazer de ser agradável à mamã. O que há nela? O que é que lhe dá esta força de indiferença, esta calma independente? Como queria aprender consigo?* E olhava-lhe para o rosto tranquilo.

A princesa pediu ainda um segundo trecho e Varinka cantou-o tão bem como o primeiro, com o mesmo cuidado e a mesma perfeição, muito direita junto do piano e batendo o compasso com a sua mãozita morena.

O trecho que no caderno se seguia era uma ária italiana. Kitty tocou o prelúdio e voltou-se para a cantora.

— Saltemos esse — disse Varinka corando.

Kitty, muito comovida, fixou sobre ela olhares interrogativos.

— Um outro qualquer! — apressou-se a dizer voltando as páginas, compreendendo que essa ária devia lembrar à sua amiga alguma amarga recordação.

— Não — respondeu Varinka lançando a mão a sorrir para o caderno. — Vamos cantá-lo.

E cantou-o tão tranquilamente e tão friamente, como os outros.

Quando acabou, todos lhe agradeceram e saíram do salão para irem tomar chá. Kitty e Varinka desceram para o jardim junto à casa.

— Há uma recordação ligada a esse trecho, não é verdade? — perguntou Kitty. — Não diga nada, responda unicamente se é verdade.

— Porque não lho hei de dizer francamente? Sim, é uma recordação que foi dolorosa — disse tranquilamente Varinka. — Amei alguém a quem cantava essa ária.

Kitty, com os olhos muito abertos, olhava humildemente para Varinka sem falar.

— Amei-o e ele amou-me também; mas a mãe opôs-se ao nosso casamento e ele casou com outra. Agora mora não muito longe de nós e algumas vezes o vejo. Não julgava que eu tivesse também o meu romance?

E o seu rosto pareceu iluminado, como toda a sua pessoa o devia ser noutro tempo.

— Como o poderia eu pensar? Se eu fosse homem, a ninguém mais poderia amar depois de a ter encontrado; o que não concebo é que ele a tenha podido esquecer e a tornasse desgraçada para obedecer à mãe; não devia ter coração!

— Pelo contrário, era um homem excelente e quanto a mim não sou desgraçada... Então não cantamos mais hoje? — ajuntou dirigindo-se para casa.

— Como é boa! Como é boa! — exclamou Kitty segurando-a para a beijar. — Se eu me pudesse assemelhar a si um pouco!

— Porque necessitaria assemelhar-se a alguém e não a si própria? Deixe-se ficar o que é — disse Varinka sorrindo com o seu sorriso suave e fatigado.

— Não, eu não sou completamente boa... Veja... diga-me... Espere, sentemo-nos um pouco — disse Kitty fazendo-a sentar sobre um banco junto dela. — Diga-me, como não pode ser cruel pensar num homem que desprezou o seu amor, que a repeliu.

— Ele não me desprezou; estou certa de que me amava. Mas era filho obediente...

— E se não tivesse procedido assim para obedecer a sua mãe? Se de sua livre vontade...? — disse Kitty sentindo que ia desvendando o seu segredo e que o seu rosto, muito corado, a traía.

— Nesse caso teria procedido mal e eu não teria compaixão dele — respondeu Varinka compreendendo que já não se tratava dela, mas de Kitty.

— E o insulto? — continuou Kitty. — Pode esquecer-se? É impossível!

— Que insulto? A senhora nada fez de mal!

— Pior que isso, humilhei-me...

Varinka sacudiu a cabeça e colocou a sua mão sobre a de Kitty.

— Em que é que se humilhou? Com certeza que não foi dizer a um homem que lhe testemunhava indiferença, que o amava?

— Oh, não, nunca lhe disse uma palavra, mas ele sabia-o! Há olhares, maneiras de ser... Não, não, por cem anos que viva, nunca o esquecerei!

— Mas então não compreendo. É preciso unicamente saber se o ama ainda ou não — disse Varinka, que tratava as coisas pelos seus verdadeiros nomes.

— Odeio-o; não me posso perdoar...

— Então?

— Mas a vergonha, a afronta!

— Ah, meu Deus! Se toda a gente fosse tão sensível como a senhora é! Não há moça que não tenha experimentado coisas análogas. Tudo isso tem pouca importância.

— Então o que é que é importante? — perguntou Kitty olhando-a com uma curiosidade espantada.

— Muita coisa — respondeu Varinka sorrindo.

— Mas diga!

— Há coisas muito mais importantes — respondeu Varinka não sabendo o que dizer.

Nesse momento a princesa gritou da janela:

— Kitty, vem para casa ou põe um abafo. Está frio.

— É tempo de me ir embora — disse Varinka levantando-se. — Devo ir a casa da Sra. Berta, que mo pediu.

Kitty segurava-a pela mão e interrogava-a com o olhar numa curiosidade apaixonada, quase suplicante: *O quê? O que é que é mais importante? O que é que dá o sossego? Se o sabe diga-mo!*

Mas Varinka nem mesmo compreendia o que os olhares de Kitty pediam; só se lembrava de que precisava de entrar em casa da Sra. Berta e achar-se em casa para o chá da *mamã* à meia-noite. Entrou em casa, reuniu as suas músicas e, tendo-se despedido de todos, quis partir.

— Se mo permite, vou acompanhá-la — disse o coronel.

— Certamente, então havia de ir só de noite? — disse a princesa. — Pelo

menos irá consigo a minha criada de quarto.

Kitty percebeu que Varinka dissimulava com custo um sorriso à ideia de que a queriam acompanhar.

— Não, obrigada, ando sempre só e nunca me aconteceu nada — disse pondo o chapéu.

E beijando mais uma vez Kitty sem lhe dizer «o que era importante», afastou-se com um passo firme, o rolo das músicas debaixo do braço, e desapareceu na semiobscuridade daquela noite de verão, levando consigo o segredo da sua dignidade e da sua invejável tranquilidade.

Capítulo 33

Kitty travou conhecimento com a senhora Stahl, e as suas relações com esta senhora e com Varinka tiveram sobre ela uma influência que contribuiu para lhe suavizar o seu desgosto.

Aprendeu então que fora da vida instintiva, que até então tinha sido a sua, existia uma vida espiritual na qual se penetrava pela religião, mas uma religião que em nada se assemelhava àquela que Kitty tinha praticado desde a sua infância e que consistia em ir à missa e às vésperas, à Casa das Viúvas, onde se encontravam conhecimentos, e aprender de cor os textos eslavos com uma cura de paróquia. Era uma religião elevada, mística, ligada aos sentimentos mais puros e na qual se cria, não por dever, mas por amor.

Kitty aprendeu tudo isto por outra forma que não com palavras. A senhora Stahl falava-lhe como a uma criança meiga e dócil que se admira, como uma recordação de mocidade, e só uma vez fez alusão às consolações que trazem às dores humanas a fé e o amor, ajuntando que o Cristo compassivo não conhece coisas insignificantes; depois mudou logo de conversa; mas em cada um dos gestos desta senhora, nos seus olhares *celestiais,* como lhes chamava Kitty, nas suas palavras e principalmente na sua história, que ela conhecia por Varinka, Kitty descobria «o que era importante» e o que ela até então tinha ignorado.

Contudo por maior que fosse a elevação da natureza da senhora Stahl, por mais tocante que fosse a sua história, Kitty notava involuntariamente certos traços de caráter que a afligiam. Um dia, por exemplo, que se tratava da sua família, a senhora Stahl sorriu desdenhosamente: isso era contrário à caridade cristã. Uma outra vez Kitty notou, encontrando em sua casa um sacerdote católico, que a senhora Stahl conservava cuidadosamente o rosto na sombra de um *abat jour* e sorria de uma maneira singular. Estas duas observações, se bem que muito insignificantes, causaram-lhe um certo desgosto e fizeram-na duvidar da senhora Stahl; pelo contrário, Varinka,

sozinha, sem família, sem amigas, nada desejando depois da sua triste deceção, parecia-lhe uma criatura perfeita.

Era por causa de Varinka que ela aprendia que era preciso esquecer e amar o próximo para se tornar feliz, tranquila e boa, como ela o queria ser. E uma vez que o compreendeu, Kitty não se contentou mais em a admirar, mas deu-se de todo o coração a essa vida nova que se abria diante dela. Segundo o que Varinka lhe dizia a respeito da senhora Stahl e de outras pessoas de quem lhe citou os nomes, Kitty traçou um plano de vida; decidiu que, a exemplo de Aline, a sobrinha da senhora Stahl, de quem Varinka lhe falava muitas vezes, iria procurar os pobres onde eles estivessem para os ajudar o melhor que pudesse, distribuindo Evangelhos, lendo o Novo Testamento aos doentes, aos moribundos e aos criminosos; esta ultima ideia seduzia-a particularmente. Mas arquitetava estes sonhos em segredo, sem os comunicar à mãe, nem mesmo à sua amiga.

De resto, esperando o momento de pôr em execução os seus planos numa escala mais vasta, não foi difícil a Kitty pôr os seus novos princípios em prática; nas águas os doentes e os infelizes não faltavam; ela fez como Varinka.

A princesa notou bem depressa quanto Kitty estava debaixo da influência das suas apaixonadas, como ela chamava à senhora Stahl e sobretudo a Varinka, que Kitty imitava não só nas suas boas obras, mas quase na maneira de andar, de falar e de piscar os olhos. Mais tarde reconheceu que a filha passava por uma crise interior independente da influência exercida pelas suas amigas.

À noite Kitty lia um Evangelho francês emprestado pela senhora Stahl, o que ela nunca fizera até ali; evitava todas as relações mundanas, ocupando-se dos doentes protegidos por Varinka e principalmente da família de um pobre pintor doente chamado Petrov.

Parecia excessivamente vaidosa de exercer nesta família as funções de irmã de caridade. A princesa não via nisso nenhum inconveniente e importava-se menos com isso, tanto mais que a mulher de Petrov era uma senhora muito doente e que um dia em que a *Furstin* notara a beleza de Kitty, fizera o seu elogio, chamando-lhe um «anjo consolador». Tudo teria ido pelo melhor se a princesa não receasse o exagero em que a filha se arriscava a cair.

— É preciso não caminhar demais — dizia-lhe ela em francês.

A filha não respondia, mas perguntava para si, no mais fundo do seu

coração, se, com a caridade, não se pode ultrapassar os limites numa religião que ensina a dar a face esquerda quando lhe bateram na direita e a partilhar o manto com o próximo. Mas o que desgostava a princesa mais ainda do que esta tendência para o exagero, era o sentir que Kitty lhe não abria por completo o coração. O facto era que Kitty escondia da mãe os seus novos sentimentos, não porque não tivesse afeição ou respeito por ela, mas simplesmente porque era sua mãe e ser-lhe-ia mais fácil abrir-se a uma estranha do que a ela.

— Parece-me que há algum tempo que não vemos Ana Pavlovna — disse um dia a princesa falando da senhora Petrov. — Convidei-a para cá vir, mas pareceu-me contrariada.

— Não reparei nisso, mamã — respondeu Kitty corando subitamente.

— Não tens ido a casa dela nestes dias?

— Temos projetado para amanhã um passeio à montanha — disse Kitty.

— Não vejo dificuldade — respondeu a princesa, notando a perturbação da filha e procurando adivinhar-lhe a causa.

Varinka veio jantar nesse mesmo dia com eles e anunciou que Ana Pavlovna renunciava à excursão projetada para o dia seguinte; a princesa notou que Kitty corara ainda.

— Não se passou nada de desagradável entre ti e os Petrov, Kitty? — perguntou-lhe ela quando ficaram a sós. — Porque deixaram eles de mandar para cá os filhos e de virem eles próprios?

Kitty respondeu que nada se passara e que não compreendia porque Ana Pavlovna fazia isso, e dizia a verdade: mas se ela não conhecia as causas da mudança sobrevinda na senhora Petrov, adivinhava-as e adivinhava também uma coisa que ela não ousava confessar a si própria, ainda menos à mãe, tão humilhante e penoso seria o ter-se enganado.

Todas as lembranças das suas relações com essa família lhe vinham à memória umas depois das outras; lembrava-se da alegria natural que se pintara no rosto redondo de Ana Pavlovna nos seus primeiros encontros; os seus conciliábulos secretos para chegarem a distrair o doente e afastá-lo de um trabalho que lhe era proibido e levá-lo a passear; a amizade do mais novo dos filhos, que lhe chamava «a minha Kitty» e que não se queria ir deitar sem ela. Como tudo então caminhava bem! Depois lembrava-se do magro rosto de Petrov, o pescoço comprido saindo-lhe do casaco escuro, os cabelos raros e encaracolados, os olhos azuis de um olhar interrogador, de que ao princípio

tinha medo; os seus desastrados esforços para parecer animada e enérgica quando ela estava próxima dele; e lembrava-se então da dificuldade que tivera em vencer a repugnância que ele lhe inspirava, como todos os tuberculosos, e do quanto lhe custava a achar um assunto de conversa.

Lembrava-se do olhar humilde e receoso do doente quando a olhava, do estranho sentimento de compaixão e de tortura experimentado ao princípio, depois substituído pelo do contentamento de si própria e da sua caridade. Tudo isso não tinha durado muito tempo e depois de alguns dias tinha sobrevindo uma brusca mudança. Ana Pavlovna já não se chegava ao pé de Kitty se não com uma amabilidade fingida e estava constantemente a vigiar o marido. Podia ser possível que a alegria tocante do marido à sua aproximação fosse a causa do arrefecimento de Ana Pavlovna?

Sim, dizia ela, *havia qualquer coisa de pouco natural e que em nada se assemelhava com a sua bondade de costume, no modo como Ana Pavlovna me disse antes de ontem num ar contrariado: «Ele não quis tomar o café sem a senhora vir e por isso estava à espera, apesar de estar muito fraco.» Talvez lhe tenha sido desagradável quando lhe ofereci o cobertor; e, contudo, era muito simples, mas Petrov tomou este pequeno serviço por uma forma estranha e agradeceu-me tanto que eu estava contrariada; e esse meu retrato, que lhe saiu tão bem; mas principalmente esse olhar triste e terno! Sim, sim é bem isso!*, repetia Kitty com temor. *Mas isso não pode ser, não deve ser! Ele é tão digno de piedade!*, ajuntou para consigo mesma.

Estes receios envenenavam o encanto da sua nova vida.

Capítulo 34

O príncipe Cherbatzky veio juntar-se aos seus antes do fim da cura; estivera pela sua parte em Carlsbad, depois em Baden e em Kissingen para se encontrar com compatriotas e, como ele dizia, para «recolher um pouco de ar russo».

O príncipe e a princesa tinham ideias muito opostas sobre a vida no estrangeiro. A princesa achava tudo perfeito e, apesar da sua posição bem sólida na sociedade russa, representava de senhora europeia.

O príncipe pelo contrário achava tudo detestável, a vida europeia insuportável, conservava os seus hábitos russos com exagero e procurava mostrar-se menos europeu do que o era na realidade.

O príncipe voltou magro, com os olhos empapuçados, mas cheio de vida, e essa feliz disposição de espírito ainda mais se aumentou quando encontrou Kitty em via de cura.

Os pormenores, que lhe tinha dado a princesa sobre a intimidade de Kitty com a Sra. Stahl e Varinka, e as suas observações sobre a transformação moral que a filha sofrera, tinham entristecido o príncipe e acordaram nele o sentimento habitual de ciúme que experimentava por tudo o que podia subtrair Kitty à sua influência, arrastando-a para regiões inabordáveis para ele; mas essas más novas mergulhavam no oceano de bom humor e de alegria que ele trazia de Carlsbad.

No dia seguinte ao da sua chegada, o príncipe, com o seu casaco comprido, as faces um pouco inchadas e cobertas de rugas, entaladas num colarinho engomado, foi à fonte com a filha; estava do melhor humor do mundo.

O tempo estava esplêndido: a vista dessas casas alegres e asseadas, cercadas de pequenos jardins, com as criadas alemãs a trabalhar com os braços vermelhos à vela e as caras redondas de bem alimentadas, um sol resplandecente, tudo isso remoçava o coração; mas quanto mais se

aproximavam da fonte, mais doentes se iam encontrando, cujo aspeto lamentável contrastava desagradavelmente com tudo o que os rodeava nesse meio germânico tão bem ordenado.

Para Kitty essa bela verdura e os sons alegres da música formavam um quadro natural a esses rostos conhecidos de que ela seguia as boas ou más mudanças; mas para o príncipe havia aí alguma coisa de cruel nessa oposição da luz matinal de junho, da orquestra tocando alegremente uma valsa da moda e desses moribundos vindos dos quatro cantos da Europa e arrastando a sua fraqueza.

Apesar da volta de juventude e do orgulho que o príncipe experimentava quando trazia a filha favorita pelo braço, sentia vergonha do seu andar firme e dos seus membros vigorosos. Em face de todas estas misérias, experimentava o mesmo sentimento que um homem em trajes menores numa sala.

— Apresenta-me aos teus novos amigos — disse à filha apertando-lhe o braço com o cotovelo. — Estou a gostar do teu terrível Soden pelo bem que te fez: mas vocês têm bastantes tristezas... Quem é?...

Kitty disse-lhe os nomes das pessoas do seu conhecimento; à entrada do jardim encontravam a *menina* Berta com a sua condutora e o príncipe teve o prazer de ver a expressão de alegria que se desenhou no rosto da velha ao som da voz de Kitty: com o exagero de uma francesa, expandiu-se em amabilidades e felicitou o príncipe por ter uma filha tão encantadora, cujos, méritos exalçou até às nuvens, declarando-a um tesouro, uma pérola, um anjo consolador.

— Nesse caso é um anjo n.º 2 — disse o príncipe sorrindo — porque ela diz-me que o anjo nº 1 é a menina Varinka.

— Oh, sim! Na verdade, a menina Varinka é um anjo! — afirmou vivamente a *menina* Berta.

Na galeria encontraram a própria Varinka, que veio direita a eles com desenvoltura, trazendo um elegante saco vermelho na mão.

— Aqui está o meu pai — disse Kitty.

Varinka fez um cumprimento simples e natural, que se assemelhava a uma reverência, e entabulou conversa com o príncipe sem falsa timidez.

— Digo-lhe que já a conheço e muito — começou o príncipe sorrindo de um modo que provou a Kitty, e com grande alegria, que a sua amiga agradara ao pai.

— Onde vai tão depressa?

— A mamã está aqui — respondeu ela voltando-se para Kitty. — Não dormiu esta noite e o doutor aconselhou-a a tomar o ar; vou levar-lhe o trabalho.

— Eis então o anjo n.º 1 — disse o príncipe quando Varinka se afastou.

Kitty notou que ele tinha vontade de gracejar com ela a respeito da amiga, mas que o detivera a impressão favorável que ela lhe produzira.

— Então vamos ver todos os teus amigos, uns depois dos outros, até mesmo a Sra. Stahl, se ela se dignar reconhecer-me.

— Tu conhece-la, paizinho? — perguntou Kitty com medo, vendo um brilho irónico nos olhos do pai.

— Conheci o marido e a ela também um pouco, antes de se meter com os *carolas.*

— O que é isso de *carolas,* papá? — perguntou Kitty, inquieta por ver dar um nome ao que lhe parecia de um tão alto valor na Sra. Stahl.

— Não sei bem ao certo; o que sei é que ela agradece a Deus todas as desgraças que lhe acontecem, como a de ter perdido o marido, e isto é a coisa mais cómica do mundo, quando se sabe que eles viviam muito mal quando estavam juntos... Quem é este homem? Que rosto tão magro!... — perguntou ele vendo um doente de casaco escuro, calças brancas caindo em pregas sobre as pernas magras; esse indivíduo tirara o chapéu de palha, descobrindo uma testa alta que a pressão do chapéu avermelhara e sobre a qual caíam uns raros cabelos encaracolados.

— É Petrov, um pintor — respondeu Kitty corando — e olhe a mulher — ajuntou apontando Ana Pavlovna que, à aproximação deles, se levantara para correr pela estrada atrás de um dos filhos.

— Pobre rapaz! Tem uma fisionomia encantadora. Porque te não aproximas dele? Parece querer dizer-te qualquer coisa.

— Voltemos junto dele — disse Kitty caminhando resolutamente para Petrov. — Como está hoje? — perguntou-lhe.

Este levantou-se, apoiando-se à bengala, e olhou timidamente para o príncipe.

— É minha filha! — disse o príncipe. — Permita que trave conhecimento consigo.

O pintor saudou e sorriu, descobrindo os dentes de uma brancura estranha.

— Esperámo-la ontem, princesa! — disse ele a Kitty.

E ao falar ia perdendo o equilíbrio, mas para fazer crer que isso não era involuntário continuou com o mesmo movimento.

— Eu contava vir, mas Varinka disse-me que Ana Pavlovna tinha renunciado a sair.

— Como? — disse Petrov comovido e começando ao mesmo tempo a tossir, enquanto procurava a mulher com os olhos.

— Anita! Anita! — chamou ele em voz alta enquanto as veias do pescoço branco e magro se engrossavam demasiadamente.

Ana Pavlovna aproximou-se.

— Como é que mandaste dizer que nós não sairíamos hoje? — perguntou ele em voz baixa, num tom irritado, porque facilmente se enfurecia.

— Bom dia, princesa — disse Ana Pavlovna com um sorriso constrangido, que em nada se assemelhava ao acolhimento de outrora. — Muito prazer em o conhecer — ajuntou voltando-se para o príncipe. — Estivemos à sua espera muito tempo.

— Como é que mandaste dizer que nós não saíamos? — murmurou de novo a voz apagada do pintor, que a impossibilidade de exprimir o que sentia irritava duplamente.

— Mas, santo Deus, eu julguei simplesmente que nós não sairíamos — disse ela num ar contrariado.

— Mas porquê?...

Foi presa de um ataque de tosse e com a mão fez um gesto desolado.

O príncipe tirou o chapéu e afastou-se com a filha.

— Oh, pobre gente! — disse ele suspirando.

— E é verdade, papá! — respondeu Kitty. — Têm três filhos, sem criados e sem nenhuns recursos pecuniários. Ele recebe alguma coisa da Academia — continuou com animação para tratar de dissimular a comoção que lhe causava a mudança de Ana Pavlovna a seu respeito. — Olhe a Sra. Stahl! — disse Kitty mostrando um pequeno carro no qual estava estendida uma forma humana envolvida em fazenda gris e azul, rodeada de almofadas e abrigada por uma sombrinha. Por detrás da doente estava o condutor do carro, um alemão gordo e bem-posto. Ao lado dela caminhava um conde sueco de cabelo louro, que Kitty conhecia de vista. Algumas pessoas tinham-se detido junto do carrito e olhavam para essa senhora, como para uma coisa curiosa.

O príncipe aproximou-se. Kitty notou então no seu olhar essa ponta de

ironia que a perturbava. Dirigiu a palavra à Sra. Stahl no seu francês excelente que nos nossos dias tão poucas pessoas falam na Rússia e mostrou-se extremamente amável e cortês.

— Não sei se ainda se lembra de mim, mas é meu dever fazer-me lembrado nas suas recordações para lhe agradecer a sua bondade por minha filha — disse ele tirando o chapéu e sem o tornar a pôr.

— O príncipe Alexandre Cherbatzky? — disse a senhora Stahl levantando os seus olhares *celestes,* nos quais Kitty notou uma sombra de descontentamento. — Muito prazer em o ver. Gosto muito de sua filha!

— A sua saúde não é boa?

— Oh, agora estou acostumada — respondeu a Sra. Stahl, apresentado o conde sueco.

— O senhor é que pouco mudou desde há dez ou onze anos, que tenho a honra de o conhecer.

— Sim, Deus que dá a cruz, dá também a força para a suportar. Às vezes pergunto a mim próprio por que se prolonga uma vida assim!

— Assim, não! — disse ela num ar contrariado para Varinka que a estava a envolver numa manta sem chegar a satisfazê-la.

— Com certeza para fazer o bem — disse o príncipe com os olhos risonhos.

— A nós não nos pertence julgá-lo — respondeu a Sra. Stahl, que surpreendeu esse ar de ironia na fisionomia do príncipe. — Mande-me então esse livro, meu caro conde. Agradeço-lhe infinitamente com antecipação — disse ela voltando-se para o jovem sueco.

— Ah! — exclamou o príncipe, que acabava de ver o coronel de Moscovo; e cumprimentando a Sra. Stahl, foi-se-lhe juntar com a filha.

— Eis a nossa aristocracia, príncipe — disse o coronel com uma intenção deprimente, porque também estava picado com a atitude da Sra. Stahl.

— Sempre a mesma — respondeu o príncipe.

— Conheceu-a antes da sua doença, isto é, antes de estar doente?

— Sim, conheci-a no tempo em que perdeu o uso das pernas.

— Dizem que há dez anos que ela não anda.

— Ela não anda porque tem uma perna mais curta que a outra; e é muito malfeita.

— É impossível, papá! — exclamou Kitty.

— São as más-línguas que o asseveram, minha querida; e a tua amiga

Varinka deve-lhe saber até as cores. Oh, estas senhoras doentes!

— Oh, não, papá, asseguro-te. Varinka adora-a! — afirmou Kitty vivamente. — E ela faz tanto bem! Pergunta a quem quiseres: toda a gente a conhece como a sua sobrinha Aline.

— É possível — respondeu o pai apertando-lhe suavemente o braço — mas era melhor que ninguém soubesse o bem que elas fazem,

Kitty calou-se, não porque não tivesse resposta, mas porque os seus secretos pensamentos nem mesmo a seu pai podiam ser revelados. Mas caso curioso: por mais decidida que ela estivesse a não se sujeitar aos juízos do pai, a não se deixar penetrar no santuário das suas reflexões, sentia bem que a imagem de santidade ideal que ela trazia na alma havia um mês acabava de se apagar para sempre, como essas formas que a imaginação cria dentro dos factos lançados ao acaso e que desaparecem por si próprios quando se nota a forma como eles foram lançados. Ela não conservava a imagem senão de uma mulher coxa, que estava deitada para esconder a sua deformidade e que atormentava a pobre Varinka por causa de uma manta mal-arranjada: foi-lhe impossível tornar a achar no seu pensamento a antiga Sra. Stahl.

Capítulo 35

A atividade e o bom humor do príncipe comunicavam-se a toda a gente que com ele convivia; o próprio proprietário da casa não escapava. Voltando do seu passeio com Kitty, o príncipe convidou o coronel, Maria Evguenievna, a filha e Varinka para tomarem café e mandou pôr a mesa sob as árvores do jardim. Os criados animavam-se tanto como o proprietário sob a influência desta alegria comunicativa, tanto mais que a generosidade do príncipe era bem conhecida. Assim, daí por uma meia hora esta alegre sociedade russa reunida debaixo das árvores causava inveja ao médico doente que habitava no primeiro andar e contemplava suspirando esse grupo feliz de pessoas bem vestidas.

A princesa, com um chapéu com ramos de lilás posto no alto da cabeça, presidia à mesa, posta com uma toalha muito branca sobre a qual tinham colocado a cafeteira, pão, manteiga, queijo e aves frias; ia distribuindo as chávenas e as fatias de pão com manteiga, enquanto o príncipe, na outra extremidade da mesa, comia com bom apetite falando alegremente. Tinha estendido sobre a mesa e à volta dele as caixas esculpidas, as facas de papel, e todas as lembranças trazidas dos sítios de onde vinha e que se divertia a distribuir a todos, sem esquecer Lischen, a criada e a dona da casa. Dirigia a esta os discursos mais cómicos no seu mau alemão e assegurava-lhe que não tinham sido as águas que tinham curado Kitty, mas a sua excelente cozinha e principalmente as suas sopas de abrunhos.

A princesa gracejava com o marido sobre as suas manias russas, mas nunca, desde que estava nas águas, tinha estado tão alegre e animada. O coronel sorria como sempre dos gracejos do príncipe, mas era da opinião da princesa quanto à questão europeia, que ela imaginava ter estudado com cuidado. A boa Maria Evguenievna ria-se a chorar e a própria Varinka, com grande espanto de Kitty, tinha sido atingida pela alegria geral.

Kitty não se podia defender de uma certa agitação interior; sem o querer,

o pai pusera-lhe diante um problema que ela não podia resolver, julgando como ele o tinha feito, os seus amigos e essa vida nova, que lhe oferecia tantos atrativos. A esse problema juntava-se para ela o da mudança de relações com os Petrov, que lhe tinha parecido nesse dia mais evidente ainda e mais desagradável. A sua agitação aumentava vendo-os todos tão alegres e experimentava o mesmo sentimento, que, quando era pequena e a castigavam, porque ouvia do seu quarto os risos das irmãs sem poder juntar-se-lhes.

— Com que fim compraste tu este montão de coisas? — perguntou sorrindo a princesa ao marido, oferecendo-lhe uma chávena de café.

— Que queres? Vai-se passear, aproximamo-nos de uma loja e é-se imediatamente abordado! Oh, e quando se tratava de baratezas, os meus dez táleres não chegavam.

— Era então por desfastio — disse a princesa.

— Mas com certeza, minha querida, porque o aborrecimento é tal que ninguém sabe como escapar-lhe.

— Como é que se podem aborrecer? Na Alemanha há agora tantas coisas para ver — disse Maria Evguenievna.

— Eu sei tudo o que agora há de interessante: conheço a sopa de abrunhos, o salsichão, conheço tudo.

— Mas as suas instituições são interessantes — disse o coronel.

— Em quê? São felizes porque, como são novos, venceram o mundo inteiro; mas que satisfação tem isso para mim? Eu não venci ninguém. E em troca, tenho eu próprio de tirar as minhas botas e de as pôr a porta do corredor. De manhã, mal me levanto, é preciso vestir-me e ir beber ao salão um chá detestável. Não é como em nossa casa! Lá temos o direito de nos levantarmos à hora que quisermos; se estamos de mau humor, temos o direito de resmungar; há tempo para tudo e cada um trata dos seus pequenos negócios sem pressas inúteis.

— Mas o tempo é dinheiro, não o esqueça — disse o coronel.

— Isso é conforme; há meses inteiros que nós daríamos por 50 kopeks, quartos de hora que não cederíamos por nenhum tesouro. Não é verdade, Kitty? O que tens tu, que pareces aborrecida?

— Não tenho nada, papá.

— Onde vai? Demore-se um bocadinho mais — disse o príncipe dirigindo-se a Varinka.

— Tenho de me ir embora — disse Varinka presa de um acesso de riso. Quando se acalmou, despediu-se de todos e foi buscar o chapéu.

Kitty seguiu-a. A própria Varinka lha parecia mudada; não tinha deixado de ser boa, mas era outra, como ela não tinha imaginado.

— Há muito tempo que me não ria tanto — disse Varinka procurando o chapéu e o saco. — Como o seu pai é engraçado!

Kitty calou-se.

— Quando nos tornaremos a ver? — perguntou Varinka.

— A mamã quer ir a casa dos Petrov. Vai lá? — perguntou Kitty para perscrutar os pensamentos da amiga.

— Irei, sim — respondeu. — Eles fazem tenção de partir e eu prometi-lhes ajudá-los a arranjar as malas.

— Então também irei.

— Não, porque vai lá?

— Porquê? Porquê? Porquê? — exclamou Kitty segurando Varinka pelo guarda-sol e abrindo uns grandes olhos. — Espere um pouco e diga-me porquê.

— Mas porque tem cá seu pai e eles zangam-se consigo.

— Não é isso. Diga-me porque não quer que eu vá tantas vezes a casa dos Petrov; porque não quer?

— Eu não disse isso — respondeu tranquilamente Varinka.

— Peço-lhe, responda-me.

— Quer que lhe diga tudo?

— Tudo, tudo! — exclamou Kitty.

— No fundo nada há de grave; unicamente Petrov consentia dantes em partir logo que tinha a cura acabada e agora não o quer — respondeu Varinka sorrindo.

— Então? — perguntou ainda Kitty com vivacidade e num ar sombrio.

— Então Ana Pavlovna disse que se ele não queria partir era porque a senhora ainda cá ficava. Era mal feito, mas assim foi a causa de uma zanga e bem sabe quanto os doentes são irritáveis.

Kitty sempre sombria, guardava silêncio e Varinka estava sozinha a falar, procurando ameigá-la e acalmá-la, prevendo já uma explosão próxima de lágrimas ou de censuras.

— Eis a razão por que é melhor não ir lá, compreende-me, e não se deve zangar...

— Não tenho o que mereço? — disse Kitty vivamente, apossando-se da sombrinha de Varinka sem olhar para a amiga.

Esta, vendo essa cólera infantil, reteve um sorriso para não exacerbar Kitty.

— Como, não tem o que merece? Não compreendo.

— Porque tudo isso não era mais que hipocrisia, nada vinha do coração. Que necessidade tinha eu de me ocupar com um estrangeiro e de me intrometer no que me não dizia respeito? Eis porque fui a causa de uma zanga. E isso tudo era hipocrisia, hipocrisia — disse ela abrindo e fechando maquinalmente a sombrinha.

— Com que fim?

— Para parecer melhor aos outros, a mim própria, a Deus; para enganar todo o mundo! Não, não irei lá outra vez; prefiro ser má e não mentir, não enganar.

— Quem enganou? — disse Varinka em tom repreensivo. — Está a falar como se...

Mas Kitty estava num dos acessos de cólera e não deixou acabar.

— Não é de si que se trata; a senhora é uma perfeição! Sim, sim, eu sei que é todas as perfeições; mas eu sou má! E não posso nada contra isto. E tudo isso me teria acontecido se eu não fosse má? Tanto pior, ficarei o que sou; mas não o dissimularei. Que tenho eu com Ana Pavlovna? Eles vivem como entendem e eu farei o mesmo. Não posso mudar. De resto ainda não é isto...

— O que é que não é isto? — perguntou Varinka com ar espantado.

— Eu não posso viver senão pelo coração, enquanto vós outras viveis pelos vossos princípios. Eu amei simplesmente enquanto vós tínheis em vista salvar-me, converter-me!

— A senhora não é justa — disse Varinka.

— Eu não falo para os outros, falo só para mim.

— Kitty, anda cá — gritou nesse momento a voz da princesa. — Vem mostrar os teus corais ao papá.

Kitty tomou de cima da mesa uma caixa e levou-a à mãe com ar digno, sem se reconciliar com a amiga.

— O que tens tu? Porque estás tão corada? — perguntaram ao mesmo tempo o pai e a mãe.

— Nada, eu volto já.

Ela ainda lá está? Que lhe direi? Mas o que fiz, meu Deus? Que disse eu? Porque a ofendi?, pensou ela parando à porta.

Varinka, com o chapéu na cabeça, estava sentada junto da mesa, examinando o pano da sombrinha que Kitty rasgara. Levantou a cabeça.

— Varinka, perdoe-me — murmurou Kitty aproximando se dela. — Eu não sei o que disse, eu...

— Na verdade eu não tinha intenção nenhuma de lhe causar o mais pequeno desgosto... — disse Varinka sorrindo.

A paz estava feita. Mas a chegada do pai mudara para Kitty a sociedade em que vivia. Sem renunciar a tudo a que se acostumara, viu que estava iludida pensando em se tornar tal como se sonhara. Foi como uma revelação. Compreendeu que não poderia, sem hipocrisia, manter-se a uma tão grande altura; por outro lado sentiu mais vivamente o peso das desgraças, das doenças, das agonias que a rodeavam e achou cruel prolongar os esforços para se interessar por elas. Experimentou a necessidade de respirar um ar verdadeiramente puro e são, na Rússia, em Yergoushovo, onde Dolly e as crianças a tinham precedido, segundo dizia uma carta que acabava de receber.

Mas a sua afeição por Varinka não enfraquecera. E ao partir suplicou-lhe para a ir ver à Rússia.

— Irei quando estiver casada — disse-lhe Varinka.

— Nunca me casarei.

— Então nunca lá irei.

— Nesse caso só me casarei para isso. Não esqueça a sua promessa — disse Kitty.

As previsões do doutor tinham-se realizado. Kitty entrava na Rússia curada; talvez que não viesse tão alegre e descuidada como dantes, mas a tranquilidade voltara. As dores do passado ficaram-lhe como recordações.

Parte 3

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 1

Sergei Ivanitch Kosnichev, em lugar de ir como de costume para o estrangeiro para repousar dos seus trabalhos intelectuais, chegou nos fins de maio a Pakrofsky. Nada valia para ele a vida dos campos e vinha descansar junto do irmão. Este acolheu-o com bastante mais prazer, porque nesse ano não esperava Nicolau.

Apesar da sua afeição e respeito por Sergei, Konstantin sentiu um certo mal-estar junto dele: as suas maneiras de compreender o campo eram muito diferentes. Para Konstantin, o campo oferecia um fim a trabalhos de uma incontestável utilidade; era a seus olhos o teatro da própria vida, das suas alegrias, dos seus desgostos e dos seus labores. Sergei, pelo contrário, só via nele um lugar de repouso, um antídoto contra as corrupções da cidade e o direito de nada fazer.

O seu modo de ver sobre os camponeses era também oposto. Sergei Ivanitch pretendia conhecê-los, gostava deles, conversava de boa vontade e exaltava nestas conversas e em honra do povo traços de caráter que lhe agradava generalizar. Este juízo superficial excitava Levine. Ele respeitava os camponeses e assegurava ter sugado no leite da camponesa que o amamentara uma verdadeira ternura por eles; mas os seus vícios exasperavam-no tanto quanto as suas virtudes lhe agradavam.

O povo representava para ele o associado principal de um trabalho comum; como tal, não via nenhuma distinção a estabelecer entre as qualidades, os defeitos, os interesses desse associado e os do resto dos homens.

A vitória era sempre de Sergei nas discussões que se travavam entre os dois irmãos em resultado das divergências das suas opiniões e isso porque elas ficavam sempre de pé do lado deste enquanto Konstantin, modificando sem cessar as suas, era facilmente convencido de contradição consigo próprio. Sergei Ivanitch considerava o irmão como um bom rapaz, cujo

coração estava no seu lugar, mas cujo espírito muito impressionável, ainda que aberto, era cheio de inconsequências. Muitas vezes procurava com a condescendência de um irmão mais velho explicar-lhe o verdadeiro sentido das coisas; mas ele discutia sem prazer com um interlocutor tão fácil de vencer.

Konstantin, pelo seu lado, admirava tanto a vasta inteligência de seu irmão como a alta distinção do seu espírito; via nele um homem dotado das mais belas faculdades e das mais úteis para o bem geral; mas à medida que avançava na idade ia aprendendo melhor a conhecê-lo, perguntava a si mesmo às vezes, no fundo da alma, se esta dedicação aos interesses gerais de que ele próprio se sentia tão desprovido constituía uma qualidade. Não teria ele uma certa impotência de abrir para si uma estrada pessoal e própria por entre todas as que a vida abre aos homens, estrada que ele precisava amar e seguir com perseverança?

Levine experimentou ainda um outro género de constrangimento para com o irmão quando este passava o verão com ele. Os dias pareciam-lhe muito curtos para tudo o que tinha a fazer e vigiar, enquanto o irmão só pensava em descansar. Se bem que Sergei não escrevesse, a atividade do seu espírito era muito incessante para que não sentisse a necessidade de exprimir a alguém, sob uma forma concisa e elegante, as ideias que o preocupavam. Konstantin era o seu ouvinte habitual.

Sergei deitava-se na erva, aquecendo-se ao sol, falava de boa vontade, preguiçosamente estendido.

— Tu não acreditarás — dizia ele — quanto a minha preguiça me alegra! Não tenho uma ideia dentro da cabeça, está vazia como uma bola.

Mas Konstantin em breve se cansava de estar sentado; sabia que na sua ausência se espalharia o estrume ao acaso pelos campos e sofria por não ir vigiar o trabalho; sabia que tirariam as relhas das charruas inglesas para poderem dizer que elas não valiam as velhas charruas primitivas do camponês vizinho, etc.

— Ainda não estás cansado de correr? — perguntava-lhe Sergei.

— É só por um instante que te deixo, o tempo necessário para ir ver o que se passa no escritório — respondia Levine.

E fugia para os campos.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 2

Nos primeiros dias de junho, a velha criada que exercia as funções de governanta, Ágata Mikhailovna, descendo à cave com um pote com cogumelos que acabava de salgar, escorregou na escada e torceu um pulso. Mandou-se buscar o médico do distrito, um mancebo conversador que acabava de tirar o curso. Examinou a mão, afirmou que não estava inutilizada, aplicou umas compressas e, durante o jantar, orgulhoso de se encontrar em companhia do célebre Kosnichev, lançou-se na narração de todas as coscuvilhices do distrito e, para ter ocasião de apresentar as suas ideias luminosas e avançadas, queixou-se do mau estado das coisas em geral.

Sergei Ivanitch escutava-o com atenção; animado pela presença de um novo ouvinte, falou, fez observações justas e precisas, respeitosamente apreciadas pelo jovem médico; depois da partida do doutor, achou-se nessa disposição de espírito um pouco sobre-excitada que o irmão lhe conhecia e que geralmente sucedia a uma conversação brilhante e viva. Uma vez só, Sergei tomou uma linha e foi pescar.

Kosnichev gostava da pesca à linha; parecia ter uma certa vaidade em mostrar que sabia divertir-se com um passatempo tão pueril, Konstantin queria ir vigiar os trabalhos e examinar os prados, por isso ofereceu ao irmão levá-lo no *cabriolet* até à ribeira.

Era o momento do verão em que a colheita do ano se desenha e em que começam as preocupações das sementeiras do ano seguinte, quando terminam as ceifas. As espigas, já formadas mas ainda verdes, balançavam-se ligeiramente ao sopro do vento; as aveias saem irregularmente da terra nos campos semeados tardiamente; as ervas cobrem já o solo; o cheiro do estrume espalhado em montículos pelos campos mistura-se ao perfume das ervas que, cheias dos seus pequeninos ramos de flores bravas, se estendem como um mar. Este período do verão é a acalmia que precede a ceifa, esse grande esforço imposto todos os anos ao camponês. A colheita prometia ser

soberba e aos dias longos e claros sucediam-se as noites curtas, acompanhadas de um forte orvalho.

Para chegar aos prados, era preciso atravessar o bosque; Sergei Ivanitch amava essa floresta cheia de erva. E apontava à admiração do irmão uma velha tília, enquanto Konstantin, que de bom grado nunca falava das belezas da natureza, preferia não ouvir falar. As palavras estragavam as mais belas coisas, pretendia ele. Contentou-se em dizer que sim ao irmão e pôs-se a pensar involuntariamente nos seus negócios; a sua atenção concentrava-se sobre um campo de pousio, que atravessaram ao sair do bosque. Uma erva amarelada cobria-o nuns lados, enquanto em outros já a tinham tirado. Os carros chegavam em fila; Levine contou-os e ficou satisfeito com a obra que se estava fazendo. Os seus pensamentos foram arrastados, à vista dos prados, para a grave questão da ceifa, uma operação em que maduramente pensava. Parou o cavalo. A erva alta e espessa estava ainda coberta de orvalho. Sergei Ivanitch, para não molhar os pés, pediu ao irmão que o conduzisse no carro até ao bosque de cítisos junto do qual se pescavam as percas.

Konstantin obedeceu, lamentando interiormente calcar este belo prado, cuja erva macia rodeava as patas do cavalo e deixava cair as sementes sob as rodas do carrito.

Sergei sentou-se sob os cítisos e deitou a linha. Não pescou nada, mas não se aborreceu e parecia de bom humor.

Pelo contrário, Levine tinha pressa de entrar em casa e de dar ordens sobre o número de ceifeiros a contratar para o dia seguinte; mas ficou esperando o irmão, pensando na grande questão que o preocupava.

Capítulo 3

— Pensava em ti — disse Sergei Ivanitch. — Sabes tu que segundo o que conta o doutor, que não é nenhum estúpido, o que se passa no distrito não tem nome? Isso faz-me lembrar o que já te disse; tu não tens razão em não ir às assembleias e de te conservares afastado. Se os homens de valor não se querem meter nos negócios, tudo irá ao acaso. O dinheiro dos contribuintes não serve para nada porque não há escolas, nem enfermeiros, nem parteiras, nem farmácias; não há nada.

— Já o tentei — respondeu Levine contrariado — mas não posso; que queres que eu faça?

— Porque é que não podes? Confesso-te que não compreendo nada. Não admito que seja incapacidade ou indiferença; não será muito simplesmente preguiça?

— Nada disso. Já o tentei e adquiri a convicção de que não podia fazer nada.

Levine não profundava muito o que o irmão estava dizendo e, olhando a ribeira e os prados, procurava distinguir ao longe um ponto negro: seria o cavalo do feitor?

— Resignas-te muito facilmente! Como não metes tu nisso um pouco de amor-próprio?

— Eu não concebo o amor-próprio em semelhante matéria — respondeu Levine, a quem essa reprimenda desagradou vivamente. — Se na Universidade me tivessem apontado o ser incapaz de compreender o cálculo integral, como os meus camaradas, teria posto nisso o meu amor-próprio; mas neste caso era preciso começar por acreditar na utilidade das inovações na ordem do dia.

— O quê? Então são inúteis? — perguntou Sergei Ivanitch, estimulado por ver o irmão ligar tão pouca importância às suas palavras e dar-lhe uma tão medíocre atenção.

— Não, que queres tu que eu faça se lhe não vejo nada de útil e que me interesse — respondeu Levine que acabava de reconhecer enfim ao longe o feitor a cavalo.

— Escuta — disse o irmão mais velho, cujo rosto belo se tinha anuviado — há um limite para tudo; admitamos que seja soberba de detestar a pose, a mentira, e de passar por um original; mas o que tu acabas de dizer não tem senso comum. Achas tu realmente indiferente que o povo, que tu amas, segundo o que tu asseveras...

— Eu nunca asseverei semelhante coisa — interrompeu Levine.

— Que esse povo morra sem socorros? — continuou Sergei. — Que grosseiras parteiras façam morrer os recém-nascidos? Que os camponeses vivam na ignorância e fiquem a presa do primeiro escrivão que venha?

E Sergei Ivanitch pôs-lhe o seguinte dilema:

— Ou o teu desenvolvimento intelectual te não chega ou é o teu amor ao descanso, a tua vaidade, ou qualquer outra coisa que sei eu?

Konstantin sentiu que se não queria ser convencido de indiferença pelo bem público, tinha de se submeter.

— Não vejo — disse ele ferido e descontente — que seja possível...

— Então não vês por acaso, que vigiando melhor o emprego das contribuições, seria possível obter uma assistência médica qualquer?

— Eu não creio na possibilidade de uma assistência médica sobre uma extensão de quatro mil verstas quadradas, como o nosso distrito tem. De resto eu não tenho fé na eficácia da medicina.

— Tu és injusto, e poderia citar-te mil exemplos... E as escolas?

— Para quê fazer escolas?

— Como, para quê? Pode-se duvidar das vantagens da instrução? Se a achas útil para ti, podes recusá-la aos outros?

Konstantin sentiu-se perdido sem argumentos e na sua irritação confessou involuntariamente a verdadeira causa da sua indiferença.

— Tudo isso pode ser verdadeiro, mas para que iria eu aborrecer-me com essas estações médicas, de que nunca me serviria com essas escolas, onde nunca enviarei os meus filhos, onde os camponeses não querem mandar os seus e onde não tenho a completa certeza de que seja bom mandá-los?

Sergei Ivanitch ficou desconsertado com esta saída e, tirando silenciosamente a linha da água, voltou-se sorrindo para o irmão:

— No entanto tu experimentaste a necessidade de um médico, visto que

mandaste vir um para Ágata Mikhailovna.

— Estou a ver que a mão por isso não ficará menos estropiada.

— Isso resta ver... E se um camponês sabe ler não te presta melhores serviços?

— Oh, quanto a isso não! — respondeu redondamente Levine. — Pergunta a quem quiseres e todos te dirão que o camponês que sabe vale menos como operário. Já não quererá ir reparar estradas e, se se empregar a construir uma ponte, tratará antes de tudo de levar as plantas.

— De resto não se trata disso — disse Sergei franzindo as sobrancelhas. Detestava as contradições e principalmente este modo de saltar de um assunto para outro e de apresentar argumentos sem nenhuma ligação aparente. — A questão está nisto! Confessas que a educação seja um bem para o povo?

— Confesso, sim — disse Levine sem reparar que esse não era o seu pensamento; e sentiu imediatamente que o irmão ia virar esta confissão contra ele e compreendeu que seria logicamente convencido de inconsequência. Isso foi bem fácil.

— Desde o momento que tu confessas que sim não poderás, como homem de bem, recusar a tua cooperação a essa obra.

— Mas se eu não considero ainda essa obra como boa — disse Levine corando.

— Como é isso? Mas tu acabas de dizer...

— Eu quero dizer que a experiência não me mostrou ainda que ela fosse verdadeiramente útil.

— Disso não sabes nada, pois que ainda não fizeste o menor esforço para te convenceres disso.

— Pois bem! Admitamos que a instrução do povo seja um bem — disse Konstantin sem a menor convicção — mas para que me havia eu de ir atormentar com ela?

— Como, para quê?

— Explica-me a tua ideia sob o ponto de vista filosófico, pois é nisso em que estamos.

— Eu não vejo o que a filosofia aqui tem a fazer — respondeu Sergei num tom que ao irmão pareceu estabelecer dúvidas sobre o seu direito de falar de filosofia.

— Eis porque — continuou Konstantin, já descontente e exaltando-se ao falar — segundo o que eu penso, o móbil das nossas ações será sempre o

nosso interesse pessoal. Ora eu não vejo nada nas nossas instituições provinciais, que contribua para o meu bem-estar. As estradas não são melhores, nem melhores se podem tornar; de resto os meus cavalos conduzem-me muito bem por maus caminhos. De médicos e farmacêuticos não faço caso nenhum. O juiz de paz é-me inútil. Nunca recorri a ele e jamais a ideia de recorrer a ele me virá à cabeça. As escolas não somente me parecem inúteis, como já te expliquei, mas causam-me prejuízos. Quanto às instituições provinciais, elas só representam para mim a obrigação de pagar uma contribuição de 18 kopeks por hectare, de ir à cidade, de me ver obrigado a dormir em camas cheias de percevejos e de ouvir inépcias e grosserias de todo o género; ora nada disto é no meu próprio interesse pessoal.

— Perdão — interrompeu Sergei Ivanitch sorrindo — não era do nosso interesse trabalhar para a emancipação dos camponeses e no entanto nós fizemo-lo.

— Oh, a emancipação é um outro caso — continuou Konstantin animando-se cada vez mais — era bem o nosso interesse pessoal. Nós quisemos, nós as pessoas de bem, repelir um jugo que nos pesava. Mas ser membro do conselho da cidade é vir discutir sobre os esgotos a estabelecer em ruas onde eu não vivo; ser jurado e vir julgar um camponês acusado de ter roubado um presunto; escutar durante seis horas as variadas tolices que podem discorrer o defensor e o procurador; perguntar como presidente a Alexei, meu velho amigo, já meio idiota: «Confessa, senhor acusado, ter roubado um presunto?...»

E Konstantin, arrastado pelo assunto representou a cena entre o presidente e o acusado, imaginando continuar assim a discussão.

Sergei Ivanitch alçou os ombros.

— Mas que entendes tu afinal?

— Entendo que, quando se trata dos direitos que me dizem respeito, quando me tocarem nos meus interesses pessoais, saberei defendê-los com todas as minhas forças; quando era estudante e vinham às vezes a nossa casa fazer buscas e os polícias liam as nossas cartas, eu bem sabia defender os meus direitos à liberdade e à instrução. Quero discutir o serviço militar obrigatório, porque é um assunto que diz respeito à sorte dos meus filhos, dos meus irmãos, ao meu por consequência; mas saber como empregar os quarenta mil rublos de impostos e fazer o processo de Alexei idiota, não me

sinto capaz.

O dique abrira-se; Konstantin continuava falando sem parar. Sergei sorriu.

— E se amanhã tiveres um processo, preferirias ser julgado pelos tribunais antigos?

— Eu não terei processos; não assassinarei ninguém e tudo isso me não serve para nada. As nossas instituições provinciais, vês tu — disse ele saltando segundo o seu costume de um assunto para outro — lembram-me os pequenos salgueiros, que nós metíamos na terra no dia da Trindade para parecer uma floresta. A floresta rebentou por si própria na Europa, mas, quanto aos nossos pequenos salgueiros, é-me impossível regá-los e acreditar neles.

Sergei Ivanitch encolheu os ombros em sinal de espanto ao ver esses pequenos salgueiros metidos na discussão: compreendeu, no entanto, a ideia do irmão.

— Isso não é um raciocínio — disse.

Mas Konstantin para tratar de explicar esta ausência de interesse pelos negócios públicos, de que se sentia culpado, continuou:

— Eu creio que há atividade durável, se não está fundada sobre o interesse pessoal; é uma verdade geral, *filosófica* — disse apoiando-se sobre esta última palavra, como para provar que ele também tinha o direito de falar em filosofia, com qualquer outro.

Sergei Ivanitch sorriu.

Também ele, pensou, *arranja uma filosofia para a pôr ao serviço das suas inclinações.*

— Deixa a filosofia tranquila. O seu fim foi precisamente em todos os tempos de manter o laço indispensável, que existe entre o interesse pessoal e o interesse geral. Os pequenos salgueiros não ficaram seguros à terra, foram semeados, plantados e é preciso tratá-los com cuidado. As únicas nações que têm futuro, as únicas, que se podem chamar históricas, são as que sentem a importância e o valor das suas instituições, e por consequência lhe ligam valor.

E para melhor demonstrar o erro que o irmão cometia, discutiu a questão sob o ponto de vista da filosofia da história, um terreno sobre o qual Konstantin o não podia acompanhar.

— Quanto ao teu pouco gosto pelos negócios públicos, desculpar-me-ás

se o ponho à conta da nossa preguiça russa, dos nossos velhos hábitos de grandes senhores; deixa-me esperar, que tu voltarás a ti desse erro passageiro.

Konstantin não respondeu; sentia-se batido em toda a linha e sentia igualmente que seu irmão não compreendera ou não quisera compreender o seu pensamento. Seria ele que não sabia explicar-se claramente ou seu irmão que punha má vontade? Sem aprofundar esta questão, não replicou e absorveu-se nas suas reflexões.

Capítulo 4

No ano anterior, num dia em que se andava à ceifa, Levine tinha-se zangado com o feitor e, para se acalmar, tirara a foice a um camponês e pusera-se ele próprio a ceifar. Esse trabalho agradara-lhe tanto que o retomou muitas vezes; foi ele mesmo que ceifou o prado diante da porta e prometeu a si próprio ceifar dias inteiros com os camponeses.

Depois da chegada de Sergei, perguntou a si mesmo se poderia pôr em prática o seu projeto. Era absurdo abandonar o irmão durante um dia todo e ao mesmo tempo receava também a sua troça. As impressões do ano precedente voltaram-lhe à memória enquanto ia atravessando um prado.

Preciso absolutamente de um exercício violento, senão o meu génio tornar-se-á intratável, pensou ele, decidido a arrostar o desgosto que lhe podiam causar as observações do irmão e dos seus trabalhadores.

Nessa tarde, indo dar as ordens para o trabalho do dia seguinte, Levine, dissimulando o seu embaraço, disse ao feitor:

— Mande a minha foice ao Tito para que ele a arranje para amanhã. É provável que eu próprio vá ceifar.

O feitor sorriu e respondeu:

— Está bem.

Mais tarde, tomando o chá, Levine disse ao irmão:

— Decididamente o tempo está bom, amanhã irei ceifar.

— Eu gosto muito desse trabalho — disse Sergei.

— Eu gosto entranhadamente dele; o ano passado sucedeu-me ter de ceifar e amanhã quero ceifar durante todo o dia.

Sergei Ivanitch levantou a cabeça e olhou espantado para o irmão.

— Como é isso? Trabalhar todo o dia, como um camponês?

— Sim, é muito divertido.

— É um excelente exercício físico, mas poderás tu suportar uma tal fadiga? — perguntou Sergei sem nenhuma intenção irónica.

— Já o experimentei. Ao princípio é difícil, depois acostumamo-nos. Creio bem que irei até ao fim.

— Na verdade? Mas com que olhos irão os camponeses ver isso? Não irão meter a ridículo as *manias* do patrão? E depois como te arranjarás para jantar? Não poderás mandar levar-te lá baixo uma garrafa de licor e um peru assado.

— Virei a casa jantar, quando os trabalhadores estiverem a descansar.

No dia seguinte pela manhã, embora se tivesse levantado mais cedo do que de costume, quando Levine chegou ao prado já encontrou os ceifeiros no trabalho.

O prado estendia-se aos pés da colina, com as suas leiras de erva já ceifada e os pequenos montículos negros formados pelos fatos dos trabalhadores. Levine descobriu, aproximando-se, que os ceifeiros caminhavam em escala, uns atrás dos outros e avançando lentamente sobre o solo desigual do prado. Contou quarenta e dois homens e distinguiu no meio deles conhecimentos antigos: o velho Ermil, com uma camisa branca e as costas curvadas, e o jovem Varia, outrora seu cocheiro.

Tito, o seu professor, um velhinho seco, também lá estava, fazendo grandes molhos sem se baixar e manejando facilmente a foice.

Levine desceu do cavalo, prendeu-o perto do caminho e aproximou-se de Tito, que foi logo buscar uma foice escondida atrás de uma moita e lha apresentou.

— Está bela, Barine, é uma navalha de barba, ceifa sozinha — disse Tito tirando o boné e sorrindo.

Levine tomou a foice. Os ceifeiros, depois de terem acabado a linha, voltaram ao caminho; estavam cobertos de suor, mas alegres e de bom humor, e sorrindo cumprimentavam todos o patrão. Ninguém ousou abrir a boca, antes que um velho com a cara rapada, com uma jaqueta de pele de carneiro, lhe tivesse dirigido em primeiro lugar a palavra:

— Atenção, Barine, quando se começa um trabalho é preciso terminá-lo! — disse ele, e Levine ouviu risos abafados entre os ceifeiros.

— Tratarei de ver se ninguém me passa adiante — respondeu colocando-se atrás de Tito.

— Atenção — repetiu o velho.

Tendo-lhe arranjado lugar, começou a ceifar atrás dele. A erva era curta e dura; Levine havia muito tempo que não ceifava e, perturbado pelos olhares

que se fixavam nele, começou mal, embora manejasse vigorosamente a foice.

Duas vozes atrás dele diziam:

— Mal apanhada; a foice anda muito alta; olha como ele curva.

— Apoia antes o tacão.

— Não vai mal, lá chegaremos — disse o velho — os teus molhos são muito grandes, cansar-te-ás depressa. Se fosse antigamente, teríamos apanhado pancadas por fazermos o trabalho como tu.

A erva tornava-se mais macia e Levine, escutando as observações sem responder, seguia Tito; fizeram assim uma centena de passos. O camponês caminhava sem se deter, mas Levine estava esgotado e receava não chegar ao fim; ia pedir a Tito que parasse quando este fez alto espontaneamente e, baixando-se, agarrou um punhado de erva, experimentou a foice e pôs-se a afiá-la. Levine endireitou-se e deitou um olhar à volta dele com um suspiro de alívio. Junto dele um camponês muito fatigado também parara.

À segunda vez tudo foi na mesma; Tito avançava uma passada a cada molho ceifado. Levine, que caminhava atrás dele, não queria deixar passar ninguém adiante, mas no momento em que o esforço era tão grande, que se julgava já sem forças, Tito parava e punha-se a afiar.

O mais difícil estava feito. Quando o trabalho recomeçou, Levine não teve outro pensamento, outro desejo senão o de chegar tão depressa e tão bem como os outros. Só ouvia o ruído das foices atrás dele, via a figura direita de Tito marchando diante dele e o semicírculo descrito pela foice sobre a erva, que abaixava lentamente, cortando as floritas pequenas. De repente sentiu uma agradável sensação de frescura nas costas; olhou para o céu enquanto Tito afiava a foice e viu uma grande nuvem negra e compreendeu que chovia. Alguns dos trabalhadores tinham ido vestir os casacos, outros faziam como Levine e recebiam com prazer a chuva sobre as costas.

O trabalho avançava; Levine perdera por completo a noção do tempo e da hora. Nesse momento o trabalho parecia-lhe cheio de suavidade; era um estado de inconsciência onde, livre e sem paixões, esquecia completamente o que fazia, bem que o seu trabalho nesse momento valesse o de Tito. Entretanto Tito aproximara-se do velho e examinava o sol com ele.

De que falarão eles? Porque não continuamos?, pensou Levine sem olhar que os camponeses trabalhavam sem descanso desde as quatro horas e que era tempo de almoçar.

— É preciso comer, Barine — disse o velho.

— É já tão tarde? Nesse caso almocemos.

Levine entregou a foice a Tito e atravessando com os camponeses a grande extensão de erva ceifada, que a chuva acabava de orvalhar ligeiramente, foi buscar o cavalo, enquanto eles tiravam o pão posto com os casacos no meio do chão, sobre a erva. Viu então que não tinha previsto o tempo e que o feno ficaria molhado.

— O feno estragar-se-á — disse.

— Não faz mal, Barine; ceifa com chuva e seca ao sol — disse o velho.

Levine desprendeu o cavalo e voltou para casa a tomar o café. Sergei Ivanitch acabava de se levantar; antes que o irmão se tivesse vestido e aparecesse na casa de jantar, já Konstantin tinha partido de novo para o campo.

Capítulo 5

Depois do almoço, Levine, retomando o trabalho, arranjou lugar entre o velho trocista, que o convidou para seu vizinho, e um jovem camponês casado depois do outono e que pela primeira vez ceifava naquele verão.

O velho avançava em grandes passadas regulares e parecia ceifar com pequena dificuldade, como se ao andar fosse simplesmente balanceando o braço: a foice, bem afiada, parecia trabalhar sozinha.

Levine deitou-se ao trabalho; atrás dele avançava o jovem Miguel, com os cabelos ligados à volta da testa por ervas enroladas; o rosto trabalhava-lhe com o resto do corpo, mas mal se olhava para ele punha-se a rir pensando que era melhor morrer do que confessar a rudeza do trabalho.

O esforço empregado pareceu a Levine menos áspero durante o calor do dia: o suor que o banhava, ia-o refrescando e o sol dardejando-lhe sobre as costas, a cabeça e os braços até ao cotovelo, dava-lhe força e energia. Os momentos de esquecimento, de consciência voltavam mais frequentemente e a foice trabalhava então sozinha. Eram uns momentos de felicidade! Quando se aproximaram da ribeira, o velho, que marchava à frente de Levine, limpou a foice à erva molhada, lavou-a na ribeira e foi beber água que também ofereceu a beber ao patrão.

— Que dirás tu do meu vinho, Barine? É bom, hein?

E Levine julgava efetivamente nunca ter bebido nada melhor, que essa água tépida, em que nadavam ervas, com gosto de ferrugem, que lhe ajuntara a escudela de ferro do camponês. Depois voltava o passeio lento e cheio de beatitude em que, com a foice no braço, se podia limpar a testa, respirar a plenos pulmões e lançar uma olhadela aos ceifeiros, aos bosques, aos campos, a tudo o que se fazia por ali à volta. Os felizes instantes de esquecimento voltavam sempre, cada vez mais frequentes, e a foice parecia entregar-se à sua tarefa como um corpo cheio de vida e executar como por encanto e sem o auxílio do pensamento o trabalho mais regular. Pelo

contrário, quando era preciso interromper esta atividade inconsciente, tirar um torrão de terra ou arrancar um molho de ervas ruins, a volta à realidade era penosa.

Para o velho isto era uma brincadeira. Quando um torrão se apresentava, apertava o de um lado com o pé e do outro com a foice e tirava-o com pequenas pancadas repetidas. Nada escapava à sua observação; agora era um fruto bravo que comia ou oferecia a Levine, logo um ninho de pássaros, donde o macho fugia, uma cobra, que levantava na ponta da foice, como numa forquilha, e atirava para longe depois de a ter mostrado aos companheiros. Mas para Levine e para o nosso camponês, uma vez no trabalho, difícil lhes era mudar de movimento e examinar o terreno.

O tempo passava sem darem por isso e a hora do jantar ia-se aproximando. O velho chamou a atenção do patrão sobre os rapazes, meio cobertos pela erva, acorrendo de todos os lados e trazendo aos ceifeiros e pão e bilhas de kvas, que pareciam pesadas de mais para os seus braços fraquitos.

— Olha os *mosquitos* que vão chegando — disse ele apontando os rapazes, e abrigando os olhos com a mão pôs-se a olhar o sol.

O trabalho continuou durante algum tempo; depois o velho deteve-se e disse num ar decidido:

— É preciso jantar, Barine.

Os ceifeiros alcançaram o sítio onde estavam postos os casacos e onde os rapazes os esperavam com os jantares; uns assentaram-se junto aos carros, outros sob uma moita de cítisos onde tinham posto a erva; Levine foi sentar-se junto dele, não tinha vontade nenhuma de os deixar. Toda a timidez diante do patrão tinha desaparecido e os camponeses puseram-se a comer e a dormir; lavaram-se, pegaram no pão, desrolharam as bilhas de kvas, enquanto os rapazes iam tomar banho na ribeira.

O velho migou o pão numa escudela, esmagou-o com a colher, deitou-lhe kvas e sal, depois pôs-se a rezar voltado para o oriente.

— Então, Barine, vem saborear a minha sopa — disse ajoelhando-se diante da escudela.

Levine achou a sopa tão boa que não quis ir a casa. Jantou com o velho e a sua conversa versou sobre os negócios da casa deste, pelos quais o patrão mostrou um grande interesse; por sua vez, ele contou os seus planos e os seus projetos, que podiam interessar o companheiro, sentindo-se mais em comunidade de ideias com esse homem simples do que com seu irmão,

sorrindo involuntariamente da simpatia, que experimentava por ele.

Acabado o jantar, o velho fez a sua oração e deitou-se depois de ter arranjado um travesseiro de erva. Levine fez outro tanto e apesar das moscas e dos insetos que lhe maçavam o rosto coberto de suor, adormeceu e só acordou quando o sol, passando por cima das árvores, lhe veio brilhar por cima da cabeça. O velho já não dormia: estava aguçando as foices.

Levine olhou à volta dele sem se poder reconhecer; tudo lhe parecia mudado. O campo ceifado estendia-se enorme com as suas filas de erva perfumada, iluminado por uma forma nova pelos raios oblíquos do sol; a ribeira, escondida ainda pela erva não ceifada, corria límpida e brilhante, como aço, entre as suas margens descobertas; por cima voavam aves de rapina.

Levine calculou o que os trabalhadores tinham feito e o que havia para fazer; o trabalho destes quarenta e dois homens era considerável; no tempo da escravidão trinta e dois homens trabalhavam durante dois dias e mal chegavam ao fim desta planície, de que já não restavam agora senão alguns cantos intactos. Mas ele teria querido fazer mais ainda; o sol, a seu pesar, descia muito depressa; não sentia fadiga nenhuma.

— Em que estás a pensar? — perguntou Levine ao velho. — Não teremos tempo de ceifar ainda a colina?

— Se Deus quiser; o sol ainda está alto e haverá talvez um copito para os *meninos?*

Quando os fumadores acenderam os cachimbos, o velho declarou «aos meninos» que se a colina ficasse ceifada, teriam uma pinga.

— Porque não! P'rá frente, Tito, levaremos isto numa volta. À noite comer-se-á. P'rá frente! — gritaram algumas vozes; e, acabando o pão, os ceifeiros levantaram-se.

— Vá rapazes, coragem! — disse Tito abrindo a marcha.

— Vamos, vamos! — repetiu o velho apressando-se a juntar-se a eles. — Se eu chego primeiro, ceifo tudo!

Velhos e novos começaram ceifando ao desafio e, por mais pressa que tivessem, os montes alinhavam-se limpos e regulares sem que a erva estivesse estragada. Os últimos ceifeiros mal terminavam a sua linha quando os primeiros, pondo os casacos aos ombros, iam já a caminho da colina. O sol desaparecia por detrás das árvores quando eles a atingiram; a erva chegava à cintura, macia, suave, espessa e cheia de flores do campo.

Depois de um curto conciliábulo para decidir se se ceifaria ao comprido ou na largura, um camponês alto com barba preta, Prioto Ermilitch, um ceifeiro célebre, fez o primeiro caminho no sentido do comprimento e voltou para trás. Todos os outros o seguiram, subindo do vale para a colina até acabarem nos limites do bosque.

O sol ia desaparecendo a pouco e pouco por detrás da floresta; começava a cair orvalho; os ceifeiros já não viam o globo brilhante lá no alto, mas no vale e na vertente da montanha, donde se elevava um vapor branco; avançavam agora no meio de uma sombra fresca e impregnada de humidade. O trabalho avançava rapidamente. A erva caia em grandes montes; os ceifeiros, um pouco apertados faziam ressoar os utensílios presos à cintura, entrechocavam as foices, assobiavam e interpelavam-se alegremente.

Levine avançava sempre entre os seus dois companheiros. O velho vestira o seu casaco de pele de carneiro, conservando, contudo, a sua agilidade e liberdade de movimentos. Nos bosques viam-se cogumelos escondidos sob a erva; em lugar de os cortar com a foice, como os outros, baixava-se ao ver algum, apanhava-o e escondia-o dentro do casaco dizendo: «Mais um presente para a minha velha».

A erva macia e suave ceifava-se facilmente, mas era difícil subir e descer muitas vezes o pendor escarpado do vale. O velho nada deixava transparecer, subindo com passos miúdos, mas enérgicos, e manejando ligeiramente a foice, embora algumas vezes o corpo todo lhe tremesse. Nada desprezava no seu caminho nem uma erva, nem um cogumelo, e gracejava sempre. Levine, por detrás dele, julgava cair a cada momento, e pensava que nunca alcançaria, com uma foice na mão, aquelas alturas difíceis de escalar mesmo com as mãos livres. Mas não deixou de subir e de fazer como os outros; uma febre interior parecia ampará-lo.

Capítulo 6

Quando o trabalho acabou, os camponeses vestiram os casacos e retomaram alegremente o caminho de casa. Levine montou a cavalo e separou-se com desgosto dos seus companheiros. No alto voltou-se para trás para os tornar a ver outra vez, mas os vapores da tarde, elevando-se do vale, ocultavam-nos. Só se ouvia o tinir das foices e o som das vozes rindo e falando.

Sergei Ivanitch tinha jantado havia muito tempo e no seu quarto tomava a limonada gelada, percorrendo os jornais e as revistas que o correio acabava de trazer, quando Levine entrou vivamente, com os cabelos em desordem e colados à testa pelo suor.

— Ceifámos toda a planície! Tu não imaginas como é bom. E tu, o que fizeste? — perguntou esquecendo-se completamente das impressões da véspera.

— Meu Deus, que ar que tens! — disse Sergei Ivanitch lançando um olhar descontente ao irmão. — Mas fecha a porta. Fizeste pelo menos entrar uma dúzia!

Sergei Ivanitch tinha horror às moscas e nunca abria as janelas do quarto senão à tarde, tendo o cuidado de conservar as portas sempre fechadas.

— Tem a certeza de que não deixei entrar uma única! Como passaste tu?

— Muito bem. Não me queres fazer acreditar que andaste a ceifar todo o dia? Deves ter uma fome de lobo! Kousma tem tudo preparado para o teu jantar.

— Não tenho fome, jantei lá em baixo; mas vou-me limpar.

— Vai, vai — disse Sergei levantando a cabeça para olhar para o irmão. — Avia-te — ajuntou ele sorrindo; e pôs-se a ordenar os livros para ir ter com o irmão, admirado com o seu aspeto alegre. — Onde estiveste durante a chuva?

— Qual chuva? Mas foram apenas umas gotinhas. Eu volto já. Com que

então passaste bem o dia? Foi bem bom.

E Levine foi arranjar-se.

Pouco depois os dois irmãos encontraram-se na sala de jantar. Levine julgava não ter fome e pôs-se à mesa unicamente para não ofender Kousma; mas uma vez que começou o jantar, achou-o excelente. Sergei Ivanitch olhava-o sorrindo.

— Já me esquecia de que há lá em baixo uma carta para ti — disse ele. — Kousma, vá lá buscá-la e tome cuidado, feche a porta.

A carta era do Oblonsky; escrevia-lhe de S. Petersburgo. Konstantin leu em voz alta:

> *Recebi do campo, uma carta de Dolly; tudo vai mal. Tu que sabes tudo, serias muito amável indo vê-la e ajudando-a com os teus conselhos. A pobre mulher está sozinha. Minha sogra ainda está no estrangeiro com toda a sua gente.*

— Certamente que a irei ver — disse Levine. — Tu deverias vir comigo. É uma senhora tão boa, não é?

— A sua casa não é longe daqui?

— A uma trintena de verstas, talvez, umas quarenta; mas o caminho é mau. Faríamos isso rapidamente.

— Com prazer — disse Sergei sorrindo, porque o olhar para o irmão dispunha-o para a alegria. — Que apetite! — ajuntou ele olhando-lhe o pescoço e o rosto queimado e vermelho inclinado para o prato.

— É excelente. Tu não imaginas como este regime expulsa da cabeça todas as tolices. Vou enriquecer a medicina com um termo novo: «Trabalhocura.»

— Tu não tens grande necessidade dessa cura, parece-me.

— Sim, mas é muito boa para combater as doenças nervosas.

— É uma experiência a fazer. Eu quis ir-vos ver trabalhar, mas o calor era tão insuportável que parei no meio do caminho e pus-me a descansar no bosque; de lá continuei até ao burgo e encontrei a tua ama, com quem estive conversando sobre o modo porque os camponeses te julgam: julguei entender que eles não aprovam o que tu fazes. «Isso não é negócio para patrões», respondeu-me ela. Eu creio que o povo tem em geral ideias muito atrasadas sobre o que «convêm aos patrões» fazer; eles não gostam de os ver sair das

suas atribuições.

— É possível; mas eu nunca experimentei um tão vivo prazer na minha vida e não faço mal a ninguém, não é verdade?

— Vejo que o teu dia te satisfez completamente — continuou Sergei.

— Sim, estou muito contente; a planície foi ceifada por completo e conversei com um bom homem; tu não és capaz de calcular quanto ele me interessou.

— Pois bem! Tu estás contente com o teu dia e eu com o meu. Resolvi dois problemas, dos quais um é muito bonito, mostrar-to-ei; depois pensei na conversa de ontem.

— O quê? Qual conversa? — disse Levine semicerrando os olhos depois de jantar com um sentimento de bem-estar e repouso, e incapaz de se lembrar da discussão de véspera.

— Acho que em parte tens razão. A diferença das nossas opiniões está em que tu tomas o interesse pessoal pelo móbil das nossas ações, enquanto eu pretendo que todo homem elevado a um certo desenvolvimento intelectual deve ter por móbil o interesse geral. Mas tu estás provavelmente na verdade quando dizes que é preciso que a ação, a atividade material, se acha interessada nessas questões A tua natureza, como dizem os franceses, é rápida; é preciso agir energicamente, apaixonadamente ou então não agir.

Levine escutava sem compreender, sem mesmo procurar compreender, e receava que o irmão lhe fizesse uma pergunta e visse a sua ausência de espírito.

— Não tenho razão, amigo? — perguntou Sergei batendo-lhe nas costas.

— Mas com certeza. E depois eu não pretendo estar na verdade — disse Levine com um sorriso de criança culpada.

Que discussão tivemos nós?, pensava. *Evidentemente nós tínhamos razão e é o melhor. É preciso que eu vá dar as minhas ordens para amanhã.*

E levantou-se estirando os membros com um sorriso; o irmão riu-se também.

— Meu Deus! — gritou Levine e tão alto que o irmão se espantou.

— O que há?

— A mão de Ágata Mikhailovna? — perguntou Levine batendo na testa. — Tinha-a esquecido.

— Vai muito melhor.

— É o mesmo, vou lá vê-la. Não terás mais tempo do que pôr o chapéu

na cabeça, para eu estar de volta.

E desceu correndo, fazendo ressoar os saltos sobre os degraus da escada.

Capítulo 7

Enquanto Stepane Arcadievitch ia a S. Petersburgo cumprir esse dever natural dos funcionários, que pensam em discutir por mais incompreensível que ele seja para os outros, «fazer-se lembrado nas recordações do Ministro» e ao mesmo tempo se dispunha, munido do dinheiro necessário, para passar agradavelmente o tempo nas corridas e em outros lados, Dolly partia para o campo, para Yergoushovo, uma terra que tinha recebido em dote e cuja mata tinha sido vendida na primavera. Estava a cinquenta verstas do Paktofsky de Levine.

A velha casa senhorial de Yergoushovo tinha desaparecido havia muito tempo. O príncipe contentara-se em aumentar e reparar uma das salas para fazer dela uma habitação regalar.

No tempo em que Dolly era uma criança, vinte anos antes, esta sala era espaçosa e cómoda, embora colocada de través. Agora caía toda em ruínas. Quando Stepane Arcadievitch viera pela primavera ao campo para a venda da mata, a mulher pedira-lhe que desse uma vista de olhos à casa a fim de a tornar habitável. Stepane Arcadievitch, desejoso, como todo o marido culpado, de procurar para a mulher uma vida material tão cómoda quanto possível, apressara-se a cobrir os móveis de cretone e de mandar colocar cortinas. Tinham limpo o jardim, plantado flores, e arranjado uma ponte pequena do lado do lago; mas muitos pormenores dos mais essenciais foram postos de parte e Daria Alexandrovna constatou-o com pesar. Stepane Arcadievitch, por mais que fizesse, esquecia sempre que era pai de família e os seus gostos permaneciam os de um celibatário. Voltando para Moscovo, anunciou com orgulho à mulher que tudo estava em ordem, que tinha posto a casa na perfeição e aconselhou-a muito para ir para lá. Essa partida convinha-lhe por muitas razões: as crianças dar-se-iam bem no campo, os gastos diminuiriam e enfim estaria mais livre. Pelo seu lado Daria Alexandrovna pensava que era preciso levar as crianças depois da escarlatina, porque a mais

nova das filhas convalescia com dificuldade. Deixou à cidade outros aborrecimentos, contas de fornecedores aos quais não se melindrara em escapar. Enfim tinha a ideia de atrair para sua casa Kitty, a quem tinham recomendado banhos frios e que devia voltar para a Rússia pelos meados do verão. Kitty escrevia-lhe que nada podia agradar tanto como ir acabar o verão em Yergoushovo, nesse lugar tão cheio de recordações de infância para ambas.

O campo, revisto por Dolly através das suas impressões de infância, parecia-lhe de antemão um refúgio contra todos os pesares da cidade; se a vida não era elegante, e Dolly não se importava com isso, pensava em a achar cómoda e pouco custosa, e as crianças seriam lá mais felizes! As coisas foram muito diversas quando veio para Yergoushovo como dona da casa.

No dia seguinte ao da chegada, choveu a potes; o teto deixou passar a água, que caiu no corredor e no quarto das crianças; as caminhas tiveram de ser transportadas para o salão. Nunca se pôde encontrar uma cozinheira para os criados. Das nove vacas que havia no estábulo, umas, no dizer da vaqueira, estavam prenhes, as outras eram muito novas ou já velhas; por consequência não havia a esperar manteiga nem leite. Galinhas, frangos e ovos, faltava tudo; foi preciso contentarem-se com velhos galos duros. Foi impossível arranjar mulheres para lavar a roupa, porque estavam todas na monda. Um dos cavalos, muito cheio de manhas, não se deixava atrelar, por isso os passeios em carro foram impossíveis. Quanto aos banhos, foi preciso renunciar a eles; o rebanho tinha destruído a margem da ribeira e de mais estava se muito à vista dos caminhantes. Os passeios a pé perto da casa eram mesmo perigosos; as grades mal presas do jardim não impediam o gado de entrar e havia na manada um touro terrível, que mugia e que se dizia que marrava. Na casa nem um guarda-vestidos! Os poucos armários que lá havia não fechavam ou abriam-se por si próprios quando se passava diante deles. Na cozinha não havia janelas; na lavandaria não havia caldeira para a lixívia, nem mesmo uma tábua de engomar para as criadas!

Em lugar de ter o repouso que esperava, Dolly caiu num desespero; sentindo a sua impotência diante de uma situação que lhe aparecia terrível, mal retinha as lágrimas. O intendente, um velho, que tinha seduzido Stepane Arcadievitch pela sua bela apresentação, e de suíço passara a intendente, não tomava parte nos pesares de Daria Alexandrovna; contentava-se em responder respeitosamente: «Impossível arranjar alguma coisa, o mundo é tão

mau», e não se mexia.

A posição teria sido sem remédio se em casa dos Oblonsky, como na maior parte das famílias, não se encontrasse essa personagem tão útil como importante, apesar das suas atribuições modestas: a aia dos meninos, Matrona Filomenovna. Esta acalmava a patroa, assegurava-lhe que tudo se arranjaria e fazia as coisas sem ruído nem embaraços. Mal chegada travara conhecimento com a mulher do intendente e desde os primeiros dias foi tomar chá debaixo das acácias com ela e com o marido. Foi ali que os negócios da casa foram discutidos; um clube no qual se reuniram o estarosta e o bibliotecário se formou debaixo das árvores. Pouco a pouco as dificuldades da vida aplanaram-se. O telhado foi reparado; veio uma cozinheira, amiga da mulher do estarosta; compraram-se galinhas; as vacas começaram a dar leite; as grades foram arranjadas; puseram-se fechos nos armários, que deixaram de abrir intempestivamente; o carpinteiro instalou a lavandaria; a tábua de engomar, coberta com um bocado de um capote de soldado, estendia-se da cómoda às costas de uma cadeira, e o cheiro dos ferros espalhou se pelo quarto onde trabalhavam as criadas.

— Pronto — disse Matrona Filomenovna mostrando a tábua de engomar à senhora. — Não havia razão para desesperar.

Arranjou-se até a maneira de mandar construir uma barraca de madeira na praia para os banhos e Lili pôde começar. A esperança de uma vida cómoda, pelo menos tranquila, tornou-se quase uma realidade para Daria Alexandrovna. Para ela era uma coisa rara, um período de descanso com seis crianças. Mas as inquietações e os incómodos representavam as únicas quebras de felicidade que Dolly teve; privada deste desassossego, teria tido tempo de pensar em ideias negras causadas pelo marido, que já não a amava. De resto até mesmo os filhos, que a preocupavam pela saúde ou pelas maldades, a compensavam das suas penas com uma multidão de pequenas alegrias. Por serem invisíveis e semelhantes ao ouro misturado com a areia, não deixavam, contudo, de existir menos e se nas horas de tristeza ela só via a areia, em outros momentos o ouro reaparecia. A solidão do campo tornava essas alegrias mais frequentes; muitas vezes, acusando-se de parcialidade maternal, Dolly não podia impedir-se de admirar a sua pequena família agrupada à roda dela e de pensar consigo que era raro encontrar seis crianças tão lindas e tão encantadoras.

Então sentia-se feliz e cheia de orgulho.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 8

Durante a quaresma de S. Pedro, Dolly levou os filhos à comunhão. Embora espantasse os pais e as amigas pela sua liberdade de pensamento sobre questões de fé, Daria Alexandrovna não deixava de ter uma religião que sustentava no íntimo. Essa religião nada tinha de comum com os dogmas da Igreja e assemelhava-se muito à metempsicose; contudo Dolly executava e fazia executar estritamente na sua família as prescrições da Igreja. Ela não queria somente com isso dar o exemplo, obedecia a uma necessidade da sua alma e nesse momento atormentava-a a ideia de não ter feito comungar nesse ano as crianças. Por isso resolveu cumprir esse dever.

Primeiro tratou-se das *toilettes* das crianças: os vestidos foram arranjados, lavados e postos mais compridos; puseram-se guarnições nas saias, pregaram-se botões novos e laços de fita. A inglesa encarregou se do vestido de Tânia e fez criar bem mau sangue a Daria Alexandrovna; as cavas eram muito estreitas, a cintura do corpete muito alta; metia pena ver Tânia, tanto o vestido lhe tornava as costas estreitas. Felizmente Matrona Filomenovna teve a ideia de pregar uns bocados pequenos no corpete para o alargar e um encaixe para esconder os acrescentos. O mal foi reparado; mas zangaram-se com a inglesa.

Quando tudo estava acabado, as crianças, preparadas e radiantes de júbilo, reuniram-se um domingo de manhã à porta, sobre a relva, diante da caleche atrelada, esperando pela mãe para irem para a igreja. Graças à proteção de Matrona Filomenovna, tinha-se substituído na caleche o cavalo manhoso pelo do intendente. Daria Alexandrovna apareceu com um vestido de cambraia branca.

Dolly penteara-se e vestira-se com cuidado, quase com comoção. Outrora amara as *toilettes* para se fazer bela e elegante a fim de agradar; mas com a idade perdeu o gosto do luxo que a forçava a constatar que a sua beleza tinha desaparecido. Agora para não fazer sombra no quadro ao lado dos seus lindos

filhos voltava a um certo cuidado com a *toilette,* contudo sem que pensasse em se embelezar. Depois de um último olhar ao espelho, partiram.

Na igreja não estava ninguém a não ser camponeses e pessoas da casa; mas ela notou a admiração que os seus filhos e ela própria inspiravam ao passar. As crianças estavam tão encantadoras de rosto, como de fato. O Alexei teve algumas distrações causadas pelas pregas do casaco, de que teria querido admirar o efeito por detrás, mas estava tão gentil! Tânia era como uma mulherzinha, que tomava cuidado nos irmãos mais novos! Quanto a Lili, a última, estava pasmada; tudo o que via lhe causava uma admiração muito viva e foi difícil conter o riso quando, depois de ter recebido a comunhão, ela disse ao padre: «Please some more».

Voltando para casa, as crianças, com a impressão do ato solene que acabavam de executar, estiveram ajuizadas e quietas. Tudo foi bem até ao jantar, mas nesse momento Grisha permitiu-se assobiar e o que foi pior, recusou-se a obedecer à inglesa, sendo privado da sobremesa! Quando soube da maldade do filho, Dolly, que se estivesse presente tudo apaziguaria, teve de dar força à governanta e confirmar o castigo. Este episódio perturbou a alegria geral.

Grisha pôs-se a chorar dizendo que o Nicolau também tinha assobiado, mas só a ele é que castigavam e que, se chorava, era por causa da injustiça da inglesa e não por não comer o bolo. Daria Alexandrovna entristecida, quis arranjar as coisas.

Durante este tempo, o culpado, refugiado no salão, assentara-se no parapeito da janela e atravessando a casa, Dolly viu-o assim como a Tânia, que estava em pé diante dele com um prato na mão. Sob o pretexto de dar de comer às suas bonecas, a criança obtivera licença de levar um bocado de bolo para o quarto e foi para o irmão que ela o levou. Grisha, chorando sempre por causa da injustiça de que era vítima, comia soluçando e dizia para a irmã no meio das lágrimas: «Come também, comemos os dois!» Tânia, cheia de simpatia pelo irmão, comia com as lágrimas, com a consciência de ter praticado uma ação generosa.

Vendo a mãe tiveram medo, mas a expressão do seu rosto sossegou-os; correrem logo para ela, beijaram-lhe as mãos com as bocas cheias de bolo e lambuzaram-lhe a cara toda com as lágrimas.

— Tânia, olha o vestido novo! Grisha... — dizia a mãe sorrindo num ar terno, procurando preservar os fatos dalguma nódoa.

Tirados os fatos bons, vestiram uns bibes ordinários à menina e uns casacos velhos aos rapazes e mandaram atrelar o trem para ir procurar cogumelos à mata. No meio dos gritos de alegria as crianças encheram um cesto grande de cogumelos. A própria Lili apanhou um. Antigamente era preciso que *miss* Hull lhos fosse procurar, mas nesse momento descobriu-o sozinha e então foi um entusiasmo geral. Lili apanhou um cogumelo!

O dia acabou por um banho na ribeira; os cavalos foram presos às árvores e o cocheiro Terenti, deixando-os sacudir as moscas com os rabos, estendeu-se debaixo de uma árvore, acendeu o cachimbo, e divertiu-se com os risos e com os gritos alegres que partiam da barraca.

Daria Alexandrovna gostava de ser ela a própria a dar o banho às crianças, embora não fosse coisa fácil impedi-las de fazer tolices, nem de se encontrar na coleção de meias, sapatos e calcitas, algumas que precisavam de ser novamente atadas e abotoadas. Esses lindos corpos de crianças, que ela mergulhava na água, os olhos brilhantes dessas cabecitas de querubins, essas exclamações ao mesmo tempo chorosas e alegres, ao primeiro mergulho, esses membros, que era preciso de novo meter nos fatos, tudo isso a divertia.

A *toilette* das crianças estava já meia feita quando as camponesas endomingadas começaram a passar por diante da barraca de banho e pararam timidamente. Matrona Filomenovna chamou uma delas para lhe pôr a secar um pano que caíra dentro de água e Daria Alexandrovna dirigiu-lhe a palavra. As camponesas começaram a rir, tapando a boca com as mãos não compreendendo bem as perguntas, mas pouco a pouco refizeram-se e ganharam a simpatia de Dolly pela sua sincera admiração pelas crianças.

— Olha, como é bonita! E branca como açúcar! — disse uma delas mostrando Tânia... — Mas é muito magra! — ajuntou franzindo a testa.

— É porque esteve doente.

— E aquele também toma banho? — perguntou uma outra mostrando o mais novito.

— Não, só tem três meses — respondeu Dolly com orgulho.

— É verdade?

— E tu, tens filhos?

— Tive quatro: só me restam dois, uma moça e um rapaz. Desmamei o último antes da Páscoa.

— Que idade tem?

— Vai para dois anos.

— Porque o amamentaste durante tanto tempo?

— É o costume entre nós: três Páscoas.

E continuaram a conversar de crianças, de doenças e do marido: via-o muitas vezes!

Daria Alexandrovna tomava interesse na conversa tanto como as camponesas e não tinha pressa de se ir embora. Estava contente por ver que essas mulheres lhe invejavam o número de filhos e a sua beleza. Depois fizeram-na rir e ofenderam *miss* Hull pelas observações sobre a *toilette* desta. Uma das mais novas olhava com os olhos muito abertos para a inglesa, que se vestia em último lugar, e que estava enfiando saias umas sobre as outras. À terceira, a camponesa não pôde mais e exclamou involuntariamente:

— Olha o que ela põe! Não tem fim.

E todas se riram.

Capítulo 9

Daria Alexandrovna, com um lenço na cabeça, rodeada pelos seus pequenos banhistas, estava próxima de casa quando o cocheiro exclamou:

— Vai ali diante de nós um senhor; deve ser o senhor de Pakrofsky.

Com grande alegria Dolly reconheceu efetivamente o casaco gris, o chapéu mole e o rosto amigo de Levine; sentia-se sempre muito feliz em o ver, mas nesse dia ficou particularmente satisfeita por se mostrar em toda a sua glória a ele que, melhor que ninguém, podia compreender o que a tornava triunfante.

Percebendo-a, Levine julgou ver a imagem da felicidade íntima, que era o seu sonho.

— Parece-se com uma galinha com a sua ninhada, Daria Alexandrovna.

— Como me sinto contente em o ver — disse ela estendendo-lhe a mão.

— Contente! E não me mandou dizer nada? O meu irmão está em minha casa; foi por Stepane que eu soube que estava aqui.

— Por Stepane? — perguntou Dolly admirada.

— Sim, escreveu-me que a senhora estava no campo e penso que me permitirá que a ajude em qualquer coisa...

E, falando, Levine perturbou-se, interrompeu-se e caminhou ao lado do trem arrancando ao passar pequenos íamos de tílias, que mordiscava. Ia pensando que Daria Alexandrovna acharia sem dúvida pouco agradável ver um estranho oferecer-lhe o auxílio que ela deveria ter encontrado em seu marido. Com efeito a forma porque este se descarregara dos encargos domésticos dando-os a um terceiro desagradou a Dolly.

Ela compreendeu que Levine o sentia e apreciou nele esse tato e delicadeza.

— Eu bem compreendi que era uma maneira amável de me dizer que a senhora me veria com prazer e estimei-o muito. Imagino como a senhora, habituada à cidade, deve achar esta região selvagem; se lhe puder ser útil em

qualquer coisa, disponha de mim, peço-lhe.

— Oh! Muito obrigada — disse Dolly. — O começo não foi sem aborrecimentos, é verdade, mas agora tudo caminha bem, graças à minha velha aia — ajuntou designando Matrona Filomenovna, que compreendendo que estavam tratando dela, dirigiu a Levine um sorriso amigo de satisfação. Ela conhecia-o bem e sabia que ele era um bom partido para a *sua menina* e por isso interessava-se por ele.

— Não quer subir, apertar-nos-emos um pouco — disse ela.

— Não, prefiro segui-la a pé. Qual dos meninos é o que quer correr comigo para agarrar os cavalos?

As crianças conheciam pouco Levine e não se lembravam bem de quando o tinham visto, mas não experimentaram com ele nenhuma timidez. Às crianças ralha-se-lhes muitas vezes por não serem amáveis com as pessoas crescidas: é porque a criança mais meiga não é enganada por uma hipocrisia, que escapa muitas vezes até ao homem mais perspicaz; o seu instinto adverte-a infalivelmente. Ora por mais defeitos que pudessem apontar a Levine, não o podiam acusar de falta de sinceridade; também as crianças compartilhavam a seu respeito dos bons sentimentos, que eram expressos no rosto da mãe.

Os dois mais velhos responderam ao convite e correram para ele como se fossem com a aia ou com a mãe. Lili também quis ir com ele. Levine pô-la aos ombros e começou a correr gritando para Dolly.

— Não tenha receio, Daria Alexandrovna, não lhe faço mal.

E vendo quanto ele era prudente e cuidadoso nos seus movimentos, Dolly seguiu-o confiadamente com os olhos.

Levine tornava-se criança, principalmente no campo e na companhia de Dolly, por quem experimentava uma verdadeira simpatia; esta gostava de o ver nessa disposição de espírito, que não era rara nele: divertia-se com a ginástica à qual se entregava com os pequenos, dos seus gracejos com *miss* Hull, que falava um inglês a seu modo e com as histórias do que fazia em casa.

Depois do jantar, os dois sozinhos à janela falaram de Kitty.

— Sabe que Kitty vem passar o verão comigo?

— Sim? — respondeu Levine corando: e mudou imediatamente de conversa. — Assim mando-lhe duas vacas; se quer absolutamente pagar e se isso a não faz corar de vergonha, dará cinco rublos por mês.

— Mas asseguro-lhe que já não é preciso. Cá me vou arranjando.

— Nesse caso irei ver, com sua licença, as vacas e o que elas comem; deve ser isso!

E para não abordar o espinhoso assunto por que morria por se informar, com receio de ir destruir um repouso tão duramente reconquistado, expôs a Dolly um sistema completo de alimentação de vacas, sistema que as tornava em simples máquinas destinadas a transformar a erva em leite...

— Talvez tenha razão, mas tudo isso exige vigilância e quem se encarregaria disso? — respondeu Dolly sem nenhuma convicção.

Agora que a ordem se estabelecera na sua casa, sob a influência de Matrona Filomenovna, não tinha desejo nenhum de alterar nada; de resto os conhecimentos científicos de Levine eram-lhe suspeitos e as suas teorias pareciam-lhe duvidosas e até mesmo nocivas. O sistema de Matrona Filomenovna era incomparavelmente mais claro: consistia em dar mais feno às duas vacas leiteiras e impedir o cozinheiro de dar as águas gordurentas da cozinha à vaca de lavadeira.

Mas o que Dolly queria era falar de Kitty.

Capítulo 10

— Kitty escreveu-me que deseja solidão e repouso — começou Dolly depois de um momento de silêncio.

— A sua saúde já está melhor? — perguntou Levine comovido.

— Graças a Deus, está completamente boa; eu nunca acreditei numa doença de peito.

— Sinto-me muito feliz em sabê-lo! — disse Levine; e Dolly julgou ler no rosto dele a tocante expressão de uma dor inconsolável.

— Diga me, Konstantin Dmitritch — pediu Dolly sorrindo com bondade e um pouco maliciosamente — porque não quer bem a Kitty?

— Eu? Mas não quero mal nenhum — respondeu.

— Oh, sim! Então porque não foi a nossa casa na sua última viagem a Moscovo?

— Daria Alexandrovna! — disse ele corando até à raiz dos cabelos. — Como é que a senhora, boa como é, não tem piedade de mim sabendo...

— Mas se não sei nada.

— Sabendo que fui repelido! — E toda a ternura que há pouco tinha experimentado durante um momento por Kitty desapareceu à recordação dessa injúria recebida.

— Porque é que supõe que eu o saiba?

— Porque toda a gente o sabe.

— É o que o engana; tinha umas suspeitas, mas nada sabia de positivo.

— Então sabe-o agora.

— O que eu sabia é que ela estava vivamente atormentada por uma recordação a que não permitia que fizessem alusões. Se ela não me confiou nada a mim é porque a ninguém o confiou. O que houve entre ambos? Diga-mo!

— Mas se acabo de lho dizer.

— Quando é que isso se passou?

— Da última vez que fui a casa de seus pais.

— Sabe que Kitty me causa uma pena enorme? — disse Dolly. — O senhor sofre no seu amor-próprio...

— É possível — disse Levine — mas...

Ela interrompeu-o.

— Mas ela, a pobre pequena, é bem digna de compaixão. Agora compreendo tudo.

— Desculpe se a deixo, Daria Alexandrovna — disse Levine levantando-se. — Até à vista.

— Não, espere — exclamou ela segurando-o pela manga do casaco. — Sente-se ainda um momento.

— Suplico-lhe, não falemos de tudo isso — disse Levine tornando a sentar-se, enquanto um raio dessa esperança que ele julgava para sempre desaparecida se acendia no seu coração.

— Se eu não gostasse de si — disse Dolly com os olhos cheios de lágrimas — se eu não o conhecesse como o conheço…

O sentimento, que Levine julgava morto, enchia-lhe o coração mais vivamente do que nunca.

— Sim, compreendo tudo agora — continuou Dolly. — Os senhores, homens, que são livres na sua escolha, podem saber claramente a quem amam, enquanto uma menina deve esperar com a reserva imposta às mulheres; é-lhe difícil compreender isto, mas uma menina pode muitas vezes não saber o que há de responder.

— Sim, se o seu coração não fala.

— Mesmo se o coração falou. Ora veja bem: o senhor, que lançou as suas vistas sobre uma menina, pode vir a casa dos pais, aproximar-se dela, observá-la e só a pedirá em casamento quando estiver certo de que ela lhe agrada.

— Mas isso não se passa sempre assim.

— Não é menos verdade que o senhor não se declara senão quando o seu amor é bem seguro ou quando, de duas pessoas, uma é mais digna das suas preferências. Mas a donzela? Haverá alguém que pretenda que ela escolha quando não pode senão responder sim ou não?

Trata-se da escolha entre mim e Vronsky, pensou Levine, e o morto, que ressuscitou na sua alma, pareceu-lhe morrer uma segunda vez torturando-lhe o coração.

— Daria Alexandrovna, escolhe-se assim um vestido ou qualquer outra coisa de pouca importância, mas não o amor. De resto a escolha está feita, tanto melhor; estas coisas não são para se recomeçarem.

— Vaidade, vaidade! — exclamou Dolly num ar de desdém pela baixeza do sentimento que ele estava expressando, comparado com aqueles que só as mulheres compreendem. — Quando se declarou a Kitty, ela achava-se precisamente numa dessas situações complexas em que se não sabe o que responder. Ela duvidava entre o senhor e Vronsky. Ele vinha todos os dias, enquanto o senhor não aparecia havia muito tempo. Se tivesse mais idade, ela não teria duvidado; eu, por exemplo, não teria hesitado no seu lugar. Nunca o pude suportar!

Levine lembrou-se da resposta de Kitty: «Não, isso não pode ser.»

— Daria Alexandrovna — disse ele secamente — estou-lhe muito reconhecido pela sua confiança, mas creio que a senhora se engana. Com ou sem razão, esse amor-próprio que a senhora despreza em mim faz que toda a esperança relativamente a Catarina Alexandrovna se torne impossível; compreende bem, impossível!

— Ainda uma palavra: compreende bem, que estava falando de uma irmã que me é tão querida, como os meus próprios filhos; eu não pretendo que ela goste de si; o que simplesmente lhe quis dizer foi que a sua recusa, no momento em que ela a fez, não significava absolutamente nada.

— Não a compreendo! — disse Levine saltando na cadeira. — Não sabe então o mal que me está fazendo? É como se a senhora tivesse perdido um filho e lhe viessem dizer: Olha como ele teria sido se ele tivesse podido viver para tua alegria. Mas está morto, morto, morto!...

— Como o senhor é esquisito! — disse Dolly com um sorriso triste à vista da comoção de Levine. — Ah, cada vez compreendo mais — continuou ela num ar pensativo. — Então não virá cá quando Kitty aqui estiver?

— Não! Não fugirei de Catarina Alexandrovna, mas, tanto quanto possível, evitar-lhe-ei o aborrecimento da minha presença.

— O senhor é um original — disse Dolly olhando-o afetuosamente. — Suponhamos que não dissemos nada... O que queres tu, Tânia? — perguntou ela em francês à filha que acabava de entrar.

— Onde está a minha pele, mamã?

— Estou-te falando em francês, responde-me da mesma forma.

Como a criança não encontrasse a palavra francesa, a mãe assoprou-lha e

em seguida disse-lhe, mas sempre em francês, onde ela deveria achar a pele. Esse francês desagradou a Levine, a quem tudo parecia mudado na casa de Dolly; até as próprias crianças já não pareciam tão gentis.

Porque fala ela em francês às crianças? É falso e pouco natural. As crianças sentem-no bem. Ensinam-lhes o francês e fazem-lhes esquecer a sinceridade, pensou Levine sem saber que já vinte vezes Dolly tinha feito estes mesmos raciocínios e não deixara de concluir que, a despeito da sem-razão feita à naturalidade, era a única maneira de ensinar uma língua estrangeira às crianças.

— Porque se vai já? Demore-se mais um pouco.

Levine demorou-se até ao chá, mas toda a sua alegria desaparecera e sentia-se sucumbido.

Depois do chá, saiu para mandar atrelar e quando voltou ao salão, achou Dolly com o rosto transtornado e os olhos cheios de lágrimas. Durante a curta ausência que ele tivera, todo o orgulho de Daria Alexandrovna a respeito dos filhos acabava subitamente de ser perturbado: Grisha e Tânia tinham jogado à pancada por causa de uma bola. Aos gritos que davam, a mãe tinha corrido e achou-os num estado lamentável; Tânia puxava pelos cabelos do irmão, enquanto este, com o rosto descomposto pela cólera, lhe dava socos com muita força. À vista disto, Daria Alexandrovna sentiu alguma coisa quebrar se no seu coração e a vida pareceu-lhe cobrir-se de um véu negro. Os seus filhos, de que tinha tanto orgulho, eram, pois, mal-educados, maus e com as mais grosseiras tendências! Este pensamento perturbou-a a ponto de não poder falar, nem raciocinar, nem explicar o seu desgosto a Levine!

Este acalmou-a o melhor que pôde, vendo-a chorosa, e assegurou-lhe que isso nada tinha de terrível, pois todas as crianças jogam à pancada; mas no fundo do seu coração pensava: *Não, não me torturarei para falar francês com os meus filhos; é preciso não ameninar e desnaturar o caráter das crianças, e é isso que os impede de serem encantadoras. Oh! os meus serão muito diferentes!*

Despediu-se de Daria Alexandrovna e partiu sem que ela procurasse demorá-lo mais.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 11

Em meados de julho, Levine viu chegar o administrador dos bens de seu irmão, situados a vinte verstas de Pakrofsky, com o seu relatório sobre a marcha dos negócios e sobre a colheita. O principal rendimento desta terra provinha de grandes planícies inundadas durante a primavera, que os camponeses arrendavam antigamente por uma média de 20 rublos o hectare. Quando Levine tomou conta da administração desta propriedade achou, examinando as planícies, que era um preço muito módico e aumentou o hectare para 25 rublos. Os camponeses recusaram tomá-los nessas condições e, como o suspeitou Levine, conseguiram dissuadir outros rendeiros. Foi preciso então ir para lá, contratar jornaleiros e ceifar por sua conta, com grande descontentamento dos camponeses, que empregavam todos os esforços para fazer baquear este novo plano. Apesar disso, desde o primeiro verão as planícies produziram mais do dobro. A resistência dos camponeses prolongou-se durante o segundo e terceiro ano, mas nesse verão tinham proposto retomarem o trabalho guardando um terço da colheita para eles e o administrador vinha anunciar que tudo estava acabado. Tinham-se apressado com medo da chuva e era preciso constatar a divisão e receber os onze moios, que formavam a parte do proprietário. Levine duvidou e, pela pressa que o administrador pusera em fazer a partilha sem ter recebido ordem da administração principal, viu que havia qualquer coisa de menos direita: o embaraço do camponês, o tom com que ele respondeu às suas perguntas, tudo lhe fez pensar que seria de boa prudência ir ele próprio pôr esse negócio a limpo.

Chegou à aldeia à hora do jantar; deixou os cavalos em casa de um velho camponês, o cunhado da sua ama, e depois pôs-se a procurar o velho para os lados onde ele guardava as colmeias, esperando obter alguns esclarecimentos sobre o negócio dos campos. O velhote recebeu o patrão com demonstrações de alegria, mostrou-lhe o seu pequeno domínio, contou-lhe

pormenorizadamente a história dos seus cortiços e dos enxames, mas respondeu vagamente e com um ar indiferente às perguntas que ele lhe fez. As suspeitas de Levine ficaram assim confirmadas.

Dali foi até junto das medas, examinou-as e achou inverosímil que elas contivessem cinquenta carradas como afirmavam os camponeses; portanto mandou vir um dos carros, que tinham servido de medida, e deu ordem para se transportar todo o feno de uma das medas para o palheiro. A meda só deu trinta e duas carradas. O feitor jurou que tudo se passara honestamente, que tinha sido o feno que quebrara, ao que Levine respondeu que, visto a partilha se ter feito sem ordem sua, não aceitava as medas como valendo cinquenta carradas. Depois de longas combinações decidiu-se que os camponeses guardariam as onze medas para eles e se faria uma nova divisão para o patrão. Esta discussão prolongou-se até à tarde.

Feita a divisão, Levine foi-se sentar sobre uma das medas marcadas com um ramo de cítiso e admirou a animação do campo com o seu mundo de trabalhadores. Diante dele, a ribeira formava um cotovelo e sobre as margens viam-se as mulheres em grupos movendo-se animadamente à volta do feno, remexendo-o, levantando-o em molhos ondeantes de um belo verde-claro e estendendo o aos homens que, com a ajuda de compridas forquilhas, os amontoavam para formarem altas e largas medas.

À esquerda, no campo, chegavam em fila, no meio de um enorme ruído, os carros sobre os quais se carregava a parte dos camponeses; as medas desapareciam e sobre os leitos das carroças, por detrás dos cavalos, amontoava-se a erva perfumada.

— Que belo tempo! — disse o velho sentando-se junto de Levine. — O feno está seco, como o grão para espalhar à criação. Depois do jantar, arranjamos bem a metade — ajuntou mostrando com o dedo a meda, que iam desfazendo. — É a última? — perguntou a um homem novo que, em pé na frente de uma carroça, passava junto deles, agitando as rédeas do cavalo.

— É a última, meu pai! — respondeu o camponês sorrindo. E voltando-se para uma mulher nova e fresca, sentada dentro do carro, chicoteou o cavalo.

— É teu filho? — perguntou Levine.

— É o mais novo — respondeu o velho com um sorriso acariciador.

— Bom rapaz?

— É verdade!

— Já casado?

— Sim, há dois anos, pelo São Felipe.

— Já tem filhos?

— Filhos! Pois tem! Durante mais de um ano que não houve nada; foi preciso envergonhá-lo... Belo feno! — ajuntou o velho desejoso de mudar de conversa.

Levine olhou com atenção o casal que carregava não longe dali o seu carro; o marido em pé recebia enormes braçadas de feno, que alinhava em molhos; a sua jovem companheira estendia-lhos primeiro com os braços, depois com a forquilha; ela trabalhava alegre e ligeira, deitando-se para trás e avançando o peito coberto com uma camisa branca segura por uma cinta vermelha.

Depois da carroça cheia, meteu-se debaixo do carro para amarrar a carga. Ivan indicava-lhe como as cordas deviam ser atadas e a uma observação da mulher partiu numa expansão de riso.

Um amor moço, forte, novamente acordado, se pintava nesses dois rostos.

Capítulo 12

Depois da carrada bem atada, Ivan saltou para o chão e tomou pela rédea o cavalo, um animal sólido e de peito amplo; depois meteu se na fila de carros que seguiam para a aldeia. A mulher atirou a forquilha para cima do carro e foi-se juntar com um passo firme às outras trabalhadoras, reunidas em grupo atrás dos carros. Essas mulheres, vestidas com saias de cores berrantes, com as forquilhas às costas, alegres e animadas, começaram a cantar; uma delas entoou numa voz rude e um pouco selvagem, uma canção que outras vozes novas e frescas repetiram em coro.

Levine, deitado sobre a meda, via-as aproximarem-se como uma nuvem grossa de uma alegria viva, prestes a envolvê-lo, a levá-lo a ele, às medas e aos carros. Ao ritmo dessa canção selvagem com o seu acompanhamento de assobios e de gritos agudos, a planície, os campos distantes, tudo lhe pareceu animar-se e mover-se. Essa alegria fazia-lhe inveja; teria querido tomar parte nela, mas não sabia exprimir assim a sua alegria de viver e só podia olhar e escutar.

Quando aquela multidão passou, ficou preso pelo sentimento do seu isolamento, da sua preguiça física, da espécie de hostilidade que existia entre ele e esse mundo de camponeses.

Os mesmos homens com quem tinha questionado e aos quais, se a sua intenção não fosse a de o enganarem, ele tinha feito uma injúria, saudavam-no agora alegremente ao passar, sem rancor e também sem remorsos. O trabalho fizera esquecer todas as más recordações; esse dia consagrado a um rude serviço achava a sua recompensa nesse próprio serviço. Deus, que tinha dado esse dia, tinha também dado a força para o suportar e ninguém pensava em perguntar porque era esse trabalho e quem lhe colheria os frutos. Eram questões secundárias e insignificantes. Muitíssimas vezes essa vida laboriosa tinha tentado Levine; mas hoje, sob a impressão, que lhe tinha causado a vista de Ivan e da mulher, sentia mais vivo que nunca o desejo de trocar a sua

existência prejudicial, cheia de artifícios e egoísta, em que sofria, pela dos camponeses, que achava bela, simples e pura.

Tendo ficado só sobre a meda enquanto os habitantes da vizinhança voltavam para suas casas e aqueles que tinham vindo de longe se instalavam para a noite preparando a ceia, Levine, sem ser visto, olhava, escutava e pensava. Passou essa curta noite de verão quase toda sem dormir.

Durante a ceia, os camponeses conversaram alegremente e depois entoaram canções. O seu longo dia de trabalho nenhum outro vestígio deixara senão alegria. Um pouco antes da aurora, fez-se um grande silêncio. Só se ouvia o coaxar incessante das rãs nos pântanos, e o ruído dos cavalos resfolegando na planície. Levine voltou então a si deixou a meda e viu, olhando para as estrelas, que a noite tinha passado.

Pois bem, o que irei fazer? Como realizar o meu projeto?, pensou ele, procurando dar uma forma aos pensamentos que o tinham ocupado durante essa curta vigília.

Primeiro, pensava ele, era preciso renunciar à sua vida passada, à sua inútil cultura intelectual, renúncia fácil que lhe não iria custar nenhuma pena. Depois pensava na sua futura existência, toda de simplicidade e de pureza, que lhe daria o repouso de espírito e a calma que ele já não conhecia. Restava a questão principal: como operar a transição da vida atual para a outra? Nada a este respeito lhe parecia bem claro. Era preciso casar com uma camponesa, entregar-se ao trabalho, abandonar Pakrofsky, comprar um pedaço de terra, tornar-se membro de uma comuna... Como realizar tudo isso?

Demais, pensava, *não tendo dormido a noite, as minhas ideias não são claras; uma única coisa é certa: é que, algumas horas decidiram da minha sorte. Os meus sonhos de outrora não passam de uma loucura; o que eu quero será mais simples e melhor. Como é belo!*, exclamou para si admirando as nuvenzitas rosadas que lhe passavam por sobre a cabeça, semelhantes ao fundo nacarado de uma concha. *Como tudo nesta noite encantadora é encantador! E como esta concha teve tempo de se formar? Estive sempre a olhar para o céu e só vi duas nuvens brancas! Transformaram-se, como se transformaram, sem que tivesse a consciência disso, as ideias que eu tinha sobre a vida.*

E deixou a planície e encaminhou-se ao longo da estrada para a aldeia. Levantava-se um vento fresco; neste momento, que precede a aurora, tomava tudo uma cor gris e triste, como para melhor acusar o triunfo do dia sobre as

trevas.

Levine caminhava depressa para se aquecer, olhando a terra aseus pés; uns guizos se ouviram ao longe.

É algum carro que passa, pensou.

A quarenta passos dele, vindo ao seu encontro pela estrada, viu uma carruagem puxada a quatro cavalos. A estrada estava má e, para evitar as covas, os cavalos apertavam-se de encontro à lança, mas o postilhão sentado de lado sobre o banco dirigia-os tão bem que as rodas não passavam senão pela parte boa do caminho.

Levine olhou distraidamente para a carruagem sem pensar naqueles que podiam vir dentro dela.

Uma mulher velha dormitava e à janela uma donzela brincava com a fita da sua capa de viagem; o rosto calmo e pensativo parecia refletir uma alma elevada. Estava olhando os clarões da aurora por sobre a cabeça de Levine. No momento em que a visão ia desaparecer, dois olhos límpidos detiveram-se sobre ele; reconheceu-a então e uma alegria de admiração lhe iluminou o rosto. Não se podia enganar: esses olhos eram únicos no mundo e uma única criatura humana personificava para ele a luz da vida e a sua própria razão de ser. Era ela, era Kitty.

Compreendeu que vinha da estação do caminho de ferro para Yergoushovo e imediatamente todas as resoluções que tinha tomado, as agitações da sua noite de insónia, tudo desapareceu. A ideia de desposar uma camponesa causou-lhe horror. Aí, nessa carruagem que se afastava, estava a resposta ao enigma da existência, que o atormentava tão desagradavelmente. O carro já não se via. O ruído das rodas cessou de se ouvir; mal o som dos guizos chegava até ele; reconheceu, pelo ladrar dos cães, que iam atravessando a aldeia.

Desta visão não ficavam senão os campos desertos, a aldeia ao longe e ele próprio, só, estranho a tudo, caminhando solitário ao longo da estrada abandonada.

E olhou para o céu, esperando ir encontrar essas tintas nacaradas que tinha admirado e que lhe tinham parecido personificar o movimento das suas ideias e dos seus sentimentos durante a noite; nada aí havia já que fizesse lembrar as cores de uma concha. Lá em cima, nas alturas incomensuráveis, operara-se a misteriosa transição que à madrepérola tinha feito suceder um vasto tapete de nuvenzitas encrespadas. O céu tornava-se pouco a pouco

luminoso e de um azul lindo, e respondia com mais suavidade e menos mistério ao seu olhar interrogador.

Não, pensou ele, *por mais bela que seja esta vida simples e laboriosa, já não posso seguir. É a* ela *que eu amo.*

Capítulo 13

Ninguém, a não ser os íntimos, suspeitava que Alexei Alexandrovich, esse homem frio e raciocinador, fosse preso de uma fraqueza em contradição absoluta com a tendência geral do seu caráter. Não podia ver chorar uma criança ou uma mulher sem perder o sangue-frio; à vista dessas lágrimas perturbava-se, ficava transtornado sem poder usar das suas faculdades. Os seus subordinados sabiam isso tão bem que punham todos os pretendentes em guarda contra todo o acesso de sensibilidade para não comprometerem os seus negócios. «Zangar-se-á e já não escutará nada» diziam eles.

Efetivamente a perturbação, que as lágrimas causavam a Alexei Alexandrovich, traduzia-se por uma cólera agitada.

— Nada lhe posso fazer, queira sair — dizia em geral em casos semelhantes.

Quando, de volta das corridas, Ana lhe confessou a sua ligação com Vronsky e, cobrindo o rosto com as mãos, começou a soluçar, Alexei Alexandrovich, por mais ódio que experimentasse por sua mulher, não se pôde defender de uma profunda perturbação. Para evitar todo o mal exterior incompatível com a situação, procurou coibir-se de toda a aparência de comoção e ficou imóvel, sem a olhar, com uma palidez mortal que chocou vivamente Ana.

Aproximando-se de casa, fez um esforço enorme para descer do trem e para deixar a mulher com o aspeto de delicadeza habitual; disse-lhe algumas palavras que nada queriam exprimir, bem resolvido a tomar uma decisão qualquer no dia seguinte.

As palavras de Ana tinham confirmado as suas piores suspeitas, e o mal que ela lhe tinha feito e que as suas lágrimas tinham agravado era cruel. Contudo, ficando só na carruagem, Alexei Alexandrovich sentiu-se livre de um grande peso. Pareceu-lhe que ficara desembaraçado das suas dúvidas, do seu ciúme, da sua piedade. Experimentava a mesma sensação que um homem

que estivesse sofrendo de uma violenta dor de dentes e a quem arrancassem o dente doente; a dor é terrível e tem-se a impressão de um corpo enorme, maior do que a cabeça, que se tira do queixo, mas isso é momentâneo se o paciente crê na sua felicidade; a dor, que envenenou a sua vida durante tanto tempo, já não existe; pode pensar, falar, interessar-se por outra coisa que não seja o seu mal.

Alexei Alexandrovich estava assim. Tinha experimentado um sofrimento estranho, terrível, mas acabara-se; podia daí por diante pensar em outras coisas que não fossem a mulher.

É uma mulher perdida, sem honra, sem alma, sem religião. Eu sempre o senti, mas foi por piedade para com ela que me procurei iludir.

E era sinceramente que ele julgava ter sido perspicaz: rememorou consigo diversos pormenores do passado, outrora inocentes a seus olhos, mas que agora lhe pareciam outras tantas provas da corrupção de Ana.

Cometi um erro ligando a minha vida à sua, mas o meu erro nada teve de culpado, por consequência não devo ser desgraçado. A culpada é ela; o que lhe diz respeito a ela não me importa, não existe para mim.

E acabando de se interessar pelas desgraças que a ela podiam suceder assim como ao filho, por quem os seus sentimentos tinham sofrido a mesma transformação, pensava no que para ele era importante: o sair dessa crise de uma maneira prudente e correta, lavando-se da lama com que ela o salpicara e sem que a sua vida, vida honesta, útil e ativa, fosse entravada.

Será necessário tornar-me infeliz porque uma mulher desprezível cometeu um erro? Eu não sou nem o primeiro nem o último nesta situação.

E sem falar do exemplo histórico da bela Helena que acabava de reviver recentemente em todas as memórias, Alexei Alexandrovich lembrou-se de uma série de episódios contemporâneos em que maridos em posições das mais elevadas tinham tido a deplorar a infidelidade de suas mulheres.

Darialof, Poltovsky, o príncipe Karibanol, Dranum, sim, sim, o honesto e excelente Dranum, Semenof, Tchaguine! Embora se lance um ridículo *injusto sobre os homens, eu nunca deixei de compreender a sua infelicidade e lastimei-os sempre*, pensava Alexei Alexandrovich.

Era absolutamente falso; jamais ele pensara em se apiedar deles e a vista das infelicidades alheias tinha-o sempre engrandecido na sua própria estima.

Pois bem, o que aconteceu a muitos outros acontece-me agora a mim. O essencial é saber conservar-me senhor da situação.

E lembrou-se das diversas formas por que todos esses homens se tinham comportado.

Darialof tomou o partido de se bater...

Na sua mocidade e em razão do seu temperamento timorato, Alexei Alexandrovich tinha-se muitas vezes preocupado com o pensamento do duelo. Nada lhe parecia tão terrível como a ideia de uma pistola apontada para ele e jamais se servira de uma arma. Esse horror instintivo inspirou-lhe maduras reflexões; procurou habituar-se à eventualidade possível em que a obrigação de arriscar a sua vida se lhe impusesse. Mais tarde, chegado a uma alta posição social, estas impressões desapareceram; mas o hábito de recear a sua própria cobardia era tão forte que nesse momento Alexei Alexandrovich ficou muito tempo em deliberações consigo próprio, prevendo a perspetiva de um duelo, e examinou-a sob todos os aspetos, apesar da convicção íntima de que em caso algum se iria bater.

O estado da nossa sociedade é ainda tão selvagem que muitas pessoas aprovariam um duelo: não é como na Inglaterra. E o que lucraria com isso? Admitamos que o provoco.

Aqui imaginou com vivacidade a noite que iria passar depois da provocação, a pistola apontada para ele, e estremecia à ideia de que nunca poderia suportar uma coisa semelhante.

Admitamos que o provoco, que aprendo a atirar, que estou diante dele, que puxo o gatilho, continuou fechando os olhos, *que o matei!*

E sacudiu a cabeça para repelir esta ideia absurda.

Que lógica haveria em matar um homem para restabelecer as minhas relações com uma mulher culpada e com o filho? A questão ficará resolvida? E se, o que é mais verosímil, o ferido ou morto for eu? Eu, que nada tenho a censurar-me e que me tornarei a vítima? Não é ainda ilógico? De resto será sério da minha parte ir provocá-lo, certo como eu agora o estou de que os meus amigos interviriam para não ir expor a vida de um homem útil à nação? Não terei o ar de querer atrair sobre mim a atenção por essa provocação, que nada poderá trazer-me? Isso seria procurar enganar os outros e a mim próprio. Ninguém espera de mim esse duelo absurdo. O meu único fim deve ser conservar a minha reputação intacta e não sofrer nenhum entrave na minha carreira.

O «serviço do Estado», sempre importante aos olhos de Alexei Alexandrovich, tornava-se agora mais.

Posta de parte a ideia do duelo, ficava o divórcio; alguns daqueles em que estava pensando tinham recorrido a ele. Os casos de divórcio na alta sociedade eram-lhe bem conhecidos, mas Alexei Alexandrovich não achou nenhum em que essa medida atingisse o fim a que se propunha. O marido, em cada um desses casos, tinha cedido ou vendido a mulher; e era sempre a culpada, aquelas que não tinham nenhum direito a um segundo casamento, que formavam uma nova ligação. Quanto ao divórcio legal, aquele que teria por sanção o castigo da mulher infiel, Alexei Alexandrovich sentia que não podia recorrer a ele. As provas grosseiras, brutais exigidas pela lei seriam, nas condições complexas da sua vida, impossíveis de fornecer; tivessem elas existido, que ele não teria podido fazer uso delas com risco desse escândalo o fazer cair na opinião pública mais baixo que a culpada. Os seus inimigos aproveitar-se-iam para o caluniar e procurar atingi-lo na sua alta posição oficial e o seu fim, que era sair disso tudo com a menor mancha possível, não seria atingido.

De resto o divórcio rompia definitivamente todas as relações com a mulher, deixando-a ao amante. Ora, apesar do desprezo indiferente que Alexei Alexandrovich julgava experimentar por Ana, um sentimento muito vivo lhe ficava no fundo da alma: o horror de tudo o que tendesse a aproximá-la de Vronsky, a tornar-lhe a sua falta aproveitável. Esse pensamento quase que lhe arrancou um grito de dor. Levantou-se na carruagem, mudou de lugar e, com o rosto sombrio, envolveu longamente as pernas friorentas na manta.

Podia-se ainda, continuou procurando sossegar, *imitar Karibanol e esse bom Dramur, isto é, separarmo-nos.* Mas esta medida tinha quase os mesmos inconvenientes que o divórcio: era ainda lançar a mulher nos braços de Vronsky. *Não, é impossível, impossível! Eu não posso ser infeliz, mas eles não devem ser felizes.*

Sem o confessar, o que ele desejava do fundo do coração era vê-la sofrer por esse atentado ao seu repouso e à honra do seu marido.

Depois de ter passado em revista os inconvenientes do duelo do divórcio e da separação, Alexei Alexandrovich chegou à convicção de que o único meio de sair dessa situação difícil era conservar a mulher, escondendo a sua desgraça de toda a gente, empregar todos os meios imagináveis para quebrar a ligação de Ana e de Vronsky e, o que ele não confessava, castigar a culpada.

Devo declarar-lhe que, na situação criada por ela à nossa família, julgo o statu quo *aparente preferível para todos e consinto em o conservar sob a condição expressa de que ela acabará todas as relações com o seu amante.*

Tomada esta resolução, Alexei Alexandrovich descobriu um argumento que a sancionava no seu espírito.

Desta maneira procedo conforme a lei religiosa: não repilo a mulher adúltera, dou-lhe os meios de se emendar e mesmo, por mais penoso que isso seja para mim, consagro-me em parte à sua reabilitação.

Karenine sabia que não poderia ter nenhuma influência sobre a mulher e que as experiências que ele se propunha tentar eram ilusórias durante as tristes horas que acabava de atravessar. Não tinha pensado um instante em procurar um ponto de apoio na religião, mas mal sentiu que ela estava de acordo com a sua determinação, isso foi-lhe um apaziguamento. Ficou satisfeito em pensar que ninguém teria o direito de lhe reprovar, numa crise tão grave da sua vida, o ter procedido em oposição com a fé, de que ele levantava tão alta a bandeira no meio da indiferença geral.

Acabou mesmo, refletindo um pouco, por dizer que nenhuma razão se opunha a que as suas relações com a mulher ficassem pouco mais ou menos as que eram nos últimos tempos. Sem dúvida que já a não podia estimar; mas transtornar a sua vida inteira, sofrer pessoalmente porque ela lhe era infiel, não via motivos para isso.

E tempo virá, pensou ele, *o tempo, que resolve tantas dificuldades, em que essas relações se estabelecerão como no passado; é preciso que ela seja desgraçada, mas eu que não sou o culpado não devo sofrer com isso.*

Capítulo 14

Aproximando-se de S. Petersburgo, Alexei Alexandrovich tinha resolvido por completo a linha de conduta que devia manter com a mulher e mesmo composto mentalmente a carta que lhe havia de escrever. Ao entrar lançou um olhar sobre os papéis do ministério no porteiro e mandou-os para o seu gabinete.

— Mande desatrelar e não recebo ninguém — respondeu a uma pergunta do porteiro, sublinhando esta última ordem com uma espécie de satisfação, sinal evidente de uma melhor disposição de espírito.

Entrando no gabinete, Alexei Alexandrovich, depois de ter caminhado de um lado para o outro durante algum tempo, fazendo estalar as falanges dos dedos, parou diante da secretária onde o criado acabara de acender as velas. Sentou-se, tocou sucessivamente nos diversos objetos colocados diante dele e com a cabeça inclinada, um cotovelo sobre a mesa, pôs-se a escrever depois de um minuto de reflexão. Escreveu a Ana em francês sem se dirigir a ela pelo seu nome, empregando a palavra *senhora,* porque julgou este tratamento menos frio e menos solene do que o russo:

> *Exprimi-lhe na nossa última entrevista, minha senhora, a intenção de lhe comunicar as minhas resoluções relativas ao assunto da nossa conversa. Depois de ter maduramente refletido, venho cumprir essa promessa. Eis o que decidi: seja qual for a conduta, não me reconheço o direito de quebrar laços que um poder supremo consagrou. A família não poderia estar à mercê de um capricho, de um ato arbitrário, até do crime de um dos esposos, e por isso a nossa vida deve ficar a mesma. Deve ser assim para mim, para a senhora e para o seu filho. Estou persuadido de que a senhora se arrependeu, que ainda se arrepende do facto que me obriga a escrever-lhe, que me vai ajudar a destruir nas suas raízes a causa do*

nosso dissentimento e esquecer o passado. Caso contrário deve compreender o que a espera, à senhora e ao seu filho. Espero falar consigo a fundo no nosso próximo encontro. Como a estação de verão está próxima do fim, far-me-ia favor voltando para a cidade o mais cedo possível, não mais tarde do que terça-feira. Todas as providências para a mudança estarão tomadas. Peço-lhe que note que ligo uma importância muito particular a que cumpra o que lhe peço.

A. Karenine

P. S. — Junto nesta carta o dinheiro de que pode precisar neste momento.

Releu a carta e ficou satisfeito; a ideia de lhe mandar o dinheiro pareceu-lhe feliz: nem uma palavra dura, nem uma reprimenda, mas também nada de fraqueza. O essencial estava conseguido: oferecia-lhe uma ponte de ouro para voltar para trás. Dobrou a carta, passou-lhe por cima uma grande faca de papel de marfim maciço, meteu-a no envelope conjuntamente com o dinheiro e tocou com a sensação de bem-estar que lhe causava sempre a ordem perfeita da instalação do seu escritório.

— Levarás esta carta ao correio para que a leve amanhã a Ana Arcadievna — disse ao criado levantando-se.

— Perfeitamente, excelência... Trago para aqui o chá?

Alexei Alexandrovich mandou servir o chá; depois, brincando com o corta-papel, aproximou-se do *fauteuil* junto do qual havia uma mesa com uma lâmpada e um livro francês começado. O retrato de Ana, obra notável de um pintor célebre, estava metido numa moldura oval por cima desse *fauteuil.*

Alexei Alexandrovich lançou-lhe um olhar. Uns olhos impenetráveis devolveram-lhe esse olhar ironicamente, quase com insolência. Tudo lhe pareceu impertinente nesse belo retrato, desde os ornamentos arrendados enquadrando-lhe a cabeça, os cabelos negros, até à mão branca e admiravelmente modelada e coberta de anéis. Depois de ter considerado essa imagem durante alguns minutos, estremeceu, os lábios franziram-se-lhe e voltou-se com uma exclamação de desgosto.

Sentou-se e abriu o livro; tentou ler, mas não lhe pôde achar o interesse que lhe tinha inspirado essa obra sobre a descoberta de inscrições antigas; os

olhos fixavam as páginas, mas o pensamento estava noutra parte. Contudo não era a mulher que o preocupava; pensava numa complicação sobrevinda recentemente em negócios importantes dependentes do seu serviço e sentia-se mais senhor dessa questão do que nunca; podia, sem vaidade, confessar que a conceção que germinara no seu pensamento sobre as causas dessa complicação lhe fornecia o meio de resolver todas as dificuldades. Via-se assim em vésperas de esmagar todos os seus inimigos, de se engrandecer aos olhos de todos e por consequência de prestar um serviço assinalado ao Estado.

Depois que o criado abandonou o escritório, Alexei Alexandrovich levantou-se e aproximou-se da secretária. Tomou o *porte-feuille* que continha os negócios correntes, pegou num lápis e absorveu-se na leitura dos documentos relativos à dificuldade que o preocupava, com um impercetível sorriso de satisfação pessoal. O traço característico de Alexei Alexandrovich, aquele que o distinguia especialmente, tinha contribuído tanto para o seu sucesso como a sua moderação, a sua probidade, a sua confiança em si e o seu amor-próprio excessivo, era um desprezo absoluto da papelada oficial e a firme vontade de diminuir tanto quanto possível os escritos inúteis para tomar as questões corpo a corpo e resolvê-las rápida e economicamente.

Aconteceu que na célebre comissão de 2 de junho, o caso de fertilização do governo de Zarai, que fazia parte do serviço ministerial de Alexei Alexandrovich, foi levantado e ofereceu um exemplo frisante dos poucos resultados obtidos pelos gastos e correspondências oficiais. Esse caso datava ainda do predecessor de Alexei Alexandrovich e tinha efetivamente custado muito dinheiro, que se perdera. Karenine tomou conhecimento dele logo na sua entrada no ministério e quis tomá-lo entre mãos; mas não se sentiu num terreno muito sólido ao princípio e compreendeu que iria contra muitos interesses criados e procederia assim com pouco discernimento: mais tarde no meio de tantas outras questões esqueceu essa.

A fertilização do governo de Zarai seguia os seus trâmites durante esse tempo, como no passado, isto é, pelas simples forças da inércia; muitas pessoas continuavam a viver à custa dela, entre outras uma família muito séria em que todas as filhas tocavam instrumentos de cordas (Alexei Alexandrovich servira de padrinho a uma delas). Os inimigos do ministério aproveitaram-se deste caso e censuravam-no com tanta menos justiça quanto casos semelhantes se encontravam em todos os ministérios que ninguém

pensava em levantar. Tinham-lhe deitado a luva e ela tinha-a levantado com altivez exigindo a nomeação de uma comissão extraordinária para examinar e verificar os trabalhos da fertilização do governo de Zarai; e, sem se incomodar com esses senhores, reclamou por outro lado uma comissão extraordinária para estudar a situação criada às populações estrangeiras. Esta última, igualmente levantada na comissão de 2 de junho, tinha sido energicamente apoiada por Alexei Alexandrovich, como não podendo suportar nenhuma demora por causa da situação deplorável criada a uma parte da população. As mais vivas discussões se travaram entre ministérios. O ministério hostil a Alexei Alexandrovich provou que a posição dos estrangeiros era florescente, que ir-lhe tocar seria prejudicá-la e que, se algum facto condenável pudesse ser constatado, devia-se unicamente à negligência com que o ministério de Alexei Alexandrovich fazia cumprir as leis. Para se vingar este contava exigir: 1.º a formação de uma comissão à qual seria confiado o cuidado de estudar *in loco* a situação das populações estrangeiras; 2.º no caso em que essa situação fosse tal, como os dados oficiais a representavam, instituir uma nova comissão cientifica para procurar as causas desse triste estado de coisas sob o ponto de vista: *a)* político; *b)* administrativo; *c)* económico; *d)* etnográfico; *e)* material; *f)* religioso; 3.º que o ministério fornecesse todos as elementos e informações sobre as medidas tomadas durante os últimos anos para evitar as condições deploráveis impostas aos estrangeiros e dar esclarecimentos sobre o facto de ter procedido em contradição absoluta com a lei orgânica e fundamental, 2, pág. 18, com referência ao artigo 36, assim como provava uma ata do comité sob os números 17015 e 18398 de 5 de dezembro de 1863 e de 7 de junho de 1864.

O rosto de Alexei Alexandrovich coloriu-se de um vivo rubor escrevendo rapidamente algumas notas para seu uso particular. Depois de ter escrito uma página inteira, tocou a campainha e mandou dizer ao chefe da chancelaria que lhe mandasse umas informações que lhe faltavam. Em seguida levantou-se e pôs-se a andar pelo gabinete, levantando ainda uma vez os olhos para o retrato, com um franzir de sobrancelhas e um sorriso de desprezo.

Retomou em seguida o livro e tornou a achar o mesmo interesse que lhe tinha despertado na véspera. Quando se foi deitar, pelas onze horas e antes de dormir, repassou pela memória os acontecimentos do dia e já os não via sob o mesmo aspeto desesperado.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 15

Ana, recusando admitir com Vronsky que a sua posição fosse falsa e pouco honrosa, não deixava de sentir no fundo do coração quanto ele tinha razão. Teria vivamente desejado sair dessa situação deplorável e quando, sob o império da sua emoção, na volta das corridas tudo confessara ao marido, sentiu-se liberta de um peso. Depois da partida de Alexei Alexandrovich repetia sem cessar que pelo menos tudo estava explicado e que não teria mais necessidade de enganar e de mentir; se a sua situação continuava má, já não era, contudo, equívoca. Era a compensação do mal que a sua confissão fizera ao marido e a ela própria.

Contudo, quando nessa mesma tarde Vronsky a veio ver, não lhe disse nada da confissão ao marido, nada daquilo que ele precisava saber para decidir o futuro.

No dia seguinte pela manhã, ao acordar, o primeiro pensamento que lhe veio à mente foi a lembrança das palavras ditas ao marido; pareceram-lhe tão odiosas na sua estranha brutalidade que não pôde compreender como tinha tido a coragem de as pronunciar.

O que sucederia agora?

Alexei Alexandrovich partira sem responder.

Tornei a ver Vronsky e nada lhe disse. No momento em que se ia embora, quis chamá-lo, mas renunciei porque pensei que acharia singular não lhe ter confessado tudo logo no princípio. Porque seria que eu, querendo falar, o não fiz?

O rosto em resposta a esta pergunta cobriu-se de uma vermelhidão escaldante: compreendeu então que o que a detivera fora a vergonha. E essa situação, que na véspera achava tão clara, pareceu-lhe mais sombria, mais inexplicável do que nunca. Teve então medo da desonra em que até então nunca pensara. Refletindo nos diferentes partidos que o marido podia tomar, vieram-lhe ao espírito as ideias mais terríveis. A cada instante parecia-lhe ver

chegar o administrador para a expulsar de casa e proclamar a sua falta ao universo inteiro. E perguntava a si própria onde iria achar um refúgio, se a expulsassem assim, e não achava resposta.

Vronsky, pensava ela, já não a amava tanto e começava a cansar-se. Como iria impor-se a ele?

E um sentimento de despeito se elevava na sua alma contra ele. A confissão que fizera a seu marido perseguia-a; parecia-lhe tê-la pronunciado diante de toda a gente e ter sido ouvida por todos. Como olhar de frente aqueles com quem ela vivia?

E por isso não se decidia a chamar a criada de quarto e ainda menos a descer para almoçar com o filho e a governanta.

A criada de quarto tinha já vindo escutar à porta muitas vezes, admirada de ainda a não terem chamado; por fim decidiu-se a entrar. Ana olhou-a com ar interrogador e corou receosa. Annouchka desculpou-se dizendo que tinha julgado ouvir chamar; trazia um vestido e um bilhete. O bilhete era de Betsy, que lhe mandava dizer que Lisa Merkalov e a baronesa Stalz com os seus adoradores se reuniam nesse dia em casa dela para uma partida de *croquet.* «Venha vê-los — escrevia — ainda que só para um estudo de costumes. Espero-a».

Ana percorreu o bilhete com os olhos e suspirou profundamente.

— Não preciso de nada — disse para Annouchka que lhe estava arranjando o fato. — Vá-se embora que eu vestir-me-ei sozinha e já irei para baixo. Não preciso de nada.

Annouchka saiu; mas Ana não se vestiu. Sentada com a cabeça baixa, os braços caídos ao longo do corpo, estremecia, procurava fazer um gesto, dizer qualquer coisa, e recaia no mesmo atordoamento. «Meu Deus! Meu Deus!» exclamava de quando em quando sem ligar nenhuma significação a estas palavras. A ideia de procurar um refúgio na religião parecia-lhe tão estranha como ir procurá-la junto de Alexei Alexandrovich, embora ela nunca tivesse duvidado da fé em que tinha sido criada.

Não sabia ela de antemão que a religião lhe exigiria o dever de renunciar ao que para ela representava a sua única razão de existir? Sofria e além disso admirava-se de um sentimento novo e desconhecido até aí, que lhe parecia apoderar-se do seu ser interior; sentia se dupla, como às vezes os olhos cansados veem dois objetos, e já não sabia o que receava nem o que queria. Era o passado ou o futuro? O que é que ela desejava?

Meu Deus! O que é isto, que me acontece?, pensou ela sentindo uma dor viva nas fontes; percebeu então que maquinalmente tinha tomado o cabelo nas duas mãos e que os puxava dos dois lados da cabeça. Saltou para fora do leito e pôs-se a andar.

— O café está servido e *mademoiselle* está à espera da senhora com Sergei — disse Annouchka entrando no quarto.

— Sergei? O que fez ele? — perguntou Ana animando-se com o pensamento do filho, de cuja existência se lembrava agora pela primeira vez.

— Fez uma maldade, parece-me — disse Annouchka sorrindo.

— Que maldade?

— Parece-me que tirou um dos pêssegos que estavam no salão e foi comê-lo às escondidas.

A recordação do filho fez sair Ana dessa fraqueza moral em que estava.

O papel sincero, embora exagerado, que se impusera nos últimos anos, o de uma mãe consagrada ao filho, voltou-lhe à memória e sentiu com felicidade que lhe ficava um ponto de apoio fora do marido e de Vronsky. Esse ponto de apoio era Sergei. Fosse qual fosse a situação que impusessem, ela não podia abandonar o filho. O marido podia-a repelir, cobri-la de vergonha; Vronsky podia afastar-se dela e retomar a sua vida independente (aqui ela teve ainda um sentimento de amarga censura); a criança não podia ser abandonada, ela tinha um fim na sua vida. Era preciso agir, agir custasse o que custasse, para salvaguardar a sua posição por causa do filho, apressar-se e para isso acalmar-se fugir desta angústia que a torturava; e o pensamento de uma ação tendo a criança por fim, de uma fuga com ele não importa para onde, apaziguava já.

Vestiu-se rapidamente, desceu com um passo firme, e entrou no salão onde, como de costume, a esperavam para almoçar Sergei e a dama de companhia.

Sergei, vestido de branco, em pé junto de uma mesa, com as costas curvadas e a cabeça baixa, tinha um ar de atenção concentrada que ela lhe conhecia e que o fazia assemelhar-se ao pai; estava arranjando as flores que acabava de trazer.

A dama de companhia tinha um ar severo.

Vendo a mãe, Sergei deu um grito agudo, como costumava:

— Ah, mamã!

Depois deteve-se indeciso, não sabendo se deitaria fora as flores para

correr para a mãe ou se acabaria o ramo para lho oferecer.

A dama cumprimentou-a e começou uma história longa e circunstanciada das maldades de Sergei; Ana não a escutava. Estava perguntando a si própria se seria preciso levá-la na viagem. *Não, ficará*, decidiu, *irei sozinha com o meu filho.*

— Sim, é muito mal feito — disse por fim, e segurando Sergei pelas costas, olhava-o com severidade. — Deixe-mo — disse para a governanta, espantada, e sem largar o braço da criança, perturbada, mas já tranquila; beijou-a e sentou-se à mesa onde o café estava servido.

— Mamã, eu... eu... não — balbuciava Sergei procurando adivinhar na expressão do rosto da mãe o que ela diria da história do pêssego.

— Sergei — disse-lhe ela mal a governanta saiu — foi mal feito, mas tu não tornarás, não é verdade? Gostas da mamã?

Ganhava-a uma ternura grande.

Posso eu amá-lo?, pensava perturbada com o olhar feliz e comovido do filho. *E não se pode ele juntar ao pai para me castigar? Terá piedade de mim?*

E lágrimas corriam ao longo do rosto e para as esconder, levantou-se bruscamente e escapou-se quase a correr para o terraço.

Às chuvas tempestuosas dos últimos dias tinha sucedido um tempo claro e frio, apesar do sol que brilhava na folhagem. O frio junto ao sentimento de terror, que se apossava dela, fizeram-na tremer.

— Vai ter com Marieta — disse para Sergei que a tinha seguido e pôs-se a andar por sobre as esteiras de palha que cobriam o chão do terraço.

Por um momento parou e pôs-se a contemplar os cimos das faias, tornados brilhantes pela chuva e pelo sol. Pareceu-lhe que o mundo inteiro seria sem piedade para ela, como o céu frio e essa verdura.

É preciso não pensar, disse para consigo sentindo, nessa manhã, uma dolorosa cisão fazer-se dentro dela. *É preciso irmo-nos? Para onde? Quando? Com quem?... Para Moscovo, no comboio da tarde. Sim e levarei comigo Annouchka e Sergei. Levaremos só o estritamente necessário, mas é preciso escrever a ambos.*

E entrando rapidamente no salão, sentou-se à mesa para escrever ao marido.

Depois do que se passou, não posso viver em sua casa: parto e

levo comigo o meu filho; não conheço a lei e por consequência ignoro com quem ele deve ficar, mas levo-o porque não posso viver sem ele; seja generoso, deixe-o comigo.

Até ali escrevera rápida e naturalmente, mas este apelo a uma generosidade que ela não reconhecia em Alexei Alexandrovich e a necessidade de terminar por algumas palavras tocantes fizeram-na parar.

Eu não posso falar da minha falta e do meu arrependimento, é por isso...

Parou ainda, não achando palavras para exprimir o seu pensamento.

— Não — disse ela — não posso ajuntar mais nada.

E rasgando a carta, escreveu uma outra, donde excluiu todo o apelo à generosidade do marido.

A segunda carta devia ser para Vronsky.

«Confessei tudo a meu marido» escrevia ela, mas depois deteve-se, incapaz de continuar.

Era tão brutal, tão pouco feminino!

De resto o que posso eu escrever?

Corou ainda de vergonha e lembrou-se da tranquilidade que ele sabia conservar; e a sensação de descontentamento, que lhe causou esta recordação, fez-lhe rasgar o papel em mil bocados.

É melhor calar, pensou ela fechando a secretária; e subiu para ir comunicar à governanta e aos criados que ia partir nessa mesma tarde para Moscovo.

Era preciso apressar os preparativos de viagem.

Capítulo 16

A agitação da partida reinava por toda a casa. Duas malas, um saco de noite e um pacote de mantas estavam prontas na antecâmara e diante do portão esperavam a carruagem e dois moços. Ana tinha esquecido um pouco os seus tormentos na pressa de partir e em pé diante da mesa do salão, arranjava ela própria o seu saco de viagem, quando Annouchka lhe chamou a atenção sobre o ruído de uma carruagem que se aproximava da casa. Ana olhou pela janela e viu o correio de Alexei Alexandrovich a tocar à porta da entrada.

— Vai ver o que é — disse ela; e cruzando as mãos sobre os joelhos sentou-se resignada num *fauteuil*.

Um criado trouxe um pacote grande, cujo endereço era escrito pelo punho de Alexei Alexandrovich.

— O correio traz ordem de levar resposta — disse ele.

— Está bem — respondeu ela e logo que o criado se afastou, rasgou o sobrescrito com a mão trémula.

Um maço de notas se escapou; mas ela só pensava na carta, que começou a ler pelo fim.

«Todas as providências para a mudança estão tomadas... ligo uma importância muito particular a que cumpra o que lhe peço» leu ela.

E, retomando a carta, percorreu-a para a reler em seguida de um extremo ao outro. Acabada a leitura, teve frio e sentiu-se esmagada por uma desgraça terrível e inesperada.

Nessa própria manhã, ela tinha lastimado ter feito essa confissão e de boa vontade voltaria atrás; agora que essa carta considerava tudo como não dito, lhe dava o que ela desejava, essas linhas pareciam-lhe piores do que tudo o que ela tivesse podido imaginar.

— Tem razão! Tem razão! — murmurou. — Como não há de ter sempre razão, se é cristão e magnânimo! Oh, como este homem é vil e desprezível! E

dizer que ninguém o compreende ou compreenderá a não ser eu, que nada posso dizer. Eles dizem: «É um homem religioso, moral, sério e inteligente», mas não veem o que eu tenho visto; não sabem que durante oito anos ele oprimiu a minha vida, esmagou tudo o que palpitava em mim! Por acaso pensou alguma vez, que eu era uma mulher viva, que eu tinha necessidade de amar? Ninguém sabe que ele me insultava a cada passo e que só consigo estava satisfeito. Não procurei eu com todas as forças pôr um fim na minha vida? Não fiz o possível para o amar e não o tendo podido conseguir, não procurei ligar-me mais a meu filho? Mas tempo veio em que compreendi que já me não podia iludir! Vivo; a culpa não é minha se Deus me fez assim! Preciso respirar e amar! E agora? Se me matasse, se o matasse a ele... poderia compreender, perdoai, mas não, ele... Como não adivinhei o que ele ia fazer? Devia proceder segundo o seu mau caráter, devia ficar assim dentro do seu direito, e eu, pobre de mim, perder-me ainda mais... «Deve compreender o que a espera, à senhora e ao seu filho» — disse ela lembrando-se de uma passagem da carta. — É uma ameaça de me tirar o meu filho, porque as suas leis absurdas o autorizam a isso. Mas não vejo porque diz isso! Não acredita ele no meu amor por meu filho; talvez que despreze este sentimento de que sempre troçou; mas ele bem sabe que eu não o abandonaria, porque, sem meu filho, a vida ser-me-ia insuportável mesmo com aquele a quem amo e, se o abandonasse, iria cair no número das mulheres mais desprezíveis; ele sabe isso, ele sabe que eu nunca teria força de proceder assim. «A nossa vida deve continuar a mesma;» essa vida era um tormento outrora; nos últimos tempos era pior ainda. O que será ela agora? Ele sabe-o bem, ele sabe também que eu não me poderei arrepender de respirar, de amar; sabe que de tudo o que exige, só pode resultar falsidade e mentira; mas necessita de prolongar a minha tortura. Conheço-o bem, sei que navega na mentira como um peixe na água. Não lhe darei essa alegria; rasgarei esse tecido de falsidade em que me quer envolver. Suceda o que suceder! Tudo é preferível a enganar e mentir; mas, como meu Deus?... Que mulher foi tão desgraçada, como eu! Acabarei com tudo, tudo! — exclamou aproximando-se da mesa para escrever uma outra carta; mas, no fundo da sua alma, sentia bem que era impotente para resolver qualquer coisa, para sair da situação, em que se encontrava por mais falsa, que ela fosse.

Sentada diante da mesa, em lugar de escrever, apoiou a cabeça nas mãos e pôs-se a chorar, como as crianças choram, em grandes soluços que lhe

elevavam o peito.

Chorava os sonhos dessa manhã, essa posição nova, que ela desejara clara e definida; contudo sabia que tudo ficaria como no ano passado, que tudo iria mesmo muito pior. Sentiu também que essa posição na sociedade, de que há pouco não queria saber, lhe era querida, que não teria forças para a trocar por a de uma mulher que abandona o marido e o filho para ir seguir o amante: sentia que não seria mais forte que os preconceitos. Jamais ela conheceria o amor na sua liberdade, que ficaria sempre a mulher culpada, constantemente ameaçada de ser surpreendida, enganando o marido com um homem de que não podia nunca compartilhar a vida. Tudo isso ela o sabia, mas esse destino era tão terrível, que não o podia encarar. G chorava sem fim, como uma criança castigada.

Os passos de um criado fizeram-na sobressaltar e, escondendo o rosto, fingiu que estava a escrever.

— O correio está à espera da resposta — disse o criado.

— Resposta? Sim, que espere — disse Ana — depois toco.

Que posso eu escrever?, pensou ela, *que hei de decidir sozinha? Que posso eu querer? Quem amar?*

E agarrando-se ao primeiro pretexto para escapar ao sentimento de dualidade, que a oprimia, pensou: *É preciso que eu veja Vronsky! Só ele me pode dizer o que tenho a fazer. Irei a casa de Betsy, talvez lá o encontre.*

Esquecia por completo que na véspera à tarde, tendo dito a Vronsky que não iria a casa da princesa Tverskoy, ele lhe declarara também não querer lá ir.

Aproximou-se então da mesa e escreveu ao marido:

Recebi a sua carta.

Ana.

Tocou a campainha e entregou o bilhete ao criado.

— Já não partirmos — disse ela para Annouchka, que vinha entrando.

— Nem mais tarde?

— Não; no entanto não desarranje as malas antes de amanhã e diga ao carro que espere. Vou a casa da princesa.

— Que vestido quer levar?

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 17

A sociedade que se reunia em casa da princesa Tverskoi para a partida do *croquet* para a qual Ana fora convidada compunha-se de duas senhoras e dos seus adoradores. Essas senhoras eram as personalidades mais notáveis de uma nova sociedade petersburguesa, que tinha sido chamada «as sete maravilhas do mundo» por imitação de qualquer outra imitação. Ambas pertenciam à alta sociedade, mas a uma sociedade hostil à que Ana frequentava. O velho Stremov, uma das personagens mais influentes de S. Petersburgo, admirador de Lisa Merkalov, era inimigo declarado de Alexei Alexandrovich. Ana, depois de ter por esta razão declinado o primeiro convite de Betsy, decidira-se a ir a casa dela na esperança de lá encontrar Vronsky.

Foi a primeira a chegar a casa da princesa.

No mesmo momento o criado de Vronsky, assemelhando-se a um criado grave com as suas suíças frisadas, parou à porta para a deixar passar, tirando o chapéu.

Vendo-o, Ana lembrou-se de que Vronsky a tinha prevenido de que não viria: era provavelmente para se desculpar que ele mandava um bilhete pelo criado.

Teve vontade de lhe perguntar onde estava o patrão, de voltar para trás para escrever a Vronsky pedindo-lhe que fosse ter com ela ou de ir ela própria ter com ele; mas uma sineta já tinha anunciado a sua visita e um lacaio junto da porta esperava que ela entrasse na sala seguinte.

— A princesa está no jardim, mas já a foram prevenir — disse um segundo lacaio.

E agora, sem ter visto Vronsky e sem ter podido decidir nada, tinha de ficar com as suas preocupações nesse meio estranho, animado de disposições tão diferentes das suas; mas ela trazia uma *toilette* que, sabia-o, lhe ficava bem, a atmosfera de inutilidade solene em que se achava era-lhe tão familiar

e enfim, não estando já sozinha, não podia pensar no melhor partido a tomar.

Ana respirou mais livremente.

Vendo vir Betsy ao seu encontro, com uma *toilette* branca de uma elegância estranha, sorriu-lhe como sempre. A princesa vinha acompanhada por Foushkevitch e por uma parenta da província que, com grande alegria da família, viera passar o verão em casa da célebre princesa. Provavelmente Ana tinha um ar esquisito, porque Betsy notou-lho logo.

— Dormi mal — respondeu Ana olhando de través para o lacaio, que trazia o bilhete que julgava ser de Vronsky.

— Como estou contente por ter vindo — disse Betsy. — Não posso mais e ia precisamente tomar uma chávena de chá antes da sua chegada... E o senhor — continuou voltando-se para Foushkevitch — faria bem em ir com Maria jogar o *crocket ground* no sítio onde a erva foi ceifada. Nós teríamos tempo de conversar um pouco tomando o chá, *we'll have a cosy chat,* não é — ajuntou voltando-se para Ana com um sorriso e estendendo-lhe a mão.

— Da melhor vontade tanto mais, que não me posso demorar muito; tenho de ir absolutamente a casa da velha Wrede; há cem anos que lhe ando a prometer uma visita — disse Ana a quem a mentira, contrária ao seu génio, se tornava não somente simples e fácil, mas quase agradável.

Porque é que ela tinha dito uma coisa em que nem mesmo pensava cinco minutos antes? Porque, sem dar mesmo por isso, procurava encontrar uma porta de saída para tentar, no caso de Vronsky não vir, ir encontrá-lo em qualquer parte; esse acontecimento provou-lhe que, de todas as astúcias que ela podia usar, esta era a melhor.

— Oh, mas eu não a deixo partir — respondeu Betsy olhando atentamente para Ana. — Na verdade, se não a amasse tanto, sentir-me-ia tentada a ofender-me; dir-se-ia que tem medo que a comprometa... Se quer tomamos o chá no salão pequeno — disse dirigindo-se ao lacaio com um piscar de olhos que lhe era habitual; e tomando o bilhete percorreu-o com os olhos.

— Alexei falta à sua palavra — disse ela em francês com um tom tão simples e natural como se nunca lhe tivesse entrado na cabeça que Vronsky tivesse por Ana um outro interesse que o de jogar ao *croquet.* — Escreve-me a dizer que não pode vir.

Ana não duvidava que Betsy sabia alguma coisa, mas ouvindo-a veio-lhe momentaneamente a convicção de que ela ignorava tudo.

— Ah! — disse ela simplesmente, como se este pormenor lhe importasse pouco. — Como — continuou ela sorrindo — a sua sociedade pode comprometer alguém?

Esta maneira de esconder um segredo brincando com as palavras tinha para Ana, como para todas as mulheres, um certo encanto. Não era tanto a necessidade de dissimular nem o fim da dissimulação, que a precede em si própria, que a seduzia.

— Não posso ser mais papista do que o papa; Stremov e Lisa Merkalov... mas é o melhor da sociedade! De resto não são eles recebidos por toda a gente? Quanto a *mim* — ela sublinhou a palavra *mim* — nunca fui severa, nem intolerante. Não tenho tempo para isso. Mas talvez não tenha vontade de se encontrar com Stremov? Deixe-o agarrar-se pelos cabelos com Alexei Alexandrovich nas suas comissões, com isso não temos nada; o que é certo é que não há homem mais amável na sociedade, nem jogador mais apaixonado de *croquet;* vai ver e então verá com que espírito ele se escapa da sua cómica situação de velho apaixonado de Lisa. É verdadeiramente um encanto de homem. Não conhece Safo Stoltz? É a última palavra de bom tom, um bom tom novinho em folha.

Betsy, sempre conversando, olhava para Ana com um aspeto que deu a compreender a esta que a sua interlocutora via o seu embaraço e procurava um meio de a fazer sair dele.

— Enquanto esperamos, preciso responder a Alexei.

E Betsy sentou-se diante de uma secretária e escreveu umas palavras numa folha, que meteu num sobrescrito.

— Mando-lhe dizer para vir jantar, pois me falta um cavalheiro para uma senhora; veja se sou bastante imperiosa? Desculpe se a deixo por um instante, mas tenho uma ordem a dar. Feche e mande — disse-lhe ela da porta.

Sem hesitar um momento, Ana tomou o lugar de Betsy na secretária e juntou estas linhas ao bilhete: «Tenho necessidade absoluta de lhe falar; venha ao jardim de Wrede às seis horas. Lá estarei».

Fechou a carta e Betsy, quando voltou, mandou-a entregar.

Efetivamente as duas mulheres tiveram o *cosy chat* tomando o chá; falaram daquelas que esperavam e principalmente de Lisa Merkalov.

— É encantadora e sempre me foi simpática — disse Ana.

— Deve-lhe isso bem, porque ela adora-a. Ontem à noite, depois das corridas, aproximou-se de mim e ficou desolada por já não a encontrar.

Pretende que a senhora é uma verdadeira heroína de romance e que por sua causa faria mil loucuras, se fosse homem. Stremov disse-lhe que ela não precisava ser homem para fazer loucuras.

— Mas explique-me uma coisa, que não compreendi nunca — disse Ana depois de uns momentos de silêncio e num tom que provava claramente que ela não fazia simplesmente uma pergunta por fazer. — Que relações há entre ela e o príncipe Kalougov, aquele que conhecem por Michka? Raras vezes os tenho encontrado juntos. O que há entre eles?

Betsy sorriu com os olhos e olhou para Ana com atenção.

— É um género novo — disse ela. — Todas essas senhoras o adotaram deitando todos os preconceitos para trás das costas; contudo há várias maneiras de os deitar.

— Sim, mas que relações há entre ela e Kalougov?

Betsy, o que lhe acontecia raras vezes, sentiu um irresistível e furioso acesso de riso.

— Mas está seguindo as pisadas da princesa Miagkaia: é uma pergunta de criança — disse Betsy rindo-se até às lágrimas com esse riso contagioso próprio das pessoas que se riem poucas vezes. — É preciso ir-lho perguntar.

— A senhora ri-se — disse Ana tomada também pela sua alegria — mas eu realmente nunca compreendi nada. Qual é o papel do marido?

— O marido? Mas o marido de Lisa Merkalov traz-lhe a manta e põe-se ao seu serviço. Quanto ao fundo da questão, ninguém é capaz de conhecer. Bem sabe que há artigos de *toilette* de que nunca se fala em boa sociedade, de que se deve mesmo ignorar a existência; com estas questões deve se fazer o mesmo.

— Vai à festa dos Rolandsky? — perguntou Ana para mudar de conversa.

— Não penso em lá ir — respondeu Betsy e, sem olhar para a amiga deitou com cuidado o chá perfumado em pequeninas taças transparentes; depois pegou num cigarro e pôs-se a fumar.

— A melhor das situações é a minha — continuou ela acabando de rir. — Eu compreendo-a à *senhora* e compreendo Lisa. Lisa é uma dessas naturezas ingénuas, inconscientes, como as das crianças, ignorantes do bem e do mal; pelo menos ela era assim na sua mocidade e depois que reconheceu que essa ingenuidade lhe ficava bem, faz o possível por não a comprometer. É o mesmo. Pode-se considerar as mesmas coisas por maneiras muito

diferentes; uns tomam os acontecimentos da vida ao trágico e fazem dela um tormento; outros tomam-nos muito simplesmente e mesmo alegremente... Talvez a senhora tenha maneiras de ver muito trágicas?

— Como eu queria conhecer os outros tanto como me conheço a mim própria — disse Ana com um ar pensativo e sério. — Sou melhor, sou pior que as outras? Creio que devo ser pior!

— A senhora é uma criança, uma terrível criança — disse Betsy. — Mas ei-los que chegam!

Capítulo 18

Ouviam-se passos, uma voz de homem, depois uma voz de mulher e os ecos de riso. Eram os visitantes esperados, que dentro em pouco faziam a sua entrada no salão; Safo Stoltz e um mancebo chamado Vaska, cujo rosto brilhava de satisfação e de uma saúde um pouco exuberante de mais. As trufas, o vinho de Borgonha, as carnes em sangue tinham-lhe feito muito bem. Vaska cumprimentou as duas senhoras ao entrar, mas o olhar que lhes deu não durou mais de um segundo; atravessou o salão atrás de Safo, como se fosse seguro por uma coleira, devorando-a com os seus olhos brilhantes. Safo Stoltz era uma loura de olhos negros; entrou com um andar livre, alteado sobre uns sapatos de saltos enormes, e foi sacudir vigorosamente a mão das senhoras à maneira de um homem.

Ana ficou admirada com a beleza desta nova estrela que ela ainda não encontrara, com a sua *toilette* levada aos últimos limites da elegância e com a sua desenvoltura. A cabeça de baronesa trazia um verdadeiro monumento de cabelos verdadeiros e postiços de um tom dourado, que encantava. Esse penteado dava-lhe à cabeça a mesma altura que o busto cheio: a saia fortemente apertada atrás desenhava-lhe as formas dos joelhos e das pernas a cada movimenta e, olhando-lhe o balancear do enorme penteador, perguntava-se involuntariamente onde poderia acabar esse corpinho elegante, tão largo no alto e tão apertado em baixo.

Betsy apressou-se a apresentá-la a Ana.

— Imaginem que estivemos quase a esmagar dois soldados — começou ela logo, piscando os olhos com um sorriso e atirando para trás a cauda do vestido. — Eu estava com Vaska. Ah, já me esquecia de que o não conhecem.

E apresentou o mancebo pelo seu nome de família, corando e rindo-se de lhe ter chamado Vaska diante de estranhos. Este cumprimentou pela segunda vez, sem dizer uma palavra, e voltando-se para Safo exclamou:

— A aposta está perdida. Fomos os primeiros a chegar: só lhe resta pagar.

Safo riu-se ainda com mais força.

— Ainda não.

— É indiferente, mais tarde pagará.

— É boa, é boa. Ah! Meu Deus! — exclamou ela de repente voltando-se para a dona da casa. — Esquecia-me de lhe dizer, como eu tenho a cabeça!... Trago-lhe uma visita. Ei-la!

A visita anunciada por Safo, que era inesperada e de que ela se esquecera, era de uma importância tal que, apesar da sua juventude, as senhoras se levantaram para a receber.

Era o novo adorador de Safo que, a exemplo de Vaska, lhe seguia todos os passos.

Nesse momento entraram o príncipe Kalougov e Lisa Merkalov com Stremov. Lisa era morena, um pouco negra, de ar indolente, de tipo oriental, com uns olhos que toda a gente assegurava serem impenetráveis; o seu vestido de um tom carregado, que Ana notou e apreciou muito, estava em harmonia perfeita com o seu género de beleza; enquanto Safo era brusca e decidida, Lisa era uma indolente, cheia de abandono.

Betsy, falando dela, tinha-lhe censurado os seus ares de criança inocente. No entanto a censura era injusta; Lisa era bem na verdade um ser encantador de inconsciência, embora corrompida. As suas maneiras não eram melhores do que as de Safo: também ela trazia atrás de si, cozidos à sua saia, dois adoradores, que a devoravam com os olhos, um novo, o outro velho; mas nela havia alguma coisa de superior ao que a rodeava; dir-se-ia um diamante no meio de simples pedras falsas. O brilho da pedra preciosa transparecia nos belos olhos enigmáticos, circundados de grandes círculos listrados, cujo olhar fatigado e contudo cheio de paixão, chocava pela sinceridade. Vendo-a julgar-se-ia ler na sua alma e conhecê-la seria amá-la.

Ao ver Ana, o rosto iluminou-se-lhe num sorriso de alegria.

— Ah, como estou contente por a ver — disse ela, aproximando-se. — Ontem à tarde, nas corridas, quis ir ter consigo... mas acabava de partir precisamente nesse momento. Não é verdade que aquilo é horrível? — disse ela com um olhar em que parecia abrir-se-lhe o coração.

— É verdade, nunca julguei que pudesse comover a tal ponto — respondeu Ana corando.

Os jogadores de croquet levantaram-se para ir para o jardim.

— Eu não vou — disse Lisa sentando-se junto de Ana. — A senhora também não, não é verdade? Que prazer pode haver em jogar o croquet?

— Mas eu gosto muito — disse Ana.

— Como, o que diz? Como se arranja para se não aborrecer? Só em olhá-la nos sentimos contentes. A senhora vive, eu aborreço-me.

— Aborrece-se? Mas dizem que a sua casa é a mais alegre de todo o S. Petersburgo — disse Ana.

— Talvez aqueles a quem nós parecemos tão alegres se aborreçam mais do que nós, mas eu, pelo menos, não me divirto: aborreço-me cruelmente.

Safo acendeu uma cigarrilha e, seguida pelos mancebos, seus admiradores, foi para o jardim. Betsy e Stremov ficaram junto da mesa do chá.

— Torno a perguntar-lho — continuou Lisa. — Como faz para não conhecer o aborrecimento?

— Mas não faço nada — declarou Ana corando diante dessa insistência.

— É o que de melhor se pode fazer — disse Stremov intrometendo-se na conversa...

Era um homem de uns cinquenta anos, já grisalho, mas bem conservado; antipático, mas de uma antipatia original e espirituosa; Lisa Merkalov era sobrinha de sua mulher e por isso parava junto dela todos os seus momentos de ócio.

Encontrando Ana em sociedade, ele procurou logo, como homem bem-educado, mostrar-se particularmente amável para ela, até mesmo por causa das suas más relações oficiais com o marido.

— O melhor dos meios é não fazer nada — continuou ele com o seu sorriso inteligente. — Há já muito tempo que lho repito. Para não nos aborrecermos é suficiente acreditar que não nos aborreceremos; do mesmo modo que se sofremos de insónias é preciso nunca pensar que não havemos de dormir. Era isto o que Ana Arcadievna lhe quis fazer compreender.

— Sentir-me-ia envaidecida na verdade de ter dito isso — exclamou Ana sorrindo — porque é melhor que espirituoso, é verdadeiro.

— Mas porque é, diga-me, que é tão difícil adormecer como não nos aborrecermos?

— Para dormir é preciso ter trabalhado e para nos divertirmos também.

— Que trabalho poderia eu executar, eu cujo trabalho não agrada a

ninguém. Poderia fazer cara de divertida, mas não me entendo com isso, nem me quero entender.

— A senhora é incorrigível — disse Stremov dirigindo-se ainda a Ana.

Só raras vezes a encontrava, e por isso agora só banalidades lhe podia dizer; no entanto sabia envolver essas banalidades agradavelmente, falando-lhe do seu regresso a S. Petersburgo e da amizade da condessa Lídia por ela.

— Não se vá, peço-lhe — disse Lisa vendo que Ana os ia deixar.

Stremov juntou também os seus pedidos.

— Vai achar um contraste muito grande entre a sociedade daqui e da velha Wrede. E depois lá vai ser o assunto de maledicências, enquanto aqui só desperta sentimentos muito diferentes!

Ana ficou pensativa por uns momentos: as palavras lisonjeiras desse homem de espírito, a simpatia infantil e ingénua que lhe testemunhava Lisa, esse meio mundano em que estava habituada e no qual parecia respirar livremente, comparado ao que a esperava em sua casa, causaram-lhe um minuto de hesitação. Não poderia deixar para mais tarde o momento terrível da explicação?

Mas lembrando-se da necessidade absoluta que tinha de tomar um partido, recordando o seu profundo desespero dessa manhã, levantou-se, fez as suas despedidas e partiu.

Capítulo 19

Apesar da sua vida mundana e das aparências de estouvamento, Vronsky tinha horror à desordem. Um dia, quando novo e ainda mal saído do corpo dos pajens, achou-se sem dinheiro e levou uma recusa quando quis contrair um empréstimo. Desde então jurara nunca mais se expor a esta humilhação e ficou-se por ali. Cinco ou seis vezes por ano fazia o que chamava uma barrela e conservava assim os seus negócios em ordem.

No dia seguinte ao das corridas, tendo-se levantado tarde, Vronsky, antes do banho e de ter feito a barba, vestiu uma farda de soldado e foi proceder à classificação das contas e do dinheiro. Petritzky, que conhecia o génio do camarada em casos semelhantes, levantou-se, esquivando-se sem ruído.

Todo o homem cuja existência é complicada crê sinceramente que todas as dificuldades da sua vida são uma má sina sua, um privilégio infeliz reservado só para ele de que os outros estão livres. Vronsky pensava assim, orgulhando-se contudo, e não sem razão, de ter evitado embaraços nos quais outros teriam sucumbido; mas a fim de não agravar a sua situação, preferia ver claro nos seus negócios e sobretudo nos seus negócios de dinheiro.

E pôs-se a escrever com a sua letra fina o estado das suas dívidas e achou um total de mais de 17000 rublos, enquanto todo o seu haver não subia a mais de 1800 rublos, sem nenhuma nova entrada a acrescer antes do primeiro do ano. Vronsky fez então uma classificação das dívidas e estabeleceu três categorias: primeiro as dívidas urgentes, que subia a perto de 4000 rublos, dos quais 1500 para o cavalo e 2000 para pagar a um escroque, que os tinha feito perder a um dos seus camaradas. Esta última dívida não lhe dizia diretamente respeito, porque ele unicamente servira de fiador a um amigo. Mas queria ter o dinheiro, para em caso de reclamação o poder atirar à cara do malandro que fizera a escroqueria.

Esses 4000 rublos eram, portanto, indispensáveis. Vinham em seguida as dívidas dos cavalos de corridas, aproximadamente uns 8000 rublos, para o

fornecedor de feno e de aveia, como para o areeiro inglês; com 2000 rublos podia-se regular tudo isso provisoriamente.

Quanto às dívidas do alfaiate e de outros fornecedores, podiam esperar perfeitamente.

Portanto precisava imediatamente de 6000 rublos e só tinha 1800.

Para um homem a quem atribuíam 100000 rublos de rendimento, eram bem fracas dívidas; mas esse rendimento não existia, porque a fortuna paterna não tendo sido dividida, Vronsky cedera a sua parte de duzentos mil rublos, que era o que tinha, ao irmão quando este casara com uma menina sem fortuna, a princesa Barbe Tchikikov, filha do Decembrista. Alexei só reservara para si um rendimento de vinte e cinco mil rublos, dizendo que isso lhe chegaria até se casar, o que nunca aconteceria.

O irmão, muito endividado e comandante de um regimento que o obrigava a grandes despesas, não pôde recusar essa oferta. A velha condessa, cuja fortuna era independente, juntara vinte mil rublos ao rendimento do filho mais novo, que ia gastando tudo sem pensar em economizar; mas a mãe, descontente pela forma como ele deixara Moscovo e pela ligação com a Sra. Karenina, cessara de lhe enviar o dinheiro de modo que Vronsky, talhando as suas despesas para quarenta e cinco mil rublos por ano, achara-se subitamente reduzido a vinte e cinco mil. Recorrer à mãe era impossível, porque a carta que recebera dela o estava irritando, sobretudo pelas alusões que continha; queriam ajudá-lo de boa vontade no avanço da sua carreira, mas não para continuar uma vida que escandalizava toda a boa sociedade.

A espécie de compra dada a entender pela mãe tinha-o ferido até ao fundo da alma; sentia-se mais frio a seu respeito do que nunca.

Por outro lado, voltar atrás com a generosa oferta que fizera ao irmão um pouco levianamente, é certo, também era inadmissível. A lembrança da cunhada, dessa boa e encantadora Varia, que em todas as ocasiões lhe dava a entender que ela não esquecia a sua generosidade e não cessava de a apreciar, bastava para o impedir de voltar atrás; era tão impossível como bater numa mulher, roubar ou mentir; e, contudo, ele via que a sua ligação com Ana podia tornar-lhe tão preciso esse rendimento como se se tivesse casado.

A única coisa prática que achou, e Vronsky adotou-a sem hesitação, era pedir emprestado dez mil rublos a um usurário, o que não oferecia nenhuma dificuldade, diminuir as despesas e vender os cavalos. Tomada esta decisão escreveu a Rolandaki, que lhe propusera muitas vezes comprar-lhe os

cavalos, mandou vir o inglês e o usurário, e dividiu entre diversas contas o dinheiro que lhe restava.

Feito isto escreveu breves palavras à mãe e retomou para ler ainda uma vez as três últimas cartas de Ana antes de as deitar ao fogo; a recordação da sua conversa com ela na véspera fê-lo cair numa profunda meditação.

Capítulo 20

Vronsky criara para seu uso particular um código de leis.

Esse código aplicava-se a um certo número de deveres pouco extensos, mas estritamente determinados: não precisando de sair desse número, Vronsky não achara nunca em falso, nem hesitante sobre o que lhe convinha fazer ou evitar. Esse código prescrevia por exemplo: pagar uma dívida, mas não declarava indispensável soldar as suas contas com o alfaiate; proibia a mentira, a não ser com uma mulher; interdizia a enganar alguém, a não ser um marido; admitia a ofensa, mas não o perdão da injúria.

Esses princípios podiam ser falhos de razão e de lógica, mas como Vronsky não os discutia, julgara-se sempre com o direito de trazer a cabeça bem alta desde o momento que os observasse. Depois da sua ligação com Ana, notava certas lacunas no seu código: tendo mudado as condições da sua vida, não achava já resposta a todas as suas dúvidas e punha-se a hesitar, pensando no futuro.

Até ali as suas relações com Ana e o marido tinham entrado no quadro dos princípios conhecidos e admitidos: Ana era uma mulher honesta, que tendo-lhe dado o seu amor, tinha todos os direitos imagináveis ao seu respeito, como se fosse sua mulher legítima; teria antes deixado cortar uma das mãos do que se permitir uma palavra, uma alusão cruel, nada que pudesse haver contrário a estima e à consideração com que uma mulher deve contar sempre.

As suas relações com a sociedade eram igualmente claras; todos podiam suspeitar a sua ligação, mas ninguém devia ter o atrevimento de falar dela; estava pronto a fazer calar os indiscretos e a obrigá-los a respeitar a honra daquela que ele tinha desonrado.

As suas relações com o marido eram mais claras ainda; desde o momento, em que tinha começado a amar Ana, os seus direitos sobre ela pareciam-lhe inatacáveis. O marido era uma personagem inútil, maçadora,

posição certamente desagradável para ele, mas para a qual ninguém podia nada. O único direito que lhe ficava era o de reclamar uma satisfação pelas armas, ao que Vronsky estava perfeitamente disposto.

Contudo os últimos dias tinham trazido incidentes novos e Vronsky não estava apto para os julgar. Na véspera Ana anunciara-lhe que estava grávida; sentia que ela esperava dele uma resolução qualquer; ora os princípios que lhe dirigiam a vida não lhe determinavam qual devesse ser essa resolução: no primeiro momento o coração tinha-o levado a exigir que deixasse o marido; agora perguntava a si mesmo, depois de ter refletido, se essa rutura era desejável, e as suas reflexões lançavam-no na perplexidade.

Fazê-la abandonar o marido e unir a sua vida à minha; estou eu preparado para isso? Posso sustentá-la com a falta de dinheiro que tenho? Admitamos que o vou arranjar: posso eu tê-la, estando ao serviço? No ponto a que chegámos, devo estar preparado para pedir a minha demissão e arranjar dinheiro.

A ideia de deixar o serviço levava-o a olhar um lado secreto da sua vida, que era o único a conhecer.

A ambição tinha sido o sonho da sua infância e da sua adolescência, sonho capaz de arcar no seu coração com o amor que lhe inspirava Ana. Os seus primeiros passos na carreira militar tinham sido tão felizes como a sua estreia na sociedade; mas havia dois anos que estava sofrendo as consequências de uma insigne inabilidade.

Em lugar de aceitar uma promoção que lhe tinham proposto, recusou, contando com essa recusa para se engrandecer e provar a sua independência: presumira de mais do valor que davam aos seus serviços e desde então nunca ninguém mais se ocupara dele. Bem ou mal via-se reduzido a esse papel de homem independente que, não pedindo nada, não pode achar mau que o deixem divertir em paz. Na realidade ele já não se divertia; a sua independência pesava-lhe e começava a recear que o julgassem definitivamente um bravo e sério rapaz, unicamente destinado a ocupar-se de prazeres.

A sua ligação com Ana tinha acalmado por momentos o rancor da ambição não satisfeita, atraindo sobre ele a atenção geral, como sobre o herói de um romance; agora acabava de acordar os seus antigos sentimentos.

O general fora seu companheiro de escola, seu rival nos estudos e em exercícios físicos, o camarada das suas loucuras de criança; voltava coberto

de glória da Ásia Central e mal chegado a S. Petersburgo esperava-se a sua nomeação para um posto importante; consideravam-no como um astro de primeira ordem. Contudo junto dele Vronsky, livre, brilhante, amado por uma mulher encantadora, não fazia triste figura, como simples capitão de cavalaria a quem deixavam ficar independente e à sua vontade.

— Eu não tenho inveja de Serpouhovskoi — dizia ele — mas a sua promoção prova que basta a um homem, como eu, esperar a sua hora para fazer uma carreira rápida. Há três anos apenas estava ele no mesmo posto, que eu; se eu deixasse o serviço, ia-se tudo embora; ficando não perco nada; não foi ela própria que me disse que não queria mudar a sua situação? E posso eu, tendo o seu amor, ter inveja de Serpouhovskoi?

Retorceu lentamente a ponta do bigode, levantou-se e começou a andar pelo quarto. Os olhos brilhavam-lhe e experimentava a mesma calma de espírito, que se seguia sempre ao regular dos seus negócios; e ainda dessa vez tudo se pusera em ordem.

Foi barbear-se, tomou o seu banho frio vestiu-se e preparou-se para sair.

Capítulo 21

— Vinha procurar-te — disse Petritzky entrando no quarto. — A tua barreia hoje durou muito tempo. Já acabou?

— Sim — disse Vronsky sorrindo.

— Quando acabas de sair dessas barrelas, pareces que sais do banho. Venho de casa de Gritzky. — Era o coronel do regimento dele. — Estão à espera.

Vronsky olhava para o amigo sem lhe responder, porque o seu pensamento estava noutra parte.

— Ah, é em casa dele que é esta música? — disse escutando o som muito conhecido das polcas e das valsas da música militar, que se ouvia ao longe. — Que festa há lá hoje?

— Chegou Serpouhovskoi.

— Ah! — disse Vronsky. — Não sabia.

E o sorriso dos olhos tornou-se mais vivo. Tomara para consigo mesmo o partido de sacrificar a sua ambição ao seu amor e ser feliz; por isso não podia querer mal a Serpouhovskoi por ainda o não ter ido ver.

— Estou encantado...

O coronel Gritzky ocupava uma grande casa senhorial; quando Vronsky chegou toda a sociedade estava reunida no terraço de baixo; os músicos do regimento com fardetas de verão estavam em pé, no pátio à volta de um barrilzito de aguardente; junto da grade do terraço o coronel com o seu belo rosto prazenteiro, rodeado dos seus oficiais, gritava mais alto que a música, que estava tocando uma quadrilha de Offenbach e dava com gestos largos ordens a um grupo de soldados. Estes com o quartel mestre e alguns sargentos aproximaram-se do terraço ao mesmo tempo que Vronsky.

O coronel que voltara para junto da mesa, reapareceu com um copo de champanhe na mão e levantou o seguinte brinde:

— À saúde do nosso antigo camarada, o bravo general príncipe

Serpouhovskoi, hurra!

Serpouhovskoi apareceu também com o copo na mão, depois do coronel.

— Cada vez estás mais novo, Boudarenko! — disse ele para o quartel-mestre, um belo rapagão de rosto vermelho.

Vronsky não tinha tornado a ver Serpouhovskoi havia três anos; achou-o belo como sempre, mas de uma beleza mais máscula; a regularidade dos seus traços notava-se menos do que a nobreza e a suavidade de toda a sua pessoa. Observou nele a transformação própria daqueles que triunfam e que sentem o sucesso; essa radiação interior era-lhe bem conhecida.

Quando Serpouhovskoi ia descendo a escada, viu Vronsky e um sorriso de contentamento lhe iluminou o rosto; fez-lhe um aceno de cabeça ao levantar a taça, para indicar com esse gesto, enviando-lhe um cumprimento afetuoso, que era preciso tocar o copo do quartel-mestre, teso que nem uma estaca e pronto para receber o brinde.

— Até que enfim — gritou o coronel. — E Yashvine que pretendia que tu estavas de mau humor!

Serpouhovskoi, depois de ter, como devia, beijado três vezes o belo quartel-mestre e de ter limpado a boca com o lenço, aproximou-se de Vronsky.

— Como estou satisfeito em te ver! — exclamou apertando-lhe a mão e levando-o para um canto.

— Trate deles — gritou o coronel a Yashvine, e desceu a escada em direção ao grupo de soldados.

— Porque não vieste ontem às corridas? Pensava encontrar-te lá — disse Vronsky examinando Serpouhovskoi.

— Vim, mas já era muito tarde. Perdão — disse ele voltando-se para um ajudante de campo. — Distribua isso da minha parte.

E tirou da carteira três notas de cem rublos.

— Vronsky, queres comer ou beber? — perguntou Yashvine. — Ei! Traga qualquer coisa ao conde! Bebe isso enquanto esperas.

A festa prolongou-se durante muito tempo: fartaram-se de beber. Serpouhovskoi foi levado em triunfo: depois também chegou a vez ao coronel. Em seguida o próprio coronel foi dançar uma dança a rigor diante dos músicos; cansado, foi sentar-se sobre um banco do pátio e demonstrou a Yashvine a superioridade da Rússia sobre a Prússia, principalmente nas cargas de cavalaria. A alegria acalmou-se por uns momentos.

Serpouhovskoi foi lavar as mãos ao gabinete e aí encontrou Vronsky, que estava deitando água na cabeça; tinha tirado também o uniforme e banhava o pescoço. Quando acabou as suas abluções, veio sentar-se junto de Serpouhovskoi sobre um pequeno divã e conversaram.

— Soube sempre o que te dizia respeito por minha mulher — disse Serpouhovskoi. — Fiquei bem contente por a veres muitas vezes.

— É uma amiga de Varia e são as únicas mulheres de S. Petersburgo que eu sinto prazer em ver — respondeu Vronsky sorrindo e prevendo o rumo que a conversa ia tomar, não o achando desagradável.

— As únicas? — perguntou Serpouhovskoi sorrindo também.

— Sim; eu também sabia o que te dizia respeito, mas não era unicamente por tua mulher — disse Vronsky cortando a vontade a qualquer alusão pelo ar sério que o rosto lhe tomou. — Senti-me muito teliz com os teus sucessos, sem ficar surpreendido. Esperava mais ainda.

Serpouhovskoi sorriu; essa opinião envaidecia-o e não via razão para o dissimular.

— Eu não esperava tanto, com franqueza, mas estou contente, muito contente: sou ambicioso, é uma fraqueza, não o oculto.

— Tu a esconderias se não fosses bem-sucedido — disse Vronsky.

— Também o creio; não irei até dizer que sem ambição não valeria a pena viver, mas a vida seria monótona; talvez me engane, mas parece-me que possuo as qualidades necessárias para o género de atividade que escolhi e que o poder, seja qual for, ficará melhor colocado nas minhas que nas mãos de muitos outros que eu conheço; por consequência, quanto mais próximo estou do poder, mais contente estarei.

— É talvez verdadeiro para ti, mas não para toda a gente; também eu pensei como tu, e contudo vivo sem achar que a ambição seja o único fito da existência.

— Cá estamos — disse Serpouhovskoi rindo-se. — Começo por te dizer que soube do caso da tua recusa e que naturalmente aprovei o teu gesto. Quanto a mim procedeste bem no fundo, mas não nas condições em que o devias fazer.

— O que está feito, está feito e tu sabes que eu não renego as minhas ações; de resto acho-me muito bem.

— Muito bem por algum tempo. Tu não te contentarias assim sempre. Teu irmão não digo, que é um bom rapaz, como o nosso anfitrião. Ouve-lo?

— ajuntou ele ouvindo os hurras prolongados. — Mas isto não pode bastar-te a ti.

— Eu não digo que isto me baste.

— E depois, homens como tu são necessários.

— A quem?

— A quem? À sociedade, à Rússia. A Rússia precisa de homens. Tem necessidade de um partido; senão tudo vai mal.

— Que queres tu dizer com isso? O partido de Bertevel contra os comunistas russos?

— Não — disse Serpouhovskoi com uma careta pela ideia de poder suspeitar dele uma semelhante tolice. — Tudo isso é uma blague; o que sempre existiu, existirá sempre. Não há comunistas, mas pessoas que têm necessidade de inventar um qualquer partido perigoso por espírito de intriga. É o velho jogo. O que é preciso é um grupo poderoso de homens independentes, como tu e eu.

— Para que é isso? — E Vronsky nomeou algumas personalidades de influência. — Então estes não são independentes?

— Não o são, unicamente porque, desde que nasceram, não tiveram a independência material, o nome e porque não viveram, como nós, perto do sol. O dinheiro ou as honras podem arranjá-los e para se manterem é-lhes preciso seguir uma direção à qual eles próprios não ligam às vezes nenhum sentido, e que pode ser má, mas cujo fim é o de lhes assegurar uma posição oficial e certos ordenados. Isto não é mais fino que aquilo quando reparamos no seu jogo. Eu sou talvez pior ou mais estúpido do que eles, o que não será certo, mas em todo o caso eu tenho, como tu, a vantagem importante de ser mais difícil de comprar. Mais do que nunca os homens desta têmpera são necessários.

Vronsky escutava-o atentamente, menos por causa das suas palavras, mas porque compreendia o alcance das vistas do seu amigo; enquanto ele não pensava senão nos interesses do seu esquadrão. Serpouhovskoi olhava já a luta com o poder e criava um partido nas esferas oficiais. E que força não adquiriria ele com o seu poder de reflexão e de assimilação e essa facilidade de falar tão rara no seu meio?

Por mais vergonha que experimentasse, Vronsky surpreendeu em si um movimento de inveja.

— Falta-me uma qualidade essencial para lá poder chegar — respondeu.

— O amor do poder. Tive-o, mas já o perdi.

— Não o creio — disse rindo o general.

— Contudo é verdade, principalmente «agora» falo com toda a sinceridade.

— «Agora» talvez, mas isso não durará sempre.

— Isso pode ser.

— Tu dizes «isso pode ser» e eu digo «com certeza que não» — continuou Serpouhovskoi, como se lhe tivesse adivinhado o pensamento. — Foi por isso que quis conversar contigo. Admito a tua primeira recusa, mas peço-te para o futuro *carta branca.* Não me vou fazer teu protetor e, no entanto, porque não: não foste tu muitas vezes o meu? A nossa amizade é superior a isso. Sim, dá-me *carta branca* e eu te meterei a caminho sem que o pareça.

— Vê bem que eu não peço nada — disse Vronsky — se o presente subsistir.

Serpouhovskoi levantou-se e, colocando-se diante dele, disse-lhe:

— Compreendo-te, mas escuta-me: nós somos contemporâneos e talvez que tu tenhas conhecido mais mulheres do que eu — o seu sorriso sossegou Vronsky sobre a delicadeza que ele ia pôr ao tocar no ponto sensível — mas eu sou casado e, como disse não sei quem, aquele que só conheceu a sua mulher e gostou dela sabe mais a respeito de mulheres que aquele que conheceu mil...

— Já lá vamos — gritou Vronsky para um oficial que aparecera à porta para os vir chamar da parte do coronel. Estava com muita curiosidade de ver onde Serpouhovskoi queria chegar.

— A mulher, na minha opinião, é o obstáculo da carreira de um homem. É difícil amar uma mulher e nada fazer de bom, e a única maneira de não ficar reduzido à inação pelo amor é casarmo-nos. Como explicar-te isso — continuou Serpouhovskoi a quem as comparações divertiam. — Supõe que levas um fardo: enquanto to não atarem às costas, as mãos não te servem para nada. Foi o que eu experimentei quando me casei: as minhas mãos tornaram-se imediatamente livres; mas carregar esse fardo sem o casamento, é tornar-se incapaz de toda a ação. Olha Mausokov, Kroupov... Graças às mulheres, perderam a sua carreira!

— Mas que mulheres! — exclamou Vronsky pensando na atriz e na francesa às quais esses dois homens estavam presos.

— Quanto mais elevada é a posição social da mulher, mais a dificuldade é grande; já não é carregar com um fardo, é arrancá-lo a alguém.

— Tu nunca amaste — murmurou Vronsky olhando-o de frente e pensando em Ana.

— Talvez, mas pensa no que te disse e não esqueças isto: as mulheres são todas mais materiais que os homens; nós temos do amor uma conceção mais grandiosa, elas ficam sempre mais terra a terra... Vamos já — disse ele para um criado que ia a entrar no quarto; mas este não os vinha chamar, trazia um bilhete para Vronsky.

— Da princesa Tverskoi.

Vronsky rasgou o sobrescrito e tornou-se corado.

— Tenho dores de cabeça, vou para casa — disse ele a Serpouhovskoi.

— Então adeus, dás-me *carta branca.* Tornaremos a falar; ver-te-ei em S. Petersburgo.

Capítulo 22

Já passava das cinco horas quando Vronsky saiu. Para não faltar a entrevista e principalmente para não ir lá com os seus cavalos, que toda a gente conhecia, tomou a carruagem de Yashvine e ordenou ao cocheiro que fosse depressa; a carruagem era um velho carro de quatro lugares, de modo que se meteu para um canto, estendendo as pernas sobre o banco da frente.

Depois de restabelecida a ordem nos seus negócios, a amizade de Serpouhovskoi, as palavras lisonjeiras com que este lhe tinha afirmado que ele era um homem necessário, e enfim esta entrevista com Ana, davam-lhe uma alegria tão exuberante que um sorriso lhe veio aos lábios; passou a mão por sobre o sítio contundido na véspera e respirou a plenos pulmões.

Como é bom viver, pensou ele, aconchegando-se no fundo da carruagem e cruzando as pernas. Nunca experimentara tão profundamente esta plenitude de vida, que até lhe tornava agradável a ligeira dor causada pela queda e que ainda o maçava.

Esse frio e claro dia de agosto, com que Ana se tinha impressionado tão mal, estimulava-o, excitava-o.

Tudo o que distinguia nas últimas claridades do dia, nessa atmosfera pura, parecia-lhe fresco, alegre e são como ele próprio. Os telhados das casas, que os raios de sol poente douravam, os relevos das paliçadas bordando o caminho, as casas desenhando-se em linhas vivas, os raros transeuntes, a verdura das árvores e da erva que nenhum sopro de vento agitava, os campos com as ondulações das batatas, onde se projetavam sombras obliquas, tudo parecia compor uma linda paisagem pintada de há pouco.

— Mais depressa, mais depressa — disse para o cocheiro metendo-lhe pela vidraça da carruagem uma nota de três rublos. Este fechou com a mão a vidraça, chicoteou os cavalos e o carro rolou rapidamente sobre a calçada.

Nada mais preciso, que esta felicidade!, pensou ele fixando os olhos sobre o botão da campainha, colocado entre os dois vidros do carro; e pela

imaginação passou-lhe a figura de Ana tal como a vira na última vez. *Quanto mais a vejo, mais a amo!... Eis o jardim da vila de Wrede. Onde estará ela? Porque me escreveu ela na casa de Betsy?*

Era a primeira vez que pensava nisso; mas não tinha tempo de refletir. Mandou parar o cocheiro antes de chegar à avenida, desceu com a carruagem a andar, e entrou na rua que levava à casa; não viu ninguém, mas olhando à direita para o parque, descobriu Ana com o rosto coberto por um espesso véu; reconheceu-a pela maneira de andar, pelo feitio das costas e da cabeça e ao vê-la sentiu como uma corrente elétrica. A sua alegria de viver comunicava-se aos seus movimentos e à respiração. Quando se aproximavam um do outro, ela tomou-lhe a mão com vivacidade.

— Não me queres mal por te ter feito vir, não? Tenho urgente necessidade de te falar — disse ela, e a prega severa dos seus lábios mudou imediatamente a alegre disposição de Vronsky.

— Querer-te mal? Mas como e porque estás tu aqui?

— Pouco importa — disse ela metendo o braço no de Vronsky — vem, preciso falar-te.

Ele compreendeu que um novo incidente tinha sobrevindo e que essa conversa nada tinha de amorável; assim também se sentiu possuído pela agitação de Ana sem lhe conhecer ainda a causa.

— O que há? — perguntou ele apertando-lhe o braço e procurando ler-lhe alguma coisa no rosto.

Ela deu alguns passos em silêncio para tomar ânimo e deteve-se de repente.

— Ontem não te disse — começou ela respirando com dificuldade e falando rapidamente — que voltando com Alexei Alexandrovich lhe confessei tudo... disse-lhe que não podia continuar a ser sua mulher... enfim tudo!

Ele escutava-a, inclinado para ela, como se tivesse querido suavizar a amargura desta confidência; mas, mal ela acabou de falar, endireitou-se e o rosto tomou-lhe uma expressão altiva e severa.

— Sim, sim, valia mais isso mil vezes. Compreendo o que tu sofreste!

Mas ela não o escutava e procurava adivinhar os pensamentos do amante; poderia ela imaginar que a expressão desse rosto se referia à primeira ideia que lhe tinha sugerido a narração que acabava de ouvir, ao duelo, que ele julgava agora inevitável. Nunca Ana teria pensado nisso e a interpretação que

deu à mudança da fisionomia de Vronsky foi muito diferente.

Desde a carta do marido que ela sentia no fundo da sua alma que tudo ficaria como no passado, que ela não teria a força de sacrificar a sua posição na sociedade, nem o seu filho ao amante. A manhã passada em casa da princesa Tverskoi tinha-a confirmado nesta convicção; de resto ligava uma grande importância à sua entrevista com Vronsky, esperando que a sua situação respetiva seria mudada. Se desde o primeiro momento que ele tivesse dito sem hesitação: «Deixa tudo e vem comigo», ela teria abandonado até mesmo o filho: mas ele não teve nenhum movimento desse género e pareceu-lhe antes ferido e descontente.

— Não sofri nada, passou-se tudo naturalmente — disse ela com uma certa irritação — e olha...

E tirou da luva a carta do marido.

— Compreendo, compreendo — interrompeu Vronsky segurando a carta sem a ler e procurando sossegar Ana. — Eu só esperava por esta explicação para consagrar completamente a minha vida à tua felicidade.

— Porque me dizes isso? Posso eu duvidá-lo? — exclamou ela. — Se eu duvidasse...

— Quem vem ali? — disse bruscamente Vronsky apontando duas senhoras que vinham direitas a eles. — Talvez nos conheçam.

A arrastou Ana rapidamente para uma rua ao lado.

— É-me indiferente! — exclamou ela; os lábios tremiam-lhe e pareceu a Vronsky que ela o olhava por debaixo do véu com uma estranha expressão de ódio. — Repito-o: em tudo isto eu não duvido de ti; mas lê o que ele me escreve.

E parou de novo.

Vronsky, ao ler a carta, abandonou-se involuntariamente, como já o havia feito, há pouco, sabendo da rutura de Ana com o marido, à impressão que despertava nele o pensamento das suas relações com o marido ofendido; contra vontade via a provocação que ia receber no dia seguinte, o duelo, o momento em que, sempre calmo e frio, estivesse diante do seu adversário, e depois de ter descarregado a arma para o ar esperaria que ele atirasse... E as palavras de Serpouhovskoi atravessaram-lhe o espírito: «É melhor não nos prendermos.» Como fazer compreender isto a Ana?

Depois de ter lido a carta, levantou para a amante um olhar em que faltava a energia da decisão; ela compreendeu que ele refletira e que o que ele

dissesse não representaria tudo o que pensava. Não correspondia ao que ela esperava dele; a sua última esperança desaparecia.

— Tu vês que homem é este! — disse-lhe ela numa voz trémula.

— Perdoa-me — interrompeu Vronsky — mas não me sinto atemorizado... Por Deus deixa-me acabar — ajuntou ele suplicando-lhe com um olhar que lhe desse tempo para explicar o seu pensamento. — Não me sinto atemorizado porque é impossível ficar nestas condições, como ele supõe,

— Porquê? — perguntou Ana com a voz alterada, não ligando sentido nenhum às palavras dele, porque a sorte estava decidida.

Vronsky queria dizer-lhe que depois do duelo que julgava inevitável, a situação de ambos havia de forçosamente mudar, mas por fim disse-lhe outra coisa:

— Isto não pode continuar assim. Espero agora que o deixarás e que permitirás a mim — e ele corou e perturbou-se — pensar na organização da nossa vida em comum; amanhã...

Ela não o deixou acabar:

— E o meu filho? Tu não vês o que ele escreveu: era preciso deixá-lo. Não posso, não quero.

— Mas, em nome do céu, será melhor não abandonares teu filho e continuar esta existência humilhante?

— Para quem é ela humilhante?

— Para todos nós, mas para ti principalmente!

— Humilhante! Não digas isso, essa palavra não tem para mim senso nenhum — murmurou ela com voz trémula. — Não sabes que desde o dia em que te amei, tudo se transformou para mim; nada existe a meus olhos fora do teu amor; se ele me pertencer sempre, sinto-me numa altura onde nada me pode atingir. Tenho orgulho na minha situação... tenho orgulho...

E não pôde acabar porque lágrimas de vergonha e de desespero lhe abafaram a voz. E deteve-se em soluços.

Também ele sentia qualquer coisa na garganta e pela primeira vez na sua vida viu-se quase a chorar sem saber o que o enternecia: se a compaixão por aquela a quem ele era impotente para ajudar e de quem tinha sido o causador da infelicidade, ou se o sentimento de ter cometido uma má ação.

— Um divórcio seria, pois, impossível? — perguntou ele meigamente. Ela acenou com a cabeça sem responder. — Não poderias tu deixá-lo

trazendo a criança?

— Sim, mas tudo agora depende dele; é preciso que eu vá ter com ele — disse ela secamente; o seu pressentimento verifica-se; tudo ficava como no passado.

— Na terça-feira estarei em S. Petersburgo e decidiremos.

— Sim — respondeu ela — mas não falemos mais disto.

A carruagem de Ana, que ela tinha mandado embora com ordem de a vir buscar ao portão do jardim Wrede, aproximava-se.

Ana disse adeus a Vronsky e partiu.

Capítulo 23

A comissão de 2 de junho reunia se geralmente à segunda-feira. Quando Alexei Alexandrovich entrou na sala cumprimentou, como de costume, o presidente e outros membros da comissão, e foi sentar-se no seu lugar, colocando a mão sobre os papéis, que estavam preparados diante dele, por entre os quais se achavam os seus documentos particulares e as suas notas sobre a proposta que contava submeter aos colegas. De resto as notas eram-lhe supérfluas, porque não só nada lhe escapava do que tinha preparado, mas julgava-se ainda com tempo de passar no último momento pela memória os assuntos que queria tratar. Sabia também, que chegado o momento, quando se visse em frente do seu adversário, que procuraria aparentar uma fisionomia indiferente, a palavra viria por si própria com toda a clareza necessária e que cada palavra traria. Enquanto esperava, ia escutando a leitura do relatório habitual com o ar mais inocente e mais inofensivo do mundo. Ninguém pensaria, vendo esse homem com a cabeça descaída, o aspeto fatigado, mexendo suavemente com as mãos brancas, de veias ligeiramente salientes, de dedos compridos e magros, nas margens do papel branco colocado diante dele, que, alguns minutos depois, esse homem ia pronunciar um discurso, que levantaria uma verdadeira tempestade, obrigaria os membros da comissão a gritarem alto, interrompendo-se uns aos outros e forçaria o presidente a chamá-los à ordem. Quando o relatório acabou, Alexei Alexandrovich declarou com voz fraca que tinha algumas observações a apresentar a respeito do assunto da ordem do dia. A atenção geral voltou-se para ele.

Alexei Alexandrovich alteou a voz, tossiu ligeiramente e, sem olhar para o adversário, como fazia sempre quando começava um discurso, dirigiu-se ao primeiro adventício, sentado diante dele, e que era um velhote modesto sem a menor importância na comissão. Quando chegou ao ponto capital, às leis orgânicas, o adversário saltou na cadeira e respondeu-lhe; Stremov, que também fazia parte da comissão e que ele estava espicaçando vivamente,

defendeu-se igualmente.

A sessão foi das mais tempestuosas; mas Alexei Alexandrovich triunfou e a sua proposta foi aceite; nomearam-se três novas comissões e no dia seguinte, em certos meios petersburgueses, não se falou senão nessa sessão. O sucesso de Alexei Alexandrovich ultrapassou mesmo a sua espectativa.

No dia seguinte pela manhã, terça-feira, Karenine ao acordar lembrou-se com prazer do seu triunfo da véspera e não pôde reprimir um sorriso, apesar do seu desejo de parecer indiferente, quando o chefe do gabinete, para lhe ser agradável, lhe falou dos rumores que a reunião da véspera estava levantando.

Alexei Alexandrovich, absorvido pelo trabalho, esqueceu completamente que essa terça-feira era o dia fixado para o regresso de sua mulher; por isso ficou desagradavelmente impressionado quando um criado lhe veio anunciar que ela já tinha chegado.

Ana entrara em S. Petersburgo de manhã cedo; o marido não o ignorava, pois ela pedira-lhe uma carruagem por telegrama; mas ele não a veio receber e mandou-lhe dizer, que estava ocupado com o seu chefe de gabinete. Depois de o ter prevenido da sua chegada, Ana foi para os seus aposentos e mandou tirar das malas as suas coisas, sempre à espera que Alexei Alexandrovich aparecesse; mas passou-se uma hora, e ele não apareceu. Sob o pretexto de ordens a dar, ela entrou na sala de jantar, falou com o criado em voz alta com o intuito de ser ouvida, mas sem sucesso; ouviu o marido reconduzir até à porta o chefe do gabinete; habitualmente ele saia depois desta conferência, ela sabia-o, e como queria vê-lo absolutamente para regular as suas relações futuras, decidiu-se a entrar no gabinete de trabalho de Alexandrovich.

Estava fardado, pronto para sair, com os cotovelos encostados a uma mesita, estava olhando tristemente para diante. Ana viu-o antes de que ele desse por ela e compreendeu que estava pensando nela. Karenine, ao vê-la, quis levantar-se, hesitou, corou, o que lhe não acontecia usualmente, e depois levantando-se enfim bruscamente avançou alguns passos, fixando os olhos sobre a testa e os cabelos dela para lhe evitar o olhar. Quando chegou perto dela, tomou-lhe a mão e convidou-a a sentar-se.

— Fiquei muito satisfeito por me terem dito que já tinha vindo — disse ele sentando-se junto dela com o desejo evidente de falar, mas detendo-se a cada vez que abria a boca.

Embora preparada para esta entrevista e disposta a acusá-lo e a desprezá-lo, Ana nada achava para dizer, com piedade dele. O silêncio de ambos

prolongou-se por muito tempo.

— Sergei vai bem? — perguntou ele por fim; e sem esperar resposta ajuntou: — Hoje não jantarei em casa; tenho de sair imediatamente.

— Eu queria partir para Moscovo — disse Ana.

— Não, a senhora fez muito bem em voltar — respondeu ele.

E o silêncio recomeçou.

Vendo-se incapaz de abordar o assunto, Ana foi a primeira a começar.

— Alexei Alexandrovich — disse ela fitando-o sem baixar os olhos sob esse olhar fixo sobre a sua cabeça. — Eu sou uma mulher má e culpada; mas fico sendo o que era, o que eu lhe confessei que era e vim para lhe dizer que não posso mudar.

— Eu não lhe pergunto isso — respondeu ele num tom decidido, tendo-lhe a cólera reavivado todas as suas faculdades e olhando desta vez para Ana com uma expressão de ódio. — Eu suspeitava-o, mas como já lhe disse e escrevi — continuou ele com uma voz breve e ameaçadora — e como lho repito agora, eu não o quero saber, quero ignorar tudo; todas as mulheres não têm, como a senhora, a bondade de se darem tanta pressa em dizerem aos maridos esta agradável notícia. — E sublinhou a palavra agradável. — Ignoro tudo contanto que essa gente o não saiba e o meu nome não seja desonrado. É por isso que a previno de que as nossas relações devem ficar como sempre foram; eu não procurarei pôr a minha honra a coberto senão no caso em que a senhora se comprometa.

— Mas as nossas relações não podem ficar o que eram dantes — replicou Ana timidamente, olhando-o com terror.

Tornando-o a encontrar com os seus gestos calmos, a voz áspera, aguda e um pouco infantil, toda a piedade que ela experimentara há pouco desapareceu diante da repulsão que ele lhe inspirava; só teve um receio, o de não se explicar por uma forma bem clara sobre o que deviam ser as suas relações.

— Eu não posso continuar a ser a sua mulher, quando eu...

Karenine teve um riso frio e mau.

— O género de vida que à senhora agradou escolher reflete-se até na maneira de compreender, mas eu desprezo e respeito muito, isto é, eu respeito muito o seu passado e desprezo profundamente o presente, para que as minhas palavras se prestem à interpretação a que a senhora lhes dá.

Ana deu um suspiro e baixou a cabeça.

— De resto — continuou ele exaltando-se — custa-me a compreender que, não achando nada de censurável em prevenir o seu marido da sua infidelidade, a senhora tenha escrúpulos sobre o cumprimento dos seus deveres de esposa.

— Alexei Alexandrovich, o que exige de mim?

— Eu exijo que nunca mais se encontre com esse homem! Exijo que se comporte de tal maneira que *nem na sociedade, nem a gente de casa* a possam acusar; exijo numa palavra que não o receba mais. Parece-me que não é pedir muito. Nada mais tenho a dizer-lhe; preciso sair. Hoje não virei jantar a casa.

Levantou-se e dirigiu-se para a porta. Ana levantou-se também; ele cumprimentou-a sem falar e deixou-a sair primeiro.

Capítulo 24

Apesar da abundância das colheitas nunca Levine experimentou tantas contrariedades como nesse ano, constatando claramente as suas más relações com os camponeses. Ele próprio já não encarava os seus negócios sob o mesmo ponto de vista não tendo por eles o mesmo interesse. De todos os melhoramentos introduzidos por ele com tanta dificuldade, só lhe resultava uma luta sem tréguas, na qual ele, o senhor, defendia a sua propriedade, enquanto os trabalhadores defendiam o seu trabalho.

Quantas vezes não teve ocasião de o notar nesse verão? Agora era o trevo reservado para as sementeiras, que lhe ceifavam, como forragem, a pretexto de uma ordem do feitor, mas unicamente porque esse trevo parecia mais fácil para ceifar; no dia seguinte era uma nova máquina de ceifar que se quebrava porque o homem, que estava encarregado dela, achava maçador sentir um par de asas a moverem-se-lhe por cima da cabeça. Depois eram as charruas aperfeiçoadas, que se não decidiam a empregar, os cavalos que deixavam andar a pastar por um campo de trigo, porque em vez de vigiarem durante a noite se punham a dormir à volta da fogueira acesa na planície; enfim três vitelos esquecidos num campo de trevo morreram e nunca foi possível convencer o pastor de que fora o trevo a causa da morte. Consolaram o patrão contando-lhe que doze vacas tinham morrido pela vizinhança em menos de três dias.

Levine não atribuía estas contrariedades a rancores pessoais da parte dos camponeses; somente constatava com pena que os seus interesses ficavam forçadamente em oposição com os dos trabalhadores.

Havia já tempo que sentia o barco afundar-se, sem que soubesse como a água lhe entrava dentro; procurara ao princípio iludir-se, mas agora a falta de coragem invadia-o; o campo tornava-se-lhe antipático, já para nada tinha gosto.

A presença de Kitty ali pelas vizinhanças veio agravar este mal-estar

moral; teria querido vê-la e não se podia resolver a ir a casa da irmã. Embora tivesse sentido, quando a tornou a ver na estrada, que a amava sempre, a recusa dessa donzela punha entre ambos uma barreira insuperável.

Não poderia perdoar-lhe o aceitar-me porque não fora bem-sucedida com outro, dizia ele e esse pensamento tornava-lha quase odiosa. *Ah, se Daria Alexandrovna me não tivesse falado... tê-la-ia podido encontrar por acaso e tudo talvez se tivesse arranjado; mas agora é impossível... impossível*.

Dolly escreveu-lhe um dia para lhe pedir um selim de senhora para Kitty, convidando-o a ele para o trazer. Foi o golpe de misericórdia; como uma mulher de sentimentos delicados podia assim rebaixar a irmã?

E rasgou sucessivamente dez respostas.

Ele não podia ir e não podia também meter-se atrás de desculpas inverosímeis ou, o que é pior, pretextar a partida para qualquer sítio. Mandou, pois, o selim sem uma palavra de resposta, mas no dia seguinte sentindo que tinha praticado uma grosseria, saiu para fazer uma visita longe, deixando ao intendente o encargo dos negócios, que se lhe tinham tornado aborrecidos.

Sviagesky, um dos seus amigos, tinha-lhe lembrado, havia pouco, a sua promessa de ir caçar galinholas; até então, no meio das ocupações, que o retinham, essa caça, que o tentava muito, não o pudera resolver a fazer essa pequena viagem. Agora achava-se satisfeito por se afastar de casa, da vizinhança dos Cherbatzky e de ir caçar, remédio a que tinha recorrido nos seus dias de tristeza.

Capítulo 25

No distrito de Sourov não havia caminho de ferro, nem diligencias postais, de forma que Levine teve de partir de carro com os seus cavalos. A meio do caminho fez alto era casa de um camponês; este, um velho já calvo, mas bem conservado, com uma grande barba russa, abriu a porta da cocheira apertando-se de encontro à parede para dar lugar à troika e pediu a Levine para entrar em casa.

Uma mulher nova asseadamente vestida, com sapatos sem meias, estava à entrada da isba lavando roupa; teve medo vendo o cão de Levine e deu um grito, mas logo sossegou quando lhe disseram que ele não mordia. Com o braço arregaçado apontou a porta da sala de honra e escondeu o rosto pondo-se de novo a lavar, curvada em duas.

— Quer o samovar?

— Sim.

No grande quarto, aquecido por uma fornalha holandesa e dividido em dois por um biombo, havia alguns móveis: uma mesa ornamentada com desenhos coloridos por cima da qual estavam penduradas imagens de santos, um banco, duas cadeiras e junto da porta um pequeno armário contendo a baixela. As cortinas cuidadosamente corridas não deixavam entrar as moscas e tudo estava tão limpo, que Levine mandou deitar Laska num canto junto da porta com medo que ela sujasse o chão, depois dos numerosos banhos que viera tomando pelo caminho em todos os charcos da estrada.

— Com certeza que vai a casa de Nicolau Ivanitch Sviagesky — disse o velho camponês aproximando-se de Levine, quando este saiu do quarto para examinar o pátio e as dependências. — Ele também costuma parar em nossa casa, quando por aqui passa.

Enquanto ele falava, o portão girou uma segunda vez nos gonzos e os trabalhadores entraram no pátio, na volta dos campos com as grades e as charruas.

O velho deixou Levine, aproximou-se dos cavalos vigorosos e bem nutridos e ajudou-os a desatrelar.

— O que lavraram?

— O campo das batatas. Ei? Fedor, deixa o teu cavalo junto da pipa da água.

A mulher nova entrou nesse momento na casa com duas celhas cheias de água e outras mulheres, novas e velhas, feias e lindas, apareceram; umas com filhos e outras sem eles.

O samovar pusera-se a chiar: os trabalhadores, tendo desatrelado os cavalos, foram jantar e Levine mandou tirar as suas provisões do carro, convidando o velho a tomar chã. O camponês, visivelmente envaidecido, aceitou, mas desculpando-se.

Levine, enquanto ia bebendo o chá, fê-lo falar.

Dez anos antes este camponês tomara de arrendamento a uma senhora cento e vinte hectares; no ano anterior comprara-os, ao mesmo tempo que trazia de renda trezentos a um outro vizinho; uma porção desta terra estava subarrendada; o resto, uma quarentena de hectares, era explorado por ele com os filhos e dois trabalhadores.

O velho ia-se lamentando; assegurava que tudo ia mal, mas unicamente por conveniência, porque dificilmente escondia o orgulho que lhe inspiravam o seu bem-estar, os seus filhos, os gados e por sobre tudo a prosperidade da exploração. No decurso da conversação disse, que não repudiava as inovações, cultivava as batatas em grande, lavrava com charruas, a que dava o nome de «charruas de proprietário» semeava trigo e mondava-o, o que Levine nunca pudera conseguir em sua casa.

— Isso é para as mulheres — disse ele.

— Pois nós proprietários nunca chegamos ao fim.

— Como é que se podem fazer as coisas bem com trabalhadores? E a ruína. Olhe Sviagesky por exemplo, cujas terras nós conhecemos bem; talvez por falta de vigilância, é raro que a sua colheita seja boa.

— Mas o que fazes tu com os teus trabalhadores?

— Oh, nós estamos entre camponeses, nós próprios trabalhamos, e se o trabalhador é mau, depressa é despedido; cada um arranja-se com o que é seu.

— Pai, estão a pedir alcatrão — veio dizer à porta a mulher nova, que estivera lavando.

O velho levantou-se, agradecendo a Levine, e depois de se ter persignado

longamente diante das imagens dos santos, saiu.

Quando Levine entrou na sala comum para chamar o seu cocheiro, viu toda a família à mesa; as mulheres em pé iam servindo. Um rapagão forte com a boca cheia estava contando uma história que fazia rir toda a gente, mas principalmente a mulher nova ocupada a encher de sopa uma grande escudela onde cada um ia tirar.

Levine levou desse interior de sãos camponeses uma impressão boa e durável, que conservou durante o resto da viagem.

Capítulo 26

Sviagesky era marechal do seu distrito. Mais velho que Levine cinco anos, casara-se havia muito; vivia com eles a cunhada, uma moça nova muito simpática, e Levine sabia, como os solteiros sabem essas coisas, que eles desejavam que ela casasse com ele. Se bem que pensasse no casamento e estivesse persuadido de que esta amável criatura daria uma encantadora mulher, achava, no entanto, tão verosímil ver se a voar pelos ares, como casar com ela. O receio de ser tomado como um pretendente tirava-lhe o prazer que se propunha gozar na sua visita e tinha-o feito refletir ao receber o convite do amigo.

Sviagesky era um tipo interessante de proprietário afeiçoado aos negócios da terra; mas havia poucas relações entre as opiniões que professava e a sua maneira de viver e de proceder. Desprezava a nobreza, que acusava de ser hostil à emancipação, tratava a Rússia como um país apodrecido, cujo detestável governo não valia talvez mais que o da Turquia; e, contudo, ele aceitara o cargo de marechal do distrito, cargo de que se desempenhava conscienciosamente: nunca ia viajar sem arvorar o boné oficial, bordado de vermelho e ornado com uma cocarde.

O camponês russo representava para ele um intermediário entre o homem e o macaco, mas era de preferência aos camponeses que apertava a mão durante as eleições e a quem escutava com mais atenção. Não acreditava nem em Deus, nem no diabo, mas preocupava-se muito em melhorar a sorte do clero e olhava pela igreja paroquial da sua terra. Na questão da emancipação da mulher, pronunciava-se pelas teorias mais radicais, mas, vivendo em perfeita harmonia com a mulher, não lhe dava nenhuma iniciativa, não lhe confiando outros cuidados senão os de organizar tão agradavelmente quanto possível a sua vida comum e sob a sua própria direção. Afirmava que só se podia viver no estrangeiro, mas tinha na Rússia terras que explorava pelos processos mais aperfeiçoados e seguia cuidadosamente todos os progressos

que se iam realizando.

Apesar destas contradições, Levine procurava compreendê-lo, considerava-o como um enigma vivo e, graças às suas relações amigáveis, tentava ultrapassar o que ele chamava «limiar» deste espírito.

A caçada a que o seu hospedeiro o levou foi medíocre; os pântanos estavam secos e as galinholas eram raras; Levine andou todo o dia para trazer três peças; em compensação voltou com um excelente apetite, uma disposição boa e uma certa excitação intelectual, que para ele sempre resultava de um exercício físico violento.

À noite, junto da mesa de chá, Levine achou-se sentado junto da dona da casa, uma loura de estatura média, de rosto redondo adorável por duas covinhas na face. Obrigado a conversar com ela e com a irmã colocada diante dele, sentia-se perturbado pela vizinhança desta mulher, cujo vestido aberto parecia ter sido escolhido por sua causa. Essa *toilette* descobrindo-lhe um peito branco desconcertava-o; não se atrevia a voltar a cabeça para esse lado, sentia-se maldisposto e a sua tortura comunicava-se à irmã. A dona da casa tinha o ar de nada ver e sustentava com calma a conversação.

— Então acredita, que meu marido se não interessa pelo que é russo? — dizia ela. — Bem ao contrário: é mais feliz aqui que em qualquer outra parte; há tanto que fazer no campo! Não viu a nossa escola?

— Sim, vi; não é essa casita coberta de era?

— É. Foi obra de Nastia — disse ela apontando a irmã.

— A senhora vai lá mesmo dar lições? — perguntou Levine olhando como um culpado para o corpete aberto.

— Já dei e ainda dou, mas temos uma professora excelente.

— Não, obrigado, não tomo mais chá; estou a ouvir lá em baixo uma conversa, que me interessa muito — disse Levine, sentindo que era indelicado, mas incapaz de continuar a conversa.

E levantou-se corando.

O dono da casa estava falando na ponta da mesa com dois proprietários; os seus olhos negros e brilhantes estavam fixos sobre um homem de bigode branco que o divertia com as suas queixas contra os camponeses. Sviagesky parecia ter uma resposta sempre pronta para as lamentações cómicas do homenzinho e poderia reduzi-las a pó só com uma palavra se a sua posição oficial o não obrigasse a reservas.

O velho proprietário, amigo apaixonado do campo e agrónomo, era

visivelmente um adversário convencido da emancipação; isso lia-se-lhe no feitio dos seus fatos fora de moda, na forma por que trazia o casaco, nas sobrancelhas franzidas e na sua maneira de falar num tom de autoridade estudada; juntava às palavras gestos imperiosos com as belas mãos queimadas, tendo num dos dedos um velho anel de casamento.

Capítulo 27

— Se não fosse o dinheiro gasto e os esforços empregados, mais valia abandonar as terras e irmo-nos embora para o estrangeiro, como Nicolau Ivanitch, para ouvir a «Bela Helena» — disse o velho proprietário, cuja figura inteligente se abriu num sorriso.

— Apesar de tudo o senhor foi ficando — retorquiu Sviagesky — por consequência é porque isto não é mau.

— Isto não é mau, porque tenho casa e como, e porque se está sempre à espera, apesar de tudo, de reformar o mundo; mas é uma loucura, uma desordem inacreditável! Os desgraçados dividiram tão bem que muitos deles já não têm nem cavalo, nem vaca; estão rebentando de fome. E, no entanto, vá tentar, para os tirar de dificuldades, tomá-los como trabalhadores... estragarão tudo e ainda por fim hão de achar meio de o levarem ao juiz de paz.

— Mas o senhor também se pode queixar ao juiz de paz — disse Sviagesky.

— Eu? Queixar-me? Por coisa nenhuma desta vida! O senhor sabe a história da fábrica? Os operários depois de terem recebido os lucros, deixaram tudo e foram-se embora. Recorreu-se ao juiz de paz... Que fez ele? Absolveu-os. O nosso único recurso é ainda o tribunal da comuna; aí é que chicoteiam o nosso homem, como nos nossos bons tempos. Se não fosse o *starchina* era para fugirmos para o fim do mundo.

— No entanto parece-me que nenhum de nós vem de lá: nem eu, nem Levine, nem este senhor — disse Sviagesky apontando o segundo proprietário.

— Sim, mas pergunte a Miguel Petrovitch como é que ele fez para ter os seus negócios em ordem; é isso uma administração *racional?* — disse o velho com ares de vanglória pela palavra *racional.*

— Santo Deus, eu administro os meus negócios muito simplesmente —

disse Miguel Petrovitch. — A questão está em ajudar os camponeses a pagarem pelo outono os seus impostos; são eles próprios que vêm; «Ajude-me, paizinho», e como são vizinhos, tem-se piedade deles; e adiamos o primeiro terço do imposto dizendo: «Atenção, rapazes; eu ajudo-vos, mas é preciso que vocês por sua vez me ajudem também para semear, para ceifar e para a debulha» e resolvemos tudo em família. Às vezes é verdade que se encontra gente sem consciência...

Levine conhecia de longa data essas tradições patriarcais; trocou um olhar com Sviagesky e, interrompendo Miguel Petrovitch, dirigiu-se ao proprietário de bigode grisalho:

— E segundo a sua opinião, o que é preciso fazer?

— Como Miguel Petrovitch, a menos que se não queira dar a terra aos camponeses ou partilhar com eles o produto; tudo isso é possível, mas não é menos certo que a riqueza da nação se vai com esses processos. Nos sítios onde, no tempo da servidão, a terra rendia nove grãos por um, hoje só rende três. A emancipação arruinou a Rússia.

Sviagesky olhou Levine com uma cara trocista; mas este escutava com muita atenção as palavras do velho, olhando que elas eram o resultado de reflexões pessoais, amadurecidas por uma longa experiência da vida do campo.

— Todo o progresso se faz à força — continuou o velho proprietário. — Veja as reformas de Pedro, de Catarina e de Alexandre. Veja a própria história europeia... E é na questão agronómica principalmente que foi preciso usar de autoridade. Julga acaso que a batata foi introduzida por outra maneira que não fosse a força? Pensa que sempre se lavrou com charrua? Nós, os proprietários do tempo da servidão, pudemos melhorar os nossos processos de cultura, introduzir secadores e batedeiras, e todos os instrumentos aperfeiçoados, porque usámos de autoridade e os camponeses, a princípio refratários, obedeciam e acabavam por nos imitar. Agora que os nossos direitos já não existem, onde iremos encontrar essa autoridade? Assim nada se mantém, e depois de um período de progresso, cairemos fatalmente na barbaria primitiva. É assim que eu compreendo as coisas.

— Eu não as compreendo bem assim — disse Sviagesky. — Por que razão não continua os seus aperfeiçoamentos trabalhando com operários pagos?

— Dá-me licença que lhe pergunte por que meio poderia eu continuar, se

me falta toda a autoridade?

Eis a força elementar, pensou Levine.

— Mas com os seus trabalhadores.

— Os meus trabalhadores não querem trabalhar, como devem, empregando bons instrumentos. O nosso trabalhador só compreende bem uma coisa: embebedar-se como um animal e estragar tudo aquilo em que mexe; o cavalo que se lhe confia, os arreios novos; sempre achará meio de beber nas tabernas até escangalhar o carro e de meter uma cavilha na batedeira para a pôr fora de serviço. Tudo o que se não faz segundo o seu modo de pensar, faz-lhe mal. Por isso a agricultura está visivelmente a baixar, a terra está desprezada e fica de pousio, a menos que a não cedam aos camponeses; em lugar de produzir milhões de medidas de trigo, não produz senão alguns milhares. A riqueza pública diminui. Podia-se muito bem fazer a emancipação, mas progressivamente.

E desenvolvia o seu plano pessoal, onde todas as dificuldades teriam sido evitadas. Esse plano não interessava Levine e por isso voltou à sua primeira pergunta com a esperança de levar Sviagesky a explicar-se.

— É bem certo que o nível da nossa agricultura baixa e que dadas as relações atuais com os camponeses é impossível obter uma exploração racional.

— Eu não sou dessa opinião — respondeu Sviagesky com seriedade. — Que a agricultura esteja em decadência depois da servidão, não o nego, e pretendo mesmo que ela estava então num estado muito miserável. Nós não tivemos nunca uma máquina, nem estábulos próprios, nem administração; nós nem mesmo sabemos escrituração. Pergunte a um proprietário e ele não sabe o que lhe custa o que lhe diz respeito.

— É o que dizem os livros italianos, não é? — disse ironicamente o velho proprietário. — Apesar de escriturar e de embrulhar tudo, não achará nisso nenhum benefício.

— Porquê embrulhar tudo? A sua miserável batedeira russa não vale com certeza nada e quebra-se com facilidade, enquanto uma batedeira a vapor durará. A sua má égua, que se deixa agarrar pela cauda, não vale nada, mesmo um cavalo persa ou simplesmente uma raça vigorosa servirá mais. E em tudo assim. A nossa agricultura teve sempre necessidade de ser levada para diante.

— Mas era preciso ter os meios para isso, Nicolau Ivanitch. O senhor

fala bem; mas quando se tem, como eu, um filho na Universidade e outros no liceu, não se tem dinheiro para comprar cavalos persas.

— Mas há os bancos.

— O quê? Para ver a minha terra vendida em talhões? Muito obrigado.

Levine interveio então no debate.

— Essa questão do progresso agrícola já me ocupa há muito; eu tenho arriscado dinheiro em melhoramentos, mas até agora eles só me têm dado perdas. Quanto aos bancos eu não sei para quem eles podem servir.

— Sim, senhor, e é verdade! — confirmou o velho proprietário com um riso satisfeito.

— E não sou eu o único — continuou Levine. — Se chamarmos todos os que têm feito experiências como eu, com raras exceções, todos estão de perda. Mas o senhor mesmo está contente? — perguntou Levine notando no rosto de Sviagesky o embaraço que lhe causava esta tentativa de sondar o fundo do seu pensamento.

E isso não era sem intuito maldoso; a Sra. Sviagesky confessara a Levine, durante o chá, que um guarda-livros alemão vindo expressamente de Moscovo por quinhentos rublos se encarregara de organizar a escrita de exploração e constatara um prejuízo de três mil rublos.

O velho proprietário sorriu ao ouvir Levine; ele bem sabia a quanto montava o rendimento das terras do seu vizinho.

— O resultado pode não ser brilhante — respondeu Sviagesky — mas isso prova simplesmente que eu sou um agrónomo medíocre ou que o meu capital vai novamente para a terra para aumentar o juro.

— O juro! — exclamou Levine com sarcasmo. — Talvez que ele exista na Europa, onde o capital que se põe na terra, se paga, mas entre nós ele não dá nada.

— No entanto o juro deve existir. É uma lei.

— Então é porque estamos fora da lei; para nós, essa palavra *juro* não explica, nem demonstra nada; pelo contrário, embrulha tudo; diga-me como o juro...

— Não quer tomar leite coalhado? Macha, manda-nos leite coalhado e morangos — disse Sviagesky voltando-se para a mulher. — Os morangos este ano têm durado muito.

E levantou-se encantado e provavelmente persuadido de que acabava de fechar a discussão, enquanto Levine supunha que ela ia unicamente começar.

Levine continuou a falar com o velho proprietário; procurava provar-lhe que todo o mal vinha de que ninguém tomava conta do próprio temperamento do trabalhador, dos seus costumes, das suas tendências tradicionais; mas o velho, como todos os que estão habituados a pensar sozinhos, dificilmente apreendia os pensamentos de alguém e conservava-se aferrado às suas opiniões pessoais. Para ele o camponês russo era um bruto, que só se podia fazer andar à paulada e o liberalismo da época não tivera razão em mudar este instrumento útil por uma nuvem de advogados.

— Porque é que pensa que se não pode chegar a um equilíbrio que utilize as forças do trabalhador e as torne realmente produtivas? — perguntou-lhe Levine procurando voltar à primeira pergunta.

— Com o russo isso não existirá nunca; é preciso a autoridade — obstinou-se em repetir o velho proprietário.

— Mas onde quer que se vá descobrir novas condições de trabalho? — disse Sviagesky aproximando-se dos conversadores, depois de ter comido nata e fumado um cigarro. — Não temos nós a comuna com a caução solidária, esse resto de barbaria que por si próprio vai caindo a pouco e pouco? E agora que a servidão foi abolida, não temos todas as formas de trabalho livre, o trabalhador ao ano ou de empreitada, o jornaleiro, o caseiro?

— Mas até a própria Europa está descontente com essas formas!

— Sim, ela procura outras e talvez as encontre.

— Então porque não havemos nós de procurar pelo nosso lado?

— Porque é o mesmo que se procurássemos inventar processos novos para construir caminhos de ferro. Esses processos estão inventados e só temos de os aplicar.

— Mas se eles não convêm ao nosso país, se lhe são prejudiciais? — disse Levine.

Sviagesky retomou o seu ar irónico.

— Teremos nós a pretensão de ir achar o que a Europa procura? Conhece todos os trabalhos que na Europa se têm feito sobre a questão operária?

— Pouco.

— É uma questão que preocupa os melhores espíritos; tem produzido uma literatura considerável, Schulze-Delitzsch e a sua escola, Lassale, o mais avançado de todos, Mulhausen... conhece tudo isto?

— Tenho uma ideia muito vaga.

— É uma maneira de dizer, porque com certeza sabe tanto como eu. Eu

não sou professor de ciência social, mas interessam-me essas questões e, visto que o interessam também, devia-se ocupar delas.

— Mas a que resultados têm chegado?

— Com licença...

Os proprietários tinham-se levantado e Sviagesky deteve ainda Levine no pendor fatal em que ele se obstinava, querendo sondar o fundo do pensamento do seu hospedeiro. Este ia acompanhar os seus convivas.

Capítulo 28

Levine despediu-se das senhoras prometendo passar com elas o dia seguinte para darem todos juntos um passeio a cavalo.

Antes de se ir deitar, entrou no gabinete do dono da casa para procurar uns livros relativos à discussão da tarde.

O gabinete de Sviagesky era uma casa grande, toda ocupada por estantes de livros e com duas mesas, uma colocada no meio da casa e a outra carregada de jornais e revistas em muitas línguas, alinhadas em volta de uma lâmpada. Junto da secretária havia uma *étagère* que continha caixas de cartão com etiquetas em ouro para guardar papéis.

Sviagesky pegou nuns volumes e depois instalou-se num *fauteuil* de báscula.

— O que é que está a ver? — perguntou a Levine, que de pé junto da mesa redonda folheava jornais. — Há nesse jornal, que tem na mão, um artigo muito bem feito. Parece — ajuntou alegremente — que o principal autor da partilha da Polónia não foi Frederico.

E contou com a clareza que lhe era própria o assunto dessas novas publicações. Levine escutava-o perguntando a si próprio o que bem poderia haver no fundo desse homem. Em que é que a partilha da Polónia o interessava?

Quando Sviagesky acabou de falar, ele perguntou involuntariamente:

— E depois?

Não havia nada depois, a publicação era curiosa e Sviagesky julgou inútil explicar porque ela o interessava especialmente.

— O que a mim me interessou foi o seu velho chiador — disse Levine suspirando. — É cheio de bom senso e disse coisas verdadeiras.

— Deixe-o lá! É um velho inimigo da emancipação, como de resto o são todos.

— Mas o senhor está à frente deles?

— Sim, mas para os dirigir em sentido inverso — disse Sviagesky rindo-se.

— Fiquei espantado da pureza dos seus argumentos quando pretende que, em face dos sistemas de administração, os únicos que têm probabilidades de tirar resultado são os mais simples.

— Mas o que há nisso de espantar? O nosso povo está tão pouco desenvolvido, moral e materialmente, que se deve opor a todo o progresso. Se as coisas caminham na Europa é graças à civilização que nela reina; por conseguinte o essencial é civilizar os nossos camponeses.

— Como?

— Fundando escolas, escolas e mais escolas.

— Mas se o senhor é o primeiro a confessar que o povo tem falta de desenvolvimento material; em que é que as escolas remediarão isso?

— O senhor faz-me lembrar uma anedota de uns conselhos dados a um doente: «Faria bem em se purgar. — Já experimentei, mas fez-me mal. — Então ponha sanguessugas. — Também experimentei, mas fizeram-me mal. — Então peça a Deus que o melhore. — Também já experimentei, mas fez-me mal.» Ao senhor também todos os remédios lhe fazem mal.

— É porque não vejo todo o bem que as escolas podem fazer!

— Criarão novas necessidades.

— Tanto pior se o povo não estiver em estado de as satisfazer. E em que é que a sua situação se melhorará porque sabe a soma, a subtração e o catecismo? Antes de ontem encontrei uma camponesa que trazia o filho ao colo; perguntei-lhe de onde vinha: «Venho de casa de uma mulher de virtude; o meu filho não fazia senão gritar e levei-lho para mo curar». E o que fez a mulher? Pegou na criança, levou-a para a capoeira e pô-la sobre o poleiro enquanto rezava umas palavras.

— Bem vê — disse Sviagesky sorrindo — para acreditar umas tais tolices...

— Não — interrompeu Levine contrariado — são as suas escolas, como remédio para o povo, que eu comparo à história da mulher de virtude. O essencial não seria em primeiro lugar curar a miséria?

— Chega às mesmas conclusões que um homem de quem o senhor não gosta, Spencer. Ele pretende que a civilização pode resultar de um aumento de bem-estar, de lavagens mais frequentes, mas que o alfabeto e os números nada podem para isso.

— Tanto melhor ou tanto pior para mim, se me acho de acordo com Spencer; mas acredite que não serão nunca as escolas que civilizarão o nosso povo.

— Mas o senhor está vendo que a instrução se torna obrigatória em toda a Europa.

— Mas como se entende sobre esse capítulo com Spencer?

Os olhos de Sviagesky perturbaram-se e disse sorrindo:

— A história da sua camponesa é excelente. Foi mesmo com o senhor que ela se passou? Realmente?

Decididamente o que divertia este homem era o processo do raciocínio, o fim era-lhe indiferente.

Esse dia havia perturbado Levine profundamente. Sviagesky e as suas inconsequências, o velho proprietário que, apesar das suas ideias justas, desconhecia uma parte do povo, a melhor talvez... as suas próprias deceções, todas essas impressões diversas produziam na sua alma uma espécie de agitação e de espectativa inquieta. Passou uma parte da noite sem dormir, perseguido pelas reflexões do velho. Ideias novas de projetos de reforma germinavam-lhe na cabeça; resolveu-se a partir no dia seguinte, com pressa de pôr os seus novos planos em execução. De resto a lembrança da cunhada e do corpete aberto perturbava-o; mais valia partir sem demora, ir arranjar-se com os camponeses antes das sementeiras do outono e reformar o seu sistema de administração baseando-se numa associação entre patrão e trabalhadores.

Capítulo 29

O novo plano de Levine oferecia dificuldades, que ele não dissimulava; mas persistia, reconhecendo que os resultados obtidos não eram proporcionais aos dissabores. Um dos principais obstáculos, que o fez parar, foi a impossibilidade de deter em plena marcha uma exploração completamente organizada; reconheceu então a necessidade de executar as suas reformas pouco a pouco.

Quando entrou em casa à noite, Levine mandou chamar o feitor, e expôs-lhe os seus novos projetos. Este acolheu com uma satisfação não dissimulada todos os detalhes desse plano, que provava que tudo o que se tinha feito até então, era absurdo e improdutivo. O feitor afirmou tê-lo repetido muitas vezes sem ser atendido; mas quando Levine chegou à proposta de associação com os camponeses, tomou um ar melancólico e apresentou a necessidade de recolher o mais cedo possível a palha e de começar com os trabalhos de lavoura. A hora não era propícia para longas discussões e Levine compreendeu que todos os trabalhadores estavam muito ocupados para terem tempo de compreenderem os seus projetos.

Aquele que melhor pareceu entrar nas ideias do patrão foi o pastor Ivan, um camponês são a quem Levine propôs tomar parte, como sócio, na exploração do gado; mas ouvindo-o falar, o rosto de Ivan exprimia inquietação e pesar e continuava metendo feno nos palheiros, limpava os currais, lavando os com água, como se fosse possível retardar este negócio, ou como se não tivesse tempo para o compreender.

O obstáculo principal com que Levine deparou foi o ceticismo enraizado dos camponeses; não podiam admitir que o proprietário não procurasse explorá-los: por mais raciocínios que lhes apresentassem, estavam convencidos de que o seu verdadeiro fim estava escondido. Pelo seu lado também eles falavam muito, mas guardavam-se de exprimir o fundo do seu pensamento.

Levine pensou no proprietário bilioso quando eles lhe puseram por primeira condição dos seus novos contratos que não seriam nunca mais obrigados a empregarem os instrumentos agrícolas aperfeiçoados e que não entrariam para nada nos processos introduzidos pelo patrão. Achavam que as charruas lavravam melhor e que o extirpador era bom; mas tinham muitas razões especiais para se não servirem deles. Por maior desgosto que Levine experimentasse em ter de renunciar assim a processos cujas vantagens eram evidentes, consentiu e desde o outono uma parte das suas reformas foi posta em prática.

Depois de ter querido ampliar a associação ao conjunto de toda a sua exploração, Levine convenceu-se da necessidade de a restringir aos gados, à horta e a um campo afastado, que havia oito anos andava de pousio. O pastor Ivan formou uma associação composta por pessoas da sua família e encarregou-se dos gados. O novo campo foi confiado a Fedor Resounov, um carpinteiro inteligente que reuniu a si seis famílias de camponeses; e Chourraev, um rapaz honesto, teve em partilha a horta.

Levine bem depressa se convenceu que os estábulos não estavam mais bem tratados, que Ivan se aferrava ainda aos mesmos erros na forma de alimentar as vacas e de bater a manteiga; nem mesmo pôde fazer-lhe compreender que a sua féria representava daí para o futuro um adiantamento sobre os seus lucros.

Constatou também outros factos lastimáveis; Resounov só deu uma lavradela no campo e demorou a construção da granja, que se obrigara a construir antes do inverno; Chourraev procurou partilhar a horta com outros camponeses, contra o compromisso; mas Levine não deixou de persistir, esperando demonstrar aos seus associados, no fim do ano, que a nova ordem de coisas podia dar excelentes resultados.

Pelos fins de agosto, Dolly mandou-lhe o selim e Levine soube pelo portador que os Oblonsky tinham voltado para Moscovo. A lembrança da sua grosseria para com essas senhoras fê-lo corar; a sua conduta com os Sviagesky não tinha sido melhor, mas estava muito ocupado para ter vagar de se entregar aos seus remorsos.

A leitura absorvia-o; tinha lido os livros emprestados por Sviagesky e outros que tinha mandado vir. Mill, que ele estudou em primeiro lugar, interessou-o sem lhe oferecer nada de aplicável à situação agrária da Rússia. O socialismo moderno não o satisfez também. O meio de tornar o trabalho

dos proprietários e dos camponeses russos remunerador não lhe aparecia em parte nenhuma. À força de ler, chegou a projetar ir estudar nos lugares certas questões especiais a fim de não ter sempre de recorrer às autoridades, como Mill, Shultze-Delitzsch e outros. No fundo sabia o que tinha a saber; a Rússia possuía um solo admirável que em certos casos produzia largamente, mas que tratado à europeia não produzia nada. Esse contraste não era um efeito do acaso.

O povo russo, pensava ele, *destinado a colonizar espaços enormes, liga-se às suas tradições, aos seus processos próprios; quem nos diz que ele não tem razão?*

O livro que ele pensava escrever devia demonstrar esta teoria, e os processos populares deviam ser postos em prática nas suas terras.

Capítulo 30

Pensava Levine em partir quando as chuvas torrenciais o vieram fechar em casa. Uma parte do trigo e toda a colheita das batatas não tinha podido ainda ser recolhida; perderam-se dois moinhos e as estradas tornaram-se impraticáveis. Mas no dia trinta de setembro pela manhã o sol apareceu e Levine, esperando uma mudança de tempo, mandou o feitor a casa de um negociante para tratar da venda do trigo. Ele próprio resolveu fazer uma visita de inspeção e voltou à noite todo molhado apesar das botas altas e do capote, mas numa disposição excelente; tinha falado com muitos camponeses, que aprovavam os seus planos e um velho guarda, em casa do qual entrara para secar, tinha-lhe espontaneamente pedido para fazer parte das novas associações.

Só se trata de continuar, pensava ele, *e os meus desgostos não terão sido inúteis; eu não trabalho para mim, mas unicamente o que tento pode ter uma influência considerável sobre a condição do povo. Em lugar de miséria, veremos o bem-estar; em vez de uma hostilidade surda, uma afabilidade cordial e a solidariedade de todos os interesses. E que importa que o autor desta revolução, sem efusão de sangue, seja Konstantin Levine, aquele que de gravata branca foi recusado pela menina Cherbatzky!*

Quando Levine, entregue aos seus pensamentos, voltou para casa, era já noite. O feitor deu-lhe as contas da venda da colheita e contou-lhe que da estrada ainda se viam porções de trigo, que não entrara.

Depois do chá, Levine instalou-se num *fauteuil* com um livro e continuou as suas meditações sobre a viagem projetada e o fruto que dela tiraria. Sentia-se com o espírito lúcido e as suas ideias traduziam-se em frases, que davam a essência do seu pensamento; então quis aproveitar esta disposição favorável para escrever; mas os camponeses esperavam-no na antecâmara, pedindo instruções relativas aos trabalhos do dia seguinte.

Quando os ouviu a todos, Levine voltou para o seu gabinete e pôs-se à

obra. Ágata Mikhailovna, com a meia, veio ocupar o seu lugar habitual.

Depois de ter escrito durante algum tempo, Levine levantou-se e pôs-se a andar de um lado para o outro. A recordação de Kitty e da sua recusa acabava de lhe atravessar o espírito com uma vivacidade cruel.

— O senhor não tem razão para arranjar desgostos — disse-lhe Ágata Mikhailovna. — Porque se deixa ficar em casa? Faria muito melhor em partir para os países quentes, já que está decidido a isso.

— Faço tenção de partir depois de amanhã; mas preciso arranjar primeiro os meus negócios.

— Que negócios? Não deu já bastante aos camponeses? Também eles dizem: «O Barine conta com certeza com alguma dádiva do Imperador!» Que necessidade tem o senhor de se preocupar tanto com eles?

— Não é com eles que eu me preocupo, mas comigo mesmo.

Ágata Mikhailovna conhecia pormenorizadamente todos os projetos do senhor, porque ele lhos havia explicado, discutindo muitas vezes com ela; mas nesse momento interpretou as suas palavras num sentido diferente daquele que ele lhe dava.

— Com certeza que se deve pensar na nossa alma antes de tudo — disse ela suspirando. — Parfene Denisitch, por exemplo, embora fosse um ignorante, sem saber ler nem escrever, Deus nos queira fazer a todos a graça de nos deixar morrer, como ele, confessado e sacramentado.

— Eu não o entendo assim! — respondeu Levine. — O que eu faço é no meu interesse; se os camponeses trabalham mais, sou eu quem ganha.

— Por mais que o senhor faça, o preguiçoso ficará sempre preguiçoso e aquele que tiver consciência, trabalhará; nada há de mudar.

— No entanto a senhora é de opinião que Ivan trata melhor das vacas!

— O que eu digo e o que sei — respondeu a velha governanta, seguindo evidentemente uma ideia que nela não era nova — é que o senhor precisa casar-se; é o que o senhor precisa!

Esta observação, vinda em apoio dos pensamentos que se tinham apossado dele, aborreceu Levine; franziu as sobrancelhas e sem responder pôs-se a trabalhar; de tempos a tempos escutava o tilintar das agulhas de Ágata Mikhailovna e fazia uma careta ao recair nas ideias que ele queria repelir. Guizeiras e o ruído surdo de um carro sobre a estrada lamacenta interromperam-lhe o trabalho.

— Eis uma visita, que chega; já se não aborrecerá — disse Ágata

Mikailovna dirigindo-se para a porta.

Mas Levine passou-lhe à frente; sentindo que não podia trabalhar, ficara satisfeito de ver chegar alguém.

PERIGOSAS

Capítulo 31

Ao descer a escada, Levine ouviu o som de uma tosse bem sua conhecida; alguém entrava no vestíbulo, mas como o ruído dos seus passos o impedissem de ouvir distintamente, julgou ter-se enganado. Essa esperança manteve-se até ver um indivíduo de alta estatura despindo um abafo.

Por mais que gostasse do irmão, não suportava a ideia de viver com ele; sob a influência dos pensamentos despertados no seu coração por Ágata Mikhailovna, teria preferido uma visita alegre e bem-disposta, estranha às suas preocupações e capaz de o distrair. O irmão, que o conhecia a fundo, ia obrigá-lo a confessar os seus sonhos mais íntimos, o que ele principalmente receava.

Reprovando em si esses maus sentimentos, Levine correu para o vestíbulo e quando reconheceu o irmão experimentou uma profunda piedade. De pé, na antecâmara, Nicolau procurava tirar o *cache-nez* que lhe envolvia o pescoço magro e sorria num sorriso estranho e doloroso. Konstantin sentiu a garganta apertar-se-lhe.

— Eis-me junto de ti — disse Nicolau numa voz surda, não tirando os olhos de cima do irmão. — Há já muito tempo que desejava vir, mas não tinha força. Agora vou muito melhor — disse limpando a barba com as mãos ossudas.

— Sim, sim! — respondeu Levine tocando com os lábios o rosto seco do irmão e notando, quase com terror, a alucinação do seu olhar brilhante.

Konstantin escrevera-lhe, algumas semanas antes, que, tendo liquidado o resto da sua fortuna comum, tinha uma soma aproximada de dois mil rublos para lhe mandar. Era esse dinheiro que Nicolau vinha buscar; desejava também tornar a ver o velho ninho paterno e pôr os pés sobre a terra natal para ali adquirir forças, como os heróis dos antigos tempos. Apesar das costas arqueadas e da sua horrível magreza, tinha ainda movimentos vivos e bruscos; Levine levou-o para o seu quarto.

Nicolau vestiu-se com cuidado, o que lhe não acontecia outrora, penteou os cabelos ásperos e raros e subiu todo risonho. Estava numa disposição suave e meiga; o irmão conhecera-o assim na sua infância; até mesmo falou de Sergei Ivanitch sem rancor. Vendo Ágata Mikhailovna, gracejou com ela e perguntou-lhe por todos os antigos servidores da casa; a morte de Parfene Denisitch pareceu impressioná-lo vivamente, porque o seu rosto tomou uma expressão de terror; mas em pouco se recompôs.

— Era muito velho, não era? — perguntou, mudando logo de conversa. — Pois vou ficar um mês ou dois em tua casa, depois irei a Moscovo, onde Miagkov me prometeu arranjar um lugar e entrarei a fazer qualquer coisa. Conto viver por uma maneira muito diversa do que até aqui — disse ele. — Ah, sabes, que deixei essa mulher!

— Maria Nicolaevna. Porquê?

— Era uma mulher infame, que me causou todos os desgostos possíveis.

Mas não disse que expulsara Maria Nicolaevna porque achava o chá que ela fazia muito fraco; no fundo queria-lhe mal por ela o tratar como doente.

— De resto quero mudar todo o meu modo de viver; fiz muitas tolices, como toda a gente, mas não tenho saudades da última. Contanto que me voltem as forças, tudo irá bem; e, Deus louvado, sinto-me muito melhor.

Levine escutava-o e procurava uma resposta que não podia achar. Nicolau pôs-se então a interrogá-lo sobre os seus negócios e Konstantin, feliz por poder falar sem dissimulações, pôs-se a contar o seu plano e as suas tentativas de reforma. Nicolau escutava-o sem manifestar o menor interesse. Esses dois homens tão próximos um do outro unicamente ouviam o som das suas vozes; o mesmo pensamento os possuía nesse momento, apagando todo o resto: a doença de Nicolau e a sua morte próxima. Nem um nem outro se atreviam a fazer-lhe a menor alusão e o que eles diziam, nada exprimia do que estavam sentindo.

Nunca Levine viu aproximar-se com tanta ansiedade o momento de se deitar como naquela ocasião. Nunca se sentira tão dissimulado, tão pouco natural e tão maldisposto. Enquanto o coração se lhe despedaçava à vista do irmão moribundo, necessitava manter uma conversa cheia de mentira sobre a vida que o irmão contava levar.

A casa só tinha um quarto aquecido e Levine, para evitar toda a humidade ao irmão, ofereceu-lhe partilhar do seu.

Nicolau deitou-se, dormindo como um doente, voltando-se a cada

instante na cama, e Konstantin ouvia-o suspirar dizendo: «Ah, meu Deus!» Algumas vezes, não podendo escarrar, zangava-se e dizia: «Diabo»!

Durante muito tempo Levine o escutou sem poder dormir, agitado como estava por pensamentos que o conduziam sempre à ideia da morte.

Era a primeira vez que a morte o chocava assim pelo seu inexorável poder e ela ali estava, nesse irmão amado, que a dormir gemia invocando indistintamente Deus ou o diabo; ela também vivia nele e se esse fim inevitável não vinha hoje, viria amanhã, dentro de trinta anos, não importava o momento! Como é que nunca tinha pensado nisso?

Trabalho, esforço-me por conseguir um fim e esqueci-me de que tudo acaba e que a morte está à espera, junto de mim.

Enrodilhado na cama, na escuridão, rodeando os joelhos com os braços, retinha a respiração com a tensão do espírito. Quanto mais pensava, mais via claramente que, na sua conceção da vida, esquecera esse ligeiro pormenor, a morte, que viria cortar tudo cerce e que nada podia impedir! Era terrível!

Mas eu ainda estou vivo. Que devo fazer agora?, perguntou a si mesmo com desespero.

E acendendo uma vela, levantou-se novamente, aproximou-se do espelho e olhou o rosto e os cabelos; alguns cabelos brancos se viam nas fontes e os dentes começavam a estragar-se; descobriu os braços musculosos, mas estavam ainda cheios de força. Mas esse pobre Nicolau, que respirava a custo com os restos de pulmão, que lhe tinham ficado, também tinha tido um corpo vigoroso! E imediatamente se lembrou que, quando criança, à noite, depois de os terem deitado, o seu maior divertimento era esperar que Fedor Bogdanovitch, o seu perceptor, tivesse deixado o quarto para jogarem à pancada com os travesseiros e rirem-se tão satisfeitos, que o medo do próprio perceptor não podia fazer parar esta exuberância de alegria.

E ei-lo agora ali deitado com o seu pobre peito inutilizado e eu mesmo pergunto no que me tornei e não o sei!

— Kha, Kha! Que diabo estás tu a fazer, que não dormes? — perguntou Nicolau.

— Não sei, tenho uma insónia.

— Eu dormi bem e já não transpiro: vem ver, nem nada.

Levine obedeceu, depois tornou-se a deitar e apagou a vela; mas ainda não adormeceu e continuou a refletir: *Sim, ele morre! Morrerá para a primavera; mas que posso eu fazer para o salvar? Que lhe hei de dizer? Que*

sei eu? Até me tinha esquecido que era preciso morrer!

PERIGOSAS

Capítulo 32

Levine tinha já notado bastantes vezes quanto a delicadeza e a excessiva humildade de certas pessoas se transformam subitamente em exigências e estava já prevendo que a sensatez de seu irmão não seria de longa dura. E não se enganava; no dia seguinte Nicolau começou a irritar-se com as menores coisas e pôs-se a espicaçar o irmão em todos os seus pontos mais sensíveis.

Konstantin sentia-se culpado pela sua hipocrisia; mas não podia abertamente exprimir o seu pensamento. Se os dois irmãos tivessem sido sinceros, ter-se-iam olhado bem de frente e Konstantin só teria de repetir: «Tu vais morrer, tu vais morrer!» ao que Nicolau teria respondido: «Bem o sei e tenho medo, muito medo!» Não tinham outras preocupações nos seus espíritos. Mas essa sinceridade não era possível e Konstantin tentava, mas sempre sem sucesso, falar de assuntos indiferentes, e o irmão, que lhe adivinhava os pensamentos, irritava-se e a cada uma das suas palavras exaltava-se.

No dia seguinte Nicolau discutiu mais uma vez a questão das reformas que o irmão executava, mas confundia-as por maldade com o comunismo.

— Tu agarraste nas ideias de outro para as desfigurares e aplicá-las onde elas não podem ser aplicadas.

— Mas eu nada quero copiar ao comunismo, que nega o direito à propriedade, ao capital, à herança. Estou longe de negar estimulantes tão importantes. Eu só procuro regularizá-los.

— Numa palavra, tu tomas uma ideia, que não é tua, tiras-lhe o que lhe dá a força e pretendes fazê-la passar por nova — disse Nicolau desapertando a gravata.

— Mas se as minhas ideias não têm relação nenhuma...

— Essas doutrinas — continuou Nicolau sorrindo ironicamente e com o olhar brilhante de irritação — têm pelo menos o atrativo, que eu chamarei geométrico, de serem claras e lógicas. São talvez utopias, mas compreende-se

que se possa produzir uma nova forma de trabalho, se se chegar a fazer tábua rasa do passado, se não houver mais nem propriedade, nem família; mas tu não admites isso?

— Mas porque é que tu queres sempre confundir? Eu nunca fui comunista.

— Mas sou-o eu, e acho que se o comunismo é prematuro, tem contudo futuro e lógica, como o cristianismo dos primeiros séculos.

— E eu creio que o trabalho é uma força elementar, que é preciso estudar sob o mesmo ponto de vista que uma ciência natural, de que é preciso reconhecer as propriedades e...

— É absolutamente inútil; essa força atua por si própria e segundo o grau de civilização toma formas diferentes. Em toda a parte houve escravos e depois operários livres. Que queres tu mais?

Levine exaltou-se a estas últimas palavras, tanto mais que via que seu irmão não tinha razão, exprobando-lhe querer descobrir um termo médio entre as forças de trabalho existente e o comunismo.

— Eu procuro uma forma de trabalho que aproveite a todos, a mim, como ao trabalhador — respondeu animando-se.

— Nada disso, tu sempre procuraste toda a tua vida a originalidade e queres provar agora que não exploras os teus operários muito belamente, mas que pões em prática princípios.

— Se o compreendes assim, deixemos este assunto — respondeu Levine, que sentia os músculos da face direita a tremerem involuntariamente.

— Tu nunca tiveste convicções, tu só procuras afagar o teu amor-próprio.

— Muito bem, mas agora deixa-me sossegado.

— Com certeza, deixar-te-ei sossegado! Já o devia ter feito. Que os diabos te levem! Tenho pena de ter vindo.

Levine esforçou-se para o acalmar, mas Nicolau nada quis ouvir e persistiu em dizer que era melhor separarem-se; Konstantin teve de confessar que a vida em comum lhes era impossível. Contudo foi ao encontro do irmão quando este se preparava para partir, para lhe apresentar num tom um pouco forçado desculpas e pedir-lhe que o desculpasse se o tinha ofendido.

— Ah! Ah! Agora a magnanimidade! — disse Nicolau sorrindo. — Se estás atormentado pela necessidade de teres razão, admitimos que tu é que a tens, mas eu partirei na mesma.

No último momento, contudo, Nicolau teve, ao beijar o irmão, um olhar

profundamente grave.

— Kostia! Não me queiras mal! — disse numa voz trémula.

Foram as únicas palavras sinceras trocadas entre os dois irmãos. Levine compreendeu que essas palavras significavam: «Tu vês, tu bem sabes que me vou e nunca mais nos tornaremos a ver!» E as lágrimas saltavam-lhe dos olhos. Beijou mais uma vez o irmão sem achar nada para lhe responder.

No dia seguinte Levine partiu por sua vez. Encontrou na gare o Cherbatzky, o primo de Kitty, que ficou admirado com a sua tristeza.

— Que tens tu? — perguntou o mancebo.

— Nada! A vida não é nada alegre.

— Nada alegre? Anda daí comigo para Paris em lugar de ires para um sítio como Mulhouse; tu verás se a existência ali é divertida!

— Não, tudo acabou para mim: é tempo de morrer.

— Ora que ideia! — disse Cherbatzky rindo-se. — Pois eu preparo-me para começar a minha vida.

— Também eu pensava assim há pouco tempo, mas agora sei que morrerei em breve.

Levine dizia o que pensava; só via diante de si a morte, o que o não impedia de se interessar pelos seus projetos de reforma; era preciso ocupar bem toda a sua vida até ao fim. Tudo lhe parecia trevas, mas os seus projetos serviram-lhe de fio condutor, a que ele se ligava com todas as suas forças.

Parte 4

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23

Capítulo 1

Os Karenine continuavam a viver sob o mesmo teto, encontrando-se todos os dias, mas conservando-se estranhos um ao outro. Alexei Alexandrovich cumpria o dever de evitar os comentários dos criados mostrando-se com a mulher, mas raras vezes jantava em casa. Vronsky também nunca aparecia; Ana ia encontrá-lo fora de casa e o marido sabia-o.

Os três sofriam com essa situação, que teria sido intolerável se todos eles a não julgassem transitória. Alexei Alexandrovich estava à espera de ver acabar esta grande paixão, como tudo neste mundo acaba, antes de que a sua honra fosse ostensivamente manchada. Ana, a causa de todo o mal e sobre quem as consequências pesavam mais cruelmente, só aceitava essa falsa posição convencida de um desenlace próximo. Quanto a Vronsky acabara por pensar como ela.

Pelos meados do inverno, Vronsky teve uma semana aborrecida. Foi encarregado de mostrar S. Petersburgo a um príncipe estrangeiro e essa honra, alcançada pela sua irrepreensível distinção e o seu conhecimento de línguas, pareceu-lhe fastidiosa. O príncipe queria ficar informado para responder às perguntas que lhe fossem feitas no regresso da sua viagem e aproveitar também todos os prazeres especialmente russos. Era preciso, pois, instruí-lo de manhã e diverti-lo à tarde.

Ora este príncipe gozava de uma saúde excecional mesmo para um príncipe, e conseguira, graças a cuidados minuciosamente higiénicos com a sua pessoa, suportar fadigas excessivas, ficando sempre fresco como uma alface verde e reluzente. Tinha viajado muito e a vantagem incontestável, que reconhecia nas facilidades das comunicações modernas, era a de se poder divertir por formas variadíssimas.

Em Espanha dera serenatas, cortejara espanholas e tocara bandolim; na Suíça caçara cabritos; na Inglaterra saltara obstáculos com casaco encarnado e apostara matar duzentos faisões; na Turquia penetrara num harém; nas

Índias passeara de elefante e agora estava pronto para conhecer os prazeres da Rússia.

Vronsky, na sua qualidade de mestre-de-cerimónias, organizou, não sem dificuldades, o programa dos divertimentos; eram os blinis, corridas de trotadores, caçadas ao urso, passeios de troika, as boémias, reuniões íntimas em que se atiravam para o teto os pratos da baixela cheios de comida. O príncipe assimilava estes diversos prazeres com uma rara facilidade e espantava-se, depois de ter tido uma boémia sobre os seus joelhos e de ter quebrado tudo o que achava à mão, que a alegria russa ficasse por ali. De resto o que o divertiu mais foram as atrizes francesas, as dançarinas e o champanhe.

Vronsky conhecia os príncipes em geral, mas, ou porque tivesse mudado nos últimos tempos ou porque a intimidade daquele que lhe tinham entregado para divertir fosse extremamente desagradável, o que é certo é que essa semana lhe pareceu cruelmente comprida. Experimentou a impressão de um homem entregue à guarda de um doido perigoso que receasse o doente e temesse pela sua própria razão; apesar da reserva oficial em que se escudava, corou mais de uma vez de cólera escutando as reflexões do príncipe sobre as mulheres russas que ele se dignou estudar.

O que irritava Vronsky mais violentamente nessa personagem era achar nela como um reflexo da sua própria individualidade e esse espelho nada tinha de envaidecedor. A imagem que ele aí via era a de um homem bem-posto, muito cuidado, muito tolo, enfatuado com a sua pessoa, de modos naturais com os superiores, simples e bom rapaz com os seus iguais, friamente benévolo com os inferiores, mas conservando sempre o desembaraço e as maneiras de «gentleman».

Vronsky comportava-se exatamente da mesma forma e até então julgara isso um mérito; mas como agora representava junto do príncipe um papel inferior, esses ares desdenhosos exasperavam-no.

Que indivíduo tão estúpido! É possível que eu me pareça com ele?, pensava.

Também no fim de uma semana ficou livre deste espelho incomodativo na gare da estação, onde o príncipe, ao partir para Moscovo, lhe fez os seus agradecimentos. Voltavam de uma caçada ao urso e a noite tinham-na passado a dar uma brilhante amostra da audácia russa.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 2

Quando Vronsky voltou para casa, encontrou um bilhete de Ana. «Estou doente e sinto-me muito desgraçada», escrevia ela. «Não posso sair, mas não posso passar mais tempo sem o ver. Venha esta noite; Alexei Alexandrovich estará no conselho das sete às dez horas».

Este convite, feito apesar da proibição formal do marido, pareceu-lhe estranho; mas acabou por se decidir a ir até casa de Ana.

Desde o começo do inverno, Vronsky era coronel e depois que deixara o regimento vivia sozinho. Depois de jantar estendeu-se sobre um sofá e a recordação das cenas da véspera ligou-se no seu espírito por uma forma esquisita à de Ana e à de um camponês que encontrara na caçada; acabou por adormecer e quando acordou já tinha anoitecido. Acendeu uma vela com uma impressão de terror que não pôde explicar.

O que me aconteceu? Que sonho terrível tive eu?, perguntou a si próprio. *Sim, sim! O camponês, um homenzinho sujo, de barba hirsuta, estava fazendo não sei o quê dobrado em dois e pronunciava em francês umas palavras desconhecidas. Nunca sonhei uma coisa assim! Porque seria isto?*

E recordando o camponês e as suas palavras incompreensíveis, sentia-se tremer dos pés à cabeça.

Que loucura!, pensou olhando para o relógio.

Eram mais de oito horas e meia: chamou o criado, vestiu-se rapidamente e saiu, esquecendo por completo o sonho, inquieto unicamente pelo atraso.

Aproximando-se da casa de Karenine olhou novamente para o relógio e viu que eram nove horas menos dez. Um coupé de dois cavalos baios esperava diante da porta; reconheceu a carruagem de Ana.

Vai a minha casa, pensou ele. *É bem melhor. Detesto esta casa, mas não quero parecer que me escondo.*

E com o sangue frio de um homem habituado desde criança a não se constranger, deixou o carro em que viera e subiu ao portão.

A porta abriu-se e o suíço, com um agasalho no braço, mandou avançar a carruagem. Por menos observador que Vronsky fosse, a fisionomia espantada do suíço chocou-o; no entanto avançou e quase que foi esbarrar com Alexei Alexandrovich. Um bico de gás colocado à entrada do vestíbulo iluminou-lhe em cheio o rosto pálido e fatigado, la de chapéu alto e a gravata branca aparecia-lhe sob a gola do sobretudo.

Os olhos negros e ternos de Karenine fixaram-se em Vronsky; este cumprimentou e Alexei Alexandrovich, cerrando os lábios, levou a mão ao chapéu e passou adiante. Vronsky viu-o subir para a carruagem sem se voltar, tomar pela portinhola o abafo e o binóculo que o suíço lhe apresentava e desaparecer.

Que situação!, pensou Vronsky entrando na antecâmara com os olhos brilhantes de cólera. *Se ele quisesse defender a sua honra, ainda eu poderia agir, traduzir os meus sentimentos por uma forma qualquer; mas esta fraqueza e esta cobardia!... Tenho os ares de o vir enganar e eu não quero isso!*

Depois da explicação que tivera com Ana no jardim Wrede, as ideias de Vronsky tinham mudado muito; renunciara aos seus sonhos de ambição incompatível com a sua situação irregular e não acreditava já na possibilidade de uma rutura; de resto sentia-se também dominado pelas fraquezas da sua amante e pelos seus sentimentos por ela. Quanto a Ana, depois de se ter dado toda, nada esperava do futuro que lhe não viesse de Vronsky.

Ao entrar na antecâmara ouviu uns passos que se afastavam e compreendeu que ela voltava para o salão depois de ter estado à espera dele.

— Não — exclamou ela vendo-o entrar — isto não pode continuar assim!

E ao som da sua própria voz os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

— O que há, minha amiga?

— Há que estou à tua espera, e numa tortura, há duas horas! Mas não, eu não quero que te zangues. Se não vieste foi porque tiveste qualquer embaraço sério! Não te ralharei.

E colocou-lhe as duas mãos sobre os ombros e olhou-o durante muito tempo com os seus olhos profundos e ternos, embora perscrutadores. Estava-o olhando por todo o tempo em que o não vira, comparando, como sempre, a impressão do momento com as recordações que ele lhe deixara e, como sempre, sentindo que a imaginação vencia a realidade.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 3

— Encontraste-o? — perguntou-lhe quando se sentaram junto da mesa do salão. — Foi o teu castigo por vires tão tarde.

— Mas como foi isso? Ele não devia estar no conselho?

— Esteve, mas voltou para ir não sei para onde. Não vale nada, não falemos mais disso. Diz-me onde estiveste! Sempre com o príncipe?

Ela conhecia os mais miúdos pormenores da sua vida.

Ele quis responder que, não tendo dormido à noite, fora surpreendido pelo sono, mas a vista do rosto comovido e feliz dela tornou-lhe essa confissão penosa e desculpou-se com a obrigação de apresentar o seu relatório depois da partida do príncipe.

— Agora acabou? Já partiu?

— Sim, graças a Deus: tu não poderás calcular quanto esta semana me pareceu insuportável.

— Porquê? O senhor não levou a vida que é habitual aos senhores? — disse ela franzindo a testa e pegando, sem olhar para Vronsky, num *crochet* que estava em cima da mesa.

— Renunciei a essa vida há muito — respondeu ele procurando adivinhar a causa da transformação súbita do seu belo rosto. — Asseguro-te — ajuntou sorrindo e mostrando os dentes brancos — que foi soberanamente desagradável rever essa existência como num espelho.

Ela lançou-lhe um olhar pouco benévolo e conservou na mão o trabalho sem lhe mexer.

— Lisa veio ver-me esta manhã... Elas ainda veem a minha casa, mau grado a condessa Lídia... e contou-me as suas noites atenienses. Que horror!

— Eu queria dizer-te...

— Como vós sois odiosos, vós, os homens! Como podem supor que uma mulher esqueça? — disse ela animando-se cada vez mais e descobrindo assim a causa da sua irritação. — E sobretudo uma mulher que, como eu, não pode

conhecer da tua vida senão o que lhe quiseres muito bem dizer? E sei eu se isso é verdade?

— Ana! Então já não acreditas em mim? Por acaso te escondi alguma coisa?

— Tens razão; mas se tu soubesses quanto sofro — disse ela procurando repelir os seus ciumentos receios. — Acredito em ti, acredito; mas o que querias tu dizer-me?

Ele não se pôde lembrar. Os acessos de ciúme de Ana tornavam-se frequentes e embora ele fizesse por o dissimular, essas cenas, no entanto provas de amor, arrefeciam-no. Quantas vezes não repetira para consigo mesmo que a felicidade não existia para ele senão neste amor; e agora que se sentia apaixonadamente amado, como o pode ser um homem a quem uma mulher sacrificou tudo, a felicidade aparecia-lhe mais longe dele que ao deixar Moscovo.

— Então diz-me o que me tinhas para dizer sobre o príncipe — ajuntou Ana. — Já mandei embora o demónio. — Eles chamavam assim entre eles os seus acessos de ciúme. — Tu tinhas começado a contar-me qualquer coisa. Em que é que a sua estada aqui te desagradou?

— Foi insuportável — respondeu Vronsky procurando achar o fio do seu pensamento. — O príncipe não ganha em ser visto de perto. Só o poderei comparar a um desses animais bem alimentados que ganham prémios nas exposições — ajuntou ele com um ar contrariado que pareceu interessar Ana.

— No entanto é um homem bastante instruído, que viajou muito.

— Dir-se-ia que só é instruído para ter o direito de desprezar a instrução, como de resto despreza tudo à exceção dos prazeres materiais.

— Mas não são esses prazeres os que preferem — disse Ana com um olhar triste que o chocou.

— Porque o defendes assim? — perguntou ele sorrindo.

— Eu não o defendo, é-me muito indiferente para isso, mas não me posso impedir de acreditar que se essa existência te tivesse desgraçado tanto, tu poderias ter-te dispensado de ir admirar essa Teresa vestida de Eva.

— É o diabo que volta! — disse Vronsky atraindo para si uma das mãos para lha beijar.

— Sim! É mais forte do que eu! Tu não imaginas o que sofri enquanto te esperava! E creio não ser ciumenta no íntimo; quando tu estás aqui, acredito em ti; mas quando estás longe, levando essa vida incompreensível para

mim...

E afastou-se dele e pôs-se a trabalhar febrilmente, fazendo com a agulha malhas de lã branca que a luz da lâmpada tornava brilhantes.

— Conta-me como foi o teu encontro com Alexei Alexandrovich — pediu ela de repente numa voz constrangida.

— Quase que esbarrámos à porta.

— E cumprimentou-te assim?

E ela imitou-o alongando o rosto, com os olhos semicerrados e mudou de tal forma a expressão da sua fisionomia, que Vronsky não deixou de reconhecer Alexei Alexandrovich. Ele sorriu e Ana pôs-se também a rir com esse riso fresco e sonoro que era um dos seus grandes encantos.

— Não compreendo — disse Vronsky. — Teria compreendido que depois da vossa explicação no campo ele rompesse contigo e me provocasse para um duelo, mas como pode ele suportar esta situação atual? Vê-se bem que sofre.

— Ele? — disse ela com um riso irónico. — Mas se é muito feliz!

— Porque havemos de nos torturar quando tudo se poderia arranjar?

— Isso não lhe convém a ele. Oh, como o conheço a esse caráter feito de mentiras! Quem é que poderia, a menos que não seja insensível, viver com uma mulher culpada, como ele vive comigo, falar-lhe como ele me fala, tratá-la por tu?...

E ela imitou-lhe a maneira de dizer: «Tu, minha querida Ana».

— Não é um homem, digo-to eu; é um boneco. Se estivesse no seu lugar, há já muito tempo que teria despedaçado uma mulher como eu, em lugar de lhe dizer: «Tu, minha querida Ana». Mas não é um homem; é uma máquina ministerial. Não compreende que não me é nada, que é de mais! Não falemos mais dele.

— Tu és injusta, querida amiga — disse Vronsky procurando acalmá-la. — Mas bem, não falemos mais dele. Falemos de ti, da tua saúde; que disse o médico?

Ela olhou-o com uma alegria graciosa e de boa vontade teria continuado a meter o marido a ridículo, mas ele não a deixou.

— Escreveste-me a dizer que estavas doente: quero crer que é do teu estado. Quando será *isso?*

O sorriso escarnecedor desapareceu dos lábios de Ana e deu lugar a uma expressão cheia de tristeza.

— Dentro em pouco... Tu dizes que a nossa posição é terrível e que é preciso sair dela. Se tu soubesses o que eu daria para poder amar-te livremente! Nunca mais te aborreceria com os meus ciúmes; mas em breve tudo mudará e não como nós pensamos.

Ia-se enternecendo com o que dizia e as lágrimas impediram-na de continuar; colocou a sua mão branca, cujos anéis brilhavam à luz da lâmpada, sobre o braço de Vronsky.

— Eu não compreendo porquê — disse Vronsky, embora compreendesse tudo muito bem.

— Perguntas quando será *isto?* Dentro em breve e eu não lhe sobreviverei.

Ana falava precipitadamente.

— Sei-o bem, tenho a certeza disso, morrerei e sinto-me muito feliz em morrer para os deixar livres a ambos.

As lágrimas continuavam a correr-lhe enquanto Vronsky lhe beijava as mãos e procurava, sossegando-a, esconder a sua própria comoção.

— É melhor que assim seja! — disse ela apertando-lhe a mão com força.

— Mas que tolices essas! — disse Vronsky levantando a cabeça e retomando o sangue-frio. — Que absurdo!

— Não, digo-te a verdade.

— O que é que é verdade?

— Que morrerei! Sonhei-o.

— Sonhaste-o? — E Vronsky recordou involuntariamente o seu pesadelo.

— Sim, sonhei-o! — continuou ela. — Há já muito tempo. Sonhei que entrava a correr no meu quarto para buscar não sei o quê; procurava, sabes, como se procura em sonhos e no canto do quarto descortinei qualquer coisa em pé.

— Que loucura! Como podes acreditar...?

Mas ela não o deixou interrompê-la; o que estava contando parecia-lhe muito importante.

— E essa coisa volta-se e eu vejo um mujique pequeno, sujo, com a barba emaranhada; quero salvar-me, mas ele inclina-se para um saco em que remexe um objeto qualquer.

E ela fez um gesto de quem remexe num saco; o terror pintara-se-lhe no rosto e Vronsky, lembrando-se do seu próprio sonho, sentia esse mesmo

terror invadi-lo.

— E sempre procurando ele falava depressa, muito depressa, em francês, gaguejando, sabes: «É preciso o ferro, o triturador, o amassador». Eu procurava acordar, mas só me acordava em sonhos, perguntando o que aquilo significava. Então ouvi alguém dizer-me: «De parto, há de morrer de parto, minha mãezinha». E voltei a mim.

— Que absurdo! — disse Vronsky mal dissimulando a sua comoção.

— Não falemos mais nisso! Toca, vou mandar servir o chá. Deixa-te estar, não teremos muito tempo mais.

Mas deteve-se e de repente o horror e o receio desapareceram do seu rosto, que tomou uma expressão de suavidade. Vronsky não compreendeu logo essa transformação súbita: é porque ela acabava de sentir dentro de si uma vida nova a agitar-se no seu seio.

Capítulo 4

Depois do encontro com Vronsky, Alexei Alexandrovich, como era sua intenção, foi para a Ópera Italiana; ouviu dois atos, falou com todos aqueles com quem devia falar e, voltando para casa, foi direito ao seu quarto depois de ter notado que não havia no vestíbulo nenhum casaco de uniforme.

Contra os seus hábitos, em lugar de se ir deitar, pôs-se a andar de um lado para o outro do quarto até às três horas da manhã; a cólera mantinha-o acordado, porque não podia perdoar a sua mulher o não ter cumprido a única condição que lhe impusera: a de não receber o seu amante ali em casa. Visto que não cumprira essa ordem, devia-a castigar, executando a sua ameaça: pedir o divórcio e retirar-lhe o filho.

Essa ameaça não era de uma execução fácil, mas ele queria manter a sua palavra: a condessa Lídia já muitas vezes fizera alusões a esse meio de sair da sua deplorável situação e o divórcio tornara-se ultimamente de uma facilidade prática tão aperfeiçoada que Alexei Alexandrovich entrevia a possibilidade de estudar as principais dificuldades de forma.

Como uma desgraça não vem só, experimentava tantos aborrecimentos com respeito à questão dos estrangeiros levantada por ele que se sentia depois de algum tempo num estado de irritação perpétua. Passou a noite sem dormir, a cólera aumentando sempre, e foi num estado de verdadeira exasperação que deixou o leito, se vestiu à pressa e foi aos aposentos de Ana, mal a soube levantada. Receava perder a energia de que precisava e era como que com as duas mãos que ele segurava o molho dos seus agravos, a fim de que ele se não espalhasse no caminho.

Ana, que julgava conhecer a fundo o marido, ficou admirada vendo-o entrar com o rosto sombrio, os olhos tristemente fixos para diante, mas sem a olhar, e os lábios cerrados com desprezo. Nunca lhe vira tanta decisão. Ele entrou sem lhe dar os bons dias e foi direito à secretária, cuja gaveta abriu.

— O que precisa? — perguntou Ana.

— As cartas do seu amante.

— Não estão aí — disse ela fechando a gaveta.

Mas Alexei Alexandrovich compreendeu, pelo movimento que ela fez, que adivinhara: repeliu-lhe brutalmente a mão e apoderou-se da pasta em que Ana guardava os seus papéis importantes. Apesar dos esforços desta para a reaver, ele manteve-a segura.

— Sente-se, tenho necessidade de lhe falar — disse ele, e meteu a pasta debaixo do braço, apertando-a tão fortemente com o cotovelo que o ombro ficou-lhe levantado.

Ana olhava-o espantada e com medo.

— Eu não lhe tinha proibido receber o seu amante aqui em casa?

— Tinha necessidade de o ver para...

Ela deteve-se, não achando uma explicação plausível.

— Eu não entro nesses pormenores e não tenho necessidade de saber para que uma mulher precisa de ver o seu amante.

— Eu queria unicamente — disse ela corando e sentindo que a grosseria do marido a tornava audaciosa. — É possível que não sinta quanto lhe é fácil ofender-me?

— Só se ofende um homem honrado ou uma mulher honesta, mas dizer de um ladrão que é um ladrão não é senão a constatação de um facto.

— É um traço de crueldade que lhe não conhecia.

— Ah, acha então um marido cruel quando deixa à mulher toda a liberdade, só com a condição de respeitar as conveniências? Segundo o seu pensar, isso é crueldade?

— É pior do que isso, é infâmia, se quer saber o que penso — exclamou Ana exaltada, levantando-se para sair.

— Não — gritou ele com uma voz aguda, forçando-a a sentar-se e agarrando-lhe o braço; os seus enormes dedos ossudos apertavam-na tão duramente que uma das pulseiras de Ana se imprimiu em vermelho sobre a pele. — Infâmia? Isso aplica-se àquela que abandona o filho e o marido por um amante e não deixa de comer o pão desse marido.

Ana baixou a cabeça; a justiça dessas palavras esmagava-a. Já não ousou, como na véspera, acusar o marido de *ser de mais* e respondeu-lhe com brandura:

— O senhor não julga a minha situação mais severamente do que eu própria; mas porque me diz isso?

— Porque o digo? — continuou ele com cólera. — É para que saiba, em vista de não quererem saber da minha vontade, que vou tomar as medidas necessárias para pôr um fim a esta situação.

— Dentro em pouco ela acabará por si — disse Ana com os olhos cheios de lágrimas pensando na ideia dessa morte, que ela sentia próxima e agora tão ansiosamente desejava.

— Mais cedo do que a senhora e o seu amante esperavam! Ah, procuram a satisfação das paixões sexuais...

— Alexei Alexandrovich! É pouco generoso bater em alguém que está caído!

— Oh, a senhora só pensa unicamente em si; os sofrimentos daquele que foi seu marido interessam-na pouco; que lhe importa que a sua vida se transtorne, que ele sofra...

Na sua comoção, Alexei Alexandrovich falava tão depressa que gaguejava e o seu gaguejar pareceu cómico a Ana, que se censurou de poder ser sensível ao ridículo num tal momento. Pela primeira vez e durante um momento compreendeu o sofrimento do marido e lastimou-o. Mas o que poderia ela dizer e fazer senão calar-se e baixar a cabeça? Também ele se calou e depois continuou numa voz severa, sublinhando as palavras que não tinham nenhuma importância especial:

— Vim para lhe dizer...

Ela lançou um olhar para ele e, lembrando-se do seu gaguejar, pensou consigo: *Não, este homem de olhos apagados, tão seguro de si nada pode sentir. Eu fui joguete da minha imaginação.*

— Vim para a prevenir de que parto para Moscovo e que não entrarei mais nesta casa; saberá das resoluções que tomar pelo advogado que se encarregar dos preliminares do divórcio. Meu filho irá para casa de uma das minhas parentas — ajuntou, lembrando-se com dificuldade do que queria dizer com respeito ao filho.

— O senhor leva Sergei para me fazer sofrer — balbuciou levantando os olhos para ele. — Não gosta dele, deixe-mo!

— É verdade, a repulsão que a senhora me inspira reflete-se sobre o meu filho. Mas conservá-lo-ei comigo. Adeus!

E quis sair, mas ela deteve o.

— Alexei Alexandrovich, deixe-me Sergei — pediu ela ainda. — Só lhe peço isso. Deixe-mo até ao parto...

Alexei Alexandrovich corou, repeliu o braço que o segurava e partiu sem responder.

PERIGOSAS

Capítulo 5

O salão de receção do advogado célebre aonde Alexei Alexandrovich fora estava cheio de gente quando ele lá entrou. Três senhoras, uma velha, outra nova e a terceira pertencendo com certeza ao comércio, um banqueiro alemão com um grande brilhante no dedo, um negociante de barba comprida e um militar com o seu uniforme estavam à espera; a demora com certeza devia ter sido longa para todos.

Dois secretários estavam escrevendo fazendo ranger o papel; um deles voltou a cabeça com ar descontente para o recém-chegado e sem se levantar perguntou-lhe piscando os olhos;

— O que deseja?

— Queria falar com o senhor advogado.

— Está ocupado — respondeu com severidade o secretário apontando com a caneta os que já estavam à espera; e pôs-se novamente a escrever.

— Não terá um momento para me receber? — perguntou Alexei Alexandrovich.

— O senhor doutor não tem um instante livre; está sempre ocupado, não vê!

— Faça o favor de lhe apresentar o meu bilhete — disse Alexei Alexandrovich com dignidade, vendo que era impossível conservar o incógnito.

O secretário pegou no bilhete, olhou para ele com um ar descontente e saiu.

Alexei Alexandrovich aprovava em princípio a reforma judiciária, mas criticava certos pormenores tanto quanto era capaz de criticar uma instituição sancionada pelo poder supremo; em todas as coisas admitia o erro como um mal inevitável, ao qual se podia em certos casos dar remédio; mas a posição importante criada aos advogados por essa reforma tinha sido sempre objeto da sua reprovação e o acolhimento que lhe estavam fazendo não destruía em

nada as suas ideias.

— O senhor doutor vem já! — disse o secretário voltando.

Efetivamente, ao cabo de dois minutos a porta abriu-se o advogado apareceu acompanhado por um velho e magro jurisconsulto.

O advogado era um homenzinho calvo, cheio, com uma barba preta tirante para ruiva, uma testa larga e grandes sobrancelhas claras. O fato, desde a gravata e a cadeia *double* do relógio até à ponta das botas de polimento, era o de um galã. O rosto era inteligente e vulgar, os modos pretensiosos e de mau gosto.

— Queira entrar — disse ele voltando-se para Alexei Alexandrovich e, fazendo-o passar adiante de si, fechou a porta.

Chegou um *fauteil* para junto da secretária cheia de papéis e pediu a Alexei Alexandrovich que se sentasse; e esfregando as mãos uma na outra, umas mãos pequenas e peludas, instalou-se diante da secretária numa posição atenta. Mas mal se sentara uma borboleta voou por cima da mesa e o homenzinho, com uma vivacidade inesperada, agarrou-a no voo; depois retomou logo a sua primeira atitude.

— Antes de lhe explicar o meu caso — disse Alexei Alexandrovich seguindo com olhares de admiração os movimentos do advogado — permita-me que lhe observe que o assunto que aqui me traz deve ficar secreto entre nós.

Um impercetível sorriso aflorou aos lábios do advogado.

— Se eu não fosse capaz de guardar um segredo, não seria advogado — disse. — Mas se o deseja, tenha a certeza...

Alexei Alexandrovich lançou-lhe um olhar atento e julgou notar que os seus olhos cinzentos cheios de inteligência tinham adivinhado tudo.

— Conhece o meu nome?

— Bem sei quanto os seus serviços são úteis à Rússia! — respondeu o advogado inclinando-se depois de ter apanhado uma segunda borboleta.

Alexei Alexandrovich suspirou; decidiu-se com custo a falar, mas quando começou continuou até ao fim sem hesitações, com a sua voz clara e incisiva, insistindo sobre certas palavras.

— Tenho a desgraça — começou ele — de ser um marido enganado. Queria romper legalmente com um divórcio os laços que me unem a minha mulher e principalmente separar o filho de sua mãe.

Os olhos pardos do advogado faziam o possível por se manterem sérios;

mas Alexei Alexandrovich não deixou de ver que eles estavam cheios de uma alegria que não provinha só da perspetiva de um bom negócio; era entusiasmo, triunfo, alguma coisa como o brilho que ele já notara nos olhos de sua mulher.

— Quer a minha ajuda para obter o divórcio?

— Exatamente; mas receio abusar da sua atenção, porque vim agora só para o consultar; eu quero manter-me dentro de certos limites e renunciaria ao divórcio se se não pudesse conciliar com as formas que quero manter.

— Oh, o senhor fica sempre perfeitamente livre — respondeu o advogado.

O homenzinho, para não ofender o cliente com a alegria que o seu rosto a custo escondia, fixou os olhos nos pés de Alexei Alexandrovich e, embora pelo canto do olho visse uma borboleta voando, por respeito pela situação de momento manteve as mãos em sossego.

— As leis que regulam o divórcio são-me já conhecidas nos seus traços gerais — disse Karenine — mas quereria saber as formas usadas na prática.

— Numa palavra deseja saber por que vias poderá obter um divórcio legal? — disse o advogado entrando com um certo prazer no tom do seu cliente; e, a um sinal afirmativo deste, continuou, lançando de tempos a tempos um olhar furtivo para o rosto de Alexei Alexandrovich, que a comoção cobria de sinais vermelhos. — O divórcio segundo as nossas leis — e teve um tom desdenhoso ao dizer «nossas leis» — é possível, como o sabe, nos três casos seguintes... Que esperem! — exclamou ele vendo o secretário que entreabria a porta. No entanto levantou-se e foi-lhe dizer algumas palavras, voltando depois a sentar-se. — ...Nos três casos seguintes: defeito físico de um dos cônjuges, desaparecimento de um deles durante cinco anos — e fazendo esta enumeração, ia dobrando os dedos cabeludos um depois do outro — e finalmente o adultério... — E pronunciou esta palavra com um ar satisfeito. — Eis o lado teórico; mas eu penso que, fazendo-me a honra de me consultar, é o lado prático que o senhor deseja conhecer. Assim não existindo o caso do defeito físico e da ausência de um dos cônjuges, se o pude compreender bem...?

Alexei Alexandrovich inclinou a cabeça afirmativamente.

— Fica o adultério de um dos esposos e nesse caso uma das partes deve-se reconhecer culpada para com a outra, a não ser que se recorra ao flagrante delito. Este último caso, devo dizer-lhe, encontra-se muito raramente na

prática.

O advogado calou-se e olhou o seu cliente com o ar de um armeiro que estivesse explicando a um freguês a forma de usar de duas pistolas de modelo diferente, deixando-lhe a liberdade da escolha. Como Alexei Alexandrovich se conservasse calado, ele continuou:

— O mais simples, o mais razoável é, no meu pensar, reconhecer o adultério por consentimento mútuo. Eu não falaria assim a toda a gente, mas suponho que nos compreendemos.

Alexei Alexandrovich estava tão perturbado que a vantagem desta última combinação que lhe propunha o advogado escapava-lhe completamente, e a admiração estampou-se-lhe no rosto; o homem da lei veio logo em seu auxílio.

— Suponhamos que dois esposos não podem viver juntos; se ambos consentem no divórcio, os pormenores e as formalidades são sem importância. Este meio é o mais simples e o mais seguro.

Alexei Alexandrovich compreendeu desta vez, mas os seus sentimentos religiosos opunham-se a esta solução.

— No caso presente esse meio está fora de discussão — disse ele. — Umas provas, como correspondência, podem estabelecer indiretamente o adultério? Essas provas estão em meu poder.

O advogado, apertando as mãos, soltou uma exclamação compadecida e ao mesmo tempo de desdém.

— Peço-lhe que se não esqueça que os negócios desse género são da competência do nosso alto clero — disse ele. — Os nossos arciprestes gostam muito de entrar em certos pormenores — ajuntou com um sorriso de simpatia pelo gosto desses bons padres — e as provas exigem testemunhas. Se me der a honra de me confiar o seu caso, é preciso deixar-me escolher as medidas a tomar. Quem quer os fins, quer os meios.

Alexei Alexandrovich levantou-se muito pálido, enquanto o advogado corria para a porta a responder a uma nova interrupção do secretário.

— Diga-lhe que não estamos aqui numa loja! — exclamou ele antes de voltar para o seu lugar; no caminho agarrou uma borboleta, murmurando tristemente: — Nunca alcanço o meu sossego! Dava-me a honra de estar dizendo...

— Eu lhe mandarei depois dizer qual o partido que escolho — respondeu Alexei Alexandrovich apoiando-se à mesa. — Visto que posso concluir das

suas palavras que o divórcio é possível, ficar-lhe-ia obrigado dizendo-me as suas condições.

— Tudo é possível, se o senhor quiser dar-me uma inteira liberdade de ação — disse o advogado iludindo a última pergunta. — Quando poderei contar com uma comunicação da sua parte? — perguntou ele acompanhando o cliente com os olhos tão brilhantes como o verniz das suas botas.

— Dentro de oito dias. Terá a bondade de então me fazer saber se aceita a questão e em que condições.

— Perfeitamente.

O advogado acompanhou o cliente cumprimentando-o respeitosamente e quando ficou só transbordava de alegria; estava tão contente que fez, contrariamente a todos os seus princípios, um desconto a uma senhora muito hábil na arte de negociar. Até esqueceu as borboletas, resolvido a mandar consertar para o inverno seguinte a sua mobília de veludo, como em casa do seu colega Seganine.

Capítulo 6

A brilhante vitória alcançada por Alexei Alexandrovich na sessão de 17 de agosto tinha tido consequências desagradáveis. A nova comissão nomeada para estudar a situação das populações estrangeiras tinha agido com uma prontidão que chocou Karenine; ao fim de três meses apresentava já o seu relatório! O estado dessas populações achava-se estudado sob os pontos de vista político, administrativo, económico, etnográfico, material e religioso. Cada pergunta era seguida de uma resposta admiravelmente redigida e não podendo deixar subsistir nenhuma dúvida, porque essas respostas não eram a obra do espírito humano, sempre sujeito a erros, mas de uma burocracia cheia de experiência.

Essas respostas baseavam-se sobre dados oficiais, como relatórios de governadores e de arcebispos, e estes baseados sobre os relatórios dos Chefes dos distritos e dos superintendentes eclesiásticos, baseados por sua vez sobre os relatórios das administrações comunais e das paróquias do campo. Como duvidar da sua exatidão?

Perguntas como estas: «Porque é que as colheitas são más?» e «Porque é que os habitantes de certas localidades se obstinam em praticar a sua religião?», perguntas que só a máquina oficial podia resolver e às quais os séculos não teriam achado resposta foram claramente resolvidas conformemente às opiniões de Alexei Alexandrovich.

Mas Stremov, picado ao vivo, imaginara uma tática que o seu adversário não esperava; arrastando atrás de si muitos membros da comissão, passou imediatamente para o lado de Karenine e, não contente em apoiar com calor as medidas propostas por este, propôs outras no mesmo sentido que excederam em muito as intenções de Alexei Alexandrovich.

Levadas ao extremo, essas medidas pareceram tão absurdas que o governo, a opinião pública, as senhoras influentes, os jornais, tudo se indignou e o seu descontentamento refletiu-se sobre o pai da comissão, sobre

Karenine.

Encantado com o sucesso do seu ardil, Stremov tomou um ar inocente, admirou-se dos resultados obtidos e abrigou-se por detrás da fé absoluta que lhe tinham inspirado o plano do seu colega. Alexei Alexandrovich, embora doente e muito afetado por todos estes desgostos, não se rendeu.

Uma cisão se produziu no meio da comissão; uns, com Stremov, explicavam o seu erro por um excesso de confiança e declararam os relatórios da comissão de inspeção absurdos; outros, com Karenine, receando esta maneira revolucionária de tratar uma comissão, sustentaram-na. As estações oficiais, e mesmo a sociedade, viram embrulhar-se esta interessante questão a tal ponto que a miséria e a prosperidade das populações estrangeiras tornaram-se igualmente problemáticas.

A posição de Karenine, já minada pelo mau efeito que produziam as suas desgraças domésticas, pareceu perigar. Então teve a coragem de tomar uma resolução atrevida: com grande espanto da comissão, declarou que ia pedir autorização para ir ele próprio estudar essas questões na sua origem e, como a autorização lhe fosse concedida, partiu para um governo distante.

Essa partida fez grande barulho, tanto mais que ele tinha recusado oficialmente as ajudas de viagem, fixadas em doze cavalos de posta.

Alexei Alexandrovich, passando por Moscovo, demorou-se aí três dias.

No dia seguinte ao da sua chegada, quando acabava de ir fazer a visita ao general governador, ouviu chamar por ele na rua das Gazetas, no sítio onde se cruzam em grande quantidade as carruagens de luxo e os isvotchiks, e voltando-se ao chamamento de uma voz alegre e sonora viu Stepane Arcadievitch no passeio. Vestido com um casaco da última moda, o chapéu inclinado para a cara brilhante de mocidade e saúde, chamava-o com uma tal persistência que Karenine teve de parar. Na carruagem, a cuja porta Stepane Arcadievitch se apoiava, estava uma mulher de chapéu de veludo com duas crianças; fazia-lhe gestos com a mão e sorria-lhe amigavelmente. Era Dolly e os filhos.

Alexei Alexandrovich não contava ver ninguém em Moscovo, muito menos o irmão da mulher; assim quis continuar o caminho depois de os ter cumprimentado, mas Oblonsky fez sinal ao cocheiro para parar e correu por sobre a neve até ao carro.

— Desde quando estás cá? Não é um pecado não nos teres prevenido? Vi ontem em casa de Dusseaux o nome de Karenine na lista dos chegados, mas

não me veio à ideia que fosses tu — disse ele passando a cabeça pela portinhola e sacudindo a neve dos pés batendo-os um contra o outro. — Como não nos preveniste?

— Faltou-me o tempo por causa das minhas ocupações — respondeu Alexei Alexandrovich secamente.

— Anda ver minha mulher, que o deseja muito.

Karenine tirou a cobertura, que lhe envolvia as pernas friorentas e, deixando o carro, abriu caminho pela neve até à carruagem de Dolly.

— O que há, Alexei Alexandrovich, para que assim nos evite? — perguntou ela sorrindo.

— Muito prazer em os ver — respondeu Karenine num tom que provava claramente o contrário. — E a sua saúde?

— O que faz a minha querida Ana?

Alexei Alexandrovich murmurou algumas palavras e quis retirar-se, mas Stepane Arcadievitch impediu-o.

— Sabes o que vamos fazer? Dolly, convida-o para jantar amanhã com Kosnichev e Pestzov, a elite da inteligência moscovita.

— Venha, peço-lhe — disse Dolly. — Esperá-lo-emos à hora que lhe convier, às cinco, às seis, quando quiser. E a minha querida Ana, há tanto tempo...

— Vai bem — murmurou ainda Alexandrovich franzindo a testa. — Muito feliz por a ter encontrado.

E dirigiu-se para a sua carruagem.

— Então sempre vem? — perguntou ainda Dolly.

Karenine respondeu algumas palavras que não chegaram até ela.

— Amanhã vou a tua casa! — gritou também Stepane Arcadievitch.

Alexei Alexandrovich escondeu-se na carruagem, como se quisesse desaparecer.

— Que original! — disse Stepane para Dolly; e olhando para o relógio fez um sinal de adeus, acariciou a mulher e os filhos e afastou-se num passo firme.

— Stiva! Stiva! — gritou-lhe Dolly corando.

Ele voltou-se.

— E o dinheiro para o fato das crianças?

— Diz que eu lá irei.

E desapareceu, cumprimentando na sua passagem algumas pessoas do

PERIGOSAS

seu conhecimento.

PERIGOSAS

Capítulo 7

No dia seguinte, um domingo, Stepane Arcadievitch entrou no Teatro-Principal para assistir à repetição do bailado; e, aproveitando a escuridão dos bastidores, ofereceu a uma linda dançarina, que debutava com a sua proteção, um adereço de coral que lhe prometera na véspera. Até teve tempo de beijar o rosto radioso da donzela e combinar com ela a hora em que devia ir buscá-la, depois do baile, para a levar a cear.

Do teatro, Stepane Arcadievitch dirigiu-se ao mercado para ele próprio comprar o peixe e os espargos para o jantar e ao meio-dia estava em casa de Dusseaux, onde três viajantes, seus amigos, tinham tido a feliz ideia de se alojarem: Levine, de volta da sua viagem, um novo chefe recentemente chegado a Moscovo para uma inspeção e por fim seu cunhado Karenine.

Stepane Arcadievitch gostava de jantar bem, mas o que ele preferia ainda mais era de oferecer em sua casa a alguns convivas escolhidos uma comida bem preparada. O menu que ele combinara nesse dia sorria-lhe: peixe bem fresco, espargos e como peça de resistência um simples, mas soberbo, *roast-beef*. Quanto aos convivas, contava reunir Kitty e Levine e, para dissimular este encontro, uma prima e o jovem Cherbatzky; o prato de resistência entre os convidados devia ser Sergei Kosniche, o filósofo moscovita, junto de Karenine, o homem de ação petersburguesa. Para servir de traço de união entre eles havia ainda convidado Pestzov, um encantador homenzinho de cinquenta anos, entusiasta, músico e liberal que poria tudo em movimento.

A vida nesse momento sorria a Stepane Arcadievitch: o dinheiro arranjado pela venda do bosque ainda não estava todo gasto; Dolly, havia algum tempo, estava encantadora. Tudo teria sido pelo melhor se duas coisas não o tivessem desagradavelmente impressionado, sem, contudo, conseguirem perturbar o seu bom humor. Primeiro o seco acolhimento de seu cunhado. Lembrando-se da frieza de Alexei Alexandrovich e aproximando-a de certo murmúrio que tinha chegado até ele sobre as relações de sua irmã

com Vronsky, adivinhava um incidente grave entre o marido e a mulher. O segundo ponto negro era a chegada do novo chefe, ao qual se atribuía uma reputação inquietante de exigência e de severidade. Infatigável ao trabalho, passava ainda por ser rabugento e absolutamente oposto às tendências liberais do seu predecessor, tendências que Stepane Arcadievitch compartilhara.

A primeira apresentação tivera lugar na véspera, na repartição, e Oblonsky tinha sido tão cordialmente recebido que julgara seu dever fazer-lhe uma visita não oficial. Como seria recebido desta vez? Preocupava-o essa ideia, mas sentia instintivamente que tudo se arranjaria bem.

Ora!, pensava. *Não somos todos do mesmo ofício? Por que razão iríamos discutir?*

Stepane Arcadievitch entrou primeiro no quarto de Levine. Este estava em pé no meio da casa e media com um camponês uma pele de urso.

— Ah, mataram um! — exclamou Stepane ao entrar. —Bom animal! Uma ursa! Bons dias, Archip!

E sentando-se com o sobretudo vestido e com o chapéu na cabeça, estendeu a mão ao camponês.

— Tira o casaco e demora-te um instante — disse Levine.

— Não tenho tempo. Entrei por um momento — respondeu Oblonsky; o que o não impedia de desabotoar o sobretudo, depois de o tirar e de ficar uma hora inteira a conversar com Levine sobre caça e outros assuntos.

— Diz-me o que fizeste no estrangeiro; onde estiveste? — perguntou ele quando o camponês partiu.

— Na Alemanha, na França, em Inglaterra, mas unicamente nos centros manufatureiros e não nas capitais. Vi muitas coisas interessantes.

— Sim, sim, bem sei, as tuas ideias de associações operárias.

— Oh, não, não há questão operária para nós; a única questão importante para a Rússia é a das relações do trabalhador com a terra; ela também existe lá em baixo, mas os remendos lá são impossíveis, enquanto aqui...

Oblonsky estava escutando com atenção.

— Sim, sim, é possível que tu tenhas razão, mas o essencial é teres voltado com melhores disposições; tu caças o urso, tu trabalhas, entusiasmas-te, e portanto tudo vai bem. Cherbatzky tinha-me dito que te encontrara sombrio e melancólico, só falando na morte.

— É verdade, eu não cesso de pensar na morte — respondeu Levine. — Tudo é vaidade, é preciso morrer! Gosto do trabalho, mas quando penso que

este universo de que nos julgamos os senhores se compõe de um pouco de bafio cobrindo a superfície do mais pequeno dos planetas! Quando penso que as nossas ideias, as nossas obras, aquilo que julgamos ter feito de grande, são o equivalente de alguns grãos de poeira!...

— Tudo isso é velho como o mundo, irmão!

— É velho, mas quando esta ideia se torna clara para nós, quanto nos parece miserável a vida! Quando se sabe que a morte virá, que nada ficará de nós, as coisas mais importantes parecem-nos tão mesquinhas como o facto de voltar esta pele de urso! É para não pensar na morte que caçamos, que trabalhamos, que procuramos distrair-nos.

Stepane Arcadievitch sorriu e olhou Levine com o seu olhar acariciador.

— Estás a ver que não tinhas razão quando caías sobre mim porque eu procurava divertimentos na vida! Não sejas tão severo ou moralista!

— O que há de bom na vida... — respondeu Levine atrapalhando-se. — No fundo só sei uma coisa, é que cedo morreremos.

— E porquê, cedo?

— E sabes tu? A vida oferece, é verdade, menos encantos quando se pensa assim na morte, mas tem mais calma.

— É preciso gozar, de contrário... Mas — disse Stepane Arcadievitch levantando-se pela décima vez. — Eu safo-me.

— Espera um bocado — disse Levine retendo-o. — Agora quando nos tornaremos a ver? Amanhã vou-me embora.

— E eu que ia esquecendo o assunto que cá me trouxe! Preciso absolutamente que tu venhas jantar connosco hoje! Teu irmão será dos nossos, assim como meu cunhado Karenine.

— Está cá? — perguntou Levine, morrendo de desejos por ter notícias de Kitty; sabia que ela tinha estado em S. Petersburgo no começo do inverno em casa de uma sua irmã casada com um diplomata. *Tanto pior*, pensou ele, *que tenha voltado ou não, aceitarei*.

— Virás?

— Com certeza.

— Às cinco horas, de sobrecasaca.

E Stepane Arcadievitch levantou-se e desceu para o quarto do seu novo chefe. O seu instinto não o tinha enganado; esse homem terrível era afinal um bom homem, com o qual almoçou e se demorou de conversa, de modo que eram já perto das quatro horas quando entrou no quarto de Alexei

PERIGOSAS

Alexandrovich.

PERIGOSAS

Capítulo 8

Alexei Alexandrovich, depois de voltar da missa, passou toda a manhã em casa. Tinha dois negócios a terminar nesse dia: primeiro receber uma deputação de estrangeiros, depois escrever uma carta para o advogado, como lhe tinha prometido.

Esteve discutindo durante muito tempo com os membros da deputação, ouviu-os expor as suas reclamações e os seus desejos, traçou-lhes um programa de que eles não deviam por modo nenhum afastar-se nas suas idas junto do governo e finalmente mandou-os ter com a condessa Lídia, que os devia guiar em S. Petersburgo; a condessa tinha a especialidade das deputações e entendia-se melhor do que ninguém em as dirigir. Quando despediu essa gente toda, Alexei Alexandrovich escreveu ao advogado, dando-lhe plenos poderes, e enviou-lhe juntamente três bilhetes de Vronsky e um de Ana, achados por ele na pasta.

No momento de fechar a carta, ouviu a voz sonora de Stepane Arcadievitch perguntando ao criado se o seu cunhado recebia e insistindo para ser anunciado.

Tanto pior, pensou Alexei Alexandrovich, *ou antes tanto melhor, porque lhe direi o que sucedeu e ele compreenderá que não posso jantar em sua casa.*

— Manda entrar — disse ao criado, enquanto juntava os papéis e os metia numa pasta.

— Já vês que estavas mentindo — disse a voz de Stepane Arcadievitch ao criado e, tirando o sobretudo mesmo a andar, entrou no quarto de Alexei Alexandrovich. — Estou encantado por te encontrar — começou ele alegremente. — Espera...

— É-me impossível ir — respondeu secamente Alexei Alexandrovich recebendo o cunhado de pé, sem o convidar a sentar-se, resolvido a adotar com o irmão da mulher as relações frias que lhe pareciam as únicas

convenientes depois que estava decidido ao divórcio.

Mas isso era esquecer a irresistível bondade do coração de Stepane Arcadievitch. Este abriu muito os seus belos olhos brilhantes e claros.

— Porque é que não podes vir? Não queres dizer? — perguntou ele em francês com hesitação. — Mas é um compromisso, contamos contigo.

— É impossível porque as nossas relações de família devem acabar.

— Como é isso? Porquê? — disse Oblonsky com um sorriso.

— Porque penso divorciar-me de minha mulher, sua irmã. Devo pois...

A frase ainda não tinha acabado quando Stepane Arcadievitch, ao contrário do que o cunhado esperava, se deixou cair num *fauteil* dando um grande suspiro.

— Alexei Alexandrovich, isso não é possível! — exclamou ele doridamente.

— É verdade!

— Desculpa-me, mas não posso acreditar.

Alexei Alexandrovich sentou-se também; sentia que as suas palavras não tinham produzido o resultado querido e que uma explicação, por mais categórica que fosse, nada mudaria nas suas relações com Oblonsky.

— É uma cruel necessidade, mas sou forçado a pedir o divórcio — continuou ele.

— Que queres tu que eu te diga! Conhecia-te como um homem de bem e a Ana como uma mulher excecional (desculpa-me não poder mudar a minha opinião a respeito dela). Não posso acreditar em tudo isso; há aí qualquer mal-entendido.

— Oh, se fosse um mal-entendido!

— Deixa, compreendo-te, mas suplico-te, não te apresses.

— Nada tenho feito com precipitação — disse com frieza Alexei Alexandrovich. — Mas numa questão destas não se pode esperar conselhos de ninguém; estou decidido.

— É horrível! — suspirou Stepane Arcadievitch. — Peço-te que se, como o percebo, o divórcio ainda não está pedido, não faças nada antes de falares com minha mulher. Ela gosta de Ana como se fosse sua irmã, gosta de ti e é uma mulher de senso. Por amizade por mim, fala com ela.

Alexei Alexandrovich calou-se e pôs-se a refletir; Stepane Arcadievitch respeitou-lhe o silêncio, olhando-o com simpatia.

— Porque não vens jantar connosco, pelo menos hoje? Minha mulher

está à tua espera. Vem falar-lhe; é, asseguro-te, uma mulher superior. Fala-lhe, peço-te.

— Se o deseja a esse ponto, irei — disse Alexei Alexandrovich suspirando.

E para mudar de conversa perguntou a Stepane Arcadievitch o que ele pensava do seu novo chefe, um homem ainda novo, cuja promoção rápida espantara toda a gente. Alexei Alexandrovich nunca gostara dele e não se podia livrar de um sentimento de inveja, natural num funcionário na iminência de um insucesso.

— É um homem que parece muito ao corrente dos negócios e muito ativo.

— Ativo é possível, mas em que emprega ele a sua atividade? É a fazer bem ou a destruir o que os outros fizeram antes dele? O flagelo do nosso governo é essa burocracia cheia de papelada de que esse Anitchkine é um representante.

— Em todo o caso é bom homem — respondeu Stepane Arcadievitch. — Venho de casa dele, almoçámos juntos e aprendi com ele a fazer uma bebida, sabes, com vinho e laranjas.

Stepane Arcadievitch olhou para o relógio.

— Eh, santo Deus! Já passa das quatro horas e ainda tenho uma visita a fazer! Está combinado, vens jantar, não é assim? Dar-nos-ás, a mim e a minha mulher um grande desgosto se recusares.

Alexei Alexandrovich foi acompanhar o cunhado, mas de uma maneira diversa da que o tinha acolhido.

— Visto que prometi, irei — respondeu melancolicamente.

— Obrigado, e espero que não te aborrecerás.

E, vestindo o sobretudo, Oblonsky sacudiu o criado pela cabeça e saiu.

Capítulo 9

Já tinham dado cinco horas quando o dono da casa entrou, encontrando à porta Kosnichev e Pestzov. O velho príncipe Cherbatzky, Karenine, Tourovtzine, Kitty e o mais novo dos Cherbatzky estavam já reunidos no salão.

A conversa morria. Dolly, preocupada com a demora do marido, não conseguiu animar toda essa gente, que a presença de Karenine de casaca e gravata branca, segundo o uso de S. Petersburgo, gelava involuntariamente.

Stepane Arcadievitch desculpou-se alegremente e, com a sua graça habitual, mudou num volver de olhos o aspeto lúgubre do salão: apresentou os convidados uns aos outros, forneceu-lhes assunto para a conversa, a russificação da Polónia, instalou o velho príncipe junto de Dolly, elogiou Kitty pela sua beleza e foi dar uma vista de olhos à mesa e aos vinhos.

Levine veio encontrá-lo à porta da casa de jantar.

— Demorei-me?

— Sempre te demoras! — respondeu Oblonsky tomando-lhe o braço.

— Está muita gente? Quem é? — perguntou Levine corando involuntariamente e sacudindo com a luva a neve que lhe cobria o chapéu.

— Só a família. Kitty está cá. Anda para te apresentar a Karenine.

Quando soube, sem se permitir uma dúvida, de que se ia encontrar em presença daquela que não tinha tornado a ver depois da *soirée* fatal, a não ser na sua curta aparição de carruagem, Levine teve medo.

Como estará ela? Como antigamente? Se Dolly tivesse dito a verdade? E porque não a diria?, pensava ele.

— Apresenta-me a Karenine, peço-te — conseguiu enfim balbuciar, entrando no salão com a coragem do desespero.

Ela lá estava, completamente diferente do que era antigamente!

No momento em que Levine entrou, ela viu-o e a sua alegria foi tal que, enquanto cumprimentava Dolly, a pobre criança julgou desfazer-se em

lágrimas. Levine e Dolly notavam-no. Corando e empalidecendo, estava tão perturbada que os lábios lhe tremiam.

Levine aproximou-se para a cumprimentar; ela estendeu-lhe a mão gelada com um sorriso que teria passado por calmo se os olhos húmidos não estivessem tão brilhantes.

— Há muito tempo que nos não víamos — esforçou-se ela por dizer.

— A senhora não me viu, mas eu vi-a de carruagem, na estrada de Yergoushovo, quando vinha do caminho de ferro — respondeu Levine radiante de felicidade.

— Quando foi? — perguntou ela admirada.

— Ia para casa de sua irmã — disse Levine sentindo a alegria abafá-lo. *Como pude eu,* pensava ele, *acreditar um sentimento que não fosse inocente nesta tocante criatura? Daria Alexandrovna tem razão.*

Stepane Arcadievitch veio tomá-lo pelo braço para o levar junto de Karenine.

— Permitam-me que os apresente — disse ele.

— Muito prazer em o tornar a encontrar aqui — disse friamente Alexei Alexandrovich apertando a mão de Levine.

— O quê, conhecem-se? — perguntou Oblonsky admirado.

— Fizemos juntos uma viagem durante três horas — disse Levine sorrindo — e ficámos tão intrigados como num baile de máscaras, eu pelo menos.

— Na verdade?... Meus senhores, queiram passar à sala de jantar — disse Stepane Arcadievitch dirigindo-se para a porta.

Os homens seguiram-no e aproximaram-se de uma mesa onde estava a zakouska, composta de seis variedades de aguardente, várias qualidades de queijo, caviar, arenques, conservas e pratos com pão francês cortado em fatias.

Os homens comeram de pé, à volta da mesa, e enquanto esperavam pelo jantar, a russificação da Polónia começava a esmorecer. No momento de deixar o salão, Alexei Alexandrovich estava demonstrando que os princípios elevados introduzidos pela administração russa eram os únicos que podiam obter esse resultado. Pestzov sustentava que uma nação só pode assimilar outra com a condição de a exceder em densidade de população. Kosnichev, com certas restrições, partilhava as duas opiniões e, para fechar esta conversa muito séria para divertir, ajuntou sorrindo:

— O mais lógico para assimilarmos os estrangeiros parece-me o ter tantos filhos quanto possível. É nisso que eu e meu irmão estamos em falta, enquanto os senhores, e principalmente Stepane Arcadievitch, se portam como bons patriotas. Quantos tem? — perguntou-lhe estendendo-lhe um copito de licor.

Todos se riram e Oblonsky mais do que ninguém.

— Ainda fazes ginástica? — perguntou Oblonsky agarrando Levine pelo braço e sentindo os músculos vigorosos do amigo enrijarem sob a fazenda do casaco. — És um verdadeiro Sansão.

— Para caçar o urso, creio eu, não é preciso ser dotado de uma força notável? — perguntou Alexei Alexandrovich, cujas noções sobre esta caça eram de ordem muito vaga.

Levine sorriu.

— Nada disso; até uma criança pode matar um urso.

E afastou-se numa saudação para dar lugar às senhoras que se aproximavam da mesa.

— Disseram-me que o senhor tinha morto um urso? — perguntou Kitty procurando picar com o garfo um cogumelo recalcitrante e descobrindo um pouco do seu lindo braço arregaçando a renda da manga. — É verdade que há ursos nas suas terras? — ajuntou voltando para ele o seu rosto sorridente.

Quanto estas palavras, sem valor por si próprias, esse som de voz, esses movimentos de mãos e de cabeça eram encantadores para ele! Estava vendo nisso um pedido, um ato de confiança, uma carícia suave e tímida, uma promessa, uma esperança, até mesmo uma prova de amor que o afogava de felicidade.

— Oh, não, fomos caçar ao governo Tver e foi na volta que encontrei no comboio o seu cunhado, o cunhado de Stiva — disse ele sorrindo. — O encontro foi cómico.

E contou cheio de alegria como, depois de ter passado metade da noite sem dormir e malvestido, entrara à força no vagão de Karenine.

— O condutor queria pôr-me fora por causa do meu fato; tive de me zangar e o senhor — disse ele voltando-se para Karenine — depois de me ter por um momento julgado pelas aparências, tomou a minha defesa, pelo que lhe fiquei muito reconhecido.

— Os direitos dos viajantes na escolha dos seus lugares estão muito mal determinados em geral — disse Alexandrovich limpando a ponta dos dedos

ao lenço depois de ter comido uma fina fatia de pão e queijo.

— Oh, eu bem notei a sua hesitação— respondeu Levine sorrindo. — Foi por isso que me apressei a travar uma conversação séria para lhe fazer esquecer a minha pele de carneiro.

Kosnichev, que estava falando com a dona da casa, mas atento à conversa, voltou a cara para o lado do irmão, pensando: *De onde lhe veem estes ares conquistadores?*

Com efeito, parecia que Levine se sentia impelido por asas! Porque *ela* o estava escutando, porque *ela* mostrava prazer em o ouvir falar; todo outro interesse qualquer desaparecia diante deste. Estava sozinho com ela, não somente nesta casa, mas no universo inteiro, pairando a alturas vertiginosas, enquanto cá em baixo, sob eles, se agitavam essas excelentes pessoas, Oblonsky, Karenine e o resto da humanidade.

Stepane Arcadievitch, ao marcar os lugares à mesa, pareceu esquecer por completo Levine e Kitty, depois lembrando-se de repente da sua existência pô-los um junto do outro.

O jantar servido com elegância, porque Stepane Arcadievitch ligava muita atenção a isso, teve um êxito enorme. A sopa Maria Luísa, acompanhada de pastéis que se desfaziam na boca, estava esplêndida e Matvei com dois criados de gravata branca fez o serviço como devia e sem ruído.

O sucesso não foi menor no ponto de vista da conversação ora geral, ora particular; não expirou nunca e quando, depois do jantar acabado, se levantaram da mesa, Alexei Alexandrovich perdera a sua atitude fria.

Capítulo 10

Pestzov, que gostava de discutir uma questão a fundo, não tinha ficado contente com a interrupção de Kosnichev; achava que o não tinham deixado explicar suficientemente o seu pensamento.

— Falando da densidade da população, eu não entendia que ela fosse o *princípio* de uma assimilação, mas unicamente um *meio* — disse ele depois da sopa, dirigindo-se especialmente a Alexei Alexandrovich.

— Parece-me que vem a dar na mesma — respondeu Karenine com lentidão. — Pelo meu modo de ver, um povo não pode ter influência sobre outro povo senão com a condição de lhe ser superior em civilização...

— É essa precisamente a questão — interrompeu Pestzov com um ardor tão grande que parecia pôr toda a sua alma a defender as suas opiniões. — Como se deve entender essa civilização superior? Qual é, pois, entre todas as nações da Europa, aquela que excede as outras? É a França, a Inglaterra ou a Alemanha que nacionalizará os vizinhos? Nós vimos afrancesar as províncias serranas; é uma prova de inferioridade do lado dos alemães? Não, com certeza que há uma outra lei — exclamou ele com a sua voz de baixo.

— Eu creio que a balança se inclinará sempre para o lado da verdadeira civilização.

— Mas quais são os sinais dessa verdadeira civilização?

— Julgo que todo o mundo os conhece.

— Conhecem-se realmente? — perguntou Sergei Ivanitch sorrindo com finura. — Acredita-se agora que fora da instrução clássica a civilização não existe; a esse respeito, assistimos a furiosos debates e cada partido apresenta argumentos, que não são sem valor.

— É pelos clássicos, Sergei Ivanitch? — perguntou Oblonsky. — Ofereço-lhe Bordéus?

— Eu não falo das minhas opiniões pessoais — respondeu Kosnichev com a condescendência que teria experimentado por uma criança, e

estendendo o copo. — Eu pretendo unicamente que, de uma parte e de outra, as razões, que se alegam são boas — continuou ele dirigindo-se a Karenine. — Pela minha educação, sou clássico, o que me não impede de achar que os estudos clássicos não oferecem provas irrecusáveis da sua superioridade sobre os outros.

— As ciências naturais prestam na mesma para o desenvolvimento pedagógico do espírito humano — disse Pestzov. — Vejam a astronomia, a botânica, a zoologia com a unidade das suas leis!

— É uma opinião que eu não poderei compartilhar — respondeu Alexei Alexandrovich. — Pode-se por acaso negar a salutar influência sobre o desenvolvimento da inteligência do estudo das formas da língua? A literatura antiga é eminentemente moral, enquanto para nossa desgraça se junta ao estudo das ciências naturais doutrinas funestas e falsas que são o flagelo da nossa época.

Sergei Ivanitch ia para responder, mas Pestzov interrompeu-o com a sua voz grossa para demonstrar calorosamente a injustiça desse juízo; quando Kosnichev pôde enfim falar, disse a sorrir para Alexei Alexandrovich:

— Deve confessar que os prós e contras dos dois sistemas seriam difíceis de estabelecer se a influência moral antimilitarista, digamo-lo, da educação clássica não militasse em seu favor?

— Sem a menor dúvida.

— Nós deixaríamos o campo mais livre aos dois sistemas se nós não considerássemos a educação clássica como uma pílula que nós oferecemos facilmente aos nossos pacientes contra o niilismo. Mas estamos nós bem certos das virtudes curativas dessas pílulas?

A palavra fez rir toda a gente, principalmente o gordo Tourovtzine, que tinha em vão procurado afastar-se até então.

Stepane Arcadievitch tivera razão em contar com Pestzov para entreter a conversa, porque mal Kosnichev acabara a conversa gracejando, logo ele disse:

— Nem mesmo se poderia acusar o governo de arranjar uma cura, porque ele fica indiferente às consequências das medidas que toma; é a opinião pública que o dirige. Citarei, como exemplo, a questão da educação superior das mulheres. Ela devia ser considerada como funesta; o que não impediu o governo de abrir os cursos públicos e as universidades às mulheres.

E a conversa imediatamente assentou sobre a educação das mulheres.

Alexei Alexandrovich fez notar que a instrução das mulheres era muito confundida com a sua emancipação e só podia ser julgada funesta sob esse ponto de vista.

— Eu creio, pelo contrário, que essas duas questões estão intimamente ligadas uma à outra — disse Pestzov. — A mulher está privada de direitos porque está privada de instrução, e a falta de instrução corresponde à ausência de direitos. Não esqueçamos que a escravidão da mulher é tão antiga, tão enraizada nos nossos costumes, que muitas vezes somos incapazes de compreender o abismo legal que a separa de nós.

— O senhor fala de direitos — disse Sergei Ivanitch quando teve ocasião de falar — mas é o direito de exercer as funções de jurado, de vereador municipal, de presidente do tribunal, de funcionário público, de membro do parlamento?

— Sem dúvida.

— Mas se as mulheres podem excecionalmente exercer essas funções, não seria mais justo dar a esses *direitos* o nome de *deveres?* Um advogado, um empregado do telégrafo, exerce um dever. Digamos, pois, para falar com lógica que as mulheres procuram *deveres* e nesse caso nós devemos simpatizar com o seu desejo de tomar parte nos trabalhos do homem.

— É certo — apoiou Alexei Alexandrovich. — O principal está em saber se elas são capazes de exercer esses deveres.

— Com certeza o serão logo que elas forem mais instruídas — disse Stepane Arcadievitch. — Nós estamo-lo vendo.

— E o provérbio? — lembrou o velho príncipe, cujos olhitos trocistas brilhavam ao escutar esta conversa. — Eu posso dizê-lo diante das minhas filhas: «A mulher tem os cabelos compridos...»

— Era assim que se julgavam os negros antes da sua emancipação! — exclamou Pestzov descontente.

— Confesso que me espanta — disse Sergei Ivanitch — ver as mulheres procurarem novos deveres, quando vemos infelizmente os homens iludir o mais possível os seus!

— Os deveres são acompanhados de direitos; as honras, a influência, o dinheiro, eis o que as mulheres procuram! — disse Pestzov.

— É exatamente a mesma coisa que se eu quisesse ter o direito de ser ama e achasse mau o recusarem-mo, enquanto as mulheres são pagas para

isso — disse o velho príncipe.

Tourovtzine pôs-se a rir e Sergei Ivanitch lastimou não ser o autor dessa graça; o próprio Alexei Alexandrovich se alegrou.

— Sim, mas um homem não pode aleitar, enquanto uma mulher... — disse Pestzov.

— Perdão, um inglês a bordo de um navio conseguiu aleitar ele próprio o seu filho — interrompeu o velho príncipe, que se permitia algumas liberdades de linguagem diante das filhas.

— Tantos ingleses amas, quantas mulheres funcionárias — disse Sergei Ivanitch.

— Mas as moças sem família? — perguntou Stepane Arcadievitch que, defendendo Pestzov, tinha estado todo o tempo a pensar em Tchibisov, a sua dançarina.

— Se for analisar a vida dessas moças — disse Daria Alexandrovna com uma certa aspereza — verá com certeza, que elas abandonaram uma família na qual todos os deveres das mulheres estavam ao seu alcance.

Dolly compreendera instintivamente a que género de mulheres se referia Stepane Arcadievitch.

— Mas nós defendemos um princípio, um ideal — respondeu Pestzov com a sua voz sonora. — A mulher reclama o direito de ser independente e instruída; mas sofre da sua impotência em obter a independência e a instrução.

— E eu sofro por não ser admitido como ama na casa das crianças abandonadas — repetiu o velho príncipe com grande alegria de Tourovtzine, que deixou cair um espargo no molho.

Capítulo 11

Só Kitty e Levine não tomavam parte na conversa geral.

No começo do jantar, quando se falava da influência de um povo sobre o outro, Levine lembrou-se das ideias que formara sobre esse assunto; mas elas bem depressa lhe esqueceram, como não oferecendo nenhum interesse; até mesmo achou estranho que se preocupassem com questões assim tão vazias.

Kitty, pelo seu lado, teria querido interessar-se na discussão sobre os direitos da mulher, porque não só se ocupara já muitas vezes disso por causa da sua amiga Varinka, cuja dependência era tão rude, mas por sua própria conta, pensando no caso de se não casar. Muitas vezes sua irmã e ela tinham discutido este assunto.

Agora quanto isso a interessava pouco! Entre Levine e ela estabelecia-se uma afinidade misteriosa que os aproximava mais e mais e lhes causava um sentimento de agradável terror no limiar da nova vida que entreviam.

Interrogado por Kitty sobre a forma porque a vira no verão, Levine contou-lhe que voltava das pradarias depois da ceifa.

— Era de manhã cedo. Acabava com certeza de acordar e a sua mamã dormia ainda no seu canto. A manhã estava soberba. Eu caminhava perguntando a mim mesmo: «Uma carruagem de quatro cavalos? Quem será?» Eram quatro bons cavalos com guizeiras. E de repente, como um clarão, a senhora passa diante de mim. Vi-a à portinhola; estava sentada, assim, tendo nas mãos as fitas do seu chapéu de viagem e parecia mergulhada em profundas reflexões. Como eu teria querido saber — ajuntou ele sorrindo — em que pensava! Devia ser coisa muito importante!

Oxalá que eu não estivesse despenteada!, pensou Kitty.

Mas vendo o sorriso entusiasmado que tornava Levine radiante, ficou tranquila sobre a impressão que produzira e respondeu, corando e rindo-se alegremente:

— Não me lembro de nada.

— Como Tourovtzine se ri com vontade! — disse Levine admirando-lhe a alegria que lhe tornava húmidos os olhos e lhe elevava o corpo com o riso.

— Conhece-o há muito tempo? — perguntou Kitty.

— Quem é que o não conhece?

— Mas não pensa dele nada de bom?

— É talvez de mais; mas não tem grande valor.

— Eis uma opinião injusta que peço que retrate — disse Kitty. — Também eu o julgava mal dantes; é uma excelente pessoa, um coração de ouro.

— Como conseguiu apreciar-lhe o coração?

— Nós somos velhos amigos. O inverno passado, pouco tempo depois... depois que o senhor deixou de nos vir ver — disse ela com um ar um pouco culpado, mas com um sorriso cheio de confiança — os filhos de Dolly tiveram escarlatina e um dia, por acaso, Tourovtzine veio visitar minha irmã. Quer crer — disse ela baixando a voz — que teve tanta compaixão que ficou a guardar os doentitos! Durante três semanas fez o papel de aia das crianças!... Estou a contar a Konstantin Dmitritch a conduta de Tourovtzine durante a escarlatina — disse ela voltando-se para a irmã.

— Sim, foi admirável! — respondeu Dolly olhando para Tourovtzine com um sorriso satisfeito; Levine olhou-o também e admirou-se de o não ter compreendido até então.

— Perdão, perdão! Nunca mais julgarei ninguém de ânimo leve! — exclamou ele alegremente, exprimindo dessa vez sinceramente o que experimentava.

Capítulo 12

A discussão sobre a emancipação da mulher oferecia aspetos difíceis para tratar diante de senhoras, por isso acabou. Mas quando o jantar terminou, Pestzov foi ter com Alexei Alexandrovich e começou a explicar-lhe essa questão no ponto de vista da desigualdade dos direitos entre os esposos no casamento; a razão principal desta desigualdade estava, segundo o seu pensar, na diferença estabelecida pela lei e pela opinião pública entre a infidelidade da mulher e a do marido.

Nessa ocasião Stepane Arcadievitch ofereceu precipitadamente um charuto a Karenine.

— Não, não fumo — respondeu este tranquilamente; e para provar que não receava esse assunto, voltou-se para Pestzov com o seu sorriso glacial.

— Essa desigualdade reside, parece-me, no próprio fundo da questão — disse e dirigiu-se para o salão; mas aí Tourovtzine interpelou-o ainda.

— Ouviu falar da história de Priatchnikov? — perguntou-lhe, animado já pelo champanhe e aproveitando o momento impacientemente esperado de quebrar o mutismo que lhe pesava. — Vasia Priatchnikov? — e voltou-se para Alexei Alexandrovich como para o principal conviva, com um sorriso nos seus lábios grossos, vermelhos e húmidos. — Disseram-me que se bateu esta manhã em Tver com Kvitzky e que o matou.

A conversação orientava-se fatalmente a fazer desesperar Alexei Alexandrovich. Stepane Arcadievitch percebia-o e queria levar o cunhado dali para fora.

— Porque se bateu ele? — perguntou Karenine sem parecer ver os esforços de Oblonsky para distrair-lhe a atenção.

— Por causa da mulher; portou-se muito bem, porque procurou o rival e o matou.

— Ah! — disse Alexei Alexandrovich desenrugando a testa num ar indiferente; e deixou o aposento.

Dolly estava-o esperando numa pequena casa de passagem e disse-lhe com um sorriso receoso:

— Quanto me sinto feliz por ter vindo! Preciso de lhe falar. Sente-se aqui.

Alexei Alexandrovich, conservando o ar indiferente que lhe davam as sobrancelhas levantadas, sentou-se ao pé dela.

— Com muita vontade — disse ele — porque me quero também desculpar de a ter de deixar; parto amanhã de manhã.

Daria Alexandrovna, firmemente convencida da inocência de Ana, sentia-se empalidecer e tremer de cólera diante desse homem insensível e glacial que se dispunha tão friamente a perder a sua amiga.

— Alexei Alexandrovich — começou ela, esforçando-se por alcançar toda a sua serenidade para o olhar bem de frente com uma coragem desesperada — perguntei-lhe notícias de Ana e não me respondeu; como passa ela?

— Penso que passa bem, Daria Alexandrovna — respondeu Karenine sem a olhar.

— Perdoe-me se insisto sem ter esse direito, mas amo Ana como se fosse minha irmã; diga-me, peço-lhe, o que se passa entre o senhor e ela e aquilo de que a acusa?!

Karenine franziu as sobrancelhas e baixou a cabeça, quase que fechando os olhos.

— Seu marido deve ter-lhe dito, penso, as razões que me obrigam a romper com Ana Arcadievna — disse ele lançando um olhar descontente para Cherbatzky, que ia atravessando a casa.

— Eu não acredito, não acreditarei nunca nisso!... — murmurou Dolly apertando as mãos magras num gesto enérgico.

Levantou-se vivamente e, tocando com a mão no braço de Alexei Alexandrovich, disse-lhe:

— Aqui estão-nos sempre a interromper; venha para aqui, peço-lhe.

A comoção de Dolly comunicava-se a Karenine; obedeceu, levantou-se e seguiu-a ao quarto de estudo das crianças, onde se sentaram diante de uma mesa coberta por um oleado, todo crivado de golpes de canivete.

— Eu não acredito em nada disso! — repetiu Dolly procurando deter esse olhar que fugia do seu.

— Podem-se negar os *factos,* Daria Alexandrovna? — disse ele

acentuando esta última palavra.

— Mas que falta cometeu ela? De que é que a acusa?

— Faltou aos seus deveres e traiu seu marido. Eis o que fez!

— Não, não, é impossível! Não, Santo Deus, o senhor engana-se! — exclamou Dolly apertando as fontes com as mãos e cerrando os olhos.

Alexei Alexandrovich sorriu friamente com a ponta dos lábios; queria assim provar a Dolly e provar a si próprio que a sua convicção era segura. Mas a esta calorosa intervenção a ferida reabriu-se e, embora a dúvida já não fosse possível, respondeu com menos frieza:

— O engano é difícil quando é a própria mulher que vem declarar ao marido que oito anos de casamento e um filho não valem nada, e que ela quer começar uma nova vida.

— Ana e o vício! Como associar estas duas ideias, como acreditar...?

— Daria Alexandrovna! — disse ele com cólera, olhando agora sem receio o rosto comovido de Dolly, e sentindo a língua desprender-se involuntariamente. — Eu teria dado tudo para poder ainda duvidar! Antigamente a dúvida era cruel, mas o presente é mais cruel ainda. Quando eu duvidava, ainda tinha esperança apesar de tudo. Agora já não espero e, contudo, tenho outras dúvidas; tomei aversão a meu filho e pergunto às vezes se ele é meu. Sou muito infeliz!

Dolly, logo que viu o olhar dele fixo nela, compreendeu que ele dizia a verdade; teve compaixão dele e a sua confiança na inocência da amiga desapareceu.

— Meu Deus! É horrível! Mas está verdadeiramente decidido ao divórcio?

— Tomei este último partido porque não vejo outro a tomar. O mais terrível numa desgraça deste género é que nós não podemos suportar a nossa cruz como em qualquer outro infortúnio, uma perda, uma morte — disse ele, adivinhando o pensamento de Dolly. — Não se pode ficar na posição humilhante que nos criaram, não se pode viver a três!

— Compreendo, compreendo perfeitamente — respondeu Dolly, baixando a cabeça.

Calou-se e as suas próprias infelicidades domésticas lhe vieram à memória; mas de repente juntou as mãos num gesto suplicante e, levantando corajosamente o seu olhar para Karenine, disse-lhe:

— Espere ainda. O senhor é cristão. Pense no que ela se tornará se a

abandonar!

— Tenho pensado nisso, Daria Alexandrovna, tenho pensado muito! — E olhou-a com um olhar perturbado, cobrindo-se-lhe o rosto de manchas vermelhas. Dolly agora lastimava-o do fundo do coração. — Quando ela própria me anunciou a minha desonra, eu dei-lhe a possibilidade de se reabilitar, procurei salvá-la. Que fez ela? Não quis saber do mais pequeno dos meus pedidos, do respeito das conveniências! Pode-se — ajuntou ele — salvar um homem que não quer morrer, mas com uma natureza corrompida a ponto de ver a felicidade na sua própria perda, que quer que se faça?

— Tudo, menos o divórcio.

— A que chama tudo?

— Pense que ela não será mais a mulher de ninguém! Ficará perdida! É terrível!

— O que lhe posso eu fazer? — respondeu Karenine encolhendo os ombros.

E a recordação da sua última explicação com a mulher pô-lo subitamente no mesmo grau de frieza que no princípio da conversa.

— Fico-lhe muito reconhecido pela sua simpatia, mas sou obrigado a deixá-la — ajuntou ele, levantando-se.

— Não, espere! O senhor não a deve perder! Escute-me, falar-lhe-ei por experiência. Eu também sou casada e meu marido enganou-me; no meu ciúme e na minha indignação quis deixar tudo... Mas refleti e quem me salvou? Foi Ana. Agora os meus filhos estão crescidos, meu marido voltou para a família, compreende a sua irracionalidade, torna-se melhor, e eu vivo... perdoei! Perdoe também!

Alexei Alexandrovich estava-a escutando, mas as palavras de Dolly ficavam sem efeito sobre ele porque na sua alma se elevava a cólera, que o decidira ao divórcio. E respondeu numa voz alta e incisiva:

— Não posso, não quero perdoar! Isso seria injusto. Por essa mulher fiz o impossível e ela tudo arrastou para a lama, que lhe parece convir. Eu não sou um mau homem e nunca odiei ninguém; mas a ela, odeio-a com todas as forças da minha alma e nunca lhe poderei perdoar, porque me fez muito mal!

E lágrimas de cólera tremeram-lhe na voz.

— Amai aqueles que vos odeiam! — murmurou Dolly quase com vergonha.

Alexei Alexandrovich sorriu com desprezo. Essas palavras conhecia-as

ele, mas não se podiam aplicar à sua situação.

— Pode-se amar aqueles que nos odeiam, mas não os que nós odiamos. Perdoe-me de a ter comovido. A cada um bastam os seus desgostos!

E retomando o seu império sobre si mesmo, Karenine despediu-se de Dolly com calma e partiu.

Capítulo 13

Quando se levantaram da mesa, Levine resistiu à tentação de seguir Kitty para o salão, com receio de lhe desagradar por uma assiduidade bem clara; ficou com os homens e tomou parte na conversação geral; mas sem olhar diretamente para Kitty não perdia nenhum dos seus movimentos, adivinhando até o lugar que ela ocupava no salão.

E começou logo, sem o menor esforço, a cumprir a promessa que tinha feito de amar o próximo e de pensar bem a seu respeito. A conversação tinha caído sobre a comuna da Rússia, que Pestzov considerava como uma nova ordem de coisas, destinada para servir de exemplo ao resto do mundo. Levine era tão pouco desta opinião como da de Sergei Ivanitch, que reconhecia e negava, ao mesmo tempo, o valor desta instituição, mas procurou pô-los de acordo suavizando os termos de que se serviam, sem que experimentasse o menor interesse pela discussão. O seu único desejo era ver todos felizes e contentes.

Uma pessoa, a única daí para diante importante para ele, aproximara-se da porta; sentiu um olhar e um sorriso fixos sobre ele e viu-se obrigado a voltar-se. Ela lá estava, em pé ao lado de Cherbatzky, e olhava-o.

— Pensei que se ia pôr ao piano — disse ele, aproximando-se. — Eis o que me falta no campo: a música.

— Não; tínhamos vindo unicamente procurá-lo e agradeço-lhe o ter-me compreendido — respondeu ela, recompensando-o com um sorriso. — Que prazer há em discutir? Nunca se convence ninguém!

— É muito verdade...

Com efeito Levine notara tantas vezes que, nas longas discussões, os grandes esforços de lógica e uma profusão considerável de palavras que produziam as mais das vezes nenhum resultado e por isso sorriu de felicidade ouvindo Kitty adivinhar e definir o seu pensamento com concisão. Cherbatzky afastou-se e a donzela aproximou-se de uma mesa de jogo,

sentou-se e pôs-se a traçar círculos com o giz sobre o pano.

— Ora como eu cobri a mesa com as minhas garatujas! — disse ela depondo o giz depois de um momento de silêncio, e fez um movimento que indicava a intenção de se levantar.

— Espere — pediu ele sentando-se junto da mesa. — Há muito tempo que lhe queria perguntar uma coisa.

Ela olhou-o com os olhos acariciadores, mas um pouco inquietos.

— Pergunte.

— Pronto! — disse ele pegando no giz e escrevendo as letras *q, a, s, d, e, i, e, i, n, a, o, s?* que eram as primeiras das palavras: «Quando a senhora disse é impossível, era impossível *naquela altura* ou *sempre?»*

Era pouco verosímil que Kitty pudesse compreender essa pergunta complicada. Levine, no entanto, olhava-a com o aspeto de um homem cuja vida dependesse da explicação desta frase.

Ela pôs-se a refletir muito séria, apoiando a fronte à mão, decifrando com cuidado e interrogando às vezes Levine com os olhos.

— Já compreendi! — disse ela corando.

— Que palavra é esta? — perguntou ele, apontando o *i* da palavra impossível.

— Essa letra significa impossível. A palavra não é justa — respondeu ela.

Ele apagou rapidamente o que tinha escrito e deu-lhe o giz. Ela escreveu *n, a, n, p, r, d, o, m.*

Dolly, vendo a irmã com o giz na mão com um sorriso tímido e feliz nos lábios, e levantando os olhos para Levine, que se inclinava para a mesa lançando ora um olhar brilhante para ela, ora para o pano, sentiu-se consolada da sua conversa com Alexei Alexandrovich. Nesse momento Levine estava radiante de alegria; compreendera a resposta: *«Naquela altura não podia responder de outra maneira».*

Levine olhou para Kitty com um ar receoso e interrogativo.

— Só *naquela altura*?

— Sim — respondeu o sorriso da donzela.

— E... agora? — perguntou ele.

— Leia! Vou escrever o que desejaria.

E com vivacidade traçou as primeiras letras das palavras: «Que o senhor pudesse perdoar e esquecer».

Por sua vez ele pegou no giz com os dedos trémulos e respondeu pela mesma forma: «Nunca deixei de a amar».

Kitty olhou-o e o seu sorriso deteve-se.

— Compreendi — murmurou.

— Estão a jogar ao secretário — perguntou o velho príncipe aproximando-se deles. — Mas se tu queres vir ao teatro é tempo de nos irmos.

Levine levantou-se e acompanhou Kitty até à porta. Essa conversa decidiu tudo; Kitty confessara que o amava e permitira-lhe ir no dia seguinte pela manhã falar com os pais.

Capítulo 14

Quando Kitty partiu, Levine sentiu a inquietação ganhá-lo; teve medo, como se fosse da morte, dessas catorze horas que lhe faltavam para chegar ao outro dia em que a tornaria a ver. Para passar o tempo experimentou o imperioso desejo de não ficar sozinho, de ir falar com alguém.

Stepane Arcadievitch, que ele quis conservar consigo, foi-se embora dizendo que ia à sociedade, mas de facto para ir ao baile. Levine só lhe pôde dizer que era feliz e que nunca esqueceria o que lhe devia.

— O quê? Então já não falas em morrer? — disse Oblonsky apertando a mão do amigo com um ar enternecido.

— Não! — respondeu este.

Dolly também o felicitou quase a despedir-se dele, o que lhe desagradou; ninguém se devia permitir fazer alusões à sua felicidade. Para evitar a solidão, agarrou-se ao irmão.

— Onde vais tu?

— A uma sessão.

— Posso acompanhar-te?

— Porque não — disse Sergei Ivanitch sorrindo. — O que te aconteceu hoje?

— O que me aconteceu? A felicidade! — respondeu Levine baixando a vidraça da carruagem. — Dás licença? Abafo. Porque não te casaste?

Sergei Ivanitch sorriu.

— Estou satisfeito, é uma criança encantadora! — exclamou ele.

— Não, não digas nada, nada! — exclamou Levine agarrando-lhe pela gola da peliça e tapando-lhe a cara cota ela. «Uma encantadora criança!»... que palavras tão banais! E quão pouco elas correspondiam aos seus sentimentos!

Sergei Ivanitch pôs-se a rir, o que lhe não acontecia muitas vezes.

— Mas ao menos posso dizer que estou bem contente?

— Amanhã, mas agora nem mais uma palavra, nada, nada, silêncio! Gosto muito de ti... De que se tratará hoje nessa reunião? — perguntou Levine sem deixar de sorrir.

Tinham chegado. Durante a sessão escutou o secretário a ler a ata, que não compreendia; mas sobre o rosto desse secretário lia-se que devia ser um bom, amável e simpático rapaz; isso mesmo se via na maneira por que gaguejava perturbado ao ler.

Vieram depois os discursos. Discutia-se a redução de certas quantias e a instalação de uns canos. Sergei Ivanitch atacou dois membros da comissão e pronunciou contra eles um discurso triunfante.

Depois um outro indivíduo decidiu-se, depois de um acesso de timidez, a responder em poucas palavras e por uma forma encantadora, embora cheia de fel. Novamente Sviagesky falou com nobreza e eloquentemente.

Levine ia-os escutando e sentia bem que as despesas reduzidas, os canos e o resto nada tinham de sério e que eram um pretexto para reunir umas pessoas amáveis e que se entendiam às mil maravilhas. Ninguém experimentava qualquer contrariedade e, graças a ligeiros indícios, aos quais outrora não daria nenhuma atenção, Levine notou com espanto que agora penetrava os pensamentos de cada um dos assistentes e lia nas suas almas, vendo quanto eram excelentes pessoas. Sentia que o objeto das suas preferências era ele, Levine, de quem todos gostavam. Parecia até que mesmo aqueles que o não conheciam só para ele falavam, envolvendo-o num olhar acariciante e amável.

— Então, estás contente? — perguntou Sergei Ivanitch.

— Muito contente! Nunca pensei que isto fosse tão interessante.

Sviagesky aproximou-se dos dois irmãos e convidou Levine a ir tomar uma chávena de chá a sua casa.

— Muito obrigado — respondeu este esquecendo as suas antigas preocupações e perguntando pela senhora Sviagesky e pela irmã. Por uma estranha associação de ideias como a cunhada de Sviagesky lhe fizera pensar no casamento, concluiu que ninguém escutaria de melhor vontade a história da sua felicidade do que ela e a irmã. Por isso ficou encantado com a ideia de as ir ver.

Sviagesky perguntou-lhe pelos seus negócios, recusando-se sempre a admitir que se pudesse descobrir alguma coisa de novo que não tivesse já sido descoberta na Europa; mas a sua tese em nada contrariou Levine.

Sviagesky devia estar com a verdade em tudo e Levine admirou a suavidade e a delicadeza com que ele evitou provar-lhe isso claramente.

As senhoras foram encantadoras; Levine julgou adivinhar que elas sabiam tudo, tomando parte na sua alegria, mas que evitavam falar nisso por discrição. Demorou-se três horas, falando de assuntos vários e fazendo alusões a cada momento à sua felicidade, sem notar que estava aborrecendo mortalmente os donos da casa, que caíam de sono. Por fim Sviagesky acompanhou-o a bocejar até à antecâmara, muito espantado com a atitude do amigo.

Levine voltou para o hotel da uma para as duas da manhã e aterrorizou-se com a ideia de passar dez horas sozinho com a sua impaciência. O criado, que estava à espera no corredor, acendeu-lhe as velas e ia para se ir embora quando Levine o deteve. Este criado chamava-se Yegor; nunca até ali ninguém reparara nele, não deixando, contudo, de ser um bom rapaz, inteligente e sobretudo um bom coração.

— Então, Yegor, é duro não dormir, hein?

— Que fazer! É a nossa obrigação! Nas casas particulares a vida é mais sossegada, mas ganha-se menos!

Yegor era pai de quatro crianças, três rapazes e uma moça, que ele contava casar com um caixeiro.

A esse propósito Levine comunicou a Yegor as suas ideias sobre o amor no casamento e fez-lhe notar que amando-se é-se sempre feliz, porque a nossa felicidade está em nós próprios. Yegor escutava com toda a atenção e compreendia certamente o pensamento de Levine, mas confirmou-o por uma reflexão inesperada: é que quando ele, Yegor estivera ao serviço de bons patrões, tinha estado sempre contente e que atualmente também o estava, apesar do patrão ser um francês.

Excelente homem!, pensou Levine e em voz alta disse-lhe:

— E tu, Yegor, gostavas de tua mulher quando te casaste?

— Como não gostaria! — respondeu Yegor.

E Levine notou como ele se encontrava bem a descobrir-lhe os seus mais íntimos pensamentos.

— A minha vida também tem sido extraordinária — começou ele com os olhos brilhantes, ganho pelo entusiasmo de Levine, como se ganha por contágio os abrimentos de boca. — Desde a minha infância...

Mas a campainha tocou; Yegor saiu e Levine encontrou-se só. Se bem

que não tivesse quase jantado e que em casa de Sviagesky tivesse recusado o chá, não podia comer e depois de uma noite de insónia não pensava em dormir; abafava no quarto e apesar do frio, abriu as vidraças e sentou-se sobre uma mesa defronte da janela.

Por cima dos tetos cobertos de neve elevava-se a cruz cinzelada de uma igreja e mais alta ainda a constelação da Ursa Maior. Aspirando o ar, que penetrava no quarto, olhava ora a cruz, ora as estrelas elevando-se, como num sonho, por entre as imagens e as recordações evocadas pela sua imaginação.

Pelas quatro horas da manhã ouviram-se passos no corredor; entreabriu a porta e viu um jogador retardatário que voltava do clube. Era Miaskine, que Levine conhecia; caminhava tossindo, sombrio e corcovado. *Pobre desgraçado!*, pensou Levine, cujos olhos se encheram de lágrimas de piedade; quis detê-lo para lhe falar e consolá-lo, mas lembrando-se de que estava em camisa voltou a sentar-se para se banhar com o ar gelado e olhar essa cruz de forma estranha, muito significativa para ele no seu silêncio, e por cima dela as estrelas belas e brilhantes que subiam no horizonte.

Pelas sete horas, os varredores começaram a fazer barulho, os sinos tocaram para os ofícios da manhã e Levine sentiu que o frio o enregelava. Fechou a janela, fez a sua *toilette* e saiu.

Capítulo 15

As ruas ainda estavam desertas quando Levine se encontrou diante da casa dos Cherbatzky; toda a gente dormia e a porta principal da entrada estava fechada. Voltou para o hotel e pediu café. O criado que lho trouxe não era Yegor; Levine quis travar conversa com ele, mas infelizmente tocaram e ele teve de sair.

Então procurou beber o café, mas sem poder engolir o bocado de bolacha que meteu na boca; vestiu o casaco e voltou para casa de Cherbatzky. Agora é que se começavam a levantar; o cozinheiro ia partir para a praça. Bem ou mal tinha de se resolver a esperar umas horas.

Levine vivera toda a noite e toda a manhã num completo estado de inconsciência e acima das condições materiais da existência; não dormira, nem comera, expusera-se ao frio durante muitas horas quase sem fato e não só estava fresco e bem-disposto, mas sentia-se liberto de todas as paixões corporais, senhor das suas forças e capaz das ações mais extraordinárias, como de voar pelos ares ou de fazer recuar as paredes da casa. Para passar o tempo que lhe faltava para esperar, pôs-se a vaguear pelas ruas, consultando o relógio a cada instante e olhando à volta de si. O que viu nesse dia nunca mais o tornou a ver; interessava-o o bando de garotos que iam para a escola, os pombos de plumagem colorida volitando dos telhados para os passeios, os *saikis* salpicados de farinha que uma mão invisível ia expondo no parapeito de uma janela. Todos esses objetos lhe pareceram estranhos; um dos garotos correu direito a um pombo, olhando para Levine a sorrir; o pombo abrindo as asas brilhou com o sol através de uma fina poeira de neve e por sobre tudo isto espalhava-se um perfume a pão quente da janela onde estavam os *saikis*.

Tudo isto reunido produziu em Levine uma impressão tão viva que começou a rir e a chorar de alegria. Depois de ter dado uma grande volta pela rua das Gazetas e da Krislovka, voltou para o hotel, sentou-se a uma mesa com o relógio diante de si e esperou que o ponteiro marcasse meio-dia.

Quando por fim deixou o hotel, os cocheiros rodearam-no com rostos felizes, disputando a ver qual é que seria o preferido. Com certeza que sabiam tudo. Escolheu um e, para não zangar os outros, prometeu-lhes de os tomar para a outra vez; depois mandou bater para casa dos Cherbatzky.

O cocheiro era encantador com o colarinho branco da camisa a aparecer-lhe por debaixo do casaco, apertando-lhe o pescoço vigoroso e vermelho; o trenó era cómodo, mais alto que os trenós vulgares — Levine nunca pôde depois achar outro igual — atrelado a um bom cavalo que fazia o que podia para correr, mas que não caminhava. O cocheiro conhecia a casa dos Cherbatzky; parou diante da porta com os braços em posição, voltando-se para Levine com respeito.

O porteiro dos Cherbatzky com certeza que também sabia tudo; isso via-se-lhe no olhar sorridente, na maneira como disse a Levine:

— Há já muito tempo que cá não vinha, Konstantin Dmitrich!

Não só sabia tudo, mas estava cheio de uma alegria que se esforçava por esconder. Levine sentiu um novo sentido na sua felicidade encontrando o bom olhar do velho.

— Já se levantaram?

— Queira entrar. Deixe isso aqui, não se incomode — juntou o porteiro sorrindo quando Levine quis voltar atrás para ir buscar o boné de peles. Isso devia ter uma significação qualquer.

— A quem o devo anunciar? — perguntou um criado.

Esse criado, embora novo na casa, e apesar das suas pretensões a elegante, era bem-educado e diligente; também devia ter compreendido tudo.

— Mas à princesa e ao príncipe! — respondeu Levine.

A primeira pessoa que ele encontrou foi a Sra. Linon, que ia atravessando a sala. Mal tinha trocado com ela algumas palavras quando junto da porta se ouviu um roçar de vestido. A Sra. Linon desapareceu e ele sentiu-se invadido pelo terror da felicidade que adivinhava vir; a velha *institutrice* acabara de sair e imediatamente uns pezinhos ligeiros e rápidos correram sobre o sobrado e a sua felicidade, a sua vida, a melhor parte de si próprio aproximou-se. Ela não andava, era alguma força invisível que a trazia para ele. Viu dois olhos límpidos, sinceros, cheio dessa mesma alegria que lhe enchia o coração, uns olhos que, quanto mais se aproximavam dele, quase o cegavam com o seu brilho.

Ela mansamente colocou-lhe as duas mãos sobre os ombros. Correndo

para ele, dava-se assim trémula e feliz... e ele apertou-a nos braços.

Também ela, depois de uma noite de insónia, o esperara durante toda a manhã. Os pais estavam perfeitamente de acordo, sentindo-se muito felizes e ela, querendo ser a primeira a anunciar-lhe a sua felicidade, havia espiado a chegada do noivo; envergonhada e confusa, não sabia como realizar o seu projeto e quando ouvira os passos e a voz de Levine, escondera-se atrás da porta à espera que a Sra. Linon tivesse saído. Então, sem pensar em mais nada, viera para ele...

— Agora vamos ter com a mamã — disse ela tomando-lhe a mão.

Durante muito tempo ele não pôde proferir uma palavra, não porque receasse amesquinhar a grandeza da sua felicidade, mas porque sentia as lágrimas a abafá-lo. Tomou-lhe a mão e beijou-a.

— É verdade? — disse por fim com uma voz estrangulada. — Não posso acreditar que tu me tenhas amor!

Ela sorriu do «tu» e do temor com que ele a estava olhando.

— Sim! — respondeu lentamente e frisando bem a palavra. — Sou tão feliz!

Sem lhe deixar a mão, entrou com ele no salão; a princesa, quando os viu vir, sufocada pôs-se a chorar e a rir ao mesmo tempo; depois, correndo para Levine com uma energia imprópria da sua idade, agarrou-o pela cabeça e beijou-o, molhando-o com as suas lágrimas.

— Tudo acabou! Estou bem contente. Ame-a! Sou muito feliz, Kitty.

— Arranjaram depressa as coisas — disse o velho príncipe, procurando mostrar-se sereno; mas Levine viu-lhe os olhos cheios de lágrimas. — Eu desejei-o sempre! — disse ele atraindo Levine para si. — E quando esta doidinha pensava...

— Papá! — exclamou Kitty tapando-lhe a boca com as mãos.

— Está bem! Está bem! Não direi nada. Sou muito... muito... Como estou estúpido!

E agarrou Kitty nos braços, beijando-lhe o rosto e as mãos e abençoando-a com o sinal da cruz.

Levine experimentou pelo velho príncipe um sentimento de amor novo e desconhecido quando viu com que ternura Kitty lhe beijava demoradamente a sua grossa mão robusta.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 16

A princesa estava sentada no seu *fauteil,* silenciosa e sorridente; o príncipe tinha-se sentado junto dela e em pé diante do pai estava Kitty, com a mão dele segura. Todos estavam calados.

Foi a princesa a primeira a fazê-los deixarem os seus sentimentos e o que pensavam, e a trazê-los para o campo da vida real. Nos primeiros momentos todos experimentaram uma impressão estranha e desagradável.

— Para quando é o casamento? É preciso anunciá-lo. O que pensas tu, Alexandre?

— Está aqui a personagem principal a quem compete decidir — disse o príncipe apontando Levine.

— Quando? — respondeu este corando. — Amanhã, se querem a minha opinião: hoje as escrituras e amanhã o casamento.

— Vamos, *meu caro,* nada de loucuras.

— Então dentro de oito dias.

— Dir-se-ia que endoideceu?

— Mas porque não?

— E o enxoval? — disse a mãe, sorrindo alegremente desta impaciência.

Então o enxoval e tudo isso não é dispensável?, pensou Levine com terror. *Apesar de tudo não serão o enxoval nem as escrituras que empanarão a minha felicidade!*

E lançou um olhar para Kitty, a quem a ideia do enxoval em nada irritava. *É preciso crer que é necessário*, pensou.

— Convenho que não percebo nada disso e que unicamente exprimo o meu desejo — murmurou ele em voz alta e desculpando-se.

— Havemos de pensar: agora faremos as escrituras e depois participaremos o casamento.

A princesa aproximou-se do marido, beijou-o e quis afastar-se, mas ele segurou-a para a beijar também muitas vezes, como um moço apaixonado. Os

dois velhos pareciam perturbados e quase talvez a julgarem que não era da filha que se tratava, mas deles próprios.

Quando saíram, Levine aproximou-se da noiva e estendeu-lhe a mão; já tinha recuperado o seu sangue-frio e podia falar. Muitas coisas tinha no coração para lhe dizer, mas nada do que queria lhe disse.

— Eu sabia que isto seria assim; no fundo da minha alma estava persuadido disso, sem jamais ousar esperá-lo. Creio que é predestinação.

— E eu — respondeu Kitty — mesmo quando... — mas deteve-se; continuou depois, olhando-o resolutamente com os seus olhos cheios de sinceridade — mesmo quando repelia a minha felicidade, não o amava senão a si; foi uma insensatez. Agora devo perguntar-lhe: pode esquecer?

— Talvez fosse melhor assim. Também a senhora tem que me perdoar, porque...

Decidira-se — era o que lhe pesava sobre o coração — a confessar-lhe desde os primeiros dias; de resto ele não era tão puro como ela para que não fosse crente. Por isso pensara ser seu dever fazer-lhe esta confissão por mais cruel que fosse.

— Agora não, mais tarde! — ajuntou depois.

— Mas diga-me tudo! Nada receie! Quero saber tudo, tudo, está entendido...

— O que está entendido — interrompeu ele — é que me aceitará tal qual sou! Agora já não se desdirá?

— Oh, não!

A conversa foi interrompida pela chegada da senhora Linon, que vinha felicitar a sua aluna favorita com um sorriso terno que ela procurava dissimular; depois dela ter deixado o salão foram os criados que por sua vez quiseram vir apresentar as suas felicitações. Os parentes e os amigos chegaram em seguida e começou então esse período feliz e absurdo de que Levine só se viu livre no dia seguinte ao do seu casamento.

Se bem que se sentisse sempre constrangido e maldisposto, esta tensão de espírito não impediu a sua felicidade de aumentar sempre; tinha imaginado que, se o tempo que precedia o casamento não saísse por completo das tradições ordinárias, a sua felicidade seria atingida; mas, sem bem que fizesse o que toda a gente fazia em caso semelhante, essa felicidade tomava proporções extraordinárias.

— Agora — dizia-lhe a senhora Linon — teremos tantos bombons

quantos quisermos.

E Levine corria a ir comprar bombons.

— Aconselho-o a ir comprar flores ao Famine — dizia-lhe Sviagesky.

E Levine corria a casa de Famine.

O irmão foi do parecer que ele devia pedir dinheiro emprestado para os presentes e outras despesas de momento.

— Os presentes, é verdade!

E partiu a galope para comprar joias em casa de Fulda.

Por toda a parte, na confeitaria, no florista, na ourivesaria, todos pareciam esperá-lo, sentindo-se felizes e triunfantes como ele e, coisa notável, o seu entusiasmo era compartilhado por aqueles mesmos que outrora tinham parecido frios e indiferentes. Aprovavam tudo o que ele fazia, tratavam os seus sentimentos com delicadeza e brandura, compartilhavam da convicção que ele exprimia de ser o homem mais feliz da terra porque a sua noiva era a própria perfeição.

E Kitty experimentava impressões análogas. Permitindo-se um dia a condessa Nordstone uma alusão às esperanças mais brilhantes que tinha concebido para a sua amiga, Kitty encolerizou-se e protestou com tanta vivacidade que a condessa conveio que ela tivera razão. Desde então nunca mais encontrou Levine junto da noiva que não lhe sorrisse.

Um dos incidentes mais custosos desta época da sua vida foi o das explicações prometidas. Por parecer do velho príncipe, Levine entregou a Kitty um diário contendo as suas confissões de outrora a respeito daquela com quem agora ia casar. Um dos dois pontos delicados que o preocupavam, e que passou quase despercebido, foi a sua falta de crença; como ela era crente e incapaz de duvidar da sua religião, a falta de piedade do noivo deixou Kitty indiferente; esse coração, que o amor lhe fizera conhecer continha tudo o que ela necessitava de lá encontrar; pouco lhe importava que ele classificasse de incredulidade o estado da sua alma.

Mas o segundo ponto fez-lhe verter lágrimas amargas. Levine não se decidira a esta confissão sem um grande combate interior; resolvera-se, porque não queria nenhuns segredos entre ambos, sem se identificar com as impressões que uma donzela experimentaria com esta leitura. O abismo, que separava o seu miserável passado dessa pureza de pomba, apareceu-lhe quando, entrando uma noite no quarto de Kitty antes de ir para o teatro, viu o seu lindo rosto banhado de lágrimas; compreendeu então o mal irreparável

que causara e admirou-se.

— Leve esses terríveis cadernos — disse ela repelindo as folhas postas sobre a mesa. — Porque mos deu?! Também é melhor — ajuntou cheia de compaixão ao ver o desespero de Levine. — Mas é terrível! Terrível!

Ele baixou a cabeça, incapaz de pronunciar uma única palavra de resposta.

— Não me perdoará? — murmurou.

— Sim, perdoo-lhe; mas é terrível!

Este incidente, no entanto, não teve outro resultado senão o de ajuntar mais um atrativo à sua imensa felicidade. Compreendeu-lhe ainda mais o valor depois desse perdão.

Capítulo 17

Voltando para o seu quarto solitário, Alexei Alexandrovich recordou-se involuntariamente uma a uma de todas as conversas do jantar e da noite; as palavras de Dolly só tinham conseguido excitá-lo. Aplicar os preceitos do Evangelho a uma situação como a sua era coisa muito difícil para ser tratada assim de ânimo leve; de resto essa questão estava já julgada e julgada negativamente. De tudo o que se tinha dito nesse dia, era a frase desse sincero imbecil de Tourovtzine que mais vivamente lhe chocara a imaginação: «Portou-se como um valente, porque procurou o rival e o matou.»

Evidentemente essa conduta era aprovada por todos e, se o não tinham dito claramente, fora por mera delicadeza.

Mas para que pensas nisto? A questão não está já resolvida?

E Alexei Alexandrovich só pensou em preparar a partida para a viagem de inspeção. Mandou trazer o chá, pegou num guia dos caminhos de ferro e procurou as horas de partida para organizar a viagem.

Nesse momento o criado veio trazer-lhe dois telegramas. Alexei Alexandrovich abriu-os; o primeiro anunciava-lhe a nomeação de Stremov para o lugar que ele próprio ambicionara. Karenine tornou-se vermelho, atirou o telegrama fora e pôs-se a andar pelo quarto.

— *Quos vult perdere, Jupiter dementat* — disse, aplicando o *quos* a todos aqueles que tinham contribuído para essa nomeação.

Sentia-se menos contrariado por não ter sido o nomeado do que por ver Stremov, um patarata e um palavroso, nesse lugar; não compreendiam eles que se perdiam, que comprometiam o seu «prestígio» com escolhas dessa ordem!

Agora outra nova do mesmo género, pensou com amargura abrindo o segundo telegrama.

Era de sua mulher; o nome de «Ana» escrito a lápis azul saltou-lhe aos olhos.

Morro, peço-lhe que venha. Morreria mais tranquila se tivesse o seu perdão.

Leu essas palavras com um sorriso de desprezo e atirou o papel para o chão.

Alguma nova mentira!, foi a sua primeira impressão. *Não há falsidade, de que não seja capaz; deve estar quase de parto e trata-se disso... Mas qual pode ser o seu fim? Dar à luz um filho legítimo? Comprometer-me? Impedir o divórcio? O telegrama diz «morro»...*

Releu o telegrama e dessa vez o sentido real do seu conteúdo chocou-o. Se fosse verdade? Se o sofrimento, a aproximação da morte, a levassem a um arrependimento sincero? E se acusando-a de o querer enganar, ele se recusasse a ir? Isso seria não somente cruel, mas desastrado.

— Pedro, um carro, vou partir para S. Petersburgo — gritou para o criado.

Karenine decidiu-se a ir ver a mulher, pronto a partir logo se a doença fosse fingida; no caso contrário, perdoaria e se chegasse muito tarde poder-lhe-ia ao menos prestar as últimas homenagens.

Tendo resolvido isto em mais nada pensou durante a viagem.

Alexei Alexandrovich entrou em S. Petersburgo fatigado pela noite passada no caminho de ferro; atravessou a cidade ainda deserta, olhando em frente, através da bruma matutina, sem querer refletir sobre o que o esperava em casa. Só podia pensar na ideia persistente de que essa morte cortaria cerce todas as dificuldades. Padeiros, cocheiros, varredores limpando os passeios, as lojas fechadas passavam como um raio por diante dos seus olhos; observava tudo e procurava abafar a esperança que se repreendia de experimentar. Chegado a casa, viu um carro parado com o cocheiro adormecido junto da porta de entrada. Diante do vestíbulo, Alexei Alexandrovich fez ainda um esforço de decisão, arrancando, pareceu-lhe, do canto mais recôndito do seu cérebro o seu pensamento, que se formulava assim: «Se ela me engana, conservarei o meu sossego e ir-me-ei embora; se disse a verdade, respeitarei as conveniências».

— A senhora?

— A senhora teve ontem um parto feliz.

Alexei Alexandrovich deteve-se pálido; compreendeu então quanto

desejara vivamente essa morte.

— E está bem?

Karnei, o criado, vinha descendo a escada precipitadamente em trajo de manhã.

— A senhora está muito fraca — respondeu. — Ontem houve uma conferência e agora está cá o doutor.

— Leva as bagagens — disse Alexei Alexandrovich, um pouco aliviado ao saber que as suas esperanças de morte ainda não estavam perdidas; e entrou na antecâmara.

Um casaco de uniforme estava pendurado no cabide; Alexei Alexandrovich viu-o e perguntou:

— Quem está cá?

— O doutor, a parteira e o conde Vronsky.

Karenine penetrou nos aposentos da mulher; quando entrou, o ruído dos seus passos fez sair do quarto a parteira com uma touca de fitas lilás. Veio direita a Alexei Alexandrovich e, agarrando-o pela mão com a familiaridade que a vizinhança da morte dá, levou-o para o quarto.

— Graças a Deus que veio! Ela não fala senão em si — disse a parteira.

— Tragam depressa o gelo! — dizia no quarto a voz imperiosa do doutor.

No quarto de *toilette,* sentado numa cadeira baixa, Alexei Alexandrovich viu Vronsky a chorar, com o rosto coberto pelas mãos; sobressaltou-se com a voz do doutor, levantou o rosto e achou-se diante de Karenine; à vista dele perturbou-se por tal forma que se deixou cair na cadeira encolhendo a cabeça, como se quisesse desaparecer; depois levantou-se e fazendo um grande esforço de vontade, disse:

— Está a morrer, os médicos afirmam que todas as esperanças estão perdidas. É o senhor, mas conceda-me a permissão de ficar aqui. Depois conformar-me-ei com a sua vontade.

Vendo chorar Vronsky, Alexei Alexandrovich experimentou o enternecimento involuntário, que lhe causavam sempre os sofrimentos de alguém; afastou o rosto sem responder e aproximou-se da porta do quarto.

A voz de Ana ouvia-se viva, alegre, com entonações apropriadas. Alexei Alexandrovich entrou e aproximou-se do leito. Ela tinha o rosto voltado para ele, as faces coradas, os olhos brilhantes; as suas mãozitas brancas, saindo das mangas da camisa, brincavam com uma dobra do cobertor. Não só

parecia fresca e bem-disposta, mas até na mais feliz disposição de espírito; falava depressa e em voz alta, acentuando as palavras com precisão e clareza.

— Porque Alexei, falo de Alexei Alexandrovich (não é estranho e cruel, que ambos se chamem Alexei?) Alexei não me teria recusado, eu teria esquecido e ele perdoar-me-ia... Porque não chega ele? Ele é bom, até mesmo ignora quanto é bom. Meu Deus! Meu Deus! Que angústia! Deem-me água, depressa! Mas isto não é bom para ela... querida filha! Deem-lhe uma ama; consinto; é melhor! Quando ele vier, não lha mostrem. Far-lhe-ia mal vê-la.

— Ana Arcadievna, já veio, está aqui! — disse a parteira procurando chamar-lhe a atenção para Alexei Alexandrovich.

— Que loucura! — continuou Ana sem ver o marido. — Deem-me a filha, deem-ma. Ele ainda não veio! Julgam que ele não perdoará porque o não conhecem. Ninguém o conhece. Só eu... os seus olhos, é preciso conhecê-los. Os de Sergei são iguais, e é por isso que eu os não posso ver. Deram de jantar a Sergei? Sei que se esquecerão dele. Ele não o esquecerá. Que levem Sergei para o quarto do canto e Marieta que se deite ao pé dele.

De repente calou-se tomando um ar de terror e levantando os braços acima da cabeça como para evitar uma pancada; tinha reconhecido o marido.

— Não, não — disse ela vivamente — eu não o receio, tenho mas é medo da morte. Alexei, aproxima-te. Tenho de me apressar, porque o tempo corre e só tenho alguns minutos de vida; a febre vai voltar e eu não compreenderia nada. Agora compreendo tudo e tudo vejo.

O rosto enrugado de Alexei Alexandrovich exprimia um vivo sofrimento; quis falar, mas o lábio inferior tremia-lhe tão fortemente que não pôde articular uma palavra e a comoção mal lhe permitiu lançar um olhar para a moribunda: agarrou-lhe na mão e conservou-a entre as suas; todas as vezes que voltava o rosto para ela; via-lhe os olhos fixos nele com uma doçura e uma humildade que lhe não conhecia.

— Espera, tu não sabes... espera, espera... — e deteve-se procurando reunir as suas ideias. — Sim — continuou ela — sim! Eis o que eu queria dizer. Não te admires. Eu sou sempre a mesma... mas há uma outra em mim de que eu tenho medo; foi ela que o amou, a *ele;* eu queria odiar-te e não podia esquecer aquela que eu tinha sido outrora. Agora sou eu toda inteira, bem eu e não a outra. Vou morrer, bem sei, pergunta-lhe. Sinto-o agora; este peso terrível nas mãos, nos pés, nos dedos. Os meus dedos! São enormes... mas tudo acabará dentro em pouco... Uma única coisa me é necessária;

perdoa-me, perdoa-me! Sou uma criminosa, mas a aia de Sergei disse-me que uma santa mártir, não me lembra o seu nome, tinha sido pior do que eu. Irei a Roma, há lá um deserto e não atormentarei ninguém, só perderei Sergei e a minha filhinha... Não, tu não me podes perdoar! Eu bem sei que é impossível! Vai-te, vai-te, és muito perfeito!

Com uma das mãos escaldantes de febre segurava-o e com a outra afastava-o.

A comoção de Alexei Alexandrovich tornava-se tão forte que se não defendeu mais, sentindo mesmo essa comoção transformar-se num apaziguamento moral, que lhe pareceu uma felicidade nova e desconhecida. Não julgara que essa lei cristã que tomara por guia da sua vida lhe ordenasse perdoar e amar os seus inimigos; e contudo o sentimento do amor e do perdão enchia-lhe a alma. Ajoelhado junto da cama, com a fronte apoiada a esse braço, cuja febre o queimava através da camisa, soluçava como uma criança. Então ela inclinou-se para ele, com os braços rodeou-lhe a cabeça calva e levantou os olhos com um ar de desafio.

— Ei-lo, eu bem o sabia! Agora adeus, adeus a todos... Ei-los que voltam! Porque se não vão? Tirem-me estes abafos todos!

O doutor deitou-a suavemente sobre o travesseiro e cobriu-lhe os braços com o cobertor. Ana deixou-o fazer isso sem resistência, olhando sempre em frente com os seus olhos brilhantes.

— Lembra-te que eu só pedi o teu perdão, nada mais; porque não vem ele? — perguntou ela com vivacidade olhando para o lado da porta. — Vem! Vem! Dá-lhe a mão.

Vronsky aproximou se do leito e, vendo Ana, escondeu o rosto nas mãos.

— Destapa o rosto, olha-o, é um santo! — disse ela. — Sim descobre o rosto! — repetiu num ar irritado. — Alexei Alexandrovich, descobre-lhe o rosto, quero vê-lo.

Alexei Alexandrovich agarrou as mãos de Vronsky e descobriu-lhe o rosto desfigurado pelo sofrimento e pela humilhação.

— Dá-lhe a mão, perdoa-lhe.

Alexei Alexandrovich estendeu-lhe a mão sem procurar reter as lágrimas.

— Obrigado, meu Deus, agora está tudo pronto! — disse ela. — Queria estender um pouco as pernas, assim, está bem. Como estas flores são feias, não se parecem com violetas — e apontava as pinturas do quarto. — Meu Deus! Quando acabará isto? Dê-me morfina, doutor, morfina! Oh! Meu

Deus! Meu Deus!

E agitou-se sobre o leito.

Os médicos diziam que com esta febre tudo havia a recear. O dia passou-se em delírio e na inconsciência. Pela meia-noite a doente quase que não tinha pulso; a cada instante esperavam o fim.

Vronsky voltou para sua casa; mas no dia seguinte pela manhã voltou a saber notícias: Alexei Alexandrovich veio à antecâmara ao seu encontro e disse-lhe:

— Fique, talvez que ela o chame!

Depois levou-o ele próprio para o quarto de *toilette* da mulher. Durante a manhã a agitação, a vivacidade de pensamentos e de palavras reapareceu para acabar ainda num novo estado de inconsciência. O terceiro dia passou-o da mesma forma e os médicos tiveram alguma esperança.

Nesse dia Alexei Alexandrovich entrou no quarto onde estava Vronsky, fechou a porta e assentou-se diante dele.

— Alexei Alexandrovich — disse Vronsky sentindo chegada a hora das explicações — estou incapaz de falar e de compreender. Tenha piedade de mim! Por maior que seja o seu sofrimento, creio que o meu ainda é mais terrível.

Quis levantar-se, mas Alexei Alexandrovich deteve-o e disse-lhe:

— Queira escutar-me, é indispensável! Sou forçado a explicar-lhe a natureza dos sentimentos que me guiam e guiarão ainda, a fim de lhe evitar todo o engano em relação a mim. Sabe que estava decidido a divorciar-me e que já tinha dado os primeiros passos para obter o divórcio? Não lhe ocultarei que no começo desses passos hesitei, possuído como estava do desejo de me vingar. Recebendo o telegrama que me chamava, esse desejo subsistiu. Direi mais, desejei a sua morte, mas... — calou-se por um instante, refletindo na oportunidade de desvendar todo o seu pensamento. — Mas tornei a vê-la e perdoei-lhe sem restrições. A felicidade de poder perdoar mostrou-me claramente o meu dever. Ofereço a outra face à bofetada, dou o meu último fato àquele que me despreza, mas só uma coisa peço a Deus: de me conservar a alegria do perdão.

Lágrimas lhe enchiam os olhos; o seu olhar luminoso e calmo chocou Vronsky.

— Eis a minha situação. O senhor pode-me arrastar pela lama e apresentar-me aos risos do mundo, mas eu não abandonarei Ana por isso e

não lhe dirigirei nenhuma censura — continuou Alexei Alexandrovich. — O meu dever apresenta-se-me claro e preciso; devo ficar com ela e ficarei. Se ela o desejar ver, preveni-lo-ei, mas creio que por agora o melhor é afastar-se.

Karenine levantou-se; os soluços abafavam-lhe a voz. Vronsky levantou-se também, curvado em dois e olhando Karenine por baixo, sem se endireitar; incapaz de compreender sentimentos deste género, confessa, contudo, para si que isto era uma ordem de ideias superior, inconciliável com uma conceção vulgar da vida.

Capítulo 18

Depois desta conversa, quando Vronsky saiu de casa de Karenine, parou sobre o passeio, perguntando a si próprio onde estava e o que tinha a fazer; humilhado e confuso, sentia-se privado de todos os meios de ilibar a sua honra, posto fora do caminho por onde caminhara até então altiva e facilmente. Todas as regras, que lhe tinham servido de base para a sua vida e que ele julgava inatacáveis achava-as agora falsas e mentirosas. O marido enganado, essa triste personagem que ele considerava como um obstáculo acidental e até cómico para a sua felicidade, acabava de ser elevado por *ela* a uma altura que lhe inspirava respeito, e em lugar de parecer ridículo, mostrara-se simples, grande e generoso. Vronsky não podia dissimular que os papéis se tinham invertido; sentia a grandeza, a retidão de Karenine e a sua própria baixeza; esse marido enganado aparecia-lhe magnânimo na sua dor, enquanto ele próprio era pequeno e miserável. Mas esse sentimento de inferioridade a respeito de um homem que ele tinha injustamente desprezado não era mais do que uma pequena parte da sua dor.

O que o tornava profundamente mais infeliz era o pensamento de perder Ana para sempre! A sua paixão por um momento arrefecida acordara mais violenta que nunca. Durante a sua doença aprendera a conhecê-la melhor e julgava não a ter nunca amado; era preciso perdê-la agora que a conhecia e amava realmente, perdê-la deixando-lhe a recordação mais humilhante! Lembrava-se com horror do momento ridículo e odioso em que Alexei Alexandrovich lhe tinha descoberto o rosto, enquanto ele o esconde com as mãos.

De pé, imóvel diante da porta da casa dos Karenine, parecia não ter consciência do que estava fazendo.

— Quer que chame um carro? — perguntou o suíço.

— Sim.

Voltando para casa, depois de três noites de insónia, Vronsky estendeu-se

sem se despir sobre um divã, com os braços cruzados sobre a cabeça. As reminiscências, os pensamentos, as impressões mais estranhas se sucediam no seu espírito com uma rapidez e uma lucidez extraordinárias. Agora era uma poção que queria dar à doente, fazendo entornar a colher; logo via as mãos brancas da parteira; depois a singular atitude de Alexei Alexandrovich ajoelhado diante do leito.

Dormir! Esquecer!, pensava ele com a calma resolução de um homem cheio de vontade que sabe que pode, se se sente fatigado, adormecer; as ideias embrulharam-se-lhe e sentiu-se cair no abismo do esquecimento. De repente, no momento que escapava à vida real, como se as vagas de um oceano se fechassem por sobre a sua cabeça, um violento estremeção elétrico pareceu fazer-lhe tremer o corpo sobre as molas do divã e achou-se de joelhos, sem experimentar a menor frouxidão, com os olhos tão abertos como se não tivesse pensado em dormir.

Pode arrastar-me pela lama.

Estas palavras de Alexei Alexandrovich ressoavam-lhe aos ouvidos; viu-o diante dele, via o rosto cheio de febre de Ana e os seus olhos brilhantes olhando com ternura, não a ele, mas ao marido; via a sua própria fisionomia absurda e ridícula quando Alexei Alexandrovich lhe afastara as mãos do rosto.

Então atirou-se para trás sobre o divã, fechando os olhos e repetindo: *Dormir! Esquecer!*

Apesar de ter os olhos fechados, o rosto de Ana apareceu-lhe tal como lhe tinha aparecido na tarde memorável das corridas, desenhando-se mais vivo e radiante ainda.

— É impossível, não o será; como quer ela apagar tudo isto da sua memória? Eu não posso viver assim! Como reconciliarmo-nos?

Pronunciava estas palavras sem ter delas consciência numa repetição maquinal que o impedia durante alguns segundos de ser assaltado pelas recordações e visagens que se renovavam no seu cérebro. Mas os doces momentos do passado e as humilhações recentes bem depressa retomavam o seu império. «Descobre o rosto», dizia a voz de Ana. Afastava as mãos e sentia a que ponto devia ter parecido humilhado e ridículo.

Vronsky permaneceu assim deitado, procurando adormecer sem esperança de o conseguir e murmurando algumas frases para afastar as novas e desoladoras alucinações, que julgava poder impedir de surgirem. Escutava a

sua própria voz repetir com uma estranha persistência: «Tu não soubeste apreciá-lo, tu não soubeste apreciá-lo; tu não soubeste aproveitar-te, tu não soubeste aproveitar-te».

O que me sucede? Estarei eu doido?, pensou. *Talvez. Porque é que se enlouquece? Porque se suicidam?*

E respondendo a si próprio, abria os olhos, olhando com espanto a seu lado uma almofada bordada por sua cunhada Varia: e procurou fixar o seu pensamento em Varia, brincando com as borlas da almofada; mas uma ideia estranha àquela que o torturava era um martírio a mais.

— Não, é preciso dormir.

E aproximando a almofada da cabeça, deitou-se sobre ela e fez esforços para conservar os olhos fechados. De repente tornou a sentar-se.

— Tudo acabou para mim, o que me resta fazer?

E a imaginação apresentou-lhe claramente a sua vida sem Ana.

A ambição? Serpouhovskoi? A sociedade? A corte? Tudo isso poderia ter um sentido antigamente, mas agora já não o tinha. Levantou-se, tirou o casaco, desapertou a gravata para permitir a respiração mais levemente e pôs-se a caminhar pelo quarto.

— É assim que se enlouquece — repetiu — é assim que se suicidam... para evitar a vergonha — ajuntou com lentidão.

Foi direito à porta, que fechou; depois, com o olhar fixo e os dentes cerrados, aproximou-se da mesa, agarrou num revólver, examinou-o, armou-o e pôs-se a refletir. Ficou dois minutos imóvel, com o revólver na mão, a cabeça baixa, o espírito dirigido na aparência para um só pensamento.

Com certeza, pensava ele, e essa decisão parecia-lhe o resultado lógico de uma série de ideias claras e precisas; mas no fundo volteava sempre nesse mesmo círculo de impressões que havia uma hora percorria pela centésima vez. *Com certeza*, repetia, sentindo desfilar por diante de si essa série contínua de recordações de uma felicidade, felicidade perdida, de um futuro tornado impossível e de uma vergonha esmagadora; e apoiando o revólver ao lado esquerdo do peito, apertou fortemente a mão e puxou o gatilho. O choque violento que recebeu no peito fê-lo cair sem que tivesse ouvido a menor denotação. Procurando segurar-se de novo à borda da mesa, largou o revólver, vacilou e caiu por terra, olhando à volta de si com espanto; o quarto parecia-lhe desconhecido; os pés torneados da mesa, as flores de papel, a pele de tigre estendida no chão, nada reconhecia. Os passos do criado correndo

para o salão obrigaram-no a tornar-se senhor de si; compreendeu com custo que estava no chão e, vendo sangue nas mãos e na pele de tigre, teve consciência do que fizera.

— Que tolice! Falhou — murmurou procurando com a mão o revólver, que estava junto dele; perdeu de novo o equilíbrio e caiu no chão banhado em sangue.

O criado, personagem elegante que se lastimava aos amigos da delicadeza dos seus nervos, ficou tão aterrado à vista do patrão que o deixou caído e correu a chamar socorro.

Ao cabo de uma hora, Varia, a cunhada de Vronsky, chegou, e com a ajuda de três médicos que mandara vir, conseguiu deitar o ferido, de quem ficou sendo a enfermeira.

Capítulo 19

Alexei Alexandrovich não tinha previsto o caso de que a mulher, depois de ter obtido o seu perdão, se restabelecesse. Esse erro apareceu-lhe com toda a sua gravidade depois da sua volta de Moscovo, mas se o tinha cometido não era porque tivesse até então desprezado o seu próprio coração.

Junto do leito de sua mulher moribunda entregara-se pela primeira vez na sua vida a esse sentimento de comiseração pelas dores de outrem, contra o que ele sempre lutara como se luta contra uma fraqueza perigosa. Os remorsos de ter desejado a morte de Ana, a piedade que ela lhe inspirava, e por cima de tudo a própria felicidade do perdão tinham transformado as angústias morais de Alexei Alexandrovich numa paz profunda e mudado uma fonte de sofrimentos numa fonte de alegria; tudo o que ele julgara inexplicável na sua cólera e no seu ódio se tornava claro e simples, agora que amava e perdoava.

Tinha perdoado a sua mulher e lastimava-a; depois do ato de desespero de Vronsky, também o lastimava a ele. O filho de que se censurava não ter tido cuidado causava-lhe dó, e quanto à recém-nascida, o que ele experimentava por ela era mais do que dó, era quase ternura. Vendo esse pequenino ser débil, desprezado durante a doença da mãe, ocupara-se dele, tinha-o impedido de morrer e, sem o duvidar, ligara-se a ele. A aia e a ama viam-no entrar muitas vezes por dia no quarto das crianças e, ao princípio intimidadas, pouco a pouco tinham-se habituado à sua presença. Às vezes ficava durante uma meia hora a contemplar o rosto vermelho e disforme da filha que não era sua, seguindo-lhe os movimentos da fronte enrugada, vendo-a esfregar os olhos com as costas das suas mãozitas de dedos curvos; e nesses momentos Alexei Alexandrovich sentia-se tranquilo, em paz consigo próprio e nada de anormal via na sua situação, nada que o levasse a sentir a necessidade de mudar.

E, contudo, quanto mais avançava, mais notava que lhe não permitiam

contentar-se com esta situação, que lhe parecia natural e que ninguém a admitia.

Fora da força moral, quase santa, que o guiava interiormente, sentia a existência de uma outra força brutal, mas poderosa, que dirigia a sua vida contra sua vontade, e que lhe não concedia a paz. Todos à volta dele pareciam interrogar a sua atitude, não a compreendiam e esperavam da sua parte alguma coisa diferente.

Quanto às suas relações com a mulher, faltava-lhe a naturalidade e a estabilidade.

Quando o enternecimento causado pela aproximação da morte cessou, Alexei Alexandrovich notou quanto Ana o receava, tentando a sua presença sem se atrever a olhá-lo de frente; parecia perseguida sempre por um pensamento que não ousava exprimir; é que ela também pressentia a curta duração das relações atuais e, sem saber porquê, esperava alguma coisa do marido.

Pelos fins de fevereiro a pequenita, a quem tinham dado o nome da mãe, Ana, caiu doente. Alexei Alexandrovich tinha-a visto numa manhã antes de ir para o ministério e mandara chamar o médico; ao voltar às quatro horas, viu na antecâmara um criado fardado, segurando no braço um abafo forrado de branco.

— Quem está cá? — perguntou.

— A princesa Elisabeth Fedorovna Tverskoi — respondeu o criado, e Alexei Alexandrovich julgou notar que ele sorria.

Durante todo este terrível período, Alexei Alexandrovich notara um interesse muito particular por ele e pela mulher da parte das suas relações mundanas, principalmente femininas. Notava em todos esse mesmo ar alegre, tão mal dissimulado nos olhos do advogado, e que tornava a achar nos olhos do criado. Quando o encontravam e lhe perguntavam notícias da sua saúde, faziam-no com uma espécie de satisfação aparente; os seus interlocutores pareciam-lhe todos encantados, como se fossem casar alguém.

A presença da princesa não podia ser agradável a Karenine; nunca gostara dela porque lhe trazia à memória recordações penosas; por isso entrou logo no quarto das crianças.

Na primeira casa Sergei, deitado em cima da mesa e em pé sobre uma cadeira, desenhava cantarolando alegremente. A governanta inglesa, que tinha substituído a francesa pouco depois da doença de Ana, estava sentada

ao pé dele, com uma obra de croché na mão; mal viu entrar Karenine, levantou-se, fez uma reverência e pôs Sergei no chão.

Alexei Alexandrovich acariciou a cabeça do filho, respondeu às perguntas da governanta sobre a saúde da senhora e perguntou a opinião do doutor sobre o estado do bebé.

— O doutor não achou nada de mau; receitou banhos.

— No entanto ela sofre — disse Alexei Alexandrovich ouvindo os gritos da criança no quarto vizinho.

— Eu creio que a ama não é boa — respondeu a inglesa com um ar convencido.

— O que é que lhe faz supor isso?

— Vi-o em casa da condessa Pahl. Tratava-se a criança com medicamentos, enquanto ela sofria simplesmente de fome; a ama não tinha leite.

Alexei Alexandrovich refletiu e, ao cabo de alguns instantes, entrou no quarto. A criancita gritava, deitada nos braços da ama, com a cabeça pendente, recusando o seio, e sem se deixar acalmar pelas duas mulheres inclinadas sobre ela.

— Isso não vai melhor? — perguntou Alexei Alexandrovich.

— Está muito agitada — respondeu a meia voz a aia.

— Miss Edwards julga que a ama não tem leite — disse ele.

— Também eu o creio, Alexei Alexandrovich.

— Porque o não disseram?

— Mas a quem? Ana Arcadievna tem estado sempre doente — respondeu a aia com um ar descontente.

A aia estava já há muito na casa e estas simples palavras chocaram Karenine como uma referência à sua posição.

A criança cada vez gritava mais forte, perdendo a respiração e enrolando-se. A aia fez um gesto desolado, pegou na criança do colo da ama e embalou-a para a sossegar.

— É preciso dizer ao doutor para examinar a ama — disse Alexei Alexandrovich.

A ama, uma mulher de boa aparência, elegantemente vestida, aterrorizada por perder o lugar, sorriu desdenhosamente resmungando umas palavras e tapando o peito à ideia de que pudessem suspeitar da sua falta de leite. Esse sorriso pareceu igualmente irónico a Alexei Alexandrovich.

Sentou-se numa cadeira, triste e acabrunhado, seguindo com os olhos a aia, que continuava a passear a criança. Quando a colocou no berço, tendo-lhe arranjado o travesseirito, e se afastou, Alexei Alexandrovich levantou-se e por seu turno aproximou-se em bicos de pés da cama da criança; olhou-a silenciosamente e de repente um sorriso lhe desenrugou a fronte. Depois saiu mansamente.

Entrando na casa de jantar tocou a campainha e mandou de novo chamar o médico. Descontente por ver a mulher ocupar-se tão pouco dessa encantadora criança não queria ir ao quarto dela, e também para não encontrar a princesa Betsy; mas a mulher podia admirar-se de que ele lá não fosse segundo o seu costume e por isso violentou os seus sentimentos e dirigiu-se para a porta. A seguinte conversa chegou-lhe aos ouvidos, enquanto se aproximava da porta; um espesso tapete tinha-lhe abafado o ruído dos passos.

— Se ele não partisse, compreendia a sua recusa e a dele. Mas seu marido deve estar superior a isso — dizia Betsy.

— Não se trata de meu marido, mas de mim! Não falemos mais disso! — respondia a voz comovida de Ana.

— No entanto não pode deixar de desejar ver aquele que se quis matar por sua causa...

— É exatamente por isso que eu não quero tornar a vê-lo.

Karenine deteve-se cheio de terror, como um culpado; teria querido afastar-se sem ser ouvido, mas refletindo que esta fuga era sem dignidade, continuou o seu caminho tossindo; as vozes calaram-se e entrou no quarto.

Ana em roupão escuro, com os cabelos pretos cortados, estava sentada numa poltrona. Toda a sua animação desapareceu, como de ordinário, à vista do marido; baixou a cabeça e lançou um olhar inquieto para Betsy; esta, vestida à última moda, com um chapéu pequeno colocado no alto da cabeça, como um abat-jour sobre uma lâmpada, com um vestido cor de peito de rola, enfeitado com vieses de uma cor mais escura sobre o corpete e a saia, estava ao lado de Ana. Tinha o tronco chato tão direito quando podia e acolheu Alexei Alexandrovich com um cumprimento acompanhado de um sorriso irónico.

— Ah! — fez ela com ar espantado. — Estou encantada por o encontrar em sua casa. O senhor não se vê em parte alguma e não o tornei a ver desde a doença de Ana. Tenho sabido por outros das suas contrariedades! Sim, o

senhor é um marido extraordinário!

E lançou-lhe um olhar que devia ser equivalente a uma recompensa para Karenine pela sua conduta para com a mulher. Alexei Alexandrovich cumprimentou friamente e, beijando a mão da mulher, inquiriu da sua saúde.

— Parece-me que vou melhor — respondeu ela evitando-lhe o olhar.

— No entanto tem uma animação *febril* — disse ele acentuando bem a última palavra.

— Falámos muito — disse Betsy. — Bem vejo que é um egoísmo da minha parte e por isso vou-me embora.

Levantou-se, mas Ana, tornando-se vermelha, reteve-a vivamente pelo braço.

— Não, fique, peço-lhe. Devo dizer-lhe... — e voltou-se para o marido com o pescoço e o rosto coberto de uma viva vermelhidão. — Não posso, nem quero esconder-lhe...

Alexei Alexandrovich baixou a cabeça fazendo estalar os dedos.

— Betsy disse-me que o conde Vronsky desejava vir a nossa casa antes da sua partida para Tashkende para se despedir.

Falava muito depressa, sem olhar o marido, desejosa de acabar.

— Respondi que o não podia receber.

— Não, a minha querida respondeu-me que isso dependia de Alexei Alexandrovich — emendou Betsy.

— Mas não, eu não o posso receber e isso não levaria... — Deteve-se interrogando o marido com o olhar; ele tinha voltado a cabeça. — Numa palavra, não quero.

Alexei Alexandrovich aproximou-se dela e fez um gesto de lhe tomar a mão. O primeiro movimento de Ana foi para retirar a mão da de seu marido, mas dominou-se e apertou-lha.

— Agradeço-lhe a sua confiança... — começou ele; mas olhando a princesa, interrompeu-se.

O que ele podia julgar e decidir facilmente, entregue à sua própria consciência, tornava-se-lhe impossível na presença de Betsy, que incarnava para ele essa força brutal independente da sua vontade e no entanto senhora da sua vida; diante dela não podia experimentar nenhum sentimento generoso.

— Então adeus, minha querida! — disse Betsy levantando-se. Beijou Ana e saiu. Karenine acompanhou-a.

— Alexei Alexandrovich — disse Betsy parando no meio do *boudoir* para lhe apertar mais uma vez a mão de um modo significativo — conheço-o como um homem sinceramente generoso e estimo-o e amo-o tanto que me permito um conselho, embora eu seja desinteressada na questão. Receba-o; Alexei Vronsky é a honra em pessoa e vai partir para Tashkende.

— Estou-lhe muito reconhecido pela sua simpatia e pelo seu conselho, princesa. O principal é saber se a minha mulher pode ou quer receber alguém, o que ela resolverá.

Pronunciou estas palavras com dignidade, franzindo as sobrancelhas como habitualmente; mas imediatamente sentiu que fossem quais fossem as suas palavras, a dignidade era incompatível com a situação que lhe era criada. O sorriso irónico e mau com que Betsy acolheu a sua frase provavam-no suficientemente.

Capítulo 20

Depois de se ter despedido de Betsy, Alexei Alexandrovich entrou no quarto da mulher; esta estava estendida sobre uma chaise-longue, mas, ouvindo voltar o marido, levantou-se precipitadamente e olhou-o com um ar admirado. Ele notou que ela tinha chorado.

— Estou-te muito reconhecido pela tua confiança — disse ele suavemente, repetindo em russo a resposta que dera em francês diante de Betsy. (Esta maneira de tratar Ana por tu em russo irritava-a.) — Estou muito reconhecido pela tua resolução porque, como tu, penso que desde o momento que o conde de Vronsky parte não há necessidade nenhuma de o receber aqui. De resto...

— Mas se já o disse, para que serve estar a repeti-lo? — interrompeu Ana com uma irritação que não pôde dominar. E para si pensou: *Não há nenhuma necessidade para um homem que se quis matar de dizer adeus à mulher que ama e que pelo seu lado não pode viver sem ele!*

Apertou vivamente os lábios e baixou o olhar brilhante sobre as mãos de veias inchadas do marido, que as esfregava lentamente uma de encontro à outra.

— Não falemos mais disso — ajuntou ela mais sossegada.

— Deixei-te plena liberdade de decidir essa questão e sinto-me feliz por ver... — recomeçou Alexei Alexandrovich.

— Que os meus desejos sejam conformes com os seus — acabou rapidamente Ana, agastada por ouvir falar tão lentamente quando ela sabia de antemão tudo o que ele ia dizer.

— Sim — confirmou ele — e a princesa Tverskoi fez muito mal em se intrometer em negócios desagradáveis de família, ela que...

— Eu não acredito em nada do que se conta — disse Ana. — Só sei que ela me ama sinceramente.

Alexei Alexandrovich deu um suspiro e calou-se; Ana eslava brincando

nervosamente com os cordões do roupão e olhava-o de tempos a tempos com esse sentimento de repulsão física de que se acusava, mas sem o poder vencer. Tudo o que ela desejava nesse momento era ver-se desembaraçada da sua presença.

— Acabo de mandar chamar o doutor — disse Karenine.

— Para quê? Sinto-me bem.

— É para a pequenita, que grita muito; julgam que é a ama que tem pouco leite.

— Porque não me deixaste amamentá-la quando eu pedi que me deixassem experimentar? Apesar de tudo — Alexei Alexandrovich compreendeu o que ela queria dizer com o *apesar de tudo* — é uma criança, que se deixará morrer.

Tocou a campainha e mandou trazer a pequenita.

— Eu quis amamentá-la, não me deixaram e agora censuram-me.

— Eu não censuro nada...

— Não, não censura! Oh, meu Deus, porque não morri eu! Perdoa-me, estou nervosa, injusta — disse ela procurando dominar-se. — Mas vai-te.

— Não, isto não pode continuar assim — disse Alexei Alexandrovich saindo do quarto da mulher.

Nunca se sentira tão vivamente tocado pela impossibilidade de prolongar aos olhos do mundo uma tal situação; nunca a repulsão de sua mulher e o poder dessa força misteriosa que se apossara da sua vida para a dirigir em contradição com as necessidades da sua alma lhe tinham aparecido com essa evidência!

O mundo e sua mulher exigiam dele uma coisa que ele não compreendia bem, mas essa coisa acordava no seu coração sentimentos de ódio que lhe perturbavam o repouso e destruíam o mérito da sua vitória sobre si próprio. Ana, segundo ele, devia romper com Vronsky, mas se toda a gente julgasse essa rutura impossível, estava pronto a tolerar a sua ligação com a condição de não desonrar os filhos e de não transtornar a sua própria existência.

Era um mal, mas menor do que votar Ana a uma posição vergonhosa e sem saída, do que privá-lo a ele de tudo o que amava. Mas sentia a sua impotência nesta luta e sabia de antemão que o impediriam de proceder prudentemente para o obrigar a fazer o mal que toda a gente julgasse necessário.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 21

Betsy não saíra ainda da casa de jantar quando Stepane Arcadievitch apareceu à porta. Vinha de casa de Eliseef, onde havia ostras frescas.

— A princesa por aqui! Que encantador encontro! Venho de sua casa.

— O encontro não será demorado; vou-me embora — respondeu Betsy sorrindo, enquanto ia abotoando as luvas.

— Um momento, princesa, permita que lhe beije a mão antes de a enluvar. Nada me agrada tanto dos antigos costumes como beijar a mão às damas.

E agarrou na mão de Betsy.

— Quando nos tornaremos a ver?

— O senhor não é digno — respondeu Betsy rindo-se.

— O quê? Porque me torno um homem sério; não somente trato dos meus negócios, mas ainda dos negócios dos outros — disse ele com importância.

— Na verdade? Estou encantada — respondeu Betsy compreendendo que se tratava de Ana.

E entrando na sala de jantar, arrastou Oblonsky para um canto.

— Vai ver que ele a matará — murmurou ela com um ar convencido. — É impossível obstar a isso.

— Muito estimo que pense assim — respondeu Stepane Arcadievitch inclinando a cabeça numa comiseração simpática. — É por isso que estou em S. Petersburgo.

— A cidade inteira só fala disso — disse ela — esta situação é intolerável. Ela emagrece a olhos vistos, porque ele não compreende que é uma dessas mulheres cujos sentimentos não podem ser tratados à ligeira. Das duas coisas uma: ou deve levá-la e proceder energicamente ou então divorciar-se. Mas o estado atual mata-a.

— Sim... sim... exatamente — suspirou Oblonsky. — Vim por causa

disso, isto é, não foi bem. Vim por causa de ter sido nomeado camarista e preciso agradecer; mas o essencial é arranjar estes negócios.

— Que Deus o ajude! — disse Betsy.

Stepane Arcadievitch acompanhou a princesa até ao vestíbulo, beijou-lhe ainda a mão por cima da luva, no pulso, e depois de lhe ter dito uma graça com que ela se riu a fim de se não zangar, deixou-a para ir ver a irmã.

Ana estava a chorar e Stepane Arcadievitch, apesar da sua boa disposição, passou naturalmente da alegria mais exuberante ao tom de enternecimento poético que convinha à disposição de espírito da irmã. Perguntou-lhe como estava e como tinha passado o dia.

— Muito mal! Muito mal! De noite como de manhã, no passado como no futuro, tudo vai mal — respondeu ela.

— Tu vês as coisas muito negras. É preciso tomar coragem, olhar a vida bem de frente. É difícil, bem sei, mas...

— Tenho ouvido dizer que há certas mulheres que gostam daqueles que as desprezam — começou Ana abruptamente. — Eu odeio-o por causa da sua generosidade. Não posso viver com ele. Compreendes-me, é um estado físico que me põe fora de mim. Já não posso viver com ele! Que é preciso que eu faça? Tenho sido infeliz, acrescentei que não se podia ser mais, mas isto ultrapassa tudo o que pude imaginar. Concebe-se que, sabendo-o bom, perfeito, e sentindo toda a minha inferioridade, eu não obstante o odiasse? Só me resta...

Ela queria ajuntar «morrer», mas o irmão não a deixou acabar.

— Tu estás doente e nervosa, e por isso vês tudo com exagero. Não há nada de terrível.

E Stepane Arcadievitch, diante de um desespero tal, sorria sem parecer grosseiro; o seu sorriso era tão cheio de bondade e de uma meiguice tão feminina que, longe de irritar, acalmava e enternecia; as suas palavras obravam à maneira de uma loção de óleo de amêndoas doces. Ana experimentou-lhe bem depressa o efeito.

— Não, Stiva — disse ela — estou perdida, perdida! Sinto-me mais perdida, porque não posso dizer ainda que tudo acabou. Bem sinto, ai de mim, o contrário. Faz-me o efeito de uma corda muito tensa que necessariamente deve quebrar. Mas o fim ainda não veio e será terrível!

— Não, não, a corda pode alargar-se suavemente. Não existe situação nenhuma que não tenha uma saída qualquer.

— Tenho pensado e tornado a pensar e só vejo uma...

Ele compreendeu, pelo seu olhar desvairado, que só via, como saída, a morte e interrompeu-a.

— Não, escuta-me. Tu não podes julgar a tua posição como eu. Deixa-me dizer-te francamente a minha opinião. — E sorriu com precaução com o seu riso untuoso. — Vejamos as coisas do princípio; tu casaste com um homem mais velho do que tu vinte anos e casaste sem amor, ou pelo menos sem conhecer o amor. Foi um erro, convenho.

— Um erro terrível! — disse Ana.

— Mas repito-o, é um facto consumado. Tiveste em seguida a desgraça de amar um outro, que não teu marido; foi também uma desgraça, mas é igualmente um facto consumado. Teu marido soube-o e perdoou-te. — Depois de cada frase calava-se, como para lhe dar tempo para a réplica, mas ela calava-se também. — Agora a questão está posta assim: podes tu continuar a viver com teu marido? Deseja-lo? Deseja-o ele?

— Eu não sei nada, absolutamente nada.

— Tu acabaste de dizer que não podias aturá-lo...

— Não, eu não disse isso. Nego-o. Eu não sei e não compreendo nada.

— Mas...

— Tu não podes compreender. Eu precipitei-me de cabeça para baixo num abismo e não me *devo* salvar. Não o *posso.*

— Verás que nós te havemos de impedir de cair e de te matares. Compreendo-te. Sinto que tu não podes exprimir os teus sentimentos, os teus desejos.

— Eu não desejo nada, nada, a não ser que tudo isto acabasse.

— Crês tu que ele não percebe? Julgas que ele também não sofre? E que pode resultar de todas estas torturas? O divórcio pelo contrário resolveria tudo.

Stepane Arcadievitch não tinha acabado sem custo; depois da sua ideia enunciado olhou para Ana para observar o efeito.

Ela sacudiu a cabeça negativamente sem responder, mas o rosto radiou-lhe um instante num clarão de beleza e ele concluiu que se ela não exprimia o seu desejo, não era porque a realização lhe não parecesse muito sedutora.

— Fazem-me um dó imenso! Como ficaria feliz arranjando tudo! — disse Stepane Arcadievitch sorrindo com mais confiança. — Não digas nada. Se Deus me permitisse exprimir tudo o que sinto! Vou procurá-lo.

Ana olhou-o com os seus olhos brilhantes e pensativos e não respondeu.

PERIGOSAS

Capítulo 22

Stepane Arcadievitch entrou no gabinete do cunhado com o rosto solene que ele procurava tomar quando presidia à sessão do seu conselho. Karenine, com os braços atrás das costas, andava a passear de um lado para o outro do quarto, refletindo no mesmo assunto que a mulher e o irmão.

— Não te incomodo? — perguntou Stepane Arcadievitch subitamente perturbado à vista de Karenine; e para dissimular essa perturbação, tirou da algibeira uma cigarreira comprada de novo, abriu-a e tirou um cigarro.

— Não. Precisas de alguma coisa? — perguntou Alexei Alexandrovich sem pressa.

— Sim... desejava... queria... sim, queria conversar contigo — disse Stepane Arcadievitch espantado por se sentir intimidado.

Esse sentimento pareceu lhe tão estranho, tão inesperado, que não reconheceu a voz da consciência dissuadindo-o de uma má ação; e dominando essa impressão, disse-lhe corando:

— Tinha vontade de te falar de minha irmã e da vossa situação.

Alexei Alexandrovich sorriu com tristeza, olhou para o cunhado e, sem lhe responder, aproximou-se da mesa e agarrou uma carta começada que lhe deu.

— Não cesso de pensar nisso. Eis o que tentei dizer-lhe, pensando que me exprimiria melhor por escrito, porque a minha presença torna-a irritável — disse ele dando-lhe a carta.

Stepane Arcadievitch agarrou no papel, olhou com admiração os olhos ternos do cunhado fixos sobre ele e depois leu:

> *Bem sei quanto a minha presença lhe é desagradável; por mais doloroso que me seja reconhecê-lo, constato-o e sinto que não podia ser de outro modo. Não a censuro por isso. Deus é testemunha de que durante a sua doença resolvi esquecer o passado e começar uma*

nova vida. Não me arrependo nem nunca me arrependerei do que fiz então; era a sua saúde, a saúde da sua alma, que eu desejava; não o consegui. Diga-me a senhora mesmo o que lhe trará o repouso e a felicidade, e de antemão me submeto ao sentimento de justiça que a guiar.

Oblonsky entregou a carta ao cunhado e continuou a considerá-lo com perplexidade, sem achar uma palavra para dizer. Esse silêncio era tão doloroso que os lábios de Stepane Arcadievitch tremiam convulsivamente enquanto olhava fixamente Karenine.

— Compreendo-os — acabou por balbuciar.

— O que quer ela? É o que eu desejaria saber.

— Receio que nem ela mesmo o saiba. Ela não é o juiz da questão — disse Stepane Arcadievitch procurando sossegar. — Ela está esmagada, literalmente esmagada, pela tua grandeza de alma; se ela lê a tua carta, será incapaz de responder e só poderá curvar a cabeça ainda mais.

— Mas então que fazer? Como nos explicarmos? Como conhecer os seus desejos?

— Se me permites manifestar-te a minha opinião, é a ti que compete indicar claramente as medidas que julgas necessárias para acabar de vez com esta situação.

— Por consequência achas que é preciso acabar de vez? — interrompeu Karenine. — Mas como? — ajuntou passando a mão pelos olhos num gesto que lhe não era habitual. — Não vejo saída possível.

— Toda a situação, por mais dolorosa que seja, tem uma — disse Oblonsky levantando-se e enchendo-se pouco a pouco de ânimo. — Tu dantes falavas em divórcio... Se estás convencido de que não há felicidade comum possível entre ambos...

— A felicidade pode ser compreendida de maneiras diferentes! Admitamos que consinto em tudo; como sairemos disto?

— Se queres a minha opinião... — disse Stepane Arcadievitch com o mesmo sorriso untuoso que empregara com a irmã, e esse sorriso era tão persuasivo que Karenine, abandonando-se à fraqueza que o dominava, ficou disposto a acreditar no cunhado. — Nunca ela dirá o que deseja. Mas há uma coisa que ela pode desejar — continuou Stepane Arcadievitch — é quebrar os laços que não podem lembrar-lhe senão cruéis recordações. Por mim, é

indispensável tornar as vossas relações mais claras e isso não pode ser senão retomando mutuamente a vossa liberdade.

— O divórcio! — interrompeu com desgosto Alexei Alexandrovich.

— Sim, o divórcio — repetiu Stepane Arcadievitch corando. — Sob todos os pontos de vista é o partido mais sensato quando dois esposos se encontram na situação em que ambos estão. Que fazer quando a vida comum se torna intolerável? E isso pode acontecer muitas vezes.

Alexei Alexandrovich deu um profundo suspiro e tapou os olhos com as mãos.

— Só há uma coisa a tomar em consideração: a de saber se um dos dois esposos se quer tornar a casar. Se não, é muito simples — continuou Stepane Arcadievitch cada vez mais livre do seu constrangimento.

Alexei Arcadievitch, com o rosto transtornado pela comoção, murmurou algumas frases ininteligíveis. O que parecia tão simples a Oblonsky tinha-o ele mil vezes pensado e repensado e, em lugar de o achar simples, julgava-o impossível. Agora que as condições do divórcio lhe eram conhecidas, a sua dignidade pessoal, assim como o respeito da religião, defendiam-no de aceitar o odioso de um adultério fictício e ainda mais de votar à desonra uma mulher a quem tinha perdoado.

E de resto no que se tornaria o filho? Deixá-lo à mãe era impossível; essa mãe divorciada ia ter uma nova família, na qual a posição da criança seria intolerável. Que deceção receberia? Conservá-lo consigo era um ato de vingança que lhe repugnava.

Mas acima de tudo o que tornava o divórcio inadmissível a seus olhos era a ideia de que, consentindo nele, contribuiria para a perda de Ana; as palavras de Dolly, em Moscovo, tinham-lhe ficado gravadas na alma: «divorciando-se só pensava nele.» Estas palavras, agora que tinha perdoado e que se ligara mais às crianças, tinha para ele uma significação muito particular. Dar a Ana a sua liberdade era tirar-lhe o último apoio na vida do bem e impeli-la para o abismo. Uma vez divorciada, bem sabia que ela se uniria a Vronsky por laços culpados e ilegais, porque o casamento, segundo a Igreja, só se quebra com a morte.

E quem sabe se ao cabo de um ou dois anos ele não a abandonaria e ela se não iria lançar numa nova ligação?, pensava Alexei Alexandrovich.

Não, o divórcio não era tão simples como o cunhado dizia.

Não admitia, pois, uma palavra do que Stepane Arcadievitch estava

dizendo; tinha cem argumentos para rejeitar tais raciocínios e, contudo, deixava-o falar, sentindo que as suas palavras eram a manifestação dessa força irresistível que lhe dominava a vida e à qual acabaria por se submeter.

— Resta saber em que condições tu consentirás no divórcio, porque ela nada se atreverá a pedir e sujeitar-se à completamente à tua generosidade.

Porquê tudo isto, meu Deus?, pensou Alexei Alexandrovich; e cobriu o rosto com as duas mãos, como o fizera Vronsky.

— Estás comovido, compreendo-o, mas se tu refletisses...

E se te esbofetearem do lado esquerdo, apresenta a face direita e se te roubarem o teu capote, dá ainda o teu casaco, pensava Alexei Alexandrovich.

— Sim, sim! — exclamou ele numa voz quase gritada. — Eu tomo a vergonha para mim, renunciando mesmo ao meu filho... mas não seria melhor deixar tudo isso? Olha, faz o que quiseres.

E afastando-se do cunhado para não ser visto por ele, sentou-se junto da janela. Estava humilhado, cheio de vergonha e no entanto feliz por se sentir moralmente acima de toda a humilhação.

Perturbado, Stepane Arcadievitch calava-se.

— Alexei Alexandrovich, creio bem que ela apreciará a tua generosidade. Era esta sem dúvida a vontade de Deus — ajuntou. Mas sentindo logo que dissera uma tolice, susteve a custo um sorriso.

Alexei Alexandrovich quis responder, mas as lágrimas impediram-no.

Quando Oblonsky deixou o gabinete do cunhado, estava sinceramente comovido, o que o não impedia de se sentir encantado por ter arranjado este assunto; a esta satisfação ajuntara-se a ideia de um calembur, que contava apresentar à mulher e aos amigos íntimos.

Qual é a diferença que há entre mim e um marechal de campo? Ou que semelhança há entre um marechal e eu? Vou ver isto, pensou sorrindo.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 23

A ferida de Vronsky era perigosa apesar de não ter atingido o coração, e durante muitos dias esteve entre a vida e a morte. Quando pela primeira vez se encontrou em estado de poder falar, a cunhada Varia estava no seu quarto.

— Varia — disse-lhe ele olhando-a com seriedade. — Eu feri-me involuntariamente. Di-lo a toda a gente; senão seria muito ridículo.

Varia inclinou-se para ele sem responder, examinando-lhe o rosto com um sorriso de felicidade; os olhos do ferido já não estavam febris, mas a sua expressão era severa.

— Obrigada, meu Deus! — respondeu ela. — Já não sofres?

— Um pouco deste lado — disse ele apontando o peito.

— Deixa-me mudar o penso.

Ele esteve-a vendo fazer-lhe o penso e quando ela acabou disse-lhe:

— Sabes, eu já não tenho delírio; arranja de maneira, suplico-te, que se não diga que dei em mim um tiro para me matar.

— Ninguém o diz. Contudo espero que renuncies a atirar sobre ti acidentalmente — disse ela com um sorriso interrogador.

— Provavelmente, mas melhor teria sido...

E sorriu com um ar sombrio.

Apesar destas palavras Vronsky, quando ficou livre de perigo, teve o sentimento de que se livrara de uma parte dos seus sofrimentos. De algum modo se lavara da sua vergonha e da sua humilhação; daí para o futuro poderia pensar com calma em Alexei Alexandrovich, reconhecer a sua grandeza de alma sem se sentir esmagado. Podia além disso retomar a sua existência habitual, olhar as pessoas de frente, voltar aos princípios dirigentes da sua vida; o que ele não conseguia arrancar do coração, apesar de todos os seus esforços, era a dor, vizinha do desespero, de ter perdido Ana para sempre, porque estava firmemente resolvido, agora que expiara a sua falta para com Karenine, a não se colocar entre a esposa arrependida e o marido.

Mas a dor não se podia desvanecer, porque a recordação dos instantes de felicidade muito pouco apreciados outrora o perseguiam sem cessar com o seu encanto. Serpouhovskoi imaginou arranjar-lhe uma missão em Tashkende e Vronsky aceitou esta proposta sem a menor hesitação. Mas quanto mais se aproximava o momento da partida, mais o sacrifício que ia fazer ao dever lhe parecia cruel.

Tornar a vê-la ainda uma vez, depois desterrar-me, morrer, pensou, e fazendo a sua visita de despedida a Betsy exprimiu-lhe esse desejo.

Esta partiu logo como embaixatriz para junto de Ana, mas trouxe uma recusa.

Tanto melhor, pensou Vronsky, recebendo esta resposta. *Essa fraqueza ter-me-ia custado as minhas últimas forças.*

No dia seguinte de manhã Betsy foi a casa dele anunciando-lhe que soubera por Oblonsky que Alexei Alexandrovich consentia no divórcio e que, por consequência, já nada impedia Vronsky de ver Ana.

Sem pensar mais nas suas resoluções, sem se informar do momento em que poderia tornar a vê-la, nem onde se encontrava o marido, esquecendo-se até de acompanhar Betsy, Vronsky correu a casa dos Karenine. Galgou a escada, entrou precipitadamente, atravessou quase a correr as casas, entrou no quarto de Ana e, sem mesmo reparar se a presença de um terceiro não o devia fazer deter, tomou-a nos braços e cobriu-lhe de beijos as mãos, o rosto e o pescoço.

Ana estava preparada para o tornar a ver e pensara no que lhe havia de dizer; mas não teve tempo de falar; a paixão de Vronsky exaltava-a. Teria querido acalmá-lo, acalmar-se a si própria, mas não era possível; os lábios tremiam-lhe e durante muito tempo não pôde dizer nada.

— Sim, conquistaste-me, sou tua — pôde ela enfim dizer apertando a mão de Vronsky de encontro ao peito.

— Assim devia ser e enquanto nós vivermos, será assim; sei-o bem.

— É verdade — respondeu ela empalidecendo cada vez mais, mas sempre rodeando a cabeça de Vronsky com os braços. — No entanto o que nos está acontecendo, depois do que se passou, tem alguma coisa de terrível.

— Tudo se esquecerá, vamos ser tão felizes! Se o nosso amor tivesse necessidade de aumentar, aumentaria porque tem qualquer coisa de terrível — disse ele levantando a cabeça e mostrando os dentes brancos num sorriso.

Ela só lhe pôde responder com um olhar dos seus olhos amantes; depois

agarrando-lhe a mão, acariciou com ela o seu rosto e os seus pobres cabelos cortados.

— Já não te conheço com os teus cabelos curtos. Estás muito bonita! Um rapazito! Mas como estás pálida!

— Sim, ainda estou muito fraca — respondeu ela sorrindo; e os lábios recomeçaram a tremer.

— Iremos a Itália e restabelecer-te-ás.

— Será possível que nós possamos andar como marido e mulher, sós os dois? — disse ela olhando-o nos olhos.

— Só uma coisa me admira: é que isso não tenha sido sempre assim.

— Stiva disse que *ele* consente em tudo, mas eu não aceito a sua generosidade — disse ela olhando por sobre a cabeça de Vronsky com um ar pensativo. — Não quero saber do divórcio. Somente quero saber o que ele decidirá com relação a Sergei.

Como no primeiro momento das suas relações podia ela pensar no filho e no divórcio? Vronsky não compreendia nada.

— Não fales disso, não penses nisso — disse ele apertando as mãos de Ana nas suas para lhe chamar a atenção; mas ela não o olhava.

— Ah, porque não morri eu, seria bem melhor! — disse ela e as lágrimas corriam-lhe pelo rosto; contudo procurou sorrir para o não afligir.

Antes disto Vronsky teria julgado impossível subtrair-se à boa, e ao mesmo tempo perigosa, comissão de Tashkende; agora, sem nenhuma hesitação, recusou-a. Mas vendo que a sua recusa era mal interpretada nas altas regiões, pediu a demissão.

Um mês depois Alexei Alexandrovich ficou só na casa com o filho e Ana partiu com Vronsky para o estrangeiro, recusando o divórcio.

Parte 5

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 1

A princesa Cherbatzky julgava impossível poder realizar-se o casamento antes da Páscoa por causa do enxoval, de que metade só podia estar acabado até lá, isto é, dentro de cinco semanas; no entanto convinha em que se arriscavam a serem demorados por um luto, se se esperasse até à Páscoa, porque uma velha tia do príncipe estava muito doente. Arranjaram então um meio termo, decidindo que o casamento teria lugar antes da quaresma, mas que uma parte do enxoval se receberia imediatamente e o resto depois.

O casal contava partir para o campo logo depois da cerimónia e não necessitava de grande coisa. A princesa indignava-se em achar Levine indiferente a todas essas questões; como se estivesse meio doido, ele continuava a acreditar que a sua felicidade e a sua pessoa eram o centro, o único fim da criação; os seus negócios em nada o preocupavam e entregava-os aos cuidados dos amigos persuadido de que eles arranjariam tudo pelo melhor.

Seu irmão Sergei, Stepane Arcadievitch e a princesa dirigiam-no à sua vontade; ele contentava-se em aceitar o que lhe propunham.

O irmão emprestou-lhe o dinheiro de que ele precisava; a princesa aconselhou-o a deixar Moscovo depois do casamento; Stepane Arcadievitch foi de opinião de que uma viagem ao estrangeiro seria conveniente. Ele consentia sempre.

Mandem o que quiserem, pensou ele, *sou feliz e decidam o que decidirem, a minha felicidade não será nem maior nem mais pequena.*

Mas quando deu parte a Kitty da ideia de Stepane Arcadievitch, viu com espanto que ela não aprovava esse projeto e que tinha planos de futuro bem determinados. Ela sabia que Levine tinha interesses grandes na sua casa, na terra e negócios que ela não compreendia, nem procurava compreender, mas que, no entanto, lhe pareciam muito importantes; por isso não queria uma viagem ao estrangeiro, mas ir instalar-se na sua verdadeira residência.

Essa decisão bem assente surpreendeu Levine e, sempre indiferente aos pormenores, pediu a Stepane Arcadievitch para presidir, com o bom gosto que o caracterizava, aos embelezamentos da sua casa de Pakrofsky. Isso parecia-lhe entrar nas atribuições do amigo.

— A propósito — disse um dia Stepane Arcadievitch depois de ter organizado tudo no campo — tens o teu bilhete de confissão?

— Não, porquê?

— Não se pode casar sem isso.

— Ai, ai! — exclamou Levine. — Mas se há nove anos que não me confesso! Nunca pensei nisso!

— Está bonito! — disse rindo Stepane Arcadievitch. — E é a mim que tratas de niilista! Mas isso não pode passar assim; é preciso que faças as tuas devoções.

— Quando? Só temos quatro dias!

Stepane Arcadievitch arranjou esse caso, como outros, e Levine começou as suas devoções. Incrédulo a seu modo, não deixava de respeitar menos a fé dos outros e achava duro assistir e participar a cerimónias religiosas sem acreditar nelas. Na sua disposição de espírito terna e sentimental, a obrigação de dissimular era-lhe odiosa.

— O quê? — Brincar com as coisas santas, sentir quando o seu coração desabrochava, quando se sentia em plena glória? Era possível?

Mas por mais que fizesse para persuadir Stepane Arcadievitch para que descobrisse um meio de lhe obter um bilhete sem que fosse obrigado a confessar-se, este ficou inflexível.

— O que é que isso te faz? Dois dias passam depressa e terás de tratar com um bom velhote, que te arrancará esse dente sem dor.

Durante a primeira missa a que assistiu, Levine fez esforços para se lembrar das impressões religiosas da sua juventude e que entre os dezasseis e dezassete anos tinham sido muito vivas; mas não o conseguiu. Então pôs-se a considerar as formas religiosas, como um uso antigo, vazio de sentido, pouco mais ou menos como o hábito de fazer visitas; mas não o conseguiu também porque, assim como a maior parte dos seus contemporâneos, estava absolutamente em branco sob o ponto de vista religioso e, incapaz de crer, era-o igualmente para duvidar por completo. Essa confusão de sentimentos causou-lhe vergonha e deu-lhe uma pressa extrema durante o tempo consagrado às suas devoções; agir sem compreender era uma ação má e

mentirosa, gritava-lhe a consciência.

Para não estar em contradição muito flagrante com as suas convicções, procurou atribuir um sentido qualquer ao serviço divino com os seus diferentes ritos, mas notando que criticava em lugar de compreender, esforçou-se por não escutar e por se absorver nos pensamentos íntimos que o invadiam durante as suas longas estações na igreja. A missa, as vésperas e as orações da tarde passavam-se assim.

No dia seguinte pela manhã levantou-se cedo e veio em jejum pelas oito horas para as orações da manhã e para a confissão! A igreja estava deserta; só viu um soldado, que estava a pedir, duas mulheres velhas e os empregados.

Um jovem diácono veio ao seu encontro; as suas costas compridas e magras desenhavam-se em duas metades bem nítidas sob a sotaina apertada; aproximou-se de uma mesinha junto da parede e começou a leitura das orações. Levine, de pé por detrás dele, ouvia o repetir à pressa numa voz monótona as palavras: «Senhor tende piedade de nós». Com um *refrain,* procurou defender-se de o escutar e de o julgar para não interromper os seus próprios pensamentos.

Que expressão que ela tem nas mãos, pensou ele lembrando-se da *soirée* da véspera passada com Kitty num canto do salão junto de uma mesa. A conversa nada tinha tido de palpitante e ela divertia-se a abrir e fechar a mão, apoiando-a sobre a mesa, rindo-se desta criancice. Lembrou-se de ter beijado essa mão e de lhe ter examinado as linhas.

Ainda «tende piedade de nós», pensou Levine fazendo o sinal da cruz e prostrando-se até ao chão, notando sempre os movimentos vagarosos do diácono, que se prostrara diante dele.

Depois tomou-me a mão e por sua vez examinou-a. «Tens uma mão formosa», disse ela.

E pôs-se a olhar para a sua mão e depois para a do diácono de dedos curtos.

Agora deve estar a acabar. Não, olha as orações que recomeçam. Sim, lá se prostra ele por terra; é o fim.

O diácono recebeu um bilhete de três rublos, discretamente metida na mão, e afastou-se rapidamente fazendo ressoar as botas novas sobre as lajes da igreja deserta; desapareceu atrás do altar-mor depois de ter prometido a Levine inscrevê-lo para a confissão.

Ao cabo de um instante reapareceu e fez-lhe sinal. Levine avançou para o

confessionário. Subiu alguns degraus, voltou à direita e viu o padre, um velhote de barba quase branca com o olhar um pouco fatigado, em pé junto da estante, folheando um missal.

Depois de uma ligeira saudação a Levine começou a leitura das orações e depois inclinou-se até ao chão terminando:

— Cristo assiste invisível à sua confissão — disse ele voltando-se para Levine e apontando o crucifixo. — Acredita em tudo o que nos ensina a Santa Igreja Apostólica? — continuou cruzando as mãos debaixo da estola.

— Duvidei e duvido ainda de tudo — disse Levine com uma voz que lhe ressoou desagradavelmente ao ouvido; depois calou-se.

O padre esperou durante alguns segundos, depois fechando os olhos e falando muito depressa disse:

— Duvidar é próprio da fraqueza humana e nós devemos pedir ao Senhor Todo Poderoso para nos fortificar. Quais são os seus principais pecados?

O padre falava sem a menor interrupção e como se tivesse receio de perder tempo.

— O meu pecado principal é a dúvida, que me não abandona; duvido de tudo e quase sempre.

— Duvidar é próprio da fraqueza humana — repetiu o padre, empregando as mesmas palavras. — De que duvida principalmente?

— De tudo. Duvido às vezes até da existência de Deus — disse Levine quase sem querer, assustado com a inconveniência destas palavras. Mas elas não pareceram produzir sobre o padre a impressão que ele receava.

— Que dúvidas pode ter da existência de Deus? — perguntou ele com um sorriso quase impercetível.

Levine calou-se.

— Que dúvida pode ter sobre o Criador quando contempla as suas obras? Quem decorou a abóbada celeste, ornamentou a terra com todas as suas belezas? Como existiriam essas coisas sem o Criador?

E lançou a Levine um olhar interrogador.

Levine sentiu a impossibilidade de uma discussão filosófica com um padre e respondeu à sua última pergunta dizendo;

— Não sei.

— Não sabe? Mas então porque duvida de Deus que criou tudo?

— Não compreendo nada — respondeu Levine corando e sentindo o absurdo das respostas que, no caso presente, não podiam deixar de ser

absurdas.

— Rogue a Deus, recorra a ele; os próprios Padres da Igreja duvidaram e pediram a Deus para fortificar a sua fé. O demónio é poderoso e nós devemos-lhe resistir. Rogue a Deus, rogue a Deus! — repetiu o padre com pressa.

Depois guardou um momento de silêncio, como se estivesse a refletir.

— Dizem-me que o senhor tem a intenção de casar com a filha do meu paroquiano e filho espiritual, o príncipe de Cherbatzky? — ajuntou ele com um sorriso. — É uma menina muito educada.

— Sim — respondeu Levine corando. *Mas que necessidade tem ele de fazer estas perguntas na confissão?*, perguntou para si.

O padre continuou.

— Pensa no casamento e talvez Deus lhe conceda uma descendência. Que educação dará aos seus filhos se não chegar a vencer as tentações do demónio, que lhe sugere a dúvida? Se ama os seus filhos, desejar-lhe-ás não só a riqueza, a abundância e as honrarias, mas também, como bom pai, a salvação da alma e a luz da verdade, não é? Que responderá à inocente criança que lhe perguntar: «Pai, quem criou tudo o que me encanta sobre a terra, a água, o sol, as flores e as plantas?» Responder-lhe-á: «Não sei»? E se a criança lhe perguntar: «O que me espera para além da morte?» Que lhe dirá, se nada sabe? Como lhe responder? Abandoná-la-á às tentações do mundo, ao diabo? Isso não é bom! — disse ele detendo-se e baixando a cabeça de lado para olhar Levine com os seus olhos bons, suaves e modestos.

Levine calou-se, não porque receasse desta vez uma discussão indecorosa, mas porque nunca ninguém lhe fizera umas tais perguntas e porque até que os seus filhos estivessem em estado de lhe fazer essas perguntas, pensava ter tempo suficiente para refletir.

— O senhor aborda uma fase da sua vida — continuou o padre — em que é preciso escolher o seu caminho e manter-se nele. Rogue a Deus que o ajude e o ampare na sua misericórdia. — E para concluir: — Nosso Senhor Deus, Jesus Cristo, te perdoará, meu filho, na sua bondade e generosidade...

E o padre, terminando as fórmulas da absolvição, despediu-o depois de lhe ter dado a bênção.

Levine voltou nesse dia para casa muito satisfeito pela ideia de se ter visto livre de uma situação falsa sem ter sido obrigado a mentir. De resto, de todo esse discurso do velho ficara-lhe a impressão vaga de que, em lugar de

absurdos, ouvira coisas que merecia a pena aprofundar.

Não agora, naturalmente, pensou, *mas mais tarde*.

Levine sentia vivamente nesse momento que havia no âmago das religiões pontos obscuros; no que respeitava à religião, estava exatamente no caso de Sviagesky e de alguns outros, cujas incoerências de opinião o chocavam desagradavelmente.

A noite que Levine passou junto da noiva em casa de Dolly foi muito alegre; comparou-se, falando com Stepane Arcadievitch, a um cão que se amestrava a saltar através de um arco e que, feliz por ter compreendido a lição, queria no meio da sua alegria saltar por cima da mesa e da janela agitando a cauda.

Capítulo 2

A princesa e Dolly observavam à risca os usos estabelecidos; assim não permitiram a Levine que visse a noiva no dia do casamento; por isso ele jantou no hotel com três celibatários reunidos por acaso; eram Katavasov, um antigo colega da Universidade, agora professor de ciências naturais, que Levine encontrara e trouxera para jantar; Tchirikov, o seu pajem de honra, juiz de paz em Moscovo e seu companheiro na caça ao urso, e finalmente Sergei Ivanitch.

O jantar foi muito animado. Sergei Ivanitch estava de bom humor e a originalidade de Katavasov divertiu-o muito; este, vendo-se apreciado, portou-se à altura e Tchirikov sustentou alegremente a conversa.

— Assim, eis o nosso amigo Konstantin Dmitritch! — dizia Katavasov com a sua fala lenta de professor habituado a ouvir-se. — Que bom rapaz que ele era antigamente! Falo dele no passado porque agora já não existe. Ao deixar a Universidade, amava a ciência e tinha interesse pela humanidade; agora emprega metade das suas faculdades em criar ilusões e a outra em dar a essas quimeras uma aparência de razão.

— Nunca encontrei inimigo do casamento mais convencido do que o senhor — disse Sergei Ivanitch.

— Não, eu sou unicamente partidário da divisão do trabalho. Aqueles que não servem para nada são bons para propagar a espécie. Os outros devem contribuir para o desenvolvimento intelectual, para a felicidade dos seus semelhantes. Eis a minha opinião. Sei que há um grande número de pessoas dispostas a confundir esses dois ramos de trabalho; mas eu não sou desse número.

— Como ficaria feliz por saber que estava apaixonado! — exclamou Levine. — Peço-lhe, convide-me para o seu casamento.

— Mas eu já estou apaixonado.

— Sim, pelos moluscos. Sabes — disse Levine voltando-se para o irmão

— Miguel Seminitch está a escrever uma obra sobre a nutrição e...

— Não misture as coisas, peço-lhe! Pouco importa o que estou escrevendo, mas é um facto que gosto de moluscos.

— Mas isso não o impedirá de amar uma mulher.

— Não, seria minha mulher que se oporia ao meu amor pelos moluscos.

— Porquê?

— Vai ver. O senhor neste momento gosta da caça, da agronomia; pois bem, espere e verá.

— Encontrei hoje Archip — disse Tchirikov. — Diz ele que em Prudnov há uma grande quantidade de veados e de ursos.

— Irá caçar sem mim.

— Bem vês — disse Sergei Ivanitch. — Quanto à caça ao urso podes bem dizer-lhe adeus; tua mulher não te deixará mais.

Levine sorriu. A ideia de que sua mulher lhe proibiria a caça pareceu-lhe tão encantadora que de boa vontade teria renunciado ao prazer de nunca mais encontrar um urso.

— O uso de se despedir da vida de rapaz não é destituído de senso — disse Sergei Ivanitch. — Por mais felizes que nos sintamos, tem-se sempre pena da liberdade.

— Confesse que semelhante ao noivo de Gogol se experimenta desejo de saltar pela janela.

— Com certeza, mas não o confessará — Katavasov com uma grande risada.

— A janela está aberta... partamos para Tver! Pode-se achar o urso no seu covil. Vamos, ainda podemos agarrar o comboio das cinco horas — disse Tchirikov sorrindo.

— Pois bem, com a mão na consciência — respondeu Levine sorrindo também — não descubro na minha alma o menor traço de saudade pela minha liberdade perdida.

— A sua alma é um tal caos, que neste quarto de hora não reconhecerá nada lá dentro — disse Katavasov. — Esperem que ele esteja mais lúcido e então verão. Você é um indivíduo que deixa poucas esperanças. Bebamos à sua cura.

Depois de jantar, os convivas, como tinham de mudar de fato para o casamento, separaram-se.

Ficando só, Levine pôs-se a perguntar a si mesmo se realmente tinha

saudades da liberdade de que os amigos acabavam de falar e essa ideia fê-lo sorrir.

A liberdade? Porquê a liberdade? A felicidade para mim consiste em amar, em viver dos pensamentos dela, sem *nenhuma liberdade. Eis o que é a felicidade! Mas posso eu conhecer os seus pensamentos, os seus desejos, o seu sentir?*

O sorriso desapareceu-lhe dos lábios. Caiu num profundo pensar e sentiu-se bruscamente tocado pelo receio e pela dúvida.

E se ela me não amasse? Se ela casasse comigo unicamente para se casar? Se o fizesse sem mesmo ter consciência disso? Talvez depois de se ter casado reconheça o seu erro e compreenda que não gosta de mim e que não pode gostar.

E pensamentos, os mais ofensivos para Kitty, lhe vieram à mente; pôs-se, como um ano antes, a experimentar um ciúme violento contra Vronsky, lembrando-se, como se fosse na véspera, dessa *soirée* em que os vira juntos: então suspeitou que ela não lhe tivesse confessado tudo.

Não, pensou ele com desespero, saltando da cadeira, *não posso ficar assim; vou ter com ela, falar-lhe e perguntar-lhe ainda pela última vez: «Somos livres, não é melhor pararmos?» Tudo é preferível à infelicidade de uma vida inteira, à vergonha, à infidelidade!*

E, fora de si, cheio de ódio contra a humanidade, contra ele próprio, contra Kitty, correu a casa dela.

Foi encontrá-la sentada sobre uma mala grande, ocupada em rever com a criada de quarto fatos de todas as cores espalhados pelo chão e nas costas das cadeiras.

— Como! — exclamou ela radiante de alegria ao vê-lo. — És tu, é o senhor. — Até esse último dia ora dizia *tu,* ora *senhor.* — Não o esperava! Estava a fazer a divisão dos meus vestidos de solteira.

— Ah, está muito bem! — respondeu ele olhando a criada com um ar sombrio.

— Vai-te embora, Douniacha, chamar-te-ei depois — disse Kitty. E depois dela sair, perguntou-lhe: — O que foi?

Estava admirada da transformação do noivo e sentiu-se tomada de terror.

— Kitty, estou numa tortura! — disse-lhe ele com desespero, parando diante dela para ler nos seus olhos com um ar suplicante. Esses belos olhos apaixonados e límpidos mostraram-lhe logo que eram insensatos os seus

receios, mas experimentava o desejo imperioso de ter a certeza.

— Vim para te dizer que ainda não é tarde; que tudo ainda se pode reparar.

— O quê? Não compreendo! Que tens tu?

— Tenho... o que já cem vezes tenho dito e pensado... Eu não sou digno de ti. Tu não podes consentir em casar comigo. Pensa bem! Talvez te enganes! Pensa bem! Tu não podes gostar de mim... Sim... é melhor confessá-lo... — continuou ele sem a olhar. — Serei desgraçado, não importa; digam o que disserem, tudo é preferível à desgraça!... Agora, enquanto é ainda tempo...

— Não compreendo nada — respondeu ela olhando-o aterrada. — O que queres tu? Desdizer-te, romper?

— Sim, se tu não me tens amor.

— Estás doido! — exclamou ela vermelha pela contrariedade. Mas a vista do desolado rosto de Levine deteve-lhe a cólera e, repelindo os vestidos que cobriam as cadeiras, aproximou-se dele. — Em que pensas tu? Diz-me tudo.

— Penso que não me poderás amar. Porque me amarias?

— Meu Deus! Que hei de fazer? — disse ela; e desfez-se em lágrimas.

— O que fiz eu! — exclamou ele logo, pondo-se de joelhos e cobrindo-lhe as mãos de beijos.

Quando ao cabo de cinco minutos a princesa entrou no quarto, achou-os já completamente reconciliados; Kitty conseguira convencer o noivo do seu amor. Tinha-lhe explicado que o amava, porque o compreendia bem e porque sabia, que ele devia amar e que tudo o que ele amava era bom.

Levine achou a explicação perfeitamente clara. Quando a princesa entrou, estavam sentados lado a lado sobre a mala, examinando os vestidos e discutindo a sua aplicação. Kitty queria dar a Douniacha o vestido cinzento, que trazia no dia em que Levine a pedira em casamento, e este insistia para que o não desse a ninguém; a Douniacha desse o azul.

— Mas não vês tu que, sendo ela morena, o azul lhe não fica bem? Pensei em tudo isso.

Sabendo a causa por que Levine viera, a princesa zangou-se e, a rir, mandou-o vestir porque estava a chegar o Carlos para pentear Kitty.

— Ela está tão agitada como isto: não tem comido estes dias, tem emagrecido e ainda tu a vens perturbar com as tuas loucuras. Anda, safa-te,

meu rapaz.

Levine voltou para o hotel, envergonhado e confuso, mas sossegado. O irmão, Daria Alexandrovna e Stiva, de *toilette* a rigor, esperavam-no para o benzer com as imagens sagradas. Não havia tempo a perder. Dolly devia voltar para casa e trazer o filho todo penteado e frisado para a circunstância; era a criança que devia levar a imagem diante da noiva.

Depois era preciso mandar uma carruagem ao pajem de honor, enquanto outra, que devia conduzir Sergei Ivanitch, voltaria ao hotel. As mais complicadas combinações abundavam nesse dia. Era preciso apressarem-se, porque eram já seis horas e meia.

A cerimónia da bênção não teve seriedade. Stepane Arcadievitch tomou uma pose solene e cómica ao lado da mulher, levantou a imagem e obrigou Levine a ajoelhar-se enquanto o benzia com um sorriso afetuoso e maligno; acabou por o beijar três vezes, o que Daria Alexandrovna fez também com toda a pressa, ansiosa por partir e absolutamente às cegas com os seus arranjos de trens.

— Eis o que nós faremos. Tu vais buscá-lo no nosso trem e o Sr. Sergei Ivanitch terá a bondade de vir imediatamente e de mandar o seu...

— Perfeitamente e com grande prazer.

— Voltaremos juntos. As bagagens já partiram? — perguntou Stepane Arcadievitch.

— Sim — respondeu Levine, e chamou o criado para se vestir.

Capítulo 3

A igreja, brilhantemente iluminada, estava apinhada de gente, principalmente mulheres; aquelas que não tinham podido penetrar no interior da igreja amontoavam-se às janelas e acotovelavam-se disputando os melhores lugares.

Mais de vinte carruagens se alinhavam na rua sob a vigilância dos polícias. Um oficial indiferente ao frio mantinha-se firme no peristilo onde, umas depois das outras, as equipagens depunham ora mulheres de grande *toilette* arrastando as caudas dos vestidos, ora homens descobrindo-se para penetrar naquele lugar santo. Os lustres e os círios acesos diante dos altares inundavam de luz os dourados das imagens de fundo vermelho, as cinzeladuras, os grandes candelabros de prata, os incensários, as bandeiras do coro, os degraus do púlpito, os velhos missais enegrecidos e as vestimentas sacerdotais.

Na multidão elegante que estava à direita da igreja falava-se a meia voz com animação e o murmúrio das conversas ressoava enormemente debaixo da abóbada alta. Todas as vezes que a porta se abria com um ruído plangente, o murmúrio parava e toda a gente se voltava na esperança de ver enfim chegar os noivos. A porta já se abrira mais de dez vezes, mas para dar passagem ou um retardatário, que se ia juntar ao grupo da direita, ou a qualquer espectador bastante hábil para enganar ou enternecer o oficial.

Amigos e simples público tinham passado por todas as fases de espectativa; ao princípio não se ligara importância nenhuma à demora; depois começaram a voltar-se constantemente, perguntando o que teria acontecido; finalmente parentes e convidados tomaram o ar indiferente de pessoas absorvidas nas suas conversas, como para dissipar o mal-estar que os ganhava.

O arcediago, a fim de provar que estava perdendo um tempo precioso, de tempos a tempos fazia tremer os vidros tossindo com impaciência; os

cantores aborrecidos ensaiavam as vozes no coro; o padre mandava os sacristães e os diáconos para se informarem da chegada do cortejo e até ele mesmo veio de sotaina lilás com cinto bordado até uma das portas laterais.

Enfim uma senhora, tendo consultado o relógio, disse para a vizinha:

— Isto é estranho!

E logo todos os convidados exprimiram o seu espanto e descontentamento. Um dos rapazes foi em busca de notícias. Durante esse tempo Kitty, de vestido branco, de véu e coroa de flores de laranjeira, esperava em vão na sala em companhia de sua Irmã Lwof e da madrinha que o pajem de honor a viesse prevenir da chegada do noivo.

Pelo seu lado, Levine de calças pretas, mas sem colete nem casaca, passeava de um lado para outro do seu quarto do hotel, abrindo a porta a cada instante para olhar para o corredor; depois entrava desesperado e dirigia-se com gestos desolados a Stepane Arcadievitch, que fumava desesperadamente.

— Já se viu um homem numa situação mais absurda?

— É verdade — confirmava Stepane Arcadievitch com o seu sorriso calmo. — Mas está tranquilo, já a trazem.

— Sim! Sim! — dizia Levine mal contendo a raiva. — E dizer que se não pode nada com estes miseráveis coletes abertos. É impossível! — ajuntou olhando o peitilho da camisa todo enrugado. — E se as minhas malas já estivessem no caminho de ferro? — exclamou fora de si.

— Porás uma das minhas.

— Devia ter começado por isso.

— Espera um pouco que tudo se arranjará.

Quando, por ordem de Levine, o velho criado Kousma emalara e mandara levar para casa dos Cherbatzky, onde devia ser expedida para o caminho de ferro toda a roupa do patrão, não pensara em pôr de lado uma camisa engomada. A que Levine vestira pela manhã não estava decente; mandar a casa dos Cherbatzky era demorado; comprar outra, não havia lojas abertas porque era domingo. Mandou-se buscar uma a casa de Stepane Arcadievitch, mas era muito larga e curta. Por último teve de se mandar abrir as malas em casa dos Cherbatzky. Assim, enquanto na igreja se esperava, o infeliz noivo debatia-se no seu canto como um animal feroz metido na jaula.

Finalmente o culpado Kousma precipitou-se esbaforido no quarto com uma camisa na mão.

— Cheguei precisamente a tempo. Iam a levar as malas — exclamou.

Três minutos depois, Levine corria quanto podia pelo corredor sem olhar para o relógio para não aumentar os seus tormentos.

— Nada remediarás com isso — dizia-lhe Stepane Arcadievitch, que o seguiu a sorrir e com o seu vagar. — Se eu te digo que tudo se arranjará.

PERIGOSAS

Capítulo 4

— São eles! Ei-los que chegam. Qual é? É o mais novo? E ela, repara como vem pálida! — murmurava-se na multidão quando Levine entrou na igreja com a noiva.

Stepane Arcadievitch contou à mulher a causa da demora e entre os convidados segredava-se, sorrindo. Quanto a Levine, esse não reparava em nada nem em ninguém, não tirando os olhos de cima de Kitty; esta estava menos bela que de ordinário, sob a sua coroa de noiva e toda a gente a achava mais magra, embora Levine não fosse dessa opinião.

Ele olhava-lhe o penteado alto, o véu branco, as flores, a guarnição do vestido enquadrando virginalmente o pescoço longo, delgado, e descobrindo-o um pouco pela frente, e a cintura fina parecia-lhe mais bela do que nunca. Contudo não era o vestido feito em Paris que o encantava, nem o conjunto de toda a sua pessoa, que nada ajuntava à sua beleza; era a expressão desse rosto encantador, do olhar, dos lábios com a sua inocente expressão de sinceridade, mantida a despeito de todo esse aparato.

— Pensei que tinhas fugido — dizia-lhe ela sorrindo.

— O que me aconteceu é tão estúpido que tenho vergonha de o contar! — respondeu ele corando e voltando-se para Sergei Ivanitch.

— É muito boa a história da tua camisa! — disse este num sorriso.

— Sim, sim — respondeu Levine sem compreender uma palavra do que lhe estavam dizendo.

— Kostia, eis chegado o momento de tomar uma decisão suprema — veio-lhe dizer Stepane Arcadievitch fingindo um grande embaraço. — A questão é grave e tu vais-lhe apreciar a importância. Perguntam-me se as tochas devem ser novas ou já usadas; a diferença é de dez rublos — ajuntou ele preparando-se para rir. — Tomei uma decisão, mas não sei se a aprovarás.

Levine compreendeu que se tratava de uma brincadeira, mas não chegou a rir.

— Que decides? Novas ou usadas? Eis a questão.

— Sim, sim, novas.

— Perfeitamente! A questão está resolvida — disse Stepane Arcadievitch sorrindo. — Como o homem é tão pouca coisa nestas situações! — murmurou a Tchirikov enquanto Levine se aproximava da noiva depois de lhe ter lançando um olhar apaixonado.

— Atenção, Kitty! Põe o pé direito sobre o tapete — disse-lhe a condessa de Nordstone aproximando-se. — O senhor fá-las boas! — ajuntou dirigindo-se a Levine.

— Não tens medo? — perguntou Maria Dmitrievna, uma tia velha.

— Não tens frio? Estás tão pálida. Baixa-te um instante! — dizia a Sra. Lwof, levantando os seus braços belos para arranjar uma pequena desordem ocorrida no penteado da irmã.

Dolly aproximou-se por seu turno e quis falar, mas a comoção cortou-lhe a palavra e pôs-se a rir nervosamente.

Kitty olhava para todos que a rodeavam, com ar tão abstrato como Levine.

Durante esse tempo, os sacristães tinham vestido as suas vestes e o padre, acompanhado de um diácono, veio pôr-se diante de um altar colocado à entrada das portas da igreja, dirigindo a Levine algumas palavras que ele não percebeu.

— Segure na mão da noiva e aproxime-se — segredou-lhe o pajem de honor.

Incapaz de compreender o que queriam dele, Levine fazia exatamente o contrário do que lhe diziam. Finalmente, no momento em que desanimados, uns e outros o queriam abandonar à sua própria inspiração, compreendeu que devia, sem mudar de posição, agarrar com a mão direita a mão direita da noiva.

Então o padre avançou alguns passos e parou diante do altar. Os parentes e os convidados seguiram os noivos; um murmúrio de vozes e o frufru dos vestidos elevou-se no ar. Alguém se baixou para arranjar a cauda da noiva, depois um silêncio tão profundo reinou na igreja que até se ouviam as gotas de cera a caírem das tochas.

O velho padre, de solidéu, com os cabelos brancos brilhantes como prata deitados para trás das orelhas, retirou as mãos debaixo da pesada casula de prata ornada de uma cruz de ouro e aproximou-se do altar, onde folheou o

missal.

Stepane Arcadievitch veio mansamente falar-lhe ao ouvido, fez um sinal a Levine e retirou-se.

O padre acendeu dois círios ornamentados com flores e, conservando-os na mão esquerda sem se inquietar com a cera que deles caísse, voltou-se para os noivos. Era o mesmo velho que confessara Levine.

Depois de ter olhado suspirando para os noivos com os seus olhos tristes e fatigados, benzeu com a mão direita o noivo e depois, com uma suavidade particular, colocou os dedos sobre a cabeça inclinada de Kitty, entregou-lhe os círios, afastou-se lentamente e tomou o incensador.

Tudo isto é bem real?, pensou Levine lançando um olhar à noiva, que estava vendo de perfil, e notando pelo movimento dos lábios e dos círios que ela sentia o olhar dele. Ela não levantou a cabeça, mas ele compreendeu pela agitação da gola do vestido subindo até ao lóbulo cor-de-rosa da orelha que ela abafava um suspiro e a mão enluvada tremeu-lhe ao segurar o círio.

De repente tudo se lhe apagou da memória, a sua demora, o descontentamento dos amigos, a estúpida história da camisa, e só sentiu uma confusão, misto de terror e alegria.

O arcediago de dalmática de pano prateado, um homenzarrão de cabelos frisados dos dois lados da cabeça, avançou, levantou a estola com dois dedos num gesto familiar e parou diante do padre.

— O senhor nos abençoe — entoou ele lentamente, e as palavras ressoaram solenemente no ar.

— Que o Senhor os abençoe agora e sempre — respondeu com uma voz suave e musical o velho padre, continuando a folhear o missal.

E o responso cantado pelo coro invisível encheu a igreja num som largo e cheio, que aumentou para parar durante um segundo e depois morrer brandamente.

Pediu-se, como de costume, pelo repouso eterno e a salvação das almas, pelo sínodo e pelo imperador, depois também pelos servos de Deus, Konstantin e Catarina.

— Peçamos ao Senhor para lhes enviar o seu amor, a paz e auxílio — parecia pedir toda a igreja pela voz do arcediago.

Levine escutava essas palavras e admirava-se.

Como souberam eles que do que eu tinha necessidade era de auxílio, sim de auxílio? Que sei eu, que posso eu sem auxílio?, pensou ele, lembrando-se

das suas dúvidas e dos seus recentes terrores.

Quando o diácono acabou, o padre voltou-se para os noivos com um livro na mão.

— Deus eterno que reúnes por um laço indissolúvel aqueles que estavam separados, abençoa o teu servo Konstantin e a tua serva Catarina e espalha os teus benefícios sobre eles. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, agora e sempre, *per omnia saecula saeculorum*...

— Ámen — cantou o coro invisível.

Que reúnes por um traço indissolúvel aqueles que estavam separados? Quanto estas palavras profundas correspondem ao que eu sinto neste momento! Compreendê-lo-á ela como eu?, pensou Levine.

Pela expressão do olhar de Kitty, concluiu ele que ela compreendia como ele. Mas enganou-se; absorvida pelo sentimento que a invadia e lhe enchia cada vez mais o coração, mal tinha reparado no serviço religioso. Experimentava uma alegria profunda por ver enfim realizar-se o que, durante seis semanas, a havia tornado cada vez mais feliz e inquieta.

Desde o momento em que, vestida com o seu fato cinzento, se aproximara de Levine para se entregar silenciosamente por completo, o passado, sentia-o, tinha sido arrancado da sua alma e dera lugar a uma existência diferente, nova e desconhecida sem que, no entanto, a sua vida exterior mudasse. Essas seis semanas tinham sido uma época feliz e adormecida. Esperanças e desejos, tudo se concentrava sobre esse homem que ela não compreendia bem, para o qual a impelia um sentimento que ainda menos compreendia e que, atraindo-o e afastando-o alternadamente, lhe inspirava a ela pelo seu passado uma indiferença completa e absoluta.

Os seus antigos hábitos, as coisas que tinha amado, e até seus pais que a sua insensibilidade afligia, nada já lhe importava; e temendo-se deste desapego, regozijava-se com o sentimento que o causava.

Mas dessa vida nova que ainda não começara tinha dela ideia precisa? Não; era uma espectativa suave e terrível da novidade, do desconhecido, e essa espectativa, como o remorso de não ter saudades de nada do passado, ia ter um fim! Tinha medo, era natural, mas o momento presente não passava da santificação da hora decisiva que remontava a seis semanas antes.

O padre, voltando-se para o altar, agarrou com dificuldade no pequeno anel de Kitty para o passar ao dedo de Levine.

— Eu te amo, Konstantin, servo de Deus, a Catarina, serva de Deus — e

repetiu a mesma fórmula passando um anel grande ao dedito delicado de Kitty.

Os noivos procuravam compreender o que queriam deles, mas todas as vezes se enganavam e o padre corrigia-os em voz baixa. Toda a gente se ria e segredava à volta, enquanto eles ficavam sérios e graves.

— Ó Deus, que desde o começo do mundo criaste o homem — continuou o padre — e lhe deste a mulher para ser a sua companheira inseparável, abençoa o teu servo Konstantin e a tua serva Catarina, une os espíritos destas duas almas e derrama nas suas almas a fé, a concórdia e o amor.

Levine sentia o peito arfar, lágrimas involuntárias subiam-lhe aos olhos e todos os seus pensamentos sobre o casamento, sobre o futuro, se reduziram a nada. O que se acabava de consumar, para ele tinha um alcance incompreendido até ali e que agora compreendia menos do que nunca.

Capítulo 5

Toda a Moscovo estava assistindo ao casamento. Nesse grupo de mulheres bem vestidas e homens de gravata branca e de uniformes falava-se discretamente, os homens sobretudo, porque as mulheres estavam absorvidas pelas suas observações sobre os mil pormenores cheios de interesse para elas dessa cerimónia!

Um rancho de amigas íntimas rodeava a noiva e nesse número se encontravam as suas duas irmãs, Dolly e a bela madame Lwof chegada do estrangeiro.

— Porque é que Mary está de lilás num casamento? É quase um luto — dizia a Sra. Korsunsky.

— Com a sua cor fica-lhe bem — respondeu a Drubetzky. — Mas porque escolheram eles a tarde para a cerimónia? Isto cheira a burguês.

— É mais bonito. Eu também me casei à tarde — disse a Korsunsky com um suspiro e lembrando-se de como ela estava linda nesse dia e de como o marido estava ridiculamente apaixonado. Mas como tudo isso tinha mudado…

— Dizem que os que têm sido pajem de honor mais de dez vezes na sua vida não se casam; eu quis segurar-me contra o casamento por essa forma, mas o lugar já estava tomado — disse o conde Seniavine à jovem princesa Tcharsky, que lhe deitava as suas vistas.

Esta respondeu sorrindo. Estava olhando para Kitty e pensava no que ela faria quando se encontrasse com Seniavine nas mesmas condições; então quanto lhe repreenderia as suas graças!

Cherbatzky estava confiando a uma velha dama da imperatriz a sua intenção de colocar a coroa sobre o penteado de Kitty para lhe dar felicidade.

— Porque é esse penteado — respondeu ela bem decidida a casar-se com grande simplicidade — se o sujeito viúvo que ela queria desposar se submetesse ao casamento? Não gosto deste luxo.

Sergei Ivanitch gracejava com a vizinha e pretendia que, se o costume de viajar depois do casamento era vulgar, era porque os noivos pareciam geralmente ter vergonha da sua escolha.

— O seu irmão pode estar orgulhoso. Também está radiante. O senhor o que tem é inveja!

— Já passei esse tempo, Daria Dmitrievna — respondeu ele, e o seu rosto exprimiu uma tristeza súbita.

Stepane Arcadievitch estava contando à cunhada o seu calembur sobre o divórcio.

— É preciso arranjar-lhe a coroa — respondeu esta sem o ouvir.

— Que pena que esteja tão magra — dizia a condessa Nordstone a madame Lwof. — Apesar de tudo, ele nem lhe chega aos calcanhares, não é verdade?

— Não sou da sua opinião. Agrada-me muito e não é unicamente por ser meu cunhado — respondeu madame Lwof. — Que boa figura que ele tem! Nestes casos quase sempre se costuma ser ridículo. Pois não é nem ridículo nem desastrado. Vê-se que está comovido.

— Esperava este casamento?

— Quase. Ele amou-a sempre.

— Vamos a ver qual é dos dois o primeiro a pôr o pé nos tapetes. Eu aconselhei Kitty a ser a primeira.

— Era inútil — respondeu madame Lwof. — Na nossa família somos todas pela vontade dos maridos.

— Pois eu fui a primeira. E a Sra. Dolly?

Mas Dolly ouvia-as sem responder; estava comovida, com os olhos cheios de lágrimas, e não teria podido pronunciar uma palavra sem se pôr a chorar. Feliz por Kitty e por Levine, recordava-se do seu próprio casamento e, lançando um olhar sobre o brilhante Stepane Arcadievitch, esquecia a realidade e só se lembrava do seu primeiro e inocente amor.

Pensava também noutras mulheres, suas amigas, de que se lembrava nesta hora única e solene da sua vida, em que tinham renunciado com alegria ao passado e abordado um misterioso futuro com a esperança e o receio na alma. No número dessas casadas revia a sua querida Ana, de que acabava de saber os projetos de divórcio; ela também a vira assim, coberta com um véu branco, pura como Kitty sob a sua coroa de flores de laranjeira. E agora?...

— É terrível! — murmurou.

As irmãs e as amigas eram as únicas a seguirem com interesse os menores incidentes da cerimónia; espectadores estranhos também lá estavam, retendo a respiração com receio de perderem um só dos movimentos dos noivos, e respondendo com aborrecimento às graças e aos propósitos ociosos dos homens, até mesmo a maior parte das vezes não os ouvindo.

— Porque estará ela tão comovida? Casar-se-á contra vontade?

— Contra vontade? Um homem tão belo. É príncipe?

— Aquela de vestido de cetim branco é a irmã. Olha o diácono a rosnar: «Que ela respeite o marido.»

— Os cantores são de Schondof?

— Não, são do sínodo.

— Falei com o criado. Diz que o marido a vai levar para as suas terras. Dizem que é podre de rico. Foi por isso que a casaram.

— É um lindo par.

— E a senhora, Maria Vassilievna, que dizia que já se não usavam saias de balão. Olhe aquela ali, de cor de pulga, uma embaixatriz, dizem, como ela está vestida.

— Vê bem?

— Que pombinha sem fel, que a noiva é. Digam o que disserem, uma pessoa sente-se comovida.

E assim falavam os espectadores bastante espertos para terem passado a porta.

Capítulo 6

Nesse momento um dos oficiantes veio estender no meio da igreja um tapete rosa, enquanto o coro ia entoando um salmo de execução difícil e complicada, em que o baixo e o tenor respondiam um ao outro; o padre fez um sinal aos noivos e indicou-lhes o tapete.

Ambos conheciam o preconceito segundo o qual aquele que primeiro põe o pé sobre o tapete se torna o verdadeiro chefe da família, mas nem Levine, nem Kitty se lembraram disso. As observações trocadas à volta deles escaparam-lhes igualmente.

Um novo ofício começava. Kitty escutava as orações e procurava compreendê-las sem o conseguir. Quanto mais a cerimónia avançava, mais o seu coração se enchia de uma alegria triunfante que lhe impedia de fixar a atenção.

Rezou-se a Deus para que os esposos tivessem «o dom da prudência e uma numerosa prole», recordou-se que a primeira mulher tinha sido «tirada de uma costela de Adão», que a mulher devia «deixar o pai e a mãe para se tornar um com o marido»; pediu-se a Deus para os abençoar «como a Isac e Rebeca, Moisés e Séfora», e os «deixar ver até à terceira e quarta geração.»

Quando o padre apresentou as coroas e Cherbatzky, com as luvas de três botões, segurou a tremer a noiva, de todos os lados lhe aconselharam em voz baixa para a colocar por completo sobre a cabeça de Kitty.

— Ponha-ma — murmurou esta sorrindo.

Levine voltou-se de lado e, chocado pela alegria do rosto de Kitty, sentiu-se, como ela, feliz e tranquilo.

Escutava com o coração cheio de alegria a leitura de epístola e o enlanguescimento da voz do diácono no último verso, coisa muito apreciada pelo público estranho, que o esperava impaciente. Beberam com satisfação a água e o vinho mornos no cálice e seguiram quase a rir o padre quando ele lhes fez dar a volta à roda do altar, tendo as mãos deles nas suas.

Cherbatzky e Tchirikov, segurando as coroas, seguiam os noivos e sorriam também, tropeçando na cauda da noiva. O clarão de alegria aceso por Kitty comunicava-se, parecia, a toda a assistência. Levine estava convencido de que o diácono e o padre lhe sofriam o contágio, como ele.

Tiradas as coroas, o padre leu as últimas orações e deu as felicitações ao casal. Levine olhou para Kitty e julgou nunca a ter visto tão bela; era a beleza dessa radiação interior que a transformava. Quis falar, mas deteve-se, receando que a cerimónia não tivesse acabado.

O padre disse-lhe mansamente e com um sorriso bom:

— Beije sua mulher e a senhora beije seu marido.

E tirou-lhe os círios.

Levine beijou a mulher com precaução, tomou-lhe o braço e saiu da igreja, tendo a impressão nova e estranha de se sentir de repente aproximado dela. Nunca acreditara até ali na realidade de tudo o que se acabava de passar e só lhe começara a dar fé quando os seus olhares intimidados e cheios de admiração se encontravam; então sentiu bem na realidade que eles os dois formavam um só. Nessa mesma noite, depois da ceia, os jovens noivos partiram para o campo.

Capítulo 7

Vronsky e Ana andavam viajando juntos pela Europa havia três meses; tinham visitado Veneza, Roma, Nápoles e acabavam de chegar a uma pequena cidade italiana, onde contavam demorar-se algum tempo.

Um importante *maître* de hotel de cabelos cheios de pomada e apartados por um risco que vinha até ao pescoço, de casaca preta, um largo peitilho de batista e com uns berloques a dançarem-lhe sobre o ventre redondo respondia desdenhosamente com as mãos nas algibeiras às perguntas que lhe dirigia um indivíduo.

Uns passos na escadaria do outro lado do patamar fizeram voltar o brilhante mordomo e quando viu o conde russo, locatário do mais belo aposento do hotel, retirou respeitosamente as mãos das algibeiras e preveniu o conde numa mesura que tinham vindo dizer que o intendente do palácio, com quem estavam em negociações, consentia em assinar o arrendamento.

— Está bem — disse Vronsky. — A senhora está em casa?

— A senhora saiu, mas já voltou — respondeu o mordomo.

Vronsky tirou o chapéu mole de abas largas, limpou com o lenço a testa e os cabelos deitados para trás para lhe encobrir a calvície. Depois quis passar adiante, lançando um olhar distraído sobre o indivíduo que ficara a contemplá-lo.

— Este senhor é russo e pergunta-lhe... — disse o *maître* de hotel.

Vronsky voltou-se para trás, aborrecido por não se poder livrar dos encontros e contente ao mesmo tempo por achar uma distração; mas os seus olhos, como os do estrangeiro, iluminaram-se.

— Golinitchev!

— Vronsky!

Era com efeito Golinitchev, um camarada de Vronsky no corpo dos pajens; pertencia ao partido liberal e saíra de lá com um grau civil sem nenhuma intenção de entrar para o serviço. Depois da sua saída do corpo só

se tinham encontrado uma vez.

Vronsky por ocasião desse único encontro tinha julgado compreender que o seu antigo companheiro desprezava, do alto das suas opiniões extraliberais, a carreira militar; por consequência tratara-o friamente e com altivez, o que deixara Golinitchev indiferente, mas que lhe não tinha deixado desejos de o tornar a ver.

E, contudo, foi com um grito de alegria que se reconheceram e talvez que Vronsky não duvidasse de que a causa do prazer que experimentava ao encontrar de novo Golinitchev era o profundo aborrecimento que estava passando; mas esquecendo o passado, estendia-lhe a mão e a expressão um pouco inquieta da fisionomia de Golinitchev deu lugar a uma satisfação manifesta.

— Estou encantado por te encontrar! — disse Vronsky com um sorriso amigo que lhe descobriu os dentes belos.

— Disseram-me o teu nome, mas não sabia que eras tu; muito feliz...

— Mas entra. O que fazes por aqui?

— Estou por cá há mais de um ano. Trabalho.

— Realmente? — disse Vronsky com interesse. — Mas entra.

E segundo o hábito próprio dos russos de falarem francês, quando não querem ser compreendidos pelos criados, disse-lhe em francês:

— Conheces a senhora Karenina? Viajamos juntos, ia a casa dela.

E falando ia examinando a fisionomia de Golinitchev.

— Ah, não sabia. — Sabia-o perfeitamente, mas respondeu com indiferença. — Há muito tempo que estás aqui?

— Há três dias — respondeu Vronsky continuando a observar o camarada. *É um homem bem-educado e que vê as coisas à verdadeira luz: pode-se apresentar Ana*, pensou ele, interpretando favoravelmente a maneira por que Golinitchev acabava de mudar de assunto.

Desde que viajava com Ana, a cada novo encontro Vronsky experimentava o mesmo sentimento de hesitação; geralmente os homens compreendiam a situação «como ela devia ser compreendida». Ficaria muito embaraçado para dizer o que entendia por isso. No fundo essas pessoas não procuravam compreender e contentavam-se com umas maneiras discretas, isentas de alusões e de perguntas, como fazem as pessoas bem-educadas em presença de uma situação delicada e complicada.

Golinitchev era com certeza desse número e, quando lhe apresentou Ana,

Vronsky ficou duplamente contente por o ter encontrado, porque a sua atitude era correta quando se podia desejar e não lhe custava esforço nenhum aparente.

Golinitchev não conhecia Ana, cuja beleza e simplicidade o encantaram. Vendo entrar os dois homens ela corara e essa vermelhidão infantil agradou infinitamente ao recém-chegado. Agradou-lhe a maneira natural por que encerrava a sua situação, chamando Vronsky pelo seu diminutivo e dizendo que se iam instalar numa casa, a que davam o nome de palácio com o ar de uma pessoa que quer evitar todo o mal-entendido diante de um estranho.

Golinitchev, que conhecia Alexei Alexandrovich, não se pôde impedir de dar razão a essa mulher, cheia de vida e de energia; admitiu, o que a própria Ana ainda não compreendia, que pudesse ser feliz e alegre tendo abandonado o marido e o filho e perdido o seu bom nome.

— Esse palácio está no guia — disse Golinitchev. — Tem lá um soberbo Tintoreto da última fase.

— Façamos uma coisa; o tempo está soberbo, vamos torná-lo a ver — disse Vronsky dirigindo-se a Ana.

— De bom grado. Vou pôr o meu chapéu. Diz que está calor? — disse ela à porta, voltando-se para Vronsky e corando ainda.

Vronsky compreendeu que Ana, não sabendo ao certo quem era Golinitchev, perguntava se tinha tido com ele o tom que era conveniente.

Ele olhou-a longamente, com ternura e respondeu:

— Não, não está muito calor.

Ana adivinhou que ele estava satisfeito com ela e respondeu-lhe com um sorriso; depois saiu com o seu passo ligeiro e gracioso.

Os dois amigos olharam-se com um certo embaraço; Golinitchev como um homem que quisesse exprimir a sua admiração sem o ousar fazer, Vronsky como alguém que deseja fazer um cumprimento e o teme.

— Assim, fixaste-te aqui? — perguntou Vronsky para começar uma conversa qualquer. — Continuas a ocupar-te dos mesmos estudos?

— Sim, estou a escrever a segunda parte das *Duas Origens* — respondeu Golinitchev todo envaidecido pela pergunta — ou antes, para ser mais exato, estou preparando e reunindo os meus materiais. Esta será muito mais vasta do que a primeira parte. Entre nós, na Rússia não se quer compreender que somos os sucessores de Bizâncio...

E começou a longa dissertação.

Ao princípio, Vronsky ficou confundido por não saber nada dessa obra, de que o autor falava como de um livro conhecido; depois, à medida que Golinitchev desenvolvia as suas ideias, começou a tomar interesse, notando com pena a agitação nervosa que se apoderava do amigo; os olhos animavam-se-lhe ao refutar os argumentos dos adversários e o rosto tomava uma expressão irritada e cheia de atormentação.

Vronsky recordava o Golinitchev do corpo de pajens; era então um rapaz de pequena estatura, magro, vivo, cheio de bons sentimentos e sempre o primeiro da aula. Porque se tornara tão irritável? Porque é que ele, um homem da melhor sociedade, se colocava no mesmo campo que os escritorzecos de profissão que o levavam a tais extremos? Valeria a pena? Vronsky quase que tinha compaixão dele. Golinitchev, entusiasmado com o seu assunto, quase que não deu fé da entrada de Ana. Esta, de vestido de passeio, com a sombrinha na mão, parou junto deles e Vronsky sentiu-se feliz por se livrar do olhar fixo e febril do seu interlocutor para lançar com amor os olhos para a elegante figura da amante,

Golinitchev teve alguma dificuldade para tomar posse de si, mas Ana soube bem depressa distraí-lo com a sua conversa animada e viva. A pouco e pouco foi-o arrastando para o campo da pintura, de que ele falava como conhecedor; chegaram assim a pé ao palácio e visitaram-no.

— Há uma coisa que me encanta particularmente na nossa nova instalação — disse Ana ao entrar. — É que tu terás um belo *atelier*! — e tratava Vronsky por tu em russo diante de Golinitchev, que ela considerava já como devendo fazer parte da sua intimidade na solidão em que eles viviam.

— Então ocupas-te de pintura? — perguntou este a Vronsky com vivacidade.

— Antigamente muito e agora ainda faço alguma coisa — respondeu Vronsky corando.

— Tem um verdadeiro talento! — exclamou Ana radiante. — Eu não sou um bom juiz, mas soube-o por conhecedores competentes.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 8

Este primeiro período de libertação moral e de volta à saúde foi para Ana uma época de alegria exuberante; a ideia do mal de que era causa não chegava a envenenar-lhe a exaltação. Devia a essa desgraça uma felicidade demasiado grande para que todo o remorso desaparecesse e, por conseguinte, não pensava muito nisso.

Os acontecimentos que se tinham seguido à doença, depois a reconciliação com Alexei Alexandrovich até à sua partida da casa conjugal pareciam-lhe um sonho maldito de que a viagem sozinha com Vronsky a tinha libertado. Para quê voltar a essas terríveis recordações?

— Depois — dizia ela, e este raciocínio dava-lhe uma certa calma de consciência — o mal que eu causei a esse homem era fatal, inevitável; mas também não me aproveitarei dessa infelicidade. Visto que o fiz sofrer, sofrerei também; renuncio a tudo o que amo, a tudo o que mais aprecio no mundo, meu filho e a minha reputação. Pois que pequei, não mereço nem a felicidade, nem o divórcio e aceito a vergonha com a dor da separação.

Ana era sincera raciocinando desta maneira; mas no fundo até então ela não conhecera nem esse sofrimento, nem a vergonha que se julgava prestes a sofrer como expiação. Vronsky e ela evitavam, depois que estavam no estrangeiro, os encontros que os pudessem colocar numa situação falsa; as poucas pessoas com quem tinham entrado em relações tinham fingido compreender a sua posição melhor que eles próprios a não compreendiam. Quanto à separação do filho, Ana ainda sofria cruelmente; mas apaixonadamente ligada à sua filhinha, uma criança maravilhosa, raramente pensava em Sergei.

Quanto mais vivia com Vronsky, mais ele se lhe tornava querido; a sua presença continuada era um encanto sempre novo. Cada um dos traços do seu caráter lhe parecia belo; tudo, até a mudança de fato depois que deixara o uniforme, lhe agradava, como num filho perdidamente amado. Cada uma das

suas palavras, dos seus pensamentos trazia o cunho de grandeza e de nobreza.

Ela quase que se inquietava com esta admiração excessiva e não ousava confessar-lha com medo de que, fazendo-lhe constatar assim a sua própria inferioridade, ele se desligasse dela; e nada lhe parecia tão terrível como a ideia de perder o seu amor.

Esse terror de resto em nada era justificado pela conduta de Vronsky; nunca lhe testemunhara a menor dor por ter sacrificado à sua paixão a carreira em que certamente teria representado um papel considerável; nunca se mostrara tão respeitoso, tão preocupado com o receio de que Ana sofresse na sua posição. Ele, esse homem absoluto, não tinha vontade diante dela e só procurava adivinhar-lhe os menores desejos. Como não teria ela sido reconhecida e não sentiria o valor dessas atenções tão constantes? Às vezes, contudo, experimentava involuntariamente uma certa lassidão em ser o objeto desta incessante preocupação.

Quanto a Vronsky, apesar da realização dos seus mais caros desejos, não era plenamente feliz. Eterno erro daqueles que julgam achar a sua satisfação no cumprimento de todos os seus votos, ele não possuía senão algumas parcelas dessa imensa felicidade sonhada. Um único momento, quando se vira livre nas suas ações e no seu amor, a sua felicidade tinha sido completa; mas bem depressa uma certa tristeza se apossou dele. Procurou, sem o duvidar, um novo fito aos seus desejos e tomou caprichos passageiros por aspirações sérias.

Empregar dezasseis horas do dia ao acaso, fora do círculo dos deveres sociais que lhe enchiam a vida em S. Petersburgo, não era cómodo. Precisava não pensar nas distrações que conhecera nas suas precedentes viagens. Um projeto de ceia com amigos provocara em Ana um verdadeiro acesso de desespero; não podia, pois, procurar relações russas ou indígenas, e quanto às curiosidades do país, além de as já conhecer, não lhe ligava a importância excessiva de um inglês, na sua qualidade de russo e de homem de espírito.

Como um animal esfomeado se lança sobre a comida que lhe cai ao alcance, Vronsky lançava-se inconscientemente sobre tudo o que lhe pudesse servir de entretenimento: política, pintura e livros novos.

Tinha na sua mocidade mostrado disposições para a pintura e, não sabendo o que fazer ao dinheiro, compusera uma coleção de gravuras. Foi à ideia da pintura que se prendeu a fim de dar um alimento à sua atividade. O gosto não lhe faltava junto a um dom de imitação, que ele confundia com

faculdades artísticas.

Todos os géneros lhe eram fáceis: pintura histórica ou religiosa, paisagem, tudo se sentia capaz de abordar. Não procurava a inspiração diretamente na vida, na natureza, porque não compreendia nem uma, nem outra senão através das encarnações da arte; mas executava bastante facilmente imitações sofríveis.

A escola francesa com as suas obras graciosas e decorativas exercia sobre ele uma certa sedução, e nesse gosto começou um retrato de Ana, vestida à italiana. Todos os que viram esse retrato pareciam tão satisfeitos como o próprio autor.

Capítulo 9

O velho palácio um pouco arruinado em que eles foram viver manteve Vronsky numa agradável ilusão: julgou ter sofrido uma metamorfose e ter-se transformado num proprietário russo, coronel reformado, num amador de arte, fazendo modestamente pintura e sacrificando o mundo e as suas ambições ao amor de uma mulher. O antigo palácio prestou-se a essas quimeras com os seus altos tetos pintados, com as paredes cobertas de frescos e mosaicos, grandes vasos sobre as chaminés e os consolos, espessas cortinas nas janelas, as portas pesadas com esculpidos e as vastas salas melancólicas cobertas de quadros.

O seu novo papel satisfez Vronsky durante algum tempo; tomou conhecimento com um professor de pintura italiana, com o qual pintou estudos do natural. Ao mesmo tempo começou investigações sobre a Idade Média na Itália que lhe inspiraram um interesse tão vivo por essa época que acabou por trazer chapéus moles à Idade Média e por se envolver à antiga na sua capa, o que de resto lhe ficava muito bem.

— Conheces o quadro de Mikhailov? — disse uma manhã Vronsky a Golinitchev, que veio a casa dele, e entregando-lhe um jornal russo contendo um artigo sobre esse artista que acabava de pintar uma tela já célebre, vendida antes de estar acabada. Vivia nessa mesma cidade sem socorros nem auxílios nenhuns. O artigo censurava severamente o governo e a academia por abandonarem assim um artista de talento.

— Conheço — respondeu Golinitchev — com certeza que lhe não falta mérito, mas as suas tendências são absolutamente falsas. São sempre essas conceções do Cristo e da vida religiosa à maneira de Ivanov, Strauss, Renan.

— Qual é o assunto do quadro? — perguntou Ana.

— Cristo diante de Pilatos. O Cristo é um judeu da nova escola realista, mas da mais pura.

E como essa questão se ligasse a um dos seus assuntos favoritos,

Golinitchev continuou a desenvolver as suas ideias.

— Eu não compreendo como eles podem cair num erro tão grosseiro. O tipo de Cristo foi bem definido na arte pelos antigos mestres. Se sentem necessidade de representar um sábio ou um revolucionário, que escolham Sócrates, Franklin, Carlota Corday, todos os que quiserem, mas não o Cristo. É o único em que a arte não deve ousar tocar...

— É verdade que esse Mikhailov está na miséria? — perguntou Vronsky, que pensava que, na sua qualidade de Mecenas, devia ajudar o artista sem se preocupar muito com o valor do quadro. — Não lhe podíamos pedir que fizesse o retrato de Ana Arcadievna?

— Porquê o meu? — respondeu esta. — Depois do que tu fizeste não quero mais nenhum. Que faça antes o de Anny — tratava assim a filha — ou o desta... — ajuntou ela apontando a bela ama italiana que acabava de descer com a criança para o jardim e lançava um olhar furtivo para Vronsky. Essa italiana, de que Vronsky admirava a beleza e o «tipo idade média» cuja cabeça já pintara, era o único ponto negro na vida de Ana. Receava ter ciúmes dela e por isso mostrava-se boa para a mulher e para o filho.

Vronsky olhou também para a janela. Depois, encontrando os olhos de Ana, voltou-se para Golinitchev.

— Conheces esse Mikhailov?

— Tenho-o encontrado. É um original sem educação nenhuma, um desses selvagens, como tantos se encontram agora, sabe, um desses livres pensadores que se lançam repentinamente no ateísmo, no materialismo e na negação de tudo. Antigamente — continuou Golinitchev sem deixar Vronsky e Ana dizerem uma palavra — o livre pensador era um homem educado nas ideias religiosas e morais, não ignorando as leis que regem a sociedade e chegando à liberdade do pensamento depois de bastantes lutas; mas agora possuímos um novo tipo, os livres pensadores que aparecem sem nunca terem ouvido falar das leis da moral e da religião, que ignoram que certas autoridades possam existir e que não possuem senão o sentimento da negação; numa palavra, uns selvagens. Mikhailov é desses. Filho de um *maître* de hotel de Moscovo, não recebeu educação nenhuma. Entrando para a Academia com uma certa reputação, quis instruir-se porque não era tolo, e nesse intuito dirigiu-se à fonte de toda a ciência: os jornais e as revistas. No velho bom tempo, se um homem, digamos francês, tinha a intenção de se instruir, o que fazia? Estudava os clássicos, os pregadores, os poetas trágicos,

os historiadores, os filósofos, e compreendia todo o trabalho intelectual que lhe resultava. Mas entre nós é muito simples, vai-se à literatura negativa e assimila-se muito facilmente um extrato dessa ciência. Ainda há vinte anos, essa mesma literatura trazia traços de luta contra as autoridades e contra as tradições seculares do passado, e esses traços de luta ensinavam ainda a existência dessas coisas. Mas agora nem mesmo se dão ao trabalho de combater o passado, contentam-se com palavras: seleção, evolução, luta pela existência, nada. Isto chega. No meu último artigo...

— Sabe o que é preciso fazer — disse Ana cortando resolutamente a palavra a Golinitchev depois de ter trocado um olhar com Vronsky. — Vamos ver a sua pintura...

Golinitchev consentiu de boa vontade e, como o *atelier* do artista ficava num bairro afastado, foram de trem.

Uma hora mais tarde. Ana, Golinitchev e Vronsky chegavam diante de uma casa nova, mas de má aparência. Os visitantes enviaram o seu cartão a Mikhailov com o pedido de poderem ir ver o seu quadro.

Capítulo 10

Mikhailov estava a trabalhar, como sempre, quando lhe entregaram os bilhetes do conde Vronsky e de Golinitchev. A manhã passara-a a pintar no *atelier*, mas ao voltar para casa encolerizara-se contra a mulher, que se não soubera arranjar com uma proprietária exigente.

— Já te tenho dito vinte vezes para não discutires com ela. És uma tola completa, mas ainda o és mais quando te lanças nas tuas explicações italianas.

— Porque não pensas tu nos atrasados? A culpa não é minha, se eu tivesse dinheiro...

— Deixa-me em paz em nome do céu! — exclamou Mikhailov com voz cheia de lágrimas; e retirou-se para o seu quarto de trabalho separado por um biombo da casa de jantar, fechando a porta à chave e tapando os ouvidos. — Não tem senso comum! — disse ele sentando-se à mesa e pondo-se a trabalhar com ardor.

Nunca ele produzia melhor do que quando o dinheiro faltava, principalmente quando acabava de se zangar com a mulher. Tinha começado o esquisso de um homem preso de cólera; não o achando, voltou ao quarto da mulher com ar carrancudo, sem a olhar, e perguntou ao mais velho dos filhos pelo desenho que ele lhe tinha dado. Depois de muito procurar, acharam-no todo sujo, coberto de nódoas de cera. Levou-o mesmo assim, pô-lo sobre a mesa, examinou-o à distância, semicerrando os olhos; depois sorriu com um gesto satisfeito.

— É isto! — murmurou tomando um lápis e desenhando rapidamente. Uma das nódoas de cera dava ao seu esquisso um aspeto novo.

Sempre a desenhar lembrou-se do queixo proeminente do homem a quem comprava os charutos e logo o desenho representou essa fisionomia enérgica e acentuada, e o esquisso deixou de ser uma coisa vaga e morta para se animar e tornar vivo. Riu-se de prazer. Quando estava a acabar o desenho

cuidadosamente, trouxeram-lhe os bilhetes.

— Já vou — respondeu.

Depois entrou no quarto da mulher.

— Vamos, Sacha, não estejas zangada — disse com um sorriso terno e ao mesmo tempo receoso. — Nem tu, nem eu tivemos razão. Eu arranjarei as coisas.

E reconciliado com a mulher, vestiu um casaco verde com gola de veludo, agarrou no chapéu e foi para o *atelier,* vivamente preocupado com a visita dessas grandes personagens russas, que vinham de trem para ver o seu *atelier*.

No fundo a sua opinião sobre o quadro, que já estava exposto, resumia-se assim: ninguém era capaz de produzir outro igual. Não era porque ele o julgasse superior aos Rafaéis, mas estava convicto de ter posto nele tudo o que tinha querido pôr-lhe e desafiava os outros a fazer outro tanto.

Contudo, apesar desta convicção, que datava para ele do dia em que começara a obra, ligara uma importância extrema ao juízo do público, e a espectativa desse juízo comovia-o até ao fundo da alma. Atribuía aos seus críticos uma profundeza de vistas que ele próprio não possuía e esperava ver-lhes descobrir no seu quadro aspetos novos que ele ainda não notara.

Avançando a grandes passadas ficou impressionado, apesar das suas preocupações, com a aparição de Ana, suavemente iluminada, em pé na sombra do portal, falando com Golinitchev e vendo aproximar o artista, que ela procurava examinar de longe. Este, sem mesmo ter consciência disso, recolheu imediatamente essa impressão num canto do seu cérebro para se servir dela um dia, como do queixo do seu freguês dos cigarros.

Os visitantes, já desencantados a respeito de Mikhailov pelo que Golinitchev lhes contara, ficaram-no ainda mais pelo exterior do poeta. De estatura média e gorducho, Mikhailov, com o seu andar agitado, o chapéu castanho, casaco e calças estreitas já fora de moda, produzia uma impressão que a vulgaridade do seu rosto comprido e o misto de timidez e pretensão a dignidade que se lhe notava não contribuíam para o tornar favorável.

— Deem-me a honra de entrar — disse ele procurando tomar um ar indiferente enquanto introduzia os visitantes e lhes abria a porta do *atelier*.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 11

Mal tinham entrado, Mikhailov lançou um novo olhar para os seus hóspedes; a cabeça de Vronsky de faces salientes gravou-se instantaneamente na sua imaginação, porque o senso desse homem trabalhava a despeito das perturbações e amassava sem cessar novos materiais. As suas observações finas e justas apoiavam-se sobre impercetíveis indícios. Este (Golinitchev) devia ser um russo fixado na Itália. Mikhailov não lhe sabia nem o nome, nem o sítio onde o encontrara, e ainda menos se alguma vez lhe falara; mas lembrava-se do seu rosto, como de todos aqueles que via, tendo-o já classificado na imensa categoria das fisionomias pobres de expressão, apesar do seu falso ar de originalidade.

Uma testa muito alta e com cabelos arrepiados para trás davam a essa cabeça uma individualidade puramente aparente, enquanto uma expressão de agitação pueril se concentrava no estreito espaço que separava os dois olhos.

Vronsky e Ana deviam, segundo pensou Mikhailov, ser russos de distinção, ricos e ignorantes de coisas de arte, como todos os russos ricos, que fazem de amadores e de conhecedores.

Com certeza que visitaram as galerias antigas e, depois de terem percorrido os ateliers dos cristãos alemães e dos imbecis pré-rafaelitas ingleses, dão-me a honra de uma visita para completar o passeio, pensou.

A forma porque os diletantes examinam os *ateliers* dos pintores modernos era-lhe bem conhecida; sabia que o seu único fito era poder dizer que a arte moderna prova a incontestável superioridade da arte antiga. Notava tudo isso e ia-o lendo na indiferença com que os visitantes falavam passeando pelo *atelier* e olhando superficialmente para os bustos e manequins enquanto o pintor ia descobrindo o quadro.

Apesar dessa prevenção e da sua íntima convicção de que os russos ricos e de alta estirpe não podiam ser senão imbecis e tolos, ia desenrolando os estudos, levantava os estores e destapava com mão trémula o quadro.

— Eis — disse ele afastando-se do quadro e apontando-o com o gesto aos espectadores. — É Cristo diante de Pilatos, S. Mateus, Capítulo XXVII.

Sentiu os lábios tremerem-lhe de comoção e recuou para se colocar por detrás dos visitantes. Durante alguns segundos de silêncio que se seguiram, Mikhailov olhou o seu quadro com olhar indiferente, como se fosse um estranho. Mas apesar de tudo, esperava um juízo superior, uma sentença infalível, vinda dessas três pessoas que acabava de desprezar um instante antes.

Esquecendo a sua própria opinião, como os méritos incontestáveis que reconhecia na sua obra, havia três anos via-a com um olhar frio e crítico de um estranho e não lhe achava nada de bom. Quanto às frases delicadamente hipócritas que ia ouvir, seriam merecidas, quanto os visitantes teriam razão em o lamentar e chasquear ao mesmo tempo quando tivessem saído.

Esse silêncio, que não durou mais do que um minuto, pareceu-lhe de uma duração extraordinária e intolerável, e para dissimular a sua perturbação fez esforços para dirigir a palavra a Golinitchev.

— Creio já ter tido a honra de o encontrar — disse, lançando olhares inquietos ora para Ana, ora para Vronsky para não perder nada do jogo das suas fisionomias.

— Sim, senhor! Encontrámo-nos em casa de Rossi, na noite em que essa senhora italiana, a nova Raquel, declamou. Lembra-se? — respondeu Golinitchev ligeiramente, voltando os olhos sem o menor desgosto aparente.

Notou então que Mikhailov esperava uma apreciação qualquer e ajuntou:

— A sua obra progrediu muito desde a última vez que a vi, e agora, como então, fiquei chocado com o seu Pilatos. É bem um homem bom, fraco até ao íntimo da alma, que ignorava por completo o alcance da sua ação, mas parece-me...

O rosto móvel de Mikhailov iluminou-se, os olhos brilharam-lhe e quis responder; mas a comoção impediu-o e fingiu um acesso de tosse. Essa observação do pormenor, justa, mas de nenhum valor para ele, pois tinha em pouca conta o instinto artístico de Golinitchev, encheu-o de alegria.

De repente tomou afeição pelo seu hóspede e passou subitamente do abatimento ao entusiasmo. Imediatamente o quadro tomou para ele a vida completa e profunda.

Vronsky e Ana falavam em voz baixa, como se faz nas exposições de pintura, para se não arriscarem a desagradar ao autor e sobretudo para não

deixarem ouvir uma dessas observações tão facilmente absurdas quando se fala de arte. Mikhailov acreditou numa impressão favorável sobre o seu quadro e aproximou-se deles.

— Que admirável expressão que o Cristo tem! — disse Ana pensando que este elogio não podia deixar de ser agradável ao artista, pois o Cristo formava a principal personagem do quadro. E ajuntou: — Vê-se que tem piedade de Pilatos.

Era ainda uma das mil observações justas e banais que se podiam fazer. A cabeça do Cristo devia exprimir a resignação à morte, o sentimento de um profundo desapego, de uma paz sobrenatural, de um sublime amor, por consequência também a piedade pelos seus inimigos; Pilatos devia forçosamente representar a vida carnal, por oposição ao Cristo, tipo da vida espiritual, e por consequência ter o aspeto de um vulgar funcionário; mas o rosto de Mikhailov nem por isso se envaideceu menos.

— E como está pintado! Que aspeto à volta dessa figura! Poder-se-ia julgá-la a principal! — disse Golinitchev querendo mostrar por essa observação que não aprovava o lado realista do Cristo.

— Sim, é uma obra magistral! — disse Vronsky. — Que relevo nas figuras do segundo plano. Isto é que é habilidade de mãos! — ajuntou voltando-se para Golinitchev e fazendo alusão a uma conversa em que se confessara sem coragem pelas dificuldades práticas de arte.

— É muito notável! — disseram Golinitchev e Ana.

Mas a última observação de Vronsky picou Mikhailov; franziu as sobrancelhas e olhou para Vronsky com um ar descontente. Não compreendia bem a palavra «habilidade». Muitas vezes já notara, mesmo nos elogios que lhe dirigiram, que se opunha esta habilidade técnica ao mérito intrínseco da obra, como se fosse possível pintar uma má composição com talento!

— A única observação que me atreveria a fazer, se me desse licença... — começou Golinitchev.

— Diga, por favor — respondeu Mikhailov sorrindo sem vontade.

— É que o senhor pintou um homem Deus e não o Deus feito homem. De resto sei que essa era a sua intenção.

— Eu não posso pintar o Cristo se não como o compreendo — disse Mikhailov com ar sombrio.

— Nesse caso desculpe um ponto de vista que me é particular; o seu quadro é tão belo que esta observação lhe não poderá empanar o brilho...

Tomemos Ivanov por exemplo. Porque dá ele ao Cristo as proporções de uma figura histórica? Faria melhor em escolher um tema novo, menos batido.

— Mas esse tema é o maior de todos para a arte!

— Procurando-se, sempre se acharia outro assunto. A arte, a meu ver, não sofre discussão; ora esta pergunta apresenta-se diante do quadro de Ivanov: é um Deus? E a unidade de impressão fica assim destruída.

— Mas porquê? Parece-me que essa pergunta não se pode pôr para os homens ilustrados — respondeu Mikhailov.

Golinitchev não era dessa opinião e, forte na sua ideia, bateu o pintor numa discussão em que este se não soube defender.

Capítulo 12

Ana e Vronsky, lamentando a tagarelice do amigo, trocavam olhares aborrecidos; tomaram enfim o partido de continuarem sozinhos a visita ao *atelier,* detendo-se diante de um quadrozito.

— Que bonito! É encantador! — disseram ambos ao mesmo tempo.

O que é que lhes agrada tanto?, pensou Mikhailov.

Tinha por completo esquecido esse quadro, feito havia três anos. Uma vez uma tela acabada, não tornava a olhar para ela, e não a tinha exposto porque um inglês desejava comprá-la.

— Não é nada; um antigo estudo — disse.

— Mas é excelente! — replicou Golinitchev, sentindo muito sinceramente o encanto do quadro.

Eram duas crianças pescando à linha à sombra de um cítiso. O mais velho todo absorvido retirava prudentemente a linha da água; o mais novo, deitado sobre a erva, apoiava sobre o braço a cabeça loira encaracolada, olhando para a água com os seus grandes olhos pensativos. Em que pensaria?

O entusiasmo produzido por esse estudo libertou um pouco Mikhailov da sua primeira comoção, mas temia as vãs reminiscências do passado e quis conduzir os visitantes para um terceiro quadro. Vronsky desagradou-lhe perguntando-lhe se o estudo era para vender; essa pergunta de dinheiro pareceu-lhe importuna e respondeu franzindo as sobrancelhas.

— Está para vender, sim.

Quando os visitantes partiram, Mikhailov sentou-se diante do quadro de Cristo e de Pilatos e repassou mentalmente tudo o que tinha sido dito e dado a entender por eles.

Coisa estranha! As observações, que pareciam ter tanto peso na sua presença, até mesmo quando ele próprio se colocava sob o seu ponto de vista, perdiam agora toda a significação. Examinando a sua obra com o seu olhar de artista, voltou à plena convicção da sua perfetibilidade e do seu alto valor e

achou-se por consequência com a disposição de espírito necessária para continuar o trabalho.

A perna de Cristo em esboço tinha um defeito; pegou na palheta e, corrigindo a perna, ia olhando no segundo plano a cabeça de João, que ele considerava como a última palavra da perfeição e que os visitantes nem ao menos tinham notado. Tentou também tocar-lhe, mas para trabalhar bem devia estar menos comovido e achar um meio termo entre a indiferença e a exaltação.

Naquele momento a exaltação possuía-o; quis cobrir o quadro, deteve-se sustendo o pano com a mão e sorriu com êxtase ao seu São João. Por fim, arrancando-se com custo à contemplação, deixou cair o pano e voltou para casa fatigado, mas feliz.

Vronsky, Ana e Golinitchev voltaram alegremente para o palácio falando de Mikhailov e dos seus quadros. A palavra *talento* andava constantemente na conversa; entendiam por ela não só um dom inato, quase físico, independente do espírito e do coração, mas alguma coisa de mais profundo, cujo verdadeiro sentido lhes escapava.

— Talento — diziam eles — com certeza que o tem, mas esse talento não está suficientemente desenvolvido por falta de cultura intelectual, defeito que é próprio de todos os artistas russos.

Capítulo 13

Vronsky comprou o quadrinho e decidiu mesmo Mikhailov a fazer o retrato de Ana. O artista veio no dia combinado e começou um esboço que depois da quinta sessão impressionou Vronsky pela semelhança e por um sentimento muito delicado da beleza do modelo.

— Há muito tempo que luto sem conseguir nada — dizia Vronsky falando do seu retrato a Ana — e ele só teve de olhar para o fazer; eis o que eu chamo saber do seu ofício.

— Isso virá com a prática — dizia Golinitchev para o consolar, porque a seus olhos Vronsky tinha talento e possuía de resto uma instrução, que devia elevar nele o sentimento da arte. Também as convicções de Golinitchev eram corroboradas pela necessidade que tinha dos elogios e da simpatia de Vronsky para com os próprios trabalhos; era uma troca de elogios.

Mikhailov, fora do seu *atelier*, parecia um outro homem; sobretudo no palácio, mostrava-se respeitoso até à afetação, cuidadoso de evitar toda a intimidade com pessoas que no fundo não estimava. Tratava Vronsky só por «Vossa Excelência» e, apesar dos convites reiterados de Ana, nunca aceitou jantar, aparecendo só às horas das sessões.

Ana era mais amável para ele do que para os outros; Vronsky tratava-o com uma delicadeza esquisita, desejando ter a opinião dele sobre os seus quadros; Golinitchev não desprezava nunca uma ocasião qualquer de lhe inculcar ideias sãs sobre arte; Mikhailov nem por isso deixou de ser menos frio. No entanto Ana notava que ele a olhava satisfeito, embora evitasse toda a conversação; quanto aos conselhos pedidos por Vronsky, conservou-se no seu mutismo obstinado, olhou para os quadros sem dizer nada e não escondia o aborrecimento que lhe causavam os discursos de Golinitchev.

Esta surda hostilidade produziu uma desagradável impressão e sentiram-se naturalmente aliviados, quando, terminadas as sessões, Mikhailov não veio mais ao palácio, deixando ficar como recordação um admirável retrato.

Golinitchev foi o primeiro a exprimir o pensamento de que o pintor tinha inveja de Vronsky.

— O que o torna furioso é ver um homem rico, altamente colocado, conde ainda por cima, o que os vexa sempre, chegar sem grandes dificuldades a fazer tão bem, talvez melhor do que ele; ele consagrou a sua vida a pintura, mas o senhor possui uma cultura de espírito à qual pessoas, como Mikhailov, não chegarão nunca.

Vronsky, sempre do partido do pintor, dava no fundo razão ao amigo porque, na sua íntima convicção, achava muito natural que um homem numa situação inferior lhe tivesse inveja.

Os dois retratos de Ana deviam esclarecê-lo e mostrar-lhe a diferença que existia entre Mikhailov e ele; compreendeu-a bem para renunciar ao seu, declarando-o supérfluo e contentar-se com o seu quadro Idade Média, de que estava tão satisfeito como Golinitchev e Ana, porque se assemelhava, mais do que tudo que Mikhailov fazia, a um quadro antigo.

O artista, pelo seu lado, apesar da atração que o retrato de Ana tinha para ele, foi feliz por se ver livre dos discursos de Golinitchev e das obras de Vronsky; não se podia certamente impedir este de se divertir, tendo os diletantes infelizmente como têm o direito de pintar o que muito bem lhes parecer; mas ele sofria com esse passatempo de amador.

Ninguém pode proibir um homem de fazer uma boneca de cera e de a beijar, mas que ele não vá acariciá-la diante de dois apaixonados! A pintura de Vronsky produzia-lhe um efeito de insuficiência análogo; feria-o e irritava-o; achava-a ridícula e lastimável.

A dedicação de Vronsky pela pintura e pela Idade Média foi de resto de curta duração; teve bastante senso artístico para não acabar o quadro e reconhecer tristemente, que os defeitos, pouco aparentes ao princípio, se tornavam enormes à medida que ele avançava. Estava no caso de Golinitchev que, sentindo o vazio do seu espírito, alimentava voluntariamente de ilusões e imaginava amadurecer as suas ideias e reunir materiais. Mas no ponto em que este se zangava e irritava, Vronsky ficava perfeitamente calmo; incapaz de se enganar a si próprio, abandonou simplesmente a pintura com a sua decisão habitual de caráter, sem procurar justificar-se, nem explicar-se.

Mas dentro em pouco a vida sem ocupação nenhuma tornou-se-lhe intolerável nessa pequena cidade; o palácio pareceu-lhe de repente velho e sujo, as manchas das cortinas tomaram um aspeto sórdido, as fendas nos

mosaicos, os bocados partidos das cornijas, o eterno Golinitchev, o professor italiano e o viajante alemão tornaram-se todos intoleravelmente aborrecidos e Vronsky sentiu a imperiosa necessidade de mudar de vida.

Ana admirou-se desse súbito resfriamento, mas consentiu de boa vontade em voltar à Rússia e de ir habitar o campo.

Vronsky queria passar por S. Petersburgo para aí concluir um ato de partilha com seu irmão e Ana para ver o filho. O verão deviam-no passar na grande terra patrimonial de Vronsky.

Capítulo 14

Levine já estava casado havia perto de três meses. Sentia-se feliz, mas por uma forma diferente da que tinha pensado e, apesar de certos encantos imprevistos, chocara-se com algumas desilusões. A vida conjugal era muito diferente da que tinha sonhado; semelhante a um homem que, tende admirado a marcha calma e regular de um barco sobre o lago, quisesse ele próprio dirigi-lo, sentia a diferença que existe entre a simples contemplação e a ação. Não bastava ficar sentado sem falsos movimentos, era preciso pensar na água que corria debaixo dos pés, dirigir a embarcação, levantar com mão ágil os remos pesados.

Outrora, quando ainda rapaz, rira-se muitas vezes consigo das pequenas misérias da vida conjugal, questões, ciúmes, mesquinhas preocupações. Nunca coisa alguma de semelhante se produziria na sua casa, jamais a sua existência íntima se assemelharia à dos outros! E eis que essas mesmas mesquinharias se reproduziam todas e tomavam, apesar de todos os seus esforços em contrário, uma importância enorme.

Como todos os homens, Levine imaginara encontrar a satisfação do amor no casamento sem admitir nenhum pormenor; o amor devia-lhe dar o repouso depois do trabalho, a mulher devia-se contentar em ser adorada e esquecia completamente que ela também tinha direito a uma certa atividade pessoal.

Grande foi a sua surpresa ao ver essa poética e encantadora Kitty capaz de pensar, quase logo nos primeiros dias do casamento, na mobília, nas camas, na roupa, no serviço da mesa e da cozinha. A forma por que ela recusara ir viajar para se vir instalar no campo chocara-o durante os esponsais; agora sentia-se chocado ao constatar que depois de alguns meses de amor nada a impedia de se ocupar das questões materiais da vida e troçava-a por isso.

Apesar de tudo, admirava-a e divertia-se em a ver presidir à instalação da casa com os novos móveis vindos de Moscovo, mandar colocar cortinas,

arranjar os quartos das visitas, pensando em Dolly, dirigir a sua nova criada de quarto e o velho cozinheiro, entrar em discussão com Ágata Mikhailovna e retirar-lhe a guarda das dispensas. O velho cozinheiro sorria mansamente recebendo ordens fantásticas, impossíveis de executar; Ágata Mikhailovna sacudia a cabeça com ar pensativo diante das novas medidas decretadas pela sua jovem senhora.

Levine olhava-as e quando Kitty vinha, meio risonha, chorosa, queixar-se a ele de que ninguém a tomava a sério, achava a sua mulher encantadora, mas esquisita. Não compreendia nada do sentimento da metamorfose que ela experimentava vendo-se senhora, de mandar comprar montanhas de bombons, de dispensar e pedir o que queria, habituada como estava em casa dos pais a restringir as suas fantasias.

Estava-se preparando com alegria para a chegada de Dolly com os filhos e arranjava os presentes que teria para os pequenos. Os pormenores da casa atraíam-na invencivelmente e, como na previsão de maus dias, ela fazia instintivamente o seu ninho à aproximação da primavera. Esse zelo por bagatelas, muito contrário ao ideal de felicidade superior sonhado por Levine, foi em certos aspetos uma desilusão, enquanto essa atividade, cujo fim lhe escapava, mas que não podia ver sem prazer, lhe aparecia sob outras formas com um encanto inesperado.

As questões foram também surpresas! Nunca Levine teria imaginado que entre sua mulher e ele pudessem existir outras relações que não fossem as da mansidão, do respeito e da ternura; e eis que nos primeiros dias tinham questionado! Kitty declarou-lhe que ele só de si próprio gostava e derramou-se em lágrimas com gestos desesperados.

A primeira dessas questões sobreveio em seguida a um passeio que Levine deu a uma nova propriedade; demorou-se por fora mais meia hora do que dissera, tendo-se perdido quando queria voltar pelo caminho mais curto.

Kitty ocupava-lhe exclusivamente o pensamento, enquanto se ia aproximando de casa, e pelo caminho inflamava-se à ideia da sua felicidade e da sua ternura pela mulher. Correu para o salão num estado de espírito análogo ao que experimentara no dia do seu pedido de casamento.

Um rosto sombrio, que ele não conhecia, o acolheu; quis beijar Kitty, mas esta repeliu-o.

— O que tens?

— Tu divertes-te... — começou ela querendo-se mostrar friamente

amarga.

Mas mal entreabriu a boca, os absurdos ciúmes que a tinham atormentado durante a espera sobre o parapeito da janela irromperam em palavras de censura. Ele compreendeu então pela primeira vez que o limite que os separava era inapreciável e que já não sabia onde começava e onde acabava a sua própria personalidade.

Foi um doloroso sentimento de cisão interior. Nunca uma semelhante impressão lhe pareceu tão viva. Queria desculpar-se, provar a Kitty a sua injustiça, mas com certeza a teria irritado mais, aumentando a discussão. Ficar debaixo do golpe de uma injustiça era cruel, excitá-la sob o pretexto de justificação era mais terrível ainda.

Como um homem que luta meio adormecido com um mal doloroso que quereria arrancar, e constata acordado que esse mal está no íntimo de si mesmo, assim ele reconhecia que a paciência era o único remédio.

A reconciliação foi rápida. Kitty, sem o confessar, sentia-se sem razão e mostrou-se tão terna que o seu amor ainda se tomou maior.

Infelizmente essas dificuldades renovavam-se muitas vezes por razões tão fúteis como imprevistas, e porque ambos ignoravam ainda o que para um e outro tinha importância. Esses primeiros meses foram difíceis de passar; não estavam, nem um nem outro, de bom humor e a causa mais pueril bastava para provocar uma desinteligência, cujo motivo lhes escapava logo. Cada um deles sacudia do seu lado a cadeia que os ligava e essa lua de mel, de que Levine esperava maravilhas, não lhes deixou na realidade senão recordações desagradáveis. Ambos procuraram por continuação apagar da sua memória esses mil incidentes desagradáveis, quase ridículos, desse período durante o qual se achavam tão raramente num estado de espírito normal.

A vida só se tornou mais regular à sua volta de Moscovo, onde fizeram uma curta estadia no terceiro mês depois do casamento.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 15

Quando voltaram para casa riram-se da sua solidão. Levine, instalado no escritório, estava escrevendo; Kitty, com um vestido violeta de que o marido gostava, porque ela o trouxera nos primeiros dias do seu casamento, estava fazendo um bordado inglês, sentada sobre o grande divã de couro que mobilava o gabinete de trabalho desde o tempo do avô e do pai de Levine.

Este sentia-se feliz com a presença da mulher, refletindo e escrevendo; os seus trabalhos sobre a transformação das condições agronómicas da Rússia não tinham sido abandonadas; mas se lhe tinham parecido miseráveis outrora, comparados com a tristeza que lhe ensombrava a vida, agora em plena felicidade achava-os insignificantes. Noutro tempo esse estudo aparecera-lhe como a salvação; atualmente evitava-lhe à sua vida um bem-estar uniformemente luminoso.

Realizando o seu trabalho, Levine constatou com prazer que ele tinha valor, apesar de certas ideias exageradas, e conseguiu preencher bastantes lacunas retomando de novo o conjunto da questão. Num capítulo que refez por completo, tratava das condições desfavoráveis criadas à agricultura na Rússia; a pobreza do país não estava unicamente, a seu ver, na partilha desigual da propriedade e em falsas tendências económicas, mas principalmente numa introdução prematura da civilização europeia; os caminhos de ferro, obra política e não económica, produziam uma centralização exagerada, o desenvolvimento do luxo — e por consequência a criação, em detrimento da agricultura, de indústrias novas — a extensão exagerada do crédito e a especulação. Julgava que o acréscimo normal da riqueza de um país não admitia esses sinais de civilização exterior sem que a agricultura tivesse atingido um grau de desenvolvimento proporcional.

Enquanto Levine escrevia, Kitty pensava na atitude estranha do marido na véspera da sua partida de Moscovo a respeito do jovem príncipe Tcharsk, que com tão pouco tato lhe fizera um pouco a corte.

Tinha ciúmes, pensava. *Meu Deus! Como ele é gentil e estúpido! Se soubesse o efeito que todos eles me produzem! Exatamente o mesmo que Pedro, o cozinheiro.*

E lançou um olhar de dona para a nuca e para o pescoço vigoroso do marido.

É pena interrompê-lo, mas ele tem tempo de trabalhar mais tarde; quero-lhe ver a cara. Sentirá ele que o estou a olhar? Quero que se volte...

E abriu os olhos desmedidamente, como para dar mais força ao olhar...

— Sim, atraem para eles a melhor seiva e dão um falso aspeto de riqueza — murmurou Levine deixando a caneta ao sentir o olhar da mulher fixo sobre ele. E voltou-se. — O que há? — perguntou sorrindo e levantando-se.

Voltou-se, pensou ela.

— Nada, queria fazer-te voltar!

E olhava-o com desejo de adivinhar se ele estava descontente por ter sido interrompido.

— Que bom é estarmos os dois sozinhos! Para mim pelo menos — disse ele aproximando-se dela, radiante de felicidade.

— Eu acho-me tão bem aqui que não irei mais a parte nenhuma e principalmente a Moscovo.

— Em que pensavas?

— Eu? Pensava... Não. não, vai escrever, não te distraias — respondeu ela com uma pequena careta. — Preciso cortar agora todos estes cravos, vês?

E pegou na tesoura de bordar.

— Não, diz-me em que pensavas — repetiu ele sentando-se junto dela e seguindo o movimento da tesoura.

— Em que pensava? Em Moscovo e em ti.

— O que fiz eu para merecer essa felicidade? Não é natural — disse beijando-lhe a mão.

— Eu, quanto mais feliz me sinto, mais o acho natural.

— Tens aqui uma madeixa — disse ele voltando-lhe a cabeça com precaução.

— Uma madeixa? Deixa-a sossegada. Ocupemo-nos de coisas sérias.

Mas as coisas sérias estavam interrompidas e quando Kousma veio anunciar o chá separaram-se bruscamente como dois culpados.

Ficando só, Levine fechou os seus cadernos num novo mata-borrão comprado por sua mulher, foi lavar as mãos a um lavatório elegante também

comprado por ela e, sorrindo aos seus pensamentos, inclinou a cabeça com um sentimento que se assemelhava a remorso. A sua vida tornara-se muito serena, muito amimada. Era uma vida de Cápua, de que se sentia um pouco envergonhado.

Esta existência não vale nada, pensou. *Há três meses que eu ando a flanar. Pela primeira vez que hoje me pus a trabalhar e mal tinha começado, logo pus tudo de parte. Abandono até as minhas ocupações ordinárias, não vigio nada, não vou a lado nenhum. Ora tenho pena de a deixar, ora receio que ela se aborreça: e eu, que julgava até ao casamento a existência nada era, e que só depois é que realmente começava! E agora há três meses que passo o meu tempo por uma forma absolutamente inútil. Isto não deve continuar assim. Não é por culpa dela e ninguém lhe pode fazer a menor censura. Eu que deveria ter mostrado firmeza, defender a minha independência de homem, porque afinal vem-se a tomar maus hábitos...*

Um homem descontente dificilmente se escapa de lançar as culpas do seu descontentamento sobre alguém. Por isso Levine pensava com tristeza que se a culpa não era da mulher — não a podia acusar — era da sua educação.

Por exemplo, esse imbecil do Tcharsk, que ela não soube conter em respeito.

Afora estes pequenos interesses da casa, da *toilette* e do bordado inglês, nada a preocupava.

Nenhuma simpatia pelos meus trabalhos, pela exploração ou pelos camponeses, sem gosto pela leitura ou pela música e sendo demais a mais uma boa música. Nada e acha-se muito satisfeita!

Levine, julgando-a assim, não compreendia que a mulher se preparava para um período de atividade que a obrigaria a ser ao mesmo tempo mulher, mãe, dona casa, ama e criada; não compreendia que ela se entregasse a essas horas de tranquilidade e amor porque um instinto secreto a advertia do que a esperava, enquanto lentamente ia preparando o ninho para o futuro.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 16

Levine, ao subir, foi encontrar a mulher diante do seu novo serviço de chá, lendo uma carta de Dolly, porque entre ambas mantinham uma correspondência seguida, e Ágata Mikhailovna com a chávena diante e instalada ao lado da senhora.

— Veja, a senhora mandou-me sentar aqui — disse a velha olhando para Kitty com afeição.

Estas últimas palavras provaram a Levine o fim de um drama doméstico entre Kitty e Ágata Mikhailovna, apesar da pena que lhe causara apossando-se das rédeas do governo, Kitty vitoriosa conseguira fazer-se perdoar.

— Olha, pega, uma carta para ti — disse Kitty estendendo ao marido uma carta sem ortografia. — É, parece-me, dessa mulher, sabes... de teu irmão! Não a li. Esta é de Dolly. Levou Grischa e Tânia a um baile de crianças em casa dos Sarmatzky. Tânia ia de marquesa.

Mas Levine não a escutava; pegou corando na carta de Maria Nicolaevna, a antiga amante de Nicolau, e percorreu-a com os olhos; era a segunda vez que lhe escrevia. Na primeira dizia-lhe que Nicolau a expulsara sem que tivesse nada a censurar-lhe e apontando com uma ingenuidade tocante, que não pedia nenhum socorro, embora estivesse reduzida à miséria, mas que o pensamento de Nicolau Dmitritch a matava; o que lhe sucederia, fraco como estava? Informava o irmão para o não perder de vista.

A segunda era já num tom diferente. Dizia ter encontrado Nicolau em Moscovo e ter partido com ele para uma cidade de província onde ele tinha obtido um lugar; aí zangara-se com um dos seus chefes e retomara o caminho de Moscovo, mas caindo doente na viagem, ela calculara que ele se não levantaria mais.

«Pergunta constantemente por si. Também não temos dinheiro nenhum», escrevia ela.

— Lê o que Dolly diz a teu respeito — começou Kitty, mas vendo o

rosto desfigurado do marido, calou-se. — O que há? Que aconteceu?

— Manda-me dizer que meu irmão Nicolau está a morrer. Vou partir.

Kitty mudou de rosto: Dolly, Tânia vestida de marquesa, tudo se esqueceu.

— Quando partirás?

— Amanhã.

— Posso acompanhar-te? — perguntou ela.

— Kitty, que ideia! — respondeu ele num tom de censura.

— Como, que ideia? — disse ela chocada por ver a sua proposta tão mal recebida. — Porque não havia de ir contigo? Em nada te estorvarei.

— Eu vou, porque meu irmão está a morrer — disse Levine. — Que tens tu lá que fazer?...

— O mesmo que tu.

Num momento tão grave para mim, ela só pensa no aborrecimento de ficar sozinha, pensou Levine; e essa reflexão afligiu-o.

— É impossível — respondeu severamente.

Ágata Mikhailovna, vendo as coisas embrulharem-se, pôs a chávena na mesa e saiu. Kitty nem deu por isso. O tom do marido tinha-a ferido, tanto mais quanto ele parecia não ligar nenhuma importância às suas palavras.

— Digo-te que se tu fores, eu também vou; com toda a certeza que te acompanharei — disse com vivacidade e com cólera. — Quereria saber porque é impossível? Porque é, diz lá.

— Porque sabe Deus em que casa o encontrarei, por que estradas chegarei até junto dele. Tu não fazes senão afligir-me — disse Levine procurado conservar o sangue-frio.

— De forma nenhuma. Eu não preciso de nada. Onde tu fores, também eu posso ir...

— Quanto mais não fosse por causa dessa mulher, com quem tu não te podes achar em contacto.

— Porquê? Eu nada tenho a saber de todas as suas histórias, isso não me diz respeito. Sei que o irmão de meu marido está a morrer, que meu marido o vai ver e eu acompanho-o para...

— Kitty! Não te zangues e pensa que, num caso assim tão grave, me é doloroso ver-te misturar à minha dor uma verdadeira fraqueza, o medo de ficar sozinha. Se te aborreces, vai para Moscovo.

— Eis como tu és! Supões-me sempre sentimentos mesquinhos! —

exclamou ela sufocada por lágrimas de cólera. — Eu não sou estúpida... Bem sei que o meu dever é ficar com o meu marido num tal momento e tu queres-me ferir pensando de mim tais coisas.

— Mas é terrível ser assim escravo! — gritou Levine levantando-se da mesa, incapaz de dissimular o seu descontentamento; mas no mesmo instante compreendeu que se fustigava a si próprio.

— Então porque te casaste? Serias livre. Mas porquê, se te arrependes já?

E Kitty fugiu para o salão.

Quando ele veio ter com ela, encontrou-a soluçando.

Ao princípio procurou palavras, não para a persuadir, mas para a acalmar; ela não o escutava, não admitindo nenhum dos seus argumentos; ele baixou-se para ela, tomou-lhe uma das mãos recalcitrantes, beijou-a, beijou-lhe os cabelos e depois novamente a mão; mas ela conservava-se calada. Quando afinal lhe tomou a cabeça entre as mãos e lhe chamou «Kitty», ela abrandou começando a chorar e a reconciliação fez-se logo.

Decidiram partir juntos. Levine declarou-se persuadido de que ela pensava unicamente em se tornar útil e que nada havia de inconveniente na presença de Maria Nicolaevna junto do irmão; mas no fundo do coração queria mal a si próprio e à mulher. Coisa estranha, ele que não podia crer na felicidade de ser amado por ela sentia-se agora quase infeliz por o ser muito.

Descontente com a sua própria fraqueza, aterrorizava-se de antemão com o encontro inevitável entre a mulher e a amante do irmão. A ideia de as ver ambas no mesmo quarto enchia-o de horror e de desgosto.

Capítulo 17

O hotel de província, em que Nicolau Levine agonizava, era um desses estabelecimentos de construção recente, tendo a pretensão de oferecer a um público pouco habituado aos excessos modernos a limpeza, o conforto e a elegância, mas que esse mesmo público tinha em breve transformado num *cabaret* mal-arranjado. Tudo aí produziu em Levine um efeito desagradável: o soldado de uniforme sujo servindo de porteiro e fumando um cigarro no vestíbulo, a escada de ferro sombria e triste, o criado de casaca preta coberta de nódoas, a mesa ornamentada com o seu nojento *bouquet* de flores de cera cheias de poeira, e o estado geral de desordem e imundície e até a atividade cheia de arrogância que lhe pareceu ter o tom da moda introduzido pelos caminhos de ferro, todo esse conjunto não se coadunava em nada com o que esperavam e eles acharam nisso um contraste doloroso com a sua felicidade de tão fresca data.

Os melhores quartos estavam ocupados; ofereceram-lhes um quarto sujo, prometendo-lhes um outro para a noite. Levine levou para lá a mulher, vexado por ver as suas previsões tão depressa realizadas e de se ver forçado a tratar da instalação em lugar de correr para junto do irmão.

— Vá, anda depressa! — disse ela num ar contrito.

Ele saiu sem dizer nada e juntou-se perto da porta a Maria Nicolaevna, que acabava de saber da sua chegada. Não tinha mudado desde que a vira em Moscovo: era o mesmo vestido de lã, deixando a descoberto o pescoço e os braços, e a mesma expressão de bondade sobre o rosto grande e com rugas.

— Então? Como vai ele?

— Muito mal. Já não se levanta e está à sua espera. O senhor... veio com sua esposa?

Levine não duvidou que isso a tornava confusa, mas ela explicou-se imediatamente:

— Irei para a cozinha; ele ficará contente. Lembra-se de a ter visto no

estrangeiro.

Levine compreendeu que se tratava da mulher e não soube que responder.

— Vamos, vamos! — disse.

Mas mal dera um passo, a porta do quarto abriu-se e Kitty apareceu à porta. Levine corou de contrariedade vendo a mulher numa tão falsa posição; mas Maria Nicolaevna corou ainda mais e, apertando-se contra a parede, quase a chorar, envolveu as mãos vermelhas no seu xale para se conter.

Levine notou a expressão de curiosidade ávida e quase terrível que se pintou no olhar lançado por Kitty sobre esta mulher incompreensível para ela: foi obra de um segundo.

— Então, que há? — perguntou Kitty ao marido.

— Não podemos estar aqui a falar no corredor! — disse Levine num tom irritado.

— Então entrem — disse Kitty voltando-se para Maria Nicolaevna; depois vendo o ar espantado do marido: — Ou antes vão, vão e mandem-me buscar — ajuntou entrando no quarto.

Levine foi direito ao quarto do irmão. Julgava ir encontrá-lo no estado de ilusão própria dos físicos e que o chocara por ocasião de sua última visita, mais magro também e mais fraco, com indícios de um fim próximo, mas parecendo-se ainda. Pensava sentir-se muito cheio de compaixão por esse irmão amado e encontrar novamente, mais fortes mesmo, os terrores que a ideia da sua morte lhe tinha feito experimentar; mas o que viu foi muito diferente do que esperava.

Num pequeno quarto sórdido, sobre as paredes do qual bastante viajantes tinham certamente escarrado e que um biombo estreito mal separava de um outro quarto em que estavam conversando, numa atmosfera pesada e suja, distinguiu sobre uma cama ordinária um corpo ligeiramente abrigado sob um cobertor. Sobre a roupa alongava-se uma mão enorme, como um ancinho, e segurando por uma forma estranha pelo cabo uma espécie de fuso comprido e fino. A cabeça caída sobre o travesseiro deixava perceber raros cabelos, que o suor colava às fontes, e uma testa quase transparente.

É possível que este cadáver seja de meu irmão Nicolau?, pensou Levine. Mas aproximando-se, a dúvida cessou; bastou-lhe lançar um olhar para os seus olhos, que se voltaram para ele, para reconhecer a terrível verdade.

Nicolau tinha olhado o irmão com olhar severo. Esse olhar estabeleceu as

relações entre ambos: Konstantin sentiu neles como uma censura e teve remorsos pela sua felicidade.

Tomou a mão do irmão; este sorriu, mas esse sorriso impercetível não mudou em nada a dureza da sua fisionomia.

— Não esperavas encontrar-me assim — conseguiu por fim dizer.

— Sim... sim... — respondeu Levine atarantando-se. — Como não me avisaste mais cedo? Antes do casamento! Tive de fazer um grande inquérito para te encontrar.

Queria falar para evitar um silêncio doloroso, mas o irmão não lhe respondia e olhava-o sem baixar os olhos, como se estivesse pesando cada uma das suas palavras; Levine sentia-se embaraçado.

Por fim anunciou que a mulher estava com ele e Nicolau testemunhou a sua satisfação, ajuntando, contudo, que receava aterrorizá-la.

Um silêncio se seguiu; de repente Nicolau pôs-se a falar e pela expressão do rosto de Levine julgou que ele tinha alguma coisa importante para lhe comunicar; era para acusar o médico e lamentar o não poder consultar uma celebridade de Moscovo. Levine compreendeu que ele ainda tinha esperanças.

Ao cabo de um momento Levine levantou-se, pretextando o desejo de trazer a mulher, mas na realidade a fim de se subtrair, ao menos durante alguns minutos, a essas cruéis impressões.

— Está bem, eu vou mandar limpar e arejar isto um pouco: Macha, vem pôr isto em ordem — disse o doente com esforço. — Depois ir-te-ás — ajuntou olhando o irmão com ar interrogador.

Levine saiu sem responder, mas mal chegou ao corredor arrependeu-se de ter prometido levar a mulher; pensando no que ele tinha sofrido, resolveu-se a persuadi-la de que essa visita era supérflua.

Porquê atormentá-la como a mim?, pensou.

— Então? — perguntou Kitty comovida.

— É horrível! Porque vieste?

Kitty olhou o marido em silêncio durante um instante; depois tomando-o pelo braço disse-lhe timidamente:

— Kostia, leva-me junto dele, será menos cruel para ambos. Leva-me e deixa-me com ele; compreendes que ser testemunha da tua dor e não lhe ver a causa é para mim mais cruel do que tudo. Talvez lhe seja útil a ele e a ti. Peço-te, deixa-me ir.

Suplicava-lhe, como se se tratasse da felicidade da sua vida. Levine consentiu em acompanhá-lo e pelo caminho esqueceu Maria Nicolaevna.

Kitty caminhava ligeiramente, mostrando ao marido um rosto corajoso e cheio de afeição; entrando aproximou-se do leito, de modo a não forçar o doente a voltar a cabeça; depois a sua mão fresca tomou a enorme mão do moribundo e, usando do dom próprio às mulheres de manifestarem uma simpatia que não fere, pôs-se a falar com branda animação,

— Encontrámo-nos em Soden, sem nos conhecermos — disse ela. — Pensava então que eu ainda viria a ser sua cunhada?

— A senhora não me teria reconhecido, não é verdade — disse ele e o rosto iluminara-se-lhe num sorriso ao vê-la entrar.

— Como teve razão em nos chamar! Não se passava um dia sem que Kostia se não lembrasse de si e se não inquietasse sem notícias suas.

A animação do doente durou pouco. Kitty ainda não acabara de falar quando a expressão de censura severa do moribundo para aquele que goza saúde lhe reapareceu no rosto.

— Receio que esteja aqui bem mal — continuou ela evitando o olhar fixado sobre si para examinar o quarto. — É preciso pedir um outro quarto para estar mais próximo de nós! — disse para o marido.

Capítulo 18

Levine não podia ficar calmo em presença de seu irmão, mas os pormenores da terrível situação para a qual não via remédio escapavam aos seus olhos e à sua atenção perturbada.

Chocado pela sujidade do quarto, pela desordem e pelo mau ar que lá havia, pelos gemidos do irmão, não lhe ocorreu a ideia de indagar o modo como os seus pobres membros estavam deitados por debaixo do cobertor, de procurar aliviá-lo materialmente para que ele estivesse, senão melhor, pelo menos não tão mal; o único pensamento do mais pequeno destes pormenores faziam-no tremer e o doente, sentindo instintivamente esta convicção de impotência, irritava-se. Assim Levine não fazia senão sair e entrar no quarto com diversos pretextos, desgraçado junto do irmão, mais desgraçado ainda longe dele, e incapaz de ficar sozinho.

Kitty compreendeu as coisas por modo diverso; desde que foi ao pé do doente, encheu-se de compaixão por ele e no seu coração de mulher essa compaixão, longe de produzir terror ou desgosto, levou-a pelo contrário a informar-se de tudo o que podia suavizar esse triste estado. Persuadida de que era seu dever dar-lhe auxílio, não duvidando de que era possível aliviá-lo um pouco, pôs mãos à obra sem tardar.

Os pormenores, que repugnavam ao marido, foram precisamente os que atraíram a sua atenção. Mandou chamar um médico, mandou à farmácia e ocupou a sua criada de quarto e Maria Nicolaevna em limpar e lavar tudo; ela própria as ajudou. Mandou levar e trazer o que faltava e, sem se inquietar com as pessoas que encontrava no caminho, ia e vinha do seu quarto para o do cunhado, trazendo as coisas que eram precisas: roupas, fronhas de almofadas, toalhas e camisas.

O criado, que servia o jantar à mesa, respondeu muitas vezes ao seu apelo num tom de mau humor, mas ela dava as suas ordens com uma autoridade tão suave que apesar disso eles executavam o que ela mandava.

Levine não aprovava todo esse movimento; não lhe via o alcance e receava que irritasse o irmão; este continuava sossegado e indiferente, ainda que um pouco confuso, seguindo com interesse os gestos da cunhada.

Quando Levine voltou de chamar o médico, como Kitty mandara, viu ao abrir a porta que estavam mudando os lençóis do doente. As costas enormes de espáduas salientes, as costelas e as vértebras achavam-se a descoberto, enquanto Maria Nicolaevna e o criado se atarantavam com as mangas da camisa sem conseguirem fazer entrar os compridos braços descarnados de Nicolau.

Kitty fechou vivamente a porta sem olhar para o lado do cunhado, mas este soltou um gemido e ela apressou-se em se aproximar dele.

— Vá, depressa — disse ela.

— Não se chegue — murmurou com cólera o doente. — Arranjar-me-ei sozinho.

— O que diz? — perguntou Maria.

Mas Kitty tinha ouvido e compreendeu que ele estava envergonhado e confuso por se mostrar neste estado.

— Não vejo nada! — disse ela ajudando-o a meter o braço na manga da camisa. — Maria Nicolaevna, ponha-se do outro lado da cama e ajude-nos. Anda — disse ela para o marido — vai buscar ao meu saco um frasquinho que lá está e traz-mo. Durante esse tempo acabamos de o arranjar.

Quando Levine voltou com o frasco, o doente estava deitado e tudo à volta dele tinha tomado um outro aspeto. Em lugar do ar abafadiço que se respirava antes, Kitty espalhava soprando por um tubo pequeno um bom cheiro de vinagre aromático.

A poeira desaparecera e ao lado do leito estendia-se um tapete; sobre uma mesinha estavam alinhados os frascos dos remédios, uma garrafa, os panos precisos e o bordado inglês de Kitty; do outro lado sobre outra mesa junto da cama uma vela, a poção e os pós.

O doente, lavado e penteado, estendido em roupa lavada e amparado por muitas almofadas, estava vestido com uma camisa branca, cujo colarinho lhe rodeava o pescoço extraordinariamente magro. Uma expressão de esperança se lhe lia nos olhos, que não abandonavam Kitty.

O médico, encontrado no clube por Levine, não era o mesmo que desagradara a Nicolau; auscultou cuidadosamente o doente, sacudiu a cabeça, escreveu uma receita, dando explicações detalhadas sobre a forma de lhe

administrar os remédios e sobre a alimentação. Aconselhou ovos frescos, quase crus, e água de Seltz com leite quente a uma determinada temperatura.

Quando se foi, o doente disse ao irmão algumas palavras de que ele só compreendeu as últimas «a tua Katia», mas pelo olhar Levine compreendeu que estava fazendo o elogio dela. Depois chamou Katia, como a tratava, e disse-lhe:

— Sinto-me muito melhor. Consigo ter-me-ia curado. Agora tudo está bem!

E procurou levar aos lábios a mão da cunhada, mas receando ser-lhe desagradável, contentou-se em acariciá-la. Kitty apertou afetuosamente essa mão entre as suas.

— Agora voltem-me do lado esquerdo e vamos todos dormir — murmurou.

Kitty mal compreendeu o que ele dizia, porque sem cessar estava pensando no que lhe poderia ser útil.

— Volta-o para o outro lado — disse para o marido. — Eu não o posso fazer e não queria que fosse o criado. Pode levantá-lo? — perguntou ela a Maria Nicolaevna.

— Tenho medo — respondeu esta.

Levine, embora aterrado por ter de levantar esse corpo, sofreu a influência de sua mulher e passou os braços à volta do doente com um ar resoluto que aquela lhe não conhecia. O estranho peso desses membros gastos chocou-o.

Enquanto com custo ele mudava o irmão de lugar, tendo-lhe Nicolau rodeado o pescoço com os braços descarnados, Kitty mudava apressadamente as almofadas para melhor deitar o doente.

Este segurou uma das mãos do irmão nas suas e atraiu-a para ele; o coração de Levine parou de bater quando sentiu que ele a levava aos lábios para a beijar. Deixou-o e depois, sacudido pelos soluços, saiu do quarto sem poder proferir uma palavra.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 19

Ele descobriu aos simples e às crianças o que escondeu aos sábios, pensou Levine falando alguns momentos depois com a mulher.

Não era porque se julgasse um sábio citando assim o Evangelho, mas sem exagerar o alcance da sua inteligência não podia duvidar que o pensamento da morte o impressionava diversamente a ele do que a sua mulher e a Ágata Mikhailovna. Esse pensamento terrível já outros espíritos viris o tinham sondado, como ele, com todas as forças da sua alma; tinha lido os seus escritos, mas também eles pareciam não terem um saber assim tão longo, como sua mulher e a sua velha aia.

Essas duas pessoas, de resto tão semelhantes, tinham a esse respeito uma semelhança perfeita. Ambas sabiam, sem experimentarem a menor dúvida, o sentido da vida e da morte e, embora incapazes de responderem às perguntas que fermentavam no espírito de Levine, deviam explicar da mesma maneira esses grandes factos do destino da humanidade e partilhar a mesma crença a esse respeito de milhões de seres humanos.

Para prova da sua familiaridade com a morte, sabiam-se aproximar dos moribundos, não os temendo, enquanto Levine e aqueles que podiam, como ele, discorrer longamente sobre o tema da morte, não tinham essa coragem e não se sentiam capazes de socorrer um moribundo; quando junto do irmão, Konstantin contentava-se unicamente em o olhar, esperando com terror o seu fim, sem nada fazer para o retardar.

A vista do doente paralisava-o; já não sabia falar, nem olhar, nem andar. Falar de coisas indiferentes parecia-lhe desagradável; de coisas tristes, da morte, impossível; calar-se não era melhor.

Se o olho, julgará que tenho medo; se não olho, julgará que os meus pensamentos estão noutra parte. Andar no bico dos pés enfada-o, andar à vontade, parece-me brutal.

Kitty não pensava em nada disso, nem tinha tempo; unicamente ocupada

com o seu doente, parecia ter uma ideia nítida do que era preciso fazer e conseguia sempre tudo o que tentava.

Contava pormenores do seu casamento, dela mesmo, sorria-lhe, lamentava-o, ameigava-o e citava-lhe casos de cura, animando-o assim; donde lhe viria esta inspiração particular? Kitty, tanto como Ágata Mikhailovna, não se contentava só com os cuidados físicos, nem com atos puramente materiais; ambas se preocupavam com um assunto mais elevado; falando do velho servidor, que acabava de morrer, Ágata Mikhailovna dissera:

— Ele comungou e recebeu a extrema unção! Deus dá a todos um fim semelhante!

Kitty pelo seu lado achou meio, desde o primeiro dia, de dispor o cunhado para receber os sacramentos, e isto no meio das suas preocupações da roupa, das poções e dos pensos.

Voltando para o seu quarto no fim do dia, Levine sentou-se com a cabeça baixa, confuso, não sabendo o que fazer, incapaz de pensar em jantar, em arranjar o quarto, num estado mesmo de incapacidade de falar com a mulher. Kitty, pelo contrário mostrava uma animação extraordinária. Mandou trazer o jantar, abriu ela própria as malas, ajudou a fazer as camas, que se não esqueceu de polvilhar com o pó da Pérsia.

Tinha a excitação e a rapidez de conceção, que experimentam os homens bem-dotados na véspera de uma batalha ou de uma hora grave e decisiva da sua vida, quando a ocasião de mostrar o seu valor se apresenta.

Ainda não tinha dado meia noite e já tudo estava arranjado e pronto com toda a ordem; o seu quarto de hotel oferecia o aspeto de um aposento íntimo; junto do leito de Kitty, sobre uma mesa coberta com um pano branco, estava o espelho, as escovas e os pentes.

Levine achava imperdoável comer, dormir ou mesmo falar, cada um dos seus movimentos lhe parecia inconveniente. Ela pelo contrário punha em ordem os seus objetos sem que a sua atividade tivesse nada de extraordinário ou de aborrecido.

Contudo nada puderam comer e ficaram durante muito tempo sentados antes de se resolverem a deitar-se.

— Estou muito contente por o ter decidido a receber amanhã a extrema unção — disse Kitty penteando os cabelos perfumados diante do seu espelho de viagem, em camisa de noite. — Eu nunca vi, mas a mamã contou-me que

se diziam orações para pedir a cura.

— Então acreditas que a cura seja possível? — perguntou Levine vendo o risco da cabecita redonda de Kitty desaparecer quando ela tirava o pente.

— Falei com o doutor, que me disse que ele não pode viver mais de três dias. Mas o que sabem eles? Estou muito contente por o ter decidido — disse ela olhando para o marido. — Tudo pode acontecer — ajuntou com uma expressão particular, quase astuciosa, que o rosto lhe tomava sempre que falava de religião.

Nunca, depois da conversa que tinha tido quando eram noivos, tinham voltado a falar de assuntos religiosos, mas Kitty não deixava de ir à igreja e de rezar com a tranquila convicção de cumprir um dever; apesar da confissão que o marido se julgara obrigado a fazer-lhe, ela julgava-o firmemente um bom cristão, talvez mesmo melhor do que ela. Divertia-se, cria ela, acusando-se do contrário, como quando a troçava pelo seu bordado inglês.

— As pessoas assisadas fazem buracos por necessidade — dizia ele — tu faze-los por prazer.

— Sim, essa mulher, Maria Nicolaevna não teria nunca podido decidi-lo — disse Levine. — E devo confessá-lo, foi bom que tu tivesses vindo. Introduziste a ordem, a limpeza...

Agarrou-lhe a mão sem ousar beijá-la — não era uma profanação beijar em face da morte? — mas, olhando os seus olhos brilhantes, apertou-lha num ar contrito.

— Tu sozinho terias sofrido muito — disse ela escondendo as faces enrubescidas de satisfação, levantando os braços para enrolar os cabelos e prendê-los no alto da cabeça. — Ela não sabe, enquanto eu aprendi muita coisa em Soden.

— Então há lá doentes como ele?

— Mais doentes ainda.

— Tu não podes crer o desgosto que sinto por não poder torná-lo a ver tal como ele era na sua mocidade. Era um rapaz tão belo! Mas então não o compreendia eu!

— Acredito; sinto que *teríamos sido* amigos — disse ela; e voltou se com os olhos cheios de lágrimas para o marido, penalizado por ter falado no passado.

— *Tê-lo-iam sido!* — respondeu ele tristemente. — É um desses homens de que se pode dizer com razão que não foi feito para este mundo.

— Enquanto esperamos, é preciso não esquecer que temos bastantes dias de fadigas em perspetiva; é preciso deitarmo-nos — disse Kitty consultando o seu microscópico relógio.

PERIGOSAS

Capítulo 20

No dia seguinte o doente foi sacramentado. Nicolau rezou com fervor durante a cerimónia; uma súplica apaixonada e cheia de esperança se lhe lia nos grandes olhos fixos sobre a imagem santa, que tinha sido colocada sobre uma mesa de jogo, coberta com um pano de ramagens.

Levine sentiu medo vendo-o assim, porque sabia que a dor de deixar esta vida, a que ele se apegava, seria ainda mais cruel. Conhecia de resto as ideias do irmão, sabia que o seu ceticismo só resultava do desejo de se livrar da religião para viver mais livremente; as suas crenças religiosas tinham sido varridas pelas teorias científicas modernas; a sua volta à fé não era pois nem lógica, nem normal, mas unicamente devida a uma esperança insensata de cura e, portanto, só podia ser temporária e interesseira. Kitty tornara essa esperança mais viva pela narração de casos de curas extraordinárias.

Levine sentia-se atormentado com estes pensamentos olhando o rosto cheio de esperança do irmão, os punhos magros levantando-se com dificuldade até à fronte calma para fazer o sinal da cruz, as costas descarnadas e esse peito gasto, que já não podia conter a vida que o doente implorava.

Durante a cerimónia, Levine fez o que tinha feito cem vezes, incrédulo como era.

— Cura este homem, se existes — dizia dirigindo-se a Deus — e tu salvar-nos-ás a ambos!

O doente sentiu-se de repente muito melhor depois de ser sacramentado; durante mais de uma hora não tossiu nunca; assegurava, sorrindo e beijando a mão de Kitty com lágrimas de reconhecimento, que não sofria e sentia voltarem-lhe as forças e o apetite.

Quando lhe trouxeram a sopa, levantou-se sozinho e pediu uma costeleta; por mais impossível que a cura fosse, Levine e Kitty passaram essa hora numa espécie de agitação de felicidade receada.

— Vai melhor, muito melhor!

— É espantoso.

— Porque é espantoso? Vai melhor não há dúvida — segredavam eles sorrindo.

A ilusão não durou muito. Depois de um sono desassossegado de uma meia hora, o doente acordou com um acesso de tosse. As esperanças desapareceram logo para todos e até para o próprio doente. Esquecendo o que tinha acreditado uma hora antes e com vergonha de se lembrar disso mandou vir um frasco de iodo para respirar.

Foi Levine que lho trouxe e o irmão olhou-o com o mesmo ar apaixonado com que tinha olhado a imagem para lhe confirmar as palavras do médico, que atribuía ao iodo virtudes milagrosas.

— Kitty não está aqui? — murmurava ele com a sua voz rouca depois de Levine ter contra vontade repetido às palavras do médico. — Não? Então posso falar. Eu estive a representar para ela. É gentil! Mas nós os dois não nos podemos enganar. Eis no que eu tenho fé — disse ele apertando o frasco com as suas mãos ossudas e aspirando o iodo.

Pelas oito horas da noite, enquanto Levine e a mulher tomavam chá no quarto, Maria Nicolaevna veio a correr ter com eles toda esbaforida. Estava pálida e os lábios tremiam-lhe.

— Está a morrer! — balbuciou. — Tenho medo, ele vai morrer!

Ambos correram ao quarto de Nicolau; estava sentado, com as costas apoiadas à cama, a cabeça baixa e as costas curvas.

— O que tens? — perguntou Levine mansamente depois de um momento de silêncio.

— Está pronto! — murmurou Nicolau tirando a custo sons do peito, mas pronunciando ainda as palavras com clareza.

Sem levantar a cabeça voltou os olhos para o lado do irmão, de que não distinguia o rosto, e murmurou ainda:

— Kitty que se vá embora!

Levine obrigou brandamente a mulher a sair.

— Para que é isto? — perguntou Levine para dizer alguma coisa.

— Porque está pronto — repetiu Nicolau como se tivesse gostado da frase. — Acabou-se.

Maria Nicolaevna aproximou-se dele.

— Deite-se, estará melhor!

— Dentro em pouco estarei deitado tranquilamente, morto — murmurou ele com uma espécie de ironia irritada. — Bem, se querem, deitem-me.

Levine colocou-o de costas, sentou-se junto dele e mal respirando pôs-se a examinar-lhe o rosto. O moribundo tinha os olhos fechados, mas os músculos da fronte agitavam-se de tempos a tempos, como se ele estivesse a refletir profundamente. Contra vontade Levine pôs-se a procurar compreender o que se podia passar no espírito do moribundo; esse rosto severo e o jogo dos músculos por sobre as sobrancelhas pareciam indicar que o irmão entrevia mistérios que ficavam ocultos para os vivos.

— Sim, sim... — murmurou lentamente o moribundo fazendo longas pausas. — Espera, é isto! — disse de repente, como se tudo tivesse acabado para ele. — Oh! Senhor!

E suspirou profundamente.

Maria Nicolaevna colocou-lhe as mãos sobre os pés.

— Está a arrefecer — disse em voz baixa.

O doente ficou durante muito tempo imóvel, mas vivia e suspirava de vez em quando; fatigado pela tensão de espírito, Levine sentia que já não estava em concordância com o moribundo; já não tinha força para pensar na morte; as ideias mais disparatadas lhe vinham ao espírito e perguntava o que tinha a fazer: fechar-lhe os olhos, vesti-lo, encomendar o enterro?

Coisa estranha! Sentia-se frio e indiferente; o único sentimento que experimentava era antes o da inveja porque seu irmão tinha daí para diante uma certeza que ele, Levine, não podia pretender. Durante muito tempo ficou junto dele, esperando o fim; mas ele não vinha.

Depois, a porta abriu-se e Kitty apareceu; levantou-se para a deter, mas logo o moribundo se agitou.

— Não te vás embora — disse ele estendendo a mão.

Levine tomou essa mão na sua e fez um gesto descontente à mulher para a mandar embora.

Conservando sempre nas suas essa mão moribunda, Levine esperou uma meia hora uma hora e depois outra hora. Tinha cessado de pensar na morte e pensava em Kitty: que estaria ela fazendo? Quem estaria no quarto vizinho? O doutor tinha casa sua?

Depois teve febre e sono. Docemente desprendeu a mão da sua para tocar os pés do moribundo; estavam frios, mas Nicolau continuava a respirar.

Levine procurou levantar-se nos bicos dos pés, mas logo o doente se

mexeu e repetiu:

— Não te vás embora!...

Quando o dia apareceu, a situação era a mesma.

Levine levantou-se mansamente, desprendeu a mão e sem olhar para o doente, voltou para o seu quarto, deitou-se e adormeceu. Ao acordar, em lugar de saber da morte do irmão, disseram-lhe que voltara a si, que estava sentado na cama, pedira de comer, já não falando de morte, mas exprimindo esperanças de se curar e testemunhando mais irritação e tristeza que de ordinário.

Ninguém conseguiu nesse dia sossegá-lo; acusava toda a gente de ser a causa dos seus sofrimentos, reclamava um médico célebre de Moscovo e a todas as perguntas que lhe faziam sobre o seu estado respondia que sofria por uma forma intolerável.

Essa irritação foi sempre aumentando; a própria Kitty foi impotente para o amansar e Levine notou que ela sofria física e moralmente embora o não quisesse dizer. A tristeza causada pela aproximação da morte misturara-se a outros sentimentos.

Todos sabiam o fim inevitável, viam o doente meio morto e já tinham chegado a desejar-lhe a morte o mais breve possível; contudo, continuavam ainda a dar-lhe poções, a mandar procurar o médico e trazer remédios; mas mentiam a si próprios e essa dissimulação era mais dolorosa a Levine que aos outros, porque amava Nicolau com maior ternura e porque nada era mais contrário à sua natureza do que a falta de sinceridade.

Levine, por muito tempo perseguido pelo desejo de reconciliar os seus dois irmãos, escrevera a Sergei Ivanitch. Este respondera e Levine leu a carta ao doente; Sergei não podia vir, mas pedia perdão ao irmão em termos comovedores.

Nicolau não disse nada.

— O que queres que lhe mande dizer? — perguntou Levine. — Suponho que não lhe quererás mal.

— Não, por forma nenhuma — respondeu o doente num tom contrariado. — Escreve-lhe que me mande um médico.

Três cruéis dias se passaram assim; o moribundo continuava no mesmo estado. Todos aqueles que se aproximavam só tinham um desejo, a sua morte; só o doente o não mostrava e continuava a zangar-se com o médico, a tomar remédios e a falar do restabelecimento.

Nos raros momentos em que, dominado pelo ópio, se esquecia um instante, confessava numa meia sonolência o que lhe passava na alma, como na dos outros.

— Ah! Se isto pudesse acabar!

Estes sofrimentos, sempre cada vez mais intensos, iam fazendo o seu trabalho, preparando-o para morrer; cada movimento era uma dor; nem um dos membros desse pobre corpo deixava de lhe causar uma tortura; as próprias recordações, as impressões e pensamentos do passado repugnavam ao doente. A vista daqueles que o rodeavam, as suas conversas, tudo lhe fazia mal; todos o sentiam e por isso não ousavam fazer um movimento livremente, exprimir um desejo ou um pensamento. A vida concentrava-se para todos no sentimento dos sofrimentos do moribundo e no desejo ardente de o ver livre deles.

Chegava ao momento supremo em que a morte lhe devia parecer desejável, como uma grande felicidade; tudo, até a fome, a fadiga, a sede e essas sensações que outrora lhe causavam uma certa alegria agora não eram mais que dor. Não podia aspirar senão a ver-se livre do próprio princípio dos seus males, do seu corpo torturado. Sem achar palavras para exprimir esse desejo, continuava por hábito a reclamar o que o satisfazia outrora.

— Deitem-me sobre o outro lado — pedia ele, e mal o tinham deitado queria voltar à primeira posição. — Deem-me água. Contem qualquer coisa em vez de estarem calados! — E mal começavam a falar, logo apresentava uma expressão de fadiga, de indiferença e de desgosto.

Kitty esteve doente por essa ocasião uns dez dias depois da sua chegada e o doutor declarou que era por efeito das comoções e da fadiga; prescreveu calma e repouso. Contudo ela levantou-se depois do jantar e foi, como de costume, para o quarto do doente com o trabalho.

Nicolau olhou-a severamente e sorriu com desdém quando ela lhe disse que tinha estado doente. Nesse dia ele não cessara de se mexer e de gemer dolorosamente.

— Como se sente? — perguntou-lhe ela.

— Mal — respondeu ele a custo. — Sofro muito.

— Onde lhe dói?

— Por toda a parte.

— Vai ver que morrerá hoje! — disse Maria Nicolaevna em voz baixa.

Levine mandou-a calar, julgando que o irmão, cujo ouvido era muito

sensível, a poderia ouvir; e voltou-se para o moribundo, que tinha ouvido, mas sobre o qual essas palavras não tinham produzido nenhuma impressão, porque o seu olhar continuava grave e fixo.

— O que é que a faz crer isso? — perguntou Levine levando Maria Nicolaevna para o corredor.

— Está a destapar-se.

— Como é isso?

— Assim — disse ela, puxando pelas pregas do seu vestido de lã. Levine efetivamente notara que durante todo o dia o doente tinha puxado os cobertores, como se os quisesse tirar.

Maria Nicolaevna tinha previsto bem.

Para a noite, Nicolau já não teve força para levantar o braço e o olhar imóvel tomou um ar de atenção concentrada, que não mudou senão quando o irmão e Kitty se inclinaram para ele a fim de que os pudesse ver. Kitty mandou vir o padre para dizer o ofício dos defuntos.

Durante a cerimónia, o doente, que estava rodeado por Levine, Kitty e Maria Nicolaevna, não deu nenhum sinal de vida; mas antes do fim das orações deu um grande suspiro, estendeu-se na cama e abriu os olhos. O padre colocou-lhe a cruz sobre a testa gelada e, quando acabou as orações, permaneceu de pé em silêncio junto do leito e tocando com os seus dedos a enorme mão do moribundo.

— Acabou! — disse por fim, querendo ir-se embora.

Então os lábios de Nicolau tiveram um ligeiro tremor e do fundo do peito saíram-lhe estas palavras que se ouviram claramente naquele silêncio:

— Ainda não... Daqui a pouco...

Um minuto depois o rosto iluminou-se-lhe; um sorriso se lhe desenhou sob o bigode e as mulheres apressaram-se a começar-lhe a última *toilette.*

Todo o horror de Levine pelo terrível enigma da morte acordou com a mesma intensidade que durante aquela noite de outono em que o irmão o viera ver. Mais do que nunca compreendeu a sua incapacidade de sondar esse mistério e o terror de o sentir tão perto de si e tão inevitável. A presença da mulher impediu-o de cair no desespero, porque apesar dos terrores sentia a necessidade de viver e de amar.

Só o amor o salvava, tornando-se mais forte e mais puro, quando ele estava ameaçado. E mal ele via cumprir-se esse mistério da morte quando junto dele um outro milagre de amor e de vida, igualmente insondável, se

cumpria por sua vez. O doutor tinha dito que Kitty estava grávida.

Capítulo 21

Desde que Karenine compreendeu, graças a Betsy e a Oblonsky, que todos, e Ana era a primeira, esperavam dele que livrasse sua mulher da sua presença, sentiu-se completamente perturbado; incapaz de uma decisão pessoal, entregou a sua sorte nas mãos de terceiros, muito feliz por isso, pronto a aceitar tudo o que lhe propusessem.

Só voltou à realidade no dia seguinte ao da partida de Ana, quando a inglesa lhe veio perguntar se ela devia jantar à mesa ou no quarto das crianças.

Durante os primeiros dias que se seguiram à partida de Ana, Alexei Alexandrovich continuou as suas receções, foi ao conselho e jantou em casa, como de costume. Todas as forças da sua alma só tinham um fim: parecer calmo e indiferente.

Fez esforços sobre-humanos para responder às perguntas dos criados relativamente às medidas a tomar com respeito ao quarto de Ana e aos seus negócios, com o ar de um homem preparado para os acontecimentos e que neles nada vê de extraordinário. Durante dois dias conseguiu dissimular o seu sofrimento, mas ao terceiro sucumbiu. Um caixeiro introduzido pelo criado trouxe uma conta, que Ana se esquecera de liquidar.

— Vossa Excelência queira desculpar-nos — disse o caixeiro — e dar-nos o endereço da senhora, se é a ela que nos devemos dirigir?

Alexei Alexandrovich pareceu refletir, voltou-se e sentou-se junto de uma mesa; durante muito tempo ficou assim, com a cabeça apoiada à mão, tentando falar sem o conseguir.

Kornei, o criado, compreendeu o patrão e mandou sair o caixeiro.

Ficando só, Karenine sentiu que já não tinha forças para lutar; mandou atrelar o carro, fechou a porta e não veio jantar.

O desdém, a crueldade, que julgava ler no rosto do caixeiro, do criado, de todos os que encontrava, tornavam-se-lhe insuportáveis. Se tivesse merecido

o desprezo público por uma conduta má, teria podido esperar que uma melhor conduta lhe desse a estima do mundo; mas ele não era culpado, era infeliz, de uma infelicidade odiosa, cheia de vergonha!

E os homens mostrar-se-iam tanto mais implacáveis quanto mais ele sofresse; esmagá-lo-iam, como os cães esmagam entre si um pobre animal que ulula de dor. Para resistir à hostilidade geral deveria esconder as suas chagas. Mas, ai!, dois dias de luta já o tinham esgotado!

E ninguém a quem confiar o seu sofrimento! Um homem em todo o S. Petersburgo que se interessasse por ele! Que tivesse qualquer atenção, não para a personagem altamente colocada, mas para o marido desesperado!

Alexei Alexandrovich perdera sua mãe na idade de dez anos; de seu pai não se lembrava; o irmão e ele tinham ficado órfãos com uma pequena fortuna; seu tio Karenine, um homem influente, muito estimado pelo falecido imperador, encarregou-se da sua educação.

Depois de bons estudos no liceu e na Universidade, Karenine debutou brilhantemente, graças a esse tio, na carreira administrativa e votou-se exclusivamente aos negócios do seu cargo. Nunca se ligou por amizade a pessoa nenhuma; só o irmão era o seu amigo; mas esse mesmo, entrando para os negócios estrangeiros e enviado numa missão para fora da Rússia, pouco depois do casamento de Alexei Alexandrovich, morrera no estrangeiro.

Karenine, nomeado governador para a província, travou aí conhecimento com a tia de Ana, uma mulher muito rica, que manobrou habilmente para aproximar da sobrinha esse governador jovem senão na idade, ao menos no ponto de vista da sua posição social.

Alexei Alexandrovich viu-se um dia na alternativa de escolher entre um pedido de casamento ou uma demissão. Longo tempo hesitou, achando tantas razões a favor como contra o casamento; mas dessa vez não pôde aplicar a sua máxima favorita: «Na dúvida, abstém-se.»

Um amigo da tia de Ana deu-lhe a entender que as suas assiduidades tinham comprometido a donzela e que, como homem de honra, se devia declarar.

Foi o que ele fez e desde então cumulou sobre a noiva e depois sobre a mulher a soma de afeição de que a sua natureza era capaz.

Essa ligação excluiu nele todo outro desejo de intimidade. Tinha numerosas relações, podia convidar para jantar grandes personagens, pedir-lhes um serviço, uma proteção para qualquer solicitante; podia mesmo

discutir e criticar livremente os atos do governo diante de um certo número de ouvintes, mas a isso se limitavam as suas relações de cordialidade.

As únicas relações familiares que teve em S. Petersburgo foram as do seu chefe de gabinete e do médico. O primeiro, Miguel Vassilievitch Sludine, um homem educado, simples, bom e inteligente, parecia cheio de simpatia por Karenine; mas a hierarquia do serviço pusera entre ambos uma barreira que detinha as confidências. Assim, depois de ter assinado os papéis que ele lhe trazia, Alexei Alexandrovich achava impossível, olhando Sludine, abrir-se com ele.

A frase «O senhor conhece a minha desgraça!» tinha-a nos lábios, mas não a podia pronunciar e limitava-se a despedi-lo com fórmula habitual: *Faça favor de me preparar este trabalho...*

O doutor, de que Karenine conhecia os sentimentos benévolos, andava muito ocupado e parecia que tinham entre ambos concluído um tácito acordo pelo qual se supunham sobrecarregados de trabalho e forçados por isso a abreviar as suas conversas.

Quanto às amigas e à principal dentre elas, a condessa Lídia, Karenine nem mesmo nisso pensava. As mulheres causavam-lhe medo e por elas só experimentava desejos de se afastar.

Capítulo 22

Mas se Alexei Alexandrovich tinha esquecido a condessa Lídia, esta pensava nele. Precisamente nessa hora de desespero solitário em que, com a cabeça entre as mãos, se tinha deixado cair imóvel e sem farsas, ela chegou. Não esperou mesmo que a anunciassem e penetrou no gabinete de Karenine.

— Forcei a entrada — disse ela entrando com passos rápidos, esbofada pela comoção e pela agitação. — Sei tudo! Alexei Alexandrovich, meu amigo!

E apertou-lhe a mão entre as suas e olhou-o com os seus belos olhos profundos.

Karenine levantou-se, desprendeu a mão franzindo a testa e chegou-lhe uma cadeira.

— Queira sentar-se! Eu não recebo, porque sofro muito, condessa — disse ele com os lábios trémulos.

— Meu amigo! — repetiu a condessa sem deixar de o olhar; as sobrancelhas tinham-se levantado de forma a desenhar um triângulo sobre a testa e esta careta afeiou-lhe o rosto amarelo, naturalmente feio.

Alexei Alexandrovich compreendeu que ela estava quase a chorar de compaixão e uma ternura o ganhou; segurou-lhe a mão carnuda e beijou-lha.

— Meu amigo! — repetiu ela numa voz entrecortada pela comoção. — O senhor não se deve abandonar assim à sua dor! Ela é grande, é preciso acalmá-la!

— Estou esgotado, morto! Já não sou um homem! — disse Alexei Alexandrovich abandonando a mão da condessa e olhando-lhe sempre os olhos cheios de lágrimas. — A minha dor é tanto mais terrível quanto não encontro em mim, nem fora de mim, apoio para me amparar.

— Achará esse apoio, não em mim, embora lhe suplique para acreditar na minha amizade — disse ela num suspiro — mas *nele!* O nosso apoio está no *seu* amor; o seu *jugo* é ligeiro — continuou ela com esse olhar exaltado

que Karenine conhecia bem. — Ele o ouvirá e o ajudará!

Estas palavras foram suaves a Alexei Alexandrovich, embora representassem uma exaltação mística, ultimamente introduzida em S. Petersburgo.

— Estou fraco, aniquilado; nada previ outrora e agora já não compreendo nada!

— Meu amigo!

— Não é já a falta que eu faço, que deploro — continuou Alexei Alexandrovich. — Ah, não! Mas não me posso defender de um sentimento de vergonha aos olhos do mundo pela situação que me criaram! E nada poder fazer!...

— Não foi o senhor que executou esse ato de perdão tão nobre e que me encheu de admiração, foi *ele;* assim não tem de corar — disse a condessa levantando os olhos com entusiasmo.

Karenine tornou-se sombrio e, apertando as mãos, uma de encontro à outra, fez estalar os nós dos dedos.

— Se soubesse todos os pormenores! — disse ele com a sua voz incisiva. — As forças do homem têm limites e eu achei o limite das minhas, condessa. O meu dia inteiro passei-o em negócios domésticos *por causa* — e acentuou a palavra — da minha situação solitária. Os criados, a governanta, as contas, essas misérias todas devoram-me a fogo lento! Ontem ao jantar... foi a custo que me contive; não podia suportar o olhar de meu filho. Ele não se atrevia a fazer-me perguntas e eu não me atrevia a olhá-lo. Tinha medo de mim... Mas isto ainda não é nada...

Karenine queria falar da conta que lhe tinham trazido, mas a voz tremeu-lhe e deteve-se. Essa conta em papel azul, de um chapéu e de vestidos era uma recordação pungente! Enchia-se de compaixão ao pensar nela.

— Compreendo, meu amigo, compreendo tudo — disse a condessa. — O amparo e a consolação não os achará em mim; mas se vim, foi para lhe oferecer os meus serviços, tentar libertá-lo dessas pequenas miseráveis questões, às quais se não deve baixar; é uma mão de mulher que aqui é preciso. Quer que seja eu?

Karenine calou-se e apertou-lhe a mão com reconhecimento.

— Nós os dois nos ocuparemos de Sergei. Eu não sou muito entendida nas coisas da vida prática, mas pôr-me-ei a isso e serei a sua dona de casa. Não me agradeça, porque nada me deve...

— Como não lhe ficarei reconhecido!

— Mas, meu amigo, não ceda a esse sentimento de que, há pouco, falava; como corar do que foi o mais alto grau da perfeição cristã? «Aquele que se abaixar será elevado.» E não me agradeça a mim, agradeça Àquele a quem é preciso rezar. Nele só nós encontraremos a paz, a consolação, a salvação e o amor!

Ela levantou os olhos ao céu e Alexei Alexandrovich compreendeu que estava rezando.

Essa fraseologia, que outrora achava desagradável, parecia hoje a Karenine natural e boa. No entanto não aprovava a exaltação da moda; sinceramente crente, a religião interessava-o principalmente no ponto de vista político; os ensinos novos também lhe eram antipáticos por princípios.

A condessa, que estas novas doutrinas entusiasmavam, não tinha a sua aprovação e em lugar de discutir sobre esse assunto mudava geralmente de conversa e não respondia. Mas dessa vez deixou-a falar com prazer, sem a contradizer, até mesmo intimamente.

— Estou-lhe muito reconhecido pelas suas palavras e pelas suas promessas — disse ele quando ela acabou de rezar.

A condessa apertou mais uma vez a mão do seu amigo.

— Agora mãos à obra — disse ela a sorrir, apagando no rosto os vestígios das lágrimas. — Vou ver Sergei e só nos casos graves me dirigirei a si.

A condessa Lídia levantou-se e foi para junto de Sergei; aí, molhando as faces da criança atarantada com as suas lágrimas, disse-lhe que o pai era um santo e que a mãe tinha morrido.

A condessa cumpriu a sua promessa e encarregou-se efetivamente dos assuntos da casa, mas nada exagerara quando tinha confessado a sua incapacidade prática. As suas ordens não podiam executar-se razoavelmente e assim não se executavam e o governo da casa caiu insensivelmente nas mãos do criado de quarto, Kornei.

Este habituou pouco a pouco o patrão a escutar-lhe durante a *toilette* as narrações que ele julgava útil fazer-lhe.

A intervenção da condessa nem por isso deixou de ser menos útil. A sua estima e afeição por Karenine foram um sustentáculo moral e com grande consolação sua chegou quase a convertê-lo; pelo menos mudou a sua frieza em cálida e firme simpatia pelo ensino cristão, tal como ele se professava

havia pouco em S. Petersburgo. Esta conversão não foi fácil.

Karenine, como a condessa, como todos aqueles que preconizam ideias novas, era despido de uma imaginação profunda, isto é, dessa faculdade da alma graças à qual as próprias miragens da imaginação exigem, para serem aceites, uma certa conformidade com a realidade. Assim nada via de impossível ou de inverosímil em que a morte existisse para os incrédulos e não para ele; a que o pecado fosse excluído da sua alma, porque possuía uma fé plena e inteira de que só ele era o juiz; e que desde esse momento podia considerar a sua salvação como certa.

A ligeireza, o erro destas doutrinas chocavam-no contudo por momentos; sentia então quanto a alegria causada pelo irresistível sentimento que o impelira ao perdão era diferente daquela que experimentava agora que Cristo habitava a sua alma. Mas por mais ilusória que fosse essa grandeza de alma, era-lhe indispensável na sua humilhação atual; experimentava o imperioso desejo de desdenhar do alto dessa elevação imaginária aqueles que o desprezavam e ligava-se às suas novas convicções como uma tábua de salvação.

Capítulo 23

A condessa Lídia tinha casado muito nova; de uma natureza exaltada, encontrou no marido um bom homem muito rico, numa boa posição e muito dissoluto. Ao segundo mês do casamento, o marido abandonou-a, correspondendo às suas efusões de ternura com um sorriso irónico, quase mau, que ninguém sabia explicar, dada a bondade muito conhecida do conde e a romanesca Lídia não oferecer nenhuma presa à crítica. Desde então os esposos, sem se separarem, viveram cada um para seu lado, o marido recebendo sempre a mulher com um sorriso amargo, que ficou um enigma.

A condessa tinha, havia muito, renunciado a adorar o marido, mas estava sempre enamorada de alguém, às vezes de muitas pessoas ao mesmo tempo, homens e mulheres, em geral aqueles que lhe atraíam a atenção por qualquer forma. Assim enamorou-se de cada um dos novos príncipes ou princesas que se aliavam à família imperial; depois amou sucessivamente um metropolitano, um grande vigário e um simples sacristão; em seguida coube a vez a um jornalista, três eslavófilos e Komisarov; depois um ministro, um médico, um missionário inglês e por último Karenine.

Esses amores múltiplos e as suas diversas fases de calor ou arrefecimento não a impediam por forma nenhuma de manter as relações mais complicadas, tanto na corte, como na sociedade. Mas no dia em que tomou Karenine sob a sua proteção, sentiu que a mais ninguém tinha sinceramente amado; os seus outros amores perderam todo o valor a seus olhos.

De resto examinando os seus sentimentos passados e comparando-os com o que agora sentia, podia reconhecer que nunca se teria apaixonado por Komisarov se ele não tivesse salvo a vida do imperador, nem por Rotisch se a questão eslava não tivesse existido, enquanto amava Karenine por ele mesmo, pela sua grande alma incompreendida, pelo seu caráter, pelo som da sua voz, pelo seu falar lento, pelo seu olhar fatigado e pelas mãos brancas de veias salientes. Não somente se sentia contente com a ideia de o ver, mas

ainda procurava sobre o rosto do amigo uma impressão análoga à sua.

Procurava agradar-lhe tanto pela sua pessoa como pela conversação; nunca se entregara a tantos trabalhos de *toilette*. Mais de uma vez se surpreendeu refletindo no que poderia ter sucedido se eles os dois fossem livres! Quando ele entrava, corava de comoção e não podia reprimir um sorriso radiante quando ele lhe dizia alguma palavra amável.

Havia muitos dias que a condessa andava vivamente perturbada; tinha sabido do regresso de Ana e Vronsky. Como poupar a Alexei Alexandrovich a tortura de tornar a ver sua mulher? Como afastar dele o odioso pensamento de que esta terrível mulher respirava na mesma cidade que ele e podia a cada passo encontrá-lo?

Lídia Ivanovna mandou fazer um inquérito para conhecer os planos dessas «vis pessoas», como ela chamava a Ana e a Vronsky. O ajudante de campo, amigo de Vronsky, encarregado dessa missão tinha necessidade da condessa para obter, graças ao seu apoio, a concessão de um negócio. Veio, pois, dizer-lhe que depois de terem terminado os seus negócios, eles contavam partir no dia seguinte.

Lídia Ivanovna começava a tranquilizar-se quando lhe trouxeram um bilhete, em que reconheceu imediatamente a letra: era de Ana Karenina.

O envelope em papel inglês espesso, como uma casca de árvore, continha uma folha oblonga e amarelada, ornada com um imenso monograma. O bilhete deitava um perfume delicioso.

— Quem o trouxe?

— Um criado do hotel.

Muito tempo a condessa ficou de pé sem ter coragem de se sentar para o ler; a comoção quase que lhe deu um dos seus acessos de costume. Por fim, quando se acalmou, leu o seguinte bilhete, escrito em francês:

Senhora condessa:

Os sentimentos cristãos de que a sua alma está cheia dão-me a audácia imperdoável, bem o sinto, de me dirigir a si. Sinto-me muito desgraçada por estar separada de meu filho e venho pedir-lhe a permissão de o ver uma vez antes da minha partida. Se me não dirijo diretamente a Alexei Alexandrovich é para não dar a esse generoso homem a dor de se ocupar de mim. Conhecendo a sua amizade por ele, pensei que me compreenderia: será capaz de mandar Sergei a

minha casa? Prefere que eu vá à hora que me indicar, ou mandar-me-á dizer como e onde o poderei ver? Uma recusa parece-me impossível quando penso na grandeza da alma daquele a quem compete decidir. Não pode calcular a ânsia de tornar a ver o meu filho e por consequência compreender a extensão do meu reconhecimento pelo apoio que me quiser prestar nesta circunstância.

Ana.

Tudo neste bilhete irritou a condessa Lídia; o seu conteúdo, as alusões à grandeza de alma de Karenine e sobretudo o tom de desembaraço em que vinha.

— Diga-lhe que não tem resposta.

E abrindo logo a sua pasta, escreveu a Karenine, que esperava encontrar à uma hora no paço. Era dia de festa; ia-se felicitar a família real.

«Tenho necessidade de lhe falar de um negócio grave e triste; no Paço combinaremos o sítio onde o poderei ver. O melhor seria em minha casa, onde lhe terei preparado o *seu* chá. É indispensável! *Ele* dá-nos a sua cruz, mas dá-nos ao mesmo tempo a força para a suportarmos» — ajuntou ela para o preparar numa certa medida.

A condessa escrevia dois e três bilhetes por dia a Alexei Alexandrovich: gostava desse meio, ao mesmo tempo elegante e misterioso, de manter com ele relações que a vida habitual tornava muito simples.

Capítulo 24

As felicitações tinham terminado. Toda a gente ao retirar-se conversava das últimas novidades, das recompensas concedidas nesse dia e das transferências de lugares para alguns altos funcionários.

— Que diria se a condessa Maria Borisovna fosse nomeada para o ministério da guerra e a princesa Vatkoshy chefe do estado-maior! — dizia um velhote com um uniforme coberto de bordados e uma alta e bela dama de honra, que o interrogava sobre as últimas nomeações.

— Nesse caso devia eu ser nomeada ajudante de campo! — disse a donzela sorrindo.

— A senhora? O seu lugar está marcado. A senhora faz parte da repartição dos cultos e dão-lhe como ajudante Karenine.

— Bons dias, príncipe! — disse o velho apertando a mão a alguém que se tinha aproximado dele.

— Falavam de Karenine? — perguntou o príncipe.

— Ele e Pontiatov foram condecorados com a ordem de Alexandre Navsky.

— Creio que já a tinha!

— Não. Olhe para ele — disse o velho apontando com o seu tricórnio bordado para Karenine, que estava em pé junto do vão de uma porta, falando com um dos membros influentes do conselho do Império; trazia o uniforme da corte com o seu novo cordão vermelho em forma de colar. — Não está feliz e contente, como um ser novo?

E o velho deteve-se para apertar a mão a um soberbo e atlético camarista, que ia passando.

— Não está velho — disse o camarista.

— É o efeito dos cuidados. Passa a vida a escrever projetos. Reparem, neste momento não deixará o seu desgraçado interlocutor sem lhe ter explicado tudo, ponto por ponto.

— Como, velho? Ainda causa paixões. A condessa Lídia deve ter ciúmes da mulher dele.

— Peço-lhe, não fale da condessa Lídia.

— Há algum mal em estar apaixonada por Karenine?

— A senhora Karenina está realmente aqui?

— Não aqui, no Paço, mas em S. Petersburgo. Encontrei-a ontem de braço dado com Alexei Vronsky, em Morskaia.

— É um homem que não tem... — começou o camarista; mas interrompeu-se para dar passagem e cumprimentar uma pessoa da família imperial.

Enquanto criticavam e ridicularizavam assim Alexei Alexandrovich, este barrava o caminho a um membro do conselho do Império e, sem mudar de lugar, explicava-lhe um largo projeto financeiro.

Alexei Alexandrovich, quase ao mesmo tempo que tinha sido abandonado pela mulher, encontrara-se na situação, penosa para um funcionário, de ver parar a marcha ascensível da sua carreira. Sozinho talvez que não se apercebesse que ela estivesse terminada. A sua posição era ainda importante, continuava a fazer parte de um grande número de comités e comissões, mas parecia estar no número daqueles de quem já se não espera nada; tinha feito o seu tempo. Tudo o que possuía parecia velho, usado, inútil.

Longe de pensar assim, Karenine julgava pelo contrário apreciar os atos do governo com mais presteza depois que cessara de diretamente fazer parte dele e pensava ser seu dever indicar certas reformas a introduzir. Estava escrevendo uma brochura, que começara pouco depois da partida de Ana, sobre os novos tribunais, a primeira de todas as que devia escrever sobre todos os ramos, os mais diversos da administração pública. E quantas vezes, satisfeito consigo próprio e com a sua atividade, não pensou ele no texto de S. Paulo: «Aquele que tem mulher pensa nos bens terrenos: aquele que a não tem, só pensa no serviço do Senhor.»

A impaciência bem visível do membro do Conselho em nada perturbava Karenine, mas interrompeu-se no momento em que um príncipe da família imperial passou; o seu interlocutor aproveitou-se disso para se esquivar.

Ficando só, Alexei Alexandrovich baixou a cabeça, procurou reunir as suas ideias e, lançando um olhar distraído à volta de si, dirigiu-se para a porta, onde pensava encontrar a condessa.

Como têm o ar forte e bem senhor de si, pensou olhando de passagem o

pescoço vigoroso de um príncipe apertado no uniforme e o belo camarista de suíças perfumadas. *É muito verdade, tudo está neste mundo!*

— Alexei Alexandrovich — exclamou o velho, cujos olhos brilharam maldosamente, enquanto Karenine passava cumprimentando friamente. — Eu ainda o não felicitei.

E apontava a condecoração.

— Agradeço-lhe muito reconhecido. É um belo dia este! — respondeu Karenine, acentuando, segundo o seu hábito, a palavra *belo.*

Sabia que esses senhores estavam troçando dele, não devendo esperar deles senão sentimentos hostis, mas isso era-lhe profundamente indiferente.

As costas amareladas da condessa e os seus belos olhos pensativos apareceram-lhe e atraíram-no de longe; e dirigiu-se para ela com um sorriso.

A *toilette* de Lídia Ivanovna custava-lhe esforços de imaginação, como todas aquelas que nestes últimos tempos tomava o cuidado de compor, porque pretendia um fim muito diverso daquele que se propunha trinta anos antes. Outrora não pensava senão em se preparar e nunca se achava bastante elegante a seu gosto; agora procurava tornar suportável o contraste entre a sua pessoa e a *toilette;* aos olhos de Alexei Alexandrovich conseguia-o, porque este achava-a sempre encantadora.

A simpatia, a ternura dessa mulher eram para ele um refúgio único contra a animosidade geral; no meio dessa turba hostil sentia-se atraído para ela como uma planta pela luz.

— Felicito-o — disse ela lançando os olhos para a condecoração.

Karenine alçou os ombros e semicerrou os olhos.

A condessa sabia que essas distinções, sem que ele o quisesse mostrar, lhe causavam uma das suas alegrias mais vivas.

— O que faz o nosso anjo? — perguntou ela aludindo a Sergei.

— Não posso dizer que esteja muito satisfeito — respondeu Alexei Alexandrovich levantando as sobrancelhas e abrindo os olhos. — Sitnikov também o não está. — Sitnikov era o pedagogo encarregado de Sergei. — Como lhe disse, encontro nele uma certa frieza pelas questões essenciais que devem tocar toda a alma humana, mesmo a de uma criança.

E Alexei Alexandrovich abordou o assunto que, depois das questões administrativas, mais o tocava, a educação do seu filho. Nunca até então as questões de instrução o tinham interessado; mas sentindo a necessidade de acompanhar a instrução do filho, consagrara-se um certo tempo a estudar os

livros de pedagogia, e as obras didáticas a fim de formar um plano de estudos, que o melhor professor de S. Petersburgo foi em seguida encarregado de pôr em prática.

— Sim, mas o coração? Encontro nessa criança o coração do pai e com isso não pode ele ver mais? — perguntou a condessa num ar sentimental.

— Talvez... Para mim cumpro o meu dever e é tudo o que posso fazer.

— Vem a minha casa? — disse a condessa depois de um momento de silêncio. — Temos de falar de uma coisa triste para si! Teria dado tudo no mundo para lhe poupar umas certas recordações; outros não pensam assim. Recebi uma carta *dela.* Está aqui em S. Petersburgo.

Alexei Alexandrovich estremeceu, mas o rosto tomou imediatamente a expressão de mortal imobilidade, que indicava a sua absoluta indiferença em tratar um tal assunto.

— Já o esperava — disse.

A condessa olhou-o com exaltação e diante dessa grandeza de alma lágrimas de admiração rebentaram-lhe dos olhos.

Capítulo 25

Quando Alexei Alexandrovich entrou no *boudoir* da condessa Lídia, ornamentado com retratos e porcelanas antigas, não encontrou a sua amiga. Estava a mudar de *toilette.*

Sobre uma mesa redonda estava o serviço de chá chinês junto de uma lâmpada de espírito de vinho.

Alexei Alexandrovich examinou os inumeráveis quadros, que decoravam o quarto, sentou-se junto de uma mesa e pegou num Evangelho.

O frufru de um vestido de seda veio distraí-lo.

— Enfim, vamos estar um pouco descansados — disse a condessa escorregando com um sorriso comovido por entra a mesa e o divã — podemos falar tomando o chá.

Depois de algumas palavras destinadas a prepará-lo, ela estendeu-lhe, corando, o bilhete de Ana.

Ele leu-o e durante muito tempo guardou silêncio.

— Creio não ter o direito de recusar — disse por fim levantando os olhos com um certo receio.

— Meu amigo! O senhor não vê o mal em parte nenhuma!

— Pelo contrário, acho o mal por toda a parte. Mas será justo...?

O rosto exprimia-lhe indecisão, desejo de conselhos, de apoio, de um guia, numa questão tão espinhosa.

— Não — interrompeu Lídia Ivanovna. — Há limites para tudo. Compreendo a imoralidade — disse ela sem nenhum calor, porque as mulheres podiam ser imorais — mas o que não compreendo é a crueldade. E para quem? Para si! Como pode ela viver na mesma cidade que o senhor? Nunca se é velho demais para aprender e eu todos os dias aprendo a compreender a sua grandeza e a baixeza dela.

— Quem nos atirará a primeira pedra! — disse Karenine visivelmente satisfeito com o papel que representava. — Depois de ter perdoado tudo,

posso eu privá-la daquilo que é uma necessidade para o seu coração, o seu amor pela criança...?

— É bem amor, meu amigo? Tudo isso é sincero? O senhor perdoou e perdoa ainda, quero-o crer; mas temos nós o direito de perturbar a alma desse anjinho? Ele julga-a morta; reza por ela e pede a Deus perdão dos seus pecados; o que ficaria ele pensando?

— Não tinha pensado nisso — disse Alexei Alexandrovich reconhecendo a justeza desse raciocínio.

A condessa cobriu o rosto com as mãos e guardou silêncio. Rezava.

— Se me pede a minha opinião — disse por fim — não lhe daria essa permissão. Não vejo eu quanto o senhor sofre, quanto essa ferida ainda sangra? Admitamos que abstrai de si próprio, mas onde o levará isso? Vai preparar para si novos sofrimentos e uma nova perturbação para a criança! Se ela ainda fosse capaz de sentimentos humanos, seria a primeira a senti-lo. Não, não experimento nenhuma hesitação e, se me desse licença, responder-lhe-ia.

Alexei Alexandrovich consentiu e a condessa escreveu em francês a seguinte carta:

Minha senhora:

O seu aparecimento pode ter lugar, da parte de seu filho, a perguntas às quais se não pode responder sem obrigar a criança a julgar o que deve ficar sagrado para ele.

Deve compreender, pois, a recusa de seu marido com um espírito de caridade cristã. Peço ao Todo Poderoso para ser misericordioso consigo.

Condessa Lídia.

Esta carta atingiu o fim secreto que a condessa escondia a si mesma: feriu Ana até ao fundo da alma. Karenine, pelo seu lado, voltou para casa perturbado, não pôde retomar as suas ocupações habituais nem encontrar a paz de um homem que possui a graça e se sente eleito.

O pensamento dessa mulher, tão culpada para com ele e pela qual tinha agido como um santo no dizer da condessa, não deveria tê-lo perturbado; contudo não estava tranquilo. Não compreendia nada do que estava lendo e não conseguia expulsar do espírito as cruéis reminiscências do passado;

lembrava-se, como de um remorso, da confissão de Ana à volta das corridas.

Porque não tinha então exigido dela o respeito das conveniências? Porque não provocara Vronsky para um duelo?

Era isso o que o perturbava mais. E a carta escrita à mulher, o seu inútil perdão, os cuidados dados a uma criança estranha, tudo lhe voltava à memória e lhe queimava o coração de vergonha e confusão.

— Mas em que sou eu culpado? — perguntava.

A esta pergunta sucedia sempre uma outra: como amavam, como casavam os homens da têmpera dos Vronsky, dos Oblonsky, dos camaristas de boa figura? Evocava uma série desses seres vigorosos, seguros de si mesmos, fortes, que tinham sempre atraído a sua curiosidade e a sua atenção.

Por mais esforços que fizesse para repelir semelhantes pensamentos e lembrar-se de que, não sendo o fim da sua existência esse mundo mortal, a paz e a caridade deviam ser as únicas a habitar a sua alma, e sofria como se a salvação eterna não fosse mais que uma quimera. Felizmente a tentação não foi longe e Alexei Alexandrovich reconquistou bem depressa a serenidade e a elevação de espírito graças às quais chegava a esquecer o que queria afastar do pensamento.

Capítulo 26

— Então, Kapitonitch? — perguntou Sergei, voltando; rosado e fresco do passeio, na véspera do dia dos seus anos, enquanto o velho suíço, sorrindo do alto da sua grande estatura, lhe tirava o casaco. — O tchinovirk de faixa, veio? O papá recebeu-o?

— Sim, senhor, mal o chefe do gabinete chegou, anunciei-o — respondeu o suíço piscando alegremente os olhos. — Deixe despi-lo.

— Sergei, Sergei — chamou o precetor parando diante da porta que conduzia aos quartos interiores — dispa-se sozinho!

Mas Sergei, embora ouvisse a voz áspera do precetor, não lhe ligava nenhuma importância; em pé em frente do suíço, segurava-o pela cintura e olhava-o com os olhos muito abertos.

— E o papá fez o que ele pedia?

O suíço fez um sinal afirmativo.

Esse tchinovirk envolvido numa faixa interessava Sergei e o suíço; tinha já vindo sete vezes sem ser recebido e Sergei tinha-o encontrado um dia no vestíbulo, gemendo junto do porteiro, a quem suplicava para o fazer receber, dizendo que nada mais lhe restava senão morrer com os seus sete filhos; desde então a criança preocupava-se com o pobre homem.

— Tinha ar satisfeito? — perguntou.

— Creio-o bem, porque partiu quase a pular.

— Trouxeram qualquer coisa? — perguntou a criança depois de um momento de silêncio.

— Sim, senhor — disse a meia voz o suíço levantando a cabeça. — Veio qualquer coisa da parte da condessa.

Sergei compreendeu que se tratava de um presente pelo seu dia de anos.

— Que dizes tu? Onde está?

— Kornei levou-o ao papá. Deve ser uma coisa muito bonita.

— De que tamanho? Assim?

— Mais pequena, mas é bonita.

— Um livro?

— Não, é uma coisa. Vá, vá, Vassili Loukitch está a chamá-lo — disse o suíço ouvindo os passos do perceptor e desprendendo suavemente a mãozita enluvada, com que ele lhe segurava a cintura.

— Vou já, Vassili Loukitch — disse Sergei com esse sorriso amável e gracioso de que até o severo perceptor sofria a influência.

Sergei estava alegre e queria partilhar com o seu amigo porteiro essa alegria de família, que acabava de saber pela sobrinha da condessa Lídia durante o seu passeio no jardim. Essa alegria parecia-lhe ainda maior depois que lhe juntou a do tchinovirk e do presente. *Neste dia toda a gente deve estar contente*, pensava.

— Sabes! O papá recebeu a ordem de Alexandre Nevsky.

— Como não o hei de saber? Tem vindo gente para o felicitar.

— Está contente?

— Como não o havia de estar, se é um favor do imperador! Não, é uma prova de que o mereceu — disse o suíço gravemente.

Sergei refletiu, continuando a olhar para o suíço, cujo rosto lhe era conhecido nos seus menores pormenores, o queixo sobretudo, entre as duas suíças castanhas que ninguém nunca vira tão bem como Sergei, de cima a baixo.

— Bem, e tua filha? Há muito tempo que ela cá não vem!

A filha do suíço fazia parte do corpo de baile.

— Onde ela tem tempo de cá vir em dia de trabalho? Também eles têm as suas lições e o senhor as suas.

Entrando no quarto, Sergei em lugar de se pôr a estudar, contou ao perceptor todas as suas suposições sobre o presente que lhe tinham trazido; devia ser uma locomotiva.

— O que imagina? — perguntava; mas Vassili Loukitch só pensava na lição de gramática, que devia estar preparada para o professor, que viria às duas horas. — Diga-me uma coisa, Vassili Loukitch — perguntou a criança sentada à mesa de trabalho e segurando nas mãos o livro — o que há acima de Alexandre Nevsky? Sabe que o papá foi condecorado?

O perceptor respondeu que havia Vladimir.

— E acima?

— Por cima de todas, Santo André.

— E acima?

— Não sei.

— O quê, não sabe?

E Sergei, apoiando a cabeça nas mãos, pôs-se a refletir.

As meditações da criança eram variadas. Imaginava que o pai ia ser condecorado com as ordens de Vladimir e Santo André e que por consequência seria mais indulgente pela lição de hoje; depois pensava que, quando fosse crescido, faria de maneira por merecer todas as condecorações, mesmo aquelas que se inventassem acima de Santo André. Mal uma nova ordem fosse instituída, que ele logo se tornaria digno dela.

Essas reflexões fizeram passar o tempo tão depressa que, quando chegou a hora da lição, não sabia nada e o professor pareceu não só descontente, mas aflito. Sergei ficou penalizado; a lição, por mais que fizesse, não lhe ficava na cabeça! Em presença do professor ainda ia, porque à força de ouvir e de acreditar que compreendia, julgava compreender, mas mal ficava só, tudo se embrulhava e confundia.

Quando o professor estava procurando qualquer coisa no livro, Sergei aproveitou o momento para lhe perguntar:

— Miguel Ivanitch, quando é o dia dos seus anos?

— Era melhor pensar em trabalhar; que importância tem um dia de festa para se ser razoável? É um dia como outro, em que é preciso trabalhar.

Sergei olhou com atenção para o professor, examinou-lhe a barba rala, as lunetas descidas para o nariz e perdeu-se em reflexões tão profundas que já não ouviu o resto da lição. O seu professor podia acreditar naquilo que dizia? No tom em que falava parecia isso impossível.

Mas porque se entendem todos eles para me dizer pela mesma forma as coisas mais aborrecidas e mais inúteis? Por que razão não gosta este de mim e me repele?, pensava a criança sem achar resposta,

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 27

Depois da lição do professor vinha a do pai; Sergei, enquanto esperava, pôs-se a brincar com o canivete, com os cotovelos em cima da mesa e preso de novas meditações.

Uma das suas ocupações favoritas consistia em procurar a mãe durante os seus passeios; não acreditava em geral na morte e sobretudo na da mãe, apesar das afirmações da condessa e do pai. Pensava reconhecê-la em todas as mulheres altas, castanhas e um pouco fortes e o coração enchia-se-lhe de ternura, as lágrimas vinham-lhe aos olhos e esperava que uma dessas mulheres se aproximasse dele, levantando o véu. Então ver-lhe-ia o rosto; beijá-la-ia sorrindo, sentiria a doce carícia da sua mão, reconheceria o seu perfume e choraria de alegria, como uma tarde, em que se rolara a seus pés, porque ela lhe fazia cócegas, e se rira tanto mordiscando-lhe as mãos brancas, cobertas de anéis.

Mais tarde a velha aia disse-lhe por acaso que a mãe vivia, mas que o pai e a condessa diziam o contrário porque ela se tornara má; isto pareceu ainda mais inverosímil a Sergei, que a esperou, procurando-a com mais ânsia.

Nesse dia no jardim notara uma dama com um véu lilás e o coração bateu-lhe tão forte quando a viu tomar o mesmo caminho que ele! Depois, de repente, a dama desaparecera. Sergei sentia a sua ternura pela mãe mais viva do que nunca, e com os olhos brilhantes olhava para diante, escortinhando a mesa com o canivete.

— Aí vem o papá! — disse-lhe Vassili Loukitch.

Sergei saltou da cadeira, correu a beijar a mão do pai e procurou-lhe no rosto um sinal de alegria por causa da condecoração.

— Deste um bom passeio? — perguntou Alexei Alexandrovich, sentando-se num *fauteil* e abrindo um volume do Velho Testamento.

Embora ele muitas vezes tivesse dito a Sergei que todo o cristão devia conhecer imperturbavelmente o Velho Testamento, tinha muitas vezes

necessidade de consultar o livro para as suas lições, e a criança notava-o.

— Sim, papá, diverti-me muito — disse Sergei, sentando-se de través e balanceando a cadeira, coisa proibida. — Vi Nadinka — era a sobrinha da condessa, que esta educava — e ela disse-me que lhe tinham dado uma condecoração. Está contente, papá?

— Primeiro não estejas a balancear a cadeira — disse Alexei Alexandrovich — e depois fica sabendo que o que deve ser caro é o trabalho por si e não a recompensa. Queria fazer-te compreender isto. Se tu só procuras a recompensa, o trabalho parecer-te-á custoso, mas se gostares do trabalho, a tua recompensa estará certa.

E Alexei Alexandrovich lembrou-se que, assinando nesse mesmo dia cento e dezoito papéis diferentes, não tinha tido por amparo, nesse ingrato labor, senão o sentimento do dever.

Os olhos brilhantes e alegres de Sergei entristeceram diante do olhar do pai.

Sentia que ele tomava, ao falar-lhe, um tom especial, como se se dirigisse a uma dessas crianças imaginárias que se encontram nos livros e às quais Sergei se não assemelhava em nada; no entanto estava habituado e fazia o que podia para fingir uma analogia qualquer com esses rapazitos exemplares.

— Compreendes-me, sim?

— Sim, papá — respondeu a criança, fazendo de homem.

A lição consistia na recitação de alguns versículos do Evangelho e uma repetição do começo do Velho Testamento; nesse dia a recitação não ia mal, quando de repente Sergei estranhou o aspeto da fronte do pai, que formava um ângulo quase reto junto das fontes, e disse errado o último versículo.

Alexei Alexandrovich concluiu que ele não compreendia nada do que estava recitando e irritou-se; franziu as sobrancelhas e pôs-se a explicar o que Sergei não podia ter esquecido por o ter ouvido repetir muitas vezes. A criança aterrada olhava para o pai e só pensava numa coisa: seria preciso repetir-lhe as explicações? Esse temor impedia-o de compreender.

Felizmente o pai passou à lição de história santa. Sergei contou sofrivelmente os factos, mas quando devia explicar o que eles significavam, ficou sem dizer nada e foi castigado por não saber a lição.

O momento mais crítico foi aquele em que teve de recitar a série dos patriarcas antediluvianos. Só se lembrava de Henoch; era a sua personagem favorita na história santa e ligava à elevação desse patriarca aos céus uma

longa série de ideias, que o absorveram por completo, enquanto olhava fixamente a cadeia do relógio do pai e um botão meio desbotado do colete.

Sergei que não acreditava na morte daqueles que amava, menos admitia que ele próprio devesse morrer; este pensamento inverosímil e incompreensível da morte fora-lhe, contudo, confirmado por pessoas, que lhe inspiravam confiança. A própria aia confessara, um pouco contra vontade, que todos os homens morriam.

Mas então porque não morrera Henoch? E porque outros, como ele, não mereciam subir ao céu, como ele tinha subido? Os maus, aqueles que Sergei não amava, podiam bem morrer, mas os bons podiam estar no caso de Henoch.

— Então os patriarcas?

— Henoch... Enos...

— Tu já os disseste. Vais mal, Sergei, muito mal. Se não procuras instruir-te com as coisas essenciais a um cristão, o que é então que te servirá? — disse o pai levantando-se. — O teu professor não está mais satisfeito do que eu e vejo-me obrigado a castigar-te.

Com efeito Sergei trabalhava mal, mas não porque fosse uma criança estúpida: pelo contrário era muito superior àqueles que o professor lhe citava para exemplo. Se não queria aprender o que lhe ensinavam era porque não podia, e isso porque a sua alma tinha necessidades muito diferentes daquelas que os professores lhe supunham.

Aos nove anos era uma criança, mas conhecia a sua alma e defendia-a daqueles que queriam penetrar nela sem a chave do amor. Censuravam-no por não querer aprender nada e, no entanto, ardia em desejos de saber, instruindo-se com Kapitonitch, com a sua velha ama, com Nadinka e com Vassili Loukitch.

Sergei foi, pois, castigado; não obteve licença para ir a casa de Nadinka, mas este castigo reverteu em seu proveito. Vassili Loukitch estava de bom humor e ensinou-lhe a arte de construir um moinho de vento. A tarde passou-se a trabalhar e a meditar sobre o meio de se servir de um moinho, fazendo-o mover no ar com as asas. Esqueceu a mãe, mas o seu pensamento voltou-lhe na cama e pediu a seu modo para que ela cessasse de se esconder e lhe fizesse uma visita no dia seguinte, dia do seu aniversário.

— Vassili Loukitch, sabe o que eu pedia a Deus?

— Para melhor trabalhar?

— Não.

— Para receber brinquedos?

— Não, não é capaz de adivinhar. É um segredo! Se isso acontecer, dir-lhe-ei... Não é capaz?

— Não, o menino mo dirá — disse Vassili Loukitch sorrindo, o que lhe acontecia poucas vezes. — Vamos, deite-se; vou apagar a vela.

— Eu vejo melhor o que pedi na minha oração quando não há luz. Quase que ia dizendo o meu segredo! — disse Sergei rindo alegremente.

Sergei julgou ouvir a mãe e sentir a sua presença quando ficou às escuras. Ela estava em pé junto dele e acariciava-o com o seu olhar cheio de ternura; depois viu um moinho, uma faca, depois tudo se confundiu na sua pequenina cabeça e adormeceu.

Capítulo 28

Vronsky e Ana tinham-se alojado num dos principais hotéis de S. Petersburgo; Vronsky ficou no rés do chão e Ana no primeiro andar com a criança, a ama e a criada de quarto, num grande aposento composto de quatro casas.

Logo no primeiro dia do seu regresso, Vronsky foi ver o irmão; encontrou a mãe, vinda de Moscovo por causa de negócios. A mãe e a cunhada receberam-no, como de costume, interrogaram-no sobre a viagem, falaram de amigos comuns, mas não fizeram nenhuma alusão a Ana.

O irmão, indo-lhe fazer a visita no dia seguinte, foi o primeiro a falar dela. Alexei Vronsky aproveitou a ocasião para lhe explicar que considerava a ligação que o unia à Sra. Karenina como um casamento; tendo a firme esperança de obter um divórcio que regularizasse a sua situação, desejava que a mãe e a cunhada compreendessem as suas intenções.

— O mundo pode não me aprovar, mas isso é-me indiferente — ajuntou ele. — Se minha família quer ficar em boas relações comigo é necessário que as mantenha com minha mulher.

O irmão mais velho, sempre respeitador das opiniões do mais novo, deixou o mundo resolver essa questão delicada e foi sem protesto seu aos aposentos da Sra. Karenina com Alexei.

Apesar-da sua experiência do mundo, Vronsky caía num estranho erro: ele, que melhor do que ninguém, devia compreender que a sociedade lhe ficaria fechada, figurou por um bizarro efeito de imaginação que a opinião pública fora dos antigos preconceitos deveria ter sofrido a influência do progresso geral.

Sem dúvida que é preciso não contar com o mundo oficial, pensou, *mas os nossos parentes, os amigos compreenderão as coisas como elas são.*

Uma das primeiras mulheres de sociedade que ele encontrou foi sua prima Betsy.

— Enfim! — exclamou ela alegremente. — Ana? Onde estão? Calculo o mau efeito que vos deve produzir S. Petersburgo depois de uma viagem como a vossa. E o divórcio? Está arranjado?

Esse entusiasmo caiu desde que Betsy soube que o divórcio não fora ainda obtido, e Vronsky notou-o.

— Bem sei que me vão lançar pedras — disse ela — mas vou ver Ana. Não se demoram muito?

Foi com efeito nesse mesmo dia, mas mudou de tom; pareceu insistir sobre a sua coragem e a prova de fidelidade e de amizade que acabava de dar a Ana. Depois de ter falado das novidades do dia, levantou-se ao cabo de dez minutos e disse ao partir:

— Mas não me disseram ainda para quando é o divórcio? Eu previno-os, lanço tudo para detrás das costas, mas outras não farão como eu e vão achar muitos pedantes que nem vos olharão... E agora, é tão fácil! Então partem na sexta-feira! Tenho pena de não nos podermos tornar a ver até lá.

O tom de Betsy teria podido edificar Vronsky sobre o acolhimento que lhe estava reservado; contudo quis fazer ainda uma tentativa com a família. Pensava que a mãe, tão orgulhosa com Ana no primeiro encontro, seria inexorável agora para ela, que acabava de cortar a carreira do filho, mas Vronsky fundava grandes esperanças em Varia, sua cunhada; esta com certeza não atiraria a pedra a Ana e viria simples e naturalmente vê-la.

No dia seguinte, achando-a só, abriu-se com ela.

— Tu sabes, Alexei, quanto te amo — respondeu Varia depois de o ter escutado — e quanto te sou dedicada, mas conservo-me afastada porque não posso ser de nenhuma utilidade a Ana Arcadievna — e acentuou os dois nomes. — Não julgues que me permito julgá-la, e no seu lugar teria procedido como ela; não quero entrar em nenhum pormenor — ajuntou timidamente vendo tornar-se sombrio o rosto do cunhado — mas é preciso dar às coisas o seu verdadeiro nome. Tu querias que eu a fosse ver para a receber em seguida em minha casa, a fim de a reabilitar na sociedade? Mas *não o posso* fazer. As minhas filhas estão crescidas e por causa de meu marido sou obrigada a viver na sociedade. Suponhamos que eu ia a casa de Ana Arcadievna; depois não posso convidá-la para minha casa com receio de que ela não encontre no salão pessoas tão bem-dispostas como eu. Não é de toda a maneira rebaixá-la?... Eu não a posso levantar...

— Mas eu não admito um instante que ela tenha caído e não a

compararia a centenas de mulheres que vós recebeis! — interrompeu Vronsky levantando-se, persuadido de que a cunhada não cederia.

— Alexei, peço-te, não te zangues. A culpa não é minha — disse Varia com um sorriso receoso.

— Não te quero mal, mas sofro duplamente — disse ele tornando-se cada vez mais sombrio — lamento a nossa amizade quebrada ou pelo menos seriamente atingida, porque deves compreender que esse será para nós o inevitável resultado.

E com estas palavras deixou-a e compreendendo enfim a inutilidade de novas tentativas, resolveu considerar-se como numa cidade estrangeira e evitar toda a ocasião de novas contrariedades.

Uma das coisas que lhe foram mais custosas foi ouvir em toda a parte o seu nome associado ao de Alexei Alexandrovich; cada conversa acabava por cair em Karenine e se ele saía, era ainda a ele que encontrava ou pelo menos afigurava-se-lhe isso, como uma pessoa aflita com um dedo doente que julga bater com ele em todos os móveis.

Por outro lado, a atitude de Ana inquietava-o. Via-a numa disposição moral estranha e incompreensível que lhe não conhecia: ora terna, ora fria, estava sempre irritável e enigmática. Evidentemente alguma coisa a atormentava, mas em lugar de ser sensível às contrariedades de que Vronsky sofria dolorosamente e que com a sua finura de perceção ordinária ela deveria sentir com ele, parecia unicamente preocupada em dissimular os seus cuidados e perfeitamente indiferente a todo o resto.

Capítulo 29

O pensamento dominante de Ana, ao voltar a S. Petersburgo, era o de ver o filho; possuída por esta ideia desde o dia em que deixou a Itália, a sua alegria aumentou à medida que se aproximava de S. Petersburgo. Era coisa simples e natural, julgava tornar a ver a criança vivendo na mesma cidade que ela; mas depois da sua chegada sentiu que uma entrevista não seria fácil de obter.

Como consegui-la? Ir a casa do marido com risco de não ser recebida e expor-se talvez a uma afronta? Escrever a Alexei Alexandrovich? Era impossível e, contudo, ela não se poderia contentar em ver o seu filho no passeio; tinha muitos beijos, muitas carícias a dar-lhe, muitas coisas a dizer-lhe!

A velha ama de Sergei teria podido vir em seu auxílio, mas já não estava em casa de Karenine.

Dois dias se passaram assim nesta incerteza e em tergiversões; ao terceiro dia, sabendo das relações de Alexei Alexandrovich com a condessa Lídia, decidiu-se a escrever-lhe.

Poi para ela uma deceção cruel ver voltar o mensageiro sem resposta. Nunca se sentiu ferida, humilhada a esse ponto e, contudo, compreendia que a condessa podia ter razão. A sua dor foi tanto mais viva quanto ela não tinha a quem a confiar.

Vronsky nem mesmo a compreendia; trataria isso como coisa de pouca importância e nada lhe parecia tão odioso como o tom com que ele lhe falaria. Mas o receio de o odiar era o pior de tudo. Assim resolveu esconder-lhe cuidadosamente as suas tentativas com relação ao filho.

Todo o dia engenhou novas maneiras de ver o filho e decidiu-se enfim pela mais custosa de todas; escrever diretamente ao marido. No momento em que começava a carta, trouxeram-lhe a resposta da condessa Lídia. Resignar-se-ia ao silêncio, mas a animosidade, a ironia que viu nas entrelinhas desse

bilhete revoltaram-na.

Que crueldade! Que hipocrisia!, pensou ela. *Querem ferir-me e atormentar a criança! Mas não os deixarei! Ela é pior do que eu; pelo menos eu não minto!*

Imediatamente tomou o partido de ir no dia seguinte, aniversário do nascimento de Sergei, a casa do marido; de ir ver o filho comprando os criados custasse o que custasse e de pôr um termo às mentiras absurdas com que a perturbavam.

Ana começou por correr para comprar brinquedos e fez o seu plano: iria na manhã seguinte muito cedo antes que Alexei Alexandrovich se levantasse. Teria o dinheiro pronto para o porteiro e para o criado, para que a deixassem subir sem levantar o véu sob o pretexto de colocar na cama de Sergei os presentes enviados pelo padrinho. Quanto ao que ela diria ao filho, não podia pensar, não podia preparar nada.

No dia seguinte pela manhã, às oito horas, Ana desceu da carruagem e bateu à porta da sua antiga morada.

— Vá ver quem é. Parece uma senhora — disse Kapitonitch para o seu ajudante, um rapaz novo que Ana não conhecia, ao ver pela janela da porta uma senhora de véu; o suíço estava com o fato da manhã.

Mal entrou, Ana meteu nas mãos do rapaz uma nota de três rublos e murmurou:

— Sergei... Sergei... Alexeitch. — E avançou alguns passos.

O substituto do porteiro pôs-se a olhar para a nota e deteve a visitante à segunda porta.

— Quem procura? — perguntou.

Ela não ouviu nada e não respondeu.

Kapitonitch, notando a perturbação da desconhecida, saiu do seu cubículo e perguntou-lhe o que desejava.

— Venho da parte do príncipe Skaradoumov para ver Sergei Alexeitch.

— Ainda não está levantado — respondeu o porteiro olhando atentamente para a dama do véu.

Ana nunca imaginara ver-se assim tão perturbada pelo aspeto desta casa, em que vivera nove anos. Recordações agradáveis e cruéis reviveram na sua alma e por momentos esqueceu a razão por que se encontrava ali.

— Queira esperar — disse o porteiro segurando-lhe na capa. Nesse momento reconheceu-a e cumprimentou-a profundamente.

— Tem Vossa Excelência a bondade de entrar — disse ele.

Ela tentou falar, mas a voz faltou-lhe e, lançando um olhar suplicante ao velho, subiu a escada rapidamente. Kapitonitch procurou alcançá-la e subiu atrás dela, deixando cair as pantufas em cada degrau.

— Talvez o professor não esteja vestido. Eu vou preveni-lo.

Ana subia sempre a escada bem sua conhecida, não compreendendo nada do que o velho ia dizendo.

— Por aqui, à esquerda. Desculpe se tudo está em desordem. Mudou de quarto — dizia o porteiro cansado. — Queira Vossa Excelência esperar um momento; eu vou ver.

E abrindo uma grande porta desapareceu.

— Acaba de acordar — disse o porteiro saindo pela mesma porta.

E Ana ouviu um bocejo infantil em que reconheceu o filho.

— Deixe-me passar! — balbuciou ela entrando precipitadamente.

A direita da porta, na sua camita, uma criança em camisa de noite, com o corpito inclinado para diante acabava de bocejar espreguiçando-se; os lábios fecharam-se desenhando um sorriso meio adormecido e sempre a sorrir recaiu mansamente sobre o travesseiro.

— Meu querido Sergei! — murmurou ela aproximando-se do leito sem ser ouvida.

Desde que estavam separados e nas suas efusões de ternura pelo ausente, Ana revia sempre o filho com quatro anos, a idade em que ele era mais gentil. Agora não se parecia nada com aquele que ela tinha deixado; estava mais crescido e mais magro. Como o seu rosto lhe pareceu comprido com os seus cabelos curtos! E os seus grandes braços! Estava bem mudado, mas era o mesmo, a mesma forma de cabeça, os lábios, o pescoço baixo e as costas largas.

— Meu querido Sergei! — repetiu ela ao ouvido da criança.

Ele levantou-se sobre o cotovelo, voltou a cabeça de cabelos desalinhados e, procurando compreender, abriu os olhos. Durante alguns segundos olhou com os olhos interrogadores a mãe imóvel junto dele, sorriu de felicidade e, com os olhos ainda semicerrados pelo sono, lançou-se, não sobre o travesseiro, mas nos braços da mãe.

— Sergei! Meu querido filho! — balbuciou ela abafada pelas lágrimas, apertando esse corpito nos seus braços.

— Mamã! — murmurou ele remexendo-se entre os braços da mãe, como

para melhor lhe sentir a pressão.

Agarrou-se com uma das mãos à cabeceira da cama e com a outra às costas da mãe e deixou-se cair sobre ela. Roçava a cara contra o pescoço e o peito de Ana, que esse cálido perfume de criança meio adormecida enervava.

— Eu bem sabia — disse ele entreabrindo os olhos. — É o dia dos meus anos. Eu bem sabia que tu virias. Vou já levantar-me.

E falando acalmava-se.

Ana devorava-o com os olhos; notava as mudanças feitas na sua ausência, reconhecia maldisposta essas pernas já tão compridas, as faces mais magras, os cabelos que outrora formavam caracóis sob a nuca no sítio onde o beijara tantas vezes. E apertava-o contra o coração e as lágrimas impediam-na de falar.

— Porque estás a chorar, mamã? — perguntou ele já desperto de todo. — Porque choras tu? — repetiu quase a chorar também.

— Eu? Já não choro... é de alegria. Havia tanto tempo que te não via! Mas acabou-se, acabou-se — disse ela reprimindo as lágrimas e voltando-se. — Agora vai-te vestir! — exclamou depois de estar um pouco mais calma e, sem deixar a mão de Sergei, sentou-se junto do leito, sobre uma cadeira onde estava o fato do filho. — Como te vestes tu sem mim? Como é...?

Ela queria falar simples e alegremente, mas não o conseguindo, voltou-se ainda.

— Já não me lavo com água iria, o papá proibiu-mo; não viste Vassili Loukitch? Deve estar a vir. Olha, estás sentada sobre os meus cadernos!

E Sergei desatou a rir. Ela olhou-o e sorriu.

— Mamã, minha querida! — exclamou ele lançando-se de novo nos seus braços, como se tivesse compreendido melhor o que lhe sucedia, vendo-a sorrir. — Tira isso — disse ele tirando-lhe o chapéu. — E vendo-a em cabelo voltou a beijá-la.

— O que pensaste tu a meu respeito? Julgaste que tinha morrido?

— Não, nunca o acreditei.

— O quê, nunca o acreditaste, meu querido?

— Eu bem sabia! — disse ele repetindo a sua frase favorita e, agarrando-lhe a mão com que ela lhe estava acariciando o cabelo, apoiou a palma a boca e pôs-se a beijá-la.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 30

Vassili Loukitch durante esse tempo estava muito embaraçado; acabava de saber que essa senhora, cuja visita lhe parecera tão extraordinária, era a mãe de Sergei, essa mulher que abandonara o marido e que ele não conhecia, pois tinha entrado para aquela casa só depois da partida dela.

Deveria prevenir Alexei Alexandrovich? Depois de refletir, resolveu cumprir estritamente o seu dever indo levantar Sergei à hora habitual sem se inquietar com a presença de uma terceira pessoa, embora fosse a mãe. Mas a vista das carícias da mãe e do filho e o som das suas vozes e das suas palavras fizeram-no mudar de opinião.

Encolheu os ombros, deu um suspiro e fechou mansamente a porta.

— Esperarei dez minutos — disse tossindo ligeiramente e limpando os olhos.

Uma viva comoção reinava entre os criados; sabiam todos que Kapitonitch tinha deixado entrar a patroa e que ela estava no quarto do menino; sabiam também que o senhor entrava habitualmente no quarto de Sergei todas as manhãs às nove horas, e todos sentiam que os esposos se não deviam encontrar e que era preciso impedi-lo.

Kornei, o criado do quarto, desceu ao cubículo do porteiro para lhe perguntar por que razão tinha deixado entrar Ana, e sabendo que o próprio Kapitonitch a tinha acompanhado até lá cima, dirigiu-lhe uma áspera reprimenda. O porteiro manteve um silêncio obstinado, mas quando o criado lhe declarou que ele merecia ser posto na rua, o velho exaltou-se e aproximou-se de Kornei com gestos enérgicos.

— O quê? Tu não a terias deixado entrar, tu? — disse-lhe. — Depois de ter servido dez anos com ela e não teres ouvido nunca senão boas palavras, eras capaz de lhe dizer agora tenha a bondade de sair? Tu sabes de política, tu, meu espertalhão. O que tu não esqueces é de roubar o senhor e de lhe vestires as peliças.

— Soldado! — respondeu Kornei com desprezo, e voltou-se para a aia, que entrava nesse momento. — Seja juiz, Maria Efimovna; deixou entrar a senhora sem dizer nada a ninguém e agora Alexei Alexandrovich, quando se levantar, irá ao quarto do menino.

— Que desgraça! Que desgraça! — disse a aia. — Mas Kornei Vassilitch, procure um meio de demorar o senhor enquanto eu corro a preveni-la e a faço sair. Que desgraça!

Quando a aia entrou no quarto do menino, Sergei estava contando à mãe como Nadinka e ele tinham caído ao escorregar por uma montanha de gelo e tinham dado três cambalhotas. Ana escutava o som da voz, olhava o rosto, o jogo da fisionomia do filho, apalpava-lhe os braços, mas não compreendia nada do que ele dizia.

Era preciso deixá-lo partir, e ela só isso compreendia, só isso sentia. Ouvira os passos de Vassili Loukitch e a sua tossezinha discreta e agora ouvia aproximar-se a aia, mas incapaz de falar e de se mexer, ficava imóvel como uma estátua.

— Minha senhora, minha pomba! — murmurou a velha aproximando-se de Ana e beijando-lhe as costas e as mãos. — É uma alegria enviada por Deus àquele que nós festejamos hoje! Não está nada mudada!

— Ah! Niania, minha querida, não sabia que ainda cá estava em casa — disse Ana voltando a si por um momento.

— Já cá não estou, vivo com minha filha, mas vim esta manhã para felicitar Sergei. Ana Arcadievna, minha pomba!

A velha começou a chorar e a beijar de novo as mãos da sua antiga senhora.

Sergei, com os olhos brilhantes de alegria, segurava com uma das mãos a mãe e com a outra a aia, batendo com os seus pezitos nus sobre o tapete. A ternura da sua querida aia pela mãe tornava-o feliz.

— Mamã, ela vem-me ver muitas vezes e quando vem...

Mas deteve-se vendo a aia segredar qualquer coisa à mãe e o rosto desta exprimir terror e quase que vergonha.

Ana aproximou-se do filho.

— Meu querido! — disse-lhe.

Nunca pôde pronunciar a palavra *adeus,* mas pela expressão do rosto, a criança compreendeu-a.

— Meu querido, meu Koutiazinho! — murmurou ela empregando o

nome que lhe dava quando ele era pequenino. — Não te esquecerás de mim, tua mãe...

Mas não pôde acabar. Quantas coisas depois lamentou não lhe ter sabido dizer e que nesse momento estava incapaz de achar, de exprimir.

Mas Sergei compreendeu tudo; sentiu que a mãe o amava e era desgraçada: compreendeu mesmo o que a aia tinha segredado, por umas palavras que ouvira: «Sempre pelas nove horas». Sabia que se tratava do pai e que ela se não devia encontrar com ele. Mas o que não compreendeu foi a razão por que o terror e a vergonha se estampavam no rosto da mãe.

Ela não era culpada e parecia ter medo e corar; de quê? Teria querido perguntar-lho, mas não se atreveu, porque via a mãe sofrer e causava-lhe muita pena! E apertou-se contra ela murmurando:

— Não te vás ainda. Ele não vem tão cedo.

A mãe afastou-o de si por um instante para o olhar e procurar compreender se ele pensava bem o que estava dizendo: pelo ar medroso da criança, sentiu que ele falava realmente do pai.

— Sergei, meu amigo — disse-lhe — ama-o; ele é melhor do que eu e eu sou culpada. Quando fores crescido, tu julgarás.

— Ninguém é melhor do que tu — exclamou a criança em soluços desesperados; e agarrando-se às costas da mãe, apertou-a com toda a força dos seus bracitos trémulos.

— Minha alma, meu querido! — balbuciou Ana desfazendo-se em lágrimas, como uma criança.

Nesse momento a porta abriu-se e Vassili Loukitch entrou; ouviam-se já outros passos e a aia aterrada deu a Ana o chapéu dizendo-lhe baixinho:

— Aí vem ele!

Sergei deixou-se cair sobre a cama a soluçar cobrindo o rosto com as mãos; Ana puxou-o para lhe beijar ainda uma vez as faces banhadas de lágrimas e saiu com um passo precipitado. Alexei Alexandrovich vinha ao seu encontro; vendo-a deteve-se e curvou a cabeça.

Embora ela, um minuto antes, tivesse afirmado que ele era melhor do que ela, o olhar rápido que lançou sobre toda a pessoa do marido não lhe acordou senão um sentimento de ódio, de desprezo e de ciúme por causa do filho. Baixou rapidamente o véu e saiu quase a correr.

Na sua pressa deixara na carruagem os brinquedos escolhidos na véspera com tanta tristeza e amor; e levou-os para o hotel.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 31

Embora estivesse de antemão preparada, Ana não esperava as violentas comoções que lhe causou a vista do filho. Voltando para o hotel, perguntava-se a si própria porque ia para lá.

— Sim, tudo está bem acabado, estou sozinha! — dizia ela tirando o chapéu e deixando-se cair num *fauteuil* junto do fogão.

E olhando fixamente para o relógio colocado entre duas janelas, em cima de um consolo, absorveu-se nas suas reflexões.

A criada de quarto francesa que tinha trazido do estrangeiro entrou para receber ordens; Ana pareceu espantada e respondeu:

— Mais tarde!

Um criado, que veio perguntar se desejava jantar, recebeu a mesma resposta.

A ama italiana entrou por sua vez, trazendo a criança, que acabava de vestir; a pequena, vendo a mãe sorriu-lhe batendo o ar com as suas mãozitas rechonchudas à maneira de peixe agitando as barbatanas; batia nas pregas engomadas da sua saia bordada e estendia-as para Ana, que lhe não resistiu. Beijando as faces frescas e as bonitas costas da filha, deixou-se agarrar por um dos dedos com gritos de alegria, tomou-a nos braços e fê-la saltar sobre os joelhos; mas a própria vista dessa encantadora criança obrigou-a a constatar a diferença que ela estabelecia no seu coração entre ela e Sergei.

Todas as forças de uma ternura não satisfeita se tinham outrora concentrado sobre o filho de um homem que ela, contudo não amava, e nunca a sua filha, nascida nas mais tristes condições, recebera a centésima parte dos cuidados prodigalizados a Sergei. A filhita não representava de resto senão esperanças, enquanto Sergei era quase um homem, conhecendo já a luta com os seus sentimentos e os seus pensamentos; ele amava a mãe, compreendia-a, julgava-a talvez... pensava ela, lembrando-se das palavras do filho; e agora estava separada dele, tanto material, como normalmente e para essa situação

não via remédio.

Depois de ter dado a pequena à ama e de as ter despedido, Ana abriu um medalhão que continha o retrato de Sergei da mesma idade e depois procurou outros retratos dele num álbum; o último, a melhor fotografia de Sergei representava-o a cavalo numa cadeira, de blusa branca, com a boca a sorrir e as sobrancelhas um pouco carregadas; a semelhança era perfeita.

Quis tirar o retrato do álbum com os seus dedos para o comparar com outros, mas não o conseguiu. Para o desligar, teve de o empurrar com uma outra fotografia tomada ao acaso.

Era um retrato de Vronsky tirado em Roma de cabelos compridos e chapéu mole.

— Ei-lo! — disse ela; e olhando-o lembrou-se de que era ele o autor de todos os seus sofrimentos.

Não tinha pensado nele toda a manhã, mas a vista desse rosto másculo e nobre, que ela conhecia e amava tanto, fez-lhe subir uma onda de amor ao coração.

— Onde está ele? Porque me deixa sozinha com a minha dor? — perguntou com amargura, esquecendo que dissimulara com cuidado tudo o que dizia respeito ao filho.

Imediatamente lhe mandou pedir que subisse e esperou com o coração apertado as palavras de ternura com que procuraria consolá-la. O criado veio dizer-lhe que Vronsky estava com muita gente e que mandava perguntar se o podia receber com o príncipe Yavshine, ultimamente chegado a S. Petersburgo.

Não virá só e desde ontem ao jantar que não me vê!, pensou ela. *Nada lhe poderei dizer, pois vem com Yavshine.*

E uma ideia cruel lhe atravessou o espírito.

Se ele me tivesse deixado de amar!

Repassou em seguida na memória todos os sucessos dos dias antecedentes e achou neles a confirmação desse pensamento terrível. Na véspera não jantara com ela; não morava nos mesmos aposentos e agora vinha acompanhado, como se temesse um *tête-à-tête*.

— Mas o dever dele é confessá-lo e o meu de o saber! Se for verdade, bem sei o que me resta fazer — disse ela, se bem que estava longe de imaginar no que se tornaria se a indiferença de Vronsky se confirmasse.

Esse terror vizinho do desespero deu-lhe uma certa sobre-excitação;

tocou para a criada de quarto, passou ao seu gabinete de *toilette* e teve um cuidado extremo a vestir-se, como se Vronsky, indiferente, se devesse tornar apaixonado à vista da sua *toilette* e do seu penteado.

Voltando ao salão foi Yasvhine que ela viu primeiro, examinando os retratos de Sergei que ela deixara esquecidos sobre a mesa.

— Nós somos antigos conhecimentos — disse-lhe ela indo direita a ele e colocando a sua mão pequenina na mão enorme do gigante todo confuso. Esta timidez parecia estranha e contrastava com a figura gigantesca e com o rosto acentuado de Yasvhine. — Vimo-nos no ano passado nas corridas... Dê cá — disse ela tirando a Vronsky por um movimento rápido as fotografias do filho que ele estava olhando, enquanto com os seus olhos brilhantes lhe lançava um olhar significativo. — As corridas deste ano foram boas? Nós vimos as corridas em Roma, no Corso. Não gosta da vida no estrangeiro? — ajuntou ela num sorriso acariciador. — Conheço-o e embora nos tenhamos encontrado poucas vezes, conheço os seus gostos.

— Geralmente os meus gostos são maus — disse Yasvhine mordendo o bigode.

Depois de alguns momentos de conversa, Yasvhine, vendo Vronsky consultar o relógio, perguntou a Ana se contava demorar-se muito tempo em S. Petersburgo e, pegando no quépi, levantou-se mostrando assim a sua grande figura.

— Creio que não — respondeu ela e olhou para Vronsky com um ar perturbado.

— Então não nos tornaremos a ver mais? — disse Yasvhine voltando-se para Vronsky. — Onde jantas tu?

— Venha jantar connosco — disse Ana num tom decidido; e contrariada por não poder dissimular a sua confusão todas as vezes que a sua falsa situação se afirmava diante de um estranho, corou. — O jantar aqui não é bom, mas ao menos veem-se; de todos os camaradas do regimento, é ao senhor que Alexei prefere.

— Estou encantado — respondeu Yasvhine com um sorriso, que provou a Vronsky que Ana lhe agradava muito.

Yasvhine despediu-se e saiu. Vronsky ficou para trás.

— Tu também sais? — perguntou-lhe ela.

— Já vou atrasado. Vai andando, já vou ter contigo — disse ele ao amigo.

Ela agarrou-lhe a mão e sem despregar dele os olhos, procurou o que lhe havia de dizer para o reter junto de si.

— Espera, tenho uma coisa para te perguntar — e apertou a mão de Vronsky contra o rosto. — Não fiz bem em o convidar para jantar?

— Tu fazes sempre bem — respondeu ele com um sorriso tranquilo.

— Alexei, tu não mudaste para mim? — perguntou ela apertando-lhe as mãos entre as suas. — Eu não posso estar mais aqui, Alexei. Quando partimos?

— Muito breve, muito breve; tu não imaginas também quanto esta vida me pesa — e apertou-lhe a mão.

— Então vai, vai! — disse ela com um tom ferido; e afastou-se precipitadamente.

Capítulo 32

Quando Vronsky voltou para o hotel, Ana não estava lá; disseram-lhe que tinha saído com uma senhora. Esta maneira de se ausentar sem dizer para onde ia, junto ao ar agitado, ao tom duro com que lhe tirara as fotografias do filho diante de Yasvhine, fez refletir Vronsky. Decidiu-se a pedir-lhe uma explicação e pôs-se a esperá-la na sala.

Ana não voltou sozinha, mas acompanhada por uma das suas tias, uma velha solteirona, a princesa Oblonsky, com quem andara a fazer compras; sem notar o ar inquieto e interrogador de Vronsky, Ana pôs-se a contar alegremente o que tinha comprado de manhã. Mas ele lia-lhe nos olhos brilhantes uma grande tensão de espírito, quando ela o olhava furtivamente, e uma agitação febril nos movimentos que o inquietavam e perturbavam.

A mesa estava posta para quatro pessoas e iam a sentar-se quando anunciaram Toushkevitch, que vinha da parte da princesa Betsy com um recado para Ana.

Betsy desculpava-se de não ter vindo dizer-lhe adeus; estava doente e pedia a Ana que a fosse ver entre as sete e meia e as nove horas. Vronsky olhou para Ana, como para lhe fazer notar que, designando-lhe a hora, a princesa dava a entender que tinha tomado as necessárias medidas para ela não encontrar ninguém; mas Ana pareceu não lhe dar atenção.

— Tenho imensa pena de não estar livre precisamente entre as sete e meia e as nove horas — disse ela com um impercetível sorriso.

— A princesa senti-lo-á muito.

— Também eu.

— Provavelmente vai ouvir a Patti? — perguntou Toushkevitch.

— A Patti? Oh, que boa ideia! Se pudesse arranjar um camarote, com certeza que ia.

— Posso arranjar-lhe um.

— Ficar-lhe-ia muito obrigada — disse Ana. — Mas não quer jantar

connosco?

Vronsky encolheu ligeiramente os ombros; nada compreendia da maneira de agir de Ana. Por que razão tinha ela trazido a velha princesa? Por que razão queria conservar Toushkevitch para jantar e principalmente para que queria um camarote? Podia ela por acaso na sua posição ir à Ópera num dia de assinatura? Iria lá encontrar toda a gente!

Olhou-a seriamente, mas ela respondeu-lhe com um olhar meio desolado, meio trocista, de que ele não pôde alcançar a significação.

Durante o jantar Ana esteve muito animada e pareceu fazer-se agradar ora a um, ora a outro dos seus convivas. Toushkevitch foi procurar o camarote ao sair da mesa e Yasvhine desceu para fumar com Vronsky; ao cabo de certo tempo este subiu ao salão e foi encontrar Ana de vestido de seda clara, muito decotado, com rendas a enquadrar-lhe o decote e a fazer ressair a surpreendente beleza do pescoço.

— Na verdade vai ao teatro? — perguntou-lhe ele procurando não olhar para ela.

— Porque mo pergunta com esse ar aterrado? — respondeu ela chocada por ele a não olhar. — Não vejo razão porque não deva ir!

Ela parecia não compreender a significação das palavras.

— Evidentemente nenhuma razão há para isso — disse Vronsky franzindo a testa.

— É precisamente o que eu digo — respondeu ela não querendo esconder nada da ironia dessa resposta e calçando tranquilamente as luvas perfumadas.

— Ana, em nome do céu! O que é que tem?... — disse-lhe ele procurando acordá-la, como o tinha tentado outrora e mais de uma vez o marido.

— Não compreendo o que me quer.

— Bem sabe que não pode lá ir.

— Porquê? Eu não vou sozinha; a princesa está a mudar de fato e acompanhar-me-á.

Ele encolheu os ombros, sem coragem.

— Então não sabe... — começou ele.

— Mas eu não quero saber nada! — disse ela quase a gritar. — Não quero e não me arrependo de nada do que fiz; não, não e não. Se fosse preciso recomeçar, recomeçaria. Só há uma coisa importante para mim e para

ti, é saber se nos amamos. O resto é sem valor. Porque vivemos aqui separados? Porque não posso ir onde me parece? Amo-te e tudo me é indiferente — disse ela em russo com um olhar particular e incompreensível para ele. — Se tu não mudaste a meu respeito, porque não olhas para mim?

Ele olhou-a e viu a sua beleza e o vestido que lhe ficava tão bem; mas essa beleza e essa elegância era precisamente o que o irritava.

— Bem sabe que os meus sentimentos não poderiam mudar; mas suplico-lhe que não saia — disse-lhe ele ainda em francês numa voz suplicante, embora o olhar permanecesse frio.

Ela só lhe notou o olhar e respondeu num tom agastado:

— E eu peço-lhe que me explique porque não devo sair.

— Porque isso pode atrair... — mas perturbou-se e não acabou a frase.

— Não compreendo; Toushkevitch não é um homem que comprometa e a princesa não é pior do que qualquer outra. Ah, aí vem ela!

Capítulo 33

Pela primeira vez na sua vida, Vronsky experimentou um descontentamento vizinho da cólera. O que principalmente o contrariava era não poder explicar-se abertamente, não poder dizer a Ana que, aparecendo com essa *toilette* na Ópera em companhia de uma pessoa como a princesa, atirava a luva à opinião pública, reconhecia-se como uma mulher perdida e renunciava por consequência a reentrar na sociedade.

Como é que ela o não compreende? O que se passa nela?, pensava.

Enquanto a sua estima pelo caráter de Ana baixava, o sentimento da sua beleza subia.

Voltando para o seu quarto, foi-se sentar desassossegado junto de Yavshine, que estava bebendo uma mistura de água de Seltz e conhaque, com as compridas pernas estendidas sobre uma cadeira. Vronsky imitou-lhe o exemplo.

— Falavas do cavalo de Louskov? É um belo animal, que te aconselho a comprar — começou Yavshine lançando um olhar para o rosto sombrio do camarada. — A garupa é pequena, mas que pernas e que cabeça! Não se pode encontrar melhor.

— Também penso em comprá-lo — respondeu Vronsky.

Falando com o amigo, o pensamento de Ana não o abandonava e involuntariamente ia escutando o que se passava no corredor, olhando para o relógio.

— Ana Arcadievna manda dizer que vai sair para o teatro — anunciou um criado.

Yavshine deitou mais um copo de água gasosa, bebeu-o e pôs-se de pé abotoando o uniforme.

— Então? Vamo-nos? — disse sorrindo sob os seus longos bigodes e mostrando assim que compreendia a causa da contrariedade de Vronsky, sem lhe ligar importância.

— Eu não vou — respondeu Vronsky tristemente.

— Eu prometi, tenho de ir; até à vista! Se te resolveres, toma o *fauteil* de Krasinsky, que está livre — ajuntou ele ao sair.

— Não, tenho de trabalhar.

Tem-se aborrecimentos com a mulher, mas com uma amante ainda é pior, pensou Yavshine deixando o hotel.

Ficando sozinho, Vronsky levantou-se e pôs-se a passear de um lado para o outro.

— Hoje é a quarta récita de assinatura; meu irmão estará lá com a mulher, provavelmente com minha mãe, isto é, todo o S. Petersburgo! Ela entra neste momento, tira a capa e ei-la diante de toda a gente! Toushkevitch, Yavshine, a princesa Bárbara! Então eu? Tenho medo? Ou dei a Toushkevitch o direito de a proteger? Por qualquer forma que se encare, é absurdo, absurdo! — disse ele com um gesto desolado.

Este movimento tombou a bandeja onde estava o conhaque e a água de Seltz e fê-la cair; Vronsky, querendo segurá-la, voltou-a completamente. Tocou a campainha e deu um pontapé na mesa.

— Se queres continuar comigo, não te esqueças do teu serviço — disse ele ao criado que apareceu — Que isto não torne a acontecer! Porque não vieste buscar isto tudo?

O criado, sentindo-se inocente, quis justificar-se, mas um olhar do patrão provou-lhe que era melhor calar-se; e desculpando-se ajoelhou-se no tapete para apanhar os cacos dos vidros e das garrafas.

— Isso não é o teu serviço; chama outro e vai preparar-me a minha casaca.

Tocou, mandou buscar a casaca e às nove horas e meia entrava na Ópera. O espetáculo já tinha começado.

O porteiro tirou a Vronsky a peliça e, reconhecendo o, tratou-o por «Vossa Excelência».

O corredor estava vazio, a não ser dois trintanários que seguravam os abafos e escutavam às portas; ouvia-se a orquestra acompanhando com cuidado uma voz de mulher. A porta entreabriu-se para dar passagem a um empregado encarregado de colocar os espectadores e a frase cantada chocou o ouvido de Vronsky. Não pôde ouvir o final, porque a porta se fechara, mas pelos aplausos que se seguiram, compreendeu que a romanza terminara.

Os bravos duravam ainda quando ele penetrou na sala brilhantemente

iluminada; na cena a cantora, decotada e coberta de diamantes, cumprimentava sorrindo e inclinava-se para segurar com a ajuda do tenor, que lhe dava a mão, os numerosos ramos de flores.

Um sujeito admiravelmente penteado oferecia-lhe um estojo alongando os braços e todo o público, camarotes e plateia, gritava, aplaudia, levantando-se para ver melhor.

Vronsky avançou até ao meio da plateia; deteve-se e examinou o público, menos desassossegado do que nunca, pela cena, pelo ruído e por toda essa multidão de espectadores acumulados na sala.

Eram as mesmas mulheres nos camarotes com os mesmos oficiais por detrás delas, os mesmos vestidos multicolores, os mesmos uniformes e as mesmas casacas pretas; na galeria, a mesma multidão suja; e em toda essa sala cheia uma quarentena de pessoas, homens e mulheres, representavam sozinhos *a sociedade.* A atenção de Vronsky voltou-se para esse oásis.

O ato acabara. Vronsky avançou até às primeiras filas de *fauteuils* e deteve-se junto da rampa ao lado de Serpouhovskoi que, tendo-o visto de longe, o chamara com um sorriso. Vronsky não tinha ainda visto Ana e não a procurava, mas pela direção que tomavam os olhares de toda a gente, não duvidou do sítio onde ela se encontrava. Teve então maior medo ainda e temeu ver Karenine; felizmente nesse dia não tinha vindo ao teatro.

— Como tu ficaste pouco militar — disse-lhe Serpouhovskoi. — Dir-se-ia que és um diplomata, um artista...

— Sim, ao voltar para casa tornei a vestir a casaca — respondeu Vronsky sorrindo e tomando lentamente o binóculo.

— É o que eu te invejo; quando volto para a Rússia, confesso-te que ponho isto-com pena — disse ele apontando as agulhetas. — Choro a minha liberdade.

Serpouhovskoi, havia muito tempo, tinha desistido de chamar de novo Vronsky para a carreira militar, mas continuava a gostar dele e mostrava-se particularmente amável nessa noite.

— Foi uma pena que tivesses perdido o primeiro ato.

Vronsky ia examinando com o binóculo as frisas e a primeira ordem; de repente apareceu-lhe a cabeça de Ana, altiva e de uma beleza impressionante, no seu quadro de rendas, junto de uma dama de turbante e de um velho calvo e piscando os olhos; Ana ocupava a quinta frisa, a vinte passos dele; sentada na frente do camarote, estava falando com Yavshine voltando-se um pouco.

A ligação da nuca com as belas e opulentas costas, o brilho contínuo dos olhos e do rosto, tudo lhe fazia lembrar tal como a tinha visto outrora no baile de Moscovo. Mas os sentimentos que lhe inspirava a sua beleza já não eram os mesmos; nada tinham de misterioso e assim, sofrendo-lhe o encanto mais vivamente, sentia-se quase chocado de a ver tão bela. Não duvidou de que ela o tinha visto, embora o não aparentasse.

Quando ao cabo de um instante Vronsky dirigiu novamente o binóculo para o camarote, viu a princesa Bárbara, muito vermelha, a rir-se com um riso forçado, olhando frequentemente para a frisa vizinha; Ana batendo com o leque fechado no rebordo do camarote, olhava para longe com a intenção evidente de não reparar no que se passava ao lado dela. Quanto a Yavshine, o seu rosto apresentava a mesma impressão que se tivesse perdido ao jogo; cada vez puxava mais o bigode para a boca, franzindo a testa e olhando de lado para o camarote vizinho.

Nesse camarote achavam-se os Kartasov, que Vronsky conhecia e com os quais Ana também mantinha relações. A Sra. Kartasov, uma mulherzita magra, estava de pé, com as costas voltadas para Ana e punha uma saída de teatro que o marido lhe estendia; o rosto estava pálido, descontente, parecendo falar com agitação; o marido, um sujeito gordo e calvo, lançava olhares sobre Ana, procurando o melhor que podia acalmar a mulher.

Quando esta abandonou o camarote, o marido demorou-se, procurando encontrar o olhar de Ana para a cumprimentar. Mas ela não o quis perceber e inclinou-se para trás, dirigindo-se ao rosto rapado de Yavshine curvado para ela. Kartasov saiu sem a ter cumprimentado e o camarote ficou vazio.

Vronsky não compreendeu nada dessa cena, mas notou perfeitamente que Ana acabava de ser humilhada; viu pela expressão do seu rosto que ela reunia as últimas forças para representar o seu papel até ao fim e para conservar a aparência da calma mais absoluta. Aqueles que ignoravam a sua história que não podiam ouvir as expressões indignadas das suas antigas amigas sobre essa audácia de aparecer assim, em todo o brilho da sua beleza e da sua *toilette,* não teriam podido suspeitar que essa mulher estava passando pelas mesmas expressões de vergonha que um malfeitor no pelourinho de infâmia.

Vivamente perturbado, Vronsky foi ao camarote do irmão com a esperança de aí saber alguns pormenores. Atravessou intencionalmente o corredor do lado oposto ao do camarote de Ana e encontrou-se ao sair com o seu antigo coronel, que estava falando com duas pessoas. Vronsky ouviu

pronunciar o nome de Karenine e notou a pressa do coronel em o chamar em voz alta pelo seu nome, olhando significativamente para os seus interlocutores.

— Ah! Vronsky! Quando te tornaremos a ver no regimento? Dar-te-emos um banquete. Tu és nosso até à ponta dos dedos — disse o coronel.

— Desta vez não tenho tempo e lamento-o sinceramente — respondeu Vronsky subindo rapidamente a escada, que levava ao camarote do irmão.

A velha condessa, sua mãe, estava no camarote. Varia e a jovem princesa Sarokine andavam a passear no corredor; vendo o cunhado, Varia acompanhou a princesa para junto da mãe e, tomando o braço de Vronsky, abordou o assunto que a interessava com uma comoção que ele raramente notava nela.

— Acho isso uma coisa infame e vil; a Sra. Kartasov não tinha nenhum direito a fazê-lo. A Sra. Karenina...

— Mas o que foi? Eu não sei nada.

— Como, não ouviste dizer nada?

— Compreendes bem que eu seria o último a saber qualquer coisa.

— Há criatura mais má no mundo que essa Kartasov?

— Mas o que fez ela?

— Foi meu marido que mo contou. Insultou a Sra. Karenina. O marido dirigiu-lhe a palavra de um camarote para o outro e dizem que ela lhe fez uma cena, permitindo dizer em voz alta uma expressão ofensiva e foi-se embora.

— Conde, sua mamã está a chamá-lo — disse a jovem princesa Sarokine entreabrindo a porta do camarote.

— Estou sempre à tua espera — disse-lhe a mãe sorrindo ironicamente. — Já não há quem te veja.

O filho sentiu que a mãe não podia dissimular a sua satisfação.

— Boa noite, mamã. Vinha de sua casa — respondeu ele friamente.

— O quê? Então não vais fazer a corte à Sra. Karenina? — ajuntou ela quando a donzela se afastou. — Fez sensação. Esquecem a Patti por causa dela.

— Mamã, eu já lhe pedi que me não falasse disso — respondeu ele com ar sombrio.

— Eu digo o que toda a gente diz.

Vronsky não respondeu e, depois de ter trocado algumas palavras com a

jovem princesa, saiu. À porta encontrou o irmão.

— Ah! Alexei — disse este. — Que vilania! É uma tola, nada mais... Eu queria ir ver a Sra. Karenina. Vamos juntos!

Vronsky não o escutava; desceu a escada rapidamente sentindo que tinha um dever a cumprir: mas qual?

Agitado pela cólera, furioso pela falsa posição em que Ana os colocara a ambos, sentia-se, contudo, cheio de piedade por ela.

Dirigindo-se da plateia para a frisa de Ana, viu Stremov encostado ao camarote, falando com ela.

— Já não há temores — dizia ele. — A mó quebrou-se.

Vronsky cumprimentou e deteve-se para falar a Stremov.

— Veio muito tarde, parece-me, e não assistiu ao melhor bocado — disse Ana a Vronsky com um ar que lhe pareceu de troça.

— Eu sou um medíocre juiz — respondeu ele olhando-a severamente.

— Como o príncipe Yavshine — disse ela sorrindo — que acha que a Patti canta muito forte. — Muito obrigada — disse tomando com a sua mãozita metida numa luva comprida o programa, que Vronsky lhe estendia; e no mesmo instante o seu belo rosto estremeceu; levantou-se então e retirou-se para o fundo do camarote.

Mal tinha começado o último ato quando Vronsky, vendo o camarote de Ana vazio, se levantou, deixou a plateia e voltou para o hotel.

Ana também já tinha voltado; Vronsky foi achá-la, como estava no teatro, sentada sobre o primeiro *fauteil* que achara junto da parede, olhando para diante. Vendo entrar Vronsky, lançou-lhe um olhar sem dizer nada.

— Ana! — disse ele...

— És tu, tu, o causador de tudo! — exclamou ela levantando-se com lágrimas de raiva e de desespero na voz.

— Eu pedi-te, supliquei-te que não fosses, porque bem sabia que ias preparar uma prova pouco agradável...

— Pouco agradável! — exclamou ela. — Horrível! Embora vivesse cem anos, não a esqueceria. Ela disse que se desonrava em estar sentada ao pé de mim.

— São palavras de uma tola, mas para quê arriscar-se a ouvi-las, para quê expor-se a isso?...

— Odeio a tua tranquilidade. Tu não devias ter-me impelido a isso; se me amasses...

— Ana! A que propósito vem o meu amor?

— Sim, se tu me tivesses amor como eu te tenho, se tu sofresses como eu... — disse ela olhando-o com uma expressão de terror.

Ele enchia-se de piedade por ela e protestou-lhe o seu amor, porque via bem que era o único meio de a acalmar; mas no fundo do coração queria-lhe mal.

Pelo contrário ela bebia-lhe os juramentos de amor, que ele julgava banal repetir, e tranquilizava-se pouco a pouco. Dois dias depois partiam para o campo completamente reconciliados.

PERIGOSAS

Parte 6

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 1

Daria Alexandrovna aceitou o convite que lhe fizeram os Levine para ir passar o verão com eles, porque a sua casa de Yergoushovo estava a cair cm ruínas. Stepane Arcadievitch, retido em Moscovo pelas suas ocupações, aprovou muito essa saída e testemunhou um vivo pesar por não poder ir lá senão de longe em longe. Além dos Oblonsky e do seu rebanho de filhos, os Levine tiveram também a visita da velha princesa, que se julgava indispensável junto da filha por causa do *estado* desta; tiveram ainda Varinka, a amiga de Kitty em Sodem, e Sergei Ivanitch, que era o único entre os hóspedes de Pakrofsky a representar a família Levine, se bem que a representasse só a meio.

Konstantin, embora estimasse todos aqueles que se alojavam sobre o seu teto, surpreendeu-se a ter saudades dos seus hábitos antigos, constatando que o «elemento Cherbatzky», como lhe chamava, era bem invasor.

A velha casa, deserta durante tanto tempo, quase que já não tinha quarto desocupado; todos os dias, ao sentar-se à mesa, a princesa contava os convivas para não se arriscarem a ser treze, e Kitty, como boa dona de casa, punha todos os seus cuidados em se aprovisionar de frangos e patos para satisfazer o apetite dos hóspedes, que o ar do campo tornava exigentes.

Nesse dia estava toda a família à mesa e os pequenos tinham projetado ir procurar cogumelos com a governanta e Vatinka quando, com grande espanto de todos, Sergei Ivanitch testemunhou vontade de fazer parte da expedição.

— Posso ir consigo? — disse ele dirigindo-se a Varinka.

— Com muito prazer — respondeu esta corando.

Kitty trocou um olhar com Dolly. Esta proposta vinha confirmar uma ideia que as preocupava havia algum tempo.

Depois do jantar os dois irmãos ficaram a conversar tomando o café, mas Kosnichev vigiava a porta pela qual os passeantes deviam sair e, logo que avistou Varinka com um vestido de fazenda e com um lenço branco na

cabeça, interrompeu a conversa, despejou o fundo da chávena e exclamou;

— Estou aqui, estou aqui, Bárbara Andrevna!

— O que dizem da minha Varinka? Não é encantadora? — disse Kitty dirigindo-se ao marido e à irmã, mas de modo a ser ouvida por Sergei Ivanitch.

— Tu esqueces sempre o teu estado, Kitty; é imprudente gritar assim — interrompeu a princesa saindo precipitadamente do salão.

Varinka tinha voltado para trás, ouvindo repreender a amiga; estava cheia de animação, mas comovida e perturbada. Kitty beijou-a e mentalmente deu-lhe a sua bênção.

— Seria muito feliz se uma certa coisa acontecesse — murmurou ela.

— Venha connosco — pediu a donzela a Levine para dissimular o seu embaraço.

— Pois sim, vou, mas até às granjas; tenho uns novos carros para examinar. E tu onde ficas? — perguntou ele à mulher.

— No terraço.

Capítulo 2

Nesse terraço, onde as senhoras depois do jantar se reuniam de bom grado, estavam nesse dia entregues a uma grave ocupação. Além da confeção habitual dos variados objetos destinados ao enxoval, faziam também doces, segundo um processo prático dos Cherbatzky, mas desconhecido de Ágata Mikhailovna.

Esta, toda vermelha, com os cabelos em desordem, com as mangas arregaçadas até ao cotovelo, de muito mau humor, mexia um tacho de doce sobre um fornilho portátil, fazendo intimamente votos para que a framboesa se queimasse. A velha princesa, autora destas inovações e por consequência sentindo-se malquistada, vigiava com o canto do olho os movimentos da velha governanta, sem deixar de conversar com as filhas num ar indiferente.

A conversa das três mulheres recaiu sobre Varinka e, para não ser compreendida por Ágata Mikhailovna, Kitty exprimiu em francês a esperança de que Sergei Ivanitch se declarasse.

— O que pensa, mamã?

— Eu penso que teu cunhado tem o direito de pretender os melhores partidos da Rússia, embora já não seja novo; quanto a ela, é uma excelente pessoa...

— Mas repare, mamã, que Sergei, com a sua situação na sociedade, não tem necessidade nenhuma de casar com uma mulher por causa das suas relações ou da sua fortuna. O que ele precisa é de uma menina meiga, inteligente e amante... Seria tão bom! Quando eles voltarem do passeio, lerei tudo nos seus olhos! Que dizes tu, Dolly?

— Não te agites assim, isso não vale nada — replicou a princesa.

— Oh, mamã, como é que o papá a pediu em casamento? — disse de repente Kitty altiva, na qualidade de mulher casada, de poder abordar esses assuntos importantes com sua mãe como com uma igual.

— Mas muito simplesmente — respondeu a princesa, cujo rosto se

iluminou a essa recordação.

— Já gostava dele antes de se declarar?

— Com certeza. Tu acreditas então que vocês inventaram alguma coisa de novo? Isso resolveu-se, como sempre, por uns olhares e por um sorriso. Kostia disse-te alguma coisa de especial?

— Oh, ele escreveu a sua declaração com giz. Há quanto tempo isso foi!... Eu penso — continuou Kitty depois de um silêncio durante o qual as três mulheres estiveram preocupadas com os mesmos pensamentos — que seria bom preparar Sergei para a ideia de Varinka ter um primeiro amor.

— Tu pensas que todos os homens ligam tanta importância a isso, como teu marido — respondeu Dolly. — Tenho a certeza de que a lembrança de Vronsky ainda o atormenta!

— É verdade, é! — disse Kitty com um olhar pensativo.

— O que tem ele que o possa inquietar? — perguntou a princesa disposta à suscetibilidade desde que a sua vigilância maternal parecia posta em cheque. — Vronsky fez-te a corte, mas a que donzela não a fez ele?

— Que felicidade para Kitty que Ana tenha aparecido — fez notar Dolly — e como os papéis se inverteram! Ana era então feliz, enquanto Kitty se julgava desgraçada. Muitas vezes tenho pensado nisto!

— É inútil pensar nessa mulher sem coração — exclamou a princesa, que não se consolava de ter Levine por genro em lugar de Vronsky.

— Com certeza que sim e quanto a mim não quero pensar nisso — replicou Kitty ouvindo na escada os passos bem conhecidos do marido.

— Em que é que tu não queres pensar? — perguntou Levine aparecendo no terraço.

Ninguém lhe respondeu e ele não renovou a pergunta.

— Lamento vir perturbar a vossa intimidade — disse ele vexado por sentir que tinha interrompido uma conversa que não queriam continuar diante dele; e durante um instante achou-se com os mesmos sentimentos que a velha governanta, furioso por sofrer a dominação dos Cherbatzky.

Contudo aproximou-se de Kitty sorrindo.

— Queres ir ter com as crianças? Mandei atrelar.

— Tu não pretenderás ir sacudir Kitty dentro de um *char-à-bancs,* penso eu.

— Iremos a passo, princesa.

Levine não se pudera decidir, como os cunhados, a tratar a princesa por

mamã, embora a amasse e tivesse por ela o maior respeito: parecia-lhe que era ir afligir sua mãe. Esta diferença desgostava à princesa.

— Então irei a pé — disse Kitty levantando-se para tomar o braço do marido.

— Então, Ágata Mikhailovna, os doces chegarão ao fim graças ao novo processo? — perguntou Levine sorrindo para a governanta para a dispor bem.

— Dizem que estão bons, mas eu acho que estão muito cozidos.

— Assim ao menos não se desfarão, Ágata Mikhailovna — disse Kitty adivinhando a intenção do marido — e bem sabem que já não há gelo na geleira. Quanto às suas salsichas, a mamã assegurou-me não ter ainda comido melhores — ajuntou ela arranjando uma fita desatada da governanta.

— Não me queira consolar, minha senhora — respondeu Ágata Mikhailovna olhando Kitty com um ar ainda zangado. — Basta-me vê-la com *ele* para ficar contente.

Esta maneira familiar de designar o senhor tocou Kitty.

— Venha mostrar-nos os sítios bons para achar cogumelos.

A velha encolheu os ombros sorrindo, e esse sorriso parecia dizer: «Ainda que eu quisesse guardar algum rancor, não o podia.

— Siga o meu conselho, ponha em cima de cada vaso de doce um papel redondo embebido em rum e não terá necessidade de gelo para o conservar — disse a princesa.

Capítulo 3

Kitty tinha notado o descontentamento passageiro que tão vivamente se mostrara na fisionomia do marido; por isso gostou de se encontrar um momento só com ele. Tomavam a dianteira de todos na estrada poeirenta, toda semeada de espigas e de grão, e Levine esqueceu bem depressa a impressão desagradável que experimentara para se encher de um sentimento puro e ainda novo da presença da mulher amada. Sem ter nada para lhe dizer, desejava ouvir o som da voz de Kitty, ver os seus olhos, aos quais o seu estado dava uma maneira particular de meiguice e seriedade.

— Apoia-te sobre o meu braço e fatigar-te-ás menos.

— Sinto-me tão feliz por estar sozinha um momento contigo! Eu gosto dos meus, mas tenho saudades das nossas noites de inverno, só para nós dois. Sabes do que falávamos quando chegaste?

— De doces?

— Sim, mas também de pedidos de casamento, de Sergei e de Varinka. Já notaste? O que pensas tu? — ajuntou ela voltando-se para o marido para o ver bem de perto.

— Eu não sei, Sergei admirou-me sempre. Tu sabes que outrora esteve apaixonado por uma menina que morreu; é uma das minhas recordações de infância. Depois disso creio que as mulheres não existem para ele.

— Mas Varinka?

— Talvez... não sei... Sergei é um homem muito puro, que não vive senão pela alma...

— Tu queres dizer que é incapaz de se tornar apaixonado — disse Kitty exprimindo a seu modo a ideia do marido.

— Eu não digo isso, mas ele não tem fraquezas e é o que eu lhe invejo, apesar da minha felicidade. Não vive só para si próprio, é o dever que o guia, por isso tem o direito de estar tranquilo e satisfeito.

— E tu? Porque estarás tu descontente contigo? — perguntou ela com

um sorriso, ela a quem a admiração exagerada do marido por Sergei Ivanitch e a sua falta de coragem provinham ao mesmo tempo do sentimento excessivo da sua felicidade e de um desejo incessante de a tornar melhor.

— Sou muito feliz, nada ambiciono neste mundo e quando me comparo com outros, com meu irmão principalmente, sinto toda a minha felicidade.

— Mas não pensas tu sempre no teu próximo, nas tuas explorações e no teu livro?

— Faço isso superficialmente, como uma obrigação de que me procuro ver livre. Ah, se eu pudesse amar os meus deveres como te amo a ti. Tu é que és a culpada.

— Querias trocar com Sergei? Não amares mais nada que os teus deveres e o bem geral?

— Com certeza que não. De resto sou muito feliz para raciocinar com justiça... Assim julgas tu que o pedido terá lugar hoje? — perguntou ele depois de um momento de silêncio. — Olha, aí vem o *char-à-bancs* ter connosco.

— Kitty, não estás cansada? — gritou a princesa.

— Absolutamente nada, mamã.

E o passeio continuou a pé.

Capítulo 4

Nesse dia Varinka tinha parecido muito atraente a Sergei Ivanitch. Caminhando a seu lado, ia-se lembrando do que tinha ouvido dizer do seu passado e o que ele próprio lhe tinha notado de bom e de amável. O coração experimentava-lhe um sentimento especial, sentido uma única vez, outrora, na sua mocidade, e a impressão de alegria causada pela presença da donzela foi um instante tão vivo que, metendo no avental dela um cogumelo monstro que acabava de apanhar, os seus olhos se encontraram num olhar muito expressivo.

— Vou procurar cogumelos com abundância — disse ele receando sucumbir, como uma criança, ao impulso de momento — porque vejo que os meus achados passam despercebidos.

Porque resistirei eu?, pensava ele deixando a clareira do bosque para se meter na floresta onde, acendendo o charuto, se entregou às suas reflexões. *O sentimento que experimenta não é paixão, é uma inclinação mútua, ao que me parece, e que em nada entravará a minha vida. A única objeção séria ao casamento foi a promessa que fiz, quando perdi Maria, de ficar fiel à sua memória.*

Esta objeção, Sergei Ivanitch sentia-o bem, só dizia respeito ao papel poético que ele representava aos olhos da sociedade. Nenhuma mulher, nenhuma donzela, respondia melhor do que Varinka a tudo o que ele procurava naquela com quem havia de casar.

Tinha o encanto da mocidade sem criancices, o convívio da sociedade sem nenhum desejo de brilhar nela, uma religião elevada e assente em sérias convicções. De mais era pobre, sem família, e não imporia ao marido, como Kitty, uma numerosa parentela.

Essa donzela amava-o! Por mais modesto que ele fosse, já o tinha notado. A diferença de idade entre ambos não seria um obstáculo. Varinka dissera uma vez que um homem de cinquenta anos só passava por um velho na

Rússia; em França estava «na força de idade». Ora aos quarenta anos ele devia ser um mancebo.

Quando entreviu a figura suave e grácil de Varinka por entre os velhos salgueiros, o coração apertou-se-lhe de alegria e, decidido a explicar-se, deitou o charuto fora e avançou para a donzela.

PERIGOSAS

Capítulo 5

Bárbara Andrevna, na minha mocidade criei um ideal de mulher que seria feliz em ter por companheira; a minha vida passou-se até agora sem a encontrar. Só a senhora realiza o meu sonho. Amo-a e ofereço-lhe o meu nome.

Com estas palavras nos lábios, Sergei Ivanitch olhava para Varinka ajoelhada na erva a dez passos dele e defendendo um cogumelo dos ataques de Gricha a fim de o reservar para os mais pequenos.

— Por aqui, por aqui há muito — gritava ela na sua voz bem timbrada.

À aproximação de Kosnichev não se levantou, mas tudo na sua pessoa manifestava a alegria de o tornar a ver.

— Então achou alguma coisa? — perguntou-lhe ela voltando para ele o seu rosto risonho.

— Absolutamente nada — respondeu ele.

Depois de ter indicado os sítios bons às crianças, levantou-se e foi ter com Sergei; deram em silêncio alguns passos. Varinka, abafada pela comoção, não sabia o que Kosnichev tinha no íntimo. De repente, embora não tivesse vontade de falar, rompeu esse silêncio para dizer involuntariamente:

— Se não achou nada é porque há menos cogumelos no interior do que na clareira.

Kosnichev suspirou sem responder e essa frase insignificante desagradou-lhe; continuaram a andar, afastando-se cada vez mais das crianças.

O momento era propício para uma explicação e Sergei Ivanitch, vendo o ar perturbado e os olhos baixos da donzela, viu que a ofendia calando-se. Esforçou-se por se lembrar das suas reflexões sobre o casamento, mas em lugar das palavras que tinha preparado, perguntou-lhe:

— Que diferença há entre uma cepa e um cogumelo?

Os lábios de Varinka tremeram ao dar a resposta.

— Só há diferença no pé.

Ambos sentiram que com efeito assim era; as palavras que deviam uni-los não seriam pronunciadas e a comoção violenta, que os agitava, acalmou-se pouco a pouco.

— O pé dos cogumelos pequenos faz lembrar uma barba preta mal rapada — disse Sergei Ivanitch tranquilamente.

— É verdade — respondeu Varinka num sorriso.

Depois o seu passeio dirigiu-se involuntariamente para o lado das crianças. Varinka estava confusa e ofendida, mas livre de um peso. Sergei Ivanitch repassava no espírito os seus raciocínios sobre o casamento e achava-os falsos. Ele não podia ser infiel à memória de Maria.

— Devagarinho, meninos, devagarinho — exclamou Levine vendo as crianças precipitarem-se a correr direito a Kitty, dando gritos de alegria.

Atrás das crianças apareceram Sergei Ivanitch e Varinka. Kitty não teve necessidade de os interrogar; compreendeu pelo seu tom calmo e um pouco envergonhado que a esperança que ela alimentava não se realizaria.

— Não vai — disse ela ao marido ao voltar para casa.

Capítulo 6

Enquanto as crianças tomavam o chá, reuniram-se todos no terraço. A impressão de que se tinha passado um facto importante, embora negativo, pairava sobre toda a gente e, para dissimular o embaraço geral, falava-se com uma animação forçada. Sergei Ivanitch e Varinka pareciam dois estudantes que tivessem ficado reprovados nos seus exames. Levine e Kitty, mais apaixonados que nunca um pelo outro, sentiam-se confusos com a sua felicidade, como de uma alusão indiscreta ao mal-estar daqueles que não podiam ser felizes.

Stepane Arcadievitch e talvez o velho príncipe deviam vir no comboio da noite.

— Alexandre não virá, creiam-me — dizia a princesa. — Ele diz que se não deve perturbar a liberdade de dois recém-casados.

— O papá abandona-nos; graças a esse princípio, já não o vemos — disse Kitty. — E porque nos considera ele como recém-casados, quando nós já somos dois velhos casados?

O ruído de uma carruagem interrompeu a conversa.

— É Stiva — gritou Levine — e vem alguém junto dele. Deve ser o papá. Gricha, vamos a correr ter com eles.

Mas Levine enganava-se; o companheiro de Stepane Arcadievitch era um belo rapagão com um boné escocês com longas fitas flutuantes que se chamava Vassia Veslovsky, parente afastado dos Cherbatzky e um dos ornamentos da alta sociedade de Moscovo e de S. Petersburgo. Veslovsky não se sentiu nada perturbado com o desapontamento causado pela sua presença; cumprimentou alegremente Levine, lembrou-lhe que já se tinham encontrado outrora e levou Gricha para o instalar na caleche.

Levine seguiu a pé, contrariado por não ver o príncipe, de quem gostava, e ainda mais o estava pela intrusão desse estranho cuja presença era perfeitamente inútil. Essa impressão desagradável aumentou vendo Vassia

beijar galantemente a mão de Kitty diante das pessoas sentadas à porta.

— Nós somos primos, sua senhora e eu, e antigos conhecimentos — disse o mancebo apertando pela segunda vez a mão a Levine.

— Então — perguntou Oblonsky cumprimentando a cunhada e beijando a mulher e os filhos — à caça? Nós vimos com projetos terríveis, Veslovsky e eu. Como tens uma boa cara, Dolly! — disse ele beijando a mão da mulher e acariciando-a com gesto afetuoso.

Levine, tão feliz havia pouco, considerava esta cena maldisposto.

Quem é que estes mesmos lábios terão beijado ontem?, pensou ele. *Porque é que Dolly está tão contente se ela não acredita já no seu amor?*

E ficou vexado pelo acolhimento agradável feito a Veslovsky pela princesa. A delicadeza de Sergei Ivanovitch para Oblonsky pareceu-lhe hipócrita, porque sabia que o irmão não tinha Stepane Arcadievitch em alta estima. Varinka, por seu turno, fez-lhe o efeito de uma *beata falsa,* capaz de sair do seu sério por um estranho, pensando no casamento.

Mas o seu descontentamento atingiu o cúmulo quando viu Kitty corresponder ao sorriso dessa personagem dizendo que considerava a sua visita como uma felicidade para todos: era confirmá-lo na sua tola pretensão.

Aproveitou o momento em que voltavam para casa numa conversa animada para se esquivar. Kitty, notando o mau humor do marido, correu atrás dele, mas ele repeliu-a, declarando ter que fazer no escritório, e desapareceu. Nunca as suas ocupações tiveram tanta importância a seus olhos como nesse dia.

Capítulo 7

Levine só voltou quando o foram prevenir de que a ceia estava na mesa; na escada encontrou Kitty e Ágata combinando os vinhos a apresentar.

— Para que é toda essa embrulhada? Ponham vinho comum.

— Não, Stiva não bebe desse. Que tens tu, Kostia? — perguntou Kitty procurando detê-lo. Ele não a escutou e continuou o seu caminho em grandes passadas direito à casa de jantar, onde se apressou a tomar parte na conversa.

— Então vamos amanhã à caça? — perguntou-lhe Stepane Arcadievitch.

— Vamos, peço-lhe — disse Veslovsky inclinado sobre a cadeira e sentado sobre uma das pernas.

— De boa vontade; este ano já caçou? — respondeu Levine dirigindo-se a Vassia com uma falsa cordialidade que Kitty conhecia bem. — Não sei se acharemos galinholas, mas as narcejas abundam. É preciso partir muito cedo; isso não te fatigará, Stiva?

— Nunca; se tu quiseres, estou pronto a não dormir a noite.

— Ah! Disso é o senhor capaz — disse Dolly com uma certa ironia — assim como de não deixar dormir os outros. Visto que não ceio, vou-me embora.

— Não, Dolly — exclamou Stepane Arcadievitch indo-se sentar junto da mulher. — Demora-te mais um pouco, tenho tantas coisas a contar-te. Sabes que Veslovsky viu Ana? Mora só a setenta verstas daqui; quando se for embora ele vai lá. Eu conto também lá ir.

— Na verdade o senhor esteve em casa de Ana Arcadievna? — perguntou Dolly a Vassia, que se aproximara das senhoras e se tinha colocado ao lado de Kitty na mesa.

Levine, falando com a princesa e com Varsinka, notou a animação desse grupinho. Acreditou numa conversa misteriosa e a fisionomia da mulher olhando o rosto bonito de Vassia pareceu-lhe exprimir um sentimento profundo.

— A sua instalação é soberba — contava este com vivacidade — e em casa deles sentimo-nos à vontade. Não sou eu que os deva julgar.

— Que contam eles fazer?

— Segundo creio, tencionam passar o inverno em Moscovo.

— Seria encantador reunirmo-nos lá. Quando é que lá vais? — perguntou Oblonsky ao mancebo.

— Em julho.

— E tu? — perguntou ele à mulher.

— Quando tiveres partido. Irei sozinha, isso não incomodará ninguém e preciso ver Ana. É uma mulher de que gosto e que lastimo.

— Perfeitamente — respondeu Stepane Arcadievitch. — E tu, Kitty?

— Eu? Que tenho eu a fazer em casa dela? — disse Kitty a quem esta pergunta fizera corar.

— Conhece Ana Arcadievna? — perguntou Veslovsky. — É uma mulher bem sedutora,

— Sim — respondeu Kitty corando cada vez mais; e lançando um olhar ao marido, levantou-se para ir ter com ele. — Então vais amanhã à caça? — perguntou-lhe.

O ciúme de Levine, vendo Kitty corar, não conheceu limites e a sua pergunta pareceu-lhe uma prova de interesse por esse mancebo, com quem evidentemente simpatizara e a quem desejava fazer passar o tempo agradavelmente.

— Com certeza — respondeu numa voz constrangida que a ele próprio horrorizou.

— Passem antes o dia de amanhã connosco; Dolly ainda não gozou um momento a visita do marido.

Levine traduziu assim estas palavras: «Não me separes *dele;* tu podes ir, mas deixa-me gozar com a encantadora presença deste amável mancebo».

Vassia, sem suspeitar o efeito produzido pela sua presença, levantara-se da mesa para se juntar a Kitty com um sorriso acariciador.

Como se atreve ele a olhá-la assim!, pensou Levine pálido de cólera.

— Então amanhã caça, não é verdade? — perguntou Varsinka inocentemente; e sentou-se de través sobre uma cadeira, pondo, segundo o seu costume, uma das pernas por debaixo dele.

Levado pelo ciúme, Levine via-se já na situação de um marido enganado que a mulher e o amante procuram explorar no interesse dos seus prazeres.

Daí por diante pôs-se a falar com Veslovsky, interrogando-o sobre os seus apetrechos de caça e prometendo-lhe com um ar afável organizar a partida para o dia seguinte.

A velha princesa veio pôr termo às torturas do genro aconselhando Kitty a ir-se deitar; mas para acabar de exasperar Levine, Varsinka, desejando as boas noites à dona da casa, tentou beijar-lhe a mão.

— Isso não se usa aqui — disse bruscamente Kitty retirando a mão.

Como tinha ela dado a esse mancebo o direito de se permitir tais familiaridades? E como podia ela também testemunhar-lhe assim tão desastradamente a sua desaprovação?

Oblonsky, alegre por alguns copos de bom vinho, sentia-se numa disposição poética.

— Porque te vais deitar com um tempo tão esplêndido, Kitty? Olha a lua que se levanta, é a hora das serenatas. Varsinka tem uma voz encantadora e trouxe duas novas romanzas que nos podia cantar com Bárbara Andrevna.

Muito tempo depois de todos se retirarem, Levine, enterrado num *fauteuil* e guardando um silêncio obstinado, ouvia ainda os seus hóspedes a cantarem as novas romanzas nas áleas do jardim.

Tendo-o interrogado em vão sobre a causa do seu mau humor, Kitty acabou por lhe perguntar sorrindo se era Veslovsky a causa dele. Esta pergunta fê-lo explicar-se.

De pé diante da mulher, com os olhos brilhantes sob as sobrancelhas franzidas, as mãos apertadas contra o peito como se quisesse comprimir a sua cólera e a voz trémula, disse-lhe num tom que teria sido duro se a sua fisionomia não manifestasse um grande sofrimento:

— Não me julgues ciumento! Mas estou ferido, humilhado por se atreverem a olhar-te assim!

— Como me olhou ele? — perguntou Kitty procurando na sua boa fé lembrar-se dos menores incidentes da noite. Achara com efeito a atitude de Varsinka, à ceia, um pouco familiar, mas não ousou confessá-lo. — Uma mulher no meu estado pode ser atraente?

— Cala-te — gritou Levine agarrando a cabeça com as duas mãos. — Então poderias, se te sentisses sedutora...

— Mas não, Kostia — disse ela aflita por o ver assim sofrer. — Tu bem sabes que ninguém existe para mim a não seres tu. Queres que me feche longe de todos?

Depois de a ter aborrecido com esse ciúme, que a desviou até das distrações mais inocentes, estava pronta a renunciar a tudo para o acalmar.

— Vê se compreendes o ridículo da minha situação: esse rapaz é meu hóspede e afora essa tola galanteria e o hábito de se sentar sobre a perna, nada de inconveniente tenho a censurar-lhe. Ele julga-se com certeza do melhor tom. Sou, pois, forçado a mostrar-me amável e...

— Mas, Kostia, tu exageras as coisas — interrompeu Kitty orgulhosa no seu íntimo por se sentir tão apaixonadamente amada.

— E quando tu és para mim o objeto de um culto, quando nós somos tão felizes, esse miserável teria o direito... De resto não é talvez um miserável; mas porque é que a nossa felicidade estará assim à mercê dele?

— Escuta, Kostia, eu sei o que te contrariou!

— O que foi? — perguntou Levine perturbado.

— Estiveste a observar-nos durante a ceia. — E ela contou-lhe a conversa misteriosa que lhe tinha parecido suspeita.

— Kitty — exclamou ele vendo o rosto pálido e comovido da mulher. — Estou a fatigar-te, a moer-te. Sou um doido!... Como pude eu torturar o meu espírito com uma tal ninharia?

— Fazes-me pena!

— Pena? Eu? Sou absurdo e para me punir vou cumular esse rapaz com as mais irresistíveis amabilidades — disse Levine beijando as mãos da mulher. — Tu vais ver!

Capítulo 8

Na manhã do dia seguinte duas equipagens de caça estavam esperando à porta, antes que as senhoras se tivessem levantado. Laska, junto do cocheiro, muito comovida e compreendendo os projetos do dono, desaprovava a demora dos caçadores. O primeiro a aparecer foi Varsinka Veslovsky, de blusa verde apertada ao corpo por um cinto de couro perfumado, calçado com botas novas e com o seu boné de fitas e uma espingarda inglesa na mão.

Laska saltou à volta dele para o cumprimentar e para lhe perguntar a seu modo se os outros vinham já; mas vendo-se incompreendida, voltou para o seu posto e esperou com a cabeça pendida e as orelhas atentas. Finalmente a porta abriu-se com ruído para deixar passar Crac, o «pointer» de Stepane Arcadievitch, que saltava diante dele.

— Está bem, está bem! — dizia Oblonsky alegremente procurando evitar as patas do cão, que na sua alegria se pendurava na bolsa.

Stepane estava grosseiramente calçado, vestia umas calças usadas, um casaco curto e um chapéu amarrotado; em compensação a espingarda era do último modelo e a bolsa, assim como a cartucheira, desafiavam toda a crítica.

Varsinka compreendeu que a última palavra de elegância, para um caçador, era subordinar tudo aos apetrechos de caça; prometeu a si mesmo segui-lo para a outra vez e lançou um olhar de admiração sobre Stepane Arcadievitch.

— O nosso amigo demora-se — fez ele notar.

— Tem uma mulher nova — disse Oblonsky sorrindo.

— E que encantadora mulher!

— Deve ter ido ao quarto dela, porque o vi pronto para partir!

Stepane Arcadievitch adivinhara. Levine tinha voltado junto de Kitty para lhe fazer repetir que lhe perdoava o absurdo da véspera e para lhe pedir que fosse prudente. Kitty foi obrigada a jurar que não lhe queria mal por ele estar longe dela durante dois dias e a prometer-lhe um boletim de saúde para

o dia seguinte.

Essa partida não agradava a Kitty, mas resignou-se alegremente vendo a atividade e a animação do marido.

— Mil desculpas, meus senhores! — exclamou Levine correndo para junto do companheiro. — Meteram nos cestos o almoço? Vá, Laska, para o seu lugar!

Mal tinha subido para o carro foi detido pelo vaqueiro, que estava no caminho à espera dele para o consultar acerca dos vitelos; depois pelo carpinteiro, de quem teve de combater as ideias erróneas sobre a forma de construir uma escada.

Por fim, partiram e Levine, feliz por se sentir livre dos seus cuidados domésticos, experimentou uma alegria tão viva que se teria querido calar e só pensar nas comoções que o esperavam.

Achariam caça? Laska dar-se-ia bem com Crac? Ele próprio não se apoucaria, como caçador, diante desse estranho?

Oblonsky tinha preocupações análogas; só Veslovsky não pensava em nada e Levine, ouvindo-o dar à língua, censurava-se das suas injustiças da véspera. Era na verdade um bom rapaz, a quem nada mais se podia censurar senão o considerar as unhas cuidadas e a sua figura elegante como outras tantas provas da sua incontestável superioridade. De resto era simples, alegre, bem-educado, pronunciando admiravelmente o francês e o inglês. Levine começou novamente a gostar dele.

Apenas tinham feito três verstas quando Vassia deu pela falta da carteira e dos charutos; como a carteira continha uma soma bastante importante, ele quis certificar-se se a tinha deixado em casa.

— Deixe-me montar no cavalo da dianteira — era um cavalo cossaco em que ele de imaginação ia galopando pelas estepes — e dentro em pouco estarei de volta.

— É inútil incomodar-se porque o meu cocheiro fará essa caminhada facilmente — respondeu Levine calculando que o peso de Varsinka representava seis arrobas.

O cocheiro partiu em busca da carteira e Levine tomou as rédeas.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 9

— Explica-nos o teu plano — pediu Stepane Arcadievitch.

— Ei-lo; vamos diretamente à lagoa de Goosdev, a vinte verstas daqui, onde com certeza acharemos caça. Chegando lá à tarde, podemos aproveitar a fresca para caçar; de noite dormiremos em casa de um camponês e amanhã iremos à lagoa grande.

— Pela estrada não haverá nada?

— Há sim, dois sítios bons, mas isso atrasar-nos-ia e está muito calor.

Levine contava reservar para seu uso próprio a caça vizinha de casa; mas isso nada escapava ao olhar experiente de Oblonsky e ao passar diante de um pequeno lago, exclamou:

— Paremos aqui!

— Paremos, sim, Levine! — suplicou Vassia.

Foi preciso resignar-se. Os cães saltaram logo e Levine ficou de guarda aos cavalos. Uma galinha de água e uma galinhola, que Veslovsky matou, foi quanto acharam e Levine sentiu-se um pouco consolado.

Quando os caçadores iam a subir para o carro, Varsinka, que segurava com pouco cuidado a arma e a galinhola numa mão, inadvertidamente fez descarregar a espingarda. Os cavalos encabritaram-se, mas felizmente a carga não ferira ninguém, tendo-se enterrado no chão.

Os companheiros não tiveram a coragem de lhe ralhar, porque ele se mostrava desesperado; mas esse desespero deu dentro em pouco lugar a uma alegria doida ao recordar o pânico e como Levine se encolhera todo.

Apesar da oposição deste, apearam-se ainda numa segunda lagoa. Desta vez Varsinka, depois de ter morto uma galinhola, teve pena de Levine e ofereceu-se para o substituir junto dos cavalos.

Levine não resistiu e Laska, que gemia com as injustiças da sorte, lançou-se num pulo para os sítios de mais caça com uma grande gravidade que as pequenas aves não conseguiram perturbar. Deu algumas voltas à

procura de uma pista, depois repentinamente deteve-se e Levine, com o coração aos pulos, seguiu-a caminhando cautelosamente.

— Pega! — exclamou ele.

Uma galinhola se elevou nos ares. Estava apontando quando o ruído de passos avançando pesadamente pela água e os gritos de Veslovsky o fizeram voltar. O tiro perdera-se.

Com grande estupefação sua, Levine viu então o carro e os cavalos meios metidos na lama; Varsinka fizera-os deixar a estrada e entrar na lagoa para melhor assistir à caçada.

— Que o diabo o leve! — murmurou Levine. — Para que veio até aqui? — perguntou ele secamente depois de ter ido chamar o cocheiro para soltar os cavalos.

Não só lhe estragavam a caça, mas arriscavam-se a afogar-lhe os cavalos e ainda por cima deixavam-no desatrelar e pôr os pobres animais num lugar seco sem lhe oferecerem auxílio. É verdade que nem Stepane Arcadievitch, nem Veslovsky tinham a menor noção da arte de atrelar cavalos.

Em compensação o culpado fez o que pôde para tirar o carro e no seu zelo arrancou-lhe um pedaço. Esta boa vontade tocou Levine, que se aproximou de mau humor, e para o dissimular deu ordem para tirar o almoço.

— Bom apetite, boa consciência! Este frango vai cair até ao fundo das minhas botas — dizia Vassia muito tranquilo, devorando o seu segundo frango. — As nossas infelicidades acabaram, meus senhores; daqui para diante tudo nos irá bem, mas para castigo das minhas maldades peço que suba para a boleia e servir-lhes-ei de automedonte.

Apesar dos protestos de Levine, que receava pelos cavalos, teve de o deixar e a alegria contagiosa de Veslovsky cantando romanzas e imitando um inglês guiando um «four-in-hand» acabou por o ganhar.

E assim rindo e gracejando chegaram a Goosdev.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 10

Aproximando-se do fim da sua expedição, Levine e Oblonsky tiveram o mesmo pensamento, o de se desembaraçarem do seu incómodo companheiro.

— Bela lagoa! — exclamou Stepane Arcadievitch, quando depois de uma corrida doida chegaram ainda em pleno calor do dia. — Olhem aves de rapina! É sempre um indício de caça.

— A lagoa começa nesta ilhota, meus senhores — explicou Levine examinando a espingarda; e indicou-lhes um ponto mais carregado, que se divisava nessa imensa planície, ceifada em alguns sítios. — Separar-nos-emos em dois grupos, se quiserem, para irmos para esse molho de árvores; de lá depois alcançaremos o moinho. Já me sucedeu matar aqui dezassete galinhas.

— Então vão pela direita — disse Stepane Arcadievitch com um ar indiferente—há mais espaço para dois; eu vou pela esquerda.

— Está bem! — respondeu Vassia. — O senhor verá que nós somos os mais fortes.

Forçoso foi para Levine aceitar esta combinação, mas depois da aventura do tiro, desconfiava do seu companheiro de caça e recomendou-lhe para não ficar atrás.

— Não se importe comigo! Não se incomode, Vassia.

Os cães partiram, ora aproximando-se, ora afastando-se, e procurando cada um pelo seu lado a pista; Levine conhecia os passos de Laska e julgava já ouvir o grito da galinhola.

— Pif, paf!

Era Varsinka que atirara aos patos; uma meia dúzia de galinholas se elevaram umas depois das outras e Oblonsky, aproveitando o momento matou duas. Levine foi menos feliz.

Stepane Arcadievitch levantou as suas peças com um ar satisfeito e afastou-se pela esquerda assobiando ao cão, enquanto Levine carregava de

novo a espingarda, deixando Veslovsky atirar a torto e a direito.

Logo que Levine perdia o primeiro tiro, ficava sem sangue-frio e comprometia a caçada; foi o que lhe aconteceu nesse dia. As galinholas eram tão numerosas que nada teria sido mais fácil do que reparar a primeira inépcia; mas quanto mais atirava, menos calmo ficava.

Laska olhava os caçadores com ar de dúvida e de censura e andava a trabalhar sem entusiasmo. Ao longe cada um dos tiros de espingarda de Oblonsky parecia matar, porque a sua voz «Crac, traz aqui» chegava até eles enquanto a bolsa de Levine, quando alcançaram uma pradaria pertencente a uns camponeses e situada no meio da lagoa, só continha três peças pequenas, das quais uma era de Vassia.

— Olha caçadores! — gritou um camponês sentado junto de um carro desatrelado e levantando acima da cabeça uma garrafa de aguardente que brilhou ao sol. — Venham beber um copo connosco!

— O que dizem eles? — perguntou Veslovsky.

— Oferecem-nos para beber com eles; eu de bom grado aceitaria — ajuntou Levine, não sem um pensamento reservado, esperando tentar Vassia.

— Mas porque nos oferecem eles?

— Em sinal de reconhecimento provavelmente; vá ter com eles, isso deve agradar-lhe.

— Vamos lá, é curioso!

— Depois achará o caminho até ao moinho — disse Levine, encantado por ver Varsinka afastar-se curvado em dois, batendo os pés fatigados de encontro aos torrões e segurando desleixadamente a espingarda no braço entorpecido.

— Vem também tu — gritou o camponês a Levine.

Um copo de aguardente não era de mais, porque Levine sentia-se cansado e tirava com dificuldade os pés do solo lamacento, mas viu Laska à espreita e esqueceu a fadiga para ir ter com ela. A presença de Varsinka tinha-lhe dado infelicidade, julgava ele, mas depois de ele partir a caçada não foi mais feliz e, contudo, a caça não faltava.

Quando atingiu o ponto onde Oblonsky devia ir ter com eles, tinha cinco miseráveis pássaros dentro da bolsa.

Crac vinha adiante do dono com um ar triunfante; atrás do cão apareceu Stepane Arcadievitch coberto de suor, arrastando as pernas, mas com a bolsa a transbordar de caça.

— Bela laje! — exclamou ele. — Veslovsky deve-te ter aborrecido. Nada há de mais incómodo do que dois a caçarem só com um cão — ajuntou ele para suavizar o efeito do seu triunfo.

PERIGOSAS

Capítulo 11

Levine e Oblonsky foram já achar Veslovsky instalado na isba, onde devia cear. Sentado sobre um banco, a que se agarrava com as duas mãos, um soldado, irmão do dono da casa, estava-lhe tirando as botas cobertas de lama.

— Acabo de chegar — disse ele rindo com o seu riso comunicativo. — Estes camponeses são encantadores. Reparem que depois de me terem feito beber e comer, não quiseram aceitar nada. E que pão! Que aguardente!

— Porque lhe haviam de fazer pagar? — observou o soldado. — Eles não vendem a aguardente.

Os caçadores não se deixaram enjoar com a imundície da isba, que as botas e as patas dos cães tinham enchido de uma lama negra, e cearam com um apetite que só se conhece na caça; depois de se terem limpo, foram-se deitar num palheiro onde o cocheiro lhes preparara as camas.

Passava a noite, mas a vontade de dormir não lhes chegava e o entusiasmo de Varsinka pela hospitalidade dos camponeses, o belo cheiro do feno e a inteligência dos cães deitados aos pés deles mantinham-nos acordados.

Oblonsky contou uma caçada a que tinha assistido no ano precedente em casa de Malthus, um empreiteiro dos caminhos de ferro, milionário.

Descreveu os pântanos enormes reservados do governo de Tver, os dog-cars e as tendas levantadas para o almoço.

— Como é que essas pessoas não são aborrecidas? — disse Levine levantando-se da sua cama de feno. — O seu luxo é revoltante; enriquecem-se à moda dos fabricantes de aguardente de outros tempos e riem-se do desprezo público, sabendo que o seu dinheiro mal adquirido os reabilitará.

— É bem verdade! — exclamou Veslovsky. — Oblonsky aceita os convites por bonomia, mas esse exemplo é imitado.

— Enganam-se — replicou Oblonsky. — Se vou a casa deles é porque os considero, como ricos negociantes ou ricos proprietários, que devem a

riqueza ao seu trabalho e à sua inteligência.

— O que chamas tu trabalho? É arranjar uma concessão e cedê-la depois a outro?

— Com certeza, no sentido de que, se ninguém fizesse isso, nós não teríamos caminhos de ferro.

— Então podes comparar esse trabalho ao de um homem que lavra ou ao de um sábio que estuda?

— Não, mas não deixa por isso de tirar um resultado: o caminho de ferro. É verdade que tu não os aprovarás!

— É uma outra questão, mas mantenho que, quando a remuneração está em desigualdade com o trabalho, é desonesta. Essas fortunas são escandalosas. *O rei está morto, viva o rei;* já não temos granjas, mas os caminhos de ferro e os bancos substituem-nos bem.

— Tudo isso pode ser verdadeiro, mas quem pode traçar o limite exato do justo e do injusto? Porque é que, por exemplo, os meus ordenados são maiores de que os do meu chefe de gabinete, que conhece os negócios melhor do que eu?

— Não sei.

— Porque ganhas tu, dizem, cinco mil rublos, quando o nosso hospedeiro, o camponês, ganha cinquenta? E porque é que Malthus não havia de ganhar mais que os seus apontadores? No fundo não posso deixar de acreditar que o ódio que inspiram esses milionários provém simplesmente da inveja.

— O senhor vai muito longe — interrompeu Veslovsky — não lhe invejam as riquezas, mas não se pode dissimular que elas têm um lado tenebroso.

— Tens razão — replicou Levine — quando taxas de injustos os meus cinco mil rublos de rendimento; sinto-o bem.

— Mas não ao ponto de dares as tuas terras ao camponês — disse Oblonsky, que depois de algum tempo lançava as suas biscas ao cunhado, com quem, depois que fazia parte da mesma família, as suas relações tomavam um tom de hostilidade.

— Não as dou, porque não saberia como as havia de dar e porque, tendo uma família, tenho deveres para ela e não me reconheço o direito de me desapossar de nada.

— Se consideras essa desigualdade como uma injustiça, é dever teu fazê-

la cessar.

— Trato de o conseguir não fazendo nada para o aumentar.

— Que paradoxo!

— Sim, isso é um sofisma — ajuntou Veslovsky. — Eh! camarada! — gritou ele a um camponês que entreabria a porta fazendo-a chiar nos gonzos. — Vocês ainda não dormem?

— Oh! não, mas já os julgávamos adormecidos: posso entrar para buscar um gancho de que preciso? — disse ele mostrando os cães e entrando no palheiro.

— Onde dormem vocês?

— Estamos no campo a guardar os cavalos.

— Que bela noite! — exclamou Varsinka vendo através da porta a casa e os carros iluminados pela lua. — Donde veem essas vozes de mulheres?

— São as moças aqui do lado.

— Vamos passear, Oblonsky; nunca conseguiremos dormir.

— Está-se aqui tão bem!

— Irei sozinho — disse Varsinka levantando-se e calçando-se à pressa. — Até à volta, meus senhores; se me divertir, venho chamá-los. Foram muito amáveis comigo na caçada para que os esqueça.

— É um bom rapaz, não é? — disse Oblonsky para Levine, quando Varsinka e o camponês saíram.

— Sim — respondeu Levine seguindo sempre o fio do seu pensamento. Como podia ser que dois homens sinceros e inteligentes o acusassem de sofisma, quando ele exprimia os seus sentimentos o mais claramente possível?

— Por mais que se faça — replicou Oblonsky — é preciso tomar o partido dele e reconhecer ou que a sociedade tem razão ou que se aproveita de privilégios injustos. Neste último caso faça como eu: aproveite com prazer.

— Não, se tu sentisses a iniquidade desses privilégios não gozarias, ou pelo menos não o poderias.

— Com efeito porque não vamos nós dar uma volta? — disse Stepane Arcadievitch fatigado com a conversa — Vamos lá, visto que não podemos dormir.

— Não, eu fico.

— É também por princípio? — perguntou Oblonsky procurando o boné

às apalpadelas.

— Não, mas o que iria eu lá fazer?

— Estás num mau caminho — disse Stepane Arcadievitch tendo achado o que procurava.

— Porquê?

— Porque tomas um mau hábito com tua mulher. Notei a Importância que ligavas a obter a sua autorização para te ausentares durante dois dias. Isso pode ser a título de idílio, mas não pode continuar. O homem deve manter a sua independência; tem os seus interesses — disse Oblonsky abrindo a porta.

— Quais? Os de correr atrás das moças do campo? Se isso o divertir, sim. Minha mulher não se dará mal com isso, visto que eu respeito o santuário da casa; mas é preciso não atar as mãos.

— Talvez — respondeu Levine secamente, voltando-se. — Amanhã parto com a aurora e previno-os de que não acordarei ninguém.

— Venham depressa, meus senhores! — veio dizer Varsinka. — Encantadora! Fui eu descobri-la. É uma verdadeira Gretchen — ajuntou num ar aprovador.

Levine fingiu que estava a dormir e deixou-os afastar; ficou muito tempo sem poder dormir, ouvindo os cavalos a comerem o feno, o camponês partir com o filho mais velho para guardar o gado no pasto; depois o soldado veio deitar-se no feno, do outro lado do palheiro, com o seu sobrinhito. O pequeno fazia em voz baixa perguntas sobre os cães, que lhe pareciam animais terríveis; o tio mandou-o calar e o silêncio só foi perturbado daí por diante pelo seu ressonar.

Ficando sob a impressão da conversa com Oblonsky, Levine pensava no dia seguinte.

Levantar-me-ei com o sol e saberei conservar o sangue-frio; há muitas galinholas; voltando talvez encontre alguma boa palavra de Kitty. Oblonsky terá razão em me dizer que me efemino com ela? Que fazer?

Ouviu, já dormindo, os companheiros que voltavam, e abriu os olhos num segundo para os ver iluminados pela lua quando entreabriam a porta.

— Amanhã com a aurora, meus senhores — disse-lhes; e adormeceu.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 12

No dia seguinte foi impossível acordar Vassia, deitado sobre o ventre e dormindo a sono solto; Oblonsky recusou igualmente levantar-se e a própria Laska, toda metida no feno, estirou preguiçosamente as patas de trás antes de se decidir a seguir o dono.

Levine calçou-se, pegou na espingarda e saiu com precaução. Os cocheiros estavam a dormir junto dos carros e os cavalos dormitavam ainda; mal amanhecia.

— Porque se levantou tão cedo, patrãozinho? — perguntou uma velha saindo da isba e dando-lhe palmadas nas costas como um velho conhecimento.

— Vou à caça: por onde se deve ir para alcançar o pântano?

— Siga o atalho por detrás dos palheiros — disse a velha; e foi ela mesma acompanhá-lo para o pôr no bom caminho.

Laska ia correndo adiante e Levine seguia-a apressado, interrogando o céu e contando alcançar o pântano antes do sol nascer. A lua visível ainda, quando tinha deixado a granja, ia desaparecendo a pouco e pouco; a estrela da manhã mal se distinguia e pontos indefinidos do horizonte iam agora tomando contornos distintos; eram montes de trigo. Os menores sons percebiam-se claramente na calma absoluta do ar e uma abelha roçando a orelha de Levine pareceu-lhe assobiar como uma bala.

Vapores brancos, de onde saíam, semelhantes a ilhotas, bosques de cítisos, indicavam a lagoa grande, à borda da qual os homens e as crianças envolvidos nos casacos dormiam profundamente depois de terem estado a noite de vela. Os cavalos pastavam fazendo ressoar as cadeias e, espantados por Laska, fugiram para o lado da água chafurdando com as patas atadas.

O cão lançou-lhes um olhar trocista olhando o dono.

Quando Levine passou além dos camponeses adormecidos, examinou a cápsula da espingarda e deu um assobio para indicar a Laska que iam entrar

em caça. Ela partiu logo, alegre e vaidosa, farejando sobre o solo movente entre outros perfumes conhecidos esse cheiro da ave que a perturbava mais do que qualquer outro.

A fim de melhor sentir a direção da caça, afastou-se e voltou-se para o vento, galopando suavemente para poder deter-se bruscamente; de repente a corrida diminuiu, porque já não seguia uma pista: tinha a própria caça. Havia-a ali em abundância, mas onde?

A voz do dono retiniu do lado oposto:

— Laska, aqui!

Ela deteve-se, hesitante, fez que obedecia, mas voltou para o sítio que a atraía, traçando círculos para se fixar finalmente, certa do seu achado e trémula de comoção, diante de um montículo. As pernas muito baixas impediam-na de ver, mas o faro não a enganava. Imóvel, com a boca entreaberta e as orelhas fitas, respirava a custo, entregue à espreita e olhando o dono sem se atrever a voltar a cabeça.

Este, segundo ela julgava, devia vir muito devagar; mas, pelo contrário, ele corria, tropeçando contra os torrões e olhando-a com olhos que ela achava terríveis, porque, com uma superstição de caçador, receava principalmente perder o seu primeiro tiro. Aproximando-se, viu o que Laska não podia senão farejar: uma galinhola escondida entre dois montículos.

— Pega — gritou ele.

Não se enganará?, pensou Laska. *Eu sinto-as, mas não as vejo; se me mexo, não sei onde as agarrar.*

Mas encorajada por um encontrão do dono, lançou-se para diante sem saber o que fazia.

Uma galinhola se levantou imediatamente e ouviu-se o ruído do voo. Levine atirou; a ave caiu, batendo com o peito branco na erva húmida. Uma segunda galinhola teve a mesma sorte.

— Bom começo, Laska — disse Levine metendo a caça ainda quente na bolsa.

O sol levantara-se quando Levine entrou na lagoa; a lua não parecia mais do que um ponto branco no espaço; todas as estrelas tinham desaparecido. A superfície da água prateada pela alvorada refletia agora ouro; a erva tomava tons de âmbar, as aves agitavam-se nas moitas, os milhafres pousados nos montes de trigo olhavam o seu domínio com um ar descontente e as gralhas volitavam pelo campo.

O fumo da espingarda embranquecia a erva verde como um regato de leite. Um dos dorminhocos vestira já o casaco e as crianças levavam os cavalos para a estrada.

— Tiozinho — gritou um dos garotos para Levine. — Para aqui também há patos, vimo-los ontem.

Levine experimentou um certo prazer em matar ainda mais duas galinholas diante da criança.

PERIGOSAS

Capítulo 13

A superstição do primeiro tiro não fora vã; Levine voltou às dez horas fatigado, cheio de fome, mas encantado depois de ter percorrido uma trintena de verstas, tendo morto dezanove galinholas e um pato, que por falta de lugar dentro da bolsa pendurou à cintura. Os companheiros, levantados havia muito, já depois de terem almoçado, tinham tido vagar para morrer de fome enquanto o esperavam.

O sentimento de inveja de Stepane Arcadievitch à vista desses animaizitos com a cabeça pendida, dobrados sobre si mesmo, tão diferentes de como eram no pântano, causou um certo prazer a Levine. Para cúmulo de felicidade tinha um bilhete de Kitty.

> *Vou maravilhosamente e se me não julgas suficientemente guardada, fica sabendo que Maria Viasievna* [era a parteira, uma personagem nova e muito importante na família] *está aqui. Achou-me de boa saúde e demorar-se-á alguns dias connosco. Se estás contente, não tenhas pressa de voltar.*

A caçada e este bilhete apagaram no espírito de Levine dois incidentes desagradáveis que lhe tinham sucedido: o primeiro era a fadiga do seu cavalo favorito, estafado na véspera e que não queria comer; o segundo, mais grave, era o não ter encontrado nada das numerosas provisões arranjadas por Kitty à partida. Levine vinha a contar principalmente com uns pastéis de que julgava já sentir o perfume; mas os companheiros tinham feito desaparecer tudo, tanto os frangos como a carne. Os ossos tinham-nos comido os cães.

— Fala-me desse apetite! — disse Oblonsky apontando Varsinka. — Eu não me posso queixar do meu, mas o deste mancebo ultrapassa tudo.

Levine, zangado e quase a chorar de contrariedade, não pôde impedir-se de exclamar:

— Na verdade podiam-me ter deixado qualquer coisa!

Teve de se contentar com leite, que o cocheiro lhe foi buscar; mas depois da fome apaziguada, ficou confuso por ter mostrado o seu desapontamento tão vivamente e foi o primeiro a rir-se da sua cólera.

Nessa mesma tarde, depois de uma última caçada em que Varsinka fez algumas proezas, os três companheiros retomaram o caminho de casa e chegaram lá à noite. A volta foi alegre: Veslovsky não cessou de rir e de gracejar lembrando-se das suas aventuras com as moças e com os camponeses; Levine, em paz com o seu hóspede, sentiu-se livre dos seus maus sentimentos para com ele.

Capítulo 14

Pelas dez horas da manhã, depois de ter dado a volta à quinta, Levine foi bater à porta do quarto de Varsinka.

— Entre — disse este. — Desculpe-me, mas estou a acabar as minhas abluções.

— Não se incomode. Dormiu bem?

— Como um morto.

— O que toma pela manhã, café ou chã?

— Nem uma coisa, nem outra; almoço à inglesa. Estou envergonhado pela demora. As senhoras já estão levantadas? Não seria bom irmos dar um passeio? Mostrar-me-ia os seus cavalos?

Levine consentiu de boa vontade. Deram uma volta ao jardim, examinaram a cocheira, fizeram um pouco de ginástica e depois voltaram para casa.

— Tivemos uma caçada bem divertida — disse Veslovsky aproximando-se de Kitty instalada junto do samovar. — Que pena que as senhoras sejam privadas deste prazer!

Está bem que diga uma palavra à dona da casa, pensou Levine já aborrecido pelo ar conquistador do mancebo.

A princesa estava conversando com a parteira e com Sergei Ivanitch sobre a necessidade de instalar a filha em Moscovo para a época do parto e chamou o genro para lhe falar desse grave assunto. Nada impressionava mais Levine do que esta espera banal de um facto tão extraordinário, como o nascimento de um filho, porque pensava que seria um rapaz. Não admitia que essa inverosímil felicidade, rodeada de tanto mistério para ele, fosse discutida como um facto muito vulgar por essas mulheres, que lhe contavam o fim pelos dedos; as suas conversas, assim como os objetos do enxoval, aborreciam-no e voltava as costas, como antes, quando tinha tido de pensar nos preparativos do casamento.

A princesa não compreendia nada dessas impressões e via nessa indiferença aparente, criancice e apatia; por isso não o deixava em sossego. Agora acabava de encarregar Sergei Ivanitch de arranjar uma casa e esperava que Konstantin desse a sua opinião.

— Faça o que lhe parecer, princesa, eu disso não entendo nada.

— Mas é preciso decidir a época em que voltarás para Moscovo.

— Não sei; o que sei é que há milhões de crianças que nascem fora de Moscovo.

— Nesse caso...

— Kitty fará o que quiser.

— Kitty não deve entrar nestes pormenores, que podiam atemorizá-la; lembra-te que Natália Galizine morreu de parto esta primavera por falta de um bom parteiro.

— Façam o que quiserem — repetiu ainda Levine com um ar sombrio; e deixou de escutar a sogra. A sua atenção estava noutra parte.

Isto não pode continuar assim, pensava ele lançando de quando em quando uma olhadela sobre Varsinka inclinado para Kitty, que estava confusa e corada. A posição de Veslovsky pareceu-lhe inconveniente e, como na antevéspera, caiu subitamente das alturas da felicidade mais ideal num abismo de ódio e de confusão. O mundo tornou-se-lhe insuportável.

— Que tarde que vens — disse nesse momento Oblonsky, que estava estudando a fisionomia de Levine, para Dolly, que entrara na sala.

— Macha dormiu mal e fatigou-me — respondeu Daria Alexandrovna.

Varsinka levantou-se um instante para a cumprimentar e tornou a sentar-se para retomar a sua conversa com Kitty. Estava-lhe falando de Ana, discutindo a possibilidade de amar nessas condições extralegais e, apesar da conversa lhe desagradar, Kitty era muito inexperiente e muito ingénua para saber pôr-lhe um termo e dissimular o aborrecimento e ao mesmo tempo a espécie de prazer que lhe causavam as atenções do mancebo. O temor do ciúme do marido contribuía para a sua confusão, porque sabia de antemão que ele interpretaria mal cada uma das palavras, cada um dos seus gestos.

— Onde vais tu, Kostia? — perguntou-lhe ela com um ar culpado vendo-o sair com passo rápido.

— Vou falar com um mecânico alemão que veio na minha ausência — respondeu ele sem a olhar, convencido da hipocrisia da mulher.

Mal tinha chegado ao gabinete, ouviu os passos bem conhecidos de Kitty

descendo a escada com uma imprudente vivacidade. Ela bateu à porta.

— Que queres tu? Estou ocupado — disse ele secamente.

— Desculpe-me — disse Kitty entrando e dirigindo-se ao alemão. — Tenho uma palavra a dizer a meu marido.

O mecânico quis sair, mas Levine deteve-o.

— Não se incomode.

— Eu não queria perder o comboio das três horas — disse o alemão.

Sem lhe responder Levine saiu com a mulher para o corredor.

— Que quer? — perguntou ele friamente em francês, sem querer reparar no rosto dela contraído pela comoção.

— Eu... eu queria dizer-te que esta vida é um suplício... — murmurou ela.

— Há muita gente na copa, não faças cenas — disse ele.

Kitty quis levá-lo para um quarto vizinho, mas aí estava Tânia a dar a sua lição de inglês; e levou-o para o jardim.

Um jardineiro estava a varrer as ruas. Sem reparar no efeito que podia produzir sobre esse homem o seu rosto coberto de lágrimas, Kitty avançou rapidamente, seguida pelo marido, que sentia, como ela, a necessidade de uma explicação e de isolamento a fim de afastarem para longe deles o peso do seu tormento.

— Mas esta vida assim é um martírio! Porque sofremos nós assim, que fiz eu? — disse ela quando alcançaram um banco numa rua isolada.

— Confessas que a sua atitude tinha alguma coisa de ofensivo e de inconveniente? — perguntou-lhe Levine comprimindo o peito com as duas mãos, como na véspera.

— Sim... — respondeu ela numa voz trémula. — Mas tu não vês, Kostia, que a culpa não é minha? Eu quis logo de manhã pô-lo no seu lugar... Meu Deus, porque vieram eles! Éramos tão felizes!

E os soluços abafaram-lhe a voz.

O jardineiro, que os tornou a ver pouco depois com os rostos calmos e felizes, não compreendeu o que se tinha passado de alegre sobre esse banco isolado.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 15

Tendo deixado a mulher no seu quarto, Levine foi ter com Dolly e achou-a muito excitada, andando de um lado para o outro da casa e ralhando com Macha, que em pé num canto chorava a bom chorar.

— Ficarás aí todo o dia sem jantar e sem brincar e não te farei o vestido novo — dizia-lhe a mãe para a castigar.

— O que fez ela? — perguntou Levine contrariado de chegar tão fora de propósito, porque vinha para consultar a cunhada.

— É uma má filha! Ah! que pena que eu tenho de *miss* Elliot; esta aia é uma verdadeira máquina! Repara tu...

E contou as maldades da culpada Macha.

— Não vejo nisso nada de grave, é uma garotice...

— Mas o que tens tu? Tens uma cara comovida, o que se passou? — perguntou Dolly.

E pelo tom em que ela fez essas perguntas, Levine sentiu que seria compreendido.

— Tive uma questão com Kitty. É a segunda depois da chegada de Stiva.

Dolly olhou-o com os seus olhos inteligentes.

— Com a mão na consciência, diz-me, esse mancebo não tem uns modos que possam ser não somente desagradáveis, mas intoleráveis para um marido?

— Que queres que eu te diga?... Segundo as ideias da sociedade, ele porta-se como todos os mancebos, faz a corte a uma mulher nova e um marido da sociedade sentir-se-ia envaidecido.

— Está bem, tu reparaste nisso?

— Não só eu, mas Stiva fez-me depois do chá a mesma observação.

— Agora eis-me tranquilo, vou pô-lo na rua — disse Levine.

— Tu endoideceste? — exclamou Dolly com terror. — Em que pensas tu, Kostia?... Vai — disse ela interrompendo-se para se voltar para a criança

prestes a abandonar o seu canto. — Vai ter com Fanny... Peço-te, deixa-me falar a Stiva; ele levá-lo-á, pode-se-lhe dizer que esperamos muita gente...

— Não, não, eu é que quero fazer a execução. Isso divertir-me-á... Vamos Dolly, desculpa-lhe — disse ele mostrando a pequenina criminosa de pé junto da mãe com a cabeça baixa e não ousando ir ter com Fanny.

A criança, vendo a mãe menos zangada, lançou-se-lhe nos braços soluçando e Dolly passou-lhe com ternura a mão emagrecida pela cabeça.

Nada há de comum entre esse rapaz e nós, pensou Levine pondo-se à procura de Varsinka.

No vestíbulo deu ordem para atrelarem a caleche.

— As molas partiram-se ontem — respondeu o criado.

— Então outro carro, mas depressa.

Varsinka estava pondo as polainas para montar a cavalo com a perna em cima de uma cadeira quando Levine entrou. O rosto deste tinha uma expressão tão particular que Vesiovsky não pôde deixar de pensar que o juízo não existia em grande quantidade nesta família, sentindo-se tão maldisposto quanto o pode estar um mancebo de boa sociedade.

— Então monta a cavalo de polainas? — perguntou Levine agarrando uma chibata que colhera pela manhã, quando estivera fazendo ginástica.

— Sim, é mais próprio — respondeu Varsinka acabando de abotoar a polaina.

Era no fundo bom rapaz e Levine sentiu-se envergonhado vendo a timidez do seu hóspede.

— Eu queria... — deteve-se confuso, mas continuou logo lembrando-se da sua cena com Kitty. — Queria dizer-lhe que mandei atrelar.

— Porquê? Onde vamos nós? — perguntou Varsinka espantado.

— Para o levar à estação — disse Levine com um ar sombrio.

— Partir? Sucedeu qualquer coisa?

— Sucedeu que espero muita gente — continuou Levine batendo com a chibata cada vez mais vivamente. — Ou antes, não espero ninguém, mas peço-lhe que se vá embora. Interprete a minha delicadeza como lhe parecer.

Varsinka endireitou-se com dignidade.

— Queira explicar-se.

— Não explico nada e o senhor fará melhor em não me interrogar — disse Levine lentamente procurando ficar calmo e suster o tremor convulsivo do rosto, mas quebrando a chibata.

O gesto e a tensão dos músculos, de que Varsinka experimentara o vigor nessa mesma manhã quando tinha feito ginástica, convenceram este melhor do que as palavras. Encolheu os ombros, sorriu desdenhosamente, cumprimentou e disse:

— Poderei ver Oblonsky?

— Vou-lho mandar — respondeu Levine, a quem esse encolher de ombros não ofendeu. *O que lhe resta fazer?*, pensou ele.

— Mas isto não tem senso comum, é de um ridículo incrível! — exclamou Stepane Arcadievitch quando se juntou a Levine no jardim, depois de ter sabido por Veslovsky que tinha sido posto na rua — Que mosca te mordeu? Se este mancebo...

O lugar picado achava-se ainda tão sensível que Levine interrompeu o cunhado nas explicações que ele lhe queria dar.

— Não vale a pena desculpar esse mancebo; eu estou desolado tanto por tua causa como por ele, mas ele consolar-se-á facilmente, enquanto para mim e para minha mulher a sua presença tornava-se intolerável.

— Nunca te julguei capaz de uma semelhante ação. Pode-se ser ciumento, mas não a esse ponto.

Levine voltou-lhe as costas e continuou a andar pela rua, esperando a partida. Dentro em pouco ouviu um ruído de rodas e viu passar através das árvores Varsinka sentado sobre um molho de feno — o carro não tinha assentos — com as fitas do boné flutuando à menor aragem.

O que é ainda?, pensou Levine vendo o criado sair a correr de casa para fazer parar o carro. Era por causa do mecânico de quem se tinham esquecido e que tomou lugar, depois de um cumprimento, ao lado Varsinka.

Sergei Ivanitch e a princesa ficaram ofendidos com a conduta de Levine. Ele mesmo se sentia ridículo no último grau. Mas pensando no que Kitty e ele tinham sofrido, confessava que se fosse necessário recomeçaria.

À noite acharam-se todos com uma recrudescência de alegria, como crianças depois de um castigo ou donos de casa depois de uma receção oficial desagradável; cada um se sentia livre de um peso e Dolly fez rir Varinka até às lágrimas contando-lhe pela terceira vez e sempre com numerosos aumentos as suas próprias comoções. Ela tinha, dizia, reservado em honra de seus hóspedes um par de deliciosas botinas novas; vinha a entrar na sala quando um ruído de ferragem na avenida lhe atraiu a atenção. Que espetáculo se lhe apresentou à vista! O próprio Varsinka com o seu boné, as suas fitas

flutuantes, as suas romanzas e as polainas, ignominiosamente sentado sobre feno! Se ao menos lhe tivessem dado uma carruagem! Mas não! De repente param... Santo Deus, arrependeram-se, vão ter piedade dele... Nada disso; é um grande alemão que se junta à sua desgraça! Decididamente o efeito das botinas perdera-se!

Capítulo 16

Daria Alexandrovna, apesar de recear ser desagradável aos Levine, que temiam uma aproximação com Vronsky, queria ir ver Ana para lhe provar que a sua afeição não tinha mudado. A pequena viagem que ela projetara oferecia certas dificuldades e, a fim de não incomodar o cunhado, quis alugar cavalos na aldeia. Levine, logo que o soube, dirigiu vivas censuras à cunhada.

— Porque imaginas tu ser-me desagradável indo a casa de Vronsky? Mesmo que assim fosse, afligir-me-ias mais ainda servindo-te de outros cavalos que não os meus. Esses que te alugarem nunca poderão fazer setenta verstas de uma vez.

Dolly acabou por se submeter e no dia combinado, tendo-lhe Levine feito preparar uma muda a meio caminho, pôs-se em marcha sob a proteção do bibliotecário que tinham, para mais segurança, colocado junto do cocheiro à guisa de trintanário. A parelha não era bonita, mas capaz de percorrer um longo caminho e Levine, além de cumprir um dever de hospitalidade, economizava assim a Dolly uma despesa pesada de mais para o estado atual das suas finanças.

Começava o dia a despontar quando Daria Alexandrovna partiu; embalada pelo andamento regular dos cavalos, adormeceu e só acordou na muda. Aí tomou chá em casa do rico camponês onde Levine, quando ia para casa de Sviagesky, tinha parado, e depois de ter repousado conversando com o velho e as mulheres continuou a viagem.

Dolly, na sua vida ocupada e absorvida pelos seus deveres maternais, tinha pouco tempo para refletir; por isso esta corrida solitária de quatro horas pareceu-lhe uma rara ocasião de meditar sobre o seu passado e de o considerar sob os seus diferentes aspetos.

Pensou primeiro nas crianças, entregues aos cuidados da mãe e da irmã — era com esta que ela contava especialmente.

— Contanto que Macha não faça tolices, que Gricha não leve algum

coice dos cavalos e que Lili não apanhe alguma indigestão! — disse ela.

Outras preocupações mais importantes sucederam a esses pequenos cuidados de momento: Como se arranjaria ela para continuar convenientemente a educação dos filhos? As filhas inquietam pouco, mas os rapazes?

Nesse verão ocupara-se ela mesma de Gricha porque, caso extraordinário, a sua saúde não a incomodara. Mas uma gravidez sobreveio... E ela pensou que era injusto considerar as dores do parto como um sinal de maldição que pesa sobre a mulher.

— É tão pouca coisa comparado com as misérias da gravidez!

E lembrou-se da sua última prova desse género e da morte do filho! Essa recordação trouxe-lhe à memória a sua conversa com a mulher, filha do velho camponês em casa de quem tomara o chá. Interrogada sobre o número de filhos, a camponesa respondera que a sua única filha morrera na Quaresma.

— Estás triste?

— Oh! não. Ao avô não lhe faltam netos e esta era um cuidado a mais. Que se pode fazer com uma criança nos braços? É um obstáculo para tudo.

Esta resposta parecera revoltante a Dolly na boca de uma mulher cuja fisionomia exprimia bondade.

Em resumo, pensou ela lembrando-se dos seus quinze anos de casamento, *a minha mocidade passei-a doente do coração, a sentir-me desenxabida, desgostosa com tudo e a parecer disforme porque a nossa linda Kitty emagreceu por momentos; quanto não devo eu estar horrível!*

E ela estremeceu pensando nos seus sofrimentos, nas suas longas insónias, nas misérias do aleitamento, nas apoquentações e na irritabilidade que dele resultavam. Depois eram as doenças das crianças, as más inclinações a combater, as despesas de educação, o latim e as suas dificuldades e acima de tudo a morte! O seu coração de mãe sangrava ainda cruelmente com a perda do último filho morto pelo crupe; lembrava-se da sua dor solitária diante dessa cabecita branca, envolvida em cabelos encaracolados, dessa boca espantada e entreaberta no momento em que caía a tampa do caixão cor de rosa bordado a prata. Fora a única a chorá-lo e a diferença geral fora uma dor mais para ela.

E porquê tudo isso? Qual seria o resultado dessa vida cheia de cuidados se era uma família pobre e mal-educada? Que teria ela feito esse verão se os Levine a não tivessem convidado para vir para casa deles? Mas por mais

afetuosos e delicados que eles fossem, não podiam recomeçar, porque por sua vez teriam filhos que lhes iriam enchendo a casa.

O papá quase que se despojou por nossa causa e agora já não nos poderá ajudar. Como conseguirei fazer uns homens dos meus filhos? Será preciso procurar proteções, humilhar-me, porque não posso contar com Stiva. O que eu posso esperar de mais feliz é que eles não se tornem maus; e que sofrimentos para chegar lá!

As palavras da camponesa eram verdadeiras no seu cinismo ingénuo.

— Estamos perto, Filipe? — perguntou ela ao cocheiro para afastar os seus desagradáveis pensamentos.

— Ainda nos faltam sete verstas a partir da aldeia.

A caleche atravessava um campo onde ceifeiros com a foice às costas se detiveram para os olhar na passagem. Todos esses rostos pareciam alegres, contentes, cheios de vida e de saúde.

Todos vivem e gozam com a existência, pensou Dolly enquanto a velha caleche subia a trote uma encostazita, *e só eu faço o efeito de uma prisioneira posta momentaneamente em liberdade. Minha irmã Natália, Varinka, essas mulheres, e Ana sabem todas o que é a vida; eu ignoro-o. E porque acusam Ana? Se eu não tivesse amado meu marido teria feito outro tanto. Quis viver e não é isso a necessidade que Deus nos pôs no coração? Eu própria não lamentei ter seguido os seus conselhos em lugar de me separar de Stiva? Que sei eu? Teria podido recomeçar a existência, amar e ser amada! O que eu faço é mais honroso? Suporto meu marido porque me é necessário, eis tudo! Então ainda era bonita!*

E quis tirar do saco um espelho de viagem, mas o receio de ser surpreendida pelos dois homens deteve-a. Sem ter necessidade de se ver ao espelho, lembrou-se de que ainda podia agradar e pensou na amabilidade de Sergei Ivanitch, na dedicação do bom Tourovtzine, que por amor dela a tinha ajudado a tratar dos filhos durante a escarlatina. Lembrou-se mesmo de um mancebo, por causa de quem Stiva a importunava. E os mais apaixonados romances, os mais inverosímeis se apresentaram à sua imaginação.

— Ana teve razão, é feliz e faz a felicidade de alguém. Deve estar bela, brilhante, cheia de interesse por tudo, como no passado.

Um sorriso aflorou aos lábios de Dolly pensando num romance análogo ao de Ana, de que ela seria a heroína; imaginou o momento em que confessaria tudo ao marido e pôs-se a rir pensando na estupefação de Stiva.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 17

O cocheiro chamou um dos camponeses, que estava sentado sobre a extrema de um campo de feno junto dos carros desatrelados.

— Anda cá, mandrião! — gritou-lhe.

O camponês, que deu pela chamada, um velho de costas curvadas com os cabelos atados à volta da cabeça por uma estreita correia de couro, aproximou-se da caleche.

— A casa senhorial? De um conde? — repetiu ele. — Tome o primeiro caminho à esquerda e estará na avenida, que lá vai ter. Mas quem procuram? O próprio conde?

— Estão em casa, meu amigo? — disse Dolly não sabendo como perguntar por Ana.

— Devem estar, porque todos os dias chega gente — disse o velho desejoso de prolongar a conversa. — E a senhora quem é?

— Nós vimos de longe — disse o cocheiro. — Então estamos perto?

Mal tinham partido, umas vozes gritaram-lhe:

— Esperem, esperem! Aí veem eles!

Eram quatro cavaleiros e um *tilbury* que desembocavam na estrada.

Eram Vronsky, Ana, Veslovsky e um *groom* a cavalo. A princesa Bárbara e Sviagesky vinham de carruagem. Tinham vindo todos para verem funcionar as debulhadoras a vapor.

Ana, com um chapéu de homem na cabeça de onde se escapavam madeixas frisadas de cabelos pretos, montava com desenvoltura um cavalo inglês. Dolly, ao princípio escandalizada por a ver a cavalo, porque lhe ligava uma ideia de garridice pouco conveniente numa situação falsa, ficou tão admirada da perfeita simplicidade da sua amiga que as suas prevenções desapareceram. Veslovsky acompanhava Ana num cavalo cheio de fogo. Dolly, vendo-o, não pôde reprimir um sorriso. Vronsky seguia-os num puro-sangue baio escuro e o *groom* fechava a marcha.

O rosto de Ana iluminou-se reconhecendo essa figurinha encolhida num canto da velha caleche e, dando um grito de alegria, meteu o cavalo a galope, saltou ligeiramente sem ajuda de ninguém, vendo Dolly descer, e arregaçando a saia correu para ela.

— Dolly! Que felicidade inesperada! — disse ela beijando a viajante e olhando-a com um sorriso reconhecido. — Tu não podes calcular o bem que me fazes! Alexei — disse ela voltando-se para o conde, que também se pusera a pé — que felicidade!

Vronsky tirou o seu chapéu cinzento e aproximou-se.

— A sua visita torna-nos muito felizes! — disse ele com um particular acento de satisfação.

Varsinka agitou o boné sem deixar o cavalo.

— É a princesa Bárbara — disse Ana respondendo ao olhar interrogador de Dolly vendo aproximar-se o *tilbury,*

— Ah! — respondeu esta, cujo rosto exprimiu involuntariamente um certo descontentamento.

A princesa Bárbara, uma tia do marido, não gozava de consideração na sua família; o seu amor pelo luxo colocara-a na dependência humilhante de parentes ricos e era por causa da fortuna de Vronsky que ela agora se agarrava a Ana. Esta notou a desaprovação de Dolly e corou ligeiramente.

A troca de cumprimentos entre Daria Alexandrovna e a princesa foi muito fria. Sviagesky informou-se do seu amigo Levine, o original, e de sua esposa, e depois de um olhar lançado para a velha caleche ofereceu às senhoras para subirem para o *tilbury.*

— Eu irei neste carro e a princesa conduzi-la-á perfeitamente; guia muito bem.

— Não — interrompeu Ana — deixem-se estar que eu vou com Dolly.

Nunca Daria Alexandrovna vira nada tão brilhante como esse carro e esses cavalos; mas o que a impressionou mais ainda foi a espécie de transfiguração de Ana, que um olhar menos afetuosamente observador que o seu não teria notado. Para ela, Ana resplandecia com o brilho dessa beleza fugitiva que dá a uma mulher a certeza de um amor compartilhado; toda a sua pessoa, desde as faces e a prega dos lábios até ao seu tom amigavelmente brusco com que permitiu a Veslovsky montar o seu cavalo respirava uma sedução de que ela parecia ter consciência.

As duas mulheres experimentaram um momento de embaraço quando se

encontraram sozinhas. Ana sentia-se pouco à vontade sob o olhar interrogador de Dolly e esta, depois da reflexão de Sviagesky, estava confundida com a pobreza da sua carruagem. Os homens no banco da frente compartilhavam esta impressão, mas Felipe, o cocheiro, resolvido a protestar, teve um sorriso irónico examinando o trotador preto atrelado ao *tilbury*.

Esse animal pode ser bom para um passeio, mas é incapaz de fornecer quarenta verstas debaixo de calor, pensou ele interiormente à maneira de consolação.

Os camponeses tinham deixado os carros para virem contemplar o encontro dos amigos.

— Estão satisfeitos por se tornarem a ver — observou o velho.

— Olha essa mulher de calças — disse um outro apontando Veslovsky sobre o selim da senhora.

— Então, rapazes, já não dormimos mais?

— Acabou-se — disse o velho olhando o céu. — A hora passou; vamos ao trabalho.

Capítulo 18

Ana, olhando para Dolly fatigada, com o rosto cheio de rugas e coberto de poeira, esteve quase a dizer-lhe que a achava magra; mas a admiração pela sua própria beleza, que ela leu nos olhos da cunhada, deteve-a.

— Estás a examinar-me? — disse com um suspiro. — Perguntas como posso eu, na minha posição, parecer assim feliz? Confesso que o sou de uma maneira imperdoável. O que se passou comigo parece feitiçaria; saí das minhas misérias, como se sai de um pesadelo. E que acordar! Sobretudo desde que estamos aqui! — E ela olhou para Dolly com um sorriso tímido.

— Causas-me um grande prazer falando-me assim; sou feliz por ti — respondeu Daria Alexandrovna mais friamente do que teria querido. — Mas porque me não escreveste?

— Não tive coragem.

— Coragem comigo? Se soubesses... — E Dolly ia-lhe falar das suas reflexões durante a viagem quando lhe veio à ideia de que o momento era mal escolhido. — Mais tarde falaremos — ajuntou. — O que é este agrupamento de casas? Dir-se-ia uma cidade — comentou ela apontando os tetos verdes e vermelhos entrevistos através das árvores.

— Diz-me o que pensas de mim — continuou Ana sem lhe responder à pergunta.

— Não penso nada. Amo-te e sempre te amei; quando se ama assim uma pessoa, ama-se tal qual ela é e não tal como se queria.

Ana voltou os olhos e semicerrou-os, como para melhor refletir no sentido destas palavras.

— Se tivesses pecados, ser-te-iam perdoados por causa da tua visita e por essas boas palavras — disse ela interpretando favoravelmente a resposta da cunhada e voltando para ela um olhar molhado de lágrimas.

Dolly apertou-lhe silenciosamente a mão.

— Esses tetos são as dependências, as cocheiras — respondeu Ana a uma

segunda pergunta da viajante. — Aqui começa o parque. Alexei ama esta terra, que estava muito abandonada e com grande espanto meu é agora um apaixonado pela agronomia. É um caráter tão rico! Em nada pensa que o não consiga; será um excelente agrónomo, económico, quase avarento; só o é na agricultura, porque no resto não, quando se trata de despender em quaisquer outros objetos milhares de rublos. Vês tu essa grande construção? É um hospital, a sua *mania* do momento — disse ela com o sorriso de uma mulher falando das franquezas de um homem amado. — Sabes tu porque o mandou construir? Uma censura de avareza da minha parte a propósito de uma questão com camponeses por causa de um prado que eles reclamavam. O hospital foi encarregado de me provar a injustiça da minha censura; é uma pequeneza, se quiseres, mas não o amo menos por isso. Olha, o castelo data do tempo do avô e nada se mudou por fora.

— É soberbo! — exclamou Dolly involuntariamente à vista do edifício decorado com uma colunata e rodeado de árvores seculares.

— Não é? Do primeiro andar a vista é esplêndida.

A caleche ia rolando sobre a estrada que levava ao pátio de honra ornado de maciços de arbustos, que trabalhadores andavam rodeando nesse momento com pedras grosseiramente talhadas. Debaixo do peristilo coberto, pararam.

— Esses senhores já chegaram — disse Ana vendo levar os cavalos. — Não são uns bonitos animais? Olha o meu favorito... Onde está o conde? — perguntou ela a dois lacaios de libré que tinham vindo para as receber. — Ah! Eles aí estão — ajuntou vendo Vronsky e Veslovsky que vinham ao encontro delas.

— Onde alojaremos a princesa? — perguntou Vronsky voltando-se para Ana depois de ter beijado a mão de Dolly.

— No quarto da varanda?

— Oh! não, é muito longe; no quarto do canto estaremos mais perto uma da outra. Espero que fiques algum tempo connosco — disse a Dolly. — Um dia só? É impossível.

— Por causa das crianças — respondeu esta perturbada pela pobre aparência do seu saquito de viagem e pela poeira de que se sentia coberta.

— Qual impossível, minha querida Dolly; depois falaremos disso. Vamos ao teu quarto.

O quarto que lhe ofereceram, pedindo-lhe desculpa porque não era um quarto de honra, tinha uma mobília luxuosa que fez lembrar a Dolly os hotéis

mais sumptuosos do estrangeiro.

— Quanto sou feliz em te ver aqui, querida amiga — repetiu Ana sentando-se junto da cunhada. — Fala-me dos teus filhos. Tânia deve estar muito crescida…

— Oh! Sim — respondeu Dolly espantada de falar tão friamente dos filhos. — Estamos todos em casa dos Levine e muito contentes.

— Se tivesse sabido que me não desprezavam, ter-lhes-ia pedido que viessem para aqui. Stiva é um velho amigo de Alexei — disse Ana corando.

— Sim, mas nós estamos bem lá em baixo — respondeu Dolly confusa.

— A felicidade de te ver faz-me perder a razão — disse Ana beijando-a ternamente. — Mas promete-me ser franca, nada me esconder do que pensas a meu respeito, agora que vais assistir à minha vida tal qual ela é. A minha única preocupação, vês tu, é viver sem fazer mal a ninguém, como a mim própria, o que me é permitido! Falaremos disto tudo com mais vagar; agora vou vestir um *robe* e mandar-te a criada de quarto.

Capítulo 19

Dolly, quando ficou sozinha, pôs-se a examinar o quarto como mulher conhecedora do preço das coisas. Nunca vira um luxo comparável àquele de que era testemunha depois do seu encontro com Ana. Sabia pela leitura dos romances ingleses que se vivia assim em Inglaterra, mas na Rússia e no campo isso não existia em parte nenhuma. O leito do colchão elástico, a mesa de *toilette* de mármore, bronzes sobre o fogão, tapetes, cortinas, tudo era novo e da última elegância.

A criada de quarto toda elegante, que lhe veio oferecer os seus serviços, estava mais bem-posta do que Dolly, que se sentia confusa ao tirar diante dela de dentro do seu saco os miúdos objetos de *toilette,* principalmente uma camisa de noite, escolhida por engano entre as mais velhas. Em sua casa essas coisas tinham o seu mérito, porque representavam uma pequena economia, mas diante dessa criada humilharam-na.

Felizmente esta foi chamada pela senhora e com grande satisfação de Dolly, Annouchka, a antiga criada de quarto de Ana que a tinha outrora acompanhado a Moscovo, tomou o seu lugar. Annouchka, satisfeita de tornar a ver Daria Alexandrovna, pôs-se a conversar a respeito da sua querida senhora e da ternura do conde, apesar dos esforços de Dolly para a fazer calar.

— Eu fui educada com Ana Arcadievna e amo-a mais que tudo no mundo; não me compete julgá-la e o conde é um marido...

A entrada de Ana com um vestido de cambraia de uma cara simplicidade pôs um termo a essas expansões. A Ana voltara-lhe o sangue frio e parecia pôr-se detrás de um tom calmo e indiferente.

— Como vai a tua filha? — perguntou lhe Dolly.

— Anny? Muito bem, queres vê-la? Vou-ta mostrar. Tivemos bastantes aborrecimentos com uma ama italiana, uma boa mulher, mas tão estúpida! Contudo, como a pequena gosta dela foi preciso conservá-la.

— Mas que fizeste?... — começou Dolly querendo perguntar o nome que tinha a criança; deteve-se vendo o rosto de Ana ensombrar-se. — Desmamaste-a?

— Não era isso o que tu querias dizer — respondeu esta compreendendo as reticências da cunhada. — Tu pensavas no nome da criança, não é? O tormento de Alexei é que ela não tem outro a não ser o de Karenine. — E semicerrou os olhos, um costume novo que Dolly lhe não conhecia. — Depois falaremos, agora vem vê-la.

A *nursery*, um quarto alto, espaçoso e bem iluminado, estava posta com o mesmo luxo que o resto da casa. Os processos mais modernos para ensinar as crianças a engatinhar e andar, tinas, baloiços, carrinhos, tudo era novo, inglês e visivelmente caro.

A criança em camisa, sentada num *fauteuil* e guardada por uma moça russa que provavelmente compartilhava da sua refeição, estava comendo a sopa de que o peito estava molhado. Nem a aia, nem a ama estavam presentes. No quarto próximo ouvia-se a algaravia francesa com que elas se entendiam.

A aia inglesa apareceu logo que ouviu a voz de Ana e desfez-se em desculpas, embora ninguém lhe dirigisse a menor censura. Era um mulherão de cabelos castanhos que ao falar se agitava com uma fisionomia feia que desagradou a Dolly; a cada palavra de Ana, ela respondia: *Yes, mylady*.

Quanto à criança de cabelos negros, com o seu ar de saúde e a sua divertida maneira de engatinhar, conquistou Daria Alexandrovna. Com o vestido atado atrás, os seus lindos olhos olhando os espectadores com um ar satisfeito, como para provar que era sensível à sua admiração, avançava energicamente com a ajuda dos pés e das mãos, semelhante a um lindo animal.

Mas a atmosfera da *nursery* tinha alguma coisa de desagradável; como podia Ana conservar uma aia de um aspeto tão pouco respeitável? Dolly julgou notar igualmente que Ana era quase uma estranha nesse meio. Ela não pôde achar nenhum dos brinquedos da criança e, coisa estranha, não sabia mesmo o número de dentes que tinha!

— Eu sinto-me inútil aqui — disse Ana saindo e levantando a cauda da saia para não levar algum brinquedo. — Que diferença com o mais velho!

— Eu julgava pelo contrário... — começou Dolly timidamente.

— Oh! não! sabes que tornei a ver Sergei? — disse ela olhando

fixamente para diante de si, como se estivesse procurando alguma coisa ao longe. — Mas eu sou como uma criatura morrendo de fome, que se achasse diante de um festim e não soubesse por onde começar. Tu és para mim esse festim! Com quem, senão contigo, poderia eu falar de coração aberto? Assim não te digo nada, quando poderíamos falar tranquilamente. É preciso que te faça o resumo da sociedade que encontrarás aqui. Primeiro a princesa Bárbara. Eu sei a tua opinião e a de Stiva a seu respeito, mas não é má e sou-lhe muito obrigada. Foi-me de um grande auxílio em S. Petersburgo, onde um pau de cabeleira me era indispensável; tu não imaginas quanto a minha posição oferecia dificuldades! Mas voltemos aos nossos hóspedes: conheces Sviahesky, o marechal do distrito? Precisa de Alexei, que, com a sua fortuna, pode adquirir uma grande influência, se vivermos no campo; depois Tovskevtch, que tu viste em casa de Betsy, mas que foi despedido; como diz Alexei, é um homem muito agradável se o tomarmos pelo que ele quer parecer. A princesa Bárbara acha-o *comme il faut.* Por fim Veslovsky que tu também conheces, um bom rapaz. Contou-nos a respeito de Levine uma história inverosímil — ajuntou ela sorrindo. — É muito gentil e muito ingénuo. Eu aturo toda esta sociedade porque os homens precisam de distração e é preciso um público a Alexei para que não tenha tempo de desejar outra coisa. Temos também o intendente, um alemão, que entende do seu ofício, o arquiteto, o doutor, um homem novo, que não é completamente niilista, mas sabes bem, um desses homens que comem com a faca... É uma pequena corte!

Capítulo 20

— Cá está Dolly, que tanto desejava ver — disse Ana à princesa Bárbara, instalada diante de um bastidor sobre o terraço que descia para o jardim. — Ela não quer tomar nada antes de jantar, mas trate de a fazer comer enquanto eu vou procurar esses senhores.

A princesa fez um acolhimento gracioso e ligeiramente protetor a Dolly; explicou-lhe logo as razões porque nesse período transitório tão desagradável viera em auxílio de Ana, de quem sempre gostara.

— Desde que o marido tenha consentido no divórcio retirar-me-ei para a minha solidão, mas atualmente, por mais desagradável que isto seja, fico e não imito as *outras*. — Queria designar assim a irmã, a tia que educara Ana e com a qual vivia numa constante rivalidade. — Eles vivem muito bem e *a sua casa é tão bonita quanto o deve ser. Tudo à inglesa*. *Pela manhã reúnem-se ao almoço, depois cada um vai para seu lado.* Todos fazem o que querem. Janta-se às sete horas. Stiva teve razão em te mandar cá; farás bem em estar de acordo com eles. O conde tem muita influência pelo lado da mãe. E depois é muito generoso. Falaram-te do hospital? Será admirável; vem tudo de Paris.

Esta conversa foi interrompida pela chegada de Ana, que voltou para o terraço seguida pelos senhores que tinha ido encontrar na sala do bilhar.

O tempo estava soberbo; os meios de se divertirem não faltavam e havia ainda muitas horas para passar antes de jantar.

— Uma partida de lawn-tenis — propôs Veslovsky.

— Está muito calor. Vamos antes dar uma volta pelo parque e passeemos Daria Alexandrovna de barco para lhe mostrar a paisagem — disse Vronsky.

Veslovsky e Toushnevilch foram preparar o barco e as duas mulheres, acompanhados pelo conde e por Sviagesky, seguiram pelas ruas do parque.

Dolly, longe de atirar a pedra a Ana, estava disposta a aprová-la e assim como sucede às mulheres irrepreensíveis que a uniformidade da sua vida algumas vezes cansa. Invejava mesmo um pouco essa existência culpada

entrevista à distância; mas transportada para esse meio estranho, por entre esses hábitos de elegância refinada que lhe eram desconhecidos, experimentou um verdadeiro mal-estar. De resto, sempre desculpando Ana de quem sinceramente gostava, sentia-se chocada pela presença daquele que a fizera desviar dos seus deveres; e o acompanhamento da princesa Bárbara, perdoando tudo porque compartilhava o luxo da sobrinha, parecia-lhe odioso.

Vronsky nunca lhe inspirara simpatia; julgava-o altivo e não via outro motivo para justificar essa altivez do que a riqueza. Apesar de tudo impunha-se na sua qualidade de dono da casa e ela sentia-se humilhada diante dele, como diante da criada de quarto tirando a camisa consertada do saco. Não se atrevendo a fazer-lhe um cumprimento pela beleza da sua instalação, estava embaraçada para achar um assunto de conversa caminhando a seu lado. Contudo na falta de melhor arriscou algumas palavras de admiração sobre o aspeto do castelo.

— Sim, a arquitetura é de um bom estilo — respondeu o conde.

— A entrada de honra estava assim desenhada antigamente?

— Oh! Não! Se a tivesse visto na primavera! — E pouco a pouco, ao princípio friamente, depois com mais calor, fez notar a Dolly os diversos embelezamentos de que era autor; os elogios da sua interlocutora causaram-lhe um visível prazer.

— Se não está cansada, podemos ir até ao hospital? — disse ele para Dolly, como para se assegurar de que esta proposta a não aborrecia. — Queres, Ana?

— Com certeza — respondeu esta. — Mas é preciso não deixar esses senhores a dormirem no barco. É preciso mandá-los prevenir. É um monumento que ele levanta à sua glória — disse ela dirigindo-se a Dolly com o mesmo sorriso com que lhe falara da primeira vez do hospital.

— Uma fundação capital! — disse Sviagesky e imediatamente, para não ter o ar de um adulador, ajuntou: — Admiro-me que o senhor, tão preocupado pela questão sanitária, não o tenha sido pela das escolas.

— Tornou-se tão vulgar! — respondeu Vronsky. — E depois deixe-me arrastar. Por aqui, minhas senhoras.

E conduziu-as por uma álea transversal.

Dolly, deixando o jardim, achou-se diante de um grande edifício de tijolos vermelhos de uma arquitetura assaz complicada, cujo trabalho era brilhante ao sol. Uma outra construção se elevava ao lado.

— A obra caminha rapidamente — observou Sviagesky. — A última vez que cá vim, o telhado ainda não estava posto.

— Para o outono estará pronto, porque o interior está quase acabado — disse Ana.

— O que está a fazer de novo?

— Uma casa para o médico e para uma farmácia — respondeu Vronsky. E vendo aproximar-se o arquiteto foi ter com ele, desculpando-se com as senhoras. Acabada a conversa, ofereceu a Dolly irem ver o interior da construção.

Uma larga escadaria de pedra conduzia ao primeiro andar, onde inúmeras janelas iluminavam belos quartos de paredes cobertas de estuque cujos sobrados ainda estavam por acabar.

Vronsky explicou a distribuição das casas, o sistema de ventilação e aquecimento, fez admirar às visitas as banheiras de mármore e as camas de bons colchões, as macas e os *fauteuils* de rodas para transportar os doentes. Sviagesky e sobretudo Dolly, espantada com tudo o que ia vendo, faziam numerosas perguntas e não dissimulavam a sua admiração.

— Este hospital será o único no seu género na Rússia — observou Sviagesky apreciando os aperfeiçoamentos introduzidos pelo conde.

Dolly interessou-se por tudo. Vronsky, feliz pela aprovação que lhe testemunhavam e cheio de um sincero prazer, causou-lhe uma excelente impressão.

É na verdade bom e digno de ser amado!, pensou ela. E compreendeu Ana.

Capítulo 21

— A princesa deve estar fatigada e os cavalos talvez a não interessem — fez notar Vronsky a Ana, que propunha ir mostrar a Dolly a coudelaria onde Sviagesky queria ver um garanhão. — Vão, que eu vou com a princesa para casa; e se me permite — ajuntou dirigindo-se a Dolly — conversaremos um pouco pelo caminho.

— De muito boa vontade, porque não entendo nada de cavalos — respondeu esta, compreendendo pela fisionomia de Vronsky que ele lhe queria falar em particular.

Efetivamente, quando Ana se afastou, ele disse olhando Dolly com os seus olhos sorridentes:

— Não me engano julgando-a uma sincera amiga de Ana, não é verdade?

E tirou o chapéu para limpar a fronte.

Dolly encheu-se de inquietação; o que lhe iria ele pedir? Para vir para casa deles com os filhos? Para se juntar a Ana quando ela fosse para Moscovo? Talvez lhe fosse falar de Kitty ou de Veslovsky...

— Ana ama-a ternamente. Dê-me o auxílio da sua influência sobre ela — disse o conde tristemente.

Dolly pôs-se a considerar o rosto sério e enérgico de Vronsky sem responder.

— De todas as amigas de Ana a senhora foi a única a vir vê-la (não conto a princesa Bárbara). Não foi, sei-o bem, porque julgue a nossa situação normal, mas porque ama bastante Ana para lhe procurar tornar esta situação suportável. Tenho razão?

— Sim, mas...

— Ninguém sente mais cruelmente do que eu as dificuldades da nossa vida — disse Vronsky parando e obrigando Dolly a fazer outro tanto — e a senhora acreditar-me-á, se me dá a honra de julgar que tenho coração.

— Com certeza; mas não exagera essas dificuldades? — disse Dolly

tocada pela sinceridade com que ele lhe falava. — Na sociedade pode isso ser desagradável...

— É um inferno! Nada lhe pode dar ideia das torturas morais que Ana sofreu em S. Petersburgo.

— Mas aqui? Se nem ela, nem o senhor experimentam a necessidade de uma vida de sociedade!

— Que necessidade poderia eu ter dela? — exclamou Vronsky com desprezo.

— Passam facilmente sem ela e talvez para sempre; quanto a Ana, segundo o que ela teve tempo de me dizer, acha-se completamente feliz.

E falando, Dolly sentiu-se chocada pela ideia de que Ana poderia não ter usado de franqueza.

— Sim, mas essa felicidade durará? — disse Vronsky. — Tenho medo do que nos espera no futuro. Procedemos bem ou mal?... Entregámo-nos à sorte e estamos ligados para a vida. Temos um filho e podemos ter outros, aos quais a lei reserva uma severidade que Ana não quer ver, porque depois de ter sofrido tanto precisa de respirar. Enfim, a minha filha é de Karenine! — disse ele parando diante de um banco rústico onde Dolly se sentara. — Que amanhã me nasça um filho e será sempre um Karenine que não poderá herdar nem o meu nome, nem os meus bens! Compreende como esse pensamento me é odioso? Pois bem, Ana não me quer ouvir. Imito-a... E vê o que disso resulta. Tenho aqui um fim de atividade que me interessa, de que me sinto orgulhoso; não é um desfastio, bem pelo contrário, mas para trabalhar com convicção é preciso trabalhar para outros que não para nós, e eu não posso ter sucessores! Veja agora os sentimentos de um homem que sabe que os seus filhos e os da mulher, que ele adora, lhe não pertencem, que têm por pai alguém que os odeia e nunca os quererá conhecer. Não é horrível?

Calou-se preso de uma viva comoção.

— Mas o que pode Ana fazer?

— Toca no assunto principal da nossa conversa — disse o conde procurando tomar um tom calmo. — Ana pode obter o divórcio. Seu marido conseguiu o consentimento de Karenine e eu sei que ele se não recusaria, mesmo atualmente, se Ana lhe escrevesse. Esta condição é evidentemente uma dessas crueldades farisaicas de que só os seres sem coração são capazes, porque bem sabemos a tortura que isso lhe impõe, mas Ana devia passar por

sobre esses excessos de sentimento. Está aí a sua felicidade, a de seus filhos, sem falar em mim. E eis porque me dirijo a si, princesa, como a uma amiga que nos pode salvar. Ajude-me a persuadir Ana da necessidade de pedir o divórcio!

— De muito boa vontade — disse Dolly lembrando-se da sua conversa com Karenine. *Mas como é que ela não se lembra disso?*, pensou.

E o piscar de olhos de Ana voltou-lhe à ideia; esse costume novo pareceu-lhe coincidir com preocupações íntimas que ela procurava talvez afastar de si, apagar completamente da sua vista se possível fosse.

— Sim, com certeza que lhe falarei — repetiu Dolly respondendo ao olhar reconhecido de Vronsky.

E dirigiram-se para casa.

Capítulo 22

— O jantar vai ser servido e nós ainda mal nos pudemos ver — disse Ana entrando e procurando ler nos olhos de Dolly o que se passara entre ela e Vronsky. — Conto com esta noite. E agora é preciso mudar de *toilette,* porque nos sujámos na nossa visita ao hospital.

Dolly sorriu; não trouxera senão um vestido, mas para fazer uma mudança qualquer na sua *toilette* pregou um laço no corpete, pôs uma renda nos cabelos e deu uma escovadela no fato.

— É tudo o que pude fazer — disse ela rindo-se para Ana quando esta a veio buscar depois de ter vestido uma terceira *toilette.*

— Aqui somos muito formalistas — disse Ana para desculpar a sua elegância. — Alexei está satisfeitíssimo com a tua vinda, creio que está apaixonado por ti.

Os senhores de casacas pretas esperavam-nas reunidos no salão com a princesa Bárbara e foram logo todos para a sala de jantar.

O jantar e o serviço de mesa interessaram Dolly: na sua qualidade de dona de casa sabia que nada se faz bem, até mesmo na casa mais modesta, sem uma direção, e pela forma como o conde lhe ofereceu a escolha entre duas sopas compreendeu que essa direção superior vinha dele. Ana só se ocupava com a conversa e desobrigava-se disso com o seu tato habitual procurando uma palavra para cada conviva, coisa difícil com convivas pertencendo a esferas tão diferentes.

Depois de ter tocado em diversos assuntos em que o médico, o arquiteto e o intendente puderam tomar parte, a conversa tornou-se mais íntima e Dolly experimentou um vivo momento de contrariedade ouvindo Sviagesky tomar à sua conta as opiniões estranhas de Levine sobre o papel das máquinas na agricultura.

— Talvez o Sr. Levine nunca tenha visto as máquinas que critica, doutra forma não explico o seu ponto de vista.

— Um ponto de vista *turco* — disse Ana sorrindo para Veslovsky.

— Eu não poderei defender opiniões que não conheço — respondeu Dolly muito corada — mas o que eu lhes posso afirmar é que Levine é um homem eminentemente inteligente e que lhes poderia explicar as suas ideias se aqui estivesse.

— Oh! nós somos excelentes amigos! — replicou Sviagesky sorrindo. — Mas ele é um pouco *cabeçudo.* Assim considera os semstvos como perfeitamente inúteis e não quer tomar parte neles.

— Eis aí a nossa comodidade russa! — exclamou Vronsky. — Antes de nos darmos ao trabalho de compreender os nossos novos deveres, achamos mais simples negá-los.

— Eu não conheço homem que cumpra mais estritamente os seus deveres do que ele — disse Dolly irritada pelo tom de superioridade do seu hóspede.

— Pela minha parte estou muito reconhecido à honra que me fizeram, graças a Nicolau Ivanitch, de me elegerem juiz de paz honorário; o dever de julgar as questões dos camponeses parece-me tão importante, como qualquer outro. É a minha única maneira de me desculpar para com a sociedade dos privilégios de que gozo como proprietário de terras.

Dolly comparou a firmeza de Vronsky com as dúvidas de Levine sobre os mesmos assuntos e, como gostava deste, no seu pensamento deu-lhe razão.

— Assim podemos contar consigo para as eleições — disse Sviagesky. — Seria talvez prudente partir no dia 8. Se me desse a honra de vir a minha casa, conde?

— Pela minha parte — observou Ana — sou da opinião do Sr. Levine, embora provavelmente por motivos diversos. Os deveres públicos parecem multiplicar-se com exagero. Há seis meses que estamos aqui, Alexei já faz parte da tutela, do júri, da municipalidade, que sei eu mais... E quando as funções se acumulam a este ponto, devem forçosamente ser uma pura questão de forma. O senhor com certeza que tem vinte cargos diferentes? — disse ela voltando-se para Sviagesky.

Debaixo desse tom de gracejo, Dolly descobriu uma ponta de irritação e, quando viu a expressão resoluta da fisionomia do conde e a precipitação da princesa Bárbara em mudar de conversa, compreendeu que se tocara num assunto delicado.

Depois do jantar, que teve o caráter de luxo, mas também de formalismo

e de impessoalismo que Dolly conhecia por os ter encontrado nos jantares de cerimónia, passaram para o terraço, começando uma partida de ténis.

Dolly tentou jogar, mas renunciou logo e, para não ter o ar de se aborrecer, procurou interessar-se pelo jogo dos outros. Vronsky e Sviagesky eram jogadores sérios, Veslovsky pelo contrário jogava muito mal, mas não cessava de rir e de dar gritos. A sua familiaridade com Ana desagradou a Dolly, que achou uma afetação de criancice em toda essa cena.

Fazia-lhe o efeito de estar a representar uma comédia com atores que lhe eram superiores. Um desejo apaixonado de tornar a ver os filhos, de retomar o jugo da sua casa, de que pensara tanto mal nessa mesma manhã, se apossou dela. Por isso resolveu partir no dia seguinte, embora tivesse vindo na intenção de ficar alguns dias.

Voltando para o quarto depois do chá e de um passeio em barco, experimentou um verdadeiro alívio achando-se sozinha e teria preferido não ver Ana.

Capítulo 23

No momento em que se ia a meter na cama, a porta abriu-se e Ana, vestida com um roupão branco, entrou. No decorrer do dia tinham ambas dito ao abandonarem um assunto íntimo: «Mais tarde, quando estivermos sozinhas», e agora parecia-lhes que nada mais tinham a confiar uma à outra.

— Como está Kitty? — perguntou por fim Ana, sentada junto da janela e olhando para Dolly com semblante humilde. — Diz-me a verdade: ela quer-me mal?

— Mas não! — respondeu Dolly sorrindo.

— Odeia-me, despreza-me?

— Não; mas sabes que há coisas que nunca se perdoam.

— É verdade! — disse Ana voltando-se para a janela aberta. — Mas fui eu culpada em tudo isso? E o que é que se chama ser culpada? Poderia ser de outra forma? Julgarias tu possível não seres a mulher de Stiva?

— Não sei o que te hei de responder, mas tu...

— Kitty é feliz? Dizem que o marido é um excelente homem.

— É verdade; não conheço melhor.

— Tanto melhor.

— Mas fala-me de ti — disse Dolly. — Falei com... — Não sabia como tratar Vronsky.

— Com Alexei, bem sei. Vejamos, diz-me o que pensas de mim, da minha vida.

— Não te posso responder assim de pronto.

— Tu não podes julgar completamente porque nos vês rodeados de gente, enquanto na primavera estávamos sozinhos. Seria a felicidade suprema para mim vivermos assim só os dois! Mas receio que ele se acostume a deixar muitas vezes a casa e lembra-te o que seria a solidão para mim! Oh! bem sei o que me vais dizer — ajuntou ela vindo sentar-se junto de Dolly. — Certamente que não o segurarei à força, mas logo são as corridas, amanhã as

eleições e durante esse tempo eu... Mas de que falaram vocês dois?

— De um assunto que eu teria abordado contigo sem que ele me tivesse falado: da possibilidade de tornar esta situação regular. Tu sabes a minha maneira de ver a esse respeito, mas, enfim, mais valia o casamento.

— Isto é, o divórcio? Betsy Tverskoi fez-me a mesma observação. Ah! não julgues que eu estabeleço uma comparação entre ambas; *ela é a mulher mais depravada que existe.* Enfim o que te disse ele?

— Que sofre por ti e por ele; se é egoísmo, provém de um sentimento de louvor. O conde queria legitimar a filha, ser teu marido, ter direitos sobre ti.

— Que mulher pode pertencer ao marido mais completamente do que eu lhe pertenço? Sou sua escrava!

— Mas ele não queria ver-te sofrer.

— É possível! E depois...

— E depois legitimar os filhos, dar-lhes o seu nome.

— Que filhos? — E Ana semicerrou os olhos.

— Mas Anny e aqueles que tu poderás ter ainda.

— Oh! pode estar tranquilo que não terei mais.

— Como podes assegurar isso?

— Porque não quero ter mais! — E apesar da sua comoção, Ana sorriu à expressão de espanto, de ingénua curiosidade e de horror que se pintou no rosto de Dolly. — Depois da minha doença, o doutor disse-me...

— É impossível! — exclamou Dolly abrindo muito os olhos e contemplando Ana com estupefação.

O que acabava de saber confundia-lhe todas as ideias, e as deduções que tirou foram tais que muitos pontos misteriosos para ela até então lhe pareceram aclarar-se subitamente. Não tinha ela sonhado alguma coisa de análogo durante a sua viagem?... E agora essa resposta muito simples a uma questão complicada espantava-a!

— Não é imoral? — perguntou ela depois de um momento de silêncio.

— Porquê? Não esqueças que eu tenho a escolher entre um estado de sofrimento e a possibilidade de ser uma camarada para meu marido, porque o considero como tal; se o ponto é discutível no que te diz respeito a ti, não o é para mim. Eu não sou sua mulher, apesar de ele me ter amor, e preciso de manter esse sentimento.

Dolly estava presa de reflexões sem número que essas confidências faziam nascer no seu espírito.

Eu não consegui prender Stiva, pensava ela, *mas aquela que mo tirou conseguiu-o? Contudo era nova e bonita, o que não impediu Stiva de a deixar também! E o conde estará preso pelos meios que Ana emprega? Não achará, quando o queira, uma mulher mais sedutora ainda?*

E deu um profundo suspiro.

— Tu dizes que é imoral — continuou Ana sentindo que Dolly a desaprovava — mas pensa que os meus filhos só podem ser desgraçadas criaturas destinadas a corar de seus pais e do seu nascimento!

— É por isso que deves pedir o divórcio.

Ana não a escutava, querendo ir até ao fim da sua argumentação.

— A razão deu-me para não procurar infortunados; se eles não existem, não conhecem a desgraça. Mas se eles vivem para sofrer, a responsabilidade cai sobre mim.

Como se pode ser culpada para com as criaturas que não existem?, pensava Dolly, atormentando a cabeça para expulsar a estranha ideia de que para Gricha, o seu preferido, teria talvez sido melhor não ter nascido.

— Confesso-te que na minha opinião é mau — disse ela com uma expressão de desgosto.

— Pensa na diferença que existe entre nós duas. Para ti não se pode tratar senão de saber se desejas ou não mais filhos; para mim, trata-se de saber se me é permitido tê-los.

Dolly calou-se e compreendeu repentinamente o abismo que a separava de Ana; entre elas certas questões não podiam ser discutidas.

Capítulo 24

— Razão de sobra para regularizar a situação, se é possível.

— Sim, *se é possível* — respondeu Ana num tom completamente diferente, cheio de calma e de doçura.

— Disseram-me que teu marido consentia.

— Dolly, não falemos mais disso.

— Como quiseres — respondeu esta chocada pela dor profunda que se manifestou no rosto de Ana. — Não verás tu as coisas negras de mais?

— Não, nada disso, vivo feliz e contente. Até mesmo *causo paixões.* Não reparaste em Veslovsky?

— O tom de Veslovsky desagrada-me muito, para te dizer a verdade.

— Porquê? O amor próprio de Vronsky sente-se envaidecido e eu faço dessa criança tudo o que quero, como tu de Gricha. Não, Dolly, eu não vejo tudo negro, mas procuro não ver nada, tanto acho tudo terrível.

— Tu não tens razão, devias fazer o que fosse preciso para sair disto.

— O quê? Casar com Alexei? Julgas na verdade que eu não penso nisso? Mas quando esse pensamento me ocorre, endoidece-me e só consigo acalmar-me com morfina — disse ela levantando-se e pondo-se a andar de um lado para o outro, detendo-se por momentos. — Mas de resto *ele* não consentirá no divórcio, porque está sob a influência da condessa Lídia.

— É preciso tentar — disse Dolly com doçura, seguindo Ana com os olhos e com o coração cheio de simpatia.

— Admitamos que o tento, que o imploro, como uma culpada, admitamos mesmo que ele consente.

Ana, tendo chegado junto da janela, parou para arranjar as cortinas.

— E o meu filho? Entregam-mo? Não, crescerá junto do pai, que eu abandonei, aprendendo a desprezar-me! Sabes tu que eu amo quase igualmente, com certeza mais do que a mim própria, esses dois seres que se excluem um ao outro, Sergei e Alexei?

Voltou para o meio do quarto apertando as mãos contra o peito e inclinou-se para Dolly, trémula de comoção sob esse olhar molhado de lágrimas.

— Só a eles amo no mundo e não os posso reunir! O resto é-me indiferente! Isto há de acabar de uma forma qualquer, mas eu não posso, não quero abordar esse assunto. Tu não podes imaginar o que sofro!

Sentou-se junto de Dolly e pegou-lhe na mão.

— Não me desprezes porque o não mereço; lastima-me, porque não há mulher mais desgraçada...

E pôs-se a chorar.

Quando Ana a deixou, Dolly rezou e deitou-se depois. Os seus pensamentos voltaram-se involuntariamente para a casa, para os seus filhos; nunca ela sentira tão vivamente quanto esse pequenino mundo lhe era caro e precioso! Decidia consigo que nada a reteria mais tempo afastada deles e que partiria no dia seguinte.

Ana, no seu gabinete de *toilette,* tomou um copo e deitou-lhe dentro algumas gotas de uma poção que continha principalmente morfina. Uma vez restabelecida a calma no seu espírito entrou tranquilamente no quarto de dormir.

Vronsky olhou-a atentamente, procurando-lhe na fisionomia algum indício da conversa que ela tivera com Dolly; mas o que conseguiu ver foi essa graça sedutora de que sempre estava sofrendo o encanto. E esperou que ela falasse.

— Estou muito contente que Dolly te agrade — disse ela simplesmente.

— Mas já a conheço há muito tempo, é uma excelente senhora, embora *excessivamente terra a terra.* Eu também não estou menos contente com a sua visita.

Olhou mais uma vez para Ana com um olhar interrogador e pegou-lhe na mão; ela sorriu-lhe e não quis compreender essa pergunta.

Apesar das reiteradas instâncias dos donos da casa, Dolly no dia seguinte fez os seus preparativos de partida e a velha caleche com a sua parelha desigual parou sob o peristilo.

Daria Alexandrovna despediu-se friamente da princesa Bárbara e dos outros senhores; o dia passado em comum não os tinha ligado. Só Ana estava triste; mais ninguém, ela sabia-o, viria acordar os sentimentos que Dolly acordara na sua alma e que representavam o que ela tinha de melhor. Bem

depressa a vida que levava lhe apagaria os últimos vestígios.

Dolly respirou livremente quando se encontrou em pleno campo e, curiosa de conhecer a impressão dos criados, ia-os interrogar quando Felipe, o cocheiro, se voltou.

— Para uns ricaços tão ricos — disse ele com um ar menos sombrio que a partida tinha sido — os cavalos não receberam mais do que três medidas de aveia. Quase que era para não rebentarem de fome. Em nossa casa não faríamos isso.

— É um patrão avarento — confirmou o outro.

— Mas os cavalos são bonitos?

— Sim, quanto a isso nada há a dizer, e o sustento também é bom. Eu não sei se à senhora, Daria Alexandrovna, lhe fez o mesmo efeito, mas eu aborreci-me. — E voltou o rosto para ela.

— Também eu me aborreci. Julgas tu que chegaremos hoje à tarde?

— É bem preciso.

Dolly, tendo achado os filhos de boa saúde, sentiu uma melhor impressão da sua viagem. Descreveu com animação o luxo e bom gosto da instalação de Vronsky, a cordialidade da receção que lhe tinha sido feita e não admitiu nenhuma observação crítica.

— É preciso ir vê-los em sua casa para os compreender — disse ela esquecendo voluntariamente o mal-estar que sentira. — Agora sei que eles são bons.

Capítulo 25

Vronsky e Ana passaram no campo o fim do verão e uma parte do outono sem fazer nenhuma tentativa para regularizar a sua situação, mas resolvidos a ficarem em sua casa. Nada do que constitui a felicidade lhes faltava na aparência: eram ricos, novos, com saúde, tinham uma filhe, as suas ocupações agradavam-lhes e, contudo, depois da partida dos hóspedes, sentiram que a sua vida devia forçosamente sofrer qualquer modificação.

Ana continuava a ter o maior cuidado com a sua pessoa e com a *toilette;* lia muito e mandava vir do estrangeiro as obras de valor que as revistas citavam. Nenhum dos assuntos que podiam interessar Vronsky lhe era indiferente. Era dotada de uma excelente memória, admirava-o pelos seus conhecimentos agronómicos e arquitetónicos, bebidos nos livros ou em jornais especiais, e habituava-o a consultá-la sobre tudo, mesmo sobre questões de desporto ou de criação de cavalos.

O interesse que ela tomara pela instalação do hospital era muito sério e tinha ideias próprias que sabia fazer executar. O fim da sua vida era agradar a Vronsky, substituí-lo naquilo que ele lhe deixara para ela e ele, tocado por esta dedicação, sabia apreciá-lo. No entanto a atmosfera de ternura ciumenta em que ela o envolvia oprimia-o e experimentou a necessidade de afirmar a sua independência; a sua felicidade teria sido completa, julgava ele, se todas as vezes que queria deixar a casa não tivesse experimentado da parte de Ana uma viva oposição.

Quanto ao papel de grande proprietário a que se aferrara, tomava por ele um grande gosto, descobrindo em si aptidões sérias para a administração dos seus bens. Sabia entrar em pormenores, defender obstinadamente os seus interesses, escutar e questionar com o feitor alemão sem se deixar arrastar por ele a despesas exageradas, aceitar por vezes as inovações úteis, sobretudo quando elas eram de natureza a causar sensação à volta dele; mas nunca passava os limites que para si traçara. Graças a esta conduta prudente e apesar

das somas consideráveis que lhe custavam as construções, a compra das máquinas e outros melhoramentos, não se arriscava a comprometer a sua fortuna.

O governo de Kachine, onde estavam situadas as terras de Vronsky, de Sviagesky, de Oblonsky, de Kosnichev e em parte as de Levine, devia ter no mês de outubro a sua assembleia provincial para proceder à eleição dos seus marechais. Essas eleições, por causa de certas personalidades de influência que nelas tomavam parte, atraíam a atenção geral; preparava-se gente para lá ir de Moscovo, de S. Petersburgo e mesmo do estrangeiro. Vronsky prometera também ir assistir.

O outono chegara sombrio, chuvoso e singularmente triste no campo.

Na véspera da partida o conde veio anunciar num tom frio e breve que se ausentava por alguns dias, já preparado para uma luta de onde tinha de sair vencedor. A sua surpresa foi grande vendo Ana receber essa notícia com muita calma e contentar-se em saber a época exata do regresso.

— Espero que não te aborrecerás — disse ele perscrutando a fisionomia de Ana e desconfiando da faculdade que ela possuía de se fechar completamente em si quando tomava qualquer resolução extrema.

— Oh! Não! Acabo de receber uma caixa de livros de Moscovo e isso me distrairá.

É uma nova maneira que ela quer adotar, pensou ele, e teve o ar de quem acreditava na sinceridade dessa aparência de razão.

Partiu, pois, sem outra explicação, o que nunca lhe tinha acontecido. E esperando que a sua liberdade seria para o futuro respeitada por Ana, levava consigo uma vaga inquietação.

Ambos conservaram uma impressão desagradável dessa cena.

Capítulo 26

Levine voltara para Moscovo em setembro para o parto da mulher e já aí estava havia um mês quando Sergei Ivanitch o convidou para o acompanhar às eleições, onde ele ia. Konstantin hesitava, embora tivesse uns negócios de tutela a regularizar para sua irmã no governo de Kachine, mas Kitty vendo que ele se aborrecia na cidade, pediu-lhe que partisse, e para o decidir completamente, mandou-lhe fazer um uniforme de delegado da nobreza; essa despesa acabou a questão.

Ao cabo de seis dias de idas a Kachine, o negócio da tutela não avançava um passo, porque em parte estava dependente do marechal cuja reeleição se preparava. O tempo passava-se em longas conversas com excelentes pessoas, muito desejosas de prestarem serviços, mas que nada podiam, visto que o marechal era inacessível. Essas idas e vindas sem resultado assemelhavam-se aos inúteis esforços que se fazem em sonhos, mas Levine, que o casamento tornara mais paciente, procurava não se zangar. Aplicava essa mesma paciência a compreender as manobras eleitorais, que agitavam à volta dele tantos homens honestos e estimáveis e fazia o mais que podia para aprofundar o que ele outrora tratara com tanta ligeireza.

Sergei Ivanitch nada desprezou para lhe explicar o sentido e o alcance das novas eleições, pelas quais ele se interessava particularmente. Suetkov, o marechal atual, era um homem dos velhos tempos, fiel aos hábitos do passado, que esbanjara uma fortuna considerável o mais honestamente possível e cujas ideias atrasadas não emparelhavam bem com as necessidades do momento; tinha, como marechal, fortes somas nas suas mãos e os mais graves negócios, tais como as tutelas, a direção da instrução pública e outros dependiam dele.

Tratava-se de o substituir por um homem novo, ativo, cheio de ideias modernas, capaz de extrair do semstvo os elementos do «self-government» que ele podia fornecer em lugar de se ligar a um espírito de casta que lhe

desnaturava o caráter. O rico governo de Kachine podia, se soubessem usar das forças que nele estavam concentradas, servir de exemplo ao resto da Rússia e as novas eleições tornavam-se assim de uma alta importância. No lugar de Suetkov pôr-se-ia Sviagesky ou melhor ainda Nevedovsky, um homem eminente, antigo professor e amigo íntimo de Sergei Ivanitch.

Os estados provinciais foram abertos por um discurso do governador, que induziu a nobreza a encarar as eleições sob o ponto de vista do bem público e da dedicação ao monarca, assim como o governo de Kachine o praticara sempre. O discurso foi muito bem acolhido; os delegados da nobreza rodearam o governador, quando este deixou a sala e foram para a catedral para prestar juramento.

O serviço religioso impressionava sempre Levine, que se sentia comovido ouvindo essa multidão de velhos e novos repetindo solenemente as fórmulas do juramento.

Muitos dias se passaram em reuniões e em discussões relativamente a um sistema de contabilidade, que o partido de Sergei Ivanitch parecia acremente censurar ao marechal e Levine acabou por perguntar ao irmão se suspeitavam de algumas delapidações feitas por Suetkov.

— Não, é um homem muito digno; mas é preciso pôr um termo a esta maneira patriarcal de dirigir os negócios.

A sessão para a escolha dos marechais do distrito foi tempestuosa; terminou pela reeleição de Sviagesky, que ofereceu nessa mesma tarde um grande jantar.

Capítulo 27

A eleição principal, a do marechal do governo, só teve lugar no sexto dia. A multidão oprimia-se nas duas salas, onde os debates se agitavam sob o retrato do imperador.

Os delegados da nobreza tinham-se dividido em dois grupos, os velhos e os novos. Entre os velhos só se viam uniformes fora de moda, curtos de cintura, apertados nas costuras, como os seus possuidores tivessem engordado muito; viam-se também alguns uniformes de marinha e de cavalaria de data muito antiga; os novos traziam pelo contrário uniformes de costas largas, de cintura bem-talhada, coletes brancos e por entre eles distinguiam-se alguns uniformes da corte.

Levine seguira o irmão para uma salita onde se fumava diante de um bufete; tratava de seguir a conversação de que Kosnichev era a alma e de compreender porque é que dois marechais de distrito hostis a Suetkov teimavam em lhe opor a sua candidatura. Oblonsky, vestido de camarista, veio juntar-se a esse grupo depois de ter almoçado.

— Nós temos a posição — disse ele anediando as suíças depois de ter escutado Sviagesky e lhe ter dado razão. — Um distrito chega e, se Sviagesky se mete, seria afetação.

Toda a gente parecia compreender menos Levine, que era o único que não percebia nada. Para se elucidar tomou o braço de Stepane Arcadievitch e exprimiu-lhe o seu espanto por ver distritos hostis pedirem ao velho marechal para apresentar a sua candidatura.

— *Sancta simplicitas*! — respondeu Oblonsky. — Não vês tu que estando tomadas as nossas medidas é preciso que Suethov se apresente, porque se ele desistisse o velho partido poderia escolher outro candidato e derrotar as nossas combinações? Fazendo o distrito de Sviagesky oposição haverá sempre segunda votação e nós aproveitar-nos-emos dela para propor o candidato da nossa escolha.

Levine só em parte compreendeu e teria continuado com as perguntas se uns clamores partidos da sala grande lhe não tivessem atraído a atenção.

Capítulo 28

A discussão parecia muito animada debaixo do retrato do imperador; mas Levine, incomodado pelos vizinhos, só distinguia a voz do marechal, a de Kosnichev e o tom áspero de um deputado da nobreza. Sergei, em resposta a este último e para acalmar a agitação geral, pediu ao secretário o próprio texto da lei que ele leu para provar ao público que em caso de divergência de opinião se devia proceder à votação.

Um homem gordo de bigodes pintados, apertado no seu uniforme, interrompeu-o aproximando-se da mesa e exclamou:

— Aos votos! Aos votos! Basta de discussões!

Era pedir exatamente a mesma coisa, mas num espírito de hostilidade que fez aumentar mais os clamores. O marechal reclamou silêncio; de todos os lados partiam gritos e os rostos, como as palavras, pareciam sobre-excitados. Levine compreendeu, com a ajuda do irmão, que se tratava de validar os direitos de eleitor de um delegado acusado de se encontrar na alçada da justiça; um voto de menos podia fazer deslocar a maioria. Era por isso que a agitação era tão viva.

Levine, desagradavelmente impressionado por ver esta irritação odienta apossar-se de homens que estimava, preferiu a esse triste espetáculo a vista dos criados que serviam ao bufete na sala pequena. la a dirigir a palavra a um velho criado de hotel com suíças brancas, que conhecia toda a província, quando o chamaram para votar.

Voltando à sala grande entregaram-lhe uma bola branca e empurraram-no para junto de uma mesa, onde Sviagesky com ar importante e irónico estava presidindo à votação. Levine, desconsertado e não sabendo o que fazer à bola, perguntou-lhe a meia voz:

— O que é preciso fazer?

A pergunta era intempestiva e foi ouvida pelas pessoas presentes. Por isso recebeu de Sviagesky esta resposta severa:

— O que as suas convicções lhe ditarem.

Levine, vermelho e embaraçado, deitou o seu voto ao acaso.

Os *novos* ganharam; o velho marechal apresentou então a sua candidatura, pronunciou um discurso comovido e aclamado pelos seus partidários e retirou-se com as lágrimas nos olhos. Levine, em pé junto da porta da sala, viu-o passar acabrunhado, mas com pressa de sair; na véspera tinha-o ido procurar por causa do seu negócio da tutela e lembrava-se do ar digno e respeitável do velho na sua grande casa de aspeto senhorial, a sua velha e excelente esposa com uma boina garrida e um xaile turco. O filho, o mais novo da família, viera ter com o pai para lhe desejar os bons dias e para lhe beijar afetuosamente a mão. Era esse mesmo homem coberto ainda de condecorações que fugia como um animal acossado.

— Espero que ainda seja reeleito — disse Levine procurando dizer-lhe qualquer coisa agradável.

— Duvido — respondeu o marechal lançando à volta de si um olhar perturbado. — Estou velho e cansado, e é bom que os mais novos tomem o lugar.

E desapareceu por uma porta pequena.

Capítulo 29

A sala comprida e estreita onde estava instalado o bufete ia-se enchendo de gente e a agitação aumentava porque o momento decisivo se aproximava. Os chefes de partido, que sabiam bem o número dos votantes, eram os mais animados; os outros procuravam distrair-se e preparavam se para a luta comendo, fumando e andando pela sala.

Levine não fumava e não tinha fome; para evitar os amigos, por entre os quais acabava de descobrir Vronsky de uniforme de estribeiro do imperador, refugiou-se junto de uma janela e, examinando os grupos que se formavam, ia dando atenção ao que se dizia à volta dele. No meio dessa multidão distinguiu vestido com um antigo uniforme de general do estado-maior o velho proprietário de bigodes castanhos que encontrara uma vez em casa de Sviagesky. Os seus olhos encontraram-se e cumprimentaram-se cordialmente.

— Estou encantado por o tornar a ver — disse o velho. — Lembro-me de ter tido o prazer de o encontrar em casa de Nicolau Ivanitch.

— Como vão os seus negócios do campo?

— Sempre com perda — respondeu o velho mansamente e com um ar convencido, como se esse resultado fosse o único que admitisse. — E o senhor, como é que também toma parte no nosso *golpe de Estado?* A Rússia inteira parece ter marcado para aqui *rendez-vous;* até temos camaristas, talvez ministros — disse ele apontando Oblonsky, cuja alta estatura imponente fazia sensação.

— Confesso-lhe — respondeu Levine — que não compreendo nada da importância destas eleições da nobreza.

O velho olhou-o espantado.

— Mas o que tem a compreender? E que importância podem elas ter? É uma instituição em decadência que se prolonga pela força da inércia. Vê todos esses uniformes? Tem diante de si juízes de paz, empregados, mas não gentis-homens.

— Nesse caso porque vem às assembleias?

— Por hábito, para entreter as relações, por uma espécie de obrigação moral. Eu junto-lhe também uma questão de interesse pessoal: meu genro precisa de um empurrão e é preciso tratar de lhe arranjar um lugar... Mas porque é que vieram cá personagens como estas? — E ele indicou o orador, cujo tom áspero chocara Levine durante os debates que precederam as eleições.

— É uma geração nova de gentis homens.

— Para serem novos, são-no, mas pode-se contar entre os gentis-homens, aqueles que atacam os direitos da nobreza?

— Mas se na sua opinião é uma instituição caída em desuso?...

— Há instituições velhas que devem ser respeitadas e tratadas com serenidade. Nós não valemos nada, mas já duramos há mais de mil anos. Suponha que traça um jardim novo; irá cortar a árvore secular que se encontra no terreno? Não, traçará as ruas e os canteiros de flores de modo a conservar intacto o velho carvalho. Ele não lhe tornaria a crescer num ano. E os seus negócios, como vão?

— Não são brilhantes e não me dão mais que cinco por cento.

— Sem contar as ralações, que valeriam bem uma remuneração. Eu não lhe direi outro tanto, e muito feliz seria se tivesse os seus cinco por cento.

— Então porque persistimos?

— Sim, porquê? Por hábito, suponho. Aqui estou eu, por exemplo, que sei de antemão que o meu único filho será um sábio e não um agricultor, e que me obstino a despeito de tudo! Até mesmo este ano plantei um pomar.

— Dir-se-ia que temos um dever a cumprir com a terra, porque pela minha parte há muito tempo que não tenho ilusões sobre os lucros do meu trabalho.

— Eu tenho — disse o velho — um negociante como vizinho. Outro dia veio ele fazer-me uma visita; percorremos a quinta, depois o jardim e depois de ter admirado tudo disse-me ele: «O seu domínio está na ordem, mas o que eu não compreendo é porque não corta as tílias do seu jardim; só lhe servem para esgotar a terra e a madeira vender-se-ia bem. No seu lugar eu desfazia-me delas.»

— E com certeza o faria — disse Levine sorrindo, porque esse género de raciocínio era-lhe bem conhecido. — Com o dinheiro que ganhasse com elas, comprava gado ou um bocado de terra, que arrendaria aos camponeses; e

arranjaria uma pequena fortuna quando nós ficamos muito felizes em conservar a nossa terra intacta e poder legá-la aos nossos filhos.

— Disseram-me que se casou...

— Sim — respondeu Levine com uma satisfação orgulhosa — não é espantoso que nós fiquemos assim agarrados à terra como as vestais da antiguidade ao fogo sagrado?

O velho sorriu sob os seus bigodes brancos.

— Alguns, como o nosso amigo Sviagesky e o conde Vronsky, pretendem fazer indústria agrícola; mas até agora não têm feito outra coisa senão comer o capital.

— Porque não chegaremos a fazer como o comerciante? — perguntou Levine seduzido por essa ideia.

— Por causa da nossa mania de manter o fogo sagrado, como o senhor disse; é um instinto de casta. Os camponeses têm o seu; um bom camponês obstinar-se-á em arrendar a maior quantidade de terras possível e, seja ela boa ou má, trabalhá-la-á sempre.

— Nós somos iguais! — disse Levine. — Estou muito satisfeito por o ter encontrado — ajuntou ele vendo Sviagesky aproximar-se.

— Encontrámo-nos agora pela primeira vez depois do dia em que travámos conhecimento em sua casa — disse o velho dirigindo-se a Sviagesky.

— E com certeza que vem dizer mal da nova ordem de coisas — respondeu este sorrindo.

— É preciso aliviar o coração.

Capítulo 30

Sviagesky tomou Levine pelo braço e aproximou-se com ele de um grupo de amigos, entre os quais lhe foi impossível evitar Vronsky em pé no meio de Oblonsky e de Kosnichev, e que estava olhando para os recém-chegados.

— Encantado por o ver — disse ele estendendo a mão a Levine. — Encontrámo-nos em casa da princesa Cherbatzky, parece-me?

— Lembro-me perfeitamente do nosso encontro — respondeu Levine, que se tornou de púrpura e se voltou imediatamente para o irmão para lhe falar.

Vronsky sorriu e dirigiu-se a Sviagesky sem testemunhar nenhum desejo de prosseguir a sua conversa com Levine. Mas este, incomodado com a sua grosseria, procurava um meio de a reparar.

— Como vai isto? — perguntou ao irmão.

— Suetkov parece hesitante.

— Que candidatura apresentarão se ele desistir?

— A que quiserem — respondeu Sviagesky.

— A sua talvez?

— Com certeza que não — replicou Nicolau Ivanitch lançando um olhar inquieto para a personagem de voz áspera que se conservava perto de Kosnichev.

— Se não é a sua, será a de Nevedovsky — continuou Levine sentindo, que se aventurava num terreno perigoso.

— Em caso nenhum — respondeu o sujeito desagradável que era afinal o próprio Nevedovsky, a quem Sviagesky se apressou a apresentar Levine.

Um silêncio se seguiu, durante o qual Vronsky se pôs a olhar para Levine. E para lhe dirigir alguma palavra insignificante, perguntou-lhe como se arranjava ele que, vivendo sempre no campo, não fosse juiz de paz.

— Porque os juízes de paz me parecem uma instituição absurda —

respondeu Levine.

— Eu julgava o contrário — disse Vronsky espantado.

— Para que servem os juízes de paz? Nunca me sucedeu uma vez em oito anos vê-los julgar que não fosse mal — e pôs-se a citar desastradamente alguns factos.

— Eu não te compreendo — disse Sergei Ivanitch quando, depois desta resposta, eles saíram da sala do bufete para irem votar. — Tu não tens tato nenhum político; vejo-te em boas relações com o nosso adversário Suetkov e eis que te tornas um inimigo do conde Vronsky. Não é que me importe com a sua amizade, porque acabo de recusar um convite para o jantar, mas é inútil arranjar inimigos! Depois fazes perguntas indiscretas a Nevedovsky...

— Tudo isso me aborrece e não lhe ligo nenhuma importância — disse Levine num ar sombrio.

— É possível; mas quando te metes em alguma coisa, estragas tudo.

Levine calou-se e entraram na sala grande.

O velho marechal decidira-se a apresentar a sua candidatura, se bem que sentisse incerto o resultado e soubesse que um distrito lhe faria oposição.

No primeiro escrutínio teve uma grande maioria e entrou para receber as felicitações gerais no meio das aclamações da multidão.

— Acabou-se? — perguntou Levine ao irmão.

— Pelo contrário, começa — respondeu este sorrindo. — O candidato da oposição pode ter mais votos.

Esta finura escapara a Levine e lançou-o numa espécie de melancolia. Julgando-se inútil e despercebido, voltou para a sala do bufete e pediu de comer. Para não passar por meio da multidão, foi dar uma volta pelas tribunas. Estas estavam cheias de senhoras, de oficiais, de professores e de advogados. Levine ouvia elogiar a eloquência do irmão, mas aí ainda procurou em vão compreender o que podia assim comover e excitar essas pessoas sérias.

Aborrecido e cheio de tristeza desceu a escada. Ia reclamar o seu abafo e partir quando o vieram ainda chamar para votar. O candidato que opunham a Suetkov era esse mesmo Nevedovsky cuja recusa lhe parecera tão categórica.

Foi ele o que venceu, com o que uns se sentiram encantados e outros cheios de entusiasmo, enquanto o velho marechal mal dissimulava o seu despeito. Quando Nevedovsky apareceu na sala, acolheram-no com as mesmas aclamações com que, havia pouco, tinham saudado o governador e

mesmo o velho marechal vencido.

PERIGOSAS

Capítulo 31

Nesse dia Vronsky ofereceu um grande jantar ao eleito e ao partido que triunfava com ele.

O conde, vindo assistir às eleições, tinha querido afirmar aos olhos de Ana a sua independência e ser agradável a Sviagesky. Ao mesmo tempo viera cumprir os deveres que lhe competiam como grande proprietário. O que não calculava então era o interesse apaixonado que tomaria nas eleições e o sucesso com que representaria o seu papel.

Em primeiro lugar conseguira atrair a simpatia geral e não se enganava julgando que já inspirava confiança. Essa influência súbita era devida em parte à bela casa que ocupava na cidade e que lhe era cedida por um velho camarada, o diretor do banco de Karenine, a um excelente cozinheiro, aos seus laços de camaradagem com o governador, mas sobretudo às maneiras afáveis e simples que conquistavam os corações, apesar da reputação de altivez que lhe tinham criado.

Todos aqueles que dele se tinham aproximado nesse dia, à exceção de Levine, pareciam dispostos a renderem-lhe homenagens e a atribuir-lhe o sucesso de Nevedovsky. Experimentou um certo orgulho ao dizer consigo mesmo que dentro de três anos, se ele se casasse, nada o impediria de se apresentar ele próprio nas eleições e involuntariamente lembrou-se do dia em que, depois de ter assistido ao triunfo do seu *jockey,* ele se decidira a correr.

À mesa colocou à sua direita o governador, como homem respeitado pela sua nobreza, de quem conseguira alcançar os sufrágios pelo seu discurso, mas que para Vronsky não era nada mais que Maslov Katha, um camarada do corpo de pajens que ele tratava como protetor, e procurava colocar à sua vontade. À esquerda colocara Nevedovsky, um homem novo de rosto impenetrável e desdenhoso para o qual se mostrou cheio de atenções.

Apesar do seu insucesso parcial, Sviagesky estava entusiasmado por ver o seu partido triunfar e contou com graça durante o jantar diversos incidentes

das eleições em que o pobre do velho marechal representara um papel ridículo. Oblonsky, contente com a satisfação geral, divertia-se muito; assim, quando depois de comerem mandaram telegramas para todos os lados, enviou um a Dolly «para causar prazer a todos», como disse a um dos vizinhos.

Mas Dolly, recebendo o telegrama, lamentou com um suspiro o rublo que ele custava e compreendeu que o marido tinha jantado bem, porque era uma das suas fraquezas a de fazer *trabalhar o telégrafo* quando se sentia bem.

Depois trouxeram doces com vinhos excelentes que nada tinham de russo, trataram o novo marechal pelo título de *excelência,* título que ele, apesar do seu ar indiferente, apreciou muito, como uma recém-casada gosta de ouvir chamarem-na *senhora.* A saúde do «nosso amável anfitrião» foi também proclamada, assim como a do governador.

Nunca Vronsky esperara encontrar-se assim na província, como centro de uma reunião tão distinta.

No fim do jantar a alegria redobrou e o governador pediu a Vronsky que assistisse a um concerto organizado pela mulher a favor dos *nossos irmãos.* (Isto era antes da guerra da Sérvia).

— Dançar-se-á depois e tu verás a nossa *beleza,* que é notável.

— *Not in my line* — respondeu Vronsky sorrindo. Mas prometeu ir.

No momento em que iam acender os charutos, ao levantar da mesa, o criado de Vronsky aproximou-se trazendo-lhe numa salva um bilhete.

— Do campo; trouxe-o agora um próprio.

O bilhete era de Ana e, antes de o abrir, Vronsky já sabia o que ele continha. Prometera regressar na sexta-feira, mas como as eleições se tinham demorado era sábado e ainda estava ausente. A carta devia vir cheia de censuras e com certeza que partira antes da chegada da carta que ele mandara na véspera para explicar a demora.

Mas o conteúdo era mais desagradável do que esperava: Anny estava muito doente e o médico receava uma doença grave.

Sozinha perco a cabeça. A princesa Bárbara, em lugar de ser uma ajuda, é um embaraço. Esperava-te anteontem à noite e envio-te um próprio para saber quando voltas. Teria ido eu própria se não tivesse medo de te ser desagradável. Dá uma resposta qualquer para que saiba o que devo fazer.

A criança estava muito doente e ela própria quisera vir!

O contraste entre este amor exigente e a divertida reunião, que era preciso abandonar, impressionou Vronsky desagradavelmente. No entanto partiu nessa mesma noite pelo primeiro comboio.

PERIGOSAS

Capítulo 32

Ana, antes da partida de Vronsky para as eleições, prometera fazer os maiores esforços para suportar estoicamente a separação. Mas o olhar frio e imperioso com que ele lhe anunciou que se ausentava feriu-a e as suas boas resoluções desapareceram. Ela comentou esse olhar, quando ficou sozinha, e explicou-o por uma forma humilhante: *Certamente que ele tem o direito de partir quando e como lhe parecer; de resto ele tem todos os direitos enquanto eu não tenho nenhum; é pouco generoso mostrar-mo. Mas como mo fez ele sentir? Por um olhar duro? É uma razão bem vaga... Contudo não me olhava assim outrora e isso prova que arrefeceu a meu respeito.*

Para se aturdir procurou distrair-se acumulando ocupações que lhe enchiam os dias; à noite tomava morfina. No meio dessas reflexões o divórcio apareceu-lhe como um meio de impedir Vronsky de a abandonar, porque o divórcio implicava o casamento e resolveu não resistir mais nesse ponto, como o fizera sempre, esperando a primeira vez que lhe tornassem a falar disso.

Cinco dias se passaram assim. Para matar o tempo dava passeios com a princesa, visitava o hospital e sobretudo lia. Mas no sexto dia, vendo que Vronsky não voltava, as forças enfraqueceram-lhe. Entretanto, a filhita caiu doente, muito ligeiramente para que a inquietação chegasse a distraí-la. De resto, por mais que fizesse, Ana não podia fingir por essa criança sentimentos que não tinha.

Na tarde do sexto dia o terror de ser abandonada por Vronsky tornou-se tão vivo que quis partir, mas contentou-se com o bilhete, que lhe mandou por um próprio. No dia seguinte pela manhã lamentou esse movimento de vivacidade recebendo uma palavra de Vronsky que lhe explicava a demora.

Imediatamente o terror de o tornar a ver se apossou dela. Como iria suportar a severidade do seu olhar sabendo que a filha não estivera seriamente doente? Apesar de tudo o seu regresso era uma felicidade; ele

lamentaria talvez a sua liberdade e acharia a cadeia pesada, mas estaria lá. Ela vê-lo-ia e não o perderia de vista.

Sentada debaixo da lâmpada, ela estava lendo um livro novo de Taine, escutando o barulho do vento lá fora e prestando ouvidos ao menor ruído para espiar a chegada do conde. Depois de se ter enganado muitas vezes, ela ouviu distintamente a voz do cocheiro e o rolar da carruagem no peristilo. A princesa Bárbara, que estava fazendo uma paciência, ouviu-o igualmente.

Ana levantou-se; não se atrevia a descer como já o fizera duas vezes e, vermelha, confusa, inquieta pelo acolhimento que iria receber, deteve-se. Todas as suscetibilidades tinham desaparecido e ela só temia o descontentamento de Vronsky. Vexada por se lembrar que a pequena ia bem, queria mal à criança por se ter restabelecido no próprio momento em que escrevia a carta. Mas à ideia de que ia tornar a vê-lo, a *ele,* todos os outros pensamentos desapareceram e quando o som da *sua* voz chegou até ela a alegria dominou-a. Correu direita ao amante.

— Como vai Anny? — perguntou ele inquieto, da escada, vendo-a descer rapidamente. Sentara-se para lhe tirarem as botas forradas.

— Melhor. E tu?

Ela agarrou-lhe as duas mãos e atraiu-o para si sem o deixar com os olhos.

— Eu estou bem — disse ele friamente examinando uma *toilette* que sabia ter sido vestida por sua causa.

Essas atenções agradavam-lhe, mas agradavam-lhe havia muito tempo. E a expressão de imóvel severidade que aterrava Ana pintou-se-lhe no rosto.

— Como vais tu? — perguntou ele beijando-lhe a mão depois de ter limpo a barba, que o frio molhara.

Tanto pior, pensou Ana. *Contanto que ele aqui esteja, tudo me é indiferente.*

A noite passou-se alegremente em presença da princesa, que se lastimou de Ana tomar morfina.

— Não posso, os meus pensamentos impedem-me de dormir. Quando ele está cá, quase nunca a tomo.

Vronsky contou os diversos episódios da eleição e Ana soube interrogá-lo habilmente e levá-lo a falar dos seus sucessos. Por sua vez ela contou o que se passara na ausência de Vronsky e só lhe disse as coisas que lhe podiam agradar.

Quando se encontraram sós, Ana quis apagar a impressão desagradável produzida pela sua carta, e mais senhora de si disse-lhe:

— Confessa que ficaste descontente com a minha carta e que a não acreditaste...

— Sim — respondeu ele, e apesar da ternura que ele lhe testemunhara, ela compreendeu que lhe não perdoava. — A tua carta era estranha. Anny, escrevias-me tu, inquietava-te e, contudo, querias ir tu mesma?

— Uma coisa e outra eram verdadeiras.

— Não o duvido.

— Sim, tu duvidas; vejo que estás zangado.

— Não; mas o que me contraria é que tu não queiras admitir as minhas obrigações...

— Quais obrigações? A de ir ao concerto?

— Não falemos disso.

— Porque não havemos de falar?

— Quero dizer que se podem encontrar obrigações imperiosas. Assim preciso de ir a Moscovo por causa de negócios… Mas porque hás de tu irritar-te assim quando sabes que não posso viver sem ti?

— Se é assim — disse Ana mudando subitamente de tom —, se chegas num dia para partir no dia seguinte, se estás cansado desta vida...

— Ana, não sejas cruel; bem sabes que estou pronto a sacrificar-te tudo.

Mas ela continuou sem o escutar.

— Quando tu fores a Moscovo acompanhar-te-ei; não fico aqui sozinha. Vivamos juntos ou separemo-nos.

— Eu só quero viver contigo, mas para isso é preciso...

— O divórcio? Vou escrever. Reconheço que não posso continuar a viver assim; acompanhar-te-ei a Moscovo.

— Dizes isso com um ar de ameaça, mas é tudo o que desejo — disse Vronsky sorrindo.

O olhar do conde, ao pronunciar estas palavras afetuosas, continuava glacial, como o de um homem exasperado pela perseguição. *Que desgraça!*, dizia esse olhar, e Ana compreendeu-o.

Nunca a impressão que ela sentiu nesse momento se lhe apagou do espírito.

Ana escreveu a Karenine para lhe pedir o divórcio e, pelos fins de novembro, depois de se ter separado da princesa Bárbara, cujos negócios

chamavam a S. Petersburgo, veio instalar-se em Moscovo com Vronsky.

Parte 7

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 1

Os Levine estavam em Moscovo havia dois meses e o termo fixado pelas autoridades competentes para o parto de Kitty já tinha passado sem que nada fizesse adivinhar um próximo fim; por isso toda a gente se começava a preocupar à volta dela. Enquanto Levine via aproximar-se o momento fatal com terror, Kitty conservava toda a sua calma. Esse filho, que ela esperava, existia já para ela, manifestava até a sua independência fazendo-a sofrer; mas essa dor estranha e desconhecida só lhe trazia um sorriso aos lábios. Sentia nascer-lhe no coração um novo amor.

Nunca a sua felicidade lhe parecera tão completa, nunca se sentira mais amimada e cuidada pelos seus; porque teria ela apressado com os seus votos o fim de uma situação, que todos sabiam ser-lhe agradável? O único lado mau, que ela constatava na sua vida moscovita, era a mudança no caráter do marido; achava o inquieto, sombrio, agitado, sem fazer nada. Era este o homem que ela conhecera no campo sempre utilmente ocupado e de que admirava a tranquila dignidade e a hospitalidade cordial? Agora não o reconhecia e isso causava-lhe um sentimento próximo da piedade.

A jovem senhora era, no entanto, a única a experimentar esta compaixão, porque confessava que nada em seu marido excitava a comiseração e quando ela se comprazia a estudar o efeito que ele produzia na sociedade, era antes pelo ciúme que se arriscava a ser notado.

Mas censurando em Levine a sua incapacidade em se acomodar a uma nova existência, Kitty reconhecia que Moscovo lhe oferecia poucos recursos. Que ocupações podia ele ter? Não gostava do jogo de cartas, nem na companhia de pessoas como Oblonsky, do que ela dava graças ao céu. A sociedade não o divertia; para lhe agradar era-lhe preciso procurar a companhia das mulheres. Que lhe restava pois fora do círculo monótono da família?

Levine pensava em acabar o seu livro e começara as buscas nas

bibliotecas públicas, mas confessou a Kitty que perdia o interesse pelo seu trabalho quando falava dele e também o tempo faltava-lhe para fazer alguma coisa de sério.

As condições particulares da sua vida em Moscovo tiveram em compensação um resultado inesperado: o de fazer cessar as questões entre ambos. O receio que ambos tinham experimentado de ver nascer as cenas de ciúme foi vão, até mesmo a seguir a um incidente inesperado: o encontro com Vronsky. Kitty, em companhia do pai, encontrou-o um dia em casa de sua madrinha, a princesa Maria Borisovna. Tornando a encontrar essa figura outrora tão sua conhecida, sentiu o coração bater-lhe descompassado e o rosto tornar-se-lhe cor de púrpura. Mas foi a única censura que ela dirigiu a si própria, porque a sua comoção não durou mais do que um segundo.

O velho príncipe apressou-se a travar uma discussão animada com Vronsky e a conversa não teria acabado, porque Kitty teria podido sustentar ela própria a conversa sem que o seu sorriso ou a entoação da sua voz se prestasse às críticas do marido, de que sofria a invisível vigilância. Trocou algumas palavras com Vronsky, sorriu quando ele chamou à assembleia de Kachine «o nosso parlamento» para mostrar que ela compreendia a graça, depois dirigiu-se à velha princesa e só voltou a cabeça quando Vronsky se levantou para partir. Fez-lhe então um cumprimento simples e delicado.

Ao sair, o velho príncipe não fez nenhuma observação sobre esse encontro, mas Kitty compreendeu por um tom particular de ternura que ele estava contente com ela e ficou-lhe reconhecida pelo seu silêncio. Ela também estava satisfeita por ter sido senhora dos seus sentimentos a ponto de tornar a ver Vronsky quase com indiferença.

— Lamentei a tua ausência — disse ela ao marido contando esse encontro — ou pelo menos quereria que tu me pudesses ter visto pelo buraco da fechadura, porque diante de ti tornar-me-ia muito corada e talvez não tivesse conservado o meu sangue-frio; vês como estou corada agora!

E Levine, mais corado ainda do que ela e escutando-a com um ar sombrio, acalmou-se diante do olhar sincero da mulher e fez-lhe, como ela desejava, algumas perguntas. Declarou mesmo que de futuro se não conduziria tão desastradamente como nas eleições e não fugiria de Vronsky.

— É um sentimento tão desagradável recear a presença de um homem e considerá-lo como inimigo… — disse ele.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 2

— Não esqueças de fazer uma visita aos Bohl — lembrou Kitty ao marido, quando, antes de sair, ele entrou pelas onze horas da manhã no quarto dela. — Sei que vais jantar com o papá ao clube, mas de manhã o que tencionas fazer?

— Vou a casa de Katavasov.

— Porque é que vais tão cedo?

— Ele prometeu apresentar-me a Metrov, um sábio de S. Petersburgo, com quem quero falar acerca do meu livro.

— E depois?

— Vou ao tribunal por causa da questão da minha irmã.

— Não vais ao concerto?

— Que queres que eu lá vá fazer sozinho?

— Vai lá, peço-te! Dão duas obras novas que te interessarão.

— Em todo o caso voltarei a casa antes do jantar para te ver.

— Põe a casaca para ires a casa dos Bohl.

— O quê? É preciso?

— Com certeza, foi o próprio conde que veio a nossa casa.

— Perdi por tal forma o hábito de fazer visitas que me sinto constrangido. Parece-me sempre que me vão perguntar com que direito um estranho, como eu, que só vem para tratar dos seus negócios, se introduz numa casa.

Kitty pôs-se a rir.

— Quando eras rapaz fazias bastantes visitas.

— É verdade, mas a minha confusão era a mesma.

E beijando a mão da mulher, ia a sair quando esta o deteve.

— Kostia, sabes que só tenho cinquenta rublos? Parece-me que não faço despesas inúteis — ajuntou ela vendo o rosto do marido tornar-se sombrio. — Contudo o dinheiro desaparece tão depressa que a nossa organização falha

em algum lado.

— Não — respondeu Levine com uma tossezinha que ela sabia ser um sinal de contrariedade. — Irei ao banco. De resto escrevi ao feitor para vender o trigo e receber adiantada a renda do moinho. O dinheiro não faltará.

— Às vezes lamento ter dado ouvidos à mamã; maço-os a todos por minha causa e estamos gastando um dinheirão louco. Porque não ficámos no campo? Estávamos lá tão bem!

— Eu não lamento nada do que tenho feito depois do nosso casamento.

— É verdade? — disse ela olhando-o bem de frente. — A propósito, sabes que a posição de Dolly não é nada boa? Falámos ontem com a mamã e com Arsénio — Arsénio era o marido da irmã Natália — e decidiram que fosses falar a sério com Stiva, porque o papá não conseguiria nada.

— Eu estou pronto a seguir a opinião de Arsénio, mas o que queres tu que eu faça? Em todo o caso irei a casa dos Lvov e talvez vã ao concerto com Natália.

O velho Kousma, que executava na cidade as funções de mordomo, acompanhando-o disse ao patrão que um dos cavalos coxeava. Levine procurara, ao instalar-se em Moscovo, organizar uma cavalariça conveniente que lhe não custasse muito caro, mas foi obrigado a reconhecer que os cavalos de aluguer eram menos dispendiosos, porque para poupar os seus animais era obrigado a mudar de cocheiro a cada dia.

Foi o que fez ainda nesse dia, habituando-se a pouco e pouco a resolver rapidamente as dificuldades que representavam uma despesa. O primeiro bilhete de cem rublos fora o único que lhe custara a gastar; tratava-se de comprar a libré para os criados e pensando que cem rublos representavam a soldada de dois trabalhadores ao ano ou de trezentos num dia, Levine perguntara se as librés eram indispensáveis. O profundo espanto da princesa e de Kitty a esta pergunta fechou-lhe a boca.

À segunda nota de cem rublos — para a compra das provisões necessárias para um grande jantar de família — hesitou menos, embora calculasse ainda mentalmente o número de medidas de aveia representado por esse dinheiro.

Desde então as notas voaram como pássaros. Levine não tratava de saber se o prazer comprado com o seu dinheiro era proporcional ao mal que ele produzia a ganhar, esqueceu os princípios baseados sobre o dever de vender o trigo pelo mais elevado preço possível e não pensava mesmo em que, pela

forma como ia, dentro em pouco estaria cheio de dívidas.

Ter dinheiro no Banco para ocorrer às despesas diárias da casa foi daí por diante o seu único objetivo. Até ali não se incomodara, mas o pedido de Kitty nesse momento acabava de o perturbar.

Como havia ele de procurar dinheiro mais tarde?

Mergulhado nas suas reflexões, subiu para o carro e foi a casa de Katavasov.

Capítulo 3

Levine fora sempre amigo do seu camarada de Universidade. Admirando o seu talento, pensava que a clareza das conceções de Katavasov provinha da pobreza do génio do amigo. Katavasov, pelo seu lado, pensava que a incoerência de ideias de Levine provinha da falta de disciplina do seu espírito; mas a lucidez de Katavasov agradava a Levine e a riqueza de um pensamento indisciplinado deste último era agradável ao outro.

O professor decidira Levine a ler-lhe uma parte da sua obra. Chocado pela originalidade de alguns pontos de vista, propôs-lhe pô-lo em relações com um sábio eminente, o professor Metrov, que se encontrava por acaso em Moscovo e a quem falara dos trabalhos do seu amigo.

A apresentação fez-se muito cordialmente nesse dia. Metrov, homem amável e benévolo, começou por abordar a questão na ordem do dia: o levantamento de Montenegro. Falou da situação política e citou algumas palavras significativas pronunciadas pelo Imperador e que ele tinha como de fonte certa, ao que Katavasov opôs palavras num sentido diametralmente inverso e de fonte igualmente certa, deixando a Levine a liberdade de escolher entre as duas versões.

— Este senhor é autor de um trabalho sobre economia rural, cuja ideia fundamental me agrada muito na minha qualidade de naturalista. Toma em conta o meio em que o homem vive e se desenvolve, não põe fora as leis zoológicas e estuda-o nas suas relações com a natureza.

— É muito interessante — disse Metrov.

— O meu fito era unicamente escrever um livro sobre agronomia — disse Levine corando. — Mas contra minha vontade, estudando o principal instrumento, o trabalhador, cheguei a conclusões muito imprevistas.

E Levine desenvolveu as suas ideias, tateando prudentemente o terreno, porque sabia em Metrov opiniões opostas ao ensino político-económico do momento e duvidava do grau de simpatia que ele lhe concederia.

— Em que é que o russo, na sua opinião, difere dos outros povos enquanto trabalhador? É no ponto de vista que o senhor classifica de zoológico ou no das condições materiais nas quais ele se encontra?

Esta maneira de pôr a questão provava a Levine uma divergência absoluta de ideias; continuou, contudo, a expor a sua tese, que consistia em demonstrar que o povo russo não pode ter as mesmas relações com a terra que o das outras nações europeias pelo facto de que ele se sente instintivamente predestinado a colonizar imensos espaços ainda incultos.

— É fácil enganarmo-nos sobre os destinos gerais de um povo formando conclusões prematuras — observou Metrov interrompendo Levine. — E quanto à situação do trabalhador, ela dependerá sempre das suas relações com a terra e o capital.

E sem dar tempo a Levine para lhe replicar, explicou-lhe em que é que as suas próprias opiniões diferiam daquelas que corriam. Levine não compreendeu nada, nem mesmo procurou compreender. Para ele, Metrov, assim como todos os economistas, não estudava a situação do povo russo senão sob o ponto de vista do capital, do salário e do rendimento, convindo que para a maior parte da Rússia o rendimento era nulo, o salário dava para não morrer de fome e o capital só era representado por instrumentos primitivos.

Metrov não diferia dos outros representantes da escola senão por uma teoria nova sobre o salário, que ele expôs largamente.

Depois de ter tentado ouvir, de o interromper para exprimir as suas ideias pessoais e provar assim quão pouco eles se podiam entender, Levine acabou por deixar falar Metrov, envaidecido no fundo por ver um homem tão sábio tomá-lo por confidente das suas ideias e testemunhar-lhe tanta deferência. Ignorava que o eminente professor, tendo esgotado esse assunto com os seus amigos habituais, não desgostava de encontrar um novo ouvinte, e que de resto gostava de falar das questões que o preocupavam, achando que uma demonstração oral contribuía para o elucidar a ele próprio sobre certos pontos.

— Estamos a demorar-nos — observou Katavasov consultando o relógio. — Há hoje sessão extraordinária na Universidade por causa do cinquentenário de Svintitch — ajuntou dirigindo-se a Levine. — Prometi falar sobre os seus trabalhos zoológicos. Venha connosco, isso será interessante. Sim, venha connosco. Depois da sessão dê-me o prazer de vir a

minha casa para me ler a sua obra. Escutá-lo-ei com muito prazer.

— É um esboço indigno de ser ouvido, mas acompanhá-lo-ei de boa vontade.

Quando chegaram à Universidade, a sessão já tinha começado. Seis pessoas rodeavam uma mesa coberta com um pano e uma delas estava lendo qualquer coisa. Katavasov e Metrov tomaram lugar junto da mesa e Levine sentou-se ao pé de um estudante a quem perguntou em voz baixa o que era que se estava lendo.

— É a biografia.

Levine escutou maquinalmente a biografia e soube diversas particularidades interessantes sobre a vida do sábio, de que se festejava a memória. Depois dessa leitura veio a recitação de versos, a seguir Katavasov leu com uma voz potente uma notícia sobre os trabalhos de Svintitch.

Depois desta leitura, Levine, vendo avançar as horas, desculpou-se junto de Metrov de não poder ir a casa dele e saiu. Tinha tido tempo, durante a sessão, de refletir na inutilidade de uma aproximação com o economista petersburguês: tinham-se destinado um e outro a trabalhar com proveito e isso só o poderiam conseguir prosseguindo cada um pelo seu lado os seus estudos.

Capítulo 4

Lvov, o marido de Natália, a casa de quem Levine foi ao sair da Universidade, acabava de se fixar em Moscovo para vigiar a educação de seus filhos. Ele próprio fizera os seus estudos no estrangeiro e passara a vida nas principais capitais da Europa, onde o chamavam as suas funções diplomáticas.

Apesar de uma diferença de idades muito considerável e as opiniões serem muito semelhantes, esses dois homens tinham-se tornado amigos um do outro.

Levine foi encontrar o cunhado com um fato de casa, de luneta, a ler em pé diante de uma mesa. O rosto de Lvov de uma expressão ainda cheia de juventude e à qual uma cabeleira frisada e prateada dava um ar aristocrático, abriu-se num sorriso vendo entrar Levine, que se não fizera anunciar.

— Ia agora mandar saber notícias de Kitty — disse ele. — Como vai ela? — E chegou-lhe um *fauteuil* americano de báscula. — Sente-se aqui, que estará melhor. Leu a circular do *Jornal São Petersburgo?* Está muito bem — disse ele com um ligeiro acento francês.

Levine contou o que lhe tinham dito acerca dos boatos em circulação em S. Petersburgo e, depois de ter esgotado a questão política, contou a sua conversa com Metrov e a sessão da Universidade.

— Quanto lhe invejo as suas relações com essa sociedade de professores e sábios! — disse Lvov, que o tinha escutado com o mais vivo interesse. — É verdade que não poderia aproveitar, como o senhor, por falta de tempo e de uma instrução suficiente.

— Nesse último ponto permito-me duvidar — respondeu sorrindo Levine, a quem essa humildade tocara pelo seu tom sincero.

— Não poderá crer a que ponto eu o constato, agora que me estou ocupando da educação de meu filho; não só se trata de recordar, mas de refazer os meus estudos. O quê, ri-se?

— Bem ao contrário, o senhor serve-me de exemplo para o futuro e aprendo, vendo-o com os seus filhos, como me será preciso cumprir os deveres para com os meus.

— Oh! O exemplo nada tem de notável.

— Isso tem, porque nunca vi crianças mais bem-educadas do que as suas.

Lvov não dissimulou um sorriso de satisfação. Nesse momento a bela Sra. Lvov, em *toilette* de passeio, veio interrompê-los.

— Não sabia que estava cá — disse ela para Levine. — Como vai Kitty? Sabe que vou jantar com ela?

Os planos do dia foram discutidos entre os dois esposos e Levine ofereceu-se para acompanhar a cunhada ao concerto. No momento da partida lembrou-se da comissão de Kitty a respeito de Stiva,

— Sim, bem sei — disse Lvov. — A mamã quer que lhe façamos uma lição de moral, mas o que lhe hei de dizer?

— Pois bem encarrego-me eu disso — exclamou Levine sorrindo.

E correu a juntar-se à cunhada, que o estava esperando no fundo da escada, envolvida em abafos brancos.

Capítulo 5

Nesse dia executavam duas obras novas na *matinée* musical, que se dava na sala da Assembleia: uma fantasia sobre *o Rei Lear da Steppe* e um quarteto dedicado à memória de Bach.

Levine tinha um grande desejo de formar uma opinião sobre estas obras escritas com um espírito novo e, para não sofrer a influência de ninguém, depois de ter instalado a cunhada, foi-se encostar a uma coluna decidido a escutar conscienciosa e atentamente. Evitou deixar-se distrair pelos movimentos do mestre da orquestra, pelas *toilettes* das senhoras, pela vista de todas essas fisionomias inúteis vindas ao concerto para tudo, menos para ouvir música.

Evitou principalmente os amadores e os conhecedores, que falam sempre de boa vontade, e em pé com os olhos abstratos no espaço absorveu-se numa profunda atenção. Mas quanto mais escutava a fantasia sobre o *Rei Lear,* mais se sentia na impossibilidade de formar dela uma ideia clara e precisa. Sem cessar, a frase musical, no momento de se desenvolver, se fundia numa outra frase ou se apagava, deixando por única impressão a de uma penosa procura de instrumentação.

As melhores passagens vinham mal a propósito e a alegria, a tristeza, o desespero, a ternura, o triunfo sucediam-se com a incoerência de impressões de um doido para desaparecerem pela mesma forma.

Levine, quando o trecho terminou bruscamente, admirou-se da fadiga que essa tensão lhe causara; teve o efeito de um surdo que visse dançar e, escutando os aplausos do auditório, quis comparar as suas impressões com as das pessoas competentes.

De todos os lados se levantavam para se aproximarem uns dos outros e conversarem no intervalo dos dois trechos e ele pôde juntar-se a Pestzov, que falava a um dos principais conhecedores da música.

— É espantoso — dizia Pestzov em voz baixa. — Bom dia, Konstantin

Dmitritch. A passagem mais rica em cor, a mais escultural, direi, é aquela em que Cordélia aparece, em que a mulher, «das ewig Weibliche», entra em luta com a fatalidade. Não é assim?

— Porque é Cordélia? — perguntou timidamente Levine, que esquecera por completo que se tratava do Rei Lear.

— Cordélia aparece, está a ver? — disse Pestzov apontando o programa a Levine, que não reparara no texto de Shakespeare traduzido em russo e impresso no verso. — Não se podia seguir a música sem isto.

O intervalo passou-se a discutir os méritos e os defeitos das tendências wagnerianas, esforçando-se Levine por demonstrar que Wagner não tinha razão de invadir o domínio das outras artes, e Pestzov por tentar provar que a arte é *una* e que para chegar à suprema grandeza era preciso que todas as manifestações fossem reunidas num só feixe.

A atenção de Levine estava esgotada. Não ouviu já o segundo trecho, cuja simplicidade afetada Pestzov comparou a uma pintura pré-rafaelita, e imediatamente depois do concerto apressou-se em ir ter com a cunhada.

Ao sair, depois de ter encontrado pessoas do seu conhecimento com quem trocou as mesmas observações políticas e musicais, viu o conde Bohl, e a visita que lhe devia fazer voltou-lhe ao espírito.

— Vá depressa — disse Natália, a quem ele confiou os seus remorsos e a quem devia acompanhar a uma sessão pública de um comité eslavo. — Talvez a condessa não receba. Em seguida venha ter comigo.

Capítulo 6

— Talvez não recebam? — perguntou Levine entrando no vestíbulo da casa de Bohl.

— Sim, queira entrar — respondeu o suíço tirando resolutamente o abafo do visitante.

Que aborrecimento!, pensou Levine, que depois de tirar uma das luvas suspirando, volteava melancolicamente o chapéu entre as mãos. *Que lhes hei de dizer? Que vim eu cá fazer?*

No primeiro salão encontrou a condessa, que estava dando ordens a um criado com um ar severo. O rosto suavizou-se-lhe vendo Levine e pediu-lhe que entrasse no *boudoir,* onde as suas duas filhas estavam conversando com um oficial superior. Levine, ao entrar, cumprimentou-as e foi-se sentar junto de um sofá, pondo o chapéu entre os joelhos.

— Como vai sua esposa? Vem do concerto? Nós não pudemos lá ir — disse uma das filhas.

A condessa apareceu, sentou-se no sofá e, voltando-se para Levine, retomou a série das mesmas perguntas: a saúde de Kitty, o concerto e para variar ajuntou alguns pormenores sobre a morte súbita de uma amiga.

— Esteve ontem na Ópera?

— Sim, minha senhora.

— A Lucca esteve soberba.

E assim de seguida até que o oficial superior se levantou e, tendo cumprimentado, saiu.

Levine deu mostras de seguir este exemplo, mas um olhar espantado da condessa reteve-o. O momento ainda não chegara. Tornou a sentar-se e, atormentado pela triste figura que estava fazendo, cada vez se sentia mais incapaz de encontrar assunto para conversa.

— Vai à sessão do comité? — perguntou a condessa. — Diz-se que será muito interessante.

— Prometi ir lá buscar minha cunhada.

Novo silêncio durante o qual as três mulheres trocaram um olhar.

Deve ser tempo de me ir embora, pensou Levine, e levantou se.

As senhoras não o retiveram mais, apertaram-lhe a mão e encarregaram-no de *mil coisas* para a mulher.

O suíço, ajudando-o a vestir a peliça, perguntou-lhe o endereço e inscreveu-o gravemente num soberbo livro encadernado.

No fundo tudo me é indiferente!, pensou Levine. *Mas, santo Deus, que ar tão estúpido que se tem! E quanto tudo isto é inútil e ridículo.*

Foi buscar a cunhada e acompanhou-a a casa, onde encontrou Kitty de saúde. Depois foi para o clube, onde devia encontrar-se com o sogro.

Capítulo 7

Levine não tornara a pôr os pés no clube desde o tempo em que, depois de ter terminado os seus estudos, passou um inverno em Moscovo; mas as suas recordações meio apagadas reavivaram-se diante do grande portão no fundo do vasto pátio circular quando o suíço, cumprimentando-o, lhe veio abrir a porta de entrada e convidá-lo a deixar as galochas e o sobretudo antes de subir ao primeiro andar. Como outrora, experimentou uma espécie de bem-estar a que se juntou o sentimento de se encontrar em boa companhia.

— Há que tempos que nós não tínhamos o prazer de o ver — disse o segundo porteiro que o recebeu no alto da escada e a quem todos os membros do clube, assim como todos os seus parentes, eram conhecidos. — O príncipe inscreveu-o ontem; Stepane Arcadievitch ainda não chegou.

Levine, entrando na sala de jantar, achou as mesas quase completamente ocupadas. Entre os convivas reconheceu rostos amigos: o velho príncipe, Sviagesky, Sergei Ivanitch, Vronsky; e todos, novos e velhos, pareciam ter posto de parte os seus cuidados no vestiário juntamente com os seus abafos para só pensarem em gozar os prazeres da vida.

— Vens tarde — disse o velho príncipe estendendo a mão ao genro e sorrindo. — Como vai Kitty? — ajuntou metendo uma ponta do guardanapo na casa de um botão do colete.

— Está bem. Ficou a jantar com as irmãs.

— Tanto melhor. Vá, anda, toma um lugar naquela mesa lá em baixo. Aqui está tudo cheio — disse o príncipe segurando com precaução um prato de *ouha* da mão do criado.

— Para aqui, Levine — gritou uma voz ao fundo da sala.

Era Tourovtzine sentado junto de um jovem oficial, que reservava dois lugares destinados a Oblonsky e Levine. Este tomou com prazer uma das cadeiras reservadas e deixou-se apresentar ao jovem oficial.

— Esse Stiva anda sempre atrasado.

— Ei-lo aí.

— Acabas de chegar, não é verdade? — perguntou Oblonsky a Levine quando chegou ao pé dele. — Vamos tomar um copo de aguardente.

E antes de começar o jantar os dois amigos aproximaram-se de uma grande mesa sobre a qual um serviço dos mais variados estava colocado. Stepane Arcadievitch achou meio ainda de pedir um prato especial, que um lacaio de libré se apressou a procurar-lhe.

Imediatamente depois da sopa mandou servir champanhe. Levine tinha fome, por isso comeu e bebeu com grande prazer, divertindo-se muito com as conversas dos vizinhos.

Contaram-se anedotas um pouco frescas, fizeram-se brindes recíprocos fazendo desaparecer as garrafas de champanhe umas atrás das outras; falou-se de cavalos, de corridas e citaram o trotador de Vronsky, Atlas, que acabava de ganhar um prémio.

— E eis o feliz proprietário que aí vem! — disse Stepane Arcadievitch no fim do jantar voltando-se para trás na cadeira para estender a mão a Vronsky, que vinha acompanhado por um coronel da Guarda de estatura gigantesca.

Vronsky inclinou-se para Oblonsky, murmurou-lhe com um ar de bom humor algumas palavras ao ouvido e, com um sorriso amável, estendeu a mão a Levine,

— Encantado por o tornar a ver — disse-lhe. — Outro dia depois das eleições procurei-o por toda a cidade; tinha desaparecido.

— É verdade, fui-me embora nesse mesmo dia. Acabámos de falar do seu trotador, e apresento-lhe os meus cumprimentos.

— Não cria também cavalos de corrida?

— Eu não, mas meu pai tinha alguns e eu por tradição também sei alguma coisa.

— Onde jantaste? — perguntou Oblonsky.

— Na segunda mesa por detrás das colunas.

— Encheram-no de felicitações; não é feio, um segundo prémio imperial! Ah! se eu pudesse ter a mesma sorte ao jogo! — disse o coronel.

— É Yavskine — disse Tourovtzine a Levine vendo o gigante dirigir-se para o quarto chamado *infernal.*

Vronsky assentou-se ao pé deles e, sob a influência do vinho e da atmosfera sociável do clube, Levine pôs-se a falar cordialmente com ele.

Feliz por não sentir ódio contra o seu antigo rival, fez mesmo uma alusão ao encontro que tinham tido em casa da princesa Maria Borisovna.

— Maria Borisovna? Que mulher! — exclamou Stepane Arcadievitch; e contou acerca da velha senhora uma anedota que fez rir toda a gente e principalmente Vronsky.

— Então, meus senhores, se estão prontos saiamos — disse Oblonsky.

PERIGOSAS

Capítulo 8

Levine deixou a sala de jantar com um singular sentimento de leveza nos movimentos e foi encontrar a sogra no salão vizinho.

— Que dizes tu deste templo de indolência? — perguntou o velho príncipe tomando o genro pelo braço. — Anda dar uma volta.

— Nada mais peço, porque isto interessa-me.

— Também a mim, mas por motivo diferente do teu. Quando tu vês um sujeito como este — disse ele mostrando um velho alcachinado, de lábios descaídos, que a custo caminhava com botas de veludo — julgas bem que eles nasceram já pataratas e isso faz-te sorrir, enquanto eu ao vê-los digo para mim que qualquer dia também andarei a arrastar os pés como eles.

Sempre conversando e cumprimentando os amigos no caminho, os dois homens atravessaram os salões, em que se jogava o xadrez, para chegarem ao bilhar, onde um grupo de jogadores estava reunido à volta de algumas garrafas de champagne. De passagem lançaram um olhar para a casa infernal: Yavskine, rodeado de jogadores, já se tinha instalado. Entraram com precaução na sala de leitura onde um homem novo, de muito mau humor, estava folheando sob a lâmpada uns jornais e um general calvo se absorvia na sua leitura. Penetraram igualmente numa casa a que o príncipe alcunhara de «salão das pessoas de espírito» e encontraram lá três sujeitos falando sobre política.

— Estão à sua espera, príncipe — veio dizer um dos parceiros do velho príncipe que o tinha andado a procurar por todos os lados.

Ficando só, Levine ouviu ainda por alguns momentos os três sujeitos; depois recordando-se de todas as conversas do mesmo género ouvidas desde manhã, experimentou um aborrecimento tão profundo que se escapuliu para ir procurar Tourovtzine e Oblonsky, com os quais ao menos se não aborrecia.

Estes tinham ficado na sala de bilhar, onde Stepane Arcadievitch e Vronsky estavam falando a um canto junto da porta.

— Não é que esteja aborrecida, mas esta indecisão enerva-a — ouviu Levine ao passar. Quis afastar-se, mas Stiva chamou-o.

— Não te vás, Levine — disse-lhe ele com os olhos húmidos, como os tinha sempre depois de um momento de ternura ou depois de beber, e nesse dia tinham sido ambas as coisas. — É o meu melhor, o meu mais querido amigo — disse ele dirigindo-se a Vronsky. — Como tu também me és caro, quereria ver-vos amigos. Sois dignos de o ser.

— Só nos resta beijarmo-nos — respondeu Vronsky alegremente, oferecendo a Levine a mão, que este apertou com cordialidade.

— Estou encantado! Estou encantado!

— Champanhe! — gritou Oblonsky a um criado.

— Também eu! — disse Vronsky. E contudo, apesar desta mútua satisfação, não souberam o que dizer.

— Sabes que ele não conhece Ana — fez notar Oblonsky — mas eu quero-o apresentar.

— Ela ficaria muito satisfeita — respondeu Vronsky. — Pedir-lhe-ias que fôssemos imediatamente, mas estou com cuidado em Yasvhine e quero-o vigiar.

— Está a perder, parece-me.

— É tudo o que possui; só eu tenho alguma influência sobre ele — disse Vronsky.

E ao cabo de alguns momentos deixou-os para ir ter com o amigo.

— Porque não havemos de ir a casa de Ana sem ele? — disse Oblonsky tomando o braço de Levine quando se encontraram sós. — Há muito tempo que lhe prometo levar-te lá. Tens alguma coisa que fazer esta noite?

— Nada. Vamos lá, se o desejas.

— Muito bem. Manda chamar a minha carruagem — disse Oblonsky dirigindo-se a um criado.

E os dois homens deixaram o bilhar.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 9

— A carruagem do príncipe Oblonsky! — gritou o suíço com voz sonora.

A carruagem avançou e os dois amigos subiram para ela. A impressão de bem-estar físico e moral experimentado por Levine à entrada do clube persistiu enquanto estiveram no pátio; mas na rua os gritos dos cocheiros, as sacudidelas do carro e o aspeto da lanterna vermelha de uma taberna fizeram-no voltar à realidade. Então perguntou a si próprio se tinha razão de ir a casa de Ana. O que diria Kitty?

Stepane Arcadievitch, como se tivesse adivinhando o que se passava no espírito do companheiro, cortou-lhe cerce as meditações.

— Quanto me sinto feliz por ires conhecê-la! Sabes que Dolly o deseja há muito tempo. Lvov também vai a casa dela. Se bem que seja minha irmã, não posso negar a alta superioridade de Ana. É uma mulher notável. Infelizmente a sua situação é mais triste do que nunca.

— Porquê?

— Andamos a negociar o divórcio. O marido consente, mas surgiram umas dificuldades por causa do filho e há três meses que a questão não avança. Desde que o divórcio esteja pronunciado, casará com Vronsky e a sua posição tornar-se-á tão regular como a tua ou a minha.

— Em que consistem as dificuldades?

— Seria muito longo para tas contar. Seja como for, há três meses que está em Moscovo, onde toda a gente a conhece, e não vê outras mulheres a não ser Dolly porque não se quer impor a ninguém. Acreditarás tu que essa estúpida da princesa Bárbara lhe deu a entender que a deixava *por conveniência*? Outra qualquer que não fosse Ana estaria perdida, mas tu vais ver como ela pelo contrário organizou uma vida digna e bem cheia... À esquerda, em frente da igreja — gritou Oblonsky ao cocheiro, inclinando-se pela janela e atirando para trás a peliça apesar dos doze graus de frio.

— Ela não tem uma filha com que se entreter?

— Tu não conheces outro papel para a mulher senão o de criadeira! Com certeza que sim, que se ocupa da filha, mas não faz disso aparato. As suas ocupações são de ordem intelectual, escreve. Vejo-te sorrir e tu não tens razão; o que ela escreve é destinado à mocidade e a mais ninguém fala nisso senão a mim, que mostrei o manuscrito a Varkouev, o editor. Como ele também escreve, disse-me que era uma coisa notável. Não imagines, contudo, que ela tem a pose de uma sabichona. Ana é acima de tudo uma mulher de coração. Encarregou-se de uma inglesa e também da família.

— Por filantropia?

— Para quê estar a meter isto a ridículo? Essa família é a de um inglês treinador de cavalos, muito hábil no seu ofício que Vronsky empregou. O desgraçado, perdido de bêbedo, abandonou a mulher e os filhos. Ana interessou-se por essa desgraçada e acabou por se encarregar dos filhos, mas não só para lhes dar dinheiro, porque ela própria ensina o russo a um dos rapazes para o fazer entrar no liceu e conserva a filhita em casa.

A carruagem entrava nesse momento no pátio. Stepane Arcadievitch bateu à porta diante da qual tinham parado e, sem perguntar se recebiam, despiu a peliça no vestíbulo.

Levine, cada vez mais inquieto sobre a conveniência do passo que ia dar, imitou, contudo, esse exemplo. Achou-se muito vermelho vendo-se ao espelho, mas, certo de não estar bêbedo, subiu a escada atrás de Oblonsky.

Um criado veio recebê-los no primeiro andar e, interrogado familiarmente por Stepane Arcadievitch, respondeu que a senhora estava no gabinete do conde com o Sr. Varkouev.

Atravessaram uma salita de jantar com apainelados e entraram numa casa fracamente iluminada, onde um refletor colocado junto de um grande retrato espalhava uma luz muito suave sobre a imagem de uma mulher de ombros opulentos, cabelos pretos frisados, de sorriso pensativo e olhar perturbador.

Levine ficou fascinado. Uma criatura tão bela não podia existir na realidade. Era o retrato de Ana feito por Mikhailov na Itália.

— Estou encantada... — disse uma voz que se dirigia evidentemente ao recém-chegado.

Era Ana que, dissimulada por um tufo de plantas trepadeiras, se levantava para acolher os visitantes. E na semiobscuridade do quarto, Levine reconheceu o original do retrato em *toilette* simples e elegante, que se não

prestava à manifestação da sua beleza, mas tendo esse encanto soberano tão bem compreendido pelo artista.

Capítulo 10

Ela caminhou direita a ele e não dissimulou o prazer que lhe causava a sua visita. Com a desenvoltura e a simplicidade de uma mulher da melhor sociedade, estendeu-lhe uma mãozita enérgica, apresentou-o a Varkouev e disse-lhe o nome da criança sentada com o seu trabalho junto da mesa.

— Sou muito feliz em travar conhecimento com o senhor, porque há muito tempo que me não é um estranho, graças a Stiva e a sua esposa. Nunca esquecerei a impressão que ela me fez; não se pode compará-la senão a uma linda flor. Já sei que será dentro em breve mãe!

Falava sem se apressar, olhando ora Levine, ora o irmão e pondo o seu visitante à vontade, como se se conhecessem desde crianças.

Oblonsky perguntou-lhe se se podia fumar.

— Foi para isso que nós nos refugiámos no gabinete de Alexei — disse ela avançando um porta-cigarros de tartaruga a Levine depois de ter tirado uma cigarrilha.

— Como estás hoje? — perguntou Stiva.

— Nada mal; um pouco nervosa, como sempre.

— Não é verdade que é lindo? — disse Stepane Arcadievitch notando a admiração de Levine pelo retrato.

— Nunca vi nada de mais perfeito.

— Nem de mais parecido — ajuntou Varkouev.

O rosto de Ana brilhou com um brilho muito particular quando, para comparar o retrato ao original, Levine a olhou atentamente. Este corou e, para esconder a sua perturbação, perguntou à Sra. Karenina quando tinha visto Dolly.

— Dolly? Vi-a anteontem, muito zangada contra os professores do liceu de Gricha, que ela acusa de injustos. Agora estava a conversar com o Sr. Varkouev dos quadros de Votchauko; conhece-os?

— Sim — respondeu Levine. E a conversação versou sobre as novas

escolas de pintura e sobre as ilustrações que um pintor francês acabava de fazer para a Bíblia.

Ana falava com espírito, mas sem nenhuma pretensão, apagando-se voluntariamente para fazer brilhar os outros. Em lugar de se torturar, como o tinha feito de manhã, Levine achou agradável e fácil falar e ouvir. A propósito do realismo exagerado que Varkouev censurava na pintura francesa, Levine fez notar que o realismo era uma reação, nunca tendo sido levada essa convenção na arte mais longe do que em França.

— Não mentir torna-se poesia — disse ele, e sentiu-se feliz por ver Ana rir-se, aprovando-o.

— O que o senhor diz caracteriza igualmente a literatura de Zola e Daudet — replicou ela. — Talvez que seja sempre assim; começa-se sonhando tipos imaginários, um ideal de convenção, mas feitas as combinações esses tipos parecem aborrecidos e frios e cai-se no natural.

— É verdade — disse Varkouev.

— Veem do clube? — perguntou Ana ao irmão, inclinando-se para ele para lhe falar em voz baixa.

Eis uma mulher!, pensou Levine absorvido na contemplação dessa fisionomia móvel que, falando com Stiva, exprimia ora curiosidade, ora cólera e altivez. Mas a comoção de Ana foi passageira; semicerrou os olhos como para rememorar as suas recordações e, voltando-se para a inglesa, disse-lhe:

— *Please, order the tea in the drawing-room.*

A criança levantou-se e saiu.

— Ficou bem no exame? — perguntou Stepane Arcadievitch.

— Ficou sim. É uma criança inteligente e cheia de encantos naturais.

— Acabarás por a preferir à tua própria filha.

— Eis um perfeito juízo de homem! Podem-se comparar esses dois afetos? Amo a minha filha de uma maneira e esta doutra.

— Ah! Se Ana Arcadievna quisesse dispensar em proveito das crianças russas a centésima parte da atividade que consagra a essa inglesa, que serviços a sua energia não prestava! Paria grandes coisas.

— O que quer? Isso não se exige. O conde Alexei Kyrilovitch — e ela olhou para Levine com um ar tímido pronunciando este nome e este respondeu-lhe com um olhar aprovador e respeitoso — encarregou-me de ir visitar as escolas do campo. Tentei-o, mas nunca me pude interessar por elas.

Fala de energia? Mas a base da energia é o amor e o amor não se dá à vontade. Eu ficaria muito embaraçada para lhe dizer porque me liguei a essa pequena inglesa. Nem o sei!

E olhou ainda para Levine, como para lhe provar que falara com o fim de obter a sua aprovação, certa de antemão de que se compreendiam.

— Também sou da sua opinião — disse este. — Não se poderia pôr o coração nessas questões escolares. Por isso as instituições filantrópicas ficam geralmente letra morta.

— Sim — disse Ana depois de um momento de silêncio. — Nunca consegui amar uma oficina de moças, não tenho o coração tão grande, nem mesmo agora, em que tanto preciso de ocupação! — ajuntou ela com ar triste e dirigindo-se a Levine, embora falasse ao irmão. Depois franzindo as sobrancelhas, como para se censurar esta meia confidência, mudou de conversa. — O senhor tem a fama de ser um medíocre cidadão, mas eu defendi-o sempre — disse ela sorrindo para Levine.

— Por que forma?

— Isso dependia dos ataques. Mas se nós fôssemos tomar o chá — disse ela levantando-se e pegando num livro encarnado que estava sobre a mesa.

— Dê-mo, Ana Arcadievna — disse Varkouev apontando o livro.

— Não, é pouca coisa.

— Já lhe falei nele — murmurou Stepane Arcadievitch designando Levine.

— Não fizeste bem, os meus escritos assemelham-se a essas obrazinhas feitas pelos prisioneiros que se vendiam antigamente. São obras de paciência...

Levine sentiu-se chocado pela falta de sinceridade dessa mulher notável como de um encanto mais. Ela não queria dissimular as agruras da sua situação e esse belo rosto tomou uma expressão grave que o embelezou ainda mais. Levine lançou um último olhar ao maravilhoso retrato enquanto Ana tomava o braço do irmão, e um sentimento de ternura e de compaixão se apossou dele.

A Sra. Karenina deixou entrar os dois homens no salão e ficou para trás para falar com Stiva. De que lhe falaria ela? Do divórcio? De Vronsky?

E, comovido, Levine não ouviu nada do que lhe esteve contando Varkouev sobre o livro escrito pela jovem senhora.

Durante o chá conversaram. Os assuntos interessantes não se esgotavam

e todos os quatro pareciam transbordar de ideias; mas detinham-se para deixar falar o vizinho e tudo o que se dizia tomava para Levine um interesse especial. Escutava Ana, admirava a sua inteligência, a cultura do seu espírito, o seu tato e a naturalidade, e procurava penetrar os refolhos da sua vida íntima, dos seus sentimentos.

Ele, tão pronto a julgá-la e tão severo outrora, só pensava em desculpá-la, e o pensamento de que ela não era feliz e que Vronsky a não compreendia apertava-lhe o coração.

Eram mais de onze horas quando Stepane Arcadievitch se levantou para partir. Varkouev tinha-os já deixado havia algum tempo e Levine levantou-se também, mas com pesar; julgava estar lá havia tão pouco tempo!

— Adeus! — disse-lhe Ana retendo-lhe uma das mãos nas suas e com um olhar que o perturbou. — Fico contente que o gelo se tenha quebrado. Diga a sua mulher que a amo como antigamente, e se ela não pode perdoar a minha situação diga-lhe quanto lhe desejo que nunca a venha a conhecer. Para perdoar é preciso ter sofrido e que Deus a livre disso!

— Dir-lho-ei — respondeu Levine corando.

Capítulo 11

Pobre e encantadora mulher!, pensou Levine achando-se na rua bafejado pelo ar frio da noite.

— Que te tinha eu dito? — replicou-lhe Oblonsky vendo-o conquistado. — Não tinha razão?

— Sim — respondeu Levine com ar pensativo. — Essa mulher é verdadeiramente notável e a sedução que ela exerce não é somente devida ao seu espírito; é também ao coração. Causa pena!

— Santo Deus, tudo se há de arranjar, tenho essa esperança. Mas isso prova-te que é preciso desconfiar dos juízos temerários. Adeus, cada um de nós vai por caminho diferente.

Levine entrou em casa subjugado pelos encantos de Ana, procurando lembrar-se dos menores incidentes da noite e persuadido de que compreendia essa mulher superior.

Kousma, abrindo-lhe a porta, informou o patrão de que Catarina Alexandrovna estava bem e que as irmãs tinham saído nessa ocasião. Ao mesmo tempo entregou-lhe duas cartas e Levine leu-as logo. Uma era do feitor, que se queixava de não achar comprador para o trigo por um preço conveniente; a outra era da irmã, que o censurava por ver posta de parte a questão da tutela.

Pois bem, venderemos por menos do nosso preço, pensou ele resolvendo rapidamente o primeiro assunto. *Quanto a minha irmã, está no seu direito de ralhar, mas o tempo passa tão rapidamente que não tive meio de poder ir hoje ao tribunal, embora fizesse essa tenção.*

Consigo mesmo jurou ir lá no dia seguinte e, dirigindo-se para o quarto da mulher, lançou um olhar retrospetivo para o seu dia; que tinha ele feito senão falar, falar sempre? Nenhum dos assuntos abordados o teria preocupado no campo, só tinham importância ali e, embora essas conversas nada tivessem de repreensível, sentia como um remorso no fundo do coração

pelo seu enternecimento por Ana.

Kitty estava triste e pensativa, apesar do jantar das três irmãs ter sido alegre; mas como Levine não voltara, a noite parecera-lhe comprida.

— Como passaste? — perguntou-lhe ela notando-lhe um brilho suspeito nos olhos, mas livrando-se de lho dizer para não o fazer deter nas suas expansões.

— Encontrei Vronsky no clube e estou bem contente. Passou-se tudo naturalmente e daqui para o futuro não haverá mais constrangimento entre nós, embora seja minha intenção não ir procurar a sua companhia. — E dizendo estas palavras «não ir procurar a sua companhia» corou, porque ao sair do clube tinha ido a casa de Ana. — Nós queixamo-nos das tendências do povo para o vinho, mas eu creio que os homens de sociedade bebem tanto como eles e não se limitam só a embebedar-se nos dias de festa!

Kitty interessava-se muito mais com a causa do súbito rubor do marido do que com as tendências do povo para o vinho. Por isso continuou as suas perguntas.

— O que fizeste depois do jantar?

— Stiva atormentou-me para o acompanhar a casa de Ana Arcadievna — respondeu ele corando cada vez mais e não duvidando desta vez da inconveniência da sua visita.

Os olhos de Kitty chisparam, mas conteve-se e disse simplesmente:

— Ah!

— Não te zangues! Stiva pediu-me com tanta insistência e de mais sabia que Dolly também o desejava.

— Oh! não! — respondeu ela com um olhar que não predizia nada de bom.

— É uma mulher encantadora que se deve lastimar — continuou Levine, e contou a vida que Ana levava, transmitindo a Kitty as suas palavras.

— De quem foi que recebeste uma carta?

Ele disse-lho e, enganado por essa calma aparente, foi para o seu quarto despir-se. Quando voltou, Kitty não se movera; sentada no mesmo lugar viu-o aproximar-se e desfez-se em lágrimas.

— O que foi? — perguntou ele inquieto, compreendendo a causa dessas lágrimas.

— Estás apaixonado por essa terrível mulher, vi-o nos teus olhos. Já te enfeitiçou. E podia ser por outra forma? Estiveste no clube, bebeste muito,

onde poderias tu ir senão a casa de uma mulher como ela? Não, isto não pode continuar assim; amanhã partiremos.

Levine teve grande dificuldade em acalmar a mulher e só o conseguiu prometendo não mais voltar a casa de Ana, cuja perniciosa influência, junta a um excesso de champanhe, lhe tinha perturbado a razão. O que ele confessou com a maior sinceridade foi o mau efeito que lhe produzia essa vida inútil passada a beber, comer e tagarelar.

Continuaram conversando pela noite fora e só chegaram a adormecer pelas três horas da manhã, bastante reconciliados para poderem dormir.

Capítulo 12

Depois de se ter despedido das visitas, Ana pôs-se a passear pelas casas. Ela não escondia que depois de certo tempo as suas relações com os homens se impregnavam de uma garridice quase involuntária e confessava que fizera o possível para dar volta à cabeça de Levine; mas embora este lhe agradasse e achasse, como Kitty, uma relação íntima entre ele e Vronsky, apesar de certos contrastes exteriores, não era nele que pensava. Um só e mesmo pensamento a perseguia.

— Porque é, visto que exerço uma atração tão sensível sobre um homem casado, apaixonado pela mulher, que a não tenho sobre ele? Porque se torna tão frio? Ele ainda me ama, mas há alguma coisa, que nos separa? Ainda não voltou sob o pretexto de vigiar Yavshine. Yavshine é uma criança? Contudo não mente; o que ele me quer provar é que pretende conservar a sua independência. Eu não o contesto, mas que necessidade tem ele de a afirmar assim? Não pode ele compreender o horror da vida que eu levo? Esta longa espectativa de uma resolução que não vem? Sempre sem resposta! E que posso eu fazer? Que posso eu tentar? Nada senão conter-me, morder o meu freio, forjar distrações! E o que são esses ingleses, essas leituras, esse livro, senão tentativas para me aturdir, como a morfina que tomo à noite! Só o seu amor me salvaria! — disse ela; e lágrimas de piedade pela sua própria sorte lhe saltaram dos olhos.

Um toque de campainha bem conhecido retiniu e imediatamente Ana, limpando os olhos, fingiu uma grande calma e se sentou junto da lâmpada com um livro na mão. Ela queria manifestar o seu descontentamento, mas não deixar ver a sua dor. Vronsky não devia lastimá-la; era assim que ela própria provocava a luta que ela censurava ao amante querer manter.

Vronsky entrou com um ar contente e animado, aproximou-se dela e perguntou-lhe alegremente se não se tinha aborrecido.

— Não, é uma coisa de que me desabituei já. Stiva e Levine vieram ver-

me.

— Já o sabia; Levine agrada-te? — perguntou ele sentando-se junto dela.

— Muito! Acabam de partir. Que fizeste de Yavshine!

— Que terrível paixão do jogo! Tinha ganho dezassete mil rublos e tinha conseguido trazê-lo quando se me escapou; neste momento deve estar a perder tudo.

— Então para que o vigiaste? — disse Ana levantando a cabeça bruscamente e encontrando o olhar gelado de Vronsky. — Depois de teres dito a Stiva que ficavas com ele para o impedir de jogar, acabaste por o abandonar?

— Primeiro não encarreguei Stiva de nenhuma comissão, segundo não tenho o hábito de mentir — respondeu ele com a fria resolução de lhe resistir. — Fiz o que me convinha fazer. Porque são essas recriminações, Ana? — ajuntou ele depois de um momento de silêncio, estendendo-lhe a mão aberta na esperança de que ela aí poria a sua. Mas um mau espírito a deteve.

— Com certeza que tu fazes o que entendes e quem o duvida; mas porque dizê-lo desse modo? — respondeu ela enquanto Vronsky retirava a sua mão num ar mais resoluto ainda. — É uma questão de teima, de opinião — disse ela. — Trata-se de saber quem vencerá. Se tu soubesses quanto me sinto à beira de um abismo, e que medo tenho de mim própria quando te vejo assim hostil!

E cheia de tristeza pela sua malfadada sorte, voltou o rosto para lhe esconder os soluços.

— Mas a que propósito vem tudo isto? — disse Vronsky sentindo bem esse desespero e inclinando-se para Ana para lhe tomar a mão e beijá-la. — Podes censurar-me o procurar distrações fora de casa? Não fujo eu da companhia das mulheres?

— Também só me faltava isso!

— Vamos, diz-me o que é preciso que faça para te tornar feliz, que eu estou disposto a tudo para te poupar uma dor! — disse ele comovido por a ver tão desgraçada,

— Não é nada! — respondeu ela. — A solidão, os nervos; não falemos mais nisto. Conta-me o que se passou nas corridas; ainda não me disseste nada — continuou procurando dissimular o orgulho que experimentara em ter obrigado esse caráter absoluto a vergar-se diante dela.

Vronsky pediu de cear e, comendo, foi-lhe contando os incidentes da

corrida; mas pelo som da sua voz, pelo seu olhar cada vez mais frio, Ana compreendeu que estava pagando a vitória que acabava de alcançar e que ele lhe não perdoava as palavras: «Tenho medo de mim própria, sinto-me à beira de um abismo».

Era uma arma perigosa que era necessário não empregar; elevava-se entre eles, como um espírito de luta, e apesar de ela o sentir, não era senhora de se dominar, assim como Vronsky.

Capítulo 13

Alguns meses antes Levine não teria julgado possível adormecer sossegadamente depois de um dia como aquele que acabava de passar. Mas habituamo-nos a tudo, principalmente quando se vê os outros fazerem a mesma coisa. Dormia, pois, tranquilamente sem cuidados pelas suas despesas exageradas, pelo seu tempo perdido, pelos seus excessos no clube, pela sua absurda aproximação com um homem outrora apaixonado por Kitty e pela visita mais absurda ainda a uma pessoa, que no fim de tudo era uma mulher perdida.

O ruído de uma porta, que se entreabria, acordou-o de sobressalto. Kitty não estava junto dele e por detrás do biombo, que dividia o quarto, apercebeu uma luz.

— O que há, Kitty, és tu?

— Não é nada — respondeu esta aparecendo com uma vela na mão e sorrindo-lhe com um ar significativo. — Não estou bem.

— O quê? Começa isso? — exclamou ele aterrado procurando o fato para se vestir à pressa.

— Não, não é nada, já passou — disse ela retendo-o com ambas as mãos; e aproximando-se do leito apagou a vela e tornou-se a deitar.

Levine estava tão fatigado que, apesar do terror que experimentara vendo a mulher aparecer com uma luz na mão, adormeceu imediatamente. Quanto aos pensamentos que deviam agitar essa alma tão querida à espera do momento mais solene que pode marcar a vida de uma mulher, só mais tarde refletiu neles.

Pelas sete horas Kitty, entre o receio de o acordar e o desejo de lhe falar, resolveu-se a bater-lhe nas costas.

— Kostia, não tenhas medo, não é nada, mas parece-me melhor mandar buscar Lisavetta Petrovna.

Tornou a acender a vela e Levine viu-a sentada na cama esforçando-se

por saltar para o chão.

— Peço-te, não tenhas medo, eu não tenho nenhum — disse ela vendo o ar aterrado do marido. E pegou-lhe na mão para a encostar ao coração e depois aos lábios.

Levine saltou da cama abaixo, enfiou o roupão e, sem deixar a mulher com os olhos, encheu-se das mais amargas censuras lembrando-se da cena da véspera. Esse rosto tão querido, esse olhar, essa expressão encantadora que ele amava tanto apareceram-lhe sob uma nova luz. Nunca essa alma cândida e transparente se lhe descobrira assim e, desesperado por ter de se ir, não se podia arrancar à contemplação desse rosto animado por uma alegre resolução.

Kitty também o olhava; mas de repente as sobrancelhas franziram-se-lhe, atraiu o marido para si e apertou-se contra o peito dele, como sob a pressão de uma dor viva. O primeiro movimento de Levine vendo esse sofrimento mudo foi ainda o de se julgar culpado. O olhar cheio de ternura de Kitty sossegou-o; longe de o acusar, ela parecia amá-lo mais e, gemendo, parecia estar orgulhosa com o seu sofrimento. Então sentiu que ela atingia uma altura de sentimentos que ele não podia compreender.

— Vai — disse-lhe ela um momento depois. — Já não sofro. Traz-me Lisavetta Petrovna. Já mandei dizer à mamã.

E com grande espanto Levine viu-a retomar o trabalho depois de ter tocado para a criada. Quando ele entrou depois de se ter vestido à pressa e de ter mandado arranjar *a* carro, veio encontrá-la a andar, tomando as suas disposições para o arranjo do quarto.

— Vou a casa do doutor; já mandei prevenir a parteira. Não é preciso mais nada? Ah! Sim, Dolly.

Ela olhava-o sem o ouvir e com a mão fez-lhe um gesto.

— Sim, sim, vai — disse-lhe.

Quando ele ia atravessando o salão julgou ouvir um gemido.

É ela que geme!, pensou, e apertando a cabeça nas mãos fugiu correndo. *Tende piedade de nós, Senhor! Perdoa-nos, ajuda-nos!,* dizia ele do fundo do coração, e ele, o incrédulo, não conhecendo bem o ceticismo nem a dúvida, invocou Aquele que tinha em seu poder a sua alma e o seu amor.

O cavalo ainda não estava engatado; para não perder tempo e ocupar as suas forças e a atenção, partiu a pé, dando ordem ao cocheiro para o seguir.

À esquina da rua viu um pequeno *trenó* chegando a trote do seu magro cavalo e trazendo Lisaveta Petrovna de casaco de veludo, com a cabeça

envolvida num xaile.

— Santo Deus! — murmurou ele vendo com alegria o rosto escuro da parteira, sério e grave.

Correu direito ao *trenó* e fê-lo parar.

— Está há mais de duas horas? — perguntou Lisaveta Petrovna. — Então não dê pressa ao médico e, quando passar pela farmácia, traga ópio.

— Julga que tudo se passará sem novidade? — perguntou ele. — Que Deus nos ajude!

E vendo chegar o seu cocheiro, subiu para o *trenó* e foi a casa do doutor.

Capítulo 14

O doutor estava ainda a dormir e um criado absorvido na limpeza das lâmpadas declarou que o patrão, tendo-se deitado tarde, proibira de o acordarem.

Levine ao princípio zangou-se, mas acabou por se resolver a ir à farmácia, prometendo ficar calmo e decidir empregar todos os esforços para atingir o seu fim, que era o de levar o médico. Na farmácia começaram por lhe recusar o ópio com a mesma indiferença que o criado do médico tivera para ir acordar o patrão. Levine insistiu, deu o nome do médico que o mandava, da parteira e acabou por obter o medicamento; mas exausto de paciência arrancou a caixa das mãos do farmacêutico, que a estava etiquetando e embrulhava com uns cuidados exasperantes.

O doutor ainda dormia e dessa vez o criado estava sacudindo os tapetes. Resolvido a conservar o seu sangue-frio, Levine tirou uma nota de dez rublos da carteira e, metendo-a na mão do inflexível servidor, assegurou-lhe que Pedro Dmitritch lhe não ralharia porque prometera ir a qualquer hora do dia ou da noite.

Como esse Pedro Dmitritch tão insignificante se tornava agora uma personagem importante aos olhos de Levine!

O criado, que esses argumentos tinham convencido, abriu a sala de espera e imediatamente se ouviu no quarto vizinho o doutor a tossir e a responder que se ia levantar. Três minutos não tinham passado quando Levine, fora de si, se pôs a bater à porta do quarto de dormir.

— Pedro Dmitritch, em nome do céu, desculpe-me, mas ela está a sofrer há mais de duas horas!

— Lá vou, lá vou — respondeu o doutor, e pelo som da sua voz Levine compreendeu que ele sorria.

Esta gente não tem coração, pensou ele ouvindo o doutor a vestir-se. *Como pode ele estar a pentear-se e a lavar-se tranquilamente quando uma*

questão de vida ou de morte se agita talvez neste momento!

— Bom dia, Konstantin Dmitritch — disse o médico entrando sossegadamente na sala. — O que há?

Levine começou logo uma longa narração circunstanciada e cheia de uma multidão de pormenores inúteis, interrompendo-se a cada instante para apressar o médico para sair. Por isso julgou que ele se estava a divertir quando lhe propôs primeiro tomar café.

— Compreendo-o — ajuntou o médico sorrindo. — Mas acredite, não há pressa nenhuma e nós, os maridos, fazemos triste figura neste caso. O marido de uma das minhas clientes geralmente mete-se para a cocheira.

— Mas pensa que tudo se passará bem?

— Tenho toda a fé que sim.

— Vamos embora, não é verdade? — disse Levine vendo o criado com um prato.

— Dentro de uma hora.

— Santo Deus!

— Pois bem! Deixe-me tomar o café, irei logo em seguida.

Mas vendo o doutor proceder fleumaticamente ao almoço, Levine não pôde mais.

— Vou-me embora — disse. — Jure-me que virá dentro de um quarto de hora.

— Conceda-me meia hora.

— Palavra de honra?

Levine encontrou à porta a princesa, que acabava de chegar, e ambos se encaminharam para o quarto de Kitty depois de se terem beijado com as lágrimas nos olhos.

Desde que acordara, Levine compreendera a situação e achava-se decidido a sustentar a coragem da mulher, prometendo esconder as suas impressões e conter o coração com as duas mãos. Desconhecendo a duração aproximada dessa prova, julgava ter-lhe dado um termo considerável tomando a resolução de se manter sereno durante cinco horas. Mas quando, ao voltar ao cabo de uma hora, veio encontrar Kitty sempre a sofrer, o receio de não poder resistir ao espetáculo das suas torturas apossou-se dele e começou a invocar o céu para não desfalecer.

Cinco horas passaram e o estado de Kitty continuava o mesmo, e com o coração despedaçado viu que o seu terror aumentava com os sofrimentos

dela. Pouco a pouco as condições habituais da vida desapareceram, a noção do tempo cessou de existir e conforme a mulher se apertava febrilmente a ele ou o repelia com um gemido, os minutos pareciam-lhe horas ou as horas minutos.

Quando a parteira pediu luz, ele ficou admirado de que já fosse noite. Como se tinha passado esse dia? Não o saberia dizer. Vira-se junto de Kitty agitada e gemendo, depois calma e quase risonha procurando acalmá-lo; depois achara-se junto da princesa, vermelha de comoção, com os cabelos brancos despenteados, e mordendo os lábios para não chorar; vira também Dolly, o doutor fumando grossos cigarros, a parteira com um rosto sério, mas sereno, o velho príncipe passeando pela casa de jantar com um ar sombrio.

As idas e vindas confundiam-se lhes na memória. A princesa e Dolly acharam-se com ele no quarto de Kitty, depois de repente tinham ido todos para uma sala onde uma mesa com comida fizera a sua aparição.

A ele empregavam-no nos recados; mudava com precaução os divãs, as mesas e fora até ele que arranjara a cama para a noite. Mandaram-no perguntar qualquer coisa ao doutor e este respondia-lhe e falava-lhe das desordens imperdoáveis da Douma; foi a casa da princesa descobrir uma imagem santa no seu quarto com a ajuda de uma velha aia e quebrou uma lampadazita, e a aia consolava-o desse acidente e enchia-o de coragem com respeito à mulher.

Como acontecera tudo isso? Porque lhe agarrava a princesa na mão com ar compassivo? Porque é que Dolly o procurava fazer comer à força de raciocínios? Porque é que o próprio doutor lhe oferecia pílulas olhando-o gravemente?

Sentia-se no mesmo estado moral que um ano antes junto do leito de morte de Nicolau; a espectativa da dor, como agora a da felicidade, transportou-o acima no nível habitual da existência, a alturas em que ele descobria cumes mais elevados ainda e a sua alma orava a Deus com a mesma simplicidade e com a mesma paz que no tempo da sua infância. A vida dele durante longas horas pareceu-lhe dupla; uma parte passava-se aos pés do leito de Kitty, a outra em sua casa, no seu gabinete, a falar de coisas indiferentes. E sempre um sentimento de culpabilidade se apossava dele quando um gemido lhe chegava aos ouvidos. Levantava-se, corria para junto da mulher e pelo caminho lembrava-se que não podia nada; querendo-a ajudar, punha-se a orar.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 15

As velas tinham-se acabado de queimar nos castiçais e Levine, sentado junto do doutor, ouvia-o discorrer sobre o charlatanismo dos magnetizadores quando um grito, que nada tinha de humano, retiniu. Ficou petrificado, sem se atrever a mexer-se, olhando para o doutor com espanto. Este inclinou a cabeça, como para ouvir melhor, e sorriu num ar de aprovação.

Levine chegara a não se admirar de nada e pensou consigo: *Isto deve ser assim*. Mas para ver a causa desse grito entrou na ponta dos pés no quarto da doente. Evidentemente passava-se alguma coisa de novo; reconheceu-o pela grave expressão do rosto pálido da parteira, que não abandonava Kitty com os olhos. A pobre pequena voltou os olhos para ele e procurou com a sua mão branda a mão do marido, que apertou contra a fronte.

— Deixa-te estar, não tenhas medo — disse ela com uma voz brusca. — Mamã, tira-me os brincos das orelhas. Isto acabará dentro em pouco, não é verdade, Lisaveta Petrovna?

Enquanto estava falando, o rosto desfigurou-se-lhe repentinamente e o mesmo grito espantoso retiniu.

Levine apertou a cabeça com as mãos e fugiu do quarto.

— Não é nada, tudo vai bem — murmurou-lhe Dolly.

Mas por mais que lhe dissessem, ele sabia agora que tudo estava perdido. Apoiado ao alisar da porta, perguntava se podia ser Kitty quem dava semelhantes uivos. Na criança pensava só para lhe ter horror; nem mesmo já pedia a Deus a vida da mulher, mas que pusesse um termo a tão atrozes sofrimentos.

— Doutor, o que é que isto quer dizer? — perguntou ele agarrando o braço do médico, que vinha a entrar.

— É o fim — respondeu ele num tom tão sério que Levine julgou que Kitty estava a morrer.

Não sabendo o que fazer, voltou ao quarto, julgando morrer com a

mulher e não a reconhecendo já nessa criatura torturada que jazia diante dele! Segredava-se no meio de constantes idas e vindas e a voz de Kitty, murmurando com uma indefinível expressão de felicidade «Acabou-se!», chegou até ele. Levantou a cabeça; ela estava-o olhando com uma mão descaída sobre o cobertor, bela, de uma beleza sobrenatural e procurando sorrir-lhe.

As cordas muito tensas quebraram-se e, saindo desse mundo misterioso e terrível em que se tinha agitado durante vinte e duas horas, Levine sentiu que entrava na existência de uma luminosa felicidade; e lágrimas e soluços, que estava longe de prever, o sacudiram tão violentamente que não pôde falar. De joelhos junto da mulher, encostava os lábios à mão de Kitty, enquanto aos pés da cama se movia entre as mãos da parteira, semelhante à luz vacilante de uma lâmpada, a fraca chama de vida desse ser humano que entrava no mundo com direitos à existência e à felicidade e que um segundo antes ainda não existia.

— Está vivo, não tenha medo, e é um rapaz — ouviu Levine dizer enquanto, com mão trémula, Lisaveta Petrovna friccionava as costas do recém-nascido.

— Mamã, é bem verdade? — perguntou Kitty.

A princesa respondeu-lhe num soluço.

Como para tirar todas as dúvidas à mãe, uma voz se elevou no silêncio geral; e essa voz era um grito muito particular, atrevido, decidido, quase impertinente, dado por esse novo ser humano.

Levine, alguns momentos antes, teria acreditado sem hesitação, se alguém lho tivesse dito, que Kitty e ele estavam mortos, que ela e seu filho eram anjos, que se achavam na presença de Deus. E agora que voltava à realidade, foi-lhe preciso fazer um esforço prodigioso para admitir que sua mulher vivia, que estava bem e que esse pequenino ser era seu filho. A felicidade de saber Kitty salva de perigo era imensa; mas porquê essa criança? Donde vinha ela?

Essa ideia pareceu-lhe difícil de aceitar e durante muito tempo esteve sem se lhe poder habituar.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 16

O velho príncipe, Sergei Ivanitch e Stepane Arcadievitch acharam-se reunidos no dia seguinte pelas dez horas da manhã em casa de Levine para saberem notícias da parturiente. Levine julgava-se separado da véspera por um intervalo de cem anos; ouvia os outros falarem e fazia esforços para descer até eles, sem os ofender, das alturas em que pairava. Falando em coisas indiferentes, pensava na mulher, no seu estado de saúde, no filho em cuja existência não acreditava ainda.

O papel da mulher na vida tomara para ele uma grande importância depois do seu casamento, mas o lugar que agora ocupava na realidade ultrapassava todas as suas previsões.

— Vê lá se posso entrar — disse o velho príncipe vendo-o levantar-se da cadeira para ir ver o que se passava no quarto de Kitty.

Ela não dormia; penteada com fitas azuis e bem aconchegada na cama, estava estendida com as mãos sobre o cobertor e falando em voz baixa com a mãe. O seu olhar brilhou vendo aproximar o marido; o rosto tinha a calma sobre-humana que se nota na morte. Mas em lugar de um adeus, ela exprimia o bom acolhimento a uma nova vida. A comoção de Levine foi tão grande que teve de voltar a cabeça.

— Dormiste um pouco — perguntou ela. — Eu passei pelo sono e sinto-me bem!

A expressão do rosto mudou-se-lhe subitamente quando ouviu o filho vagir.

— Dê-mo cá para o mostrar ao pai — disse ela para a parteira.

— Já lho vamos mostrar, logo que acabemos de lhe fazer a *toilette* — respondeu esta arranjando a criança aos pés da cama.

Levine olhou para o pequenito com esforços vãos para descobrir em si sentimentos paternais. Contudo encheu-se de compaixão vendo a parteira mexer esses tenros membros e fez um gesto para a deter.

— Esteja sossegado — disse esta rindo-se. — Não lhe farei mal nenhum.

Depois de o ter arranjado como entendia, apresentou-o com orgulho, dizendo:

— É uma criança soberba.

Mas essa criança soberba com o rosto vermelho, os olhos fechados e a cabeça trémula só inspirou a Levine sentimentos de compaixão e desgosto. Esperava outra coisa e voltou-se enquanto a parteira o depunha nos braços de Kitty. Imediatamente esta se pôs a rir, porque a criança lhe pegara no seio.

— Agora chega — disse a parteira ao cabo de um momento; mas Kitty não quis largar o filho, que adormeceu junto dela.

— Olha-o agora — disse ela voltando a criança para o pai no momento em que o pequenino rosto tomava uma expressão mais envelhecida ainda por causa de uma careta.

Levine quase que chorou de enternecimento; beijou a mulher e deixou o quarto.

Quanto aos sentimentos que lhe inspirava esse pequenino ser, eram diferentes daqueles que ele previra! Não experimentava nem orgulho, nem felicidade, mas uma compaixão profunda, um medo tão vivo de que essa pequena criatura sem defesa sofresse, que vendo-a franzir o rosto não pudera deixar de sentir uma alegria imbecil.

Capítulo 17

Os negócios de Stepane Arcadievitch atravessavam uma fase crítica; tinha já despendido dois terços do dinheiro arranjado com a venda do bosque e o comprador não queria adiantar mais nada. Dolly, pela primeira vez na sua vida, recusara a assinatura quando ele quisera dar um recibo para desconto do terceiro terço do pagamento. Daí para o futuro ela queria afirmar os seus direitos sobre a sua fortuna pessoal.

A situação tornava-se má, mas Stepane Arcadievitch só a atribuía à pequenez do seu ordenado e censurava-se vendo muitos camaradas ocuparem funções remuneradoras, enquanto ele dormia e se deixava esquecer. Por isso pôs-se à procura de qualquer lugar bem pago e, pelos fins do inverno, julgou tê-lo encontrado. Era um desses lugares, como se encontram agora, variando entre mil e cinquenta mil rublos por ano e exigindo aptidões tão variadas, ao mesmo tempo que uma atividade tão extraordinária que à falta de se achar um homem perfeitamente preparado para o exercer, se contentavam em lá pôr um homem *sério*.

Stepane Arcadievitch era-o em toda a expressão da palavra, segundo a compreensão da sociedade moscovita, porque em Moscovo a seriedade tem duas formas de se manifestar: uma consiste em saber manter-se bem com os governos e outra em não prejudicar o próximo.

Oblonsky podia acumular este novo cargo com as suas funções atuais e ganhar assim um aumento de receitas de sete a dez mil rublos. Mas tudo dependia da boa vontade de dois ministros, de uma senhora e de dois israelitas, que ele devia procurar em S. Petersburgo depois de ter posto em campo as influências de que dispunha em Moscovo.

Tendo prometido também a Ana ir ver Karenine por causa do divórcio, extorquiu a Dolly cinquenta rublos e partiu para a capital.

Recebido por Karenine, teve de começar por ouvir a exposição de um projeto de reforma sobre o levantamento das finanças russas, esperando o

momento de dizer alguma coisa sobre os seus projetos pessoais e os de Ana.

— E está muito bem — disse ele quando Alexei Alexandrovich, parando a leitura, tirou a luneta, sem a qual já não podia ler, para olhar para o cunhado com um ar interrogador. — Está muito bem no pormenor, mas o princípio dirigente da nossa época não é em definitivo a liberdade?

— O princípio novo, que eu exponho abrange igualmente o da liberdade — respondeu Alexei Alexandrovich pondo a luneta para indicar no seu elegante manuscrito uma passagem concludente. — Porque se eu reclamo o sistema protecionista não é para vantagem de um pequeno número, mas para o bem de todos, para as classes baixas como para as classes elevadas, e é isso que eles não querem compreender — ajuntou olhando para Oblonsky por sobre a luneta — absorvidos como estão pelos seus interesses pessoais e tão satisfeitos com frases vazias.

Stepane Arcadievitch sabia que Karenine estava no fim das suas demonstrações quando interpelava *aqueles* que se opunham às reformas que ele elaborava. Por isso não procurou salvar o princípio da liberdade e esperou que Alexei Alexandrovich se calasse, folheando o manuscrito com um ar pensativo.

— A propósito — disse Oblonsky depois de um momento de silêncio — pedia-te que, no caso de encontrares Pomorsky, lhe dizeres uma palavra a meu respeito: queria ser nomeado membro da comissão das agências reunidas do crédito mútuo e dos caminhos de ferro do sul.

Stepane Arcadievitch sabia dizer, sem se enganar, o nome do lugar a que aspirava.

— Porque queres tu esse lugar? — perguntou Karenine receando uma contradição com os seus planos de reforma. Mas o funcionamento dessa comissão era tão complicado e os projetos de reforma de Karenine tão vastos que à primeira vista se lhe não podia achar a ligação.

— O ordenado é de nove mil rublos e os meus meios...

— Nove mil rublos! — repetiu Karenine lembrando-se de que um dos pontos em que ele insistia era a economia. — Esses ordenados exagerados são, como o mostro no meu livro, uma prova dos defeitos do nosso «estado» económico.

— Um diretor de Banco ganha bem dez mil rublos e um engenheiro até vinte mil; esses lugares não são sinecuras.

— Na minha opinião esses ordenados devem ser considerados no mesmo

ponto de vista que o preço de uma mercadoria e, por consequência, estar sujeitos às mesmas leis da oferta e da procura. Ora, se eu vejo dois engenheiros igualmente capazes, tendo feito os mesmos estudos, receber um quarenta mil rublos, enquanto o outro se contenta com dois mil, e se por outro lado vejo um hússar que não possui nenhuns conhecimentos especiais tornar-se diretor de um Banco com ordenados fenomenais, concluo que há nisso um vício económico de uma desastrosa influência sobre o serviço de Estado.

— No entanto deves convir que é essencial fazer ocupar esses lugares por homens *sérios* — interrompeu Stepane Arcadievitch acentuando esta última palavra.

— É um mérito negativo — respondeu Alexei Alexandrovich insensível à significação moscovita dessa palavra.

— No entanto dá-me o prazer de falares a Pomorsky.

— De boa vontade, mas parece-me que Bolgarine deve ter mais influência.

— Bolgarine já está falado — apressou-se a dizer Oblonsky muito corado, lembrando-se com certo mal-estar da visita que fizera nessa mesma manhã a esse israelita e a forma como ele, príncipe Oblonsky, descendente de Rurick, tinha tido de esperar, depois de uma grande demora, para ser recebido com uma delicadeza obsequiosa que mal escondia o triunfo de Bolgarine, orgulhoso por se ver solicitado por um príncipe.

Quase que recebera uma recusa, mas só agora o recordava, tanto o procurara esquecer.

Capítulo 18

— Resta-me ainda uma coisa a pedir-te. Adivinhas o que é? Ana... — disse Stepane Arcadievitch repelindo do seu pensamento recordações desagradáveis.

A esse nome, o rosto de Karenine tomou uma expressão de rigidez cadavérica.

— O que querem ainda de mim? — disse ele voltando-se no *fauteil* e fechando a luneta.

— Uma decisão qualquer, Alexei Alexandrovich. Dirijo-me a ti, não como... — e ia a dizer «marido enganado», mas deteve-se para pronunciar pouco a propósito — homem de Estado, mas como cristão e homem de coração. Tem piedade dela.

— De que modo? — perguntou Karenine mansamente.

— Se a visses, meter-te-ia pena. A sua situação é cruel.

— Eu julgava — disse de repente Karenine com uma voz incisiva — que Ana Arcadievna obtivera tudo o que desejava!

— Não recriminemos, Alexei Alexandrovich. O passado não nos pertence. O que ela agora espera é o divórcio.

— Eu tinha julgado compreender que, no caso de eu conservar o meu filho, Ana Arcadievna recusava o divórcio. O meu silêncio equivalia pois a uma resposta, porque considero essa questão como liquidada — disse ele animando-se cada vez mais.

— Não nos exaltemos, por favor — disse Stepane Arcadievitch tocando o joelho do cunhado. — Recapitulemos antes. No momento da vossa separação, com uma generosidade inaudita, tu deixavas-lhe o filho e aceitavas o divórcio. Então ela sentia-se muito culpada para contigo e muito humilhada para aceitar. Mas o futuro provou-lhe que ela criara para si uma situação intolerável...

— A situação de Ana Arcadievna em nada me interessa — disse

Karenine encolhendo os ombros.

— Deixa-me não acreditar — respondeu Oblonsky com doçura. — Mas admitindo que ela, na tua opinião, tenha merecido o sofrimento, o facto é que nós todos somos desgraçados e te suplicamos que tenhas compaixão dela. A quem é que os seus sofrimentos aproveitam?

— Na verdade dir-se-ia que é a mim que me acusam disso?

— Mas não — disse Stepane Arcadievitch tocando desta vez o braço de Karenine, como se esperasse suavizá-lo com os seus gestos. — Eu quero simplesmente fazer-te compreender que tu não perdes nada em que a sua posição se esclareça. De resto tu prometeste; deixa-me arranjar tudo, tu não terás que te ocupar com coisa nenhuma.

— O meu consentimento dei-o outrora e pude acreditar que Ana Arcadievna teria por seu turno a generosidade de compreender...

Os lábios trémulos de Karenine mal puderam pronunciar estas palavras.

— Ela já não pede o filho, ela só pede a forma de sair da situação difícil em que se encontra. O divórcio torna-se para ela uma questão de vida ou de morte. Talvez ela se tivesse submetido, se não tivesse confiança na tua promessa e se depois dos seis meses que tem vivido em Moscovo não vivesse numa febre de espectativa. A sua situação é a de um condenado à morte que tivesse há seis meses a corda ao pescoço e não soubesse se devia esperar o perdão ou o golpe final. Tem piedade dela e quanto aos escrúpulos...

— Eu não falo disso — interrompeu Karenine com desgosto. — Mas eu prometi mais do que aquilo que posso conceder.

— Então recusas?

— Eu não recuso nunca o possível, mas peço tempo para refletir. Tu dizes que és um livre-pensador, mas eu que sou crente, não posso iludir a lei cristã numa questão assim tão grave.

— A nossa igreja não admite então o divórcio? — gritou Stepane Arcadievitch saltando da cadeira.

— Não nesse sentido.

— Alexei Alexandrovich, já te reconheço! — disse Oblonsky depois de um momento de silêncio. — Eras tu que dizias antigamente: «Depois do manto, é preciso dar ainda o fato», e agora...

— Sou obrigado a acabar com esta conversa — disse Karenine levantando-se repentinamente e a tremer muito.

— Perdoa-me o afligir-te — respondeu Oblonsky confuso; e estendeu-

lhe a mão. — Mas era preciso cumprir a missão de que estava encarregado.

Karenine pôs a sua mão na de Stepane Arcadievitch e disse depois de ter refletido um momento:

— Depois de amanhã terão a minha resposta definitiva. É preciso que eu pense.

Capítulo 19

Stepane Arcadievitch ia sair quando o criado anunciou:

— Sergei Alexeivitch.

— Quem é? — perguntou Oblonsky. — Mas é o Sergei — disse, encantado. *E eu que julgava que se trataria de algum chefe de repartição. Ana pediu-me que o visse*, pensou.

E lembrou-se do ar tímido e triste com que Ana lhe dissera: «Vê-lo-ás e poderás saber o que faz, onde está, quem é que cuida dele. E se fosse possível, Stiva, com o divórcio...»

Ele tinha compreendido o ardente desejo dela de conseguir ficar com o filho; mas depois da conversa que acabava de ter, estava isso posto de parte. Mas nem por isso deixou de ficar menos contente por tornar a ver Sergei, embora Karenine se apressasse a preveni-lo de que lhe não falasse na mãe.

— Ficou gravemente doente depois da sua última entrevista; receámos um momento pela sua vida. Por isso agora que está bom e forte por causa dos banhos do mar, segui o conselho do doutor e meti-o num colégio. A convivência com rapazes da mesma idade exerce sobre ele uma salutar influência, anda à maravilha e trabalha bem.

— Mas já não é uma criança, está na verdade um homem! — exclamou Stepane Arcadievitch vendo entrar um rapaz robusto, com um fato de escola, que correu sem nenhuma timidez para o pai. Sergei cumprimentou o tio como se fosse um estranho, depois reconhecendo-o voltou-se e estendeu as notas ao pai.

— Está bem! — disse este. — Podes ir brincar.

— Está mais alto e mais magro e perdeu o seu ar acriançado — observou Stepane Arcadievitch sorrindo. — Lembras-te de mim?

— Sim, meu tio — respondeu a criança, que se esquivou o mais depressa possível.

Havia um ano que Sergei tornara a ver a mãe, e as suas recordações

tinham-se apagado pouco a pouco. A vida que levava, rodeado de rapazes, contribuía para isso, repelindo mesmo esses pensamentos como indignos de um homem. E como ninguém lhe falava da mãe, concluíra que os pais se tinham zangado e que se devia habituar à ideia de ficar com o pai. A vista do tio perturbou-o; receou cair numa sensibilidade que aprendera a temer e preferiu por isso não pensar no passado.

Stepane Arcadievitch, ao deixar o gabinete de Karenine, foi encontrá-lo a brincar na escada e a criança mostrou-se mais comunicativa longe da presença do pai. Deixou-se interrogar sobre as lições, sobre as brincadeiras, os companheiros, respondeu ao tio com um ar satisfeito e este, admirando esse olhar vivo e alegre tão semelhante ao da mãe, não se pôde impedir de lhe perguntar:

— Lembras-te de tua mãe?

— Não — respondeu a criança tornando-se de púrpura; e o tio não conseguiu fazê-lo falar.

Quando o perceptor foi à escada procurar Sergei uma meia hora depois, não pôde ver se ele chorava ou se estava zangado.

— Sucedeu-lhe algum mal? — perguntou.

— Se me tivesse sucedido, ninguém deixava de o saber — respondeu a criança.

— Então o que tem?

— Nada. Deixe-me. Porque é que me não deixam sossegado? O que é que lhes pode fazer que me esqueça ou que me lembre?

E a criança parecia desafiar o mundo inteiro.

Capítulo 20

Stepane Arcadievitch não consagrou a sua estada em S. Petersburgo exclusivamente aos seus negócios; vinha também, dizia ele, «limpar-se», porque Moscovo, a despeito dos seus cafés cantantes e dos seus tranvias, não deixava de ser uma espécie de lodaçal em que se embrutecia moralmente. O resultado forçado de uma vida muito prolongada nessa água estagnada era o de inutilizar o corpo e o espírito. O próprio Oblonsky lá tornava-se desagradável, zangava-se com a mulher, preocupava-se com a sua saúde, com a educação dos filhos e com os miúdos pormenores de serviço; acabava mesmo por se inquietar por ter dívidas!

Logo que punha os pés em S. Petersburgo, tomava gosto pela existência e esquecia os seus desgostos. Ali entendia-se tão diferentemente a vida e os deveres para com a família! O príncipe Tchetcheusky não lhe acabava de contar da maneira mais natural do mundo que, tendo duas casas, achava muito vantajoso meter o filho legítimo na casa da sua amante para o desemburrar! Em Moscovo teriam compreendido isto?

Aqui não se embaraçavam com os filhos à maneira de Lvov; iam à escola ou para o internato e não trocavam os papéis, dando-lhes lugar exagerado na família. O serviço do Estado fazia-se também em condições tão diferentes? Podiam-se arranjar amigos, proteções e chegar a fazer carreira!

Stepane Arcadievitch encontrara um dos seus amigos, Bortniansky, cuja posição subia rapidamente; falou-lhe do lugar que lhe convinha.

— Que singular ideia tiveste em recorrer a esses judeus! São sempre maus negócios.

— Preciso de dinheiro: é preciso arranjar para viver.

— Mas tu não vives agora?

— Sim, vivo mas com dívidas.

— Tens muitas? — perguntou Bortniansky com simpatia.

— Sim, uns vinte mil rublos!

Bortniansky pôs-se a rir.

— Feliz mortal! Eu tenho um milhão e meio de dívidas, não possuo nem cinco réis e, como tu podes ver, cá vou vivendo.

Este exemplo era confirmado por muitos outros.

E como em S. Petersburgo se remoçava! Stepane Arcadievitch experimentava o mesmo sentimento que seu tio, o príncipe Pedro, no estrangeiro.

— Nós aqui não sabemos viver — dizia esse moço de sessenta anos. — No estrangeiro sinto-me renascer, como bem, as mulheres interessam-me, estou forte e vigoroso. Volto para a Rússia para me encontrar com minha mulher e, ainda no campo, aborreço-me e já não largo mais o meu roupão. Adeus, bela mocidade! Sou um velho e só penso na minha saúde. Para me refazer é preciso Paris!

No dia seguinte ao da sua entrevista com Karenine, Stepane Arcadievitch foi ver Betsy Tverskoi, com quem mantinha relações bem esquisitas. Tinha por hábito fazer-lhe a corte rindo e de lhe fazer propostas bastante frescas. Mas nesse dia sob a influência do ar de S. Petersburgo conduzia-se com tanta cordura que se sentiu feliz vendo a princesa Miagkaia interromper um tête-à-tête que começava a aborrecê-lo e pelo qual Betsy não tinha prazer nenhum.

— Ah! Está cá! — disse a gorda princesa vendo-o. — E o que faz a sua pobre irmã? Desde o momento em que as mulheres, que têm feito cem vezes pior do que ela, lhe atiram a pedra, absolvo-a completamente. Como é que Vronsky me não preveniu da sua passagem por S. Petersburgo? Teria acompanhado sua irmã a toda a parte. Dê-lhe os meus cumprimentos e agora fale-me dela.

— A sua situação é muito desagradável — começou Stepane Arcadievitch.

Mas a princesa, que continuava com o seu pensamento, interrompeu-o:

— Ela procedeu bem, tanto mais que era para deixar esse imbecil de seu cunhado, desculpe dizê-lo, que sempre se quis fazer passar por uma águia. Só eu protestei sempre e agora que ele se ligou com a condessa Lídia e com Landau, todos são da minha opinião. Aborrece-me ser da opinião de toda a gente!

— Talvez a senhora me possa explicar um enigma. Ontem, a propósito do divórcio, meu cunhado disse-me que não me podia dar a resposta senão depois de ter refletido, e esta manhã recebo um convite de Lídia Ivanovna

para ir passar a noite a casa dela!

— Está muito bem — exclamou a princesa, encantada. — Vão consultar Landau.

— Quem é esse Landau?

— O quê, não sabe? O famoso Júlio Landau, o *vidente?* Eis o que se ganha em viver na província! Landau é caixeiro de uma loja em Paris; um dia veio a casa de um médico, adormeceu no salão das consultas e durante o sono deu os conselhos mais extravagantes aos assistentes. Depois a mulher de Youri Milidinsky chamou-o para junto de seu marido doente. Na minha opinião não lhe fez bem nenhum, porque Milidinsky continua tão doente como dantes, mas a mulher e ele ficaram presos por ele; em seguida passearam-no por toda a parte e trouxeram-no para a Rússia. Aqui naturalmente atiraram-se a ele; trata toda a gente, curou a princesa Bersoubov que o adotou.

— Como é isso?

— Digo bem, *adotou-o;* já não se chama Landau, mas príncipe de Bersoubov. Lídia, que eu amo apesar da sua cabeça, não deixou de se prender pelo Landau e nada do que ela e Karenine intentam se resolve sem ele ser consultado. A sorte de sua irmã está pois nas mãos de Landau, conde de Bersoubov.

Capítulo 21

Depois de um excelente jantar em casa de Bortniansky, seguido de alguns copos de conhaque, Stepane Arcadievitch dirigiu-se a casa da condessa Lídia um pouco mais tarde do que a hora indicada.

— Já está muita gente? — perguntou ele ao suíço, notando junto do sobretudo bem conhecido de Karenine uma esquisita capa de alamares.

— Alexei Alexandrovich, Karenine e o conde Bersoubov — respondeu gravemente o suíço.

A princesa Miagkaia tinha razão, pensou Oblonsky subindo a escada. *É uma mulher para não pôr de parte; tem muita influência e poderia talvez dizer alguma coisa a Pomorsky.*

A noite ainda não viera por completo, mas no pequeno salão da condessa Lídia, com os estores caídos, a luz estava já acesa e ela própria, sentada junto de uma mesa iluminada por uma lâmpada, estava conversando em voz baixa com Karenine, enquanto um homem pálido e magro, de pernas esgalgadas e movimentos femininos, com longos cabelos caindo sobre a gola do casaco e uns olhos brilhantes, estava no outro extremo da casa examinando os retratos suspensos da parede. Oblonsky, depois de ter cumprimentado a dona da casa, voltou-se involuntariamente para examinar aquela singular personagem.

— Sr. Landau — disse mansamente a condessa e com um cuidado que chocou Oblonsky.

Landau aproximou-se imediatamente, colocou a sua mão húmida na de Oblonsky, a quem a condessa o apresentou, e foi retomar o seu posto junto dos retratos. Lídia Ivanovna e Karenine trocaram um olhar.

— Sinto-me muito feliz em o ver hoje — disse a condessa a Oblonsky apontando-lhe uma cadeira. — Reparou — ajuntou ela em voz baixa — que lho apresentei com o nome de Landau, mas sabe que se chama conde de Bersoubov? Ele não gosta do título.

— Disseram-me que curou a princesa Bersoubov?

— Sim; ela veio hoje ver-me — disse a condessa dirigindo-se a Karenine — e fez-me pena. Esta separação é um terrível golpe para ela!

— Então a partida está decidida.

— Sim, vai a Paris porque ouviu uma voz — disse Lídia Ivanovna olhando para Oblonsky.

— Uma voz! Realmente? — repetiu este sentindo que era preciso usar de uma grande prudência numa sociedade onde se produziam tão estranhos incidentes.

— Conheço-o há muito tempo — disse a condessa a Oblonsky depois de um momento de silêncio. — «Os amigos dos nossos amigos, nossos amigos são». Mas para ser verdadeiramente amigo é preciso termos a certeza do que se passa na alma daqueles que nós amamos e receio que não esteja de acordo nesse ponto com Alexei Alexandrovich. Compreende o que quero dizer? — perguntou ela levantando os seus belos olhos sonhadores para Stepane Arcadievitch.

— Compreendo em parte que a posição de Alexei Alexandrovich... — respondeu Oblonsky, não compreendendo nada e desejoso de ficar nas generalidades.

— Oh! Eu não falo das mudanças exteriores... — disse gravemente a condessa seguindo com um olhar terno Karenine, que se levantara para se ir juntar a Landau. — Foi a alma que se mudou, e receio que não tenha pensado suficientemente no alcance desta transformação.

— Nós sempre fomos amigos e agora não posso figurar em traços gerais... — disse Oblonsky respondendo ao olhar profundo da condessa com um olhar acariciador, pensando nos dois ministros junto dos quais ela poderia eficazmente servi-lo.

— Essa transformação não o poderia atingir no seu amor pelo próximo, pelo contrário eleva-o, depura-o. Mas receio que o senhor não compreenda.

— Não, condessa; a sua infelicidade...

— Sim, a sua infelicidade tornou-se a causa da sua felicidade, pois o seu coração acordou para ele — disse ela mergulhando os seus olhos pensativos nos do seu interlocutor.

Creio que se lhe podia pedir para falar a ambos, pensou Oblonsky.

— Certamente condessa, mas isso são questões íntimas que se não devem abordar.

— Pelo contrário, devemo-nos ajudar.

— Sem dúvida nenhuma, mas as diferenças de convicções e de resto... — disse Oblonsky com o seu sorriso untuoso.

— Creio que vai adormecer — disse Alexei Alexandrovich aproximando-se da condessa para lhe falar em voz baixa.

Stepane Arcadievitch voltou-se. Landau tinha-se sentado junto da janela com os braços apoiados sobre um *fauteuil* e a cabeça baixa. Levantou-a depois e sorriu com um ar infantil vendo todos os olhares voltados para ele.

— Não façam caso — disse a condessa chegando uma cadeira para Karenine. — Já tenho notado que os moscovitas, os homens principalmente, são muito indiferentes em matéria de religião.

— Eu teria acreditado o contrário, condessa!

— Mas o senhor mesmo — disse Alexei Alexandrovich com o seu sorriso fatigado — parece-me pertencer à categoria dos indiferentes…

— É possível que assim seja? — exclamou Lídia Ivanovna.

— Eu estou antes na espectativa — respondeu Oblonsky com o seu mais amável sorriso. — A minha hora ainda não chegou.

Karenine e a condessa olharam-se.

— Nós não podemos nunca conhecer a nossa hora, nem julgarmo-nos prontos — disse Alexei Alexandrovich. — Agradeça, pois não toca sempre o mais digno, como o testemunha Saul.

— Ainda não — disse a condessa seguindo com os olhos os movimentos do francês, que se aproximara.

— Posso ouvir? — perguntou ele.

— Com certeza, mas não o queríamos incomodar. Aqui tem um lugar — disse a condessa com ternura.

— O essencial é não fechar os olhos à luz — continuou Alexei Alexandrovich.

— E que felicidade se não experimenta sentindo a *sua* presença na nossa alma?

— Infelizmente podemos ser incapazes de nos elevarmos a uma semelhante altura — disse Stepane Arcadievitch convencido de que as alturas religiosas não eram o seu fraco, mas receando indispor uma pessoa que podia falar a Pomorsky.

— Quer dizer que o pecado no-lo impede? Mas é uma ideia falsa. O pecado só existe para aquele que crê.

— Sim, mas a fé sem obras não é letra morta? — disse Stepane

Arcadievitch lembrando-se desta frase do seu catecismo.

— Eis a famosa passagem da epístola de São Tiago, que tanto mal tem feito! — exclamou Karenine olhando a condessa como para lhe recordar as frequentes discussões sobre esse assunto. — Quantas almas não terá ela afastado da fé!

— São os nossos monges que pretendem salvar-se pelas obras, pelos jejuns, pelas abstinências, etc. — disse a condessa com um ar de soberano desprezo.

— Cristo, morrendo por nós, salva-nos pela fé — continuou Karenine.

— Compreende o inglês? — perguntou Lídia Ivanovna; e a um sinal afirmativo de Stepane Arcadievitch levantou-se para ir buscar um livro a uma *étagère*. — Vou-lhe ler «Safe and happy» ou «Under the wing»? — disse ela interrogando Karenine com o olhar. — É muito pequeno — ajuntou vindo sentar-se. — Vai ver a felicidade sobre-humana que enche a alma do crente; não conhecendo a solidão, o homem não é desgraçado. Conhece Mary Sanine? Sabe a sua desgraça? Perdeu o único filho que tinha! Pois bem, depois que tem fé, o seu desespero converteu-se em consolação. Até agradece a Deus a morte da criança, tal é a felicidade que lhe dá a crença.

— Sim, com certeza... — murmurou Stepane Arcadievitch, feliz por se poder calar durante a leitura, não se arriscando assim a comprometer os seus negócios. *Faria melhor em não pedir hoje nada*, pensou.

— Isto deve aborrecê-lo, porque não sabe inglês — disse a condessa a Landau.

— Compreenderei, sim! — respondeu este com um sorriso.

Alexei Alexandrovich e a condessa trocaram um olhar e a leitura começou.

Capítulo 22

Stepane Arcadievitch estava muito perplexo; depois da monotonia da vida moscovita, a de São Petersburgo oferecia contrastes tão vivos que ele se sentia perturbado. Gostava da variedade, mas tê-la-ia preferido mais conforme aos seus hábitos, sentindo-se perdido nesta esfera absolutamente estranha.

Escutando a leitura e vendo os olhos de Landau fixos sobre ele, experimentou um certo peso na cabeça. Os mais diversos pensamentos se oprimiam dentro do seu cérebro sob o olhar do francês, que lhe parecia ao mesmo tempo ingénuo e astuto.

Mary Sanine é feliz por ter perdido o filho... Ah! se eu pudesse fumar!... Para nos salvarmos é preciso crer… Os monges não percebem nada, mas a condessa sabe-o bem... Porque é que me dói a cabeça? É por causa do conhaque ou pela esquisitice disto tudo? Até agora não cometi nada de incongruente, mas hoje não me atrevo a pedir nada. Dizem que ela obriga a recitar orações, mas isso seria muito ridículo. Que tolices está ela a ler? Tem uma pronúncia excelente. Landau Bersoubov, porque é Bersoubov?

Nesse momento sentiu que ia bocejar. Dissimulou esse acidente mexendo nas suíças, mas encheu-se de terror de adormecer e talvez de ressonar. A voz da condessa chegou até ele dizendo: «Dorme!» e tremeu na cadeira com um ar culpado. Essas palavras felizmente referiam-se a Landau, que dormia profundamente, o que alegrou verdadeiramente a condessa.

— Meu amigo — disse ela tratando assim Karenine com o entusiasmo do momento. — Dê-lhe a mão. Chut. — disse para um criado, que entrava pela terceira vez no salão.

Landau dormia ou fingia dormir com a cabeça apoiada às costas do *fauteil*, fazendo leves gestos com a mão colocada sobre os joelhos, como se quisesse agarrar qualquer coisa. Alexei Alexandrovich pôs a mão na do dormente. Oblonsky, completamente acordado, olhava ora um, ora outro e

sentia as ideias a embrulharem-se cada vez mais.

— Que a última pessoa a chegar saia, saia!... — murmurou o francês sem abrir os olhos.

— Desculpe-me, mas está a ouvir — disse a condessa. — Volte às dez horas, ou melhor ainda amanhã.

— Saia! — repetiu o francês com impaciência.

— É comigo, não é? — perguntou Oblonsky perturbado.

E a um sinal afirmativo saiu no bico dos pés e escapou-se para a rua, como se fugisse de uma casa empestada. Para recuperar o seu equilíbrio mental, pôs-se a falar e a gracejar com um cocheiro, foi ao teatro francês e terminou a noite no restaurante com champanhe. Apesar de todos os seus esforços a lembrança dessa noite oprimia-o.

Entrando em casa de seu tio Oblonsky, onde se alojara, encontrou um bilhete de Betsy pedindo-lhe que viesse continuar a conversa interrompida pela manhã, o que lhe fez fazer uma careta.

Um ruído de passos na escada interrompeu-o nas suas meditações e, quando saiu do quarto para saber quem viera, viu o tio tão remoçado pela sua viagem que o traziam completamente bêbado.

Oblonsky, contra os seus hábitos, não dormiu bem; o que tinha visto e ouvido durante o dia perturbara-o. Mas a noite da condessa ultrapassava tudo em estranheza.

No dia seguinte recebeu de Karenine uma recusa categórica a respeito do divórcio e compreendeu que essa decisão era obra do francês e das palavras que pronunciara durante o seu sonho fingido ou verdadeiro.

Capítulo 23

Nada complica mais os pormenores da vida do que a volta de acordo entre casados. Veem-se famílias sofrer-lhe as terríveis consequências ao ponto de ficarem anos inteiros num lugar desagradável e incómodo por causa das dificuldades que a menor decisão poderia levantar.

Vronsky e Ana estavam nesse caso. As árvores dos bulevares tinham tido tempo de se cobrirem de folhas e as folhas de se encherem de poeira, e ainda eles estavam em Moscovo, cuja vida era odiosa para ambos. E, contudo, nenhuma causa grave de desinteligência existia entre eles afora essa irritação latente que impelia Ana a contínuas tentativas de explicação e Vronsky a opor-lhe uma reserva glacial.

De dia para dia essa má disposição aumentava. Ana considerava o amor como o único fim da vida do amante e só o compreendia nesse ponto de vista. Mas essa necessidade de amar inerente à natureza do conde devia-se concentrar sobre ela só, senão suspeitava-o de infidelidade e no seu ciúme cego pensava em todas as mulheres. Tanto temia as ligações grosseiras, acessíveis a Vronsky na qualidade de celibatário, como desconfiava das mulheres da sociedade, notavelmente da donzela com quem ele poderia casar no caso de uma rutura.

Esse receio acordara-se no seu espírito por uma confidência imprudente do conde quando este, num dia de abandono, censurara a falta de tato da mãe, que imaginara propor-lhe o casamento com a jovem princesa Sarokine.

O ciúme levava Ana a acumular as censuras mais diversas contra aquele que no fundo amava; era a ele que ela tornava responsável da sua longa estada em Moscovo, da incerteza da vida que vivia e sobretudo da sua dolorosa separação do filho. Pelo seu lado, Vronsky, descontente com a posição falsa em que Ana achara bem entronizar-se, queria-lhe mal por agravar ainda as dificuldades por todas as formas.

Se havia algum raro momento de ternura, Ana não experimentava o

apaziguamento das suas dores e só via nisso a afirmação cruel de um direito da parte do conde.

O dia caía. Vronsky tinha ido assistir a um jantar de rapazes e Ana refugiara-se para o esperar no gabinete de trabalho, onde o ruído da rua a incomodava menos que no resto da casa.

Andava a caminhar de um lado para o outro, repassando na memória o assunto do seu último dissentimento, admirando-se ela mesmo de que uma coisa tão fútil tivesse degenerado numa cena desagradável. A propósito da protegida de Ana, Vronsky metera a ridículo os liceus de moças, pretendendo que as ciências naturais seriam de uma medíocre utilidade a essa criança. Ana aplicara imediatamente essa crítica às suas próprias ocupações e, a fim de picar Vronsky, respondera-lhe por seu turno:

— Eu não contava com certeza com a sua simpatia, mas julgava-me no direito de esperar mais da sua delicadeza.

O conde corara e, para acabar de excitar Ana, permitira-se dizer:

— Confesso que não compreendo nada da sua predileção por essa rapariguita. A mim desagrada-me e nisso só vejo afetação.

A observação era dura e injusta, e dirigia-se aos laboriosos esforços de Ana para criar uma ocupação que a ajudasse a suportar a sua falsa e triste vida.

— É pena que só os sentimentos grosseiros e materiais lhe sejam acessíveis!

E saíra deixando o quarto.

Essa discussão acabou por aí, mas ambos sentiram que não tinham esquecido. Um dia passado na solidão fizera, porém, refletir Ana e, desgraçada com a frieza do amante, tomou a resolução de se acusar a si própria a fim de conseguir a todo o custo a reconciliação.

É o meu absurdo ciúme que me torna irritável. Obtido o meu perdão, partiremos para o campo e lá acalmar-me-ei, pensou ela. *Bem sei que acusando-me de mostrar ternura por uma estranha, ele me censura de não gostar de minha filha. Mas o que sabe ele do amor que uma criança pode inspirar? Duvida ele do que eu lhe sacrifiquei, renunciando a Sergei? Se procura ferir-me, é porque já me não ama, é porque ama outra...*

Mas detendo-se neste pensamento fatal, fez esforços para sair do círculo de ideias que a enlouqueciam e deu ordem para trazerem as malas para começar os preparativos de partida.

Vronsky entrou às dez horas.

Capítulo 24

— O jantar correu bem? — perguntou Ana caminhando direita ao conde com ar conciliador.

— Como correm de costume — respondeu ele notando imediatamente essa disposição favorável de espírito. — O que é isso, estão a arranjar as malas! — ajuntou ele. — É muito gentil!

— Sim, é melhor irmo-nos; o passeio que dei hoje deu-me vontade de voltar para o campo. Demais não temos nada que nos prenda aqui.

— Eu só desejo partir. Manda servir o chá enquanto mudo de fato. Volto já.

A aprovação relativa à partida tinha sido dada com um tom de superioridade chocante. Ter-se-ia dito que o conde falava a uma criança mimada de que desculpava os caprichos. O desejo de lutar acordou logo no coração de Ana; porque é que se havia de tornar humilde diante dessa arrogância?

Contudo conteve-se e, quando ele voltou, ela contou-lhe com calma os incidentes do dia e os seus planos para partir.

— Creio que é uma inspiração — disse ela. — Pelo menos acabarei com esta eterna espera. Quero tornar-me indiferente à questão do divórcio. Não é a tua opinião?

— Com certeza — respondeu ele inquieto, notando a comoção de Ana.

— Conta-me agora o que se passou no teu jantar — disse ela depois de um momento de silêncio.

— O jantar era bom — respondeu o conde; e pôs-se a nomear os que tinham assistido. — Em seguida houve regatas, mas como em Moscovo há sempre maneira de se tornarem ridículos, exibiram-nos a mestra de natação da rainha da Suécia.

— Como é isso? Ela nadou diante de vocês? — perguntou Ana empalidecendo.

— Sim, e com um horrível fato vermelho. Era horrenda! Em que dia partimos?

— Pode-se imaginar uma mais estúpida invenção? Há alguma coisa de especial na sua maneira de nadar?

— Nada, é simplesmente absurdo. Então já fixaste a partida?

Ana sacudiu a cabeça como para repelir uma obsessão.

— Quanto mais cedo melhor; receio não ter tudo pronto amanhã, mas depois sim.

— Depois de amanhã é domingo. Tenho de ir a casa da mamã.

Vronsky perturbou-se involuntariamente vendo os olhos de Ana fixos sobre ele num olhar suspeitoso e essa perturbação veio aumentar-lhe a desconfiança. Ela esqueceu imediatamente a mestra de natação da rainha da Suécia para só se preocupar com a princesa Sarokine, que habitava nos arredores de Moscovo com a velha condessa.

— Não podes lá ir amanhã?

— É impossível por causa de uma procuração que ela deve assinar e do dinheiro que me há de dar.

— Então não partiremos.

— Porquê?

— Domingo ou nunca.

— Mas isso não tem senso comum! — exclamou Vronsky espantado.

— Para ti, porque só pensas em ti e não queres compreender o que eu sofro aqui. Jane, o único ente que me interessava, achaste tu meio de me acusar de hipocrisia a seu respeito! Na tua opinião eu tenho afeto e sentimentos que nada têm de natural. Eu quereria saber o que poderia ser natural na vida que eu levo!

Teve medo da sua violência, não se sentindo, contudo, com força de resistir à tentação de lhe provar a sua sem-razão.

— Tu não me compreendeste — replicou Vronsky. — Eu queria dizer que essa ternura súbita me não agradava.

— Não é verdade e para alguém que se vangloria de retidão...

— Eu não tenho nem o costume de me vangloriar, nem o de mentir — disse ele reprimindo a cólera que crescia. — Tenho muita pena de que não respeites...

— O respeito foi inventado para dissimular a ausência do amor. Ora se tu já me não amas, procederias mais lealmente confessando-o.

— Mas é intolerável! — gritou o conde aproximando-se quase bruscamente de Ana. — A minha paciência tem limites, e para que hás de pô-la assim à prova? — disse ele contendo as palavras amargas prestes a escaparem-lhe.

— O que quer dizer com isso? — perguntou ela espantada com o olhar odiento que ele lhe lançou.

— Sou eu que lhe pergunto o que pretende de mim!

— Que posso eu pretender se não o não ser abandonada como o senhor tem intenção de fazer? De resto essa questão é secundária. Eu quero ser amada e se me não ama, tudo acabou.

E dirigiu-se para a porta.

— Espera — disse Vronsky segurando-a pelo braço. — O que há entre nós? Eu peço para partirmos dentro de três dias e tu respondes a isso que eu minto e que sou um homem pouco sério.

— Sim e repito-o: um homem que me censura os sacrifícios que me fez — era uma alusão a antigos agravos — é mais que pouco sério, é um ser sem coração.

— Decididamente a minha paciência acabou-se — disse Vronsky. E deixou-a partir.

Ana entrou no quarto com um passo vacilante e deixou-se cair sobre um *fauteuil*.

Odeia-me com certeza. Ama uma outra, é certíssimo. Tudo acabou, é preciso fugir. Mas como?

Os pensamentos mais contraditórios a assaltavam. Para onde ir? Para casa da tia, que a tinha educado? Para casa de Dolly ou para o estrangeiro? Essa rutura seria definitiva? O que estava ele fazendo no seu gabinete? Que diriam Alexei Alexandrovich e a sociedade de S. Petersburgo? Uma ideia vaga, que ela não chegava a formular, a agitava: lembrou-se de uma palavra dita por ela a seu marido depois da sua doença: «Porque não morri!» e imediatamente essas palavras acordaram nela os sentimentos que tinham exprimido outrora.

Morrer, sim, é a única maneira de acabar com isto. A minha vergonha, a desonra de Alexei Alexandrovich e a de Sergei, tudo se apaga com a minha morte. Chorar-me-á então e amar-me-á!

Um sorriso de ternura lhe aflorou aos lábios enquanto tirava maquinalmente os anéis dos dedos.

— Ana! — disse junto dela uma voz que ouviu sem levantar a cabeça.

Era Vronsky que tinha entrado mansamente e que lhe falava com afeição.

— Então?

— Faz o que quiseres — respondeu ela incapaz de ser senhora de si por mais tempo; e desfez-se em lágrimas. — Deixa-me! Deixa-me! — murmurou através dos soluços. — Vou-me embora, farei mais! Que sou eu? Uma mulher perdida, uma pedra atada ao teu pescoço. Não te quero atormentar mais. Amas uma outra, vou desembaraçar-te de mim!

Vronsky suplicou-lhe que se acalmasse, jurou que não existia o menor motivo para o seu ciúme, protestou-lhe o seu amor.

— Para que nos havemos de torturar assim? — perguntou-lhe ele.

Ana julgou ver-lhe lágrimas nos olhos e na voz, e passando do ciúme à ternura mais apaixonada cobriu de beijos a cabeça, o pescoço e as mãos do amante.

Capítulo 25

A reconciliação era completa. No dia seguinte Ana, sem fixar definitivamente o dia da partida, ativou os preparativos e estava ocupada em retirar diversos objetos de uma mala aberta e a empilhá-los nos braços de Anouchka quando Vronsky entrou vestido para sair, apesar da hora ainda matinal.

— Vou imediatamente a casa da mamã, talvez ela me possa dar o dinheiro e nesse caso partiríamos amanhã.

A alusão a esta visita perturbou as boas disposições de Ana.

— Não merece a pena; eu mesma não estarei pronta.

E imediatamente perguntou a si mesma porque era que a partida, possível na véspera, se tornava inadmissível naquela manhã.

— Faz o que tinhas intenção de fazer — ajuntou ela. — Agora vai almoçar, que eu já vou ter contigo.

Quando entrou na casa de jantar, Vronsky estava comendo um bife.

— Esta casa mobilada torna-se-me odiosa e o campo aparece-me como a terra da promissão — disse ela com um tom animado; mas vendo entrar o criado com o recibo de um telegrama, o rosto transtornou-se-lhe. No entanto nada havia de espantar que Vronsky recebesse um telegrama.

— De quem é o telegrama?

— De Stiva — respondeu o conde sem se apressar.

— Porque mo não mostraste? Que segredo há entre meu irmão e eu?

— Stiva tem a mania do telégrafo. Que necessidade tinha ele de me mandar um telegrama para me dizer que não estava nada resolvido?

— Para o divórcio?

— Sim. Ele pretende não poder obter uma resposta definitiva. Pega, vê tu mesma.

Ana pegou no telegrama com mão trémula. O fim era assim concebido:

Poucas esperanças, mas eu farei o possível e o impossível.

— Não te disse ontem que isso me era indiferente? Por isso era perfeitamente inútil ocultar-me coisa alguma. Desejaria que esta questão te interessasse tanto como a mim.

— Interessa-me porque gosto das coisas claramente definidas.

— Porquê? Que necessidade tens tu do divórcio se o amor existe?

Sempre o amor!, pensou Vronsky com uma careta.

— Tu bem sabes que, se o desejo, é por tua causa e dos filhos.

— Já não haverá mais filhos.

— Tanto pior e tenho pena.

— Tu não pensas senão nos filhos e não em mim — disse ela esquecendo que ele acabava de dizer «por tua causa e dos filhos», e descontente por esse desejo de ter mais filhos, como de uma prova de indiferença pela sua beleza.

— Pelo contrário, penso em ti porque estou persuadido de que a tua irritabilidade é causada principalmente pelo falso da tua posição — respondeu ele num tom frio e contrariado.

— Não compreendo como a minha posição possa ser a causa da minha irritabilidade — disse ela vendo um juiz terrível condená-la pelos olhos de Vronsky. — Esta situação parece-me perfeitamente clara. Não estou completamente em teu poder.

— Sim, mas desconfias da minha liberdade.

— Oh! quanto a isso podes estar tranquilo — disse ela deitando o café e notando que os seus gestos e até a sua maneira de beber dispunham mal Vronsky — preocupo-me pouco com os projetos de casamento de tua mãe.

— Não falemos nela.

— Sim, é melhor, e podes crer que uma mulher sem coração, seja nova ou velha, não me interessa nunca.

— Ana, peço-te que respeites minha mãe.

— Uma mulher que não compreende em que consiste a honra para um filho não tem coração.

— Peço-te novamente que não fales da minha mãe por essa forma irrespeitosa — repetiu o conde elevando a voz e olhando para Ana severamente.

Ela suportou esse olhar sem lhe responder e, lembrando-se das carícias da véspera, pensou: *Que carícias tão banais!*

— Tu não amas tua mãe; são frases e apenas frases...

— Se assim é, é preciso...

— É preciso tomar um partido e quanto a mim sei o que me resta fazer — disse ela dispondo-se a deixar o aposento quando a porta se abriu e deu passagem a Yavshine.

Imediatamente se deteve e lhe deu os bons dias. Porque é que ela dissimulava assim diante de um estranho que, mais cedo ou mais tarde, devia saber tudo? Foi o que ela não soube explicar; mas tornou-se a sentar e perguntou tranquilamente:

— Então, pagaram-lhe o seu dinheiro?

Ela sabia que Yavshine ganhara ao jogo uma grande soma.

— Provavelmente recebê-lo-ei durante o dia — respondeu o gigante notando que chegara pouco a propósito. — Quando partem?

— Penso que depois de amanhã — disse Vronsky.

— Nunca tem pena dos seus infelizes adversários? — continuou Ana dirigindo-se sempre ao jogador.

— É uma questão em que nunca pensei, Ana Arcadievna. A minha fortuna toda está lá — disse ele mostrando as algibeiras. — Mas rico neste momento, posso estar pobre ao sair do clube esta noite. Aquele que jogar comigo, ganhar-me-á de boa vontade até a camisa; é essa luta que dá prazer.

— Mas se o senhor fosse casado, o que diria sua esposa?

— Por isso mesmo não me conto casar — respondeu Yavshine rindo.

— E nunca esteve apaixonado?

— Oh! Meu Deus! Quantas vezes! Mas sempre de forma a não me deixar prender.

Um amador de cavalos, vindo por causa de negócios, entrou e Ana deixou a sala de jantar.

Antes de sair Vronsky foi ao quarto dela e pôs-se a procurar qualquer coisa sobre a mesa. Ana fingiu não dar por ele, mas envergonhada com essa dissimulação perguntou-lhe em francês:

— O que procura?

— O certificado de origem do cavalo que acabo de vender — respondeu Vronsky num tom que queria dizer mais claramente que as palavras: «Não tenho tempo para tratar de explicações, que nada dariam». *Eu não sou o culpado*, pensou ele. *Tanto pior para ela se se quiser castigar por si própria.*

Ao deixar o quarto julgou no entanto que ela o chamara.

— O que é, Ana? — perguntou ele.

— Nada — respondeu esta friamente.

— Tanto pior — disse ele ainda.

E passando por diante de um espelho viu um rosto tão decomposto que a ideia de ficar para consolar Ana lhe veio ao pensamento, mas muito tarde, porque já ia longe.

O dia passou-o todo inteiro fora de casa. Quando voltou, a criada de quarto disse-lhe que Ana Arcadievna tinha dores de cabeça e pedia que a não incomodasse.

Capítulo 26

Nunca se passara ainda um dia sem que houvesse a reconciliação e dessa vez a sua zanga assemelhara-se a uma rutura. Para se afastar como Vronsky o fizera, apesar do estado de desespero a que a tinha visto reduzida, é porque a odiava e amava uma outra. As palavras cruéis saídas da boca do conde voltavam todas à memória de Ana e na sua imaginação agravavam-se como prepósitos grosseiros de que ele era incapaz.

— Eu não a seguro — fazia-o ela dizer. — Pode partir; visto que não se importa com o divórcio é porque conta voltar para seu marido. Se precisa de dinheiro, basta-lhe dizer a soma.

Mas ontem jurava-me que só mim amava!... É um homem digno e sincero, pensava ela um momento depois. *Quantas vezes inutilmente já eu me desesperei?*

Passou todo o dia, exceto durante duas horas em que foi fazer uma visita à família da sua protegida, em alternativas de dúvida e de esperança. Cansada de esperar toda a noite, acabou por ir para o seu quarto recomendando a Anouchka para dizer que estava doente.

Se ele apesar disto vier, é porque ainda me ama; se não acabou-se tudo e sei bem o que me resta fazer.

Ela ouviu o rodar da carruagem no empedrado quando o conde veio, o toque de campainha e a conversa com Anouchka. Depois os seus passos afastaram-se, entrou no gabinete e Ana compreendeu que a sua sorte estava tirada.

A morte apareceu-lhe então como o único meio de castigar Vronsky, de triunfar dele e de reconquistar o seu amor. A partida e o divórcio tornaram-se coisas indiferentes; o essencial era o castigo.

Pegou no frasquito de ópio e deitou a dose costumada num copo. Bebendo tudo era tão fácil acabar!

Deitada, com os olhos abertos, seguiu no teto a sombra da vela que

acabava de arder na palmatória e cuja luz trémula se confundia por momentos com a sombra do biombo que dividia o quarto.

O que pensaria ele quando ela tivesse desaparecido? Que remorsos experimentaria?! «Mas como pude eu falar-lhe duramente?», diria talvez. «Deixá-la sem uma palavra de afeição? E foi-se, deixou-nos para nunca mais!»

De repente a sombra do biombo pareceu tremer e ganhar todo o teto. As outras sombras uniram-se, vacilaram e confundiram-se numa escuridão completa.

A morte!, pensou ela com medo, e um temor tão profundo se apossou de todo o seu ser que, procurando os fósforos com a mão trémula, ficou algum tempo a reunir as suas ideias sem saber onde se encontrava. Lágrimas de alegria lhe inundavam os olhos quando compreendeu que estava viva.

Não, não, tudo antes da morte! Amo-o, ele ama-me também, os maus dias passarão!

E para escapar a esses temores, pegou na vela e foi para o quarto de Vronsky.

Este dormia num sono tranquilo e ela contemplou-o muito tempo, chorando de enternecimento. Mas não o quis acordar, porque ele a olharia com o seu olhar glacial e ela mesmo não teria resistido à necessidade de se justificar e de o acusar. Voltou para o seu quarto, tomou uma dose dobrada de ópio e adormeceu num sono pesado, que lhe não tirou o sentimento das suas dores.

Pela manhã teve um pesadelo terrível: como outrora, viu um pequeno mujique de cabelo emaranhado pronunciando palavras ininteligíveis e mexendo em qualquer coisa, e essa coisa pareceu-lhe tanto mais terrível porquanto o homem a agitava por cima da cabeça dela sem ter o ar de a ter visto. Um suor frio a inundou.

Quando acordou, os acontecimentos da véspera voltaram-lhe confusamente ao espírito.

O que foi que se passou de tão desesperado?, pensou ela. *Uma zanga? Não foi a primeira. Pretextei uma dor de cabeça e ele não me quis incomodar, eis tudo. Amanhã partimos; é preciso vê-lo, falar-lhe e apressar a partida.*

Mal se levantou, dirigiu-se para o gabinete de Vronsky. Mas atravessando o salão, o ruído de uma carruagem parando atraiu-lhe a atenção

e fê-la olhar pela janela. Era um coupé; uma donzela de chapéu claro, inclinada à porta, dava ordens a um trintenário. Este tocou à porta, falou no vestíbulo, depois alguém subiu a escada e Ana ouviu Vronsky descer a escada a correr. Viu-o sair com a cabeça nua, aproximar-se da carruagem, tomar um pacote das mãos da donzela e sorrir-lhe falando-lhe. O coupé afastou-se e Vronsky subiu rapidamente.

Esta pequena cena dissipou imediatamente a espécie de torpor que pesava na alma de Ana e as impressões da véspera retalharam-lhe o coração mais dolorosamente que nunca. Como pudera ela rebaixar-se a ponto de ficar mais um dia sob esse teto! E entrou no quarto do conde para lhe comunicar a resolução que tomara.

— A princesa Sarokine e a filha trouxeram-me o dinheiro e os papéis de minha mãe que eu ontem não arranjara — disse este tranquilamente sem ter o ar de ter notado a expressão sombria e trágica da fisionomia de Ana. — Como te sentes tu esta manhã?

De pé no meio do quarto, ela olhava-o fixamente enquanto ele continuava a ler uma carta com a testa franzida depois de lhe ter lançado um olhar.

Ana, sem falar, voltou-se lentamente e saiu do quarto; ele podia tê-la retido ainda, mas deixou-a ultrapassar o limiar da porta.

— A propósito — exclamou ele no momento em que ela ia desaparecer — é decididamente amanhã que partimos?

— O senhor, mas não eu — respondeu ela.

— Ana, a vida nestas condições é impossível.

— O senhor, não eu — repetiu ela ainda.

— Isto não é tolerável!

— O senhor... o senhor se arrependerá — disse ela e saiu.

Espantado com o tom de desespero com que ela pronunciara estas últimas palavras, o primeiro movimento de Vronsky foi segui-la; mas refletiu, tornou a sentar-se e, irritado com essa ameaça inconveniente, murmurou, cerrando os dentes:

— Tentei todos os meios, só me resta a indiferença.

E vestiu-se para ir a casa da mãe para lhe fazer assinar uma procuração.

Ana ouviu-o deixar o quarto e a sala de jantar, deter-se na antecâmara para dar algumas ordens relativas ao cavalo que acabava de vender, ouviu avançar o trem e abrir-se a porta de entrada. Alguém subiu precipitadamente

a escada. Correu à janela e viu Vronsky receber das mãos do criado um par de luvas que lhe tinha esquecido, depois tocar nas costas do cocheiro, dizer-lhe algumas palavras e, sem levantar os olhos para a janela, sentar-se na sua posição habitual no fundo do trem, cruzando uma perna sobre a outra.

Ao voltar a esquina ele desapareceu aos olhos de Ana.

Capítulo 27

— Partiu, acabou-se! — disse ela em pé junto da janela. E a impressão de horror causada durante a noite pelo pesadelo e pela vela que se extinguia invadiu-a.

Teve medo de ficar sozinha e correu direita ao criado.

— Diga-me para que sítio foi o conde.

— Para as cocheiras — respondeu o criado — e deu-me ordem para dizer à senhora que o trem voltaria já e que estava à sua disposição.

— Está bem, vou escrever um bilhete que levará imediatamente às cocheiras.

E sentou-se e escreveu:

Sou culpada, mas em nome de Deus volta, tenho medo. Explicar-nos-emos.

Sobrescritou-o, deu o bilhete ao criado e, no seu receio de ficar só, foi para o quarto da filhita.

Já não a reconheço! Onde estão os seus olhos azuis e o seu lindo sorriso tímido?, pensou vendo a criança de olhos pretos em lugar de Sergei, que na confusão das suas ideias ela esperava ver.

A pequena, sentada junto de uma mesa, batia a torto e a direito com uma tampa. Olhou para a mãe, que se tinha colocado junto dela e lhe tirara a tampa para a fazer voltar. O movimento das sobrancelhas e o riso sonoro da criança faziam lembrar tanto Vronsky que Ana não pôde mais; levantou-se bruscamente e fugiu.

É possível que tudo tenha acabado! Deve voltar, pensou ela. *Mas como me explicará ele a sua animação e o seu sorriso ao falar-lhe? Tenho de aceitar tudo, a não ser que tome uma decisão, mas não a quero tomar.*

Doze minutos tinham passado.

Recebeu a minha carta e dentro de dez minutos deve estar de volta. E se ele não voltasse? É impossível. Vou lavar o rosto, porque não quero que ele me encontre de olhos vermelhos. E o cabelo?

Levou as mãos à cabeça, mas tinha-se penteado sem ter dado por isso.

— Quem é? — perguntou ela vendo no espelho o seu rosto desfigurado e os olhos estranhamente brilhantes. — Sou eu!

E julgou sentir ainda nas costas os recentes beijos do amante. Esfregou-se e levou uma das mãos aos lábios.

Enlouquecerei eu?, pensou ela com terror. E fugiu para o quarto, onde Anouchka lhe estava preparando o fato.

— Anouchka — disse ela não sabendo o que dizer.

— Quer ir a casa de Daria Alexandrovna? — disse a criada para lhe sugerir uma ideia.

Quinze minutos para ir, quinze para vir, deve estar a chegar.

E olhou para o relógio.

Mas como pôde ele deixar-me assim!

Aproximou-se da janela e pôs-se a contar os minutos desde a sua partida, receando talvez ter errado a conta.

No momento em que ia para consultar o relógio do salão, uma carruagem parou diante da porta. Era o trem, mas ninguém subiu a escada e ouviu vozes no vestíbulo.

— O senhor conde tinha já partido para a gare de Nijni — veio dizer-lhe o criado entregando-lhe o bilhete.

— Que levem imediatamente essa carta a casa de sua mãe e que me tragam logo a resposta.

O que hei de fazer enquanto espero? Irei a casa de Dolly para não enlouquecer. Ah! Ainda posso telegrafar!

E escreveu o seguinte telegrama:

Tenho absoluta necessidade de lhe falar. Volte depressa.

Depois foi-se vestir e, já com o chapéu na cabeça, parou diante de Anouchka, cujos olhos escuros lhe testemunhavam uma viva simpatia.

— Anouchka! Minha querida! Que fazer? — murmurou ela deixando-se cair num *fauteuil* a soluçar.

— É preciso não se incomodar assim, Ana Arcadievna. Dê um passeio,

isso distrai-la-á; essas coisas acontecem.

— Sim, vou sair; se na minha ausência trouxerem um telegrama, manda-mo a casa de Daria Alexandrovna — disse ela procurando tornar-se senhora de si. — Ou não, eu volto breve.

Devo abster-me de toda a reflexão, ocupar-me, sair, principalmente deixar esta casa, pensou ela escutando com terror o bater precipitado do coração. E subiu vivamente para o trem.

— A casa da princesa Oblonsky! — disse ao cocheiro.

Capítulo 28

O tempo estava calmo. Uma chuva fina, caída pela manhã, fazia ainda brilhar ao sol os tetos das casas, as lajes dos passeios e o verniz das equipagens. Eram três horas, o momento mais animado do dia.

Ana, suavemente recostada no trem que os dois trotadores baios arrastavam rapidamente, julgava já diferentemente a sua situação repassando ao ar livre os acontecimentos dos últimos dias. A ideia da morte não a atemorizou tanto e ao mesmo tempo não lhe pareceu já tão inevitável. O que ela se censurou a si própria foi a humilhação a que se sujeitara.

Porque me acusei como o fiz? Não posso viver sem ele?

E deixando esta pergunta sem resposta pôs-se a ler maquinalmente as tabuletas.

Escritório e depósito. Dentista. Sim, vou-me confessar a Dolly. Ela não gosta de Vronsky. É cruel confessar-lhe tudo, mas fá-lo-ei; ela ama-me, seguirei os seus conselhos. Não me deixarei tratar como uma criança, Filipov. Dizem que a água de Moscovo é melhor; os poços de Miatchtchy...

E lembrou-se de ter passado nessa localidade quando tinha ido uma vez ao convento de Troitza numa peregrinação com a tia.

Nesse tempo ia-se de carruagem. Era realmente eu com umas mãos vermelhas? Que coisas que então me pareciam sonhos de felicidade irrealizáveis me parecem miseráveis hoje; séculos que viessem não me poderiam fazer voltar à inocência de então! Quem me teria dito no que eu viria a cair. O meu bilhete deve tê-lo tornado triunfante... Meu Deus, como esta pintura é desastrada! Porque é que experimentam sempre a necessidade de fazer novas construções e de as pintar? Modas e confeções...

Um transeunte cumprimentou-a; era o marido de Anouchka.

Os nossos parasitas, como Vronsky diz. Porquê nossos?... Ah! se se pudesse arrancar o passado com as suas raízes! É impossível, mas pelo menos pode-se fingir esquecê-lo!

E, contudo, lembrando-se do seu passado com Alexei Alexandrovich, constatou que facilmente lhe perdera a recordação.

Dolly não me dará razão porque é o segundo que abandono.

E sentiu as lágrimas a correrem-lhe.

De que é que estas donzelas podem falar sorrindo? De amor? Não sabem quanto ele é triste e miserável... O bulevar e crianças; três pequenitos brincam aos cavalos... Sergei, meu querido Sergei! Perderia tudo e não te tornaria a encontrar? Oh! se ele não volta está tudo perdido! Talvez tenha perdido o comboio e o vá encontrar em casa... Precisas humilhar-te ainda?, pensou ela com uma censura pela sua fraqueza. *Não, vou a casa de Dolly e dir-lhe-ei: sou uma desgraçada, sofro, mereci-o, mas vem em meu auxílio!... Oh! estes cavalos, este carro, que lhe pertencem. Faz-me horror servir-me deles. Dentro em breve já não os tornarei a ver!*

E torturando assim o seu coração, chegou a casa de Dolly e subiu a escada.

— Há muita gente? — perguntou ela na antecâmara.

— Catarina Alexandrovna Levine — respondeu o criado.

Kitty, essa Kitty por quem Vronsky estava apaixonado, pensou Ana, *com quem ele lamenta não ter casado enquanto eu choro o dia em que ele me encontrou!*

As duas irmãs estavam em conferência por causa do filho de Kitty quando lhes anunciaram Ana. Só Dolly a veio receber ao salão.

— Tu não te vais ainda? Queria passar hoje precisamente por tua casa; recebi uma carta de Stiva.

— Nós recebemos um telegrama — respondeu Ana voltando-se para ver se Kitty vinha.

— Escreveu-me a dizer que não compreendia nada do que Alexei Alexandrovich exige, mas que não partiria sem obter uma resposta definitiva.

— Tens muita gente?

— Sim, está cá Kitty — respondeu Dolly perturbada. — Está no quarto das crianças; sabes que ela se acaba de levantar da cama?

— Sei. Podes mostrar-me a carta de Stiva?

— Certamente, vou buscá-la... Alexei Alexandrovich não recusa, pelo contrário. Stiva tem todas as esperanças — disse Dolly detendo-se no limiar da porta.

— Não espero nem desejo nada — disse ela. E consigo pensou: *Kitty*

julgará abaixo da sua dignidade encontrar-me? Talvez tenha razão, mas ela que esteve apaixonada por Vronsky não tem o direito de me querer dar lições. Eu bem sei que uma mulher séria não me pode receber. Sacrifiquei-lhe tudo e eis a minha recompensa! Ah! como o odeio! Porque vim eu aqui? Ainda estou pior que em minha casa!

No quarto vizinho ouvia-se as vozes das duas irmãs.

E o que direi a Dolly? Regozijar Kitty com o espetáculo da minha desgraça? De resto Dolly não compreenderá nada... Se quero ver Kitty é para lhe provar que sou insensível a tudo e que tudo desprezo.

Dolly entrou com a carta. Ana percorreu-a com os olhos e entregou-lha.

— Já sabia isso — disse ela — e não me incomodo mais.

— Porquê? Eu tenho muitas esperanças — disse Dolly examinando Ana com atenção; nunca a vira numa semelhante disposição de espírito. — Em que dia partes tu?

Ana semicerrou os olhos e olhou para diante de si sem responder.

— Kitty tem medo de mim? — perguntou ao acabo de um momento lançando um olhar para a porta.

— Que ideia! Mas como está a amamentar ainda não está bem à vontade... Pelo contrário está encantada e já vem — disse Dolly que se sentia incomodada por ter de mentir. — Olha, aí vem ela.

Com efeito Kitty não quisera aparecer sabendo da chegada de Ana, mas Dolly conseguira convencê-la e, fazendo um esforço de vontade, entrou no salão e, corando, aproximou-se de Ana para lhe estender a mão.

— Estou encantada — disse ela numa voz comovida. E todas as suas prevenções contra esta má mulher caíram à vista do belo e simpático modo de Ana.

— Acharia muito natural a sua recusa em ver-me — disse Ana. — Estou afeita a tudo. Esteve doente, disseram-me; com efeito acho-a muito mudada.

Kitty atribuiu o tom seco de Ana à má disposição que lhe causava o falso da sua situação e sentiu o coração encher-se-lhe de piedade.

Falaram da doença de Kitty, do filho de Stiva, mas o espírito de Ana estava evidentemente longe.

— Vim fazer-te as minhas despedidas — disse ela para Dolly levantando-se.

— Quando partes?

Sem lhe responder, Ana voltou-se para Kitty com um sorriso.

— Estou muito satisfeita por a tornar a ver, porque tenho ouvido falar muito de si, mesmo a seu marido. Sabe que ele foi ver-me? Agradou-me muito — ajuntou com uma má intenção. — Onde está?

— No campo — respondeu Kitty corando.

— Dê-lhe os meus cumprimentos, não se esqueça.

— Com certeza não me esquecerei — disse ingenuamente Kitty com um olhar de compaixão.

— Adeus, Dolly — disse Ana beijando-a.

— Está tão sedutora como antigamente — observou Kitty à irmã quando esta voltou de acompanhar Ana à porta. — E como é bela! Mas há nela alguma coisa de estranho que causa pena, muita penal

— Não a achei hoje no seu estado normal. Na antecâmara julguei que se ia desfazer em lágrimas.

Capítulo 29

Subindo para o trem, Ana sentiu-se mais desgraçada do que nunca. A sua entrevista com Kitty acordara-lhe dolorosamente o sentimento da sua decadência moral e este sofrimento veio aumentar-se aos outros. Sem saber o que dizia, deu ordem ao cocheiro para a levar a casa.

Olharam-me como um ser estranho e incompreensível!... O que podem dizer essas pessoas? Têm elas a pretensão de comunicarem entre si o que sentem?, pensou ela vendo dois transeuntes a conversar. *Não se pode compartilhar com outrem aquilo que nós sentimos. E eu que me queria confessar a Dolly! Tive razão em me calar; a minha desgraça tê-la-ia alegrado, embora ela o dissimulasse. Acharia justo ver-me expiar a felicidade, o que ela me invejou. E Kitty? Essa ficaria ainda mais contente, porque lho li no coração. Odeia-me porque agradei ao marido; a seus olhos sou uma mulher sem moral que ela despreza. Ah! se eu fosse o que ela pensa, com facilidade teria dado a volta à cabeça do marido! Convenho que tive esse pensamento… Ali vai um homem encantado com a sua pessoa*, disse ela vendo um homem gordo de rosto florido que vinha para o lado dela e que a cumprimentou num ar gracioso demais para se ver logo que a não conhecia. *Conhece-me tanto como o resto do mundo! Posso eu mesma vangloriar-me de me conhecer? Só conheço os meus apetites, como dizem os franceses... Estes rapazes gostam de maus gelados*, disse-se vendo dois rapazes parados diante de um vendedor, que pusera no chão um balde de sorvetes, limpando a cara a um pano. *Todos nós gostamos de guloseimas e à falta de bombons desejam-se maus sorvetes, como Kitty, que não podendo casar com Vronsky, se contentou com Levine. Ela detesta-me, tem ciúmes de mim. Pelo meu lado causo-lhe inveja. Assim é o mundo... Futkin, cabeleireiro; «vou-me pentear no Futkin...» Vou fazê-lo rir com esta tolice*, pensou ela, lembrando-se imediatamente que não tinha ninguém a quem fazer rir. *Estão a tocar para as vésperas; este vendedor faz o sinal da cruz com uma tal pressa que parece*

ter medo de o perder. Porquê estas igrejas, estes sinos, estas mentiras? Para dissimular que nos odiamos todos, como estes cocheiros, que se injuriam. Yashvine tem razão em dizer: «Ele quer a minha camisa e eu a dele.»

Arrastada por estes pensamentos esqueceu momentaneamente as suas dores e ficou surpreendida quando o trem parou. O suíço, chegando ao pé dela, fê-la voltar à realidade.

— Há alguma resposta?

— Vou informar-me — disse o suíço; e um momento depois voltou com um envelope de telegrama na mão. Ana leu;

Não poderei aí estar antes das dez horas.

Vronsky

— E o mensageiro?

— Ainda não veio.

Um vago desejo de vingança se elevou na alma de Ana e subiu a escada a correr.

Irei eu própria procurá-lo antes de partir para sempre, pensou. *Dir-lhe-ei o que fez. Nunca odiei ninguém como odeio esse homem!*

E vendo um chapéu de Vronsky na antecâmara, amarrotou-o com aversão. Não se lembrava que o telegrama era a resposta ao seu e não à carta enviada por um próprio, que Vronsky ainda não podia ter recebido.

Está em casa da mãe, pensou, *falando alegremente, sem nenhum cuidado pelos sofrimentos que inflige...*

E querendo fugir aos terríveis pensamentos que a invadiam nesta casa, cujas paredes a esmagavam com o seu terrível peso, pensou em partir logo, sem saber bem para onde, tomar o caminho de ferro, persegui-lo, humilhá-lo... Consultando o horário viu que o comboio da noite partia às oito e dois minutos.

Chego a tempo.

E mandando engatar cavalos novos ao carro, apressou-se a meter num pequeno saco de viagem os objetos indispensáveis para uma ausência de alguns dias. Decidida a não voltar, arquitetava mil projetos na cabeça e resolveu, depois da cena que se havia de passar na *gare* ou em casa da condessa, continuar a viagem pelo caminho de ferro de Nijni e parar na primeira cidade.

O jantar estava servido, mas a comida fez-lhe horror. Subiu imediatamente para o trem depois do cocheiro ter engatado os cavalos, irritada por ver os criados agitarem-se à volta dela.

— Não preciso de ti, Pedro — disse ela ao trintenário, que se dispunha a acompanhá-la.

— Quem compra o bilhete?

— Então vem, se quiseres. É-me indiferente! — respondeu ela contrariada.

Pedro saltou para a almofada e deu ordem ao cocheiro de ir à estação de Nijni.

PERIGOSAS

Capítulo 30

As minhas ideias são mais claras!, pensou Ana quando se encontrou no carro rolando pelo pavimento desigual. *Em que pensava eu há pouco? Ah! sim, nas reflexões de Yashvine sobre a luta pela vida e o ódio que une os homens... O que procurais vós à guisa de prazer?*, interpelou ela mentalmente um alegre grupo instalado numa carruagem de quatro cavalos, que evidentemente ia para o campo divertir-se. *Não escapareis a vós próprios!* E vendo a alguns passos um operário bêbado levado por um polícia: *Aquele arranjará melhor a coisa. Também nós, o conde de Vronsky e eu, tentámos o prazer e achámo-nos acima das alegrias supremas às quais aspirávamos!*

E pela primeira vez Ana dirigiu sobre as suas relações com o conde essa luz brilhante que repentinamente lhe revelava a vida.

O que procurou ele em mim? Mais as satisfações da vaidade que as do amor!

E as palavras de Vronsky, a expressão de cão submisso que o seu rosto tomava nos primeiros tempos da sua ligação, voltaram-lhe à memória para lhe confirmar este pensamento.

Acima de tudo procurava o sucesso do triunfo. Amava-me, mas principalmente por vaidade. Agora que já nenhum orgulho tem em mim, acabou-se. Tomando-me tudo o que me podia tomar, sou para ele um peso e só se preocupa em faltar às deferências que me deve. Se quer o divórcio, é com esse fito. Talvez ainda me ame, mas como? «The zeste is gone». No fundo do coração estimaria imenso ver-se livre de mim. Enquanto o meu amor se torna todos os dias mais egoistamente apaixonado, o seu extingue-se pouco a pouco; é por isso que já não andamos juntos. Eu preciso de o atrair para mim, ele de me fugir. Até ao momento da nossa ligação íamos um diante do outro, agora é em sentido inverso que caminhamos. Acusa-me de ser ridiculamente ciumenta e eu também me acuso, mas a verdade é que o

meu amor já se não sente satisfeito.

Na perturbação que a possuía, Ana mudou de lugar no carro, apertando involuntariamente os lábios como se fosse falar.

Se pudesse, procuraria ser uma amiga razoável e não uma amante apaixonada que a sua frieza exaspera; mas não me posso transformar. Não me engana, estou certa disso, não está mais apaixonado por Kitty do que pela princesa Sarokine, mas o que é que isso me faz? Desde o momento em que o meu amor o fatiga, que ele já não experimenta por mim o que eu sinto por ele, de que me servem esses bons procedimentos? Preferia quase o seu ódio. Quando o amor cessa, começa o desgosto e este inferno sofro-o eu... Que bairro desconhecido é este? Montanhas, casas, sempre casas, habitadas por pessoas que se odeiam umas às outras... O que me poderia acontecer que me desse ainda felicidade? Suponhamos que Alexei Alexandrovich consente no divórcio, que me entrega Sergei e que caso com Vronsky?

E pensando em Karenine, Ana viu-o diante dela, com o seu olhar apagado, com as mãos cheias de veias azuis, os dedos que estalavam, e a ideia das suas relações, outrora qualificadas de ternas, fê-la tremer de horror.

Admitamos que sou casada; Kitty respeitar-me-á por isso? Sergei não perguntará a si próprio a razão porque tenho dois maridos? Vronsky não mudará para mim? Podem-se ainda estabelecer entre ele e eu relações que me deem, já não digo a felicidade, mas sensações que não sejam uma tortura? Não, respondeu ela sem hesitar, *a cisão entre nós é muito profunda; eu faço a desgraça dele e a minha, já não conseguiremos mudar nada! Porque é que esta pobre anda com o filho? Imagina inspirar compaixão? Não fomos nós atirados para esta terra para sofrermos uns pelos outros? Estudantes que voltam do liceu... meu querido Sergei! Também julguei amá-lo. No entanto vivi sem ele, trocando o seu amor por o de um outro e logo que esta paixão pelo outro ficou satisfeita lamento-me da troca.*

Ela estava quase contente de analisar os seus sentimentos com implacável clareza.

Por toda a parte somos assim, eu, Pedro, o cocheiro, todos os vendedores, a gente que vive nas margens do Volga e que se atrai pelos anúncios colados nas paredes, por toda a parte...

— É preciso tomar bilhete para Obiralovka? — perguntou Pedro quando se aproximaram da estação.

Custou-lhe a compreender esta pergunta, porque o seu pensamento estava

noutra parte e tinha já esquecido o que vinha fazer.

— Sim — respondeu ela dando-lhe a bolsa e descendo do trem com o seu saquito vermelho na mão.

Os pormenores da sua situação voltaram-lhe à memória enquanto atravessava a multidão para ir para a sala de espera. Sentada num grande divã circular, esperando o comboio, repassou pelo pensamento as diferentes resoluções que podia tomar; depois imaginou o momento em que chegava à estação, o bilhete que escreveria a Vronsky, o que ela lhe diria entrando no salão da velha condessa onde talvez ele nesse momento se lamentasse das amarguras da sua vida. A ideia de que teria podido ainda ser feliz atravessou-lhe o cérebro... Quanto era cruel amar e odiar ao mesmo tempo! Quanto o seu pobre coração batia a querer saltar-lhe do peito!...

Capítulo 31

Retiniu um toque de campainha e algumas pessoas de aparência vulgar passaram por diante dela conversando. Pedro atravessou a sala e aproximou-se para a acompanhar até à carruagem. Os homens agrupados junto da porta calaram-se, vendo-a passar. Um deles murmurou algumas palavras para o vizinho; devia ser alguma grosseria. Ana tomou lugar numa carruagem de primeira, pondo o seu saco de viagem sobre o assento de pano cinzento já descorado. Pedro, ao despedir-se, tirou o boné agaloado com um sorriso idiota e afastou-se.

O condutor veio fechar a porta. Uma senhora ridiculamente vestida e que Ana na sua imaginação ia despindo para se admirar da sua gordura disforme corria ao longo do cais seguida por uma donzela, que se ria com afetação.

Esta moça é tão grotesca como é pretensiosa, pensou Ana. E para não ver ninguém foi-se sentar do lado oposto da carruagem.

Um pequeno mujique, muito sujo, com um boné de onde se escapavam tufos de cabelos emaranhados, passou junto da janela.

Esta cara não me é desconhecida, pensou Ana. E imediatamente se lembrou do seu sonho, recuando com horror para a porta da carruagem que o condutor abria para fazer entrar um sujeito e uma senhora.

— Deseja sair?

Ana não respondeu e ninguém pôde perceber por debaixo do véu o terror que a gelava. Tornou a sentar-se. O par que acabava de entrar tomou lugar diante dela, examinando discretamente, embora com curiosidade, os pormenores da sua *toilette.* O marido pediu-lhe licença para fumar e, tendo-a obtido, fez notar à mulher em francês que experimentava maior necessidade de falar que de fumar. Para atrair a atenção de Ana trocavam entre os dois observações estúpidas, como para estabelecerem conversa com ela. Deviam ser pessoas que se detestavam; tão tristes monstros podiam amar?

O ruído, os gritos e os risos que se sucederam ao segundo toque de

campainha deram a Ana vontade de tapar os ouvidos. O que é que podia fazer rir essa gente? Depois do terceiro sinal a máquina apitou, o comboio começou a deslizar e o sujeito fez um sinal da cruz.

O que pode ele entender por isso?, pensou Ana voltando o rosto com um ar furioso para olhar por cima da cabeça da senhora as carruagens e as paredes da estação que iam passando por diante da janela. O movimento tornou-se mais rápido, os raios do sol poente chegaram até à carruagem e uma ligeira brisa bateu nos estores.

Ana, esquecendo os seus companheiros de viagem, respirou o ar fresco e retomou o fio das suas reflexões.

Em que pensava eu? Em que a minha vida, de qualquer forma que a apresente, não pode ser senão cheia de dores. Todos nós estamos votados ao sofrimento e só procuramos o meio de o dissimular. Mas quando a verdade nos cega os olhos?

— A razão foi dada ao homem para repelir aquilo que o incomoda — disse a senhora em francês, encantada com a frase.

Estas palavras respondiam ao pensamento de Ana.

— Repelir o que o incomoda — repetiu ela; e um olhar, que lançou sobre o homem e sobre a mulher fez-lhe compreender que esta se devia considerar como uma criatura incompreendida e que o seu gordo marido a não dissuadia, servindo-se disso até para a enganar. Ana mergulhava nos mais íntimos recessos dos seus corações; mas isso nenhum interesse tinha para ela, por isso continuou a refletir.

Ao chegar à estação seguiu a multidão, procurando evitar o grosseiro contacto dessa gente ruidosa e demorando-se no cais para perguntar a si própria o que ia fazer. Tudo agora lhe parecia de difícil execução; apertada no meio de toda essa gente, curiosamente observada, não sabia onde se refugiar. Por fim teve a ideia de perguntar a um empregado se o cocheiro do conde Vronsky não estava na estação com uma mensagem.

— O conde Vronsky? Há bocado vieram buscar a princesa Sarokine e a filha. Como é o cocheiro?

Nesse momento Ana viu avançar para ela o seu enviado, o cocheiro Miguel, de casaco novo, trazendo com importância um bilhete, envaidecido por ter executado a sua missão.

Ana abriu o sobrescrito e o coração apertou-se-lhe ao ler:

Lamento que o seu bilhete me não tivesse encontrado em Moscovo. Às dez horas estarei de volta.

Vronsky

— Está bem, já o esperava — disse ela com um sorriso sardónico. — Podes voltar para casa — disse ela dirigindo-se ao cocheiro; estas palavras pronunciou-as lenta e suavemente. O coração parecia-lhe querer saltar do peito e impedia-a de falar. *Não, não te permitirei mais fazeres-me sofrer assim*, pensou ela dirigindo-se ameaçadora àquele que a torturava; e continuou a caminhar ao longo do cais. *Sim, fugir, meu Deus!*, disse-se ela vendo-se examinada pelas pessoas a quem a sua *toilette* e a sua beleza intrigavam.

O chefe da estação perguntou-lhe se estava à espera do comboio. Um vendedor de kvas não a abandonava com os olhos. Chegando à extremidade do cais, deteve-se; umas senhoras com crianças falavam rindo com um sujeito de óculos, que provavelmente tinham vindo esperar. Também eles se calaram voltando-se para ver passar Ana.

Esta apressou o passo. Um comboio de mercadorias, que se aproximava, fez estremecer o cais e ela julgou-se de novo no comboio em movimento. Então lembrou-se do homem esmagado no dia em que pela primeira vez encontrara Vronsky em Moscovo e compreendeu o que lhe restava fazer. Ligeira e rapidamente desceu os degraus, que da bomba colocada na extremidade do cais levava até aos carris, e caminhou direita ao comboio. Examinou friamente a grande roda da máquina, as cadeias, os eixos, procurando medir com o olhar a distância que separava as rodas da frente do primeiro vagão das rodas de trás.

Ali, disse ela olhando a sombra projetada pelo vagão sobre a areia misturada com o carvão que cobria as travessas, *ali, no meio, seria ele castigado e eu ver-me-ia livre de todos e de mim própria!*

O seu saquito vermelho, que ela teve dificuldade em tirar do braço, fez-lhe perder a ocasião de se atirar para debaixo do primeiro vagão. Esperou o segundo. Um sentimento semelhante àquele que experimentara outrora ao dar um mergulho na ribeira se apossou dela. E fez o sinal da cruz. Esse gesto familiar acordou-lhe na alma uma multidão de recordações da sua adolescência e da infância. A vida com as suas alegrias fugitivas brilhou por um momento diante dela; mas com os olhos não deixou o vagão e quando o

meio entre as duas rodas apareceu, deitou fora o saco, encolheu a cabeça entre os ombros e, com as mãos para a frente, atirou-se de joelhos para debaixo do vagão. Teve tempo ainda de ter medo.

Onde estou eu? Porquê?, pensou ela fazendo esforços para fugir para trás. Mas uma massa enorme, inflexível, bateu-lhe na cabeça e arrastou-a pelas costas.

— Senhor, perdoa-me! — murmurou ela sentindo a inutilidade da luta.

Um pequeno mujique, que ia em pé no estribo inclinou-se, murmurando qualquer coisa por entre os dentes.

E a luz, que para a infortunada tinha iluminado o livro da sua vida com os seus tormentos, as suas traições e as suas dores, rasgando as trevas, brilhou num clarão mais vivo, vacilou e extinguiu-se para sempre.

Parte 8

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Capítulo 1

Dois meses tinham pasmado e, embora se tivesse atingido os meados do verão, Sergei Ivanitch ainda não deixara Moscovo para ir gozar o seu tempo de repouso habitual no campo. Um acontecimento importante acabava de se resolver para ele: a publicação de um livro sobre as formas governamentais na Europa e na Rússia, fruto de um labor de seis anos. A introdução, assim como alguns fragmentos desta obra, tinham já aparecido nas revistas; mas embora o seu trabalho não tivesse o atrativo da novidade, Sergei Ivanitch não deixava de esperar que ele fizesse sensação.

Contudo as semanas passaram-se sem que nenhum movimento viesse agitar o mundo literário. Alguns amigos, homens de ciência, falaram a Kosnichev do seu livro, por delicadeza, mas a sociedade propriamente dita estava preocupada com questões muito diferentes para conceder a menor atenção a uma publicação desse género. Quanto aos jornais, a única critica que apareceu numa folha séria foi de natureza a mortificar o autor.

Esse artigo não era mais do que uma série de citações habilmente combinadas para demonstrar que o livro inteiro, com as suas altas pretensões, só oferecia um conjunto de frases pomposas que nem sempre pareciam inteligíveis, como o testemunhavam os frequentes pontos de interrogação do crítico. O mais duro era que este, embora mediocremente instruído, era muito espirituoso.

Sergei Ivanitch. apesar da sua boa fé, não pensou um instante em verificar a justeza dessas observações. Acreditou numa vingança e lembrou-se de ter encontrado o autor do artigo no seu livreiro e de ter mostrado a ignorância de uma das suas observações.

Ao descontentamento de ver o trabalho de seis anos passar assim despercebido, juntava-se para Kosnichev uma espécie de falta de coragem causada pela ociosidade que se sucedia para ele ao período de agitação devida à publicação do livro. Felizmente a atenção pública voltava-se nesse

momento para a questão eslava com um entusiasmo que atingia os melhores espíritos. Kosnichev tinha muito senso para não reconhecer que esse entusiasmo apresentava lados pueris e que oferecia numerosas ocasiões às personalidades vaidosas de se porem em evidência. Demais ele não professava uma confiança absoluta nas narrações exageradas pelos jornais; no entanto sentiu-se tocado pelo sentimento unânime de simpatia manifestado por todas as classes da sociedade pelo heroísmo dos sérvios e dos montenegrinos. Essa manifestação da opinião pública chocou-o.

— O sentimento nacional — dizia ele — podia-se enfim produzir num grande dia.

E quanto mais estudava esse movimento no seu conjunto, mais ele lhe descobria proporções grandiosas destinadas a marcarem-se na história da Rússia.

O seu livro e as suas deceções foram esquecidos e ele consagrou-se tão completamente à obra comum que atingiu os meados de verão sem se poder ver livre das suas novas ocupações para ir para o campo. Resolveu, contudo, custasse o que custasse, conceder uma quinzena de dias para se meter na vida do campo a fim de assistir aos primeiros sinais desse acordar nacional em que a capital e todas as grandes cidades do império acreditavam firmemente.

Katavasov aproveitou a ocasião para cumprir a promessa que fizera a Levine de ir a casa dele, e os dois amigos puseram-se em marcha no mesmo dia.

Capítulo 2

As proximidades da estação de Koursk estavam apinhadas de carros, uns que traziam os voluntários e outros dos que os vinham acompanhar. Senhoras trazendo ramos de flores esperavam os heróis do dia para os saudar e a multidão seguia-os até ao interior da estação.

Entre as senhoras munidas de flores havia uma que conhecia Sergei Ivanitch e que, vendo-o aparecer, lhe perguntou em francês se ele acompanhava os voluntários.

— Parto para o campo para casa de meu irmão, princesa. Preciso descansar. Mas a senhora — ajuntou ele com um sorriso — não abandona o seu posto?

— É bem preciso. Não é verdade, diga-me, que já temos mandado oitocentos?

— Já mandámos mais de mil, se contarmos aqueles que não partiram diretamente de Moscovo.

— Eu bem o dizia — exclamou a senhora encantada. — E os donativos? Não é verdade que atingiram quase um milhão?

— Mais do que isso, princesa.

— Leu o telegrama! Já bateram os turcos. A propósito sabe quem parte hoje? O conde Vronsky! — disse a princesa com um ar triunfante e um sorriso significativo.

— Ouvi-o dizer, mas não sabia que ele partia hoje.

— Acabo de o ver. Está com a mãe. No fundo nada podia fazer de melhor.

— Oh, certamente!

Durante esta conversa a multidão tinha-se precipitado para a sala do bufete, onde um sujeito de copo na mão fazia aos voluntários um discurso que terminou abençoando-os com uma voz comovida em nome da «nossa mãe Moscovo». A multidão respondeu com vivas. Sergei Ivanitch assim

como a sua companheira quase que foram atirados ao chão pelas manifestações do entusiasmo do público.

— O que me diz, princesa? — gritou de repente do meio da multidão a voz arrebatada de Stepane Arcadievitch que procurava arranjar caminho até eles. — Não é verdade que faiou bem? Bravo! Você, Sergei Ivanitch, é que devia dizer-lhes algumas palavras de aprovação — ajuntou Oblonsky com o seu ar acariciante, tocando o braço de Kosnichev.

— Não, vou partir.

— Para onde vai?

— Para casa de meu irmão.

— Então vai ver minha mulher. Diga-lhe que me encontrou e que tudo está «all right». Ela compreenderá. Diga-lhe também que fui nomeado membro da comissão, ela sabe o que é, já lhe escrevi. Desculpe, princesa, são as pequenas misérias da vida humana — disse ele voltando-se para a senhora. — Sabe que Miagkaia, não Lisa, mas Bibiche, manda mil espingardas e doze irmãs enfermeiras. Sabia?

— Sim — respondeu Kosnichev friamente.

— Que pena que se vá! Amanhã damos um jantar de despedida a dois voluntários, Bartniansky de S. Petersburgo e o nosso Veslovsky, que casado de pouco também parte. É belo, não é?

E sem reparar que em nada interessava os seus interlocutores, Oblonsky continuou a tagarelar.

— O que diz? — exclamou ele quando a princesa lhe disse que Vronsky partia no primeiro comboio. Um sentimento de tristeza se pintou momentaneamente sobre a sua alegre fisionomia, mas bem depressa esqueceu as lágrimas que vertera sobre o corpo inanimado da irmã para só ver em Vronsky um herói e um velho amigo. E correu a juntar-se a ele.

— É preciso fazer-lhe justiça apesar dos seus defeitos — disse a princesa quando Stepane Arcadievitch se afastou. — É uma natureza eslava por excelência. Receio, contudo, que o conde nenhum prazer tenha em o ver. Por mais que digam, esse infeliz Vronsky causa-me pena. Trate de conversar um pouco com ele durante a viagem.

— Com certeza, se tiver a ocasião disso.

— Ele nunca me agradou, mas acho que o que ele agora faz o desculpa muito. Sabe que leva consigo um esquadrão e à sua custa?

A campainha tocou e a multidão correu para as portas.

— Olhe, ali vai ele — disse a princesa a Kosnichev, mostrando-lhe Vronsky vestido com um casaco comprido, a cabeça coberta por um chapéu de abas largas, dando o braço à mãe. Oblonsky seguia-os falando com animação; provavelmente assinalara a presença de Kosnichev, porque Vronsky se voltou para esse lado e tirou silenciosamente o seu chapéu, mostrando uma fronte envelhecida e devastada pela dor, e imediatamente desapareceu na gare.

Os hurras e o hino nacional cantado em coro retiniram até à partida do comboio. Um jovem voluntário, de elevada estatura, de costas abauladas e de ar doentio, respondeu ao público com ostentação, agitando o boné de feltro e um ramo de flores por sobre a cabeça. Por detrás dele dois oficiais e um homem velho com um velho boné na cabeça saudavam mais modestamente.

Capítulo 3

Kosnichev, depois de se ter despedido da princesa, entrou com Katavasov, que acabava de se juntar a ele, numa carruagem cheia de gente.

O hino nacional acolheu ainda os voluntários na estação seguinte e estes responderam com as mesmas saudações. Estes entusiasmos eram muito familiares a Sergei Ivanitch e o tipo dos voluntários muito conhecido para que ele mostrasse a menor curiosidade. Mas Katavasov, que os seus estudos mantinham afastado desse meio, tomava interesse por todas essas cenas novas para ele e interrogava o companheiro a respeito dos voluntários. Sergei Ivanitch aconselhou-o a estudá-los na carruagem na estação seguinte e Katavasov seguiu este conselho.

Encontrou os quatro heróis sentados a um canto da carruagem falando ruidosamente, vendo-se objeto da atenção geral. O mancebo alto e abaulado falava mais alto que os outros sob a influência de numerosas libações e contava uma história a um oficial de pequeno uniforme austríaco. O terceiro voluntário com uniforme de artilheiro estava sentado junto deles sobre um cofre e o quarto dormia.

Katavasov soube que o mancebo doente era um negociante com a idade de vinte e dois anos que conseguira gastar uma fortuna considerável e julgara atrair a atenção do mundo inteiro partindo para a Sérvia. Era um menino mimado, perdido de saúde e cheio de bazófia, que causou ao professor uma má impressão.

O segundo não valia mais; tentara todos os ofícios e falava de tudo com um tom superior e com a mais completa ignorância.

O terceiro, pelo contrário, agradou a Katavasov pela sua modéstia e pela sua delicadeza. A presunção e a falta de ciência dos seus companheiros impunham-se-lhe e ele mantinha-se reservado.

— O que vão fazer à Sérvia? — perguntou-lhe o professor.

— Eu vou, como toda a gente, tentar tornar-me útil.

— Faltam artilheiros?

— Oh! eu pouco servi em artilharia!

E contou que, não tendo podido alcançar os exames, tivera de abandonar o exército como oficial inferior.

A impressão geral produzida por estas pessoas era pouco favorável. Um velho de uniforme militar, que os estava escutando com Katavasov, não parecia mais edificado que ele e achava difícil tomar a sério estes heróis, cujo valor militar se concentrava nos seus cantis de viagem. Mas diante da excitação atual dos espíritos era imprudente pronunciarem-se francamente. O velho militar, interrogado por Katavasov sobre a impressão que lhe causavam os voluntários, limitou-se a responder sorrindo com os olhos:

— O que quer, é preciso homens!

E sem aprofundarem mutuamente os seus sentimentos a esse respeito, falaram das notícias do dia e da famosa batalha em que os turcos deviam todos ser esmagados.

Katavasov, quando voltou a tomar lugar junto de Sergei Ivanitch, nada lhe disse do que pensava; não teve a coragem de omitir a sua opinião.

Os coros, as aclamações, as flores e as subscrições vieram novamente na estação seguinte. Acompanharam os voluntários ao bufete, como em Moscovo, mas com um entusiasmo um pouco menor.

Capítulo 4

Durante a paragem do comboio, Sergei Ivanitch foi passear para a gare e passou por diante do compartimento de Vronsky, cujos estores estavam corridos. Quando passou por diante dele pela segunda vez viu a velha condessa à janela. Ela chamou-o.

— Vou acompanhá-lo até Koursk.

— Já mo disseram — respondeu Kosnichev parando junto da porta; e ajuntou vendo que Vronsky não estava: — É uma bela ação que ele faz.

— O que queria que ele fizesse depois da desgraça que lhe sucedeu?

— Que terrível acontecimento!

— Meu Deus! Pelo que eu tenho passado! Mas entre — disse a velha senhora, arranjando um lugar junto dela para Kosnichev. — Se soubesse o que eu tenho sofrido! Durante seis semanas ele não abriu a boca e só as minhas súplicas o decidiam a comer. Receávamos que ele atentasse contra a vida. Sabe que uma vez por causa dela ele quis morrer? Sim — disse a velha condessa, cujo rosto se ensombrou a essa recordação. — Essa mulher morreu como tinha vivido, porca e miseravelmente.

— Não é a nós que compete julgá-la, condessa — respondeu Sergei Ivanitch com um suspiro. — Quero crer que tenha sofrido muito!

— Não me fale disso! O meu filho estava em minha casa, na minha propriedade dos arredores de Moscovo, onde eu estava a passar o verão, quando lhe trouxeram um bilhete ao qual ele deu imediatamente resposta. Ninguém sabia que ela estivesse na estação. À noite, subindo para o meu quarto, soube por uma das criadas que uma senhora se atirara para debaixo de um comboio de mercadorias. Compreendi tudo imediatamente e as minhas primeiras palavras foram: «Nada digam ao conde!» Mas já o tinham prevenido, porque o seu cocheiro estava na estação no momento da desgraça e vira tudo. Corri para o seu quarto, ele estava como doido; sem pronunciar uma palavra partiu. Não sei o que lhe sucedeu, mas à volta parecia um morto,

não o teria reconhecido. «Prostração completa», disse o médico. Mais tarde esteve quase a perder a razão. Por mais que digam, essa mulher era má. Compreende o senhor uma paixão deste género? O que quis ela provar com a sua morte? Perdeu a existência de dois homens de um raro mérito, o marido e meu filho, e perdeu-se a si própria.

— O que fez o marido?

— Tomou conta da pequenita. No primeiro momento Alexei consentiu em tudo. Agora arrepende-se de ter abandonado a filha a um estranho, mas podia ele encarregar-se dela? Karenine veio ao enterro e nós conseguimos evitar um encontro entre Alexei e ele. Para o marido esta morte é a libertação, mas para o meu pobre filho, que tudo tinha sacrificado a essa mulher, a mim, a sua posição, a sua carreira... acabar assim! Não, por mais que me diga, é o fim de uma criatura sem religião. Que Deus me perdoe, mas pensando no mal que ela fez a meu filho só posso maldizer a sua memória.

— Como vai ele agora?

— Foi esta guerra que nos salvou. Eu não compreendo nada disto e a guerra causa-me medo, tanto mais que dizem que ela não é bem vista em S. Petersburgo, mas eu não deixo de agradecer ao céu. Isto deu-lhe ânimo. O seu amigo Yavshine veio convidá-lo para o acompanhar à Sérvia. Ele vai porque se arruinou ao jogo. Os preparativos da partida ocuparam e distraíram Alexei. Fale com ele, peço-lhe, está tão triste! E para cúmulo de aborrecimento tem uma dor de dentes. Mas ficará contente por o ver; anda a passear do outro lado da linha.

Sergei Ivanitch prometeu ir falar ao conde e dirigiu-se para o lado da linha, onde se achava Vronsky.

Capítulo 5

Por entre os pacotes empilhados no cais das mercadorias, Vronsky andava a passear num estreito espaço, como uma ave na gaiola, onde não podia fazer mais do que uns vinte passos. Com as mãos metidas nas algibeiras do sobretudo, passou por diante de Sergei Ivanitch sem ter o ar de o reconhecer. Mas este estava acima de todas as suscetibilidades. Vronsky executava no seu pensar uma grande missão, por isso devia ser encorajado. Kosnichev aproximou-se pois, e o conde, tendo fixado o olhar sobre ele, parou e estendeu-lhe a mão cordialmente.

— Talvez preferisse não me ver? Mas desculpe a minha insistência: devia-lhe oferecer os meus serviços — disse Sergei Ivanitch.

— Ninguém me pode fazer menos mal que o senhor — respondeu Vronsky. — Perdoe-me, mas a vida oferece tão pouco aspetos agradáveis.

— Acredito em si; contudo uma carta para Ristitch ou para Nicolau talvez lhe fosse útil? — continuou Kosnichev chocado pelo profundo sentimento que exprimia o rosto do conde.

— Oh! Não — respondeu este fazendo esforços para compreender — quer andar um pouco? Estas carruagens são tão abafadas! Uma carta? Não, obrigado! Elas são precisas para nos fazermos matar?... Nesse caso talvez para os turcos... — ajuntou ele sorrindo com a ponta dos lábios, enquanto o olhar conservava a mesma expressão de amarga dor.

— Ser-lhe-á mais fácil entrar em relações com homens preparados para a ação. De resto faça como entender, mas eu queria-lhe dizer quanto tinha sido feliz em saber a decisão que o senhor tomara; irá levantar na opinião pública esses voluntários tão atacados.

— O meu único mérito — respondeu Vronsky — é não ligar importância à vida. Quanto à energia, sei que ela não me faltará e é um alívio para mim aplicar a um fim útil esta existência, que é fardo... — e fez um gesto de impaciência causado pela dor do dente doente.

— O senhor vai renascer para uma nova vida — disse Sergei Ivanitch comovido. — Permita-me que lho diga, porque salvar irmãos oprimidos é um fim para o qual se pode tão dignamente viver como morrer. Que Deus lhe dê o sucesso e que torne à sua alma a calma de que ela necessita.

— Já não sou senão uma ruína — murmurou o conde lentamente, apertando a mão que Kosnichev lhe estendia.

Calou-se, vencido pela dor persistente que o incomodava para falar, e os olhos fixaram-se maquinalmente na roda do tênder que avançava lentamente e com regularidade por sobre os carris. À vista disso o seu sofrimento físico cessou subitamente, apagado pela cruel recordação que o encontro de um homem que não tornara a ver depois da sua desgraça vinha acordar nele. *Ela* apareceu-lhe de repente, ou pelo menos o que restava *dela,* quando entrando como um doido na barraca, junto da linha para onde a haviam transportado, viu o seu corpo ensanguentado, estendido sem pudor aos olhos de todos. A cabeça intacta com as suas tranças e os caracóis junto das fontes estava caída para trás. Os olhos semicerrados, os lábios entreabertos pareciam prestes a proferir ainda a sua terrível ameaça e predizer-lhe, como na sua última entrevista, «que ele se arrependeria».

Por mais que quisesse desde então evocar o seu primeiro encontro, também na estação, procurar revê-la na sua poética e encantadora beleza, quando transbordante de vida e de alegria ela ia para a felicidade e a sabia dar, era sempre a sua imagem irritada e animada de uma implacável necessidade de vingança que ele revia e as alegrias do passado ficavam-lhe envenenadas para sempre.

Um soluço fez-lhe estremecer todo o corpo.

Depois de um momento de silêncio, o conde, conseguindo reanimar-se, trocou ainda algumas palavras com Kosnichev sobre o futuro da Sérvia e depois ao sinal da partida os dois homens separaram-se.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 6

Sergei Ivanitch, não sabendo quando lhe seria possível partir, não tinha querido anunciar a sua chegada pelo telégrafo. Por isso foi obrigado a contentar-se com um carro de aluguer que estava na estação e chegaram, ele e o companheiro, a Pakrofsky pelo meio-dia e cobertos de poeira.

Kitty, que estava sentada à janela com o pai e o irmão, reconheceu o cunhado e correu direita aos viajantes.

— Devia ter vergonha de chegar assim sem nos ter prevenido — disse ela oferecendo o rosto ao cunhado.

— Pensámos que poderíamos incomodar. O nosso amigo Miguel Semenitch, que trouxe comigo.

— Não me confunda com um preto — disse Katavasov rindo. — Quando estiver lavado, verá que tenho um rosto humano.

E os dentes brancos brilhavam-lhe no rosto cheio de poeira.

— Kostia vai ficar muito contente; está nos estábulos e não se deve demorar.

— Sempre metido nos negócios, enquanto nós só sabemos da guerra da Sérvia! Estou com curiosidade de saber a opinião do meu amigo a esse respeito: evidentemente que não deve pensar como toda a gente.

— Mas creio que sim — respondeu Kitty um pouco confusa olhando para Sergei Ivanitch. — Vou mandá-lo procurar. O papá está cá depois do seu regresso do estrangeiro.

E aproveitando a liberdade de movimentos de que estivera privada por tanto tempo, apressou-se a instalar os seus hóspedes, mandando prevenir o marido e correndo depois para junto do pai, que ficara no terraço.

— É Sergei Ivanitch, que traz consigo o professor Katavasov.

— Oh! Com este calor! Deve ser aborrecido!

— Não, papá, é um sujeito muito amável e Kostia gosta muito dele. Vai ter com eles, querida amiga — disse ela para a irmã. — Enquanto eu vou para

junto do pequenito; ainda lhe não dei de mamar desde manhã e deve estar impaciente. Esses senhores encontraram Stiva na estação.

Os laços que uniam a mãe e o filho estavam ainda tão íntimos que ela adivinhava as necessidades do filho mesmo antes de ter ouvido os seus vigorosos gritos de impaciência.

Kitty apressou o passo.

— Dê-mo cá, dê-mo depressa — disse ela tão cheia de impaciência como o filho e ralhando com a ama, que se demorava em pôr a touca à criança.

Finalmente, depois de um grito desesperado de Mitia que na sua pressa de mamar, não sabia onde pegar no peito, a mãe e o filho, acalmando-se, respiraram e Kitty sorriu vendo-o lançar-lhe um olhar quase zangado sob a sua touquita enquanto ia enchendo as suas bochechas com o leite sugado.

— Acredite, Catarina Alexandrovna, o bebezinho já me conhece — disse a velha Ágata Mikhailovna, que não podia estar afastada do quarto da criança.

— É possível; se a conhecesse, também me conhecia a mim — respondeu Kitty sorrindo.

Mas apesar desta negativa, ela sabia no fundo da sua alma quanto esse pequenino ser compreendia coisas ignoradas do resto do mundo e das quais a mãe nada teria compreendido sem ele. Para todos, principalmente para o pai, Mitia era uma pequena criatura humana para quem eram precisos unicamente cuidados físicos. Para a mãe, era um ser dotado de faculdades morais e teria muito que contar a respeito das suas relações de coração.

— Vai ver quando ele acordar — insistiu a velha ama.

— Está bem, está bem, mas agora deixe-o dormir.

Capítulo 7

Ágata Mikhailovna afastou-se no bico dos pés, baixou os estores, enxotou as moscas escondidas por detrás da cortina de musselina do berço e, armada com um ramo de bétula, sentou-se junto da senhora para continuar a fazer guerra aos insetos.

Mitia, fechando os olhos pouco a pouco no seio da mãe, fazia com o bracito gestos que perturbavam Kitty, com vontade de o beijar e de o ver dormir.

Por cima da cabeça ouvia ela um murmúrio de vozes e o riso sonoro de Katavasov.

Ei-los que se animam, pensou ela. *Mas é aborrecido que Kostia ainda cá não esteja. Demorou-se junto das abelhas. Às vezes contraria-me que saia tantas vezes e com tudo isso distraí-o. Está mais alegre agora que na primavera, e em Moscovo tinha medo de o ver sombrio. Que homem tão esquisito.*

Kitty conhecia a causa do tormento do marido, que as suas dúvidas tornavam infeliz. Embora pensasse na sua ingénua fé que não há salvação para o ceticismo daquele cuja alma lhe era tão querida, não a inquietava por forma nenhuma.

Porque lê ele todos esses livros de filosofia onde nada acha? Se deseja a fé, porque a não tem? Reflete muito e absorve-se em meditações solitárias, porque nós não estamos à altura de conversar com ele. A visita de Katavasov dar-lhe-á prazer, porque gosta de discutir com ele...

E imediatamente os pensamentos da jovem senhora se voltaram para a instalação dos seus hóspedes. Era preciso dar-lhes um quarto comum ou separá-los? Um terror súbito a fez tremer a ponto de incomodar Mitia.

A engomadeira não trouxe a roupa... oxalá que Ágata Mikhailovna lhes não ponha roupa... já servida!...

E o rosto de Kitty corou de vergonha.

É preciso que vá eu própria ver isso, pensou ela. E pôs-se a pensar no marido. *Sim, Kostia é incrédulo, mas eu amo-o mais assim do que se ele se parecesse com a senhora Stahl ou comigo, quando estava em Soden. Nunca será um hipócrita.*

Um traço da bondade do marido lhe veio à memória. Algumas semanas antes Stepane Arcadievitch escrevera uma carta de arrependimento à mulher, suplicando-lhe que lhe salvasse a honra vendendo a terra de Yergoushovo para pagar as suas dívidas.

Dolly, desprezando o marido, enchera-se de desespero e, por compaixão para com ele, decidira-se a desfazer-se de uma parte dessa terra. Kitty lembrava-se do ar tímido com que Kostia tinha ido ter com ela para lhe propor um meio de ajudar Dolly sem a ferir: era ceder-lhe a parte que lhe pertencia dessa propriedade.

Pode-se ser incrédulo com esse coração e esse receio de afligir até uma criança? Nunca pensa senão nos outros. Sergei Ivanitch acha muito natural considerá-lo como seu feitor e a irmã também. Dolly e os filhos não têm mais amparo que ele. Até mesmo julga seu dever sacrificar o seu tempo aos camponeses, que veem consultá-lo sem cessar... Sim, o que tu poderás fazer de melhor será pareceres-te com teu pai, murmurou ela tocando com os lábios a face do filho antes de o entregar às mãos da ama.

Capítulo 8

Desde o momento em que, junto do irmão moribundo, Levine entrevira o problema da vida e da morte à luz das novas convicções, como ele lhes chamava, que dos vinte aos trinta e quatro anos tinham substituído as crenças da sua infância, a vida aparecera-lhe mais terrível ainda que a morte. Donde vinha ela? O que significava? Porque nos tinha sido dada? O organismo, a sua destruição, a indestrutibilidade da matéria, as leis da conservação e do desenvolvimento das forças, as palavras e as teorias científicas que se lhe ligavam eram sem dúvida interessantes no ponto de vista intelectual, mas qual seria a sua utilidade no decorrer da existência?

E Levine, semelhante a um homem que por um tempo frio tivesse mudado um quente abafo por um fato de musselina, sentia não pelo raciocínio, mas por todo o ser que estava nu, despojado e destinado a morrer miseravelmente.

Desde então, sem mudar em nada a sua vida exterior e sem quase ter consciência disso, Levine não cessou de experimentar o terror da sua ignorância, tristemente persuadido de que o que ele chamava as *suas convicções,* longe de o ajudarem a esclarecer-se, lhe tornavam inacessíveis os conhecimentos de que ele experimentava uma necessidade imperiosa.

O casamento, as suas alegrias, os novos deveres abafavam por completo os seus pensamentos. Mas eles voltaram com uma persistência crescente depois do parto da mulher, quando em Moscovo viveu sem ocupação séria.

A questão colocava-se assim para ele: *Se eu não aceito as explicações que o cristianismo me oferece sobre o problema da minha existência, onde irei achar outras?*

E perscrutava as suas convicções científicas tão inutilmente como se tivesse percorrido uma loja de brinquedos ou um depósito de armas para lá achar alimentos.

Involuntariamente, sem consciência, procurava nas suas leituras, nas suas

conversas e até nas pessoas que o rodeavam uma relação qualquer com o assunto que o absorvia.

Um facto o preocupava e o admirava especialmente: porque é que os homens da sua igualha, que na maior parte tinham substituído, como ele, a fé pela ciência, pareciam não experimentar nenhum sofrimento moral e viverem perfeitamente satisfeitos e contentes? Não eram sinceros! Ou então a ciência respondia mais claramente para eles a essas perturbadoras questões? Punha-se a estudar esses homens e os livros que podiam conter as tão desejadas soluções.

Contudo descobriu que cometera um grande erro compartilhando com os seus camaradas da Universidade a ideia de que a religião não existia. Aqueles que ele mais amava, o velho príncipe, Lvov, Sergei Ivanitch, Kitty conservavam a fé da sua infância, essa fé de que ele próprio compartilhara outrora. As mulheres em geral e o povo inteiro criam.

Convenceu-se depois que os materialistas, de que seguia as opiniões, não davam a essas questões nenhum sentido particular e, longe de as explicarem, sem a solução das quais a vida lhe parecia impossível, as afastavam para resolverem outras que o deixaram indiferente, como o desenvolvimento do organismo, a definição mecânica da alma, etc.

Durante a doença da mulher, Levine experimentara uma estranha sensação: ele, o incrédulo, rezara... e rezara com uma fé sincera. Mas mal voltara a calma, sentia a sua vida inacessível a uma semelhante disposição de alma.

Em que momento lhe aparecera a verdade? Podia admitir que se enganara? Porque analisando-os friamente, os seus laços para Deus caíam em pó; devia ele considerá-los como uma prova de fraqueza? Isso teria sido rebaixar sentimentos de que ele apreciava a grandeza...

Esta luta interior pesava-lhe dolorosamente e procurava com todas as forças do seu ser livrar-se delas.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 9

Acabrunhado por estes pensamentos, lia e meditava, mas o fim desejado parecia afastar-se cada vez mais.

Convencido da inutilidade de procurar no materialismo uma resposta às suas dúvidas, releu durante os últimos tempos da sua estada em Moscovo e no campo Platão, Spinoza, Kant, Schelling, Hegel e Schopenhauer. Estes satisfaziam-lhe a razão enquanto os lia ou quando opunha as suas doutrinas às outras, principalmente às teorias materialistas. Infelizmente, desde que procurava, independentemente desses guias, a aplicação a algum ponto duvidoso, recaía nas mesmas perplexidades.

Os termos *espírito, vontade, liberdade, substância* só ofereciam um certo sentido à sua inteligência, quando seguia a fieira artificial das deduções desses filósofos e se prendia às suas subtis distinções; mas considerada no ponto de vista da vida real, a construção desabava e ele só via um conjunto de palavras sem relação nenhuma com aquele «alguma coisa» mais necessário à vida que a razão.

Schopenhauer deu-lhe alguns dias de calma pela substituição que fez em si próprio da palavra *amor*, a que este filósofo chama *vontade.* Este apaziguamento foi, porém, de curta duração.

Sergei Ivanitch aconselhou-lhe a ler Homiakov e, se bem que maldisposto pelo estilo rebuscado deste autor e pelas suas excessivas tendências para a polémica, ficou chocado por o ver desenvolver a seguinte ideia: «O homem não poderá atingir sozinho o conhecimento de Deus, porque a verdadeira luz está reservada para uma reunião de almas animadas do mesmo amor à Igreja».

Este pensamento reanimou Levine. Quanto achava mais fácil aceitar a Igreja estabelecida como santa e infalível, pois tem Deus por chefe, com os seus ensinamentos sobre a Criação, a queda e a redenção, e de chegar por meio dela até Deus, do que sondar o impenetrável mistério da divindade para

se explicar em seguida a Criação, a queda, etc.

Mas depois de ter lido, em seguida a Homiakov, uma história da Igreja escrita por um autor católico recaiu dolorosamente nas suas dúvidas! A Igreja grega ortodoxa e a Igreja católica excluíam-se mutuamente!

E a teologia não oferecia fundamentos mais sólidos que a filosofia!

Durante toda essa primavera não foi o mesmo e atravessou horas cruéis.

Eu não posso viver sem saber o que sou e com que fim existo; visto que não posso atingir esse conhecimento, a vida é impossível, dizia Levine para si. *Na infinidade do tempo, da matéria, do espaço, uma célula orgânica forma-se, mantêm-se um momento e rebenta... Essa célula sou eu!*

Este sofisma doloroso era o único, o supremo resultado do labor do pensamento humano durante séculos: era a crença final, sobre a qual se baseavam as mais recentes investigações do espírito científico, era a convicção dominante. Levine, sem que soubesse ao certo porquê, e simplesmente porque essa teoria lhe parecia a mais clara, penetrara-se involuntariamente dela. Mas esta conclusão parecia-lhe mais um sofisma: via nela a obra irrisória de alguns espíritos do mal; subtrair-se era um dever, o meio de se libertar estava em poder de cada um...

E Levine, amado, feliz, pai de família, afastou cuidadosamente da sua mão toda a arma, como se temesse ceder à tentação de pôr fim ao seu suplício.

Contudo ele não se matou e continuou a viver e a lutar.

Capítulo 10

Quanto mais Levine estava moralmente perturbado pela dificuldade de analisar o problema da sua existência, tanto mais procedia sem hesitação na vida ordinária. No mês de junho retomou os seus trabalhos habituais em Pakrofsky, a direção das terras do irmão e da irmã, as suas relações com os vizinhos e com os camponeses. Nesse ano juntou-lhe uma caçada às abelhas, que o ocupou apaixonadamente. O interesse que ele tomara pelos negócios limitara-se; já não tinha, como outrora, vistas gerais cuja aplicação lhe causara bastantes deceções e contentava-se em cumprir os seus novos deveres, advertido por um secreto instinto que desta forma procedia melhor.

Antigamente a ideia de fazer uma ação boa e útil causava-lhe de antemão uma suave impressão de alegria, mas a própria ação não realizava jamais as suas esperanças e punha-se imediatamente a duvidar da utilidade do que empreendia. Agora ia direito ao fim sem alegria, mas sem indecisões e os resultados obtidos achava-os suficientes. la abrindo o seu sulco no solo com a inconsciência da charrua.

Em lugar de discutir certas condições de vida, aceitava-as como tão indispensáveis como o sustento diário. Viver como os seus antepassados, prosseguir a sua obra a fim de a legar por seu turno aos filhos era para ele um dever indiscutível e sabia que para atingir esse fim, a terra devia ser estrumada e lavrada, os bosques semeados sob a sua vigilância sem que tivesse o direito de se escusar desse encargo para com os camponeses, afirmando-lhes o seu domínio.

Sabia igualmente que devia ajuda e proteção à irmã e ao irmão e aos numerosos camponeses que o vinham consultar, como as crianças que lhe tivessem confiado. A mulher e Dolly tinham igualmente direito ao seu tempo e tudo isso enchia superabundantemente essa existência do que ele não compreendia o senso quando nisso refletia.

Mas coisa estranha, não só o dever lhe aparecia bem definido, mas já não

tinha dúvidas sobre a maneira de o exercer nos casos particulares da vida quotidiana. Assim não hesitava em contratar os trabalhadores o mais barato que podia, mas sabia que os não devia contratar com a paga adiantada ou abaixo do preço corrente. Adiantava dinheiro a um camponês para o tirar das garras de um usurário, mas não fazia presente das prestações atrasadas. Castigava severamente os roubos de lenha, mas tinha escrúpulos em prender o rebanho do camponês apanhado em flagrante delito de pastagem nos seus prados. Não dava o jornal de um trabalhador, forçado por causa da morte do pai a abandonar o trabalho em plena ceifa, mas mantinha e sustentava os antigos servidores já velhos. Deixava esperar os camponeses para ir beijar a mulher, mas não ia para os cortiços sem os receber primeiro.

Ele não aprofundava esse código pessoal e temia as reflexões que teriam arrastado consigo dúvidas e perturbado a visão clara e nítida do seu dever. As suas faltas achavam de resto um juiz severo na sua consciência sempre acordada e que não o desculpava.

Foi assim que ele viveu seguindo a rota traçada pela vida, sempre sem entrever a possibilidade de se explicar o mistério da existência e torturado pela sua ignorância a ponto de recear o suicídio.

Capítulo 11

O dia da chegada de Sergei Ivanitch a Pakrofsky tinha sido cheio de emoções para Levine.

Estava-se no momento mais atarefado do ano, naquele que exige um esforço de trabalho e de vontade, que se não chega a apreciar suficientemente porque se reproduz periodicamente e só oferece resultados muito simples. Ceifar, recolher o trigo, lavrar, bater o grão, semear, são trabalhos que a ninguém espantam. É preciso que do grande ao pequeno, todos se metam no trabalho, é preciso que durante três a quatro semanas se contentem com o pão, cebolas e kvas, que só se durma durante algumas horas, que nem de dia nem de noite se pare e este fenómeno realiza-se todos os anos na Rússia.

Levine sentia-se em comunhão com o povo; de manhãzinha cedo ia para o campo, voltava a almoçar com a mulher e com a cunhada, depois ia para a granja, onde se andava a instalar uma nova batedeira. E vigiando o trabalho ou falando com o sogro ou com as senhoras, a mesma interrogação o perseguia: «Quem sou eu? Onde estou? Porquê?»

Em pé junto da granja recentemente coberta de colmo, ele estava olhando para a poeira produzida pela batedeira dançando no ar, a palha espalhada para fora por sobre a erva ressequida pelo sol, enquanto as andorinhas se refugiavam sobre o teto e os trabalhadores se apressavam a entrar no interior sombrio da granja.

Porquê tudo isto?, pensava ele. *Porque os vigio eu e porque é que eles mostram tanto zelo diante de mim? Eis a minha velha amiga Matrona.* Era uma mulher alta e magra que ele curara de uma queimadura e que raspava vigorosamente o solo. *Curei-a, é verdade, mas se não é hoje será dentro de um ano, de dez, que será preciso levá-la para debaixo da terra, assim como esta rapariguita desenxovalhada que se faz elegante, como este cavalo cansado atrelado ao engenho, como Fedor, que vigia a batedeira e manda com tanta autoridade as mulheres… e o mesmo acontecerá a mim... Porquê?*

E maquinalmente, mesmo a refletir, consultou o relógio a fim de fixar o tempo aos trabalhadores.

A hora de jantar tinha soado e Levine deixou os camponeses dispersarem-se e, encostando-se a um belo monte de trigo para as sementeiras, pôs-se a conversar com Fedor e interrogou-o a respeito de um rico camponês chamado Platão, que se recusava a arrendar o campo outrora entregue à associação e que um camponês explorara no ano precedente.

— O preço é muito elevado, Konstantin Dmitritch — disse Fedor.

— Mas porquê, se Mitiouck o pagou o ano passado?

— Platão não dava o mesmo dinheiro que Mitiouck — disse o trabalhador com um tom de desprezo. — O velho Platão não esfolará o próximo; tem compaixão da gente pobre e dá crédito aos que precisam.

— Porque é que ele dá crédito?

— Os homens não são todos iguais. Este vive para a barriga, como Mitiouck, estoutro para a alma e para Deus como o velho Platão.

— O que chamas tu viver para a alma e para Deus? — quase que gritou Levine.

— É muito simples: viver segundo Deus manda, segundo a verdade. Nem todos são iguais, não é verdade? O senhor, por exemplo, Konstantin Dmitritch, o senhor não faria mal à gente pobre.

— Sim... sim... adeus — balbuciou Levine preso de uma viva comoção; e tomando a bengala dirigiu-se para casa.

«Viver para Deus, segundo a verdade... para a sua alma». Estas palavras do camponês achavam um eco no seu coração e pensamentos confusos, mas que ele sentia fecundos, se agitavam nele, escapados de algum canto do seu ser, onde tinham estado muito tempo opressos, para o envolverem numa claridade nova.

Capítulo 12

Levine avançava a grandes passadas pela estrada fora sob o império de uma sensação completamente nova. As palavras do camponês tinham produzido na sua alma o efeito de uma luz elétrica e o conjunto de ideias vagas e obscuras que não tinham cessado de o possuir, mesmo ao falar do aluguer do seu campo, pareceram condensar-se para lhe encherem o coração de uma inexplicável alegria.

Não viver para si, mas para Deus!... Qual Deus? Não é insensato pretender que nós não devemos viver para nós, isto é, para o que nos agrada e nos atrai para Deus, que ninguém compreende nem pode definir?... Contudo estas palavras insensatas, compreendi-as eu, não duvidei da sua veracidade, não as achei nem falsas, nem obscuras... Dei-lhes o mesmo sentido que esse camponês e nunca talvez tivesse compreendido tão claramente como agora! Fedor pretende que Mitiouck vive para a barriga; eu bem sei o que ele entende por isso. Todos nós, pessoas de razão, vivemos na mesma. Mas Fedor diz também que é preciso viver para Deus, segundo a verdade, e compreendo-o igualmente... Eu e milhões de homens, ricos e pobres, sábios e ignorantes, no passado como no presente, estamos todos de acordo neste ponto: que é preciso viver para o «bem». O único conhecimento claro, indubitável, absoluto que possuímos é esse… e não é só pelo raciocínio que aí chegámos, porque o raciocínio o exclui, porque não tem causa, nem efeito. O «bem», se tivesse uma causa, deixaria de ser o bem, como se tivesse uma sanção, uma recompensa... Isto, bem o sei, todos o sabem. E eu que procurava um milagre para me convencer?... Ei-lo, o milagre, e eu não o tinha notado quando ele me cerca por todos os lados!... Pode ele ser maior?... Acharia eu a solução das minhas dúvidas? Vou cessar de sofrer?

E Levine continuava pela estrada poeirenta, insensível à fadiga e ao calor. Sufocado pela comoção e não se atrevendo a acreditar na sensação de

apaziguamento que lhe penetrava na alma, afastou-se da estrada para se internar no bosque e estender-se à sombra de uma faia sobre a erva fofa.

Aí, descobrindo a cabeça coberta de suor, seguiu o curso das suas reflexões, examinando os movimentos de um inseto que ia subindo dificultosamente o caule de uma planta.

É preciso recolher-me, resumir as minhas impressões e compreender a causa da minha felicidade... Outrora acreditei que se operava no meu corpo, como no deste inseto, uma evolução da matéria segundo as leis físicas, químicas e fisiológicas, evolução, luta incessante que se estende a tudo, às árvores, às nuvens e às nublosas... Mas a que chegava esta evolução? A luta com o infinito é possível?... E espantava-me, apesar de esforços supremos, de nada encontrar nesse caminho que me mostrava o sentido da minha vida, das minhas impulsões e das minhas aspirações... Esse sentido é no entanto tão vivo e tão claro em mim que até se torna no fundo da minha própria existência. E quando Fedor me disse: «Viver para Deus e para a sua alma», senti uma tão grande alegria e admirei-me de o ver definir assim. Nada descobri, já o sabia... simplesmente reconheci essa força que outrora me deu a vida e ma torna a dar hoje. Sinto-me livre dos erros... sou senhor de mim mesmo!...

E recordou os seus pensamentos durante os dois últimos anos, no dia em que a ideia da morte o tinha chocado à vista de seu irmão doente. Foi então que ele compreendera claramente que o homem, não tendo outra perspetiva que o sofrimento, a morte e o esquecimento eterno, devia, sob pena de se suicidar, chegar a explicar a si próprio o problema da existência, de maneira a não ver nela a cruel ironia de algum génio maligno. Mas sem nada conseguir explicar, não se matara, tinha casado e conhecera novas alegrias que o tornavam feliz quando não sondava os seus perturbadores pensamentos.

O que provava esta inconsequência? Que vivia bem, mesmo pensando mal. Sem o saber sustentara estas verdades da fé sugadas com o leite que o seu espírito desconhecia. Agora compreendia tudo o que lhe devia...

O que seria eu se não soubesse que era preciso viver para Deus e não para a satisfação das minhas necessidades? Teria roubado, mentido, assassinado... nenhuma das alegrias que a vida dá teria existido para mim... Procurava um resultado que a reflexão não pode dar, não estando à altura do problema. Só a vida, com o conhecimento inato do bem e do mal, me oferecia uma resposta. E este conhecimento não o adquiri, não saberia onde

o ir buscar, foi-me dado, como todo o resto. O raciocínio nunca me teria demonstrado que eu devia amar o próximo em vez de o estrangular?... Se, quando me ensinaram na minha infância, eu o tivesse acreditado, é porque já o sabia. O ensino da razão é a luta pela vida, essa lei que exige que todo o obstáculo para a satisfação dos nossos desejos seja arredado, a dedução é lógica… enquanto não há nada de razoável em amar o próximo. O orgulho é tolice, pensou ele, *astúcia de espírito!... Sim, astúcia de espírito!... sim, astúcia e infâmia de espírito!...*

Capítulo 13

E Levine lembrou-se de uma cena recente entre Dolly e os filhos. Estes, entregues um dia a si próprios, tinham-se entretido a fazer doces numa chávena aquecida a uma vela e a atirarem leite à cara uns dos outros. A mãe apanhou-os nisto, ralhou-lhes diante do tio e procurou fazer-lhes compreender que se as chávenas viessem a faltar não poderiam depois tomar chá e que, se estragavam o leite, já não teriam mais e haviam de sofrer a fome.

Levine chocou-se com o ceticismo com que as crianças escutavam a mãe. Os seus raciocínios deixaram-nos frios, lamentando unicamente a brincadeira interrompida. É porque eles ignoravam o valor dos bens de que gozavam e não compreendiam que de algum modo estavam destruindo a sua subsistência.

«Tudo isso é muito bonito e bom», diziam provavelmente eles, «mas o que nos dão é assim tão precioso? É sempre o mesmo, hoje como ontem, enquanto é divertido fazer doces à vela e atirar leite para a cara; é uma brincadeira nova e de nossa invenção.»

Não foi assim que nós fizemos, que eu também por meu turno fiz, querendo penetrar pelo raciocínio os segredos da natureza e o problema da vida humana? Não é o que fazem os filósofos com as suas teorias? Não se vê claramente no desenvolvimento de cada uma delas o verdadeiro sentido da vida humana, tal como o entende Fedor, o camponês? Todos eles lá vão ter, mas por uma via intelectual muitas vezes equívoca. Que se deixe as crianças procurarem por si próprias o seu sustento e, em lugar de fazerem brincadeiras, morreriam de fome... Que nos deixem, a nós, entregues às nossas paixões, sem o conhecimento do nosso Criador, sem o sentimento do bem e do mal moral!... Que resultados se obterão?... Se nós sacudimos as nossas crenças é porque, como as crianças, estamos fartos. Eu, cristão, educado na fé, cumulado de benefícios do cristianismo, vivendo desses

benefícios sem ter consciência disso e, como essas crianças, procurei destruir a essência da minha própria vida... Mas na hora do sofrimento foi para Ele que gritei e sinto que as minhas revoltas pueris me foram perdoadas... Sim, a razão nada me ensinou; o que eu sei foi-me dado, revelado pelo coração e sobretudo pela fé nos ensinamentos da igreja... A igreja?, repetiu Levine voltando-se e olhando ao longe o rebanho que vinha descendo para a ribeira. *Na verdade, posso acreditar em tudo o que ensina a igreja?,* disse para se experimentar e achar um ponto que lhe viesse perturbar a inquietação.

E lembrou-se dos dogmas que lhe tinham parecido estranhos. *A criação?... Mas como se chegará a explicar a vida?... O diabo, o pecado?... Como se explicará o mal... A redenção?*

Nenhum desses dogmas lhe pareceu atingir os fins únicos do homem, a fé em Deus e no bem; todos concorriam, pelo contrário, para o milagre supremo, aquele que consiste em permitir aos milhões de seres humanos que povoam a terra, novos e velhos, camponeses e imperadores, sábios e ignorantes, que compreendam as mesmas verdades para comporem com elas essa vida da alma unicamente digna de ser vivida...

Deitado de costas, tinha-se posto a olhar o céu por cima da cabeça.

Bem sei, pensou, *que é a imensidade do espaço e não uma abóbada azul que se estende por cima de mim, mas o meu olhar só percebe essa abóbada arredondada e vê mais claro que se procurasse para além dela.*

Levine cessou de refletir; escutava as vozes misteriosas que pareciam agitar-se nele.

É na verdade a fé?, disse ele não se atrevendo a acreditar na sua felicidade. *Meu Deus, agradeço-te.*

E lágrimas de reconhecimento lhe correram dos olhos.

Capítulo 14

Um carrito apareceu ao longe e aproximou-se do rebanho. Levine reconheceu o seu cocheiro, que estava falando com o pastor. Depois ouviu o ruído das rodas e o relincho do seu cavalo, mas mergulhado como estava nas suas meditações não pensou em perguntar-lhe o que ele queria.

— A senhora mandou-me busca-lo — gritou o cocheiro de longe. — Estão lá Sergei Ivanitch e um senhor que não conheço.

Levine subiu imediatamente para o carro e tomou as rédeas.

Durante muito tempo, como depois de um sonho, não pôde voltar a si. Sentado junto do cocheiro, olhava para o cavalo pensando no irmão e na mulher, que a sua longa ausência talvez tivesse inquietado, nesse hóspede desconhecido que lhe traziam e perguntava a si mesmo se as suas relações com os seus não iam sofrer modificação.

Não mais serei frio com meu irmão, nunca mais me zangarei com Kitty nem serei impaciente com os criados. Vou ser cordial com o meu novo hóspede.

E sopeando o cavalo, que só queria correr, ia procurando uma frase amiga para dirigir ao cocheiro, que se conservava imóvel a seu lado, não sabendo o que fazer das mãos ociosas.

— Vamos pela esquerda, porque há um tronco no caminho — disse Ivan nesse momento, pegando nas rédeas que o patrão segurava.

— Fazes o favor de me deixares sossegado e de me não dares lições? — disse Levine agastado, como o ficava sempre quando se intrometiam nos seus negócios. E imediatamente compreendeu que o seu novo estado moral nenhuma influência exercia sobre o seu caráter.

Um pouco antes de chegar a casa distinguiu Grisha e Tânia, que corriam direitos a ele.

— Tio Kostia! A mamã, o avô, Sergei Ivanitch e mais um senhor veem aí ao seu encontro.

— Quem é esse senhor?

— É um sujeito terrível, que faz grandes gestos com os braços, assim — disse Tânia imitando Katavasov.

— É velho ou novo? — perguntou Levine rindo-se. *Oxalá que não seja um maçador!*, pensou consigo.

Ao voltar o caminho reconheceu Katavasov caminhando à frente dos outros e agitando os braços, como o notara Tânia.

Katavasov gostava de falar de filosofia no seu ponto de vista naturalista e Levine discutira com ele muitas vezes em Moscovo, deixando ao seu adversário em várias ocasiões a ilusão de o ter convencido. Uma dessas discussões veio-lhe à memória e prometeu a si mesmo não mais exprimir ligeiramente os seus pensamentos. Quando se reunia aos seus hóspedes perguntou pela mulher, que não vinha no grupo.

— Instalou-se no bosque com Mitia, achando que estava muito quente em casa — respondeu Dolly.

Esta notícia contrariou Levine, que achava perigoso trazer a criança para tão longe.

— Essa mulherzinha não sabe o que inventar — disse o velho príncipe. — Anda com o filho de um lado para o outro; aconselhei-a já a tentar a cave gelada.

— Ela vem ter connosco aos cortiços. Julgava que tu estavas lá — exclamou Dolly. — É o fim do nosso passeio.

— O que fazes tu? — perguntou Sergei Ivanitch ao irmão, retendo-o.

— Nada de particular. E tu? Ficas connosco algum tempo? Temos estado à tua espera tanto tempo.

— Uns quinze dias; tenho muito que fazer em Moscovo.

Os olhos dos dois irmãos cruzaram-se e Levine baixou os seus sem achar resposta. Querendo evitar a guerra da Sérvia e a questão eslava a fim de não recair em discussões que lhe fossem perturbar as relações simples e cordiais que desejava manter com Sergei Ivanitch, perguntou-lhe por novas do seu livro.

Kosnichev sorriu.

— Ninguém pensa nele e eu muito menos que qualquer outro. Vai ver que ainda vamos ter chuva, Daria Alexandrovna — disse ele apontando as nuvens que se iam amontoando por cima das árvores.

Levine aproximou-se de Katavasov.

— Que boa ideia que teve em ter vindo — disse-lhe.

— Há muito tempo que tinha esse desejo; agora teremos bastante vagar para conversarmos. Leu Spencer?

— Não até ao fim, é-me inútil.

— Como? O senhor espanta-me!

— Quero dizer que ele me ajudará tanto como os outros a resolver certas questões. De resto depois falaremos disso — ajuntou Levine chocado pela alegria que o rosto de Katavasov exprimia.

Depois, receando deixar-se arrastar para a discussão, conduziu os seus hóspedes por um estreito atalho até uma pradaria não ceifada e instalou-os à sombra de faias novas em bancos arranjados para esse efeito. Ele próprio foi buscar pão, mel e pepinos a casa, junto da qual estavam instalados os cortiços. Da parede onde estava pendurada, tirou uma máscara de arame, cobriu com ela a cabeça e, com as mãos escondidas nas algibeiras, penetrou no recinto reservado às abelhas, onde os cortiços alinhados por ordem tinham para ele uma história.

Aí, no meio dos insetos voejando, sentiu-se feliz achando-se só por um momento para refletir e recolher-se. Sentia a vida real a retomar os seus direitos e a rebaixar os seus pensamentos. Não encontrara ele já a maneira de ralhar com o cocheiro, de se mostrar frio com o irmão e de dizer coisas inúteis a Katavasov?

Será possível que a minha felicidade não seja senão uma fugitiva impressão que se dissipará sem deixar vestígios?

Mas analisando-se tornou a achar as suas impressões intactas. Evidentemente um fenómeno se operara na sua alma: a vida real, que ele acabava de aflorar, não fizera mais que espalhar uma nuvem sobre essa calma interior. Do mesmo modo que as abelhas, voejando à volta dele e obrigando-o a defender-se, não atingiam as suas forças físicas, assim a sua nova liberdade resistia aos ligeiros ataques que lhe tinham feito os incidentes das últimas horas.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 15

— Kostia, sabes com quem Sergei Ivanitch fez a viagem? — perguntou Dolly depois de ter dado a cada um dos filhos a sua parte de pepino e mel. — Com Vronsky; vai para a Sérvia.

— E não vai sozinho; leva à sua custa um esquadrão inteiro — ajuntou Katavasov.

— Isso é o que lhe convém! — respondeu Levine. — Mas então ainda mandam voluntários? — ajuntou dirigindo-se ao irmão.

Sergei Ivanitch, ocupado a tirar uma abelha mergulhada no mel no fundo da chávena, não respondeu.

— O quê, se ainda mandamos! — exclamou Katavasov mordendo o pepino. — Se nos tivesse visto ontem!

— Expliquem-me, por favor, para onde vão todos esses heróis e contra quem é que eles guerreiam! — perguntou o velho príncipe dirigindo-se a Kosnichev.

— Contra os turcos — respondeu este sorrindo tranquilamente e pondo a salvo a abelha.

— Mas quem declarou a guerra aos turcos? Seria a condessa Lídia e a Sra. Stahl?

— Ninguém declarou a guerra, mas tocados pelos sofrimentos dos nossos irmãos, nós vamos em seu auxílio.

— Não é isso o que admira o príncipe — disse Levine tomando o partido do sogro — ele acha estranho que, sem serem autorizados a isso pelo governo, os particulares ousem tomar parte numa guerra.

— Porque é que os particulares não haviam de ter esse direito? Explique-nos a sua teoria — pediu Katavasov.

— A minha teoria é esta: fazer a guerra é tão terrível que nenhum homem, sem falar aqui de cristão, tem o direito de assumir a responsabilidade de a declarar. Esse papel incumbe aos governos. Os cidadãos devem mesmo

renunciar a toda a vontade pessoal quando uma declaração de guerra se torna inevitável. O bom senso basta acima de toda a ciência política para indicar que isso é exclusivamente uma questão do Estado.

Sergei Ivanitch e Katavasov tinham já as respostas preparadas.

— É o seu engano — disse primeiro este último. — Quando um governo não compreende a vontade dos cidadãos, a sociedade impõe a sua.

— Tu não explicas suficientemente o caso — interrompeu Sergei Ivanitch franzindo as sobrancelhas. — Aqui não se trata de uma declaração de guerra, mas de uma demonstração de simpatia humana, cristã. São assassinados nossos irmãos e não só homens, mas mulheres, crianças e velhos. O povo russo, revoltado, voa em seu auxílio para fazer parar estes horrores. Supõe tu que encontras na rua um bêbado a bater numa criatura sem defesa. Perguntarás tu se a guerra está declarada para lhe ires prestar o teu auxílio?

— Não, mas também por meu turno não irei assassinar.

— Irias até isso!

— Não sei, talvez matasse na exaltação do momento; mas no presente caso não vejo exaltação.

— Talvez tu não vejas, mas nem toda a gente pensa do mesmo modo — replicou Sergei Ivanitch descontente. — O povo conserva a tradição dos irmãos ortodoxos, que gemem sobre o jugo dos infiéis, e acordou agora.

— É possível — respondeu Levine num tom conciliador. — Somente nada vejo de semelhante à volta de mim. Eu nada experimento, embora faça parte do povo.

— E eu direi outro tanto — disse o velho príncipe. — São os jornais, que li no estrangeiro, que me revelaram o amor súbito da Rússia inteira pelos irmãos eslavos; nunca eu tinha duvidado disso, porque nunca eles me inspiraram a menor ternura. A dizer a verdade, ao princípio inquietei-me com a minha indiferença e atribuí-a às águas de Carlsbad, mas depois do meu regresso vejo que não sou o único.

— As opiniões pessoais têm pouca importância, quando a Rússia inteira se pronuncia.

— Mas o povo não sabe nada.

— Sabe sim, papá — interrompeu Dolly ocupada até àquele momento com os filhos, pelos quais o velho guarda das abelhas tomava um vivo interesse. — Lembra-se no domingo, na igreja?

— E então? Que se passou na igreja? Os padres têm ordem de ler ao povo um papel de que ninguém percebe uma palavra. Se os camponeses suspiram durante a leitura é porque se julgam no sermão, e se dão alguns kopeks é porque imaginam que lhes estão falando em salvar as almas. Mas como? É o que eles ignoram.

— O povo não pode ignorar o seu destino; tem a intuição dele e em momentos, como este testemunha-o bem — disse Sergei Ivanitch fixando com firmeza os olhos sobre o velho guarda de pé no meio deles com uma caneca de mel na mão e olhando para os patrões com um ar meigo e tranquilo, sem nada compreender da conversa. No entanto, vendo-se observado, julgou-se obrigado a acenar a cabeça e a dizer: «É assim, é.»

— Interroguem-no — disse Levine — e verão o que ele pensa. Ouviste falar da guerra, Miguel? — perguntou ele ao velho. — Sabes o que te leram no domingo na igreja? É preciso batermo-nos pelos cristãos? O que pensas tu a este respeito?

— O que havemos de pensar? O nosso imperador Alexandre Nicolaevitch pensará por nós. Ele bem sabe o que há de fazer. É preciso mais pão? — perguntou o velho voltando-se para Dolly para lhe mostrar Grisha, que estava devorando uma côdea.

— Para que é preciso interrogá-lo — disse Sergei Ivanitch — quando nós vemos centenas de homens deixarem o que possuem, sacrificarem os seus últimos *sous* e, oferecendo-se, correrem de todos os cantos da Rússia pelo mesmo motivo? É capaz de dizer que isto não significa nada?

— Quanto a mim, isso significa que em oitenta milhões de homens se encontrarão sempre umas centenas, mesmo uns milhares, que não sendo bons em nada para uma vida regular, se lançarão na primeira aventura que apareça, quer se trate de seguir Pougatchev ou de ir para a Sérvia — disse Levine exaltando-se.

— Não são aventureiros que se consagram a esta obra, mas dignos representantes da nação — exclamou Sergei Ivanitch, sentido, como se se tratasse de uma questão pessoal. — E os donativos? Não é também uma maneira de o povo mostrar a sua vontade?

— É tão vaga essa palavra *povo!* Talvez que um por mil dos camponeses compreenda, mas o resto dos oitenta milhões faz como Miguel, e não só não mostram a sua vontade, mas nem têm a mais pequena noção do que eles podiam ter para mostrar. A que chamaremos o voto do povo?

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 16

Sergei Ivanitch, hábil em dialética, abordou um outro lado da questão.

— É evidente que, não possuindo o sufrágio universal, nós não poderíamos obter a opinião do país pela via aritmética; mas há outros meios de a conhecer. Nada digo dessas correntes subterrâneas que movimentaram a massa popular, mas considero a sociedade num sentido mais restrito. Vês tu na classe inteligente quanto nos terrenos dos partidos os mais hostis se fundem num só. Já não há divergências de opinião, todos os órgãos sociais se exprimem da mesma forma, todos compreenderam a força elementar que dá à nação o seu impulso!

— Que os jornais dizem todos a mesma coisa, é verdade — disse o velho príncipe — mas as rãs também sabem gritar antes da tempestade.

— Não sei o que a imprensa tenha de comum com as rãs e não me faço seu defensor; eu falo da unanimidade da opinião no mundo inteligente.

— Essa unanimidade tem a sua razão de ser — interrompeu o velho príncipe. — Eis o meu caro genro, Stepane Arcadievitch, que foi nomeado vogal de uma comissão qualquer com oito mil rublos de ordenado e nada a fazer (isto não é segredo para ninguém, Dolly) e acreditem-me, venha um homem de boa fé que não conseguirá provar que a nação poderia passar sem esse lugar! Os jornais fazem outro tanto; a guerra, fazendo com que os jornais se vendam o dobro, faz com que eles sustentem a questão eslava e o instinto nacional.

— O senhor é injusto.

— Afonso Karr estava na verdade quando, antes da guerra da França, propunha aos partidários da guerra o fazerem parte da guarda avançada e de romperem o primeiro fogo.

— Os nossos redatores teriam nisso grande prazer — disse Katavasov, rindo-se.

— Mas a sua fuga arrastaria os outros — disse Dolly.

— Nada impedia de os levarem para o fogo às chicotadas — replicou o príncipe.

— Isso não passa de um gracejo de gosto duvidoso, mas a unanimidade da imprensa é um sintoma feliz que é preciso constatar. Todos os membros de uma sociedade têm um dever a cumprir e os homens refletidos cumprem-no, dando expressão à opinião pública. Há vinte anos, toda a gente se teria calado; hoje a voz do povo russo, pedindo que vingassem os seus irmãos, faz-se ouvir. É um grande passo dado, uma prova de força.

— O povo está certamente pronto para bastantes sacrifícios quando se trata da sua alma, mas aqui trata-se de matar turcos! — disse Levine ligando involuntariamente esta conversa à da manhã.

— O que é que chama a sua alma? Para um naturalista é um termo vago. O que é a alma? — perguntou Katavasov sorrindo.

— O senhor bem o sabe.

— Palavra de honra, não duvido disso — replicou o professor rindo-se às gargalhadas.

— «Não trago a paz, mas o gládio», palavras de Nosso Senhor — disse Sergei Ivanitch, citando estas palavras do Evangelho, que sempre tinham perturbado Levine.

— É assim, é — repetiu o velho guarda em pé no meio deles e respondendo a um olhar lançado por acaso sobre ele.

— Vamos, foi batido, meu paizinho — exclamou alegremente Katavasov.

Levine corou, não por se sentir batido, mas por ter cedido ainda ao desejo de discutir. Convencer Sergei Ivanitch era impossível, deixar-se convencer por ele era-o também. Como admitir o direito que arrogava um punhado de homens, entre os quais seu irmão, de representar pelos jornais a vontade do país quando essa vontade exprimia vingança e assassínio e quando toda a sua certeza se apoiava sobre narrativas suspeitas de algumas centenas de maus cidadãos à cata de aventuras? Para ele nada lhe confirmava estas asserções; nunca o povo consideraria a guerra como um benefício, fosse qual fosse o fim a que se propusesse. Se a opinião pública passava por infalível, por que razão é que a Revolução e a Comuna não se tornavam tão legítimos como a guerra em proveito dos eslavos?

Levine teria querido exprimir estes pensamentos, mas pensou que a discussão iria irritar a irmão e que a nada chegariam. Por isso chamou a

atenção dos hóspedes para a chuva que ameaçava cair.

PERIGOSAS

Capítulo 17

O príncipe Sergei Ivanitch subira para o carro enquanto o resto do grupo apressava o passo; mas as nuvens baixas e negras, impelidas pelo vento, amontoavam-se tão depressa e pareciam correr com uma tão grande rapidez que a duzentos passos da casa a chuva tornou-se iminente.

As crianças corriam à frente, rindo e lançando gritos de terror. Dolly, atarantada com o vestido, queria segui-las; os homens, segurando a custo os chapéus, davam grandes passadas!... Finalmente, alcançaram a casa quando grossas gotas começaram a cair.

— Onde está Catarina Alexandrovna? — perguntou Levine à criada velha, que ia a sair o vestíbulo carregada de abafos e de chapéus de chuva.

— Julgávamos que estivesse consigo.

— E Mitia?

— Provavelmente está no bosque com a aia.

Levine agarrou nos abafos e pôs-se a correr.

Nesse curto espaço de tempo, o céu escurecera como durante um eclipse e o vento, soprando com violência, fazia voar as folhas, remexendo os ramos dos salgueiros e curvando as árvores, as plantas e as flores, barrando obstinadamente a passagem a Levine. Os campos e as florestas desapareciam por detrás de um lençol de chuva e todos aqueles que a tempestade surpreendia por fora corriam a abrigar-se.

Lutando vigorosamente contra a tempestade para resguardar os abafos, Levine, inclinado para diante, avançava dificultosamente. Julgava já ver umas formas brancas por detrás de um carvalho bem conhecido quando repentinamente uma luz brilhante iluminou o solo diante dele enquanto por sobre a sua cabeça a abóbada celeste parecia abrir-se.

Quando pôde abrir os olhos ofuscados, procurou o carvalho através do espesso nevoeiro formado pela chuva e notou com grande terror que a copa tinha desaparecido.

— Foi o raio que a cortou! — teve ele tempo de dizer; e imediatamente ouviu o barulho da árvore ruindo. — Meu Deus! Meu Deus! Oxalá que eles não tenham sido atingidos! — murmurou gelado de terror e, embora sentisse imediatamente o absurdo deste pedido, inútil, pois que o mal estava feito, repetiu-o, contudo, não achando nada melhor.

Dirigiu-se para o sítio onde Kitty ia usualmente. Ela não estava lá, mas ele ouviu-a chamá-lo do lado oposto. Refugiara-se debaixo de uma velha tília e, aí inclinada com a ama por sobre a criança deitada no carrito, protegiam-na da chuva.

Levine, cego pelos relâmpagos e pela chuva, acabou por fim por ver o pequeno grupo e correu tão depressa quanto lho permitiam as botas cheias de água.

— Vivos! Deus seja louvado! Mas como puderam cometer uma semelhante imprudência! — gritou ele furioso para a mulher, que voltava para ele o rosto molhado.

— Asseguro-te que a culpa não foi minha. Íamos partir quando...

— Estão sãos e salvos, obrigado, meu Deus! Eu já nem sei o que digo!

Depois, agarrando na pequena bagagem da criança, Levine entregou o filho à ama e, tomando o braço da mulher, arrastou-a com ele, apertando-lhe suavemente a mão, envergonhado por a ter repreendido.

Capítulo 18

Apesar da deceção que experimentou constatando que a sua regeneração moral não trazia nenhuma modificação favorável ao seu caráter, Levine não deixou de experimentar durante o resto do dia uma plenitude de coração que o encheu de alegria. Pouca parte tomou na conversa, mas o tempo passou-se alegremente e Katavasov conquistou as senhoras pelo feitio original do seu espírito. Posto em verve por Sergei Ivanitch, divertiu-as contando os seus estudos sobre os costumes e a fisionomia das moscas machos e fêmeas, assim como o seu modo de vida nas casas. Kosnichev por sua vez voltou à questão eslava, que desenvolveu por uma forma interessante. O dia acabou-se, pois, agradavelmente, sem discussões irritantes, e como a temperatura tivesse refrescado depois do temporal não saíram de casa.

Kitty, obrigada a ir ter com o filho para lhe dar banho, retirou-se pesarosa e, alguns minutos depois, vieram prevenir Levine de que ela o estava chamando. Inquieto, levantou-se imediatamente, apesar do interesse que estava tomando pela teoria do irmão sobre a influência que a emancipação de quarenta milhões de eslavos teria para o futuro da Rússia.

O que é que ela lhe queria? Só o chamava para junto do filho em caso de urgência!

Mas a sua inquietação, assim como a curiosidade acordada nele pelas ideias do irmão, desapareceram logo que se encontrou só um momento, e a sua felicidade íntima voltou-lhe, viva e profunda, como de manhã sem que tivesse necessidade de a reanimar pela reflexão. O sentimento tornara-se mais potente que o pensamento.

Atravessando o terraço distinguiu duas estrelas brilhantes no firmamento.

Sim, disse ele olhando o céu, *lembro-me de ter pensado que havia alguma verdade na ilusão desta abóbada que contemplava, mas qual era o pensamento que ficara incompleto no meu espírito?...*

E ao entrar no quarto da criança, lembrou-se.

Porquê, se a principal prova da existência de Deus é a revelação interior, que dá a cada um de nós o bem e o mal, porque é que essa revelação será limitada na igreja cristã? E esses milhões de budistas, de muçulmanos, que procuram igualmente o bem?...

A resposta a esta pergunta devia existir, mas ele não a pôde formular antes de entrar no quarto.

Kitty, com as mangas arregaçadas, inclinada sobre a banheira onde com uma mão segurava a cabeça do filho, enquanto com a outra lhe deitava a água, voltou-se para o marido quando o ouviu aproximar-se.

— Anda depressa! Ágata Mikhailovna tinha razão; já nos conhece.

O acontecimento era importante; para terem bem a certeza submeteram Mitia a diversas provas, mandando subir uma cozinheira que ele nunca tinha visto.

A experiência foi concludente. A criança recusou olhar para a estranha, sorrindo para a mãe e para a ama. O próprio Levine estava entusiasmado.

— Estou bem contente por ver que tu começas a gostar dele — disse Kitty quando instalou o filho sobre os joelhos depois do banho. — Começava a entristecer-me quando tu dizias que não sentias nada por ele.

— Não era isso o que eu queria dizer, mas que me tinha causado uma deceção.

— Como é isso?

— Eu esperava que ele acordasse em mim um sentimento novo e pelo contrário só foi compaixão, desgosto e sobretudo terror que ele me inspirou. Eu só compreendi que o amava hoje, depois do temporal.

Kitty sorriu de alegria.

— Tiveste medo? Também eu; mas agora ainda tenho mais, quando me lembro do perigo que nós corremos. Amanhã irei ver o carvalho... Agora vai ter com as visitas. Estou bem contente de te ver em boas relações com teu irmão.

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Capítulo 19

Levine, ao deixar a mulher, retomou o curso dos seus pensamentos e, em lugar de voltar para o salão, encostou-se à balaustrada do terraço.

Caía a noite e o céu, puro para o sul, continuava enevoado do lado oposto. De tempos a tempos um relâmpago brilhante seguido de um trovão surdo fazia desaparecer aos olhos de Levine as estrelas e a via láctea, que ele estava olhando, ouvindo as gotas de chuva caírem cadenciadamente da folhagem das árvores. As estrelas reapareciam depois a pouco e pouco, retomando o seu lugar como se uma mão cuidadosa as tivesse pregado no firmamento.

Que receio é este que me perturba?, perguntou ele, sentindo a resposta na sua alma, mas sem a poder definir. *Sim, as leis do bem e do mal reveladas ao mundo são a prova evidente, irrecusável, da existência de Deus. Essas leis reconheço-as no fundo do meu coração, unindo-me assim bem ou mal àqueles que as reconhecem, como eu, e esta reunião de seres humanos compartilhando as mesmas crenças chama-se a igreja. E os hebreus, os muçulmanos, os budistas?*, disse ele voltando a esse dilema que lhe parecia perigoso. *Esses milhões de homens estariam privados do maior dos benefícios, daquilo que unicamente dá um sentido à vida?*

E refletiu:

Mas a pergunta que eu faço é das relações das diversas crenças da humanidade inteira com a divindade? É a revelação de Deus ao universo com os seus planetas e as suas nublosas que eu pretendo sondar? E é no momento em que um saber certo, ainda que inacessível à razão, me é revelado que me obstino ainda a fazer intervir a lógica? Eu sei que as estrelas não caminham, disse ele notando a mudança sobrevinda na posição do astro brilhante que ele via elevar-se por cima das árvores*, mas não podendo imaginar a rotação da terra vendo as estrelas mudar de lugar tenho razão em dizer que elas caminham. Os astrónomos nada teriam*

compreendido, nada teriam calculado se não tivessem tomado em consideração os movimentos complicados e vários da terra? As suas espantosas conclusões sobre as distâncias, os pesos, os movimentos e as revoluções dos corpos celestes não estão todas baseadas sobre os movimentos aparentes dos astros à volta da terra imóvel, esses mesmos movimentos de que eu sou testemunha, como milhões de homens o foram durante séculos e que podem sempre ser verificados? E mesmo que as conclusões dos astrónomos tivessem sido falsas e inexatas, se as não tivessem baseado sobre as suas observações do céu aparente relativamente a um único meridiano e a um único horizonte, da mesma forma as minhas conclusões sobre o conhecimento do bem e do mal ficariam privadas de sentido, se eu as não referisse à revelação que o cristianismo me deu e que eu sempre poderia verificar na minha alma. As relações das outras crenças com Deus ficarão para mim insondáveis e eu não tenho o direito de as perscrutar.

— Não entraste? — disse de repente a voz de Kitty. — Não tens nada que te preocupe? — perguntou ela examinando atentamente o rosto do marido à claridade das estrelas. Um relâmpago sulcando o horizonte mostrou-lho calmo e feliz.

Ela compreende-me, pensou ele vendo-a sorrir. *Sabe em que penso; devo dizer-lho?*

Mas no momento em que ia falar, Kitty interrompeu-o.

— Peço-te, Kostia, vai dar uma vista de olhos ao quarto de Sergei para ver se tudo está em ordem. Aborrece-me lá ir.

— Está bem, eu lá vou — respondeu Levine levantando-se para a beijar.

Não, é melhor calar-me, pensou ele enquanto a mulher voltava para o salão. *Este segredo só tem importância para mim e as minhas palavras não o poderiam explicar. Este sentimento não me mudou, nem admirou, nem tornou feliz como eu o pensava; é o mesmo que o amor paterno, em que não há surpresa, nem arrebatamentos. Mas este sentimento que entrou na minha alma pelo sofrimento e depois se implantou lá com firmeza, seja qual for o nome que eu procure dar-lhe, é a fé. Provavelmente continuarei a impacientar-me com o meu cocheiro, a discutir inutilmente, a exprimir pouco a propósito as minhas ideias; sentirei sempre uma barreira entre o santuário da minha alma e a alma dos outros, até a de minha mulher; torná-la-ei sempre responsável pelos meus terrores, para me arrepender imediatamente.*

Continuarei a orar sem poder explicar porque oro, mas a minha vida interior conquistou a sua liberdade, não mais estará à mercê dos acontecimentos e cada minuto da minha existência terá um sentido incontestável e profundo, que estará na minha mão imprimir a cada uma das minhas ações: o do bem.

PERIGOSAS